

Leopoldo Gil Dulcio Vaz
Dilercy Aragão Adler
(ORGANIZADORES)



Sobre
Gonçalves Dias



*Sobre
Gonçalves Dias*





Universidade Federal do Maranhão

Reitor Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva
Vice Reitor Prof. Dr. Leonardo Silva Soares



SIBi
SISTEMA INTEGRADO
DE BIBLIOTECAS

Sistema Integrado de Bibliotecas

Diretor Prof. Dr. César Augusto Castro



EDUFMA Editora da UFMA

Coordenadora Irenilma Cadête Lima

Conselho Editorial Profa. Dra. Andréa Katiane Ferreira Costa
Profa. Dra. Débora Batista Pinheiro Sousa
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva
Profa. Dra. Jussara Danielle Martins Aires
Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa
Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Luiz Eduardo Neves dos Santos
Profa. Dra. Luma Castro de Souza
Prof. Dr. Márcio José Celeri
Profa. Dra. Maria Áurea Lira Feitosa
Profa. Dra. Raimunda Ramos Marinho
Profa. Dra. Rosângela Fernandes Lucena Batista
Bibliotecária Márcia Cristina da Cruz Pereira



Associação Brasileira das Editoras Universitárias



Esta obra está licenciada sob uma Licença
Creative Commons Atribuição–Não Comercial–Compartilha Igual
4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Leopoldo Gil Dulcio Vaz
Dilercy Aragão Adler
(ORGANIZADORES)



*Sobre
Gonçalves Dias*



São Luís



2026

© 2026 EDUFMA - Todos os direitos reservados

A presente obra está sendo publicada sob a forma de coletânea de textos fornecidos voluntariamente por seus autores, com as devidas revisões de forma e conteúdo. Estas colaborações são de exclusiva responsabilidade dos autores sem compensação financeira, mas mantendo seus direitos autorais, segundo a legislação em vigor.

**Projeto Gráfico e
Editoração eletrônica**

Roberto Sousa Carvalho

Arte da Capa

Ever Arrascue

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Sobre Gonçalves Dias [recurso eletrônico] / Leopoldo Gil Dulcio Vaz, Dilercy Aragão Adler (organizadores). — São Luís: EDUFMA, 2026.

421 p. : il.

Modo de acesso: <www.edufma.ufma.br>

ISBN 978-65-5363-576-0

1. Biografia – Dias, Gonçalves. 2. Crítica literária – Dias, Gonçalves. I. Vaz, Leopoldo Gil Dulcio. II. Adler, Dilercy Aragão

CDD 928.699

CDU 929Dias, Gonçalves

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA MARCIA CRISTINA DA CRUZ PEREIRA
CRB 13 / 418

EDITADO NO BRASIL [2026]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

Projeto Gonçalves Dias

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MARANHÃO
FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO MARANHÃO
SOCIEDADE DE CULTURA LATINA DO ESTADO DO MARANHÃO



“e o nosso nome voará de boca em boca – de
pais a filhos – até às mais remotas gerações e
o esquecimento não prevalecerá contra ele”

Gonçalves Dias



Agradecimentos

Ninguém sobrevive sozinho, ninguém faz nada sozinho. Assim, temos muito a agradecer a inúmeras pessoas pela realização desta grande homenagem a Gonçalves Dias: aos autores de cada poesia e de cada texto, bem como a cada Instituição que deu o seu aval a este Projeto.

À Profa. Maria Cícera Nogueira, por sua efetiva participação no momento da definição do nome do poeta nacional a ser homenageado neste Projeto.

Ao Prof. Dr. Natalino Salgado Filho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que abraçou o Projeto Gonçalves Dias, mostrando simpatia desde o início, o que possibilitou a continuidade da batalha para conseguirmos as demais condições, necessárias ao desenvolvimento desta empreitada, com o brilhantismo merecido pelo poeta Gonçalves Dias, que esperamos venha realçar a galhardia desta Atenas Brasileira.

Os Organizadores



À Guisa de Apresentação

Ao prefaciар “As poesias completas de Gonçalves Dias da Coleção grandes poetas do Brasil”, publicada pela Editora Científica, no Rio de Janeiro, em 1965, Josué Montello afirma: “O culto a um poeta implica numa atitude mais complexa do que um simples ato de fé; exige o nosso exame, o estudo atento da mensagem que nos deixou.”.

Precisamos, sim, cultivar a nossa memória coletiva... a nossa história... e os homens que mais marcaram as suas presenças, que mais dedicaram as suas inteligências, as suas forças, as suas ousadias e potencialidades para engrandecer a imagem do nosso Brasil.

Uma Pátria se faz com homens e feitos. Claro que todos os brasileiros fizeram e fazem essa história, de forma diferenciada e específica. Desde aqueles que construíram, com os seus braços e muito suor, os monumentos, os casarões, as avenidas, os viadutos e calçadas, milhões de anônimos que fizeram de São Luís Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, entre outras cidades brasileiras. Mas alguns se firmam com traços mais visíveis e terminam por representar os demais, até porque, sem o aval dos demais, ninguém se firmaria.

Diz ainda Josué Montello no mesmo prefácio: “E é isto que se pretende seja feito, com esta nova publicação das Poesias de Antônio Gonçalves Dias. Elas constituem, inegavelmente, o primeiro documento considerável da sensibilidade brasileira traduzida em versos duradouros.”.

Quarenta e oito anos depois (1965-2013), pedimos emprestadas essas palavras para Josué Montello, objetivando continuar o culto necessário ao nosso grande poeta Antônio Gonçalves Dias, que, neste momento, é traduzido através desta grande homenagem configurada em 1000 poesias de poetas renomados imortais, poetas renomados contemporâneos, poetas neófitos, poetas e pessoas de várias pátrias, de várias idades e diferentes escolaridades, para reavivarmos a memória, reacendermos a chama e ratificarmos a importância de empreitadas desse gênero.

Desse modo, é isto que pretendemos seja feito com esta nova publicação de poesias em homenagem a Antônio Gonçalves Dias: vivificar a Fé, a memória e novos

estudos das mensagens deixadas por esse grande nome das letras brasileiras, Antônio Gonçalves Dias.

São Luís, 1º de janeiro de 2013.

Dilercy Aragão Adler
Presidente da SCL do Brasil e do Estado do Maranhão
IHGM Cad. nº 01



Apresentação 1

Quando a Dilercy retornou do Chile (2011), onde participou do lançamento da antologia dedicada a Pablo Neruda, trouxe-nos, ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão – IHGM o desafio de ‘cometer’ algo parecido. Fui contra. Disse, na ocasião que caberia à Academia de Letras reunir poesias sobre o poeta gonçalvino; que a ideia fosse levada àquela instituição, ou à Academia de Letras de Caxias. Ao IHGM caberia um estudo sobre a vida e a obra, especialmente do historiador-pesquisador, e não uma reunião de poetas e suas poesias em homenagem a Gonçalves Dias. Voto vencido, pela defesa da ideia, feita pelo Confrade Álvaro Melo, a Assembleia decidiu levar adiante a proposta...

Foi necessário um projeto, encaminhado à AGO, que o aprovou; mas, seria incorporado às comemorações dos 400 anos de São Luís e estabelecido o “Ano de Gonçalves Dias”, agosto de 2012 - agosto de 2013, por ocasião das comemorações dos 190 anos do nascimento do ilustre caxiense. Além da Antologia, seria estimulada a produção de estudos sobre a vida e obra do ilustre poeta... O que foi feito!

Após alguns meses de intensa troca de correspondência, tanto institucionais quanto pessoais, viu-se que em 2012 as obras não estariam completas... tínhamos a alternativa de ‘levar’ para 2013.

Mais um ano de provocações, de buscas, de reuniões, de muito trabalho. Os três entes comprometidos com a realização da obra - **Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão**, sob a presidência da profa. Dra. Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo; a **Federação das Academias de Letras do Maranhão**, presidida, então, pelo confrade Álvaro Urubatan Melo; e a **Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão**, à frente a poetisa Dilercy Aragão Adler, não mediram esforços nem economizaram nas tintas e nas correspondências eletrônicas, buscando adesões, cumplicidades...

De primeira hora, nosso confrade Reitor da Universidade Federal do Maranhão, Natalino Salgado Filho; nosso confrade Arthur Almada Lima Filho, presidente do **Instituto Histórico e Geográfico de Caxias**; a ilustre professora Erlinda Maria Bittencourt, da **Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/Caxias**, o poeta Wybson Carvalho, presidente da **Academia Caxiense de Letras** e, por último, nosso compa-

nheiro de jornada, Weberson Fernandes Grizoste, do **Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos**, da **Universidade de Coimbra** - Portugal.

Neste ultimo ano, dedicamo-nos ao Projeto Gonçalves Dias. Como dito, buscando parcerias, apoios, adesões... Buscamos a Secretaria de Educação de Caxias, a Academia de Letras de Caxias, a Prefeitura Municipal de Guimarães e sua Câmara Municipal, onde encontramos guarida no entusiasmado Vereador Osvaldo Luiz Gomes; e o Instituto de Desenvolvimento de Promoção Humana - IDEPA...

Durante a divulgação do Projeto em escolas de São Luís, a Escola Paroquial Frei Alberto atendeu-nos prontamente, realizando um evento dedicado a Gonçalves Dias, do qual saíram poesias belíssimas; o mesmo se deu em relação ao C. E. Nossa Senhora da Assunção, de Guimarães; em nossas buscas pela Internet, encontramos o Projeto “**Mas Quem Foi Gonçalves Dias?**”, da EMEF “**Gonçalves Dias**”, da cidade de Canoas – RS; do Colégio Conhecer, de Porto Alegre/RS; dos alunos da profa. Silvana Morelli, da cidade de Bebedouro – SP..

A Antologia *Mil poemas para Gonçalves Dias* é a quarta organizada nesse sentido, em todo o mundo. A nossa, em homenagem ao ilustre maranhense, reuniu poetas do: Brasil, Chile, Peru, Uruguai, Portugal, Equador, México, Canadá, Panamá, Japão, e de Moçambique; dos Estados Unidos América; da Argentina, Bolívia, Venezuela, Espanha, França, Bélgica e Áustria.

Do Brasil, diversos estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Paraíba, Goiás, Ceará, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Distrito Federal, Paraná, Piauí, Sergipe, Alagoas, Santa Catarina, Mato Grosso, Rondônia, Pará, Espírito Santo, Rio Grande do Norte.

Do Maranhão, a cidade de São Luís foi representada por 89 poetas, seguida de Caxias, Esperantinópolis, Guimarães, São Bento, Sambaíba, Carolina, Balsas, Palmeirândia, Pinheiro, Pedreiras, São Vicente Férrer, Vitória do Mearim, Codó, Paraibano, Turiaçu, Lago da Pedra, Coroatá, Pio XII, Dom Pedro, Cururupu, Presidente Dutra, São Francisco do Maranhão, Itapecuru-Mirim, Viana, Barra do Corda, Vargem Grande, São João Batista, São Bernardo, Barão do Grajau.

Ainda há outros participantes sem identificação de país e/ou estado brasileiro. Não porque não tenhamos solicitado, mas por não terem enviado esses dados, mesmo com as nossas reiteradas correspondências.

Depois de quase dois anos de trabalho, de muitas discussões e ponderações, reconheço que Dilercy tinha razão... caberia, sim, ao IHGM, levar adiante este trabalho...

São Luís, maio de 2013

Leopoldo Gil Dulcio Vaz

Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão - Cad. nº 40
Universidade Estadual do Maranhão -UEMA/
Departamento de Educação Física e Esportes



Apresentação 2

A FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO MARANHÃO-FALMA, é a instituição que congrega as academias de letras e afins de municípios do Estado, no pleno exercício de suas atribuições programáticas, entre as tais, aquelas pujantes no resgate e na preservação das memórias dos maranhenses que pelos seus méritos se distinguiram nos mais diversos ramos que atuaram e se tornaram insignes brasileiros.

É, exatamente, nesse tirocínio que abraçamos os patrióticos anseios do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão - IHGM, do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias, no esplendente movimento literário denominado Antologia – “Mil Poemas para Gonçalves Dias”, inspiração da obcecada guerreira poetisa Dilercy Adler, líder incontestada que conquistou a resoluta adesão de bravos representantes das letras maranhenses, os quais, certamente, ela os nomeará em seus agradecimentos.

Desses, com seu beneplácito, antecipo os confrades Leopoldo Gil Dulcio Vaz, a presidente do IHGM, Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo e Natalino Salgado Filho.

Com o forte entusiasmo com que os chilenos foram vitoriosos com os “Mil Poemas de Pablo Neruda”, - 2011; os peruanos e os espanhóis fizeram com seus maiores literatos, os brasileiros faremos com o nosso indianista Gonçalves Dias, figura extraordinária que, como o reflexo de sua inteligência dignificou o Maranhão pelo Brasil, e elevou nosso país, consagrando-o em todas as missões exercidas no estrangeiro.

Este justo e reconhecido preito, que seus coestaduanos lhe tributam, não se restringe apenas pela sua consagrada reputação de expoente do Romantismo; seu valor não se resume por seus tantos poemas; pelo conhecido amor a Ana Amélia, expresso no tão declamado *Ainda uma vez adeus*. Celebrizou-se como emérito advogado, brilhante professor, pesquisador histórico e festejado dramaturgo.

O Brasil cumpre sua obrigação de louvar seu grande filho.

A Federação sente-se honrada por esta parceria.

São Luís, maio de 2013.

Álvaro Urubatan Melo
Ex-Presidente



Sumário

CRONOLOGIA	20
<i>http://pt.wikipedia.org</i>	
ALGUMAS NOTÍCIAS SOBRE GD	22
<i>Weberson Fernandes Grizoste</i>	
ALGUMAS NOTAS	26
<i>Leopoldo Gil Dulcio Vaz</i>	
BIOGRAFIA – Academia Brasileira de Letras	30
GONÇALVES DIAS NA BRASILIANA USP	34
<i>Paulo Franchetti</i>	
V SEMANA LITERÁRIA MARIA FIRMINA DOS REIS	38
<i>C E “Nossa Senhora da Assunção” - GUIMARÃES - MA</i>	
MAS QUEM FOI GONÇALVES DIAS?	42
<i>EMEF “Gonçalves Dias” – CANOAS - RS</i>	
DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA 20, DO IHGM, PATRONEADA POR GONÇALVES DIAS	48
<i>Elimar Figueredo</i>	
NASCE O IMPERADOR DA LIRA AMERICANA, GONÇALVES DIAS	58
<i>Wybson Carvalho</i>	
MIL POEMAS PARA GONÇALVES DIAS	60
<i>Clauber Pereira Lima</i>	
GONÇALVES DIAS - O SABIÁ DO MARANHÃO	66
<i>Marco Aurélio Baggio</i>	
ANTONIO GONÇALVES DIAS	82
<i>Leony Muniz</i>	
GONÇALVES DIAS O POETA DOS SÉCULOS	90
<i>Dhiogo José Caetano</i>	
AMOR ETERNO: ANA AMÉLIA E GONÇALVES DIAS	91
<i>Rozalvo Barros Júnior</i>	

O ROMANTISMO BRASILEIRO CONSOLIDADO EM GONÇALVES DIAS, O MENESTREL DA PROSA E VERSO	93
<i>Gilberto Madeira Peixoto</i>	
I-JUCA-PIRAMA NA VISÃO INDIANISTA GONÇALVINA.....	109
<i>Conceição Feitosa</i>	
GONÇALVES DIAS, O POETA IMORTAL.....	125
<i>Valdenir Cunha da Silva</i>	
MINHAS CRÔNICAS: PSICOSE MANÍACO-ROMÂNTICA, VIA GONÇALVES DIAS.....	126
<i>Antonio Maria Santiago Cabral</i>	
SABIÁS E CANÁRIOS NA TERRA BRASILIS.....	129
<i>Marcos Ruffo</i>	
SALTIMBANCOS DE SANTANA - Teatro.....	131
<i>Raimundo Carneiro Corrêa</i>	
AMOR DE UM POETA	154
<i>Janio Felix Filho</i>	
“AINDA UMA VEZ ADEUS” (GONÇALVES DIAS)	166
<i>Edomir Martins de Oliveira</i>	
O PANTHEON ENCANTADO - Culturas e Heranças Étnicas na Formação de Identidade Maranhense (1937-65)	168
<i>Antonio Evaldo Almeida Barros</i>	
NACIONALISMO GONÇALVINO.....	177
<i>Dinacy Corrêa</i>	
“MIL POEMAS PARA GONÇALVES DIAS”	196
<i>Jandy Magno Winter</i>	
INTRODUÇÃO À LITERATURA BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA OBRA GONÇALVIANA	207
<i>Karline da Costa Batista</i>	
A SIMBÓLICA DO MAL NO SOLILÓQUIO DE UM TUPINAMBÁ.....	213
<i>Weberson Fernandes Grizoste</i>	
A DIALÉTICA DA CONTRADIÇÃO EM I-JUCA PIRAMA	231
<i>Weberson Fernandes Grizoste</i>	
GONÇALVES DIAS E PAULO FREIRE: encontro marcado na Escola Paroquial Frei Alberto – EPFA, em São Luís-MA.....	248
<i>Dilercy Aragão Adler</i>	
A CARTA DE CAMINHA NA ROTA DOS CANTOS DE GONÇALVES DIAS.....	262
<i>Maria de Jesus Evangelista</i>	
GONÇALVES DIAS - O DRAMATURGO	273
<i>Marcos Oliveira</i>	

FUNDAÇÃO DA CIDADE DE GONÇALVES DIAS E SUAS VÁRIAS DATAS.....	275
<i>Relve Marcos Morais Sobreiro</i>	
“CANÇÃO DO EXÍLIO”, UM MONUMENTO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO.....	283
<i>Antonio Maria Santiago Cabral</i>	
COMPREENDENDO O POEMA CANÇÃO DO EXÍLIO	285
<i>Celso Ricardo de Almeida</i>	
“MENINOS, EU VI!”	296
<i>Lúcia Cardoso</i>	
ANÁLISE DA PEÇA TEATRAL LEONOR DE MENDONÇA - Autor da peça: Gonçalves Dias.....	300
<i>Onã Silva</i>	
AS PRIMEIRAS ESCOLAS EM GONÇALVES DIAS	309
<i>Relve Marcos Morais Sobreiro</i>	
ELEMENTOS DA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA SOBRE A OBRA DE GONÇALVES DIAS.....	312
<i>Ana Maria Costa Felix Garjan</i>	
GONÇALVES DIAS - CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANTISMO E SEUS POEMAS AMOROSOS	325
<i>Zara Maria Paim de Assis</i>	
GONÇALVES DIAS.....	335
<i>Arlindo Nóbrega</i>	
A VIDA E A OBRA DE GONÇALVES DIAS: UM LÍRICO NACIONALISTA QUE CONSOLIDOU NA IDENTIDADE NACIONAL DO BRASIL O ROMANTISMO E A LITERATURA	337
<i>Joabe Rocha de Almeida</i>	
<i>Erlinda Maria Bittencourt</i>	
O MOMENTO MAIS BONITO DA LITERATURA BRASILEIRA: Gonçalves Dias	351
<i>Rejane Machado</i>	
REENCARNAÇÃO	363
<i>Francisca Regina Rodrigues Neto</i>	
GONÇALVES DIAS, POETA DA NACIONALIDADE	365
<i>Fábio Palácio</i>	
<i>Cristiano Capovilla</i>	
ENTRE PROJETOS LITERÁRIOS E POLÍTICOS: a literatura de Gonçalves Dias e a identidade brasileira	404
<i>Marcia de Almeida Gonçalves</i>	
<i>Andréa Camila de Faria</i>	
“MINHA TERRA TEM PALMEIRAS”: Um olhar sobre Caxias através da poesia de Gonçalves Dias em meados do século XIX	412
<i>Aldeanne Silva de Sousa</i>	
<i>Francisca Solange Pires de Sousa</i>	



Prefácio

“Bendita a hora em que nasce um gênio”, aqui, ali, além, que importa se a for luz benéfica que esclareça e guie a humanidade? Estas palavras são de Antônio Henriques Leal e estão grafadas no primeiro parágrafo do terceiro tomo do *Pantheon Maranhense* (1874), dedicado inteiramente à biografia de Gonçalves Dias.

Meus senhores, chegamos aos 190 anos do nosso poeta caxiense. Quem não dirá que Antônio Gonçalves Dias foi uma luz benéfica que esclareceu e guiou toda uma nação? Dentre todos os ilustres filhos do Maranhão, Gonçalves Dias é, sem dúvida, aquele cuja luzência resplandeceu com maior pujança. Hoje, quando cantamos o Hino Nacional, muitas vezes declaramos despercebidos do seu significado: “nossos bosques têm mais vida, nossa vida [no teu seio] mais amores”, mas foi ele o primeiro a ter percebido essa generosidade da natureza, saudoso e triste diante das margens viçosas do Mondego. Foi em Coimbra que ele escreveu a sua “Canção do Exílio”, que se tornou o poema brasílico mais declamado, elogiado, imitado e conhecido até a atualidade. A Bandeira Nacional estampa a frase “Ordem e Progresso” atribuída a Comte. Não quero questionar a legitimidade da autoria de Augusto Comte. Contudo, antes de a Assembleia Constituinte de 1933 perceber a importância da ordem e progresso, Gonçalves Dias já o tinha feito. A frase de Comte completa é: “L’amour pour principe et l’ordre pour base; le progrès pour but” e foi publicada em 1848 no *Discours sur l’ensemble du positivisme*, em Paris, na Librairie Scientifique-industrielle de L. Mathias (p. 315). Dois anos antes, porém, em 1846, no penúltimo subcapítulo de *Meditação*, em São Luís, o poeta tinha já escrito: “Porque a ordem e progresso são inseparáveis; – o que realizar uma obterá a outra”. Sejamos honestos: *Meditação* só foi publicado em 1850 na Revista *Guanabara*, mas a parte correspondente, citada, apenas em 1868, no terceiro volume das *Obras Posthumas de A. Gonçalves Dias*, será que isso lhe tiraria o mérito da percepção que teve? Foi publicada sem nenhuma correção do poeta, tal como tinha já acontecido com a sua tradução da *Noiva de Messina*, entre outros. Reconhecer a autoria de Gonçalves Dias embaçaria o engenho, indistintamente, um tributo de Augusto Comte? Certamente não, foi com base nele que a frase foi aprovada.

Gonçalves Dias foi o maior poeta brasileiro do seu tempo, e muitos foram os que lhe prestaram homenagens. Nós honramos o nosso poeta com nomes de escolas, ruas, cadeiras de instituições acadêmicas e até navios etc. e, a exemplo do que fizeram os baianos com o seu bardo Castro Alves, presentamos, por exemplo, Graça Aranha, Humberto de Campos e Gonçalves Dias com nomes de cidades. Esse tipo de honra é o reconhecimento do contributo cultural destes homens, mas por si só não são suficientes se deixarmos de manter viva a experiência que deles extraímos.

O primeiro a reconhecer-lhe a capacidade foi Alexandre Herculano no tão comentado artigo publicado na *Revista Universal Lisbonense*. No entanto, pretendo antes chamar a atenção para o colega conimbricense, o médico que foi deputado da Assembleia Provincial do Maranhão, Antônio Henriques Leal, chamado (dignamente) na sua cidade natal de “Plutarco de Cantanhede”. Este colega, dono de uma extensa produção, cuidou de publicar seis volumes de todas as obras inéditas do poeta, e mais tarde lançou quatro volumes contendo biografias de maranhenses ilustres, dos quais um tomo possui mais de 700 páginas sobre a vida e obra de Gonçalves Dias. É assim importante reconhecer o contributo desta figura e até porque, o seu *Pantheon Maranhense* demonstra o reconhecimento que ele teve pelos homens de letras deste Estado. Além disso, como o Sr. Lima Barata reconheceu: a Henriques Leal devemos o monumento a Gonçalves Dias que hoje temos e podemos admirar na praça Gonçalves Dias em São Luís. No que respeita ao levantamento do espólio de Gonçalves Dias, uma outra figura merece ser mencionada, Manuel Nogueira da Silva: pouca coisa desse maranhense foi publicada, mas quem quer que entre nas dependências da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro espantar-se-á com o número exaustivo de esboços e recolha de estudos sobre o poeta por ele reunido, dentre os quais menciono: *O Pensamento brasileiro no Centenário do Nascimento do Poeta dos Timbiras*, álbum contendo vários artigos, conferências, palestras, tópicos etc. sobre a vida e a obra literária de Gonçalves Dias.

Vivemos num país cujo povo infelizmente não é dado à poesia; foi por este motivo que Gonçalves Dias desistiu de concluir *Os Timbiras*, como chegou a declarar em carta ao seu sogro. Se forem à Argentina e ao Uruguai, nossos vizinhos, verão que no Ensino Básico os seus filhos conhecem *Martín Fierro* e *Tabaré*. Mas procurem no Brasil uma edição de qualquer poeta clássico brasileiro e verão quão difícil e inacessível é. Frequentemente nos bancos acadêmicos dos cursos de Letras encontramos alunos que ainda não sabem interpretar poesia. Contudo, não ficamos por aqui: a nossa cultura teatral é ainda mais tímida comparada à poesia, pois alguns dos dramas de Gonçalves Dias foram, inclusive, traduzidos para o alemão e representados em Dresde. No Brasil, porém, foram bem pouco valorados, não se encontrando uma edição desagregada sequer dos seus teatros.

Muita coisa se tem dito de muito pouca coisa sobre a biografia do poeta. Ana Amélia Ferreira do Vale tem tido mais atenção nas biografias de Gonçalves Dias do que Olímpia Cariolana Dias. Mesmo enquanto era viva, a viúva de Gonçalves Dias foi repudiada e ignorada pelos críticos da época. O Senhor Benjamin Constant foi um dos poucos a defendê-la, inclusive com gravíssimas acusações ao próprio poeta; mais tarde, Lúcia Miguel Pereira fez o que Henriques Leal não podia fazer: analisou friamente o comportamento extraconjugal do poeta. Para a crítica literária, Ana Amélia, é mais interessante, mas, em termos biográficos, Olímpia foi mais presente, embora este último fato lhe seja negado. Foi esta senhora que autorizou Henriques Leal a lançar todas as obras inéditas de Gonçalves Dias, a ela devemos este favor. Benjamin Constant tinha razão, o sentimento de “Ainda uma vez – adeus” pode ser visto numa carta de 8 de outubro de 1862, dessa vez nas palavras sinceras de Olímpia. Não confundamos, senhores, vida vivida com vida contada. A carta de Olímpia é real, o poema de Gonçalves Dias é ficção. Graves e injustas acusações têm sido atribuídas à esta Senhora, mas não nos esqueçamos de que o poeta namorado foi quem a abandonou num completo estado de miséria no Rio de Janeiro. Até os mais comprometidos e apaixonados pela obra gonçalvina sente uma espécie de remorso pelas palavras depauperadas e envilecidas nas correspondências entre Capanema e o poeta.



Nessa ocasião, a professora Dilercy Adler teve uma atitude louvável tanto quanto temerosa: uma antologia de “Mil Poemas para Gonçalves Dias”. É um desafio sem precedentes na poesia brasileira, principalmente pela nossa atitude tão inclinada para o esquecimento. Um dos objetivos desse empreendimento é conhecer a vida e a obra de Gonçalves Dias e reconhecer a importância das motivações que caracterizaram a sua obra. A ignorância, senhores, é a causa de muitas das estupidezes humanas. Por causa disso, vimos surgir nos meios de comunicação notícias grosseiras: como a de uma obra jamais escrita pelo poeta, e a querela em torno do local de sua morte. Aliás, muito se foi dito e pouco se tem concluído sobre a morte de Gonçalves Dias. O poeta foi o primeiro a desmentir falsas notícias de sua morte, pois, ao chegar à Europa, deparou-se com uma quantia incontável de artigos que noticiavam o seu passamento. Mais tarde, quando fatalmente o poeta naufragou, muitas incertezas surgiram: se teria afogado, se já tinha morrido no leito poucas horas antes, e o que teria acontecido com o seu corpo. Não importa quais sejam as falsas informações, só as combateremos se formos capazes de tornar conhecidas todas as verdades. Onde há conhecimento, as mentiras surgem apenas para o descrédito e a desonra de quem o faz.

Enfim, eis aqui o volume de artigos organizados pelos Ilustres Professores, o Senhor Mestre Leopoldo Gil Dulcio Vaz e a Senhora Doutora Dilercy Aragão Adler, e amparados pelo Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, pela Federação das Academias de Letras do Maranhão e pela Sociedade de Cultura Latina do Estado do

Maranhão. Trata-se de mais um monumento, não apenas à memória do mais ilustre de todos os poetas maranhenses, mas para toda a língua portuguesa. Estes estudos que aqui se publicam constituem um valioso contributo de natureza diversa: o discurso de posse da Doutora Elimar Figueiredo de Almeida e Silva na Cadeira 20 do IHGM; projetos escolares desenvolvidos; uma correspondência virtual da minha autoria; artigos biográficos; críticas literárias; textos laudatórios e inclusive teatros em sua homenagem. Gonçalves Dias teve razão quando reconheceu que morreria jamais: “É mentira! Não morri! Nem morro, nem hei de morrer nunca mais – *non omnis moriar!*”, disse o poeta, restituindo às palavras latinas da Ode 30.6 de Horácio.

Portugal, abril de 2013.

Weberson Fernandes Grizoste
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Universidade de Coimbra - Portugal.



Cronologia

http://pt.wikipedia.org/wiki/Gon%C3%A7alves_Dias

- 1823 10 de agosto: nasce no sítio Boa Vista, em terras de Jatobá, a 14 léguas da vila de Caxias, Antônio Gonçalves Dias. Filho do comerciante João Manuel Gonçalves Dias, natural de Trás-os-Montes, e de Vicência Ferreira, maranhense.
- 1830 É matriculado na aula de primeiras letras do Prof. José Joaquim de Abreu.
- 1833 Começa a servir na loja do pai como caixeiro e encarregado da escrituração.
- 1835 É retirado da casa comercial e matriculado no curso do Prof. Ricardo Leão Sabino, onde principia a estudar latim, francês e filosofia.
- 1838 Parte para São Luís, onde embarcará para Portugal; chega em outubro a Coimbra e entra para o Colégio das Artes.
- 1840 31 de outubro: matricula-se na Universidade.
- 1845 Embarca no Porto para São Luís, aonde chega em março, partindo no dia 6 para Caxias.
- 1846 Embarca para o Rio de Janeiro.
- 1847 Aparecem os Primeiros Cantos, trazendo no frontispício a data de 1846.
- 1848 Aparecem os Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antônio.
- 1849 É nomeado professor de Latim e História do Brasil no Colégio Pedro II.
- 1851 Publicação dos Últimos Cantos.
- 1852 É nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros
- 1854 Parte para Europa.
- 1856 Viagem à Alemanha. É nomeado chefe da seção de Etnografia da Comissão Científica de Exploração.
- 1857 O livreiro-editor Brockhaus, de Dresda, edita os Cantos, os primeiros quatro cantos do poema Os Timbiras e o Dicionário da Língua Tupi.
- 1859/1861 Trabalhos da Comissão no interior do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pará e Amazonas, chegando até Mariná, no Peru.
- 1862 Parte para o Maranhão, mas no Recife, depois de consultar médico, resolve embarcar para Europa.
- 1862 22 de agosto: é desligado da comissão Científica de Exploração.

- 1862/1863** Estação de cura em Vicky. Marienbad, Dresda, Koenigstein, Teplitz e Carlsbad. Em Bruxelas sofre a operação de amputação da campainha.
- 1863** 25 de outubro: embarca em Bordéus para Lisboa, onde termina a tradução de *A noiva de Messina*, de Schiller.
- 1864** Fins de abril: volta a Paris. Estações de cura em Aix-ls-Bains, Allevard e Ems (Maio, junho e julho).
- 1864** 10 de setembro: embarca o Poeta no Haver no navio Ville de Boulogne. Piora em viagem
- 1864** 3 de novembro: naufrágio nas costas do Maranhão e morte de Gonçalves Dias.



Algumas Notícias Sobre GD

Weberson Fernandes Grizoste

Estes documentos foram compilados a partir dos originais que consultei na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. São QUATRO matrículas e a UMA Certidão de Idade (ou nascimento, ou batismo):

Matrícula, Arquivo da Universidade de Coimbra, Depósito IV, Secção 1ª D, Estante 2, Tabela 5, nº 3. (folha 32)



Assignado apos
apresentar
Certidão de
Idade sendo o
Baptismo val.
Satisfez

Nº 109. Antonio Gonçalves Dias, filho de João Manoel Gonçalves Dias natural de Caxias, ComarcaProvª de Maranhão foi admittido á Matricula deste Primeiro Anno Juridico aos 31 do mez de Outubro de 1840, com Certidão de Idade e Exames de Cath, Lat, Fis e Mat, Phil e Geom.

Nº 102
Fol. 138

De que se fez esse Termo, que assinou,

Antonio Gonçalves Dias (assinatura)

Antonio Gonçalves Dias (assinatura)

Matrícula, Arquivo da Universidade de Coimbra, Depósito IV, Secção 1ª D, Estante 2, Tabela 5, nº 4. (folha 54, verso)

Nº 11. Antonio Gonçalves Dias, filho de João Manoel Gonçalves Dias natural de Caxias, ComarcaProvª de Maranhão foi admittido á Matricula deste Segundo Anno Juridico aos 2 do mez de Outubro de 1841, com Exame do Primeiro Anno, e os mais, que juntou na Matricula antecedente.

Nº 256
Fol. 247v

De que se fez esse Termo, que assinou,

Antonio Gonçalves Dias (assinatura)

Antonio Gonçalves Dias (assinatura)

Matrícula, Arquivo da Universidade de Coimbra, Depósito IV, Secção 1ª D, Estante 2, Tabela 5, nº 5. (folha 100)

Nº 110. Antonio Gonçalves Dias, filho de João Manoel Gonçalves Dias natural de Caxias, ComarcaProvª de Maranhão foi admittido á Matricula do Terceiro Anno Juridico aos 7 do mez de Outubro de 1842, com Exame do Segundo Anno, e os mais, que juntou nas Matriculas antecedentes.

Nº 474
Fol. 50

De que se fez esse Termo, que assinou,

Antonio Gonçalves Dias (assinatura)

Antonio Gonçalves Dias (assinatura)

Matrícula, Arquivo da Universidade de Coimbra, Depósito IV, Secção 1ª D, Estante 2, Tabela 5, nº 6. (folha 130)

Nº 13. Antonio Gonçalves Dias, filho de João Manoel Gonçalves Dias natural de Caxias, Districto^{Imperio} de Brazil foi admittido á Matricula do Quarto Anno Juridico aos 3 do mez de Outubro de 1843, com Exame do Terceiro Anno, e os mais, que juntou nas Matriculas antecedentes.

Nº 374
Fol. 31

De que se fez esse Termo, que assignou,

Antonio Gonçalves Dias (assinatura)

Antonio Gonçalves Dias (assinatura)



Certidões de Idade (1834-1900), Arquivo da Universidade de Coimbra, Depósito IV, Secção 1ª D, Estante 5, Tabela 2, nº 49.

Folha número 200 e 201.

1º A. Dir. Nº 109

Vol 4 17

200

Lasse Maranhão, 12 de
Março de 1840
(rubrica aqui)

Diz Antonio Gonçalves Dias, filho de João Manoel Gonçalves Dias, nascido na freguesia de N. Senrª da Conceição da Cidade de Caxias, que lhe sendo preciso abem de seos interesses um certificado do dia, mez e anno em que o ditto jufto foi baptizado.

Da Vs^a Rvd.^{mo} Vigário Geral se digna mandar que o Escrivão da Comarca Ecclesiastica lhe passe a certidão pedida

E. R. M.

João Poscidonio Barbosa, Escrivão da Comarca Ecclesiastica da Cidade de S. Luis do Maranhão.

Certifico que revendo hum livro de afsentos de Baptismo da Freguesia de Nofsa Senhora da Conceição da Cidade de Caxias, o qual fica em meo poder, nele as folhas 27 vers. achei o afsento pedido, e he do theor seguinte: Aos quinze dias do mez de Setembro de mil oitocentos e vinte e tres na Igreja de Nofsa Senhora da Conceição o Reverendo Vigário Callado Domingos da Rocha Vianna Vianna¹, Baptizou e pos as Santas Leis a Antonio nascido a dez de Agosto deste mesmo anno, filho legitimo de João Manoel Gonçalves Dias, natural de Celorico de Bastos do Concelho de Guimarães do Arcebispado de Braga, e de sua mulher Dona Vicencia Mendes Ferreira natural desta cidade, neto paterno de Antonio Gonçalves Dias, e de Dona Josephina Pereira Dias, e materno de Sebastião Mendes Ferreira, e de Dona Urraca Francisca Mendes; foram padrinhos Eleuterio Clementino da Silva, e Dona Maria José, do que se fez este afsento que afsignei,, Vigario Callado Domingos da Rocha Vianna,, nada mais se continha no referido afsento, que aqui bem e fielmente copiei de verbo ad verbum do proprio, que fica averbado, e ao qual reporto, e vai sem causa que duvida faça, não fasendo algum grofso lapso de penna. O referido he verdade em fé de Escrivão da Comarca Ecclesiastica. Maranhão, 15 de Março de 1840.

João Poscidonio Barbosa
(rubrica aqui)

Antonio Aires Lourenço de Carvalho, Bacharel Formado em Leis, e Vice Consul de Portugal no Maranhão.

Certifico que a assignatura digna de João Poscidonio Barbosa, Escrivão da Comarca Ecclesiastica é a propria e verdadeira. Maranhão, Vice-consulado de Portugal. 16 de Março de 1840.

Antonio Aires Lourenço de Carvalho
Vice Consul

Nº 1233
Ag. de Sello a Oitenta reis.
Coimbra, 16 de Março de 1841
Campos Trovão.

1 Ipsis littera, no verso da folha 200.



Gonçalves Dias, Manuel de Araújo Porto-Alegre e Gonçalves Magalhães



Algumas Notas

Leopoldo Gil Dulcio Vaz

A busca de informações e dados sobre personalidades, acontecimentos, hoje, graças às ferramentas de busca, facilitando a vida de pesquisadores, e do público interessado em determinado assunto. Ao alcance de dois cliques, tem-se acesso a tudo o que foi publicado e disponibilizado na ‘nuvem’... O material a seguir é fruto dessas facilidades de busca de informações. Nada original, inédito, que não esteja disponível. A originalidade está na apresentação, no ajuntamento desses dados disponibilizados por autores e entes de disseminação da informação, em especial a Biblioteca Nacional.

Ao ‘buscador’ resta a organização desses dados – e a transformação desses dados em informação; façam bom uso deles...



Casa em sobrado, antiga Rua do Cisco, na cidade de Caxias, na qual residiu o poeta Gonçalves Dias e a de canto pegada a ela era onde seu pai comercializava com a sua ajuda já aos oito anos de idade.

O ARCHIVO.

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

FEVEREIRO 28—1846.—VOLUME 1.^o—N. 1.



COLLABORADORES.

Illms. Srs.

Dr. A. Theophilo de Carvalho Leal.
A. Curcio Benjamin.
Dr. A. Carneiro II. de Souto Maior.
Dr. A. Gonçalves Dias.
A. Henriques Leal.
A. B. de Torres Bandeira.
Dr. Antonio Rego.
A. C. dos Reis Raiol.
A. Frederico Colin.

Illms. Srs.

Dr. F. José Corrêa.
Dr. G. de T. O. Maciel da Costa.
J. Tell Ferrão.
J. J. Ferreira Valle.
L. A. Vieira da Silva.
M. Benício Fontenelle.
Dr. F. A. de Carvalho Reis.
Dr. B. J. Faria de Mattos.
R. Augusto Colin.

MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA MARANHENSE, PRAÇA DE PALACIO. CASA N.º 10.

IMPRESSO POR ANTONIO JOSÉ DA CRUZ.

1846.

O ARCAÍVO

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

PUBLICADO PELA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

N.º 1.

28 de Fevereiro.

1.º Vol.

INTRODUÇÃO.

— A ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE — esta empresa de alguns mancebos corajosos, que affrontando obstáculos e dificuldades, tentaram espalhar pela massa dos seus compatriotas — não a instrução, porém o desejo de instruir-se; não a sciencia, porém o amor d'ella — conta em fim um anno de vida. Um anno de vida!... é muito; é por ventura mais do que nos atrevemos a esperar: é muito no albor da idade, que de cada novo sol, que nasce, entesoura um novo principio de vida, — é muito para mancebos que em tal senda se aventuraram sem outro norte do que seus bons desejos, — é muito para uma obra, que, desde o seu começo, parecia de uma duração tam ephemera, e de uma existencia tam precaria.

A idéa que presidiu á redacção deste Jornal foi util e foi grande; por isso tem ella carreado os votos de todos os homens de boa vontade; — por isso tem ella prosperado; porque similhante ás nossas arvores patrias, que para desenvolverem-se, carecem apenas de ar que as alague, de sol que as restaure — e de espaço por onde possam livremente derramar seus ramos; ella tambem carecia apenas de abrigo e de protecção: ora protecção tem ella encontrado em todos, e abrigo em toda a parte. Seja-nos pois licito augurar-lhe um longo futuro, e esperar, que o arbusto verdejante de hoje possa ainda tornar-se arvore magesiosa e arrogante, que dê flores e fructos, e possa sombrear a gleba fértil, que a vio nascer.

O nosso horizonte de hoje é mais vasto e mais variado; alguns preconceitos, talvez anteriores á esta empresa, emmudeceram e esperam; e nós que sentimos todo o peso da responsabilidade, que a opinião publica tem

suspensa sobre as nossas cabeças — preencheremos as promessas, que já lhe fizemos, e que agora lhe renovamos: — porque em falta de sciencia, sobra-nos a boa vontade — e em falta de genio, marcharemos seguros pelos caminhos da nossa consciencia: — e porque o publico, cada vez mais benevolo e sympathico, nos tem escutado atentamente, e as vezes applaudido aos nossos debéis ensaios — empregaremos todas as nossas forças em lhe captivarmos a attenção — e nos esforcaremos por lhe merecer seus auxilios, senão seus louvores.

Fieis ao nosso primeiro programma, o nosso fim continua a ser — A INSTRUÇÃO E O RECREIO — somente forcejaremos para offerecer aos nossos leitores instrução mais solida e recreio mais variado. Augmentamos o volume da nossa folha litteraria — e de ora avante haverá logar nas nossas columnas para todos os artigos de sciencias, quer sejam philosophicas — quer positivas, quer abstractas. — Não faremos disertações profundas — não faremos descobertas maravilhosas — não nos entranharemos no dedalo das sciencias para lhes desnudarmos os nervos com o escalpello da critica — não innovaremos em uma palavra, porém as nossas ideas serão simplices, as nossas palavras expressivas — e os nossos artigos accommodados a todas as capacidades; — porque, nós o repetimos, nosso fim não é aperfeiçoar as sciencias (longe de nós tal arrojio) é sim propagar o amor della — o amor do estudo — o amor da instrução.

E quando chegarmos á este resultado, que oxalá possamos alcançar, cederemos o campo a homens mais atilados — mais instruidos — mais creadores — e descançaremos, da nossa tarefa, porque então se terá realisado o nosso mais ardente desejo.

A. Gonçalves Dias.



VARIEDADES.

Uma poesia inédita de Gonçalves Dias.

Temos a felicidade de brindar hoje os nossos leitores com uma mimosa poesia inédita, do primeiro lyrico brasileiro, escripta faz hoje 38 annos.

Gonçalves Dias era amigo intimo do Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, abastado agricultor ha pouco fallecido no Maranhão, paladino estorçado da democracia e um espirito altamente notavel por suas idéas progressistas, quer em politica, quer em outros ramos da vida social.

A Theophilo Leal devia o poeta maranhense não só muita amizade e affecto como sincera gratidão.

No dia do seu anniversario natalicio, em 17 de agosto de 1842, estando ambos em Lisboa, Gonçalves Dias escreveu o seguinte, que offertou ao Dr. Theophilo Leal e que hoje temos a fortuna de entregar á publicidade, devido á graciosa offerta do Sr. Leal, filho daquelle illustrado maranhense e que ha pouco deixou a redacção do *Liberal do Pará*:

A' ALEXANDRE THEOPHILO DE CARVALHO
LEAL.

No dia de seus annos.

*Foi só meu coração quem fez meus versos;
Por elle os julgas só.*

Vais hoje receber os gratos mimos
De familia affanosa. Irmãos, e Amigos
Vão pleitear em dadas, que agradem
Teo nobre coração, singelo e puro.
Has de os agradecer com meigo abraço,
Com sorriso de amor, e com palavras,
Tão brendas tão fagueiras, que arrebatão,
Como angelica voz suave e doce

A' Enlevo encantador.

E ao, que nos meos dias de infortunio,
Senti a tua mão entre as primeiras,
Alçando-me de misera pobreza,
Poupando-me desgostos, e me honrando
De amigo com o titulo tão caro
Que te posso offerecer ? Eu, que proscripto
Viguelo, como tu, em terra estranha
Para onde irades vagar me alirarão

Que te posso offerecer ? Queres um lyrio,
Pero como a amizade, o lido e bello;
Imudavel perpetua, ou queres versos
De novel trovado ;
Foram de minha mão ao toque estranho,
Como ao sopro de vento abressador,
O lyrio faser-se-hia;
E a imudavel perpetua, de amizade
Em simbolo de morto
Se mudaria.

Versos ! ... Oh ! não profus e ferres lyra
De enferrujadas cordas mas theozoiro,
Nos hymnos de prizer não juste um hymno
Aspero e discorda, como o rouco stridulo
D'ave negra de esguio;
Como o brado de sino de finados
Em noite de alegria — e os froucos labios,
Que a mystica linguagem de minha alma
Não sabem traduzir, calem se embora,
Mas não turbem o echo d'harmonia
Sincto e misterioso de meo peito;
Não o turbem, não; é um altar que tenho,
Divindade propicia a quem cultivo,
E' minha crença, como crença viva
De muita aventureiro, a quem as ondas,
Por feito voto á santa portadora,
Regolam não quebrando sobre a praia.

Que te posso offerecer ? Eu não possuo
Riquezas, que dependem do talento,
Ou talentos, que suprem as riquezas;
Talento que sublimo retratasse
Amor e gratidão,
Que entusiasmam e grandia te offitasse
Prendas do coração.

Sobrião me votos cordões e ardentes,
Que do intimo peito a Dade se elevão;
Mas a prece do Pay, primeiro se ouve,
Mas a prece de Mãe penheira aúdio.
E as preces dos irmãos depois se acatão
E as de amigos depois, estrepitosas
Como alegrias do povo que figuão
O vento, que do bosque agoita as comas,
O quebrado das ondas sobre as praias;
Como saudes altisonas, que fremem
Pelas arcadas de salões festivos.

Oh ! ouça Deus propicio minha supplica;
E dias venturosos te conceda,
A ti e aos teos; e amigos, como tu
Affaveis, bondedosos, e te c'ron
De merecida gloria perduravel.

A. G. Dias.





Biografia *Academia Brasileira de Letras¹*

GONÇALVES DIAS

Biografia

Patrono

Gonçalves Dias (Antônio G. D.), poeta, professor, crítico de história, etnólogo, nasceu em Caxias, MA, em 10 de agosto de 1823, e faleceu em naufrágio, no baio dos Atins, MA, em 3 de novembro de 1864. É o patrono da Cadeira n. 15, por escolha do fundador Olavo Bilac.



Era filho de João Manuel Gonçalves Dias, comerciante português, natural de Trás-os-Montes, e de Vicência Ferreira, mestiça. Perseguido pelas exaltações nativistas, o pai refugiara-se com a companheira perto de Caxias, onde nasceu o futuro poeta. Casado em 1825 com outra mulher, o pai levou-o consigo, deu-lhe instrução e trabalho e matriculou-o no curso de latim, francês e filosofia do prof. Ricardo Leão Sabino. Em 1838 Gonçalves Dias embarcaria para Portugal, para prosseguir nos estudos, quando lhe faleceu o pai. Com a ajuda da madrastra pôde viajar e matricular-se no curso de Direito em Coimbra. A situação financeira da família tornou-se difícil em Caxias, por efeito da Balaiada, e a madrasta pediu-lhe que voltasse, mas ele prosseguiu nos estudos graças ao auxílio de colegas, formando-se em 1845. Em Coimbra, ligou-se Gonçalves Dias ao grupo dos poetas que Fidelino de Figueiredo chamou de “medievalistas”. À influência dos portugueses virá juntar-se a dos românticos franceses, ingleses, espanhóis e alemães. Em 1843 surge a “Canção do exílio”, um das mais conhecidas poesias da língua portuguesa.

Regressando ao Brasil em 1845, passou rapidamente pelo Maranhão e, em meados de 1846, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde morou até 1854, fazendo apenas uma rápida viagem ao norte em 1851. Em 46, havia composto o drama Leonor de Mendonça, que o Conservatório do Rio de Janeiro impediu de representar a pretexto de ser incorreto na linguagem; em 47 saíram os Primeiros cantos, com as “Poesias americanas”, que mereceram artigo encomiástico de Alexandre Herculano; no ano

1 <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=866&sid=183>

seguinte, publicou os Segundos cantos e, para vingar-se dos seus gratuitos censores, conforme registram os historiadores, escreveu as Sextilhas de frei Antão, em que a intenção aparente de demonstrar conhecimento da língua o levou a escrever um “ensaio filológico”, num poema escrito em idioma misto de todas as épocas por que passara a língua portuguesa até então. Em 1849, foi nomeado professor de Latim e História do Colégio Pedro II e fundou a revista Guanabara, com Macedo e Porto Alegre. Em 51, publicou os Últimos cantos, encerrando a fase mais importante de sua poesia.

A melhor parte da lírica dos Cantos inspira-se ora da natureza, ora da religião, mas, sobretudo de seu caráter e temperamento. Sua poesia é eminentemente autobiográfica. A consciência da inferioridade de origem, a saúde precária, tudo lhe era motivo de tristezas. Foram elas atribuídas ao infortúnio amoroso pelos críticos, esquecidos estes de que a grande paixão do Poeta ocorreu depois da publicação dos Últimos cantos. Em 1851, partiu Gonçalves Dias para o Norte em missão oficial e no intuito de desposar Ana Amélia Ferreira do Vale, de 14 anos, o grande amor de sua vida, cuja mãe não concordou por motivos de sua origem bastarda e mestiça. Frustrado, casou-se no Rio, em 1852, com Olímpia Carolina da Costa. Foi um casamento de conveniência, origem de grandes desventuras para o Poeta, devidas ao gênio da esposa, da qual se separou em 1856. Tiveram uma filha, falecida na primeira infância.

Nomeado para a Secretaria dos Negócios Estrangeiros, permaneceu na Europa de 1854 a 1858, em missão oficial de estudos e pesquisa. Em 56, viajou para a Alemanha e, na passagem por Leipzig, em 57, o livreiro-editor Brockhaus editou os Cantos, os primeiros quatro cantos de Os Timbiras, compostos dez anos antes, e o Dicionário da língua tupi. Voltou ao Brasil e, em 1861 e 62, viajou pelo Norte, pelos rios Madeira e Negro, como membro da Comissão Científica de Exploração. Voltou ao Rio de Janeiro em 1862, seguindo logo para a Europa, em tratamento de saúde, bastante abalada, e buscando estações de cura em várias cidades europeias. Em 25 de outubro de 63, embarcou em Bordéus para Lisboa, onde concluiu a tradução de A noiva de Messina, de Schiller. Voltando a Paris, passou em estações de cura em Aix-les-Bains, Allevard e Ems. Em 10 de setembro de 1864, embarcou para o Brasil no Havre no navio Ville de Boulogne, que naufragou, no baixio de Atins, nas costas do Maranhão, tendo o poeta perecido no camarote, sendo a única vítima do desastre, aos 41 anos de idade.

Todas as suas obras literárias, compreendendo os Cantos, as Sextilhas, a Meditação e as peças de teatro (Patkul, Beatriz Cenci e Leonor de Mendonça), foram escritas até 1854, de maneira que, seguindo Sílvia Romero, se tivesse desaparecido naquele ano, aos 31 anos, “teríamos o nosso Gonçalves Dias completo”. O período final, em que dominam os pendores eruditos, favorecidos pelas comissões oficiais e as viagens à Europa, compreende o Dicionário da língua tupi, os relatórios científicos, as traduções do alemão, a epopeia Os Timbiras, cujos trechos iniciais, que são os melhores, datam do período anterior.

Sua obra poética, lírica ou épica, enquadrou-se na temática “americana”, isto é, de incorporação dos assuntos e paisagens brasileiros na literatura nacional, fazem-

do-a voltar-se para a terra natal, marcando assim a nossa independência em relação a Portugal. Ao lado da natureza local, recorreu aos temas em torno do indígena, o homem americano primitivo, tomado como o protótipo de brasileiro, desenvolvendo, com José de Alencar na ficção, o movimento do “Indianismo”. Os indígenas, com suas lendas e mitos, seus dramas e conflitos, suas lutas e amores, sua fusão com o branco, ofereceram-lhe um mundo rico de significação simbólica. Embora não tenha sido o primeiro a buscar na temática indígena recursos para o abasileiramento da literatura, Gonçalves Dias foi o que mais alto elevou o Indianismo. A obra indianista está contida nas “Poesias americanas” dos Primeiros cantos, nos Segundos cantos e Últimos cantos, sobretudo nos poemas “Marabá”, “Leito de folhas verdes”, “Canto do piaga”, “Canto do tamoi”, “Canto do guerreiro” e “I-Juca-Pirama”, este talvez o ponto mais alto da poesia indianista. É uma das obras-primas da poesia brasileira, graças ao conteúdo emocional e lírico, à força dramática, ao argumento, à linguagem, ao ritmo rico e variado, aos múltiplos sentimentos, à fusão do poético, do sublime, do narrativo, do diálogo, culminando na grandeza da maldição do pai ao filho que chorou na presença da morte.

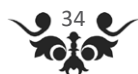
Pela obra lírica e indianista, Gonçalves Dias é um dos mais típicos representantes do Romantismo brasileiro e forma com José de Alencar na prosa a dupla que conferiu caráter nacional à literatura brasileira.





Gonçalves Dias (1823–1864) na Brasileira USP¹

Primeiros Cantos (1846)
Segundos Cantos (1848)
Últimos Cantos (1851)
Cantos: collecção de poezias (1857)
Os tymbiras – poema americano (1857)
Obras póstumas, volume 1
Obras póstumas, volume 2
Obras póstumas, volume 3
Obras póstumas, volume 4
Obras póstumas, volume 5
Obras póstumas, volume 6



Paulo Franchetti²

Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) nasceu em Caxias, no Maranhão, filho de pai português e mãe cafuza. Estudou em Coimbra, onde obteve o grau de bacharel em Direito em 1844. De volta ao Brasil, exerceu a docência e funções públicas, incluindo a diplomacia na Europa. Faleceu na costa do Maranhão, no naufrágio do navio no qual regressava da Europa, onde fora em busca de tratamento de saúde.

Seu livro de estreia (*Primeiros Cantos*) foi publicado no Rio de Janeiro em 1846. Dividido em duas partes, abria com uma seção de seis poemas, sob a denominação “Poesias americanas”; os outros, quase quarenta, vinham sob a rubrica de “Poesias diversas”. A obra mereceu de imediato crítica muito elogiosa do poeta, historiador e romancista português Alexandre Herculano, que reconheceu em Gonçalves Dias um grande poeta e saudou nele o progresso literário do Brasil, lamentando apenas que as “Poesias americanas” fossem tão poucas. De fato, o era apenas programa na geração precedente se torna realização na obra de Gonçalves Dias, que é o criador da linguagem poética romântica no Brasil. O poema que abre os *Primeiros Cantos*, a “Canção do exílio”, não é apenas o mais conhecido poema brasileiro – é o primeiro, desde Tomás Antônio

¹ http://www.brasiliana.usp.br/goncalves_dias

² Professor titular do Departamento de Teoria Literária da Unicamp.

Gonzaga, a recuperar um tom que, sem ser vulgar, é coloquial, e um arranjo sintático que, sem rebuscamento e sem esforço aparente, obtém das palavras uma musicalidade quase encantatória. Alie-se a essas características um forte sentimento de apego à terra natal e ter-se-á a razão da imensa voga do poema, que teve versos incorporados à letra do Hino Nacional e à canção dos combatentes brasileiros na Segunda Guerra Mundial.

Entretanto, o autor da maior parte dos versos que se costuma reconhecer como brasileiro é, dentre os românticos, o que manteve ao longo da vida a mais íntima ligação com o lirismo peninsular ibérico. O gosto pelo vocábulo arcaico, pela temática medieval e pela construção castiça revelam, a cada passo, os frutos de sua convivência coimbrã com os românticos portugueses. Dessa convivência resultaram ainda as *Sextilhas de Frei Antão*, que Gonçalves Dias publica nos *Segundos Cantos* (1848). Trata-se de uma obra única no romantismo brasileiro, tanto pela linguagem, quanto pelo assunto. Escrevendo num pastiche de português antigo, o poeta assume a “persona” de um certo Frei Antão de Santa Maria de Neiva para cantar em longos poemas as excelências da vida portuguesa na época de ouro da nação. Essa fidelidade à literatura da antiga metrópole – e também à língua de sotaque lusitano – acabou por desconcertar os contemporâneos mais nacionalistas, os que mantinham, em linhas gerais, as bandeiras levantadas por Gonçalves de Magalhães.

A parte da obra de Gonçalves Dias que teve maior difusão e até hoje a mais lida é a de temática indianista. Ao seu indianismo se devem, de fato, algumas das obras-primas da poesia de língua portuguesa: “I-JucaPirama”, “Leito de folhas verdes”, “Marabá” e “Canção do Tamoio”. Todas publicadas nos *Últimos Cantos*, que a exemplo dos *Primeiros*, vinha dividido entre “Poesias Americanas” e “diversas”. Entretanto, em que pese à recepção nacionalista, o ponto de vista mais compreensivo sobre o seu indianismo é o de Sérgio Buarque de Hollanda, que, num prefácio de 1939 aos *Suspiros poéticos e saudades*, afirma que a principal diferença entre o indianismo de Magalhães na *Confederação dos Tamoios* (1856) e o de Gonçalves Dias é que, enquanto Magalhães toma o indianismo como mais uma peça na sua luta por extirpar a herança portuguesa no Brasil, Gonçalves Dias faz “uma arte desinteressada, onde as paixões valem pelo que são e pela beleza de seus contrastes.” Na mesma linha, Antonio Candido, por sua vez, 20 anos depois, chama a atenção para o parentesco entre o medievismo coimbrão das *Sextilhas* e o indianismo gonçalvino, cuja função principal não seria dar a conhecer a vida indígena, mas “enriquecer processos literários europeus com um temário e imagens exóticas, incorporados deste modo à nossa sensibilidade”. Como observa Candido, o indianismo só ganha sentido completo quando colocado em função do universo de referências de que ele se origina: “para o leitor habituado à tradição europeia, é no efeito poético da surpresa que consiste o principal significado da poesia indianista.”

Sugestões de leitura:

Candido, Antonio. “Gonçalves Dias consolida o Romantismo”. Em *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1971, 4ª ed., vol. II.

Franchetti, Paulo. “As Aves que Aqui Gorjeiam: A Poesia Brasileira do Romantismo ao Simbolismo” e “I-Juca-Pirama”, em Estudos de literatura brasileira e portuguesa. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

Hollanda, Sérgio Buarque de. “Prefácio”. Em Magalhães, D.J.G. de. Obras Completas, vol. II. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1939.



Praia Grande

Informativo Cultural da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão

Ano 1 - Nº 3 Janeiro de 1999 - R\$ 1,00



EDITORIAL

Este terceiro número do nosso informativo nasce sob os auspícios de um período, de muitas festas, comemorações e fraternidade. Se, por um lado, corresponde ao mês de dezembro que é o último do ano e traz no seu bojo o Natal de Jesus, que materializou o mais sublime amor, por outro, corresponde a janeiro, que, por sua vez, é o início de um Ano Novo, neste caso, o último deste século, deste milênio.

Por uma feliz coincidência, nos últimos meses de 1998, nesta nossa querida "ilha do Amor", muito se falou, respirou e viveu Gonçalves Dias que é um dos mais renomados e brilhantes poetas desta "Atenas Brasileira". Livros foram lançados, peças teatrais encenadas e calorosas discussões de intelectuais contemporâneos circularam nos jornais da nossa terra, acerca da sua vida e do seu amor por sua musa Ana Amélia.

Dessa forma, para fechar um ano e abrir o outro com "chaves de amor", dedicamos a você, caro leitor, algumas reflexões, de Dilercy Adler, "Sobre o amor", com base no livro "Ame e dê vexame", de Roberto Freire e no Olhar Latino, Saraiva Filho escreve "Ao Poeta Maior". Ainda oferecemos mais amor no nosso Risco Poético, e interessantes notícias na nossa Conexão.

Esperamos que o Natal tenha sido pródigo em luz e paz e desejamos a todos um Ano Novo pleno de realizações e amor para, quem sabe, possamos viver dias mais justos e felizes neste tão (des)amado planeta terra!

Veja nesta Edição

SOBRE O AMOR:
ALGUMAS REFLEXÕES
COM BASE NO LIVRO
"AME E DÊ VEXAME" DE
ROBERTO FREIRE

Dilercy Adler

página 2

RISCO POÉTICO

páginas 2 e 3

OLHAR LATINO:
AO POETA MAIOR

J. R. Saraiva Filho

página 3

CONEXÃO

página 4

ANTÔNIO GONÇALVES DIAS



ANA AMÉLIA

Gonçalves Dias nasceu a 10.08.1823, no sítio Boa Vista/Caxias/MA. Começou a trabalhar, ainda criança, no estabelecimento do pai como caixeiro e guarda-livros. Em 1837, foi morar em Coimbra juntamente com o pai. Em 1843, compôs a "Canção do Exílio". Em 1845, no Maranhão, começa a escrever "Meditação". Em 1846, escreve "Seus Olhos" e "A Leviana", inspirado em Ana Amélia. Em 1851, conhece Olímpia Coriolana da Costa, com a qual viria a se casar mais tarde. Nesse mesmo ano, ao voltar para São Luís, aproxima-se por Ana Amélia. Sete meses depois, pede a sua mão, no entanto a mãe de Ana Amélia recusou o pedido. Meses depois casa-se com Olímpia. Em 1854 volta a Portugal com a esposa. Ao retornar para o Maranhão, já muito doente, o navio no qual viajava naufraga sendo ele o único que não consegue ser salvo e o seu corpo nunca foi encontrado.





V Semana Literária Maria Firmina dos Reis

O C E Nossa Senhora da Assunção encerrou nesta sexta-feira (30/12/2012) a V Semana Literária Maria Firmina dos Reis organizada pelos professores de Língua Portuguesa, Artes e Ed. Física. Com o tema Nossos Maranhenses em verso e prosa, foram apresentados pelos alunos e professores da área diversas atividades durante manhã, tarde e noite. O aluno foi desenvolvido o protagonismo juvenil sendo o principal ator no desenvolvimento das tarefas, mostrando a sua criatividade, animação e vontade de fazer.



A escritora Dilercy Adler, contribuindo com a Semana falando sobre o projeto Mil Poesias para Gonçalves Dias, e da importância da literatura a formação do homem como cidadão e da importância de uma semana literária na construção do conhecimento. A escritora estava acompanhada da Diretora do Palácio Cristo- Rei Clores Holanda.

O ENCONTRO DE GONÇALVES DIAS E MARIA AMÉLIA

O primeiro trabalho apresentado à encenação de um encontro do Poeta Gonçalves Dias com a sua amada Maria Amélia. Os alunos Gabriel Moraes e Sara apresentaram uma belíssima cena, dando vida aos personagens. Escrita pela Professora Isnândia Cartagenes.

Gonçalves Dias e Maria Amélia encontram-se por acaso em um jardim de Lisboa, Portugal. Os ficam surpresos.

Amélia: __ Gonçalves?!!!!Você por aqui?

Gonçalves: __ Ana, que surpresa! Que fazes você em Lisboa?

Amélia: __ Vim visitar alguns parentes!

Gonçalves: __ Entendo, esses seus parentes são os meus amigos... Mas me dizes o que tem feito da vida?

Amélia: __ Não tenho feito, mas do que você já sabe..

Gonçalves: __ Sei que casou...

Amélia: __ Casei sim, com o comerciante Domingo Silva Porto e com ele estou até hoje, diferente de você.

Gonçalves: __ Achei você casar muito rápido!

Amélia: __ E você também não casou?

Gonçalves: __ Casei, mas separei no ano seguinte!

Amélia: __ Sinto muito!

Gonçalves: __ Eu sinto é não ter tido a coragem que teve Domingos ao casar com você.

Amélia: __ Como pode falar isso? Afinal de contas foi você que desistiu de mim!

Gonçalves: __ Arrependimento que levarei para a vida toda...Mas gostaria que você me compreendesse.

Amélia: __ Como posso compreender um homem que abre mão do seu amor?

Gonçalves: __ Como seríamos felizes se toda a sua família foi contra a nossa união?

Amélia: __ Você não foi capaz de lutar por nosso amor, você foi um fraco, dando importância a minha família que sempre foi preconceituosa...

Gonçalves: __ Achei que não seria feliz se vivesse ressentida com a tua família...

Amélia: __ Eu estava disposta a largar tudo por sua causa, atravessaria oceanos pelo nosso amor, mas você não foi capaz de lutar, ao contrário preferiu casar-se rapidamente com outra

Gonçalves: __ Nós seríamos perseguidos pela sua família igual seu marido atual está sendo, soube que até privações vocês têm passado...

Amélia: __Coisas da minha família que continua sendo preconceituosa, mas apesar de também ser mulato, Domingos sabia o que queria e foi por mim que ele decidiu lutar...

Gonçalves: __Mas quero que saiba que continuo te amando e te amarei a vida toda!

Amélia: __Tarde demais meu caro!...E ainda que as suas mais belas poesias sejam a mim dedicadas como dize, pouco me importo, pois para mim o que o seu amor em versos não me interessa mais... E agora já é tarde, tenho que ir, meu marido me espera!

Gonçalves: __Ainda não, fica mais um pouco...

Amélia: __Impossível... O dever me chama...

Gonçalves: __Não vá!...amo-te tanto...

Amélia: __Adeus e até nunca mais...



Os alunos Robert e Erinaldo caracterizados como Gonçalves Dias e Sousândrade.

CAFÉ LITERÁRIO

Como parte da programação da V Semana Literária Maria Firmina dos Reis, professores de Língua Portuguesa e alunos realizaram na manhã do dia 29 de novembro um café literário recheado de poesias, bate-papo, com a participação da Professora aposentada Carmelita Cuba, professores das diversas áreas do conhecimento, e, alunos representando os escritores, Sousândrade, Gonçalves Dias, Artur Azevedo, Aloizio Azevedo e a romancista Maria Firmina dos Reis.



O aluno Erinaldo declama poesia de Sousândrade



Roberth, Gonçalves Dias.



Maria Firmina dos Reis



Alunos acompanham atentamente



Professores Maria do Carmo, Idenilce Maia, Ineilde Diniz, Angela Regina, Cláudia Abrantes e Osvaldo Gomes acompanhados dos alunos Erinaldo, Roberth, Gabriel, Thaisa e Yuri



A professora aposentada Carmelita Cuba, entre os professores Aldenir Guimarães e Erly Cardoso



Mas quem foi Gonçalves Dias?¹

EMEF Gonçalves Dias Canoas - RS²

Execução:

- 13/10 a 24/10

Justificativa:

- A nossa escola chama-se Gonçalves Dias... Mas quem foi Gonçalves Dias?... Buscando a resposta desta pergunta surgiu a ideia deste projeto, para que possamos conhecer um pouquinho mais sobre o patrono da nossa escola, resgatando a história de Gonçalves Dias, visando assim uma maior valorização do nome da escola e da nossa cultura.



Objetivo Geral:

- Valorizar o nome da nossa escola conhecendo um pouco da história de Gonçalves Dias (vida e obra).

Objetivos:

- Buscar através de pesquisa a resposta para a pergunta: “Mas quem foi Gonçalves Dias?”;
- Conhecer um pouco sobre a vida e a obra de Gonçalves Dias;
- Ter contato com os poemas do autor em sala de aula, na hora do conto, no lego e na informática;
- Realizar trabalhos diversificados (Ex.: construção de livrinhos com a vida e a obra de Gonçalves Dias, cartazes com poemas, ilustrações dos poemas, textos, acrósticos, desenhos, dramatizações de poemas, etc....);

1 <http://goncalvinho.wikispaces.com/Projeto+Mas+quem+foi+Gon%C3%A7alves+Dias%3FProjeto+Mas+quem+foi+Gon%C3%A7alves+Dias%3F>

2 <http://goncalvinho.wikispaces.com/>

- Participar e prestigiar de uma exposição de trabalhos realizados durante a realização deste projeto;
- Prestigiar o Sarau de Poesias que será realizado em pequenas rodinhas, respeitando e valorizando os colegas que estão declamando poesias em homenagem à Gonçalves Dias.

Culminância:

- Sarau de Poesias: **“Gonçalves Dias: Nosso nome, nossa história”:**

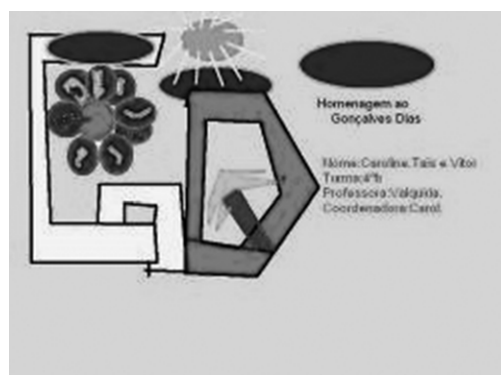
O sarau acontecerá no pátio, no dia **24 de outubro**, onde cada professor irá formar pequenas rodas com suas turmas usando as cadeiras. As rodas receberão a visita de nossos pequenos poetas (alunos que irão declamar as poesias). Os alunos que irão declamar as poesias estarão usando roupas de época, em homenagem à Gonçalves Dias, recitando assim as suas poesias. Eles passarão de roda em roda, declamando uma poesia, ao final do circuito todos os pequenos poetas terão passado em todas as rodinhas, fechando assim o Sarau de Poesias. Neste dia, cada professor fica convidado a preparar uma atividade diferente com a sua turma, como um lanche coletivo no pátio (piquenique), podendo também ser construídos textos coletivos sobre o sarau e ilustrações das poesias declamadas.

Premiação do Sarau: Medalhas para os alunos que melhor declamarem as poesias.

- Exposição de Trabalhos: **“Mas quem foi Gonçalves Dias?”:**

Também no dia **24 de outubro** estará acontecendo no pátio de escola uma exposição dos trabalhos realizados durante a execução deste projeto, ficando o convite para que **todos** os professores possam participar com os trabalhos confeccionados em sala de aula.



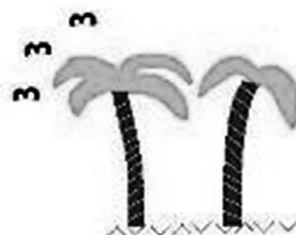


Canção Do Exílio

Minha terra tem Palmeiras
onde canta o Sabiá,
As aves que aqui corjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas
Nossas Várzeas tem mais flores.
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, À noite
Mais prazer encontro eu lá,
Minha terra tem palmeiras,
onde canta o sabiá.



Canção Do Exílio

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá,
Em osmar-sozinho, À noite-mais prazer
encontro eu lá,
minha terra tem palmeiras,
onde canta o sabiá.



Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá,
Sem que eu desfrute os primores
Que não encontro por cá,
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Nomes: Natiele, Paloma.
Turma: 4ª B
Professora: Valquíria
coordenadora: Carol

Gonçalves Dias

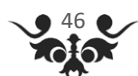
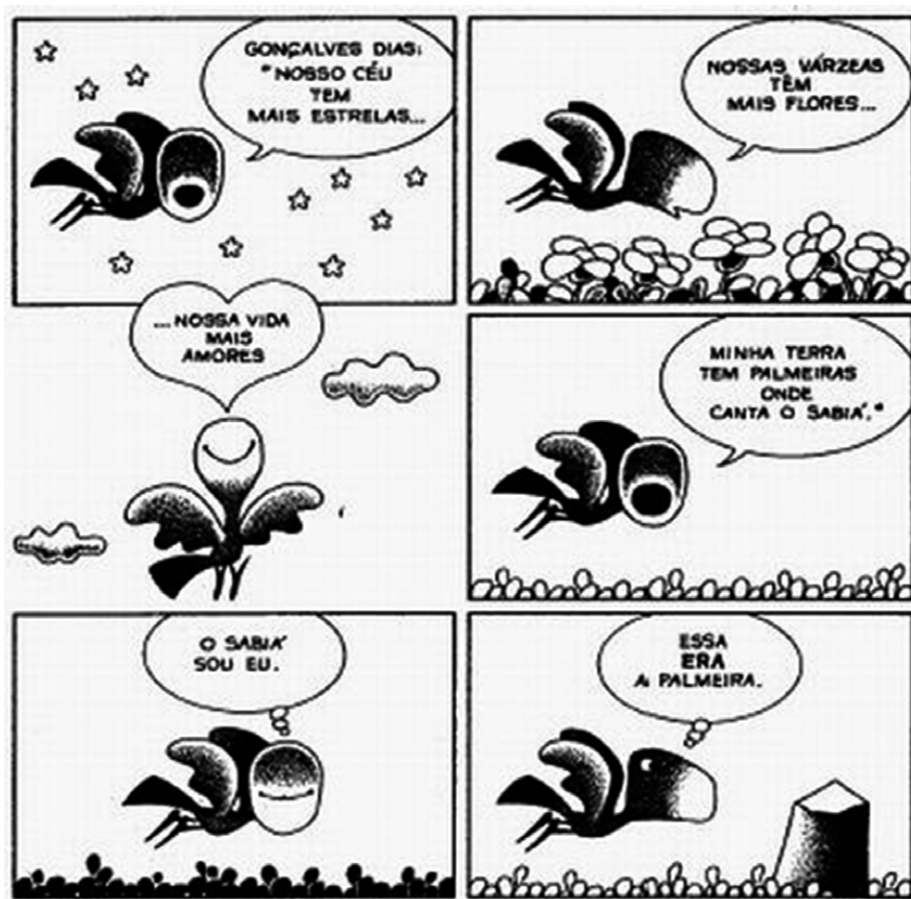
Projeto Mas quem foi Gonçalves Dias?

- 1) O que aprendemos com este projeto?
Cuidar do meio ambiente da escola.
 - 2) O que mais gostamos?
Gostamos dos desenhos que a gente fez da escola.
 - 3) Que trabalhos foram feitos sobre o projeto?
Foram feitos cartazes de poemas do Gonçalves Dias, maquetes da escola, desenhos do Gonçalves Dias, canções.
 - 4) Como foi a exposição de trabalhos?
Foi bem legal a gente conheceu vários poemas do Gonçalves Dias.
 - 5) O que mais gostaram na exposição?
Gostamos mais das maquetes da escola e dos desenhos.
- Nomes: Natiele, Paloma, Taiane.
Turma: 4ªB.
Professora: Valquíria.
Coordenadora: Carol.

Projeto Mas quem foi Gonçalves Dias?



- 1) O que aprendemos com este projeto?
Nesse projeto nós aprendemos que Gonçalves Dias foi um grande poeta, nascido em 1823, uma de suas grandes poesias foi a Canção do Exílio que fez antes de morrer em 1864.
 - 2) O que mais gostamos?
Nós gostamos mais das poesias e de toda a história de sua vida.
 - 3) Que trabalhos foram feitos sobre o projeto?
Foram feitas caricaturas de Gonçalves Dias, foram declamados alguns de seus poemas e desenhos sobre a escola, Robôsom.
 - 4) Como foi a exposição de trabalhos?
A exposição de trabalhos foi muito linda.
 - 5) O que mais gostaram na exposição?
Das maquetes, dos desenhos do Gonçalves Dias e do Robôsom e das poesias declamadas por nossos colegas.
- Nomes: Jorge Luiz, Fabíola S e Fabiola F.
Turma: 4ªA
Professora: Rosana
Coordenadora: Carol



Nunca esquecer da natureza
 A natureza está sendo destruída
 Todos estamos destruindo a natureza
 Uma árvore cortada é muito
 Respeito à natureza é o que nós precisamos
 Esperança que o mundo melhore
 Zeloso a natureza
 Água uma coisa que precisamos

Autora: Fabíola S.

Natureza e tudo nessa vida
 Amar a natureza
 Terra com plantações
 Universo com mundos, planetas e estrelas
 Respeitar a natureza com amor
 Esperança com a natureza que resista
 Zeloso tem que ser com a natureza
 Amizade tem ter com a natureza

Autora: Fabíola F

No planeta tem muito desmatamento.
Árvores estão sendo destruídas.
Temos que preservar a natureza.
Utilizando recursos ecológicos.
Reunindo pessoas do mundo todo.
Evitando que o mundo acabe mais cedo.
Zelando pela natureza.
Assim podemos viver em harmonia e cidadania.

Nomes: Michelle e Natália

Turma: 4ªA

Prof.: Rosana

Coordenadora: Carol.



Discurso de posse na Cadeira 20, do IHGM

Elimar Figueiredo de Almeida e Silva

Excelentíssimo Senhor Presidente do IHGMA, Dr. Edomir Martins de Oliveira,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça, Desembargador Jorge Rachid Mubarak Maluf,

Excelentíssimo Senhor Procurador Geral de Justiça, Dr. Suvamy Vivekananda Meireles,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, Desembargador Jamil de Miranda Gedeon Neto,

Excelentíssimo Senhor Corregedor Geral do Ministério Público, Procurador Francisco Barros de Sousa,

Excelentíssimo Senhor Vice-presidente do IHGMA, Dr. Osvaldo Rocha.

Senhores membros do IHGM que saúdo na pessoa de minha querida amiga Ilzé Vieira de Melo Cordeiro, cujas palavras calaram profundamente em meu coração e em minha alma. Sei que foram ditadas pela excessiva generosidade de seu coração. Obrigada, Ilzé, amiga e companheira de tantas jornadas, por seu estímulo e por seu carinho.

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Queridos familiares.

Ao ingressar neste cenáculo, consciente da honraria a mim deferida pelos seus ilustres integrantes, vivo um dos momentos mais significativos de minha vida.

Sejam, portanto, minhas primeiras palavras, de agradecimento aos que me franquearam as portas dessa instituição de tão caras tradições na comunidade maranhense, onde pontificaram os nomes de Antonio Lopes da Cunha, Antenor Bogéa, Virgílio Domingues da Silva Filho e José Mata Roma, para só falar nos que foram meus mestres no Liceu Maranhense e no Curso de Direito, e onde pontificam hoje Vossas Excelências, com o brilho de suas inteligências e seu acendrado amor aos estudos de nossa terra e nossa gente - o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.

Avalio a responsabilidade que nesta noite assumo, e me comprometo a envidar o melhor de meus esforços para somar convosco nessa tarefa, malgrado não dispor dos mesmos méritos de Vossas Excelências. Essa responsabilidade ainda maior se torna ao caber-me preencher a cadeira n° 20, que tem como patrono a figura estelar de Antonio Gonçalves Dias e que foi ocupada por dois eminentes maranhenses, o médico João Braulino de Carvalho e o advogado e jornalista João Lima Sobrinho.

A essa tríade ilustre rendo, pois, minhas homenagens neste instante e sobre ela deverei falar, obedecendo à práxis acadêmica.

Falar de Gonçalves Dias. Senhoras e Senhores é falar do Maranhão e do Brasil. É falar do cultor da história de nossos avós. É falar do poeta indianista. É falar do profundo amor que devotava a sua terra ao ponto de cantá-la como jamais alguém a cantou nos versos da Canção do Exílio. É falar do maior dos poetas brasileiros.

Caxias viu nascer o menino Antonio, aquele que Bilac chamaria de gênio tutelar de nossa inteligência, a 10 de agosto de 1823, pouco depois da adesão do Maranhão à independência. Filho do português João Manuel Gonçalves e da mestiça maranhense Vicência Ferreira, não lhe impediu a origem o acesso aos estudos, nos quais, bem cedo, se revelou. Assim, quando partiu para Coimbra, aos 15 anos, já estudara Latim, Filosofia Francês com o professor Ricardo Leão Sabino que vivia em Caxias. Esse professor, segundo nos conta Jomar Moraes, era *“uma curiosa e fascinante personalidade, que combinava inteligência viva com boa cultura, grande coragem pessoal e índole aventureira”* e deve ter sido de grande valia na formação intelectual do discípulo precoce.

Em Coimbra, frequentou Gonçalves Dias o Colégio das Artes a fim de concluir os estudos preparatórios iniciados em Caxias, com vistas a ingressar no Curso de Direito, revelando notável aproveitamento, tornando-se conhecido como “o esperançoso menino do Maranhão”. A falta de recursos financeiros quase o impediu de matricular-se na Universidade de Coimbra ante ordenar-lhe a madrastra o retorno ao Maranhão, por não mais poder mantê-lo em Portugal. Felizmente outros jovens maranhenses que estudavam em Coimbra, Joaquim Pereira Lapa e Alexandre Teófilo de Carvalho Leal (o maior e melhor amigo de Gonçalves Dias por toda a vida) e o fluminense José Hermenegildo Xavier de Moraes se juntam e lhe oferecem os recursos necessários para continuar os estudos, o que aceito, não sem alguma hesitação por parte do jovem estudante. Após submeter-se, com êxito, aos exames preparatórios, matriculou-se no curso de Direito, onde logo figurou entre os primeiros. Isto aos 17 anos de idade!

Além dos estudos jurídicos, esse aluno exemplar dedicar-se-ia ao estudo da literatura inglesa e francesa, sintonizando-se, de imediato, com o movimento romântico onde pontificavam Victor Hugo, Chateaubriand, Lamartine, Alexandre Herculano e Almeida Garrett, cujas obras leu avidamente. A nostalgia da Pátria que perpassava pelos estudantes brasileiros em Coimbra, à época, atinge o ápice nos versos da “Canção do Exílio”, misto de evocação e saudade, de paisagem e ternura, que consagraria Gonçalves Dias para todo sempre. Manuel Bandeira afirma ter sido a “Canção do Exílio”, para Gonçalves Dias, “o seu grande momento de inspiração, o passaporte de sua imor-

talidade. Ainda que não tivesse escrito mais nada, ficaria a “Canção do Exílio” para sempre gravada na memória de sua gente.”.

No entanto, a poesia indianista de Gonçalves Dias seria outro legado inestimável à posteridade. Não tivesse sido ele membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (onde ingressou a 02 de setembro de 1847); não tivesse ele sido membro da Comissão Científica de Exploração instituída por D. Pedro II em que titular / responsável pela Seção de Etnografia e Narrativa de Viagem; não tivesse ele escrito o notável trabalho científico “Brasil e a Oceania”; não tivesse ele resolvido os arcanos de nossa história ao pesquisar os arquivos daqui e d’além – mar, ainda assim mereceria figurar entre os patronos deste Instituto por essa poética indianista repassada de sentimento nativista, não só captando o homem / índio em seu meio natural como pela compreensão impiedosa dos brancos, tão bem traduzida no:

CANTO DE PIAGA

(I)

“O guerreiros da Taba sagrada.
O guerreiros da Tribo Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga
O Guerreiros, meus cantos ouvi.”
Esta noite – era a lua já morta
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrível caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.
Abro os olhos, inquieto, medroso
Manitôs! Que prodígios que vi!
Arde o pau de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o acendi!
Eis rebenta a meus pés um fantasma,
Um fantasma d’imensa extensão;
Liso crânio repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.
O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro – ossos, carnes - tremi,
Frio horror me coou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.
Era feio, medonho, tremendo,
Ó guerreiros, o espectro que eu vi.
Falam deuses nos cantos do Paiaga
O guerreiros, meus cantos ouvi!

(II)

Por que dormes, ó Piaga divino?
Começou-me a Visão a falar,
Por que dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.
Tu não viste nos céus um negrume
Toda a face do sol ofuscar;

Não ouviste a coruja, de dia,
Seus estrídulos torva soltar?
Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem – vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?
E tu dormes, ó Piaga divino!
E Anhangá te proíbe sonhar!
E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,
E não podes augúrios cantar?!
Ouve o anúncio do horrendo fantasma,
Ouve os sons do fiel maracá;
Manitôs já fugiram da Taba!
O desgraça! O ruína! O Tupá!

(III)

Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem folhas, i vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas tais monstros contém.
Traz embira dos cimos pendente
- Brenha espessa de vários cipós.
Dessas brenhas contém vossas matas,
Tais e quais, mas com folhas; é só!
Negro monstro os sustenta por baixo,
Brancas asas abrindo ao tufão,
Como um bando de cândidas garças,
Que nos ares pairando – lá vão.
Oh! Quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja ...
Esse monstro... – o que vem cá buscar?
Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!
Vem trazer-vos crueza, impiedade –
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente.
Profanar manitôs, maracás.
Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos.
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!
Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.
Vossos deuses, ó Piaga, conjura,

Susta as iras do fero Anhangá,
Manitôs já fugiram da Taba,
O desgraça! Ó ruína! Ó Tupá!

Calou-se a voz de poeta a 03 de novembro de 1864, tragado pelo mar que tanto temia no naufrágio do Ville de Boulogne. Antes, em 1862, fora anunciado seu falecimento a bordo do navio francês Grand Condé, tecendo-lhe os jornais do país extensos elogios fúnebres. Ao tomar conhecimento desses fatos, buscou desmenti-los, até ironizando-os, chegando a dizer, em carta a Teófilo Leal:

“O fato é que entre as singularidades da minha vida terei de mais a mais o prazer singular e esquisito de ler as minhas necrologias.”

Em verdade, singular e profético fora o hino composto pelo poeta em 1846, intitulado “Adeus aos meus amigos do Maranhão”.

“... a desgraça
Do naufrágio da vida há de arrojarmos
À praia tão querida, que ora deixo,
Tal parte o desterrado: um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia,
Donde tão novo se partira, e onde
Procura a fria cinza achar o jazigo.”



Machado de Assis, em crônica publicada no Diário do Rio de Janeiro escreveu, ao saber da trágica morte do poeta:

“... chegou a notícia da morte de Gonçalves Dias, o grande poeta dos Cantos e Timbiras. A poesia nacional cobre-se, portanto, de luto. Era Gonçalves dias o seu mais prezado filho, aquele que de mais louçanias a cobriu. Morreu no mar, túmulo imenso quanto sem talento. Só me resta espaço para aplaudir a ideia que vai se realizar na capital do Maranhão: a ereção de um monumento à memória do ilustre poeta. Não é um monumento para o Maranhão, é um monumento para o Brasil...”

O autor de D. Casmurro dedicaria ainda a Gonçalves Dias versos magistrais que assim terminam:

“Morto. É morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo.”

Tentarei agora, Senhoras e Senhores, traçar breve perfil de **João Braulino de Carvalho**, primeiro ocupante desta cadeira e de João Lima Sobrinho, ao qual nela sucedo.

Neste momento quero render minha homenagem a Regina de Carvalho, filha diletta do Dr. João Braulino de Carvalho, presente neste auditório.

Eu era criança quando conheci pessoalmente o médico e amigo de minha família, Dr. João Braulino, como o chamavam seus clientes. Era famoso não só por sua pericia

como cirurgião, como por sua extrema simplicidade e generosidade. Era, igualmente, um homem culto, devotado às letras e à pesquisa científica, em especial, a arqueologia.

Nasceu o Dr. João Braulino a 16 de outubro de 1884, em São Vicente de Ferrer. Seus pais, João Braulino de Carvalho e Mariana de Mattos Borges de Carvalho, lhe deram sólida formação moral e educacional. Após concluir os estudos secundários no famoso Colégio do professor Machadinho decidiu-se formar em Medicina, iniciando o curso na Bahia e concluindo-o na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1908. Ao mesmo tempo fez o curso de Farmácia. Era um excelente manipulador. Pena terem se perdido as fórmulas com que curava tosses e bronquites. Sua tese de doutorado versou sobre tumor maligno da laringe e seu tratamento.

Depois de exercer a medicina em várias casas de saúde do Rio de Janeiro, prestou concurso para médico do Exército, passando em primeiro lugar. Antes, em Mangui-nhos, já fizera o curso de Bacteriologia, que era de dois anos, em um.

Serviu na Amazônia e, por onde passou, deixou um rastro positivo. Ainda hoje existe, em Óbidos, a Santa Casa de Misericórdia que ele fundou. Era adorado pela tropa, a qual dispensava os melhores cuidados sanitários, como o uso da água filtrada pelos soldados e a vacinação. Conta-se que na expedição dele, não morreu ninguém.

Participou da Comissão de Limites instituída pelo Ministério das Relações Exteriores e que visava à demarcação dos limites do Brasil com o Peru, a Venezuela e a Guiana Inglesa.

De volta ao Maranhão, elegeu-se, em 1934, deputado estadual pelo Partido Cristão, cedo se desencantando com a política, avesso a certas injunções que não condiziam com a retidão de seu espírito. Como médico, chefiou, por longo tempo, (vinte e nove anos!) uma enfermaria para atendimento dos pacientes pobres na Santa Casa de Misericórdia – e os atendia todos os dias, inclusive procedendo pessoalmente às intervenções cirúrgicas de que necessitassem (esse testemunho deu-me meu irmão, João Damasceno Figueiredo, médico que teve a dita de trabalhar com o Dr. João Braulino de Carvalho). Era um homem bom, na exata acepção da palavra.

Dentro dessa linha fundou a Cruz Vermelha do Maranhão, instalando um ambulatório no Colégio São Vicente, no João Paulo. Logo a seguir iniciaria a construção do prédio do Hospital da Cruz Vermelha, conseguindo as verbas indispensáveis com o auxílio da bancada federal do Maranhão, notadamente dos deputados, também médicos, Afonso Matos e Clodomir Millet. Lamentavelmente, o Dr. João Braulino faleceu em 1965, antes da inauguração do seu hospital, que levaria o nome de outro ilustre médico conterrâneo, o Dr. Djalma Marques. Foi o primeiro hospital com rampas no Maranhão.

E tem mais: João Braulino de Carvalho figura entre os fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, ao juntar-se ao grupo inicial liderado por Antonio Lopes (auditor da ideia), tendo participado da sessão magna de instalação, realizada a 02 de dezembro de 1925, no salão da Câmara Municipal de São Luis. No primeiro número da Revista deste Instituto, vindo a lume em 1926, já figurava um trabalho de

pesquisa de sua autoria, levada a efeito no Amazonas e abrangendo as tribos da região do Javary, seu território, costumes e vocabulário.

Em outro número dessa Revista publica João Braulino, em 1956, o que denominou “*Nota sobre a arqueologia de São Luís*”, em que relata o achado, nas escavações efetuadas por ele e Antonio Lopes, de urnas funerárias valiosíssimas, todas em forma de alguidares, ornamentadas por desenhos circulares “*volutas de traços finíssimos*”.

Em uma dessas urnas, junto aos restos de uma jovem índia, foi encontrado um colar de contas de vidros lapidadas de forma hexagonal, nas cores vermelha azul escuro e uma franja branca, idêntico aos fabricados em Veneza (as famosas pérolas de Veneza). Concluiu nosso pesquisador que esse colar chegou aos nossos índios através dos navegantes, que trocavam artefatos por farinha com os Nu-Aruaks, à época habitantes da ilha e excelentes agricultores de mandioca, sendo suas mulheres, exímias oleiras.

Informou ainda o Dr. João Braulino que a urna pertencente à jovem do Cutim Grande (como a denominou), teria cerca de 400 anos, na avaliação do cientista Emílio Goeldi, de Belém do Pará.

O Dr. João Braulino presidiu o Instituto Histórico e Geográfico, dotando-o de um museu arqueológico e uma biblioteca. Em sua gestão foi adquirido por doação do Governo do Estado, para sede própria do Instituto, o prédio n° 634 da Rua Osvaldo Cruz. Era governador o cel. Sebastião Archer da Silva, chamado “*notável Mecenas maranhense*”.

Ao deixar a Presidência, o Dr. João Braulino foi aclamado Presidente Honorário pelos relevantes serviços prestados à Instituição. Esse homem singular, portador de um currículo riquíssimo, foi um dos mais atuantes membros deste Instituto, tanto que na sessão comemorativa dos 21 anos de sua fundação, Antonio Lopes, discorrendo sobre a história da Instituição no período, já menciona João Braulino de Carvalho como “*um dos colaboradores mais dedicados e eficientes, pela competência e entusiasmo*”, na mesma linha de Raimundo Lopes.

João Lima Sobrinho, meu antecessor nesta cadeira, era natural de Barão de Grajaú. Segundo nos relata sua viúva, a Dra. Yerecê Porancy Araujo Lima, “*a vida de João Lima lembra o esforço de Humberto de Campos que, ainda menino, num meio rural, sem grandes estímulos, somente por sua própria iniciativa quis evoluir, solicitando de seus pais a permissão necessária para estudar em Teresina*”.

E de tal sorte se houve no curso ginasial que chegou à presidência do Diretório Estudantil, datando dessa época o gosto pelo jornalismo que o acompanharia vida afora.

Em São Luís matriculou-se no curso pré-jurídico do Liceu Maranhense, dando início à sua atividade jornalística em “O Imparcial”, então de propriedade de J. Pires, tornando-se a seguir, redator de “O Globo” fundado por Miécio Jorge, jornalista muito conceituado em nosso meio.

Posteriormente Assis Chateaubriand estenderia seu império jornalístico até o Maranhão, adquirindo os dois jornais, mantendo o nome de “O Imparcial”, nele permanecendo João Lima Sobrinho como um dos principais redatores.

Além do jornalismo, João Lima Sobrinho exerceu diversas funções de relevo, sempre com proficiência. Como professor, demonstrou altos conhecimentos das disciplinas que lecionava, impondo-se à admiração de seus alunos. Tinha especial orgulho, porém, de pertencer ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, segundo relato comovido de uma de suas filhas, Vanilma.

Registre-se que desde muito cedo João Lima Sobrinho, entusiasmado com as idéias de Plínio Salgado, filiou-se ao integralismo, ideologia que professou até o fim de sua vida, com absoluta fidelidade.

A morte o levou a 27 de junho de 1996. Benedito Buzar, um dos maiores jornalistas da atualidade, teceu-lhe extenso necrológio nas páginas do jornal em que militou por tantos anos, ressaltando sua coerência ideológica. Embora tivéssemos, ele e eu, convicções distintas, tal nunca perturbou nossa amizade e respeito mútuo. Guardo de João Lima Sobrinho a lembrança de um homem estudioso e íntegro, fidalgo de atitudes, amante da família e de sua pátria.

É a esses homens que sucedo hoje, sem portar na bagagem nada que se iguale aos seus múltiplos talentos.

Senhoras e senhores,

Não poderia concluir esta oração que - ai de mim! Já se faz tão extensa, sem correr os olhos pelo que se passa em torno de nós, bem perto de nós, e que está a exigir a atenção de quantos integram este Instituto, pelo compromisso firmado desde a sua origem.

Não falo apenas de nossa cidade, desta amada São Luis tão decantada em prosa e verso, mas negligenciada em muitos dos seus aspectos físicos e culturais; não falo apenas de nosso estado, terra abençoada pela fertilidade do solo e belezas naturais sem fim, mas em que permanecem desigualdades sociais gritantes.

Falo do momento que vive o país, da dimensão histórica do período que atravessamos, do acelerado processo de degradação de nossos costumes e nossos valores, da alienação de nossa cultura ante a imposição, a cada dia crescente, de modelos alienígenas que nada têm a ver com a alma e o coração do povo brasileiro.

Não nos é dado desconhecer que tal resulta de um trabalho esquematizado de conquista, insidiosa, porém tenaz, sob o manto de uma política neoliberal globalizante e despersonalizadora com a predominância das leis do mercado e aumentando o número de excluídos a que negado acesso aos bens da vida, inclusive destruindo o conceito de soberania.

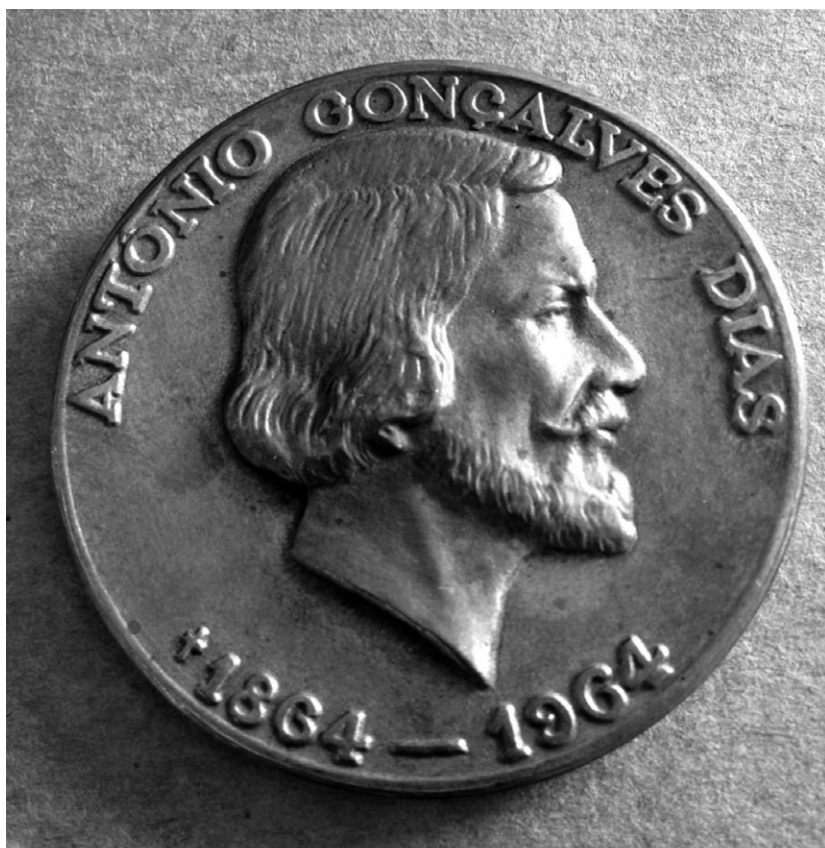
Tudo isso se reflete, inelutavelmente, em nossa gente e em nossa terra. Alguns exemplos podem ser pinçados, aqui e ali, a demonstrar quão nefasta vem sendo essa política (ou ausência de política?). Basta, no entanto, um rápido enfoque sobre a questão ambiental no Maranhão. Os fatos aí estão inquestionáveis, desafiadores. A bacia do Itapecuru grita por socorro, as matas nativas do Parque do Mirador estão sendo dizimadas a ferro e fogo. Por alguns meses do ano fica difícil pousar no aeroporto de Imperatriz, tal a fumaça das queimadas. As chamas devoram o que resta de copaíbas,

mognos, paus d'arco, angelins e outras madeiras nobres, cada vez mais escassas. Barra-se o Tocantins fazendo submergir sítios rupestres de valor inestimável para a humanidade. Degradam-se os campos da baixada, tão belos, outrora, como o pantanal mato grossense.

Por força que esse descaso com a preservação do meio ambiente está a influir na qualidade da vida atual e comprometerá, irremediavelmente, a qualidade de vida das gerações futuras. Nós, que pertencemos a uma Instituição voltada para o culto de nossas tradições, venerando o passado, temos de estudar o Maranhão do presente, buscando preservá-lo para o futuro. À ausência de estímulos oficiais de defesa de nosso patrimônio natural e cultural, cumpre-nos desenvolver nossa capacidade criadora, revitalizando os nomes tutelares de Antonio e Raimundo Lopes, de Gonçalves Dias, de Cesar Marques, de Celso Magalhães.

Há muitas bandeiras a desfraldar neste Instituto, entre elas, a da defesa do meio ambiente. Por certo as gerações vindouras nos agradecerão. E eu agradeço penhoradamente, a atenção com que me escutou a ilustre plateia e, mais uma vez, a benevolência do Senhor Presidente e dos ilustres pares ao acolher-me em seu meio. À minha querida família aqui presente e com quem reparto mais esta emoção da minha vida.

MUITO OBRIGADO!





Nasce o Imperador da Lira Americana, Gonçalves Dias

Wybson Carvalho¹

“É, pois, para todos os brasileiros, mas cabe mais, particularmente, aos filhos desta terra pugnar pelas suas glórias. Caxias, que tão dignamente figura na República das Letras, deve dar o exemplo de como se estimar os bons engenhos, de como zelar a fama própria, de como se respeitam esses grandes vultos que são o *Panteon da Posteridade...*”.

Antônio Gonçalves Dias



Há 188 anos, precisamente, em 10 de agosto de 1823, no morro da Laranjeira, num sítio denominado de Boa Vista, localizado na mata do Jatobá, distante cerca de 14 léguas da Vila de Caxias das Aldeias Altas, nascia o filho do comerciante português, João Manoel Gonçalves Dias, e da cafuza brasileira, Vicência Mendes Ferreira: Antônio Gonçalves Dias, o Imperador da Lira Americana e filho ilustre da terra de palmeiras onde canta o sabiá.

O POR QUE

A Vila de Caxias fora no século XVIII um vigoroso centro comercial, localizado entre as margens do rio Itapecuru, num período em que a navegação era o mais importante meio de circulação das riquezas e muito se beneficiou dessa circunstância.

1 **Wybson Carvalho** - Caxias, nascido em 1958. Funcionário público municipal. Exerceu vários cargos nas áreas da imprensa e cultura. Comunicólogo com habilitação em Relações Públicas e jornalista colaborador em diversos periódicos regionais. Poeta com vários livros publicados, dentre os quais: *Neófitos da Terra*, *Eu Algum*, *Iguaria Real*, *Eu Algum na Iguaria Real*, *Inferno Existencial*, *Ambiência da Alma*, *Personagem*, *Poesia Reunida e Necrópolis*; ainda inédito. O poeta está inserido, nacionalmente, na obra *Antológica Brasil 500 Anos de Poesia*. É membro fundador e presidente da Academia Caxiense de Letras - Cadeira nº 30. Foi membro dos Conselhos Estadual e Municipal de Cultura. Participou como delegado representante da sociedade civil - câmara setorial do livro, leitura e literatura - das Conferências de Cultura, nos âmbitos municipal, estadual e nacional, nos anos de 2005 e 2010, em Caxias, São Luís e Brasília, respectivamente. E-mail: bisoncarvalho@pop.com.br

Porto de entrada para o Alto Itapecuru e para a então região dos Pastos Bons, além de destino ou passagem do intenso intercâmbio mercantil a partir da Bahia até os sertões maranhenses, a Vila de Caxias foi um florescente entreposto de compra e venda de gado e de produtos agrícolas, principalmente arroz e algodão, de acentuada participação na economia do Estado na época.

A crescente prosperidade do lugar atraiu inúmeros comerciantes europeus para a Vila de Caxias, dentre os muitos: os portugueses e entre eles João Manoel Gonçalves Dias, que não figurava entre os principais negociantes, em Caxias, daquela época, mas avultava influentes capitalistas. Era solidamente estabelecido com uma casa de comércio na Rua do Cisco, junto à qual residia num sobrado com Vicência Mendes Ferreira, uma cafuza separada do marido e a quem tomava por companheira.

Precisamente, na segunda metade do ano de 1823, a forte reação contra a independência teve, na Vila de Caxias, ainda, um dos seus centros de maior ressonância. O cerco ao lugar e sua posterior capitulação custaram muito sangue derramado e revelaram tanto da parte das tropas sob o comando do Major Fidié quanto entre os que lutavam pela causa nativista, muita bravura e determinação.

É bastante compreensível que o português João Manoel Gonçalves Dias formas-se, ao lado de outros compatriotas, adeptos da continuidade do Brasil como colônia de sua pátria, Portugal. Por tal motivo, logo que se tornou vitoriosa a causa nacionalista brasileira, sobre quantos, por ação ou omissão, contribuíram para impedi-la ou retardar a adesão do Maranhão à Independência, a Junta de Delegação Extraordinária do Ceará e Piauí, consumada a capitulação, lançou multas que variavam de oito contos de réis a quatro mil réis. Alguns pagaram a quantia estipulada, houve que conseguisse redução da pena, outros obtiveram a absolvição, ao passo que uns fugiram do ônus imposto, expediente ao qual recorreu João Manoel Gonçalves Dias, multado em um conto de réis.

Deixando Caxias com Vicência, que se encontrava em adiantado estado de gestação, o português João Manoel Gonçalves Dias refugiou-se num sítio que possuía no lugar boa Vista, pertencente à data Jatobá, distante cerca de 14 léguas de onde partira.

Foi, então, no desconforto desse esconderijo que, em 10 de agosto de 1823, nasceu o menino batizado Antônio Gonçalves Dias, e a quem o destino reservara a glória de primeiro grande poeta brasileiro.



Mil Poemas Para Gonçalves Dias

Clauber Pereira Lima¹

ANA AMÉLIA SENTE SAUDADES!

Quando Gonçalves Dias viajou,
Ana Amélia não resistiu e chorou.
Sentiu saudades!
Andou e divagou pelos mares.

A saudade foi tão grande,
Que ela se recolheu por um momento,
E recolheu suas mãos num abraço em si própria relaxando toda a tensão.
Depois, partiu a correr e a gritar:
- Eu preciso encontrar a paz,
Necessito imaginar o seu retorno.

Pensando assim os dias seguem, dando voltas sem fim
E, no dia em que ele chegar
Eu vou sorrir e chorar.

Os dias passam e a noite vem,
A noite vem e os dias passam.
Ana Amélia sempre triste,
Fica a sós e não resiste;
Seus olhos estão encharcados,
Seu coração e sua vida em prantos.
Não há mais do que sorrir;
A vida parece não existir.
Mas, eis que um dia chega uma carta;
Ele não se esqueceu afinal.



¹ Clauber Pereira Lima. Pedreiras – Maranhão a 26 de dezembro de 1962. Sacerdote E Pesquisador. Licenciado em Teologia pelo CENTRO TEOLÓGICO DO MARANHÃO e Licenciado em Filosofia pela turma de 1998.2 na Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Mestrado em Antropologia Social e Cultural pela Université Catholique de Louvain Bélgica; Mestrado em Teologia pela Université Catholique de Louvain – Bélgica. Desde abril de 1999, convivência e análise antropológica de uma comunidade portuguesa açoriana no oeste do Canadá. E.mail: clauberlima@gmail.com

A alegria volta radiante,
Seu coração agora está pulsante.
A espera de qualquer notícia
Doeu como o espinho do limoeiro na cabeça da jovem cabocla.
Mas a dor passou,
O amor voltou.

Ana Amélia está feliz;
Passa os dias sem nada dizer.
Fica apenas a sentir,
A dar valor à vida, a sorrir de tudo.
Aquele que ela tanto ama
Escreveu e pensa em regressar;
Não deu prazos e nem hora.
Resta apenas contar os dias,
Um a um com alegria e acreditar que o reencontro mesmo inusitado é possível
de acontecer.

JORNADA

Na jornada de minha existência,

Neste decorrer da vida, busquei o doce frescor da fonte d'água corrente a fim de encontrar alegria e ânimo de viver; Encontrei apenas a aridez do acaso e trouxe a secura de não te ver correndo por sobre minha visão poética.

No caso de não haver te encontrado, foi melhor; porque assim, adiada está a esperança de novamente te encontrar.

Pelo menos temos o sol: aquele que dá calor, vida e esperança na enchente da amargura da vida.

Com Gonçalves Dias e Ana Amélia havia amor e ternura, mas os brios da família impediram que o amor se concretizasse. Restaram apenas pedaços da vida dela no Porto como podemos perceber no trecho desta carta:

« Verei sempre se em voltando para o Brasil posso dar uma volta pelo Maranhão.

A Amélia casou-se? Pobre moça sabe das desgraças do Porto, e dela: sei que deve ter sofrido, e muito, e enormemente se se casou por orgulho ofendido. Crês tu que se eu tivesse um milhão já o teria mandado ao Porto? Quer-me parecer às vezes que ao menos a um dos dois devia Deus alguma cousa; e sabe-o ele se lhe pedi que lhe acrescentasse a boa fortuna com a que me pudesse estar reservada; e a má de ambos ma deixasse a mim só. Agora já não há remédio: seja feita a sua vontade ». (Carta de Lisboa dirigida ao seu amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal escrita no dia 15 de maio de 1855). Nesta carta vemos a preocupação com a amada e a sua aceitação do destino que os separou. É assim que ele encara sua vida conforme cartas a amigos. Não sofre o poeta porque se conforma facilmente através de uma fé infantil, que não questiona os acontecimentos,

apenas aceita o que vem ao seu encontro. Hoje em dia já não se encontra facilmente pessoas assim e por isso o sofrimento é maior talvez. Questiona-se demais a tudo e a todos e perde-se muito tempo na tentativa de compreensão do sofrimento humano. Gonçalves Dias escreve o que sente e segue com a vida prá frente, amando os amigos, a terra que o viu nascer, a família e Deus seu Criador acreditando numa recompensa após a morte.

RETALHOS DE UMA VIDA: GONÇALVES DIAS E OLÍMPIA

Tenho no meu íntimo uma grande emoção,
Descobri sem querer que você é importante.
No meu dia a dia você está resolutamente presente;
Sei que não foi sua culpa;

Me amar não te quero obrigar
Siga o teu caminho e me deixe por cativar.
Não foi também minha culpa tentar querer o teu coração.
Por isso sejamos bons amigos, sem desculpas.

O que poderia ter acontecido conosco?
Amarmo-nos um ao outro até cair na rotina.
Não quero expô-la a isso.
Quero para ti somente uma vida a dois, em enlevos de amor eterno.

Sei que fui ousado em te querer.
Mas, segui meus impulsos
E o que fiz foi te perder.
O amor é mesmo injusto.

Para Olímpia, esposa de Gonçalves Dias, como prova de que ela ainda inspira poemas 147 anos depois da partida do ilustre poeta e para que esta inspiração perdure. Apesar da inspiração está se esvaindo o poeta resiste e sobrepuja todos os contratempos de um amor que nem ao menos teve a chance de criar se quer uma pequenina e minúscula raiz. Olímpia ficou com o seu piano e Gonçalves Dias com os seus poemas e seu destino sofredor. Tinha que ser assim e, não podemos fazer nada para mudar isso. É uma pena que tenha que ser assim.

Assim escreveu o poeta um dia:

«A sua dor é justa Olímpia; mas receio que seja demais. Não andamos neste mundo senão para que se faça a vontade de Deus. Ele nos tinha dado uma filha, e tornou a tomá-la para si. E quantos e quantas morrem sem terem provado esse amor de pai e mãe? O que ninguém nos pode tirar é a lembrança de que a possuímos, - é a consolação de que temos um anjo no céu, que vela e roga por nós» (Carta de Gonçalves Dias à esposa Olímpia escrita em Paris no dia 15 de Outubro de 1856). Nesta carta vemos o amor de um pai que é maior do que o amor do poeta pela sua

amada ou pela esposa e isto nos faz crer nos sentimentos verdadeiros. As circunstâncias não permitiram que Gonçalves Dias fosse feliz com Olímpia, mas o seu amor de pai o resgatou das amarguras de um amor incompreendido porque sempre mandava e dava beijinhos mil na sua querida filha.

GONÇALVES DIAS EM SEUS ÚLTIMOS MOMENTOS EM BUSCA DE AMOR E DE PAZ

Naquele vapor a encher-se d'água Gonçalves Dias poderia ter vivido esta emoção entre Céu e Mar:

Luz, muita luz me envolve
Esplendor e muita cor.
Sinto a tua querida presença Ana Amélia e, com isto me alegro
Vejo-te se aproximar e me entrego.

Em pensamentos vistosos me enlevo
Vagando na imensidão, e me deixo levar
Ao lugar da paz sonhada
Onde a encontro perfeita e pura.

Desperto para a realidade
Tento mudar esta fatalidade
Da vida em volta:
Guerras, peste, fome e caos social.
Tu me poderás ajudar
Dando-me forças.
Sendo assim, contribuirei para uma mudança extrema
Distribuindo amor, sossego e pão.

Pra nós será fácil.
Pelo menos tentaremos!

Enquanto isto a água leva o corpo do querido poeta romântico
Mas fica a sua lembrança
E nós os seus amigos continuaremos com passos firmes a construir o Brasil que
confere a todos as mesmas chances de educação e humanidade.

MARANHÃO, ESTOU CHEGANDO!

Cai a tarde lá no Maranhão
As folhas murcham e a noite vem.
O pôr-do-sol lá é bonito,
O sol se esconde por entre as palmeiras de babaçú.

Com o seu vermelho ele se mostra,
Até sumir.
A natureza se ressentir;
Com a sua ausência ela descansa.

Pela tardinha
Os passarinhos se agasalham,
Procurando seus ninhos em cada árvore,
Indo dormir pelo poente.

De manhãzinha a passarada
Acorda feliz e a cantar;
Correm sobreiros por sobre as nuvens,
Como se fossem caminhos no ar.

O nascer e o pôr-do-sol,
Lá no Maranhão, terra querida,
É mais belo que no Canadá;
É emocionante!
É o começar e o terminar de atividades.

No Maranhão, o tempo importa
O viver cedo inicia.
Vai-se ao curral tirar o leite;
Vai-se ao pasto levar o gado.

O trabalho é cansativo;
Não há prá onde escapar;
Ou se trabalha com toda força
Ou vai-se embora a terras outras.
Ao fim de cada dia a família se reúne;
Fala-se sobre o roçado até à hora do jantar.
Depois do mesmo, a conversa se prolonga
E ouve-se de lendas e costumes; de lobisomens e boi tatá.
Dorme-se tarde e bem cedo se acorda.

No Maranhão tem aquela paz...
Como se o mundo fosse só ali.
Não há discórdias e quando as há
Firma-se a voz e se discute.

Foi nessa terra que nasci
Nessa vivência de caboclos.
Eu vim de lá e sou caboclo
Irei pra lá quando morrer.

Nas muitas terras do Maranhão
Há muitos Rios, Riachos e Igarapés.
É gratificante banhar em suas águas;
Sentir que há vida na terra fértil.

Em minhas veias e em minha vida
O Maranhão se compenetra,
Firma-se em mim e eu não o nego
Sou filho desta terra Tupinambá.
Sinto-me bem ao tocar em seu chão;
Solto gritos e risos ao rumar pro Maranhão.
Vejo que a terra sente que a amo
E grito mais forte:
- Maranhão, estou chegando!

REFERÊNCIAS

DIAS, Antônio Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. (Org. Alexei Bueno) Rio de Janeiro-RJ: Nova Aguilar, 1998.

Poemas inéditos do autor.



Gonçalves Dias - o Sabiá do Maranhão

Marco Aurélio Baggio¹

Breve histórico

Antônio Gonçalves Dias, filho do português João Manuel Gonçalves Dias e de sua amásia, a mestiça (cafuza, para alguns autores) Vicência Mendes Ferreira, nasceu em 10 de agosto de 1823, no sítio Boa Vista, interior do sertão maranhense. Seis anos depois, o pai abandona a mãe para casar-se com uma senhora da sociedade. O menino seria levado para viver com o pai e a madrasta. João Manuel, embora ríspido e seco, gostava do filho. Tirou-o do trabalho e o pôs a estudar latim, francês e filosofia. Por influência do professor que percebeu no aluno uma excepcional inteligência, o pai decidiu levar o filho para completar os estudos na Universidade de Coimbra. Às vésperas da partida para Portugal, João Manuel falece. O filho volta para a companhia da madrasta. O destino, porém, reservava-lhe boa surpresa. Seu professor, com o auxílio do juiz de Direito da comarca e de alguns amigos ricos do pai, convencem Adelaide Ramos de Almeida a cumprir o desejo do marido e enviar o filho para Coimbra. Chegam a oferecer-se para arcar com as despesas, o que a madrasta recusou, assumindo o encargo de enviar o enteado para Portugal. Assim foi feito.

Não se sabe ao certo a data em que Gonçalves Dias chegou a Portugal, mas é certo que já lá estava em 1839. Após algumas desavenças com a madrasta, a respeito do dinheiro que lhe deveria ser mandado, muito constrangido, o poeta resolve aceitar o auxílio de colegas amigos brasileiros, que se propuseram a financiar-lhe os estudos. Naquela época, havia, na Universidade de Coimbra, três graus para os que se dedicavam aos estudos jurídicos. O de bacharel seria conferido ao final do quarto ano de estudos;

¹ **Marco Aurélio Baggio** - 69 anos, nascido em Belo Horizonte, é médico psiquiatra, formado em 1965, pela Faculdade de Medicina da UFMG. Escritor, com cerca de 30 livros publicados, É detentor de 34 insígnias e medalhas por mérito cívico. Membro da Academia Mineira de Medicina, desde 1995. Presidente Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Ex-Presidente da Arcádia de Minas Gerais. Membro da Academia Brasileira de Médicos Escritores do Rio de Janeiro. ABRAMES. Presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. SOBRAMES.

o de bacharel formado, no quinto ano, e o de doutor após a defesa de tese. Envolvendo-se em problemas de família, falta a Gonçalves Dias dinheiro para chegar ao quinto ano, ficando, assim com o título de bacharel.

Em janeiro de 1845, Gonçalves Dias embarca de volta ao Brasil, com passagem a ser paga quando aqui chegasse. Tinha 21 anos, algumas poesias e nenhum dinheiro. Vai para Caxias, sua terra de origem, onde tenta estabelecer-se como bacharel em ciências jurídicas e poeta. Devido à situação, política, no entanto, não obtém sucesso.

Mestiço, de traços grosseiros e baixa estatura, beirando 1,50 m, mas bem proporcionado, era simpático e denotava nobreza de caráter. Muito inteligente e arguto, captava o interesse de seus interlocutores.

Insatisfeito com a vida em Caxias e instado pelo amigo Alexandre Teófilo, muda-se para a capital. Em São Luís, fica hospedado na casa do ex-colega de Coimbra. Ali viveu dias de alegria e sucesso, pois seus escritos já o tornaram um autor respeitável.

É ainda este amigo que lhe consegue um emprego no Rio de Janeiro, para onde parte em 14 de junho de 1846, levando seus escritos e um pouco de dinheiro. Auxiliado pelos amigos, dá início à publicação de *Primeiros cantos*, que vem a público em 1846. Gonçalves Dias passa a frequentar a sociedade, os bailes, as festas, as reuniões literárias.

Certo dia, um amigo entrega-lhe um exemplar da *Revista Universal Lisbonense*, que traz um artigo de Alexandre Herculano, no qual ele faz uma crítica à obra do poeta brasileiro, lamentando algumas imperfeições da linguagem, do estilo e da métrica. Apesar dessa observação, Herculano, um dos maiores escritores portugueses, reconhece que “Os *Primeiros cantos* são um belo livro: são inspirações de um grande poeta”. É, pois, uma consagração. Provando que conhece profundamente a língua portuguesa, Gonçalves Dias escreve o extenso poema *Sextilhas de Frei Antão*, em que emprega largamente o português arcaico.

A sua condição de estudioso da história do Brasil dá-lhe o diploma de sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico. Nessa época, trabalha no texto *Sextilhas de Frei Antão*, que revela um novo aspecto do talento do autor. É nomeado professor adjunto de latim e secretário de um liceu em Niterói. Nesse meio tempo, continuava com efêmeros namoros. Solicita uma licença ao liceu e emprega-se como redator de debates, no *Jornal do Comércio*, para o Senado, em 1848. Em 1849, é nomeado professor de latim e história do Brasil no famoso Colégio Pedro II. Continua, porém exercendo as funções de jornalista.

Em 1848, aparecem os *Segundos Cantos*.

Em 1849, se junta com os amigos Porto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo (autor de *A moreninha*) e criam a *Guanabara*, revista científica e literária, que continuava a tradição da *Niterói* e da *Minerva Brasiliense*. Chamados os três ao Paço Imperial para serem agraciados com o hábito da Ordem da Rosa, o Imperador verificou que Gonçalves Dias não possuía nenhuma medalha, mandou incluir seu nome no final de uma lista de centenas de agraciados. Orgulhoso, o poeta recusou-se a receber a medalha, que lhe entregue, mais tarde, pelos amigos. Desliga-se da revista *Guanabara*.

Nesse tempo, Gonçalves Dias dedica-se também ao estudo dos indígenas, valorizando-os em seus poemas indianistas. Em Últimos cantos, estão seus melhores poemas indianistas: “I-juca-pirama”, quase que um poema épico, “Marabá” e “Leito de folhas verdes”, em que se destaca também um forte lirismo.

Em 1851, Gonçalves Dias vai, a serviço, às províncias da Bahia, de Alagoas, Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará. Dirige-se primeiro ao Maranhão, com o objetivo de rever os amigos, sobretudo Alexandre Teófilo. Ao rever Ana Amélia Ferreira do Vale, prima e cunhada do amigo, descobre-se apaixonado pela jovem. Escreve uma carta ao irmão da moça, solicitando-lhe pedir à mãe autorização para se casar com Ana Amélia. Embora o poeta já tivesse grande prestígio no Brasil e em Portugal e ocupasse cargos importantes, Gonçalves Dias, era, porém, mestiço. Era o suficiente para D. Lourença recusar o pedido de casamento da filha. Gonçalves Dias, demonstrando-se homem de caráter e fiel à amizade que a família da moça lhe dedicava, não aceita a proposta da jovem, que também se apaixonara por ele, para que fujam.

Apesar da decepção amorosa, Gonçalves Dias cumpre a missão que lhe foi confiada, enviando ao governo minucioso relatório sobre as condições do ensino nas províncias que visitou. Constata que quase não havia bibliotecas nas cidades que visitou. Ressalta a ausência de escolas normais e o defeito de só prepararem os rapazes para os cursos médico e jurídico, deixando de lado as ciências naturais e matemáticas. Destaca a falta de ensino para os negros escravos e os índios. Ao lado da análise da situação propunha soluções para se resolver o problema das escolas naquelas regiões.

Viajante, desbravador de um Brasil que se queria Império, Gonçalves Dias desgasta sua saúde, empreendendo insalubres viagens ao Norte do Brasil e, também, no estrangeiro. Jamais deixou de produzir versos.

Retornando ao Rio de Janeiro, Gonçalves Dias envolve-se com uma jovem que conhecera tempos atrás. Olímpia Coriolano da Costa era filha do Dr. Cláudio Luís da Costa, médico e membro da Academia de Medicina e do Instituto Histórico. Era, pois, uma família de certa importância na sociedade. Embora não estivesse apaixonado pela moça, três anos mais velha do que ele, Gonçalves Dias, deixa-se levar pela ardilosa Olímpia, com ela se casando, sem, porém, esquecer-se de seu grande amor. Em pouco tempo, a vida do casal se transforma em um inferno. O poeta, havia muito, planejava uma viagem à Europa. Deram-lhe uma licença com vencimentos integrais a fim de que visitasse alguns países e estudasse os métodos do ensino público e pesquisasse documentos relativos à história do Brasil.

Em junho de 1854, Gonçalves Dias, a mulher, já grávida, a cunhada e o sogro embarcam para a Europa, passando por Lisboa. Em seguida, vão para Paris, onde nasce Joana, doente e raquítica, para desgosto do poeta. Voltando a Lisboa, Gonçalves Dias tem um encontro inesperado com Ana Amélia, o que o deixa muito perturbado. Antes de a mulher engravidar, Gonçalves Dias tinha esperanças de poder separar-se dela, tal a situação em que se encontravam. A gravidez da mulher, porém, frustra seus planos.

Pensando que a vida no Brasil seria melhor para a saúde da filha, Gonçalves Dias providencia o embarque da família para o Rio, permanecendo em Paris. A filha contrai pneumonia e morre logo depois de chegar ao Brasil.

Apesar de ainda apaixonado por Ana Amélia, aquele mestiço de 1,50 m sabia falar bem, era um verdadeiro conquistador e aproveitou bem os quatro anos que permaneceu na Europa. Dentre as suas várias conquistas femininas, destacam-se a belga Celine, de 19 anos, as alemãs Leontina e Natália, as francesas Josephine e Eugénie N. e uma brasileira, Amélia R., que o poeta conheceu em Londres ou Paris, e com quem manteve uma longa ligação. O romance com Eugénie chegou ao conhecimento de Olímpia.

Nos quatro anos que passou na Europa, de 1854 a 1858, Gonçalves Dias cumpriu os encargos que lhe foram cometidos, viajava constantemente e visitou quase todos os países europeus. Sua produção intelectual se resumiu em publicar os *Cantos*, a primeira parte de *Os timbiras* e o *Vocabulário tupi*, tornando-se assim um consagrado escritor para o mundo nacional e o estrangeiro.

Em agosto de 1858, Gonçalves Dias embarca em Southampton, chegando ao Rio em setembro. Logo, vislumbrando a possibilidade de afastar-se da mulher, se junta aos membros de uma desastrosa Comissão Científica, que iria ao norte do Brasil com variadas tarefas de estudos. Ao poeta, incumbia estudar os índios, a sua cultura, seus aspectos físico, moral e social.

De volta ao Rio, Gonçalves Dias passa a viver separado da esposa, embora mantenha contato com a sua família. O poeta nunca teve boa saúde. Além das dores de dentes, que ele atribuía aos charutos, os médicos identificaram a sífilis. Teve febre amarela e malária.

Em abril de 1862, de volta ao Maranhão, parou em Recife, onde procurou um médico, que lhe aconselhou procurar o clima ameno da Europa. Olímpia, sabendo da decisão do marido, de ir para a Europa, vai encontrá-lo em Recife. Lá chegando, verifica que o poeta, apesar de doente e quase sem dinheiro, já havia partido.

Quando o navio em que partira chega a Marselha, verificam que havia um passageiro morto. Como a pessoa que embarcara doente era Gonçalves Dias, por um equívoco, chega ao Brasil a notícia da morte do poeta. D. Pedro II, que presidia a sessão no Instituto Histórico, ao receber a triste novidade, propõe a suspensão dos trabalhos em homenagem ao ilustre consócio. Muitas cerimônias são realizadas na corte e nas províncias, lamentando a morte do maior poeta do Brasil. A notícia só seria desmentida pelo próprio Gonçalves Dias cerca de dois meses depois. O governo decide dar-lhe uma ajuda de custo.

Cada vez mais doente, Gonçalves Dias percorre várias cidades da Europa em busca de cura para várias doenças: laringite, reumatismo, dores na garganta (um especialista lhe amputa a campainha), inflamação crônica do fígado, “desordem” nos pulmões, “perturbações no coração”. Do Brasil, os amigos, preocupados com sua saúde e a situação pecuniária, conseguem-lhe um trabalho na comissão de pesquisa de docu-

mentos históricos em Lisboa. Sua saúde, no entanto, piora. Sofre crises de angina, fica sem voz. Vai-se tratar em Aix-les-Bains, na França. Ali, recebe a notícia de que José Bonifácio, o Moço, ministro do Império, havia-o dispensado da comissão. Supõe-se que o ministro, admirador do poeta, tenha atendido ao pedido de Olímpia, que queria o marido de volta ao Brasil, a fim de se tratar.

No Rio, os amigos tentam restabelecer a gratificação que o governo lhe havia dado como membro da Comissão Científica. Conseguem pouco. O próprio Imperador contribui com algum recurso. Temendo a proximidade do rigoroso inverno europeu, Gonçalves Dias decide retornar ao Brasil, partindo do Havre. Tão doente estava que Vasconcelos Drumond, ex-ministro do Brasil em Roma e em Lisboa, há alguns anos residindo em Paris, e a esposa resolvem acompanhar o poeta até o porto do Havre, recomendando ao comandante que dispensasse cuidados especiais àquele passageiro. Aliás, o *Ville de Boulogne* era um pequeno navio, com apenas 12 tripulantes e um único passageiro: Gonçalves Dias. A viagem duraria 53 dias. Partiram no dia 10 de setembro de 1864. No dia 3 de novembro, o navio naufragou já à vista da costa do Maranhão.

Há controvérsias nos depoimentos dos membros da tripulação que se salvaram. Alguns diziam que o poeta já estaria morto quando o navio se afundava. Outros contavam que haviam visto tentando levantar-se do leito. O certo é que seu corpo jamais foi encontrado. Consta que trazia em sua bagagem muitos escritos. Também jamais foram encontrados. Assim desapareceu, aos 41 anos, o maior poeta indianista brasileiro.



O indianista romântico

O termo *romantismo* pode significar um estado de espírito em que predominam certos sentimentos, como a sensibilidade, o subjetivismo, a melancolia. Nesse caso, pode-se encontrar o romantismo desde algumas passagens da Bíblia e das mais antigas expressões humanas até os dias de hoje. Como estilo de uma época, simboliza as características comuns aos autores e artistas de um determinado período da história.

Vamos então encontrar na obra de Gonçalves Dias não só o espírito romântico individual como também as características que marcaram, no Brasil, a primeira metade do século XIX.

Conhecendo o italiano, para ler Tasso, Ariosto, Dante e Petrarca no original; traduzindo do alemão Heine e Schiller; e familiarizando-se com os franceses, sobretudo Chateaubriand, Ferdinand Denis, Lamartine, Victor Hugo, Gautier e Musset, sem contar o contato direto que tinha com os expoentes da literatura portuguesa, era natural que o poeta maranhense auferisse daqueles alguma influência que deixará transparecer em sua obra.

Alguns autores situam Gonçalves Dias no primeiro momento do romantismo brasileiro: a geração nacionalista ou indianista. Em seguida, viriam a geração do “mal-do-século”, simbolizada pelo pessimismo, pela dúvida, pela exaltação da morte, tão

bem representada por Álvares de Azevedo, e, por último, a geração condoreira, caracterizada pela poesia de cunho político-social, cujo expoente foi Castro Alves.

Influenciado pelas ideias românticas que surgiram inicialmente na Alemanha, com Schlegel e Novalis, na Inglaterra, com Walter Scott, Wordsworth e Coleridge, na França, com Madame de Staël, Chateaubriand e Rousseau, este precursor do movimento e chamado “o pai do romantismo”, Gonçalves Dias procura adaptar as novas concepções europeias a sua poesia, que viria a ser considerada por Alexandre Herculano “a verdadeira poesia nacional do Brasil”.

Poeta maior de um incipiente Brasil, Gonçalves Dias percorreu os grandes temas românticos do amor, da natureza, dos sentimentos e de Deus.

Conseguiu o poeta maranhense abranger em sua obra poética todos os aspectos do romantismo, destacando-se a poesia indianista, o nacionalismo, a influência medieval e o lirismo, presente em todas as fases desse movimento.

Conhecedor de nossa cultura indígena introduziu o mito do bom e do valoroso guerreiro selvagem, cujas raízes já despontavam em Rousseau, poematizando sua cultura, seus hábitos e sua tendência belicosa. O seu índio é, porém, um ser idealizado. Volta-se o poeta para os nossos indígenas, assim como os europeus se inspiram nos seus valorosos cavaleiros medievais. É a Idade Média a sua fonte de inspiração. No Brasil, não houve uma Idade Medieval, que pudesse inspirar o poeta. O índio revela-se então um cavaleiro medieval, com não só com físicos, mas também com caráter e moral semelhantes aos de Ivanhoé, dos cavaleiros da Távola Redonda e de outros que ilustram a poesia e os romances do Velho Mundo.

A primeira metade do século XIX é também uma época de valorização e de autoafirmação de uma nação que se inicia. D. Pedro I, em 1822, realiza a aspiração de um povo que, desde 1808, vinha tentando assumir características próprias. Gonçalves Dias, conhecedor desse momento histórico, retrata-o também em sua poesia. O índio é o elemento nacional que deve ser valorizado e aclamado como o herói brasileiro, tal como aqueles heróis europeus que lutaram para a formação da nacionalidade de seus países. Busca-se assim o passado histórico, desenvolvendo-se o sentimento de nacionalismo e a exaltação da natureza.

Não é Gonçalves Dias o primeiro a tratar do índio brasileiro. Pero Vaz Caminha, em sua correspondência ao rei português, já faz referências às belas indígenas. É, porém, o poeta maranhense, o primeiro a dar vida e características próprias ao índio brasileiro. Sua poesia indianista é a mais importante da literatura brasileira.

Gonçalves Dias nasceu com estro para a poesia, poematizando o índio e sua cultura guerreira. Rapsodo firmou o tipo do homem-brasileiro-índio com autoridade. Cultuando o aborígene da terra brasileira como o bom selvagem, assinalou a sua avidez pela guerra e sua cultura de morte. As tribos viviam em guerra permanente por instinto, em um infinito território.

Retardatário de um contato com as remanescentes tribos indígenas brasileiras, conhecedor dos hábitos, costumes, adereços e rituais, descreve a natureza natural de

nossos indígenas, funcionando pela lógica de imanência da honra e da glória na guerreira matança de seus inimigos semelhantes.

Na poesia indianista de Gonçalves Dias, encontram-se também elementos nacionalistas e líricos. É no indianismo que esse poeta atinge o ápice de sua obra. Comparado ao índio de José de Alencar, o de Gonçalves Dias é mais próximo da realidade. Dentre as poesias indianistas, destacam-se “O canto do guerreiro”, “O canto do piaga” (piaga = pajé), em *Primeiros cantos*; “I-juca-pirama”, “Leito de folhas verdes”, “Marabá”, “A canção do tamoio”, em *Últimos cantos*; “Tabira”, em *Segundos cantos*; e o longo poema de características épicas *Os timbiras*, que restou inacabado.

Conhecedor do ritmo e da cadência dos tambores nas cerimônias indígenas, Gonçalves Dias transfere para seus versos a melodia típica das marchas de combate e do rufar dos tambores aborígenes. Tal feito ele o consegue conferindo a sua poesia a musicalidade típica dos cerimoniais indígenas, da preparação para a guerra, dos rituais de sacrifícios dos inimigos. Para tanto, utiliza-se dos recursos da métrica, que tão bem conhecia, fato embora negado por Herculano, da utilização da redondilha maior, da redondilha menor, do hendecassílabo. Preferia, porém, a redondilha maior e o decassílabo, alternando neste as pausas na quarta e décima sílabas e na sexta e décima sílabas, conforme o seu objetivo naquele poema. A recorrência dos ritmos de marcha e de combate na poesia indianista de Gonçalves é um dos traços marcantes de sua poesia.

“I-Juca-Pirama” (*aquele que deve ritualmente morrer, o que é digno de ser morto*) é um poemeto, em parte narrativo, em que se destacam os valores morais do índio brasileiro, a sua lealdade e confiança no adversário. Trata da história de um velho guerreiro que amaldiçoa o filho, pensando que ele havia transgredido as normas de sua tribo. A elasticidade dos ritmos vem cadenciando por toda a narração. É um dos cumes da poética brasileira. Aprisionado pelos inimigos, os valentes timbiras, que já se preparam para sacrificá-lo, ao valente guerreiro tupi é dada a oportunidade de dizer quem é. Conta ele a sua história, que comove os inimigos.

“Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi;
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci.
Guerreiros, descendo
da tribo Tupi”.

Ao terminar, pede-lhes que o soltem para que possa salvar o velho e cego pai, e depois voltará para morrer, conforme os rituais timbiras. Assim lhe é concedido tal favor. O pai, vendo o filho de volta, acredita ter ele se humilhado perante a morte:

“Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és. [...]”.

Ao final, esclarecidas e provadas as palavras do jovem guerreiro, prevalecem a coragem e a honra do índio tupi, que é aclamado como herói e amigo da tribo timbira.

Nas entrelinhas, sem querer certamente, Gonçalves Dias, desmitifica para nós, assassinos de outras estirpes, a natureza assassina de nossos bons silvícolas. A natureza humana tem sido a mesma em toda parte. Lá e então. Como aqui agora. Somente a cultura apolínea é nossa frágil barreira capaz de deter, em parte, a sanha assassina do homem. Silvícola, primitivo, moderno, urbano, civilizado. Sempre em nome da uma honra, de uma glória, de um deus ou de uma mística imanente qualquer. No selvagem brasileiro, predominam os valores morais, idealizados por influência europeia.

Em “Leito de folhas verdes” e “Marabá”, apesar poemas indianistas, predominam o sofrimento amoroso, o lirismo e a delicadeza do sentimento feminino.

“Leito de folhas verdes” mostra a tristeza da jovem indígena que prepara o leito de noivado e espera em vão o amado:

*Por que tardas, Jatir, que tanto a custo
À voz do meu amor move teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.
[...]
Não me escutas, Jatir! nem tardo acodes
À voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupã! lá rompe o sol! do leito inútil
A brisa da manhã sacuda as folhas!*



“Marabá”, que significa “mestiça”, traduz os sentimentos da jovem índia que se vê rejeitada pelos guerreiros de sua tribo, por possuir traços europeus: pele clara, cabelos louros, olhos azuis. A índia se pergunta:

*Eu vivo sozinha, ninguém me procura!
Acaso feitura
Não sou de Tupã?
Se algum dentre os homens de mim não se esconde:
– “Tu és”, me responde,
“Tu és Marabá!”.*

Ao final, conforma-se a jovem:

*Jamais um guerreiro da minha arasoia
Me desprenderá:
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!*

Na poesia de Gonçalves Dias, são inúmeros os termos indígenas que ele utilizou. O piaga ou pajé era, ao mesmo tempo, o feiticeiro, o médico, o sacerdote, o adivinho. Em “O canto do piaga”, há uma espécie de premonição do que aconteceria com as

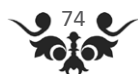
tribos indígenas. Embora na primeira metade do século XIX, ainda houvesse um grande número de índios, seriam eles, aos poucos, exterminados pelos brancos. Gonçalves Dias já tinha esse conhecimento. É o que prevê o piaga em seu canto, alertando seus guerreiros:

Ó guerreiros da Taba sagrada
Ó guerreiros da Tribo Tupi
Falam Deuses nos cantos do Piaga
Ó guerreiros, meus cantos ouvi.

Referindo-se àqueles que chegariam para escravizar e mesmo dizimar os índios, diz o velho Piaga:

*Vem trazer-vos crueza, impiedade –
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracá.*

*Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão-de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!*



O mesmo tema é retomado em “Deprecação”: é a invocação a Tupã para que os proteja dos brancos:

*Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.*

Das mais conhecidas e populares poesias indianistas é a “Canção do tamoió”, um hino ao valor humano. O velho guerreiro tamoió dá conselhos ao filho, valorizando sempre a coragem, a lealdade, instando-o a não fugir do combate, pois este só pode exaltar os bravos. No poema, predominam o ritmo, a melodia, a métrica, a redondilha menor ou versos de cinco sílabas, e as rimas. Tal estrutura métrica confere ao poema grande musicalidade.

*Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os forte, os bravos,
Só pode exaltar.*

[...]
As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.

A poesia lírica

A lírica de Gonçalves Dias expressa a harmonia entre o relato (conteúdo) e a construção do poema.

Introvertido, de origem humilde, o poeta maranhense manifesta as vacilações e as incongruências comuns às vicissitudes sentimentais, vencido pelos obstáculos que se interpolam, mergulhando na dor estendida da infelicidade.

Viveu em constante estado de irrealização amorosa, deixando seu Eu cair numa melancolia decorrente do desencanto existencial. Deixa transparecer em vários poemas a frustrada paixão pela jovem Ana Amélia. Compôs inúmeros poemas em que ressaltam o amor e o sentimento de rejeição.

Em “Minha vida e meus amores”, o poeta expressa um projeto de vida:

*Dá, meu Deus, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão;
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meu coração.*



Conhecedor da natureza e homem de seu tempo, Gonçalves Dias sofreu a dor dos amores impossíveis, jamais processados em luto. Sua vida foi uma delongada despedida da mulher amada, postada como “deusa perenal” em seu imaginário. Isso deu ensejo e inspiração a que produzisse poesias/poemas de amor de alta qualidade.

O poeta maranhense tem como inspiração mais direta em sua poesia lírica os modelos portugueses que encontra sobretudo em Almeida Garrett – “Menina e moça”, “Sofrimento”, “Ainda uma vez – Adeus!”, “Se se morre de amor”. Em “Não me deixes”, estabelece uma interessante relação entre a mulher e a flor, personificando a natureza em decassílabos alternados com versos de seis sílabas, expressando sentimentos que conferem ao poema um tom popular.

Debruçada nas águas dum regato

*A flor dizia em vão
À corrente, onde bela se mirava...
“Ai, não me deixes, não!”*

*Comigo ficas ou leva-me contigo
Dos mares à amplidão;
Límpido ou turvo, te amarei constante;
Mas não me deixes, não!”.*

Em “Olhos verdes”, além da influência camoniana, há uma inspiração medieval, tão cara aos românticos. Nesse poema, são claras as fontes populares que o poeta sempre cultivou. A descrição dos olhos verdes deixa transparecer o “eu lírico” em sua plenitude, a paixão e o sentimento de frustração, e, mais uma vez o poeta se utiliza da natureza como elemento de comparação da mulher amada:

*São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
[...]*

*Dizei vós: Triste do bardo!
Deixou-se de amor finar!
Viu uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da cor do mar:
Eram verdes sem esp’rança,
Davam amor sem amar!
Dizei-o vós, meus amigos,
Que ai de mi!
Não pertenço mais à vida
Depois que os vi!*



A influência das cantigas medievais se mostra também em “O trovador”, mais precisamente da cantiga de amor, em que o poeta ou trovador conta a sua frustração amorosa:

*Numa terra antigamente
Existia um Trovador
Na Lira sua inocente
Só cantava o amor.*

Românticos são aqueles homens que se comprazem de, ao viver, dar de beber à dor. Como é bom o doer de velhas penas/decepções. Gonçalves Dias se manteve exilado do desfrute gozoso do amor anelado.

Um laivo, um ranço de melancolia tornou-se a tônica de sua poética, sempre roçando às fimbrias da vestimenta do amor tão identificado, tão disponível à mão, e tão cuidadosamente evitado, para manter a sede e a volúpia no âmbito do impossível e do fracasso.

Para o romântico Gonçalves Dias, o viver é um contínuo penar de dores, de culpas e de males docemente amortizáveis pelo imago da mulher amada, postada existente, mas interdita por acerba censura do próprio romântico.

Romântico, Gonçalves Dias colocou no amor todo anseio de realização pessoal, numa escansão de paixões defraudadas pela realidade.

O amor pela mulher desejada é para o poeta romântico tema para o dolorimento, a decepção.

O sensível poeta é alguém que pensa com o coração. Esse enlevo d'alma merencório comparece, belo e veraz, na “Espera!”.

*Quem há no mundo que aflições não passe,
Que dores não suporte?
Mais ou menos d'angústias cabe a todos
A todos cabe a morte.*

Não passam despercebidos ao poeta maranhense os problemas sociais da época, como a escravidão. É o que revela em “A escrava”:

*Oh! Doce país de Congo,
Doces terras d'além-mar!
Oh! dias de sol formoso!
Oh! noites d'almo luar!
[...]
Sofreu tormentos, porque tinha um peito,
Qu'inda sentia;
Mísera escrava! no sofrer cruento,
Congo! dizia.*



O Romantismo brasileiro assumiu um aspecto claramente político e social. Arte e sociedade se uniram, acompanhando o movimento de independência nacional, buscando as características próprias da terra e procurando afastar-se do reino português. Portugal representava a opressão, a exploração econômica e o conservadorismo. É verdade que os jovens burgueses iam instruir-se nas Faculdades de Coimbra e de Lisboa, mas ao voltarem ao Brasil, deixavam-se impregnar-se pelos ideais de independência e de democracia. Tais ideias transparecem nas obras românticas brasileiras. A fundação do Instituto Histórico e Geográfico, em 1838, e a publicação de obras de história assinalam o início de importantes atividades de valorização da temática nacional.

É, portanto, a partir do Romantismo, que se inicia uma literatura tipicamente brasileira, embora ainda apresente alguma influência lusa.

O nacionalismo de Gonçalves Dias transparece em vários de seus poemas, seja ao tratar do índio, seja ao lembrar os escravos e os pobres, mas é com a “Canção do exílio” que o poeta mais se destaca. Poesia que abre os *Primeiros cantos*, “Canção do exílio” traz epígrafes de dois grandes românticos: o francês Chateaubriand e o alemão Goethe.

A mais conhecida poesia do romantismo brasileiro, e também, provavelmente, a mais acerbamente criticada pelos modernistas, é uma poesia que aparenta simplicidade de palavras, ausência de adjetivos, métrica regular e singela, como se pode observar:

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá:
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
[...]
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os prazeres
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o Sabiá.*

Quanto ao aspecto formal, o poema possui versos de sete sílabas, ou seja, em redondilha maior, métrica bastante empregada. Os versos são de grande musicalidade. O conteúdo traduz o sentimento da nacionalidade, ressaltando as palmeiras e o sabiá como alguns dos elementos caracterizadores da brasilidade. A oposição constante entre os advérbios “cá” e “lá” dão a dimensão da nostalgia e da distância do poeta de sua pátria querida.

Motivo de inspiração, ou, pode-se dizer de intertextualidade, ou ainda, de crítica para os modernistas, ávidos de se afastarem de todo o passado cultural, de tudo que tivesse alguma relação com a Europa, e o Romantismo brasileiro, apesar de despertar a nacionalidade, não deixou de se inspirar na Idade Média europeia, a “Canção do exílio” vai ser “recriada” por vários poetas. É de Oswald de Andrade, um dos maiores nomes do movimento modernista, o poema seguinte:

Canto de regresso à pátria

*Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá.
[...]
Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte pra São Paulo
Sem que eu veja a rua 15
E o progresso de São Paulo.*

Pode-se dizer que “Sabiá”, de Antônio Carlos Jobim e Chico Buarque de Hollanda, remete à “Canção do exílio”, pela temática, pela presença do sabiá, da palmeira, da repetição do advérbio “lá”.

*Vou voltar, sei que ainda
Vou voltar para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá, cantar uma sabiá*

*Vou voltar, sei que ainda
Vou voltar
Vou deitar à sombra de uma palmeira
Que já não há
[...]*

Não se pode negar que foi com Gonçalves Dias que o índio brasileiro passou a ser admirado e exaltado. Mais tarde, o Modernismo o retomará como um dos seus temas, mas sob outra óptica, mais real, e não idealizada. É também Oswald de Andrade quem lança a pergunta, certamente se lembrando do *Vocabulário tupi*, de Gonçalves Dias: “Tupy or not tupy, that is the question”. Mário de Andrade lança *Macunaíma*, “o herói sem nenhum caráter”, obra em que mostra o choque das culturas branca e indígenas. Os movimentos artísticos e literários da atualidade também tomam o índio como inspiração. Veja-se a letra da música de Caetano Veloso:

Um índio

*Um índio descerá de uma estrela colorida brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do hemisfério sul na América num
/claro instante
Depois de exterminada a última nação indígena
É o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas
/tecnologias
Virá
[...]*



Poeta complexo e abrangente, Gonçalves Dias cultivou todos os gêneros, do lírico, ao épico e ao dramático. Não se pode, pois, deixar de mencionar que o poeta se dedicou também à prosa – “Meditação”, “Memórias de Agapito”, “Um anjo”. No teatro, destaca-se com as peças – “Patkull”, “Beatriz Cenci”, “Leonor de Mendonça” e “Boadbil”.

De tudo, o êxito, a sizígia, o bom encontro pleno é o supremo mal, a ser criteriosamente evitado. Foi sempre preciso sangrar e sofrer dores de amores frustrados, desviando e entornando, deslocados, afetos finos para a poesia. Nela, Gonçalves Dias, realizou-se, perene e marcante. Há também algo incontestável no grande poeta maranhense: o seu indianismo tratado com originalidade peculiar.

Ondas e modismos vêm e perpassam por sobre ele, rocha basal, e Gonçalves Dias permanece e refulge como poeta maior do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, s/d.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Romantismo. 2ª ed. Vol. II Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A., 1969.
- DIAS, Antônio Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Volume único. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S. A., 1998.
- ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Ensaaios. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
- PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. 3ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Linceu, 1972.
- MARQUES, Oswaldino. *Ensaaios escolhidos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1968.
- Belo Horizonte, 10 de maio de 2012





Antonio Gonçalves Dias

Leony Muniz¹

Paguei bem caro esta momentânea celebridade, com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martírio ignorado.

Gonçalves Dias

Para entendermos a obra de um dos maiores poetas românticos brasileiros, temos que voltar aos primórdios do gênero romântico da literatura.

O Romantismo nasce na Europa com a ascensão da burguesia iniciada na Revolução Comercial e na Revolução Francesa de 1789. Surge um novo sentido de vida baseado na livre iniciativa, livre concorrência, e, sobretudo, na quebra das barreiras sociais. É o reflexo da nova ordem social estabelecida.

Surge um novo leitor, divorciado da arte neoclássica da aristocracia das cortes. Os escritores, agora livres dos mecenas, tomam consciência de que podem viver da venda das suas obras. Vitor Hugo afirmava que o “*Romantismo nada mais era que o liberalismo em literatura*”. É no final do século XVIII que o romantismo se consolida com o romance de Goethe, *Werte (que morre de amor)*. Sentimento em oposição ao racional.

A literatura romântica é pautada pelo individualismo onde são expressos os sonhos, o sofrimento e os medos. O sentimento supera a razão. Há uma exacerbação sentimental que se transforma em ações de revolta contra a acumulação de capital pós-revolução, o mundo dos negócios, a busca da ascensão social, os valores degradados da burguesia.

A natureza aparece como um conteúdo importante, humanizada até divinizada.

Da mesma forma a imaginação e a fantasia criam imagens de alegria que a sociedade não oferece. Outro aspecto importante refere-se ao passado algumas vezes histó-



¹ **Leony Nunes Muniz** - Recife - de setembro de 1935 é formada em Ciências Sociais Pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE. Aposentada do Ministério do Planejamento – SUDENE, especializou em planejamento, com cursos no país e no exterior (Argentina, Porto Rico, Estados Unidos e Japão). Dedica-se a literatura, é membro: da União Brasileira de Escritores-PE; da Academia de Letras e Artes do Nordeste do Brasil – ALANE, onde ocupa a cadeira nº 45, e exerce o cargo de secretária geral; do Conselho da OAF Organização do Auxílio Fraterno; da Associação dos ex-alunos do Japão–ANBEJ.

rico, como fundamentação da nacionalidade, e outras vezes recordações individuais da infância, ou da adolescência.

Finalmente, o Romantismo expressa uma liberdade artística, fugindo das normas e padrões da arte clássica, exteriorizando os seus sentimentos, obedecendo aos impulsos interiores.

No Brasil, da mesma forma que na Europa o romantismo surge com a independência política, após 1822. Há um novo público leitor, as instituições universitárias, a imprensa e o sentimento nacionalista surgem tendo como vetor os escritores. O sonho de contribuir para a grandeza do país, cria uma literatura que assim se revela. Surgem os elementos essenciais a essa ideologia: Indianismo, regionalismo, natureza, língua brasileira.

De início foi efetuado um movimento por alguns estudantes brasileiros na Europa com a publicação de uma revista “O Niterói” que trazia como epígrafe “*Tudo pelo Brasil e para os brasileiros*”. Destacava-se no grupo Gonçalves de Magalhães que posteriormente lançaria um livro de poemas: “Suspiros Poéticos e Saudades”. Essa obra praticamente introduziu o espírito romântico no Brasil. Contudo, tais princípios nacionalistas estavam impregnados de uma visão europeia de mundo.

Distinguem-se na poesia romântica brasileira três momentos, ou gerações, segundo apresentam visões diferenciadas do mundo. Os escritores da primeira geração (nacionalistas) estavam comprometidos com a classe dominante e fugiam da miséria das ruas, da escravidão, da pobreza, limitando-se ao idílio e à exuberância da natureza tropical. São eles Gonçalves Magalhães e Gonçalves Dias.

A segunda geração onde predomina o individualismo e a subjetividade está representada por Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire. A terceira geração por Castro Alves.

Gonçalves Dias está no panteon dos escritores do Brasil como poeta indianista da geração romântica, também lembrado como um dos maiores líricos da literatura brasileira.

O dia 10 de agosto de 1823 é o dia do seu nascimento, que acontece no sítio Boa Vista, em Jatobá, próximo a Vila de Caxias, no Maranhão, local onde o seu pai João Manuel Gonçalves Dias, português de Trás-os-Montes, refugiara-se por motivos políticos, com a sua companheira Vicência Ferreira, mestiça, natural do Maranhão.

Apesar de ser fruto de uma união não oficializada Gonçalves Dias orgulhava-se de ter o sangue das três raças brasileiras, supondo que a sua mãe seria cafuza.

Em 1825 o seu pai casa-se com outra mulher e o leva consigo. Dessa união há registro de uma filha, Joana Angélica Dias, que foi casada com Odorico Antonio de Mesquita, e de seu filho, o poeta Teófilo Dias de Mesquita.

Ainda criança, Gonçalves Dias estudou com o professor José Joaquim de Abreu e começou a trabalhar na loja do seu pai como caixeiro e escriturário. Em escola particular iniciou seus estudos de latim, francês e filosofia, com o professor Ricardo Leão Sabino, aos 12 anos de idade.

Foi mandado para Portugal a fim de concluir os estudos secundários no Colégio das Artes e, posteriormente, ingressar na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Com a morte de seu pai, em 1837, enfrentou grandes dificuldades financeiras para permanecer em Portugal, em virtude das consequências da Balaiada, movimento popular contrário ao poder e aos aristocratas rurais durante o período 1838/1841, tendo como uma das causas a miséria provocada pela crise econômica nas exportações do algodão. Com a ajuda da madrastra e de alguns amigos conseguiu bacharelar-se em 1845. Ainda em Coimbra ligou-se a um grupo de poetas, chamados “medievalistas” por Fidelino de Figueiredo, participando da *Gazeta Literária* e de *O Trovador*. Recebeu forte influência dos românticos portugueses, franceses, ingleses, espanhóis e alemães. Em 1843 escreve “Canção do exílio”, e parte dos poemas de “*Primeiros Cantos*” e de “*Segundos Cantos*” e ainda o drama *Patkull, Beatriz de Cenci* e inicia o romance biográfico “*Memórias de Agapito Goiaba*”, abandonado por citar pessoas ainda vivas. É clássico da literatura o poema “*Canção do exílio*”, que assim se inicia:

*“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.”*



“A *Canção do exílio* não é apenas o mais conhecido poema brasileiro. É o primeiro a recuperar um tom que, sem ser vulgar, é coloquial, e um arranjo sintático que, sem rebuscamento, obtém das palavras uma musicalidade quase encantatória. Ao forte sentimento de apego à terra natal devem-se alguns versos terem sido incorporados à letra do Hino Nacional e à canção dos combatentes brasileiros na Segunda Guerra Mundial.” Assim se expressa Paulo Franchetti – Brasileira - USP

Regressando ao Brasil em 1846, passa rapidamente por São Luís. Ao chegar à terra natal apaixona-se por Ana Amélia Ferreira, que será a sua eterna musa. Contudo, teve o seu pedido de casamento rejeitado pela família da jovem, em virtude da sua ascendência mestiça, preconceito muito forte naquele tempo. Ana Amélia estaria disposta a romper com a família, mas ele por excesso de escrúpulo e honradez decidiu sacrificar o seu amor e conservar a amizade com a família que lhe reservava estima e admiração. Voltou a Portugal onde recebeu uma carta de Ana Amélia, dura e amarga lamentando a sua falta de coragem de romper com tudo para desposá-la.

Tempos depois teve a notícia de que Ana Amélia havia se casado contra a vontade da família com um comerciante, homem de cor, também filho natural, que se dispôs a recorrer à justiça para torná-la sua esposa. Logo após o casamento o seu comércio faliu e o casal foi residir em Lisboa, onde passaram sérias dificuldades financeiras.

Gonçalves Dias a encontrou, por acaso, em um jardim público, onde puderam conversar. Dalí partiu abatido pela dor de ter renunciado àquela que bastaria uma palavra e estariam unidos para sempre. Nesta ocasião compôs num repente “Ainda uma vez – Adeus”, do qual extraímos:

*Adeus que eu parto, senhora!
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluça um breve Adeus!*

Volta ao Rio de Janeiro e trabalha como professor de história e latim no Colégio Pedro II, acumulando a função de jornalista no Jornal do Commercio, Gazeta Oficial, Correio da Tarde e Sentinela da Monarquia, publica crônicas, folhetins teatrais e crítica literária. Além de advogado e poeta, era também etnógrafo, jornalista e teatrólogo.

Em 1849 funda com Manuel de Araújo Porto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo, autor do primeiro romance publicado no Brasil, “A Moreninha”, a revista *Guanabara* elemento de divulgação do movimento romântico.

Por solicitação do governo do Maranhão, em 1851 inicia um estudo sobre o problema da educação pública no estado.

Em 1852 volta ao Rio de Janeiro e casa-se com Olímpia da Costa, com quem tem uma filha, morta ainda na idade infantil. Separa-se de D. Olímpia em 1856.

Nessa época é nomeado Oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, e passa os próximos quatro anos na Europa, onde realiza pesquisas sobre educação. Na Alemanha, em Leipzig, o livreiro-editor Brokhaus edita os quatro primeiros cantos do poema *Os Timbiras* e o *Dicionário da Língua Tupi*.

De regresso, em 1861, é convidado a participar da Comissão Científica de Exploração e viaja por quase todo o Brasil até 1862, indo até o Peru.

Ao consultar um médico no Recife, decide voltar à Europa para tratar-se, e segue em busca da cura nas estações de Vicky, Marienbad, Dresda, Koenigstein, Teplitz, Karlsbad, Aix-les-Bains, Allevard e Ems. Em Bruxelas sofre amputação da campinha. Não há registro sobre o tipo de mal que o afligia. Pelo procedimento efetuado em Bruxelas é de se supor problemas na garganta.

De volta ao Brasil, em 1864, viaja a bordo do navio Ville de Boulogne, que se choca com um banco de areia no baixio de Atins, nas costas do Maranhão, próximo aos Lençóis maranhenses. Todos os demais, passageiros e tripulantes se salvaram, exceto o poeta que estava passando mal em seu camarote. Seu corpo jamais foi encontrado. Tinha apenas 41 anos de idade.

Ainda hoje, quando a maré seca na baía de Cumã, podem-se ver os destroços da embarcação. Em 1940 a Marinha do Brasil construiu o Farol de Itacolomi exatamente no local onde o poeta pereceu.

A obra de Gonçalves Dias, particularmente a parte lírica dos Cantos mostra bem claro a sua natureza e o seu caráter. A sua origem, a consciência da culpa do seu amor

frustrado, a sua constante tristeza, a saúde precária, eram os principais ingredientes que nutriam a sua inspiração.

A maioria das suas obras líricas, compreendendo os *Cantos as Sextilhas*, a *Meditação*, (*Patkul*), *Beatriz Cenci* e *Leonor Mendonça* foram escritas até 1854. O drama *Leonor Mendonça* teve a sua representação proibida pelo conservatório do Rio de Janeiro, sob a alegação de ter uma linguagem incorreta. Para vingar-se e demonstrar o seu conhecimento da língua escreveu um poema “ensaio filológico”, em idioma misto de todas as épocas da evolução da língua portuguesa.

Segundo os analistas literários, sua obra enquadra-se na temática *americana*, voltando-se para o Brasil, para a paisagem brasileira, e dentro dela o índio, alijando-se da influência portuguesa. Juntamente com José de Alencar desenvolve o movimento “Indianista” escrevendo com força dramática sobre os indígenas, suas lendas e mitos, conflitos, lutas e amores. Nos poemas “*Marabá*”, “*Leito de folhas verdes*”, “*Canto do piaga*”, “*Canto do tamoió*”, “*Canto do guerreiro*” e “*I Juca- Pirama*”, este último considerado uma das obras-primas da poesia brasileira. Para Gonçalves Dias o índio é mais brasileiro do que os africanos e os europeus, porque é a essência, os primitivos donos da terra. No “*Canto do Piaga*” (piaga é o mesmo que Pagé) encontramos estes primeiros versos:

Ó Guerreiro da Taba sagrada,
Ó Guerreiros da Tribo Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.



Pode-se dizer que em *I Juca Pirama* Gonçalves Dias faz a síntese do indianismo se sobrepondo aos outros poetas do gênero, em razão do seu conhecimento da vida, dos usos e costumes dos indígenas ainda puros, não aculturados. O poema está dividido em dez partes. Na primeira ele situa e descreve o ambiente da tribo Timbiras e apresenta um guerreiro prisioneiro que não se sabe quem é. Na segunda e na terceira o julgamento e a preparação para a execução. A quarta parte é a longa e comovente defesa do prisioneiro, cujos versos são iniciados:

Meu canto de morte,
Guerreiros ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo da tribo Tupi

Na quinta parte os guerreiros da tribo Timbira o perdoam por considerá-lo covarde e o deixam partir. Na sexta e a sétima parte o Guerreiro vai ao encontro do pai, que descobre a sua prisão pelos Timbiras e estranha a atitude de perdão. Segue com filho até a tribo Timbira e lá toma conhecimento das suas fraquezas. Na oitava parte assim fala o velho pai:

*“Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres preso de vis Aimorés.*

Na nona parte o velho pai retira-se da aldeia Timbira e ouve a voz de guerra do filho que luta, sendo abatido e cai nos braços do velho pai:

*“O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
“Este sim, que é meu filho muito amado!”*

Finalmente, a décima parte é encerrada com os versos:

*“Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do môço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”*



A partir desse período, 1854, sua obra é mais erudita, provavelmente em razão da sua evolução como profissional e as suas experiências na Europa. Escreve o “*Dicionário da língua tupi*” traduz a obra de Schiller “*A noiva de Messina*”, a epopeia *Os Timbiras*.

Sobre ele assim se expressaram:

Alexandre Herculano referindo-se a “Os primeiros cantos”: “São inspiração de um grande poeta; mas deve ser muito jovem. Tem os defeitos do escrito ainda pouco amestrado pela experiência: imperfeições de língua, de metrficação, de estilo. Que importa? O tempo apagará essas máculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas deste famoso livro”.

José de Alencar: “Gonçalves Dias é o poeta nacional por excelência: ninguém lhe disputa na opulência da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos seus costumes selvagens”.

Machado de Assis após a notícia da morte de Gonçalves Dias: “A poesia nacional cobre-se, portanto, de luto. Era Gonçalves Dias o seu mais prezado filho, aquele que de mais louçania a cobriu. Morreu no mar-túmulo imenso para talento. Só me resta espaço para aplaudir a ideia que se vai realizar na capital do ilustre poeta. Não é um monumento para o Maranhão, é um monumento para o Brasil. A nação inteira deve concorrer para ele”.

Sua obra é extensa e pode ser assim resumida:

Poesia

Primeiros Cantos- 1846; Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão - 1848; Últimos Cantos - 1851; Os Timbiras - 1857; Novos Cantos acrescentados nos Cantos publicados em Leipzig – 1857.

Teatro

Patkull–1843; Beatriz Cenci–1845; Leonor de Mendonça–1847; Boabdil–1850.

Romances – todos publicados in *Oras Póstumas* em 1869

Meditação –1850; *Memórias de Agapito*-1843; *Um Anjo*-1843.

Dicionário

Dicionário da língua Tupi–1858

Etnografia e História – todos publicados in *Obras Póstumas* em 1869

O Brasil e a Oceania–1846; *História da Pátria*-1869 (título atribuído ao organizador).

As Obras Póstumas de Gonçalves Dias foram publicadas no Maranhão em 1869 pela impressora de Belarmino Matos dadas às qualidades e a disponibilidade tecnológica que nada ficava a desejar às suas concorrentes do Centro-Sul. Para José Veríssimo “Belarmino Matos teria sido o melhor impressor que já teve o Brasil”. Dentre os seus inúmeros trabalhos são citados: *Parnaso Maranhense* de João Francisco Lisboa, romances traduzidos de Victor Hugo, *Obras Póstumas* de Gonçalves Dias, 6 volumes por A. Henrique Leal, obras de Joaquim Serra, A. Franco de Sá, Francisco Sotero dos Reis, Luís Antonio Vieira da Silva, *Confidências* de Firmino Cândido de Figueiredo, Luís Miguel Quadros, José Coriolano de Souza Lima, a maioria oriundos de outros estados brasileiros.



REFERÊNCIAS

Manual de Teoria Literária – Diversos autores - Ed. Vozes

Manual de Literatura Brasileira – Sergius Gonzaga- Ed. Mercado aberto – RS

Poetas Românticos Brasileiros – Ed. Amadio Ltda – SP

O livro no Brasil : sua história – Laurence Hallowell (internet)

Wikipédia, a enciclopédia livre.

Gonçalves dias (1823-1864) – Brasiliana USP (internet)

Academia Brasileira de Letras – Gonçalves Dias (internet)

Antonio Gonçalves dias – biografia – UOL – educação

A dimensão anti-épica de Virgílio e o indianismo de Gonçalves





Gonçalves Dias o Poeta dos Séculos

Dhiogo José Caetano¹

A sua poesia é rica de sentimentos; sentimentos que se concretizam em um mosaico de emoção e aliteração.

Meu mestre você representa a incursão da arte de expressar através das letras.

Você ajuda promover este mosaico literário.

Um ser que se entrega por completo ao mundo das letras, dos sentimentos, dos saberes e das inúmeras formas de se apreender.

Um contexto construído através da dilaceração das experiências.

Diálogo transcrito, descrito na individualidade da escrivainha.

Sentimento que parte do individual e se alastra até a coletividade do ser.

Palavras que são lançadas ao léu, que pairam no tempo e tornam-se elementos, signos, estilhaços, cordéis, simulacros das vozes dos vários peomistas.

Um encontro de alma, sentimentos, emoção e literatura.

Palavras que são profundamente eternizadas na memória e na sua majestosa escritura.

Versos, poemas, poemias, poesia, boêmia e o retrato da expressão verbalizada em suas palavras.

O profundo desejo de escrever e alimentar o eu poético.

A fórmula de construir um mundo ativo que interage, emociona, ensina e influência no outrem.

Gonçalves Dias este poema simplesmente representa você e o seu papel como artista literário ao longo dos séculos.



¹ **Dhiogo José Caetano - Uruana - Goiás, Brasil. 24/11/1988** Artista revelação 2011 prêmio organizado pela Interarte juntamente com Academia de Letras de Goiás, ganhador do prêmio cultural Interarte 2012, correspondente da ACLAC, membro da AVSPE Academia Virtual Sala dos Poetas, Escritores, membro do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico do Grande ABC e Senador da FEBLACA. E-mail: dhiogocaetano@hotmail.com



Amor eterno: Ana Amélia e Gonçalves Dias

Rozalvo Barros Júnior

“Amor eterno: Ana Amélia e Gonçalves Dias”. São Luís. Início do século XX. 1904. 40 anos antes morria Gonçalves Dias. A cidade em festa para prestar uma homenagem à memória do poeta. A poesia estava em cada canto da cidade iluminada por versos amorosos e românticos.

À noite, o Teatro Arthur Azevedo abria suas portas. Uma multidão estava sendo aguardada para assistir as homenagens ao poeta. Sete da noite. Um ambiente nostálgico contagiava a todos. Declamações, recitais, apresentações faziam parte da festa.

Uma senhora anônima, aos 73 anos, chega à comemoração. Dirige-se discretamente a uma frisa. Ninguém percebe a sua presença. Tudo estava caminhando dentro do previsto. Eis que surge um fato que tiraria dela a tranquilidade e revelaria um segredo.

O grande Antônio Lobo é chamado ao palco do Teatro Arthur Azevedo. Recebe as primeiras palmas. Respira fundo. O público presente ao teatro faz uma pausa. O que poderia acontecer? Todos sabiam também de sua grande capacidade de declamação. Mas, ele iria também ficar na história. O imortal Antônio Lobo, nesse dia, conseguiria superar a sua própria genialidade.

Quando Antônio Lobo começou a falar... Não se estava mais na Terra. Era o Céu que se encontrava, por alguns minutos, na Terra. Tal o momento de grande espiritualidade, de transcendência, de comoção, de amor, ou seja, de total revelação. A emoção dominava completamente o ambiente. Não se ouvia outra voz a não a ser a dele. Era um momento maravilhoso em que a poesia se misturava com a própria existência.

De repente, um choro abafado e contido começou a ser ouvido durante a declamação de Antônio Lobo. Todos se perguntaram: o que aconteceu? A multidão procurou logo descobrir de onde estava vindo o choro. E logo descobriu.

Era Ana Amélia Ferreira do Vale, Musa Inspiradora de Gonçalves Dias. Ela não se conteve, quando Antônio Lobo começou a declamar “Ainda Uma Vez – Adeus” de Gonçalves Dias. Depois da crise de choro, ela cobriu logo o rosto. Eu, que adoro essa ligação entre Ana Amélia e Gonçalves Dias, me pergunto: O que teria passado pela

cabeça dela naquele dia? Talvez a lembrança daquele amor frustrado e romântico, mas que o tempo não apagou, não é mesmo?

Afinal, 40 anos depois da morte de Gonçalves Dias, Ana Amélia revelou que não havia esquecido o poeta, apesar de não ter demonstrado seu amor por ele no passado, naquele encontro casual com Gonçalves Dias, em Lisboa. Naquele encontro, ela o rejeitou. A declamação de “Ainda Uma Vez – Adeus” atingiu profundamente o seu coração. O amor adormecido pelo poeta foi exteriorizado pelo impacto da declamação. E o público percebeu o que se passava no íntimo de Ana Amélia. Era o amor em plenitude...

Há alguns anos, eu tive o privilégio de entrevistar o saudoso escritor e amigo, Mário Meirelles, no meu quadro de Literatura. Sempre me interessei pela bela história de amor entre Ana Amélia e Gonçalves Dias. No seu livro “Gonçalves Dias e Ana Amélia”, percebe-se que Ana Amélia, após ser rejeitada pelo poeta, casou-se por vingança e ciúme com o comerciante Domingos da Silva Porto.

Dona Lourença, mãe de Ana Amélia, não aceitou também o casamento pelos mesmos motivos que recusara o pedido de Gonçalves Dias. Resultado: a família perseguiu o comerciante que acabou falindo. Ela foi deserdada e partiu com o marido rumo a Portugal. Tiveram um filho. O marido morreu e depois ela se casou com Vitor Godinho. Moraram no Rio de Janeiro. Desse casamento, nasceu um filho.

Ana Amélia revelou em público, ao seu modo, no Teatro Arthur Azevedo, que seu amor pelo poeta Gonçalves Dias era eterno... Apenas deixaram de unir fisicamente suas almas, enriquecendo dessa forma as páginas literárias, movidas pelo conflito duradouro da paixão...

Ana Amélia e Gonçalves Dias permanecem juntos... As páginas românticas escritas pelo casal apaixonado, no Largo dos Amores, no século XIX, ganham a imortalidade porque o amor sempre vive e prevalece, ainda que o destino separe os enamorados... Uma bela história de amor que ficará para SEMPRE. Ana Amélia e Gonçalves Dias...”



O Romantismo Brasileiro Consolidado em Gonçalves Dias, o Menestrel da Prosa e Verso

Gilberto Madeira Peixoto¹

“Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá”.



Quando o poeta Antônio Gonçalves Dias escreveu estes versos em Coimbra, Portugal, em julho de 1843, dava ares de receber pressupostos transcendentais, enredado em veementes profecias que o incitaram, assim, a introduzir esta premonitória sextilha-prece arrematando o seu alegórico poema intitulado *Canção do Exílio*, que convertido em mito no decorrer dos tempos, é certamente a obra poética mais cantada e apreciada de nossa literatura, além de ser também, amplamente recriada e parodiada,

1 **Gilberto Madeira Peixoto** Médico pela UFMG 1964 (medalha de ouro); Presidente da Arcádia de Minas Gerais, (Academia de Ciências, Letras e Artes de MG, 2011-2014); Ex Presidente da Academia Mineira de Medicina (2009-2011); Ex Presidente da Associação Nacional de Medicina do Trabalho; Ex Presidente do Instituto Mineiro de História da Medicina; Membro da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES); Vice Presidente da Cruz Vermelha Brasileira, regional de MG (2010-2013); Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; Membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES); Conselheiro do Fundo Cristão da Criança (CHILD FUND INTERNATIONAL); Membro do Conselho Científico da Federação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos de MG (FEDERASANTAS); Membro da Academia Nacional de Medicina do Trabalho; Membro correspondente da Academia de Letras RIO – CIDADE MARAVILHOSA; Membro Titular da ABRAMMIL-RJ; SÓCIO HONORÍFICO DA ANELCA (ACADEMIA NEVENSE DE LETRAS CIÊNCIAS E ARTES); Membro correspondente de la Academia Paraguaya de la Historia; Participação com 26 artigos em 26 Antologias nacionais e 2 artigos em 2 Antologias na França, além de 2 capítulos de livros científicos e autor de “Alguns fatos e destaques da medicina da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará. (Séculos XVIII, XIX, e fase inicial do século XX)”, Belo Horizonte, agosto 2005; 91 condecorações entre medalhas e homenagens.

principalmente pelos poetas atuais; dois de seus versos manifestam-se ligeiramente alterados no Hino Nacional Brasileiro:

“Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida, mais amores”.

Canção do Exílio é, portanto, entre seus poemas, o que mais fez sucesso desde que foi publicado no livro de estreia (*Primeiros Cantos*, em 1847, quando tinha 24 anos).

Filho de João Manuel Gonçalves Dias, comerciante português, natural de Trás-os-Montes, que, perseguido pela paixão nativista, refugiara-se com a companheira, a mestiça Vicência Ferreira perto de Caxias, no Maranhão onde nasceu o futuro poeta, professor, crítico de história e etnólogo, em 10 de agosto de 1823.

Casado em 1825 com outra mulher, o pai levou-o consigo, proporcionou-lhe instrução e trabalho e matriculou-o no curso de latim, francês e filosofia do professor Ricardo Leão Sabino. Em 1838 Gonçalves Dias embarcaria para Portugal, para dar continuidade aos estudos, quando lhe faleceu o pai. Entretanto, a ajuda da madrastra permitiu-lhe viajar e matricular-se no curso de Direito em Coimbra. Mas a situação financeira da família tornou-se difícil em Caxias, por efeito da Balaiada, revolução feita por pobres, escravos, fugitivos e prisioneiros da região, cujo motivo era a disputa pelo controle do poder local. A madrastra rogou-lhe que retornasse, mas ele prosseguiu nos estudos graças à colaboração de colegas, diplomando-se em 1845. Filho de português e de mestiça, ele costumava dizer que ostentava as etnias formadoras do Brasil e orgulhava-se de ter no sangue essas três raças formadoras do povo brasileiro (branca, indígena e negra).

Em Coimbra, Gonçalves Dias entra em contato com a poesia romântica através de A. Herculano e A. Garrett, passando a adotá-la em sua prática.

Em Portugal além de entrar em contato com os principais escritores da primeira fase do Romantismo português, relaciona-se ainda com a rica tradição portuguesa, que aparece em sua obra teatral, todas de tema português; além disso, vinculou-se ao grupo dos poetas que Fidelino de Figueiredo chamou de “medievalistas”.

A influência portuguesa virá agregar-se a dos românticos franceses, ingleses, espanhóis e alemães.

Em 1843, inspirado na saudade da pátria, escreveu “Canção do Exílio”, um das mais conhecidas poesias da língua portuguesa.

De volta ao Brasil, iniciou a fase de intensa produção literária, assume o conceito romântico de poesia, trazendo de seu próprio sentimento, da natureza e da religião, inspiração para sua arte e principia a fase Nacionalista da poesia do qual é o maior representante do estilo Romântico: Nasce o Romantismo no Brasil nos braços da musa, a poesia.

Os poemas lírico-amorosos de Gonçalves Dias quase sempre tristes e melancólicos, também se enquadram dentro dos princípios definidos pelo ateneu literário para qual se filiou, bem como, dentro dos princípios do “mal do século” romântico que decorreria mais tarde com a segunda geração romântica. Gonçalves Dias obteve

destarte, destaque nas poesias lírico-amorosas, como parte da Primeira Geração Romântica.

Sua poesia é eminentemente autobiográfica. Admite-se que a melhor parte da lírica dos Cantos inspira-se ora na natureza, ora na religião, sobretudo em seu caráter e temperamento.

O decassílabo e a redondilha maior foram os versos que mais usou; quanto à estrofação, empregou preferencialmente quadras, sextilhas e oitavas.

Ao regressar ao Brasil em 1845, passou rapidamente pelo Maranhão, onde conheceu a menina Ana Amélia, a *leve Ana*.

Gonçalves Dias viu-a pela primeira vez, era uma menina, e o poeta, fascinado pela sua beleza e graça juvenil, escreveu para ela as poesias “Seus olhos” e “Leviana”.

SEUS OLHOS:

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrelas incertas, que as águas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Têm meiga expressão,
Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta
De noite cantando, — mais doce que a fruta
Quebrando a solidão,

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; — causando tormento,
Com beijos nos pagam a dor de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos,
Às vezes vulcão!

Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquilo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
Às vezes do céu
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da pátria melhor;
Eu amo seus olhos que choram em causa
Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão.



“Seus olhos”, poema de onze estrofes de quatro e cinco versos que se intercalam, onde podemos ressaltar particularidades das poesias lírico-amorosas desse poeta.

O título do poema “Seus Olhos” avoca a nossa atenção para o principal foco da composição: os olhos da jovem amada, que por exprimirem o espelho da alma, deixam traduzir sua sensibilidade.

O Poeta usa recursos para acrescentar afetos e dar realce ostentando a realidade do sentimento do *eu lírico*.

Nas estrofes de cinco versos há rima no segundo e no quinto, sendo estas graves (rimas entre paroxítonas) e nas estrofes de quatro versos há rima no segundo e quarto versos, sendo essas agudas (rimas entre oxítonas).

O autor usa, no decorrer de todo poema, a pausa fônica que aparece no final do verso e separa aquilo que sintática e semanticamente seria inseparável (sujeito do verbo; verbo do seu objeto); usado para dar métrica, como por exemplo, na primeira estrofe que, sintaticamente, deveria ser escrita assim: *Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros de vivo luzir são estrelas incertas que as águas dormentes do mar vão ferir*.

Nota-se também, a presença do pleonismo, repetição desnecessária de palavras (“Que a mim me parece que o ar lhes falece”). Recurso também empregado para certificar que aquilo era mesmo o que o *eu lírico* estava sentindo.

Ainda enfocando as figuras de linguagem, pode-se ressaltar o uso da elipse, como ocorre em quase todas as estrofes com o termo “seus olhos”; da ausência de conjunções de coordenação (assíndeto), dando à estrofe um ritmo mais acelerado, como no verso um (“Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros”); da gradação, ainda no mesmo verso, ostentando o calor do *eu lírico* à mulher; da metáfora, incluída no verso três, em que a menina é comparada a uma estrela, expediente habitual no Romantismo; da metonímia quando assinala a amada pelos olhos.

Exprimindo um sentimento muito intenso existente dentro dele, o autor diz da amada com muita paixão e admiração, mas assinala os olhos metaforizando toda a mulher em sua beleza e pureza, e revela o amor que o *eu lírico* sente por ela.

Observa-se na nona estrofe, a descrição da maneira como ele a vê, não precisa-mente como ela é, e o *eu lírico* apenas sente saudades de sua amada.

No Romantismo, o homem idealiza a mulher sem ao menos poder tocá-la.

Deduzimos então que Gonçalves Dias foi apaixonado por essa menina de apenas quatorze anos, chamada Ana Amélia Ferreira do Vale, por isso ele diz que ela era meiga, brincava, saltava, como uma criança em jogos infantis (estrofes três e quatro). Mas ao mesmo tempo ele tinha opiniões amadurecidas, e a via como uma mulher (estrofe cinco), às vezes serena e tranquila, outras vezes muito atraente.

Como esse amor é inexecutável para o *eu lírico*, a amada (estrofe seis) a amargura com olhares de desprezo, fazendo-o chorar!

E ele mesmo magoado e desconfortado, “cismando mil coisas”, pressente que pode ter esperanças e talvez possa ser correspondido (estrofe sete e oito).

Finalmente, nas estrofes dez e onze ele se declara decididamente para a mulher: “Eu amo esses olhos que falam de amores com tanta paixão” (estrofe onze).

Gonçalves Dias firmemente apaixonado, ainda escreveu para a menina, o poema “LEVIANA”, mas não quis dizer leviana no sentido inconveniente, mas LEVE ANA, que era a sua *musa menina*, amor inibido por valores morais e respeito à tenra idade da amada.

LEVIANA (primeira estrofe)

És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d’Abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d’anil.
(...)

O amor por ANA crescia e Gonçalves o entendia como impossível, quando teve que partir em meados de 1846; transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde morou até 1854.

Acreditou-se que vindo para o Rio, essa primeira impressão sobre a menina ANA tenha desaparecido do seu espírito.

Em 1846, compôs o drama Leonor de Mendonça que, a pretexto de ser incorreto na linguagem, foi impedido de representar pelo Conservatório do Rio de Janeiro, sabe-se que não foi encenado por recusa de João Caetano, diretor dos Teatros São Francisco e São Pedro: **“Leonor de Mendonça”** concebida obra prima do século XIX descreve a história do esposo que comete loucos desvarios ao suspeitar da lealdade da esposa; simboliza o mais valioso texto dramático do Romantismo brasileiro. Ainda criança, Leonor, filha de uma nobre família espanhola, é prometida a D. Jaime, Duque de Bragança, que aspirava tornar-se padre. O casamento deles acaba acontecendo, porém é veementemente estremecido quando um mancebo da corte de D. Jaime, Antônio Alcoforado, se torna extremamente apaixonado pela duquesa. Uma sucessão de fatalidades faz com que o duque tenha terríveis suspeitas se a sua esposa verazmente lhe é fiel; pensa tê-las confirmado ao surpreender-lhes num encontro noturno em que o jovem se despede antes de partir para a África, e dirige a narrativa para um sinistro epílogo: a ação do drama é a morte de Leonor por seu marido.

PRIMEIROS CANTOS

PRÓLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO



Dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas – debaixo de céu diverso – e sob a influência de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez – no Doiro e no Tejo – sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América. Escrevia-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena política para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano – o aspecto enfim da natureza.

Casar assim o pensamento com o sentimento – o coração com o entendimento – a ideia com a paixão – colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia – a Poesia grande e santa – a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço – ainda vão – para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento deste volume. O Público o julgará; tanto melhor se ele o despreza, porque o Autor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro-julho de 1846.
Gonçalves Dias

CANÇÃO DO EXÍLIO

(escrita em Coimbra - julho 1843)

“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.”

O poema Canção do Exílio (escrito em Coimbra, julho 1843) abre o livro *PRI-MEIROSO CANTOS* e marca a obra do autor como um dos mais conhecidos poemas da língua portuguesa no Brasil e tornou-se emblemático na cultura brasileira.

O poema é assinalado por uma parcimônia formal, uma economia de expressões e um cuidado métrico que o tornou material perfeito para declamações.

No que se refere à pátria distante, tema tão próximo do ideário do Romantismo, Gonçalves Dias explorou a dessemelhança entre a paisagem europeia e sua terra natal para estruturar o texto, sempre buscando com o olhar nuvioso de quem, longínquo e desgastado pela saudade, exalta valores não encontrados no local de *exílio*.



O poeta realiza uma viagem introspectiva a sua terra natal; ideia reforçada pelo emprego do verbo “cismar”, no nono verso.

A construção dramática é feita pela repetição do ideário descrito nos primeiros versos em contraste à súplica dos últimos .

Ora, de fato, ao analisarmos com zelo a bucólica “Canção do Exílio” do insigne bardo maranhense, pressente-se com nitidez que a derradeira estrofe evadiu-se da textura de seus outros dezoito versos anteriores, que buscam enaltecer, com ufanía as belezas naturais da terra brasileira.

Essa sextilha derradeira muda, portanto, o rumo psico-contextual do poema, inserindo inopinadamente um arremate carregado de presságio e desesperança, que poderia ser um detalhe ou um simples e natural alento da inspiração elegíaca que cingia o saudoso poeta; ou haveria algo mais a proporcionar o solo de prenúncio dessas palavras?

Gonçalves Dias, vinte e um anos após cinzelar esses versos, partiria desta, por ironia do destino ou não, sem ver realizado o seu lastimoso “pedido” e, portanto, sem poder avistar novamente, como escrevera, quando poeticamente exilado em terras portuguesas, as suas tão estimadas palmeiras da Terra dos Sabiás.

Publica então (1847) “os PRIMEIROS CANTOS”, com as “Poesias Americanas”, ambos mereceram de Alexandre Herculano artigo de enaltecimento.

No ano seguinte, em 1848, publicou os SEGUNDOS CANTOS.

Esta segunda coleção de poemas apresenta só uma composição identificada como “americana”. Em contrapartida, a outra parte é composta por um conjunto de poemas de temática portuguesa, escritos numa adequação livre da língua antiga. Prevendo que essa parte do livro certamente não será acolhida pelos coevos, que dele aspirariam uma poesia mais nacionalista, garante, no prólogo, sua intenção de “estreitar ainda mais, se for possível, as duas literaturas - Brasileira e Portuguesa, - que hão de ser duas, mas semelhantes e parecidas, como irmãs que descendem de um mesmo tronco e que trajam as mesmas vestes”.

Ainda, para conter os críticos, escreveu as Sextilhas de Frei Antão (pseudônimo), em que o claro intento de evidenciar sabedoria da língua o incitou a redigir um “ensaio filológico”, num poema redigido em idioma misto de todos os períodos por que passara a língua portuguesa até aquela data. As sextilhas de Frei Antão eram, portanto, poemas narrativos em português arcaico: “num estilo liso e fácil”, apropriado para os leitores da época.

Em 1849, *oficialmente protegido*, consegue ingressar como professor no colégio Pedro II, assumindo logo em seguida importantes missões tanto no país como fora dele, sem deixar de lado sua obra, que continua a ser publicada, lhe traz glória e consagração.

Assim, foi professor de Latim e História do Colégio Pedro II; e com Araújo Porto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo, fundou a revista “Guanabara”, que propagava o movimento romântico da época.

Ainda atuou como jornalista, contribuindo para diversos periódicos: Jornal do Commercio, Gazeta Oficial, Correio da Tarde e Sentinela da Monarquia, publicando crônicas, folhetins teatrais e crítica literária.

Em 1851, publicou os ÚLTIMOS CANTOS; encerrava assim a fase mais importante de sua poesia.

A consciência da inferioridade de origem, a saúde precária em decorrência da tuberculose, tudo lhe era motivo de amarguras.

Os críticos atribuíam as tristezas, ao infortúnio amoroso, mas olvidaram que a grande paixão do Poeta ocorreu depois da publicação dos ÚLTIMOS CANTOS em 1851.

Em 1851, partiu Gonçalves Dias para o Norte do país em missão oficial e no intuito de desposar Ana Amélia Ferreira do Vale.

Gonçalves Dias viu-a de novo, e já então a menina e moça de 46 se fizera mulher, no inteiro esplendor da sua beleza desabrochada.

O encantamento de outrora se converteu em paixão ardente, sendo correspondido com a mesma magnitude de sentimento; o poeta, dominando a timidez, pediu-a em casamento à família.

“A família da linda Don`Ana como lhe chamavam, tinha o poeta em grande estima e admiração. Mais forte, porém, do que tudo era naquele tempo no Maranhão o preconceito de raça e casta. E foi em nome desse preconceito que a família recusou o seu consentimento”, refutando veementemente aquele pedido, por sua origem bastarda e mestiça.

“Por seu lado o poeta, colocado diante das duas alternativas: renunciar ao amor ou à amizade preferiu sacrificar aquela a esta, embora levado por um excessivo escrúpulo de honradez e lealdade, que revela nos mínimos atos de sua vida”, não obstante a menina fora o grande amor de sua vida, contudo, sua mãe D. Lourença não concordou com o enlace, amargurando-o profundamente, o que o levou a escrever em Manaus, o poema: “AMAR! SE TE AMO NÃO SEI”: lindo poema onde o eu lírico, estruturado a partir de uma emoção, um ideal, delineia todas as peculiaridades de quem ama, todavia não diz que ama, pois não distingue se o que experimenta é amor:

AMAR! SE TE AMO, NÃO SEI. (Manaus - 25 de junho de 1861).

Amar! se te amo, não sei.
Oíço aí **pronunciar**
Essa palavra de modo
Que não sei o que é amar.

Se amar, é sonhar contigo,
Se é pensar, velando, em ti,
Se é ter-te n'alma presente
Todo esquecido de mim!

Se é cobiçar-te, querer-te
Como uma benção dos céus
A ti somente na terra
Como lá em cima a Deus

Se é dar a vida, o futuro,
Para dizer que te amei:
Amo; porém se te amo
Como oigo dizer, – não sei.

Sei que se um gênio bom me aparecesse
E tronos, glórias, ilusões floridas,
E os tesouros da terra me oferecesse
E as riquezas que o mar tem escondidas;

E do outro lado — a ti somente, — e o gozo
Efêmero e precário — e após a morte;
E me dissesse: “Escolhe” — oh! jubiloso,
Exclamara, senhor da minha sorte! —

“Que tesouro na terra há i que a iguale?
Quero-a mil vezes, de joelhos — sim!
Bendita a vida que tal preço vale,
E que merece de acabar assim!”



Sua vida pessoal tende a complicações, primeiro com essa recusa, pela família, do pedido de casamento a Ana Amélia, por questões de preconceito, o que o levou ao intempestivo casamento no Rio, em 1852, com Olímpia Carolina da Costa, filha de Cláudio Luís da Costa, médico e da Academia Real de Medicina e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, família de prestígio na sociedade; deixa-se então levar pela astúcia da moça que não lhe convinha, sem jamais ter esquecido seu grande amor. Essas núpcias de conveniência foram causa de sua triste infelicidade, em virtude do venenoso gênio da esposa com quem viria a ter uma filha, falecida na primeira infância, e da qual se separaria em 1856, entregando-se arduamente ao trabalho.

Partiu para Portugal. Renúncia tanto mais dolorosa e difícil por que a moça que estava resolvida a abandonar a casa paterna para fugir com ele, o reprimera dura e amargamente em carta, por não ter tido a coragem de passar por cima de tudo e de romper com todos para desposá-la!

Encontra-se arquivado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, esse Manuscrito de Gonçalves Dias, “*Se te amo, não sei!*”.

E foi em Portugal, tempos depois, que recebeu outro rude golpe: Don’Ana, por capricho e acinte à família, casara-se com um comerciante, homem também de cor como o poeta e nas mesmas condições inferiores de nascimento. A família se opusera

tenazmente ao casamento, mas desta vez o pretendente, sem medir considerações para com os parentes da noiva, recorrera à justiça, que lhe deu ganho de causa, por ser maior a moça. Um mês depois falia, partindo com a esposa para Lisboa, onde o casal chegou a passar até privações. Foi aí, em Lisboa, num jardim público, que certa vez se defrontaram o poeta e a sua amada, ambos combalidos pela dor e pela decepção de suas vidas, ele cruelmente arrependido de não ter ousado tudo, de ter renunciado àquela que com uma só palavra sua se lhe entregaria para sempre.

Desvairado pelo encontro, que lhe reabriu as feridas e agora de modo irreparável, compôs de um borbotão as estrofes de “Ainda uma vez — adeus!”, as quais, uma vez conhecidas da sua inspiradora, foram por esta, copiadas com o seu próprio sangue.

Como havia sido nomeado para a Secretaria dos Negócios Estrangeiros, permaneceu na Europa de 1854 a 1858, em missão oficial de estudos e pesquisa.

Em 1856, viajou para a Alemanha e em Leipzig, em 1857, o livreiro-editor Brockhaus editou os Cantos, os primeiros quatro cantos de *Os Timbiras*, compostos dez anos antes, e o *Dicionário da Língua Tupi*.

Voltou ao Brasil e, em 1861/62, convidado a participar da Comissão Científica de Exploração, viajou por quase todo o Norte do país, pelos rios Madeira e Negro.

Retornou ao Rio de Janeiro em 1862, com a saúde bastante abalada prosseguindo logo para a Europa, em busca de tratamento nas estações de cura em várias cidades europeias.

Em 25 de outubro de 1863, embarcara em Bordeaux para Lisboa, onde concluiu a tradução de *A noiva de Messina*, de Schiller. Retornando a Paris, passou em estações de cura em Aix-les-Bains, Allevard e Ems.

Não obtendo resultados nos tratamentos, retornou ao Brasil em 10 de setembro de 1864, embarcando no navio francês *Ville de Boulogne*, naufragado nos baixios de Atins, perto da vila de Guimarães, na Costa brasileira; salvaram-se todos, exceto o poeta que foi esquecido agonizando e se afogou perecendo em seu leito no camarote, aos 41 anos de idade, sendo a única vítima do desastre.

Assim ocorreu por esse tempo o desastre na noite lúgubre de 3 de novembro de 1864; o predestinado áugure seria vítima fatal do naufrágio do *Ville de Boulogne*, que o trazia da Europa para o Brasil, e após quase dois meses singrando os mares, imergiu ao se chocar com arrecifes nessas paragens de Atins, costa do Maranhão, a poucas milhas do final do percurso; a uma pequena distância da terra firme.

Toda a tripulação conseguiu escapar a nado do sinistro, senão o poeta que, por estar na cama em estado agonizante, foi esquecido em seu leito; tuberculoso, anêmico pelas hemoptises e muito fraco, dormia e não conseguiu se levantar, para considerar essa tragédia da qual seria o único morto; destarte, mergulhando para sempre no reino de netuno, parecia o eminente rapsodo brasileiro, seguramente sereno e venturoso e sonhando alegremente com o seu pátrio lar, o seu decantado Pindorama, a sua Terra das Palmeiras, ali tão próxima, todavia distante, encoberta pelos densos negrumes da noite que pelo céu rolavam.

Em meio aos tenebrosos escolhos das águas sombrias, sucumbira aquele que significaria o imane do Romantismo em nosso país e que, além de poeta, diplomata, historiador, etnógrafo e prosador, foi também membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro da Real Academia das Ciências de Lisboa, do Instituto Dramático de Coimbra, e da Sociedade dos Antiquários do Norte.

Não tivera Gonçalves a mesma sorte do lusitano Camões, que certa vez, naufragado nas águas litorais do Camboja lograra salvar-se e ainda, nadando a um braço só, conservar o manuscrito d'Os Lusíadas.

Não se cumpriu por ironia ou capricho a última estrofe da imortal *Canção do Exílio*: “Não permita Deus que eu morra/ Sem que eu volte para lá”; pois, quis o destino que a procelosa sina interrompesse a marcha daquele navio. Quis o místico e inclemente fado que o rogo do poeta fosse embalde.

Se por um lado **deve-se ao médico Gonçalves de Magalhães** a introdução do Romantismo no Brasil, por outro, **deve-se a Gonçalves Dias a sua consolidação**; isso porque o poeta laborou com maestria todas as peculiaridades iniciais da primeira fase do Romantismo brasileiro, produzindo obras indianistas e nacionalistas, mas também alcançou realce nas poesias lírico-amorosas.

Gonçalves Dias logrou harmonizar, em sua poesia, seu admirável alento com um forte conhecimento da língua, que perscruta ao máximo, tirando dela todos os recursos estilísticos de que dispõe. Alguns de seus poemas, lírico-amorosos, indianistas ou patrióticos, destacam-se pela admirável beleza de linguagem, quando não pela simplicidade.

O fato é que, vinculando sua inspiração com o conhecimento e a exploração dos recursos que a língua lhe oferece, Gonçalves Dias é um poeta maior, considerado mesmo, por vários críticos, o maior poeta brasileiro.

Didaticamente, sua obra pode ser dividida em lírica, medieval e nacionalista, onde se destacam “I - Juca Pirama”, “Os Tibiramas” e “Canção do Tamoio”.

Nas afirmações de Sílvio Romero, se todas as suas obras literárias, abarcando os Cantos, as Sextilhas, a Meditação e as peças de teatro (Patkul, Beatriz Cenci e Leonor de Mendonça), foram escritas até 1854, se ele tivesse falecido naquele ano, aos 31 anos, “teríamos o nosso Gonçalves Dias completo”.

O período final, em que preponderam as doudas vertentes, (favorecidos pelas comissões oficiais e as viagens à Europa), compreende o Dicionário da língua tupi, os relatórios científicos, as traduções do alemão, a epopeia “Os Timbiras”, cujos trechos iniciais, que são os melhores, datam de período anterior, e são pontos altos da poesia indianista, pois pode encontrar na temática autóctone a porta para o abasileiramento da literatura:

“No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos - cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação” ... (...)

Contudo o trecho final dessa obra-prima da poesia brasileira é muito interessante: traz conteúdo emocional e lírico, além do contexto da força dramática, ao nexo do conjunto:

*Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”.*

Sua obra poética, lírica ou épica, enquadrou-se na harmonia “americana”, isto é, de inclusão de paisagens e temas brasileiros na literatura nacional, fazendo-a volver-se para a terra natal, caracterizando assim a nossa autonomia em relação a Portugal.

Ao lado da natureza local, recorreu aos temas indígenas, o *homem americano primitivo* tomado como o protótipo de brasileiro, expandindo o movimento do “Indianismo”, com José de Alencar na ficção. Assim, os autóctones, com suas lendas e mitos, seus dramas e conflitos, suas lutas e amores, sua união com o branco, adequaram-lhe um mundo rico de acepção metafórica.

Gonçalves Dias foi o que mais valorizou o Indianismo, embora não tenha sido o primeiro a buscar nessa temática (indígena) recursos para o abasileiramento da literatura.

A obra indianista está contida nas “Poesias americanas” dos PRIMEIROS CANTOS, nos SEGUNDOS CANTOS e ÚLTIMOS CANTOS, sobretudo nos poemas “Marabá”, “Leito de folhas verdes”, “Canto do piaga”, “Canto do tamoio”, “Canto do guerreiro” e “I-Juca-Pirama”, este talvez o ponto mais elevado da poesia indianista. “É uma das obras-primas da poesia brasileira, graças ao contexto emocional e lírico, à força dramática, ao argumento, à linguagem, ao ritmo rico e variado, aos múltiplos sentimentos, à fusão do poético, do sublime, do narrativo, do diálogo, culminando na grandeza da maldição do pai ao filho que chorou na presença da morte”.

Como afirma Massud Moisés, é o “Primeiro poeta autenticamente brasileiro, na sensibilidade e temática, e das mais altas vozes de nosso lirismo” e indianismo; assim sendo, simboliza o mestiço que valoriza o nacional.

Evidencia-se pela obra lírica e indianista que Gonçalves Dias é um dos mais típicos representantes do Romantismo brasileiro e forma com José de Alencar na prosa, a dupla que conferiu caráter nacional à literatura brasileira.

Assim se manifestaram dois grandes da literatura brasileira:

“Poeta nacional por excelência: ninguém lhe disputa na opulência da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos seus costumes selvagens” (José de Alencar).

“Com a morte de Gonçalves Dias, (o grande poeta dos *Cantos* e dos *Timbiras*), a poesia nacional cobre-se de luto. Era Gonçalves Dias o seu mais prezado filho, aquele que de mais louçania a cobriu. Morreu no mar-túmulo imenso para talento. Só me resta espaço para aplaudir a idéia que se vai realizar na capital do ilustre poeta. Não é um monumento para Maranhão, é um monumento para o Brasil. A nação inteira deve concorrer para ele.

(Machado de Assis - *Diário do Rio de Janeiro*, de 9 de novembro de 1894).

Por sua importância na história da literatura brasileira, foi **Gonçalves Dias** homenageado pela Academia Brasileira de Letras como Patrono da Cadeira 15, escolha do fundador Olavo Bilac, e onde tiveram assento Carneiro Leão e Miguel Reale.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *Diário do Rio de Janeiro*. 9 de novembro de 1894.

BANDEIRA, Manuel, «A vida e a obra do poeta» in DIAS, A.G., *Poesia e Prosa completas* Org Alexei Bueno, 1998. 13-56.

BANDEIRA, Manuel, «A poética de Gonçalves Dias» in DIAS, A. G., *Poesia e Prosa completas* Org Alexei Bueno, 1998. 57-70, b.

BARROSO, Gustavo, «A morte de Gonçalves Dias», in Gonçalves Dias: conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, A Academia, 1948. 63-81.

BOSI, Alfredo. *Imagens do romantismo no Brasil*. In: Guinsburg, J. O Romantismo. São Paulo, Perspectiva, 1978.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.

BRAIT Beth. *Gonçalves Dias - Literatura Comentada* Abril Educação. São Paulo. 1982.

BRAIT Beth. *Gonçalves Dias (Literatura Comentada)*. São Paulo: Nova Cultural. 1988.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo, Martins, 1971. V.2.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira*. 10ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia. Editores, 1955.

CEREJA, William Roberto. & COCHAR, Thereza. *Literatura brasileira*. São Paulo, Atual, 2000.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 3ª ed. Volumes III e VI. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 2ª ed. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A., 1969.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

DIAS, Gonçalves. *Teatro Completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1979.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA Eleventh Edition.

MOISÉS, Massud. *A literatura através dos textos, (cópia)*. São Paulo, Cultrix, 1971.

MONTELLO, J. *Para conhecer melhor Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Block. 1973. 138

PEIXOTO, G.M. *Gonçalves Dias, o Predestinado Menestrel da Prosa e Verso do Brasil*. Revista da Arcádia

de Minas Gerais, vol. V, nov. 2009, Belo Horizonte, MG.

PENNAFORT, Onestaldo de. Notas, In Manuel Bandeira: antologia poética da fase romântica. Fonte: pt.wikipedia.org

VERÍSSIMO, José. História da Literatura Brasileira. 4ª ed. Volume 3. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

E os seguintes SITES:

- [órbita.starmedia.com](http://orbita.starmedia.com)
- www.burburinho.com
- www.algosobre.com.br
- pt.wikipedia.org/wiki/Gonçalves_Dias - pt.wikipedia.org/wiki/Canção_do_exílio
- recantodasletras.uol.com.br/trabalhosacademicos/321766
- <http://www.superdownloads.com.br/>
- <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/goncalves-dias/>

ANEXO

CÓPIA (FOTO) DO MANUSCRITO ENCONTRADO
NA BIBLIOTECA NACIONAL

Se te amo, não sei!

Amor? se te amo, não sei.
Que ali pronunciar
Que falar, é modo
Que não sei o que é amar

Se amar, é dorças antigo,
Se é paixão, velando em ti,
Se é ter te a alma presente
Toda entregue a mi?

Se é abraçar-te, querer-te
Como uma criança no céu
E te somente na terra
Como lá em cima a Mãe,

Se é dar a vida, o futuro
Para dizer que te amo
Amor, porém se te amo
Como não dizer, — não sei

Se que se um genio tem um apaixonado
E thronos, glorias, honras, fúrias,

BIBL. MAC. B. P. D. e JAN.
J. MAC. AL. de MUS.



I-Juca-Pirama na visão indianista gonçalvina

Conceição Feitosa¹

Um olhar sobre o indianismo, na literatura brasileira do século XIX, tomando-se como objeto de estudo o poema *I-Juca Pirama*, do poeta **Gonçalves Dias**. Inicia-se com uma síntese biográfica do autor, seguindo-se da contextualização da sua obra no Romantismo Brasileiro, daí partindo-se para o estudo crítico-analítico do Poema, nos moldes propostos no título deste trabalho.

Palavras-chave: indianismo, romantismo, identidade nacional.

Unrégardsur l'indianisme dans la littérature brésilienne du XIX èmesiècle, à partir dupoème *I-Juca-Pirama*dupoete Gonçalves Dias. Oncommenceavec une syntèsebiographique de l'auteur, suivie de lacontextualization de sonoeuvreauRomantismeBrésilien et de l' étude critique et analytiqueduPoème, selonletitre de cetravail.

Mots-clef: indianisme, romantisme, identité nacional.



109

Antonio Gonçalves Dias (Caxias-Ma. 10.08.1823), filho do português João Manuel Gonçalves Dias, negociante local, e da afro-indígena (cafuza) Vivência Mendes Pereira, tendo, nas suas veias, o sangue das três raças formadoras da etnia brasileira (portuguesa, indígena e africana), configurando-se, pois, num verdadeiro mestiço. Muito cedo fica distante do pai que, dirigindo-se para a capital, São Luís, mal completara o recém-nascido um mês de vida, embarca para Portugal, fixando residência em Trás-os-Montes (sua terra natal), retornando ao Brasil dois anos mais tarde (1825), dando continuidade às lides comerciais, na “princesa do sertão”, voltando a conviver com a mulher e o filho.

Do seu tempo de criança, o retrato falado daquele que viria a ser o mavioso, insuperável sabiá-cantor da “terra das palmeiras”, configura-se nestas palavras de Leal (1987, p. 11): “... um menino inquieto, vivo e travesso, que denunciava tanto atilamento, que o pai, contra os usos até então em voga, fê-lo frequentar, aos sete anos

¹ Conceição Feitosa – **São Luís**. Graduada em Letras pela UFMA, pós-graduada, em nível de Especialização, pela UEMA (Literatura Brasileira). Professora Estadual (SEEDUC), militando no Ensino Médio. Secretária Executiva da Universidade Federal do Maranhão.

(1830), a aula de primeiras letras do Professor José Joaquim de Abreu, recomendado, sobretudo, pela excelência de sua caligrafia...”

Desde pequeno, mostrou-se, o poeta, decididamente apaixonado pela leitura, e era com essa paixão que lia, aos sertanejos e viajantes, que frequentavam o comércio do seu pai (onde trabalhou como caixeiro, desde 1833), peças literárias, como a **História do Imperador Carlos Magno** e dos **Doze Pares de França**. Para alguns dos seus biógrafos e estudiosos de sua obra, G. Dias viveu mais e intensamente, que os poetas de sua época, sendo os poemas da juventude, como a **Canção do Exílio** (1843) e **Últimos Cantos** (1851), as melhores de sua safra poética.

Enviado a estudar em Portugal, logo após a morte do pai, ali chegando, entra em contato com a poesia de **Garret e Herculano** – em cuja fonte é de se ter saciado, aurrindo-lhe os influxos. Na terra de Camões, também participa de um grupo de poetas medievalistas, que compartilhavam o periódico **O trovador**. Já por essa época, vibrava, no poeta, a saudade da pátria.

Bacharelado em Direito, pela Universidade de Coimbra, em meio a sérias e inúmeras dificuldades, retorna ao Maranhão, onde conhece a bela jovem Ana Amélia Ferreira do Vale, por quem se apaixona, sendo, porém, rejeitado pela família desta, numa discriminação racial (sendo poeta mestiço e a musa branca, filha de portugueses), que o impede consumir o seu grande amor.

Já por volta de 1845, no Rio de Janeiro, contata o grupo de Magalhães, se inserido num meio social mais expressivo. Também consegue aproximar-se do Imperador e lograr, deste, apoio e proteção. De modo que publica, em 1847, os seus **Primeiros Cantos** e é nomeado professor de Latim e História do Brasil, no Colégio Pedro II, dedicando-se também, ao jornalismo.

Após a publicação dos **Primeiros Cantos**, consagra-se poeta da maior importância, ampliando e intensificando, ainda mais, a sua fama, com a publicação dos **Segundos Cantos** e das **Sextilhas de Frei Antão** (1848) **exultemos Cantos** (1851).

Ocupante da Cadeira de nº.15, da Academia Brasileira de Letras já muito debilitado, parte novamente (1862) para a Europa, em busca de cura para uma hepatite crônica (teria contraído tuberculose pulmonar). Profundamente combalido, falece, ao retornar para o Brasil (1864), como única vítima do naufrágio do navio *Ville de Boulogne* (já que os outros passageiros todos conseguiram salvar-se), nas Costas Maranhenses (Baixios dos Atins), de onde ainda pode vislumbrar as palmeiras de sua terra – onde cantam maviosos sabiás...

Dentre as suas obras, as mais importantes (na opinião da crítica abalizada), estão: **Primeiros Cantos** (1847); **Segundos Cantos** e **Sextilhas de Frei Antão** (1848); **Últimos Cantos** (1851); **Os Timbiras** (incompleto – 1857) poesia; **Dicionário de Língua Tupy** (1857); **Patkull, Beatriz Cenci e Leonor de Mendonça** (teatro).

Um dos mais (se não o mais) ilustres representantes da primeira geração romântica, cuja produção literária (em verso e/ou prosa), aqui no Brasil, caracterizou-se como indianista – tendo como elementos de referência o índio, num ideal de resgate do

passado histórico-cultural e das raízes do povo brasileiro (no entendimento dos escritores representantes dessa época). A propósito, como explica Wolf (1955, p. 53): “À oposição declarada aos antigos colonizadores e ao autoritarismo do imperador durante o Primeiro Reinado, seguiram-se rebeliões de forte coloração popular no período regencial. O povo brasileiro, embora constituído por diferentes etnias, está em busca de uma identidade como nação”.

E a busca dessa identidade leva os escritores da época ao encontro da cultura indígena, à medida que, no Brasil, no período correspondente à Idade Média, fizeram história as diversas culturas do gênero, em seu *modus vivendi*. De forma que “Os cavaleiros e os castelos europeus foram substituídos, em nossa literatura, por aborígenes e matas tropicais. A visão romântica do índio como herói da nação brasileira em formação estava longe de corresponder à marginalização na qual viviam as nações indígenas”. (Mattos, 1990, p.215)

Os maiores representantes dessa fase do Romantismo ainda são: Gonçalves de Magalhães (Suspiros poéticos e Saudade – introdutor da nova estética nas letras brasileiras) Gonçalves Dias, Araújo Porto Alegre, Sousaândrade e José de Alencar (no romance).

Das razões do Indianismo

É concebido que o indianismo é uma tendência do Romantismo brasileiro (segunda metade do século XIX), voltada para a exaltação do índio brasileiro (em sua beleza física, suas qualidades e peculiaridades do modo *sui generis* de ser e de viver). Nossos indígenas (tupis, tapuias, goitacazes, botocudos, guaianazes, dentre outros), em seus costumes e organizações ímpares, diferenciavam-se dos índios dos pampas, dos Andes, da América Central, dos tabuleiros mexicanos e dos norte-americanos. Na verdade, são esses caracteres e essas tradições que servem de base para a construção da obra de autores como Gonçalves Dias – intelectual dos mais cultos e cultor da leitura.

Vale lembrar, que o fenômeno do indianismo, na nossa literatura, tem suas raízes e origens na Europa, a partir de uma postura político-filosófico, ensejada pelos influxos e reflexos da Revolução Francesa. Com a descoberta do Novo Mundo (fins do século XV), os europeus entram em contato com as civilizações indígenas nas Américas, admirando-se com os seus sistemas de vida, muito diversos do modelo europeu... Note-se que o selvagem, na esteira do filósofo Rousseau, em sua notável e notória filosofia do *beausauvage*, é visto, à época, como naturalmente bom, herdeiro e continuador de um saudável sistema social, imbuído de simplicidade, naturalidade, verdade... Ideia que, difundida, amplamente, no Velho Mundo, ganha inúmeros adeptos no Brasil, vindo a se constituir num dos fundamentos da produção romântica da primeira fase, como que antecipando-se a um ideal nacionalista em franco surgimento.



É de se crer, pois, que as manifestações indianistas representam um importante passo, em termos de nacionalismo literário, quando da instauração dos ideais românticos aqui no Brasil. O indianismo, infere-se, é a expressão nacionalista típica e também a mais evidente no contexto desse movimento.

Decretada a Independência do País, os ideais anticolonialistas e antilusitanos intensificam-se, encontrando, na exaltação do indígena, um motivo de apego patriótico, funcionando, a imagem do índio, como um referencial, uma identidade nacional a ser resgatada e reverenciada, significando a autonomia, que o romantismo então assume, duplamente, motivado pelo espírito nacionalista e pela busca de um correspondente ao medievalismo, característico da estética em solo europeu.

O que se pode notar, em não raras obras que versam sobre a história da literatura brasileira, é que o indianismo nasce com a civilização brasileira. Com Anchieta, por exemplo, o índio merece destaque, tornando-se motivo literário. Para Coutinho, (1966, p. 51),

Aprendeu Anchieta a língua brasílica da qual organizou um vocabulário e uma gramática; escreveu diálogos a que dava o nome de comédias, bem como orações em tupi para instruir os índios.

[...]

Para civilizar o índio era preciso antes assimilar-lhe os padrões culturais; era mister “ficar sendo índio” o mais possível; regressar ao primitivo. Foi o que fez Anchieta. Se algo há de estranho é que os historiadores, que nunca negaram ser Anchieta o nosso primeiro escritor, não tenham, até hoje, feito alusão ao seu evidente indianismo.

O indianismo já transparece, também, na produção árcade, com Basílio da Gama, na obra **O Uruguai** que, como bem o diz Coutinho (1966, p. 67), baseado em motivo histórico, é uma exaltação dos portugueses e ataque aos jesuítas na luta contra os índios das Missões. Conquanto vencidos, os aborígenes, o poeta lhes celebra a intrepidez. E o que se salva no poema é justamente a parte indianista, são os trechos líricos sobre Cacambo e Lindóia. A morte desta, que se deixa picar por uma cobra, pode ser lida com emoção até hoje...

Ressalte-se que, no contexto da estética em apreço, em suas razões de ser, a visão gongalvina (como já o foi sugerido) é específica. O indianismo gongalvino é, por natureza, assim “...como seus poemas de amor, autobiográfico...” Coutinho (1966, p.72). Por seu lado, Wolf (1965, p.60) diz a respeito do autor, na temática em questão:

O seu índio dos poemas líricos ou épicos seria índio mesmo, e não índio de cartão postal. Era o índio que havia nele e era o índio que ele conheceu, desde menino, e reconheceu no Rio Negro; que ele compreendeu e defendeu.

[...]

Nenhuma influência existe do indianismo anterior, o chamado clássico (arcádico) sobre o seu; naquele, o índio é apenas acessório, ornamental; no seu, é a substância mesma dos poemas – substância poética sem a qual não se compreenderia sua obra.

[...]

A sua obra indianista está contida, como se sabe, nas “Poesias Americanas”, que já figuram, em parte, nos Primeiros Cantos e que são: “Canção do Exílio”, “O Canto do Guerreiro”, “O Canto do Piaga”, a “Deprecação”, “O Canto do Índio”. Nos Segundos Cantos figura outro poema indianista, intitulado “Tabira”. Nos Últimos Cantos se incluem “O Gigante de Pedra”, o “Leito de Folhas Verdes”, o “Juca Pirama”, “Marabá”, “Canção do Tamoio”, “A Mãe D’Água...”

Assim, é de se convir: o indianismo é uma das mais autêntica e espontâneas tendências da cultura brasileira, desempenhando grande papel na literatura da época, fortemente associada ao apelo que a natureza e a paisagem brasileiras fizeram ao espírito da arte nacional. A propósito, no dizer de Cândido (1962, p. 42):

No Romantismo, a intenção de reabilitar o indígena, como o legítimo habitante da terra conquistada, e de considerá-lo, por isso, o antepassado autêntico dos brasileiros, ao lado do interesse de exaltar a natureza americana, tornaram-se os móveis da ansiada nacionalização da literatura, em que se empenharam os escritores”.

E (ainda) no de Coutinho

Do ponto de vista doutrinário, a ideia indianista penetrou no romantismo desde os seus albores. Em 1843, o encontramos em um artigo de Joaquim Norberto na Minerva Brasiliense, “considerações gerais sobre a Literatura Brasileira”, como parte integrante de uma ideologia básica para a literatura do país. Essa promoção do índio está implícita a todo o pensamento do início do romantismo do Brasil. Os estudos de Norberto são típicos no particular, culminando no ensaio “Tendência dos Selvagens Brasileiro para a Poesia”, que seria um dos capítulos básicos da sua iniciada história literária [...] Também em Ferdinand Denis há a mesma sugestão em favor do índio como elemento característico da poesia brasileira.

[...]

A essa preocupação com o gosto indígena pela poesia, os românticos acrescentaram a exaltação mítica do índio, a sua poetização e ideologia, transformando-o em personagem e inspiração literária, em motivo lírico e novelístico.

Com a incorporação do índio à literatura brasileira, por meio da estética romântica, deu-se, de fato, e sobremaneira, a inserção de seus costumes, sua concepção de vida, seus ideais na literatura nacional, tendo, os poetas, como que penetrado, empaticamente, na **alma desse índio**, captando-lhe a essência – enquanto ideologia, a conotar com um indivíduo forte, guerreiro, puro, resistente fisicamente, leal e vingativo. Portanto, ao aludir ao índio, o poeta romântico, observa ainda Coutinho (1968, p. 93):

...não representa um observador falando de fora para dentro, analisando objetivamente o pensamento indígena, porém é com esse próprio pensamento que ele se identifica, fazendo-o seu, a sua voz tornando-se intérprete da cosmologia indígena, na crença de um paraíso “além dos Andes” para onde iriam depois de mortos os bravos que soubessem enfrentar sem medo a fria morte. Não é um indianismo de epiderme, mas de alma e coração, de crenças e idéias. Ele participa da ideolo-

gia, ele acredita nela, como se fosse sua, porque ele se identificou com o ideal de vida guerreira dos indígenas.

Nessa perspectiva, em que **o homem é feito para a guerra e não lhe cumpre trabalhar**, não importa que o escritor transfira algo de seus próprios valores à ideologia do selvagem, mas que entre em sintonia com o pensamento indígena, efetivando um resgate de suas crenças e valores próprios.

Diz-se, a propósito, que a primeira grande manifestação literária do indianismo romântico é Gonçalves Dias, com os **Poemas Americanos**, reunidos nos seus **Primeiros Cantos** (1846), considerados o ponto de partida da poesia nacional.

Por último, frise-se, a questão do indianismo favorece, também, uma abertura para as críticas que então vão surgindo, numa fase problemática, de mudanças, de subversão dos padrões sociais já **tão bem estruturados** no mundo ocidental. Como aponta Sodré (1976, p. 260), nos termos a seguir:

Os filósofos quinhentistas, impossibilitados de criticar abertamente as injustiças do tempo, por causa da severa vigilância que a Igreja e o Estado exerciam sobre toda a produção intelectual aplicada aos assuntos políticos, começaram a fazer insidiosas descrições de comunidades ideais, que viviam num verdadeiro reino de venturas, exatamente porque adotavam e praticavam instituições que eram opostas às vigentes nos países civilizados da Europa.



O Poeta Gonçalves Dias

O Romantismo brasileiro, como se sabe, começou pela poesia. Deste modo, os aspectos românticos europeus, assimilados na literatura brasileira, despertam um como que o orgulho pelo modelo brasileiro da Língua Portuguesa. “Com a poética romântica nasceu, pois, o desejo de nacionalizar as artes, a literatura em especial, pretendendo que a independência política se seguisse à independência cultural”, diz Matos (1990, p. 241)

Nesse contexto, um dos maiores expoentes é mesmo o poeta Gonçalves Dias, que deixou, em valiosa e vasta obra, uma autêntica contribuição literária, consagrando parte considerável de sua lírica aos índios, no que foi perfeito. Sua abordagem, mergulhada que é, na essência romântica, cuja temática tem como pano de fundo o **mito do bom selvagem**, de Rousseau, contempla um índio, digamos, fictício. Este notável escritor e filósofo iluminista, francês, firmou-se na premissa de que o homem, em sua inerência, é dotado de bondade e de pureza, sendo esse o seu estado natural e original, mas que, ao entrar em contato com a sociedade, esse suposto homem bom e puro vê-se corrompido pelas estruturas patológicas que sustentam as normas e os procedimentos sociais, tornando-se um **homem social** e coadunando-se às prerrogativas da realidade e do grupo em que se encontra inserido. Para ele (Rousseau) o homem **nasce bom; a sociedade**

é que o corrompe; e, se o faz, é por meio dos mecanismos de coerção social que, em última instância, remetem às bases mantenedoras *do status quo* do sistema dominante.

Gonçalves Dias, por seu turno, procurou recriar a imagem do índio, estilizando-a, a partir de um ideal de natureza, de amor e de bondade que, de forma alguma, dá a medida de sua real situação, àquela época. Situação esta a esboçar um quadro de marginalização e de abandono em que então se encontravam as tribos silvícolas no País (a propósito, veja-se que, desde a colonização, os portugueses vinham tentando impor (e estabelecer), ao índio, o trabalho escravo, em especial no que toca à extração do pau-brasil e, mais tarde, à cultura da cana-de-açúcar). Entretanto, a exploração do braço indígena no trabalho escravo, não logrou êxito, principalmente porque, como o destaca Matos (1989, p. 16):

Em primeiro lugar, porque as missões jesuíticas, encarregadas da catequese (pregação do cristianismo e dos valores da cultura europeia), ofereciam resistências à transformação do indígena em escravo. A segunda razão decorre dos lucros muito superiores obtidos pelo comércio negreiro, realizado pela burguesia mercantil. A terceira razão relaciona-se ao fato de que os indígenas brasileiros não conheciam a lavoura sedentária, isto é, sua produção agrícola não era fixa: mudavam-se para novas áreas à medida que o solo se esgotava. Ao contrário dos indígenas brasileiros, os negros africanos, em sua maioria, dominavam este tipo de lavoura e conheciam a metalurgia. Portanto, estavam mais próximos do modelo produtivo europeu do que os índios...

O fato de os negros demonstrarem-se mais aptos para o trabalho (nos moldes em que os portugueses operavam), não impediu que a mão de obra escrava silvícola fosse totalmente descartada. Por todo o período colonial, esta foi utilizada, alternativamente, nos momentos de desorganização do tráfico negreiro ou de escassez de escravos negros.

Desse modo, os índios brasileiros, tão bem descritos em sua **singela pureza** de homem primitivo, por Caminha, em sua Carta à Coroa Portuguesa, tornaram-se presa fácil do colonizador estrangeiro que, não só os explorou, em sua ingenuidade, como também os tenta educar, conforme os modos e costumes lusitanos.

E eis a circunstância em que se encontravam as populações indígenas do País, por aqueles tempos: escravizadas, ludibriadas, forçadas a abrir mão de sua cultura e de seu sistema social, que, por sua vez, era diferente do modelo europeu que, dentre outras características, baseava-se nos ditames emanados da emergente burguesia. A propósito, ainda Matos (1989, p. 37), que diz:

Enquanto a sociedade dos estados Nacionais europeus era dividida em camadas sociais, os habitantes primitivos das terras do Brasil, quando chegaram os lusitanos, viviam numa sociedade sem classes. Na sociedade indígena, a divisão do trabalho era orgânica, com base no sexo e na idade.

Aos homens cabia a derrubada da mata e a queimada [...] Era também a população masculina que caçava, pescava, fabricava arcos e flechas, instrumentos musicais, canoas e adornos, obtinha o fogo e cortava lenha, além de preparar expedições guerreiras e capturar inimigos. [...]. Às mulheres cabia a carga mais

pesada na distribuição do trabalho. Elas faziam os serviços domésticos, cuidavam das crianças pequenas, da cozinha e da alimentação, do suprimento de água e transporte de fardos. Também o artesanato era uma tarefa feminina: trançavam algodão, teciam redes, fabricavam panelas e todos os utensílios de cozinha. No campo, eram as mulheres que aravam, plantavam e colhiam.

[...]

Os indígenas não conheciam a propriedade privada da terra. Assim, a terra abandonada por uma tribo podia ser ocupada por outra. A produção era coletiva, isto é, dividiam-se os alimentos a caça, a pesca entre todos da tribo [...]. Solidariedade e cooperação constituíam os traços marcantes do modo de vida indígena.

Ao que parece, o poeta Gonçalves Dias, homem inteligente e versado em assuntos diversos, conhecedor da triste realidade dos índios de seu tempo (conhecimento advindo tanto das suas leituras, como, talvez, e primordialmente da constatação *in loco* da situação do índio no Brasil, de uma forma geral – já que esteve em missão oficial junto a algumas tribos localizadas na Região Norte e Nordeste do País), prenuncia, através de seus poemas, o verdadeiro impacto que causariam as investidas colonialistas portuguesas sobre as comunidades silvícolas espalhadas pelo território nacional, tentando alertar aos seus leitores, que o branco acabaria por dizimar o índio, impondo-se pela sua força...

De qualquer maneira, a obra gonçalvina empenha-se em descrever a natureza brasileira, poetizando-a, idealizando-a, de forma a provocar no leitor a perplexidade, ante a imensidão e a exuberância da selva nativa.

A obra gonçalvina, fruto da genialidade desse poeta, densa em sensibilidade estético-literária, manifesta-se transpirante de amor e sentimentalidade (e também de sofrimento), evidenciando, em todos os seus momentos de criação, a falta de correspondência e de esperança, numa analogia com a sua própria vida (enquanto amante não correspondido) – elementos constitutivos da própria essência do Romantismo.

O indianismo presente na produção literária desse poeta é, de fato, sua maior e mais autêntica contribuição ao romantismo brasileiro. Como se pôde ver, seus assuntos mais abordados são o índio, a natureza e o amor, ainda que o “seu” índio tenha-se evidenciado como idealizado (como já sugerido acima).

Indianismo em I-JucaPirama

Poema narrativo, com traços de epicidade, composto em dez cantos, em metro variado, I-Juca Pirama apresenta-se em voz lírica de primeira pessoa e emoldurado pela selva brasileira, tomada como cenário e espaço narrativo. Um dos mais conhecidos e apreciados espécimes da poética gonçalvina – inserido nos **Últimos Cantos** (1851) e considerado a primeira grande expressão da nossa poesia romântica – constituindo-se na síntese do indianismo, temática dominante na lira desse vate maranhense.

A beleza dessa estrutura poética evidencia-se numa multivalência de situações que compõem o argumento, desencadeando toda uma variação de ritmos, ao longo do poema, e numa riqueza de linguagem a exaltar a bravura tupi. Gonçalves Dias como que pretende mostrar que os índios, ao contrário do homem civilizado, têm um código de honra, rigorosamente respeitado.

O enredo conta uma história de guerra entre índios de tribos rivais: um guerreiro tupi cai, aprisionado, nas mãos dos timbiras e está prestes a ser devorado por estes, já se preparando o ritual de morte, que culminará com o sacrifício e com a festividade daí decorrente. Entretanto, ao ser apresentado ante o líder dos guerreiros vitoriosos e ao ser informado de que morreria de forma vil ou em luta com os bravos da tribo – e, tendo-se demonstra do heróico, valente, digno de ser devorado, de acordo com rito ancestral – eis que, apesar de corajoso e não fugir à luta, o guerreiro tupi revela ter ainda uma sagrada missão a cumprir: a de velar pela segurança do velho pai cego. Pede, chorando, ao chefe inimigo, que lhe poupe a vida pois, de outro modo, seu pai pereceria. Promete que, após a morte do velho, entregar-se-á e se oferecerá, de bom grado, a ser devorado.

Não sendo acreditado em seus argumentos, pelo chefe timbira, que o expulsa de volta à selva – por considerá-lo covarde, fraco, indigno de ser devorado – se junta, novamente, ao velho genitor, a quem faz um relato dos acontecimentos que resultaram no seu sumiço pela floresta. O bravo tupi narra tudo o que lhe acontecera: fora aprisionado pelos timbiras mas, ao pé da morte, implorara para ser poupado de modo a poder cuidar de seu velho pai, pelo que fora tido como fraco:

*Nós outros, fortes timbiras
Só de heróis fazemos pastos* (G. Dias, 1959, p.360)

O velho guerreiro tupi, então desgostoso do filho, ante o que considerou tamanha covardia e desonra para o seu povo, exige que o este o leve até o chefe timbira. No que é obedecido. Ao chegar à taba inimiga, oferece-o ao sacrifício, mas este é novamente recusado pelos rivais, sob o pretexto de que sua carne é impura e fraca, por pertencer a um covarde e não a um forte, não merecendo, portanto, ser devorada pelos timbiras, posto que, como tal, abateria o ânimo dos guerreiros dessa nação, pelo que o velho indigna-se, mais ainda, pondo-se insultar e a amaldiçoar o filho.

É quando, sem esperar mais, o valente guerreiro da tribo tupi lança-se, vigorosamente, contra os índios inimigos, armado de uma clava, travando-se uma feroz luta. O chefe timbira, por sua vez, admirado com a cena de bravura, ordena que seja terminada a dura prova. O jovem tupi acaba de ganhar o respeito de todos e merece morrer com todas as honras de um grande guerreiro. O pai, feliz, o abraça e perdoa, chorando *lágrimas que não desonram*.

O poema em estudo, em seu enredo poético, bem estruturado, e sob olhar indianista do autor, aborda interessantes aspectos da cultura indígena brasileira, transubstanciada, segundo a imaginação do poeta, na trama narrativa. E um destes aspectos

refere-se à antropofagia (ou prática do canibalismo – degustação da carne humana), presente nas tradições de grande parte das tribos de índios brasileiros, notadamente as mais próximas ao litoral do País àquela época. Com efeito, admite-se que, dentre as tribos antropófagas/canibais, algumas mais primitivas, costumavam alimentar-se, naturalmente, da carne humana (então apreciada, entre estes, como iguaria substancial e de sabor agradável), inclusive caçando, indiferentemente, homens e animais selvagens; outras, porém, já um tanto quanto mais evoluídas, comiam a carne humana, tão somente nas “cerimônia religiosas”, no fito de que as virtudes da vítima **passassem** para os seus captores/devoradores. Nesse caso, somente os guerreiros aprisionados, após árdua batalha, eram sacrificados, uma vez que, se ingerida a carne do covarde, o próprio valor seria diminuído. Assim é que, *I-Juca Pirama*, representa o guerreiro valente que, aprisionado, será morto e devorado; na linguagem indígena, significa “aquele que deve” ou que, honrosamente, “merece morrer”

A saga de *I-Juca Pirama* é carregada de forte ideologia indianista. O poeta pretende mostrar, em seus versos, como os índios adotam e cumprem, rigorosamente, seu código de honra, celebrando suas virtudes, sua coragem, na guerra, seu destemor ante a morte.

Assim sendo, inicia-se, o poema, com a descrição da taba timbira, inserida em plena selva, como numa louvação à natureza:



*No meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos – cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes,
Assombram das matas a imensa extensão.* (Dias, 1959, p.358)

E tem prosseguimento, a narrativa, com a apresentação (ainda incógnita, anônima) do índio tupi que, não se identificando nominalmente, sabe-se descendente de um povo forte, bravo e nobre:

*Quem é? - Ninguém sabe; seu nome é ignoto.
A tribo não diz: - de um povo remoto
Descende por certo - dum povo gentil;
Assim lá na Grécia ao escravo insulano
Tornavam distinto do vil muçulmano
As linhas corretas do nobre perfil* (Dias, 1959, p.359)

A linguagem, rica e precisa em detalhes, serve-se de elementos próprios da cultura indígena, ainda desconhecida do homem branco, “civilizado” e de uso corrente nas tribos silvícolas. Assim, o texto denota que, já prisioneiro, ocorre a preparação para o ritual de morte:

*Em fundos vasos d'alvacentas argilas
Ferve o cauim
Enchem-se as copas o prazer começa
Reina o festim.
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá.
A dura corda, que lhe enlaça o colo,
mostra-lhe o fim.
Da vida escura que será mais breve
do que o festim.* (Dias, 1959, p.359)

O índio prisioneiro, à hora fatal, eleva o seu canto de morte, informando a sua procedência de poderosa tribo, perdida no tempo. Apresenta-se aos seus captores, no orgulho de ter nascido nas selvas, e em correr, em suas veias, o sangue tupi:

*meu canto de morte
Guerreiros ouvi.
Sou filho das selvas
Nas selvas cresci;
Guerreiro descendo
Da tribo tupi.*

*Da tribo pujante
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci.
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte,
Meu canto de morte
Guerreiros ouvi.* (Dias, 1959, p.361)



É o autêntico guerreiro tupi que, à beira da morte, reafirma a sua bravura, seu destemor de quem “não foge à luta”, de quem já experimentara os perigos das batalhas e enfrentara o mar e suas ondas fortes sentindo no rosto o sibilo do vento:

*Já vi cruas brigas
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.* (Dias, 1959, p.362)

Outro importante aspecto, trazido à baila, pelo guerreiro tupi, refere-se ao nomadismo, característica marcante das tribos de índios retratadas no poema. Nota-se que ele percorreu muitas terras distantes, e que tomou parte em lutas cruéis com outras tribos não menos ferozes:

*Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés (Dias, 1959, p. 362)*

Em certa parte de seu canto de guerra, o jovem guerreiro narra a luta que trouxe o extermínio de seu povo, antecipando ao leitor a visão do poeta, com relação aos males que a civilização do homem branco trouxera às nações indígenas. O índio tupi conta ter visto bravos, lutando, e escravos fortes terem sido feitos prisioneiros. Supõe-se que o poeta sugere, em seu poema, que a palavra **estranhos** refere-se aos portugueses:

*Vi lutas - de bravos
Vi fortes - escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés. (Dias, 1959, p. 362)*

Em meio à luta, travada contra os **estranhos**, vê cair, junto a si, um guerreiro, seu último amigo, e sofre a dor dessa perda, sem contudo entregar-se ao desespero, suportando, firmemente, o revés:

*Ao golpes do inimigo
Meu último amigo
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto, sereno e composto
O acerbo desgosto
Comigo sofri. (Dias, 1959, p.362)*



Distanciando-se do combate, cansado e quase a desfalecer, o guerreiro conclui que só lhe resta cuidar do velho pai, cego e indefeso. Seguindo por caminhos intransitáveis, acaba por chegar às terras dos timbiras, seus naturais inimigos.

*Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado
Firma-se em mi
Nós ambos, mesquinhos
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui (Dias, 1959, 363)*

Um pai, que de tão cansado, e alquebrado como que deseja, mesmo, a morte:

*Velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebrado
Só qu'ria morrer! (Dias, 1959, p. 363)*

Aprisionado pelos timbiras e consciente do seu trágico destino, pede clemência, o jovem tupi, lembrando-se do pai, ancião e cego, que só com ele (o filho guerreiro) podia contar, para cuidar de si, como este sempre o fizera. Compromete-se, pois, em voltar para se entregar e morrer como bravo guerreiro, assim demonstrando com a fidelidade e o respeito, votado às tradições de seu povo, e o valor, a honra de sua palavra de homem – e fica, pois evidenciado, no poema, a noção do poeta em relação à firmeza do caráter e à retidão de princípios que enformam a conduta dos índios, por ele observados, em suas viagens pelo Norte do país:

*Não vil, não ignavo
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo;
Aqui virei ter.
[...]
Guerreiros não coro
Do pranto que choro
Se a vida deploro
Também sei morrer.* (Dias, 1959, p.363)

No trecho a seguir, ainda patente, a força dos costumes indígenas, em sua preferência pela ingestão da carne dos guerreiros fortes, bravos, corajosos, que não choram em face à presença da morte – carne vil só enfraquece os fortes. A libertação do prisioneiro, pois, vem por conta deste já não servir para ser devorado:



*Afrouxam-se a prisão, a embira cede
A custa, sim, mas cede; o estranho é salvo
– Timbiras, diz o índio enternecido,
Solto apenas dos nós que o seguravam:
És um guerreiro ilustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te comoveste,
Nem sofres que, transporta a natureza,
Com olhos onde a luz já não cintila
Chore a morte do filho pai cansado,
Que somente por seu na voz conhece
–És livre: parte”. (Dias, 1959, p. 364)*

É de se ter observado, pelos fragmentos acima expostos, que o poema I-JucaPirama é obra de inegável valor literário, congregando, em seus versos, a cosmovisão do autor, para quem o índio é um verdadeiro herói, um autêntico arquétipo cavalheiresco ou de *gentleman* (note-se que o pai, guerreiro, transparece, no poema como um primor de cavaleiro ofendido), transplantado para as florestas brasileiras. O autor tenta dar o seu alerta quanto à importância da preservação do patrimônio cultural dos primeiros habitantes das terras brasileiras.

Vale ressaltar, que a paisagem poética reflete a Natureza – fonte de inspiração, ao lado do índio, exacerbando o exótico, a beleza incomparável das florestas, espaço a su-

gerir o rico colorido da paisagem agrestes, num cenário que se projeta, integradamente, em toda a sua magnitude.

Em *I-Juca Pirama* a figura do índio ganha foros de nobreza, lembrando, mesmo, o cavaleiro arturiano, bravo e honrado, firme e forte, no enfrentar dos desafios, até mesmo a própria morte, sem temê-la:

*São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes.
Condão de prodígios, de glória e terror!* (Dias, 1959, p.361).

O poema se faz concluir, em traços de genialidade, exaltando a bravura e o destemor comuns ao povo indígena, nele refletidos:

*Um velho Timbira, coberto de glória,
guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
[...]
Eu disse comigo: Que infâmia d'escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!
[...]
Assim o Timbira, coberto de glória,
guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
do que ele contava,
tornava prudente: "Meninos, eu vi!"* (Dias, 1959, p.368).

As estrofes acima constituem o epílogo do poema, deixando clara a importância atribuída à bravura e ao destemor dos indígenas, às suas glórias guerreiras. Sugere ainda, a existência de narrativas transmitidas oralmente entre os gentios.

* * *

A literatura mundial tem revelado momentos de grande inspiração na criação artística, através de grandes nomes que deram à luz obras literárias de valor irrefutável até os dias atuais, como bem o serve de exemplo o poema narrativo *I-Juca Pirama* – obra-prima do imortal Gonçalves Dias, grande expoente no cenário das letras nacionais, representante maior da tendência indianista, que caracterizou o surgimento do Romantismo no Brasil. Poeta que, preocupado com os aspectos nativistas da estética

romântica, tratou de desenvolver, na sua poesia, a temática indianista e de forma magistral, quiçá insuperada, no âmbito da nossa literatura nacional. O **seu** índio, idealizado, reflete-se, em sua obra, como se fora um cavaleiro medieval – atrelado a normas de conduta baseadas na honra, na justiça, na gentileza, na educação e na integridade.

Pode-se dizer que a visão do índio que se irradia da lírica gonçalvina, mítica, que pode ser, irrealista, serviu, entretanto (à época), para afirmar a identidade do povo brasileiro, o seu sentimento de nacionalismo e a qualidade de suas letras, num momento em que o Ocidente passava por grandes e importantes transformações, do ponto de vista socioeconômico e político, culminando com a criação dos Estados Nacionais e com o surgimento de um mais elevado ideal de patriotismo.

Gonçalves Dias, pois, ao lado de José de Alencar, merece ser considerado um dos mais importantes escritores empenhados na consolidação do Romantismo Brasileiro, revelado na grandeza e na riqueza de uma obra emérita, na criação de uma literatura nacional, apta a retratar, liricamente, as mais soberbas paisagens, costumes e tradições do homem da terra.

Sua magna distinção, entre os demais escritores e poetas indianistas brasileiros, explica-se e justifica-se no seu conhecimento da vida e dos costumes indígenas e no tratamento lírico conferido a um índio ainda não **transformado/aculturado** pelo homem branco. Conhecimento, frize-se, adquirido através de extensa e intensa leitura do assunto e das experiências advindas das muitas expedições das quais participou, por conta de trabalho oficial que lhe fora delegado pelo Governo Imperial, junto às comunidades indígenas, situadas na região amazônica.

Seu poema *I-Juca Pirama* não se limita à descrição usual e exterior de episódios e lendas dos selvagens, muito menos à mera exaltação da natureza em que viviam, indo além, num esforço de mostrá-lo heróico, dotado de nobreza de sentimentos, vigoroso em suas ações, identificado-o com o sentimento nacional de consolidação da nação brasileira. O indígena descrito no poema em leitura, em nada se parece com os artificiais índios de Basílio da Gama, de Santa Rita Durão, de Gonçalves de Magalhães, uma vez que, retratados em sua espontaneidade, revelam o espírito natural da terra.

I-Juca Pirama, portanto, infere-se, é um verdadeiro marco na literatura nacional, poema dotada de um conteúdo épico-dramático-trágico, a condensar expressar o vigor e a beleza do indianismo, na sensibilidade da linguagem romântica e na genialidade do poeta Gonçalves Dias.

REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo, Martins Editora, 1964. 430p.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966. 304p.
- DIAS, Gonçalves. **Poesias completas e prosas escolhidas**. Rio de Janeiro, Aguillar, 1959. 431p.
- LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon maranhense**. 2ªed. Rio de Janeiro, Alhambra, 1987. 479p.
- MATOS, Clarence José. **História do Brasil**. São Paulo, Nova Cultural, 1994. 202p.
- MATTOS, Francisco Silva. **Literatura brasileira e história**. São Paulo, Saraiva, 1973.
- MIGUEL, Jorge. **Curso de língua portuguesa**. São Paulo, Harbra, 1989. 408p.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. **Poesias de Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro, Cultrix, 1991.
- ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980. 1062p.
- SILVA, Vítor Manuel Aguiar. **Teoria da literatura**. Coimbra, Livraria Almedina, 1993. 559p.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976. 538p.
- WOLF, Ferdinand. **O Brasil literário**. Rio de Janeiro, Editora Nacional, 1955. 398p.



Gonçalves Dias, o poeta imortal

Valdenir Cunha da Silva¹

Viver da arte é mesmo uma arte para quem saber sustentar-se e atravessar gerações, incendiando os corações dos seres sedentos de emoção...

Qual pássaro na gaiola que anseia pela floresta cantante, assim é o poeta a caminhar por caminhos que leve ao desconhecido, em que o amor cria raízes e não tem como arrancá-lo.

Cantar o belo, viver o novo, se encantar com novos amores. É como se o poeta tivesse mil olhos querendo enxergar tudo a todo o momento, sentir todas as emoções, no maior encantamento...

Essa Terra tão bendita que cantava os sabiás, hoje só a lembrança da beleza que já não há.



E se Deus o permitir, que à sua Terra um dia volte, que encontre novamente as palmeiras, que serviram de berço de encanto, em que sabiás cantavam um lindo canto, a ecoar no horizonte.

Quantas vezes se encantou, cismando sozinho noite, lembrando das belezas do seu rincão adorado, pensando no encantamento das belezas do criador, em que pelas aves do céu se derramava em amor.

Apesar do canto mavioso dos sabiás, (O cantor da natureza canta lindo em qualquer lugar), o poeta sonhador, a sua Terra o encantava, não existindo canto mais lindo do que os dos seus sabiás, as belezas que encontrou aqui, jamais encontrou por lá.

O poeta é um sonhador que vive sempre a sonhar, na luz que se pronuncia na beleza do olhar, em que o infinito funde-se com o impossível em transformar marcas da dor em magistral superação, arrebatando com ardor as nuances do coração, em que se perde em devaneios em sonhos ultra reais, fazendo acontecer o milagre do Criador, em dotar o homem com sapiência e amor... INFINITO!

¹ **Valdenir Cunha da Silva, Tocantinópolis-To (Brasil), 02/01/1966**, professora do ensino fundamental, graduada em Pedagogia pela UFT (Universidade Federal do Tocantins), Antologias Poéticas: À Eterna Alexandria-2003; Revelações Brasileiras-2001; Anuário de Escritores-2002; 2º Prêmio SSES de Poesias-1994, Palmas-To. Nas Asas da Imaginação-2002; Dois Mil-2000; e Palavras Além do Tempo-2004; Escritores Brasileiros Série Ouro- 2005. Livro Diário do Escritor 2012.



Minhas Crônicas: psicose maníaco-romântica, via Gonçalves Dias...

Antonio Maria Santiago Cabral¹



Já tentei, juro por todos os santos - dos quais em nenhum acredito - mas não consigo construir meus versinhos fora dos temas amor, mulher, paixão, erotismo etc. O caso é que, sendo portador de uma doença incurável chamada de “psicose maníaco-romântica”, me é visceralmente impossível manter a minha obra poética totalmente desvinculada do lirismo amoroso. Tal doença tem as suas raízes na minha genética e com o fato de ter lido, num dia qualquer dos meus 15 anos, o célebre poema lírico-amoroso do meu conterrâneo poeta Gonçalves Dias, intitulado “Ainda Uma Vez Adeus!”

Meu avô materno, Santiago, era lusitano da cidade do Porto, aventureiro, violeiro, poeta repentista, mulherengo e doido por uma pilhéria – e dele devem ter vindo os genes do lirismo e do coração generoso e romântico do português, do gosto por um rabo de saia, do humor e, provavelmente, da poesia romântica. E, em especial, os genes da luxúria e do humor devem ter sido reenviados para mim, já com maior intensidade, por meu pai e meus dois tios paternos, todos mulherengos e piadistas de plantão.

Esse foi o começo. Mais lá na frente, num dia qualquer dos meus 15 anos, li, numa antologia poética, um dos mais belos poemas lírico-amorosos da Literatura Brasileira - “Ainda Uma Vez Adeus!” do poeta maranhense Gonçalves Dias, totalmente dedicado ao seu frustrado caso de amor com a sua eterna musa, Ana Amélia, e cujas estrofes - inicial e final - são as seguintes:

¹ Antonio Maria Santiago Cabral Professor e bancário (aposentado), escritor, produtor e revisor de textos. na empresa Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Produção de Textos.
<http://www.facebook.com/antoniomaria.cabral>

PRIMEIRA ESTROFE:

“Enfim te vejo! - enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti! “

ÚLTIMA ESTROFE

“Lerás porém algum dia
Meus versos d’alma arrancados,
D’amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; - e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, - de compaixão.”

A história (verídica): Gonçalves Dias (1823-1864), provavelmente o mais genial dos poetas maranhenses de todos os tempos, célebre poeta romântico e indianista da 1ª fase do Romantismo Brasileiro, pediu Ana Amélia, moça da alta sociedade maranhense da época, em casamento, em 1852, mas a família dela, em virtude da ascendência mestiça do poeta, refutou veementemente o pedido. Apesar de Ana Amélia se mostrar disposta a enfrentar o preconceito da família e a fugir com ele, o orgulho ferido do poeta falou mais alto e ele foi embora para a Europa, recusando o sacrifício da moça. Casaram-se os dois com outras pessoas, mas ambos foram infelizes nos seus respectivos casamentos.

Foi em Lisboa, num jardim público, que certa vez se defrontaram o poeta e a sua amada, ambos abatidos pela dor e pela decepção de suas vidas, ele cruelmente arrependido de não ter ousado tudo, de ter renunciado àquela que com uma só palavra sua se lhe entregaria para sempre. Desvairado pelo encontro, que lhe reabriria as feridas e agora de modo irreparável, compôs de um jato as estrofes de “Ainda uma vez Adeus!” as quais, uma vez conhecidas da sua inspiradora, foram por esta copiadas com o seu próprio sangue.

Agora me digam, meus caros leitores, minhas caras leitoras, além dos “Romeus” que habitam a minha shakespeariana mente e a minha herança genética - onde predomina uma acentuada inclinação física e psíquica para as mulheres e para o romance - como vocês queriam que eu ficasse quando aos 15 anos soube dessa incrível história de amor e li, quase em êxtase, esse extraordinário e comovente poema de amor? Nada mais, nada menos que liricamente perturbado!

Sou, pois, desde esse tempo, um portador dessa moléstia incurável chamada “psicose maníaco-romântica”. E não foi por outra razão que, ao concluir a Faculdade de Letras, optei por ensinar exclusivamente a disciplina Literatura Brasileira, e sempre para o Curso de Magistério, onde, pelo menos até eu me aposentar, em 2005, o sexo feminino era maioria absoluta no corpo discente.

E por se tratar de uma patologia de caráter irreversível, é certo que a minh'alma e minha poesia continuarão a viajar impunemente pelas líricas imensidões do meu Parnaso, defrontando-se aqui e acolá com as minhas inevitáveis musas. Algumas delas não saberão que as elegi minhas musas; outras não acreditarão nisso, sob a alegação de que o amor dos poetas é passageiro como uma nuvem nômade; por fim, outras me retribuirão muito, pouco ou nada. Mas isso faz parte, porque o caminho para o coração das musas - que são mulheres - é tão misterioso quanto cheio de escarpas.

Mas o que importa mesmo é que o poema - nas asas da fantasia, da ilusão, do sonho ou da esperança - voe sempre tão alto quanto o permita a inspiração do poeta.



Sabiás e Canários na Terra Brasilis

Marcos Ruffo¹

Machado de Assis gostava de Gonçalves Dias, todos sabem disso. Nos poemas das *Americanas* (1875), exercitou o tema do Indianismo, tão caro ao cantor dos Tamboios e a José de Alencar. Num de seus mais famosos romances, *Quincas Borba* (1891), no capítulo VI, alista Gonçalves Dias ao lado de Lord Byron como poetas de mesma altitude. É possível que conhecesse de cor a *Canção do Exílio*, poema de abertura dos *Primeiros Cantos* (1847), sem poder ainda intuir que aqueles versos melódiosos como o canto do sabiá tornar-se-iam o que seja, talvez, o mais popular poema brasileiro de todos os tempos, superando o soneto *Ouvir estrelas* de Bilac, a *Quadrilha* de Drummond, o *Soneto da Fidelidade* de Vinícius e tantos outros que se fixaram em nossa memória coletiva. O gênio cerebral machadiano, ao criar mais um de seus magistras contos, cheios de sofisticadas ideias, lançou mão de uma ave diferente, e deu à luz *Ideias de Canário*, presente no volume *Páginas Recolhidas* (1899). Será que chegou a pensar em usar um sabiá naquele papel? Cogitou-se isso, deve ter intuído, em seu arbítrio criador, que os pensamentos ousados e galhofeiros do conto ficariam melhor na pele (os nas penas) de um arisco canário do que na voz de um sentimental sabiá, o que equivaleria a um reconhecimento tácito de que a singela sugestão gonçalviana era definitiva. A saudade, a nostalgia, viraram marca exclusiva e inconfundível do canto do sabiá. As idéias desconcertantes, essas sim, podiam ficar por conta de um canário fantasista e falador. Gonçalves Dias não foi o primeiro a perceber as singularidades do canto do sabiá mas foi o que registrou o maior êxito em torná-lo uma feliz realização poética.

Com o tempo, a fortuna crítica nacional e internacional do contista carioca cresceu bastante, fazendo jus ao seu talento único de escritor-pensador. Já Gonçalves Dias não conheceu tamanho sucesso, ficando sua obra restrita quase que somente às fronteiras nacionais, sendo amplamente conhecida de seus compatriotas apenas uma pequena



¹ **Marcos Ruffo**, Rio de Janeiro, funcionário público. Tem divulgado seus textos em espaços alternativos e através de publicações em pequenas tiragens. Publicou recentemente *Corpo: Ode e Elegia*, poema ensaístico, disponível na Estante Virtual.

parte de seus belos poemas, não obstante ser o poeta, reconhecidamente, um dos mais finos cultivadores das potencialidades líricas do idioma pátrio.

Mas apesar de as ideias serem sempre sedutoras, as coisas do coração são invencíveis. Assim, num período negro da história do Brasil, iniciado em 1964, dois compositores populares, Tom Jobim e Chico Buarque, foram buscar na canção gongalvina inspiração para compor em 1967 *Sabiá*, que venceria o Festival Internacional da Canção daquele ano, e que seria incluído no álbum *Stone Flower* de 1970, composição que tratava do mesmo tema da saudade da terra natal, mas desta vez fortemente sugestivo de um difícil momento nacional. O sabiá ganhava novo fôlego e alçava voos mais longínquos nesta nova homenagem à *Canção do Exílio*, aliás mais uma de muitas paráfrases e paródias do poema de 1847, tema exercitado por nomes como Oswald Andrade, Murilo Mendes e Drummond, sem que nenhuma das tentativas tenha resultado superior ao texto-matriz. O sabiá, já de si próprio sinônimo de canto suave e melodioso, precisaria mesmo virar um dia canção musicada, numa superlativização da musicalidade que transborda das estrofes criadas por Gonçalves Dias. Apesar das significativas mudanças mundiais, apesar do século de guerras que passou e da onipresença de uma tecnologia sufocante e esterilizante, o achado intuitivo e sensível do poeta maranhense continua vivo, singelo e comovente, e capaz de expressar novos significados em conjunturas alteradas: marca de uma genuína página de arte.

Assim a *Terra Brasilis*, de rica fauna e flora, inscreveu seus pássaros na Antologia Universal: além da pomba de Noé, dos pardais do Evangelho, das cotovias e rouxinóis de Shakespeare, do corvo de Edgar Allan Poe, temos também o canário desabusado de Machado e o insuperável sabiá de Gonçalves Dias, tornado símbolo do amável temperamento de todo um povo.



Saltimbancos de Santana

Teatro

*Raimundo Carneiro Corrêa*¹

Saltimbancos de Santana
Récita de SEUS OLHOS
E outros poemas de Gonçalves Dias

Constituem os textos da Récita:
DESESPERANÇA, (fragmento)
SEUS OLHOS
OS BEIJOS
SE SE MORRE DE AMOR (fragmento)
AINDA UMA VEZ – ADEUS!



De Poesias Completas de Gonçalves Dias,
Coleção Clássicos Brasileiros, Edições de Ouro,
Rio de Janeiro/1968

“... Atenas Brasileira – provincianismo mais refinado do que o nacionalismo. Reinava na sociedade maranhense, um etnocentrismo visceral, a permitir o estabelecimento de um preconceito social, pela cultura, com o restante do Brasil”.

Rossini Corrêa - Formação Social do Maranhão

¹ **Raimundo Carneiro Corrêa** é educador aposentado, contista, romancista, poeta, estudioso da História de Esperantinópolis, desde 1970, quando escreveu, como trabalho de estudo escolar, o folheto NOTAS HISTÓRICAS, que mereceu publicação, já por três edições. Continuou a escrever e publicar com NOITES DOS PALMEIRAIS, contos (1973), TRINCHEIRAS DO AZUL, crônicas (1989), AS VAIAS DA GALERA, romance (1994), ABRIL, crônicas (2010). Tem inéditos MANDINGA, BEDA O SAPO e CARTAS DO RIO, romances; MAMBEMBES, contos; MOENDAS E FUSOS e DIÁRIO DE TJUPÁ, memórias; CIDADE, PRIMEIRO AMOR e SANTA DA BOA ESPERANÇA, poesia. Dedicou-se sua juventude e vida adulta às causas da educação, da cultura, da democracia política, protagonizou lutas, movimentos, sofreu derrotas e colheu vitórias. É o autor dos símbolos municipais, a Bandeira, o Escudo d'Armas, a letra do Hino que a musa e esposa Graça Lima musicou. É o fundador da Cadeira nº1, Patrono Olímpio Cruz, da Academia Esperantinopense de Letras.

Cenário

A cidade de São Luís, no ano de 1846, quando do regresso à terra natal do Poeta Gonçalves Dias, que se enamora por Ana Amélia, recusado, porém por sua família, por ser filho bastardo, mulato.

Personagens

SALTIMBANCOS, em número mínimo de três (homens, mulheres):
Saltimbanco nº 1, voz Solo, (S1),
Saltimbancos em vozes Duo, (S2),
Saltimbancos em vozes de Trio, (S3);
MÃE DE ANA AMÉLIA, que encarna o maranhense complexo de superioridade do século XIX;
VOZ DE JORNALEIRO

PRIMEIRO ATO

Cenário

Rua de Santana, em São Luís do Maranhão, em frente de um sobrado, de uma porta, de um segredo.

Os saltimbancos surgem dos lados, enquanto tocam os sinos de Santana, Santaninha, São Pantaleão às ave-marias.

Cessam os dobres dos sinos portugueses. Ouvem-se, então, tambores, percussões que tocam danças, criam os Saltimbancos vivos, dançarinos, enfim, vozes a declamar trecho do poema DESESPERANÇAS, de Gonçalves Dias:

S1 – *“Que me importa do mundo a inclemência
E esta vida cruel amargurada?”*

S2 – *“Nem uma hora tranquila e fadada,
nem um gozo me foi lenitivo”*

S3 – *“Mas no mundo maldito em que vivo
Quantas ânsias, meu Deus, não provei?”*

(E dançam ao batuque, música de uma flauta que vem de longe enquanto os tambores silenciam-se um pouco para deixar ouvir-se pelo grupo a flauta.)

S1 – (Apresentando-se) Senhoras e Senhores! Somos discípulos do Mestre Francisco Sotero dos Reis. Inventamo-nos como um grupo de artistas de rua para homenagear o poeta Antonio Gonçalves Dias, que está no Maranhão, vindo de Coimbra, onde se bacharelou em ciências jurídicas e vem rever sua terra natal. Orgulha-nos, na mocidade maranhense, termos um conterrâneo poeta, consagrado, autor de um conjunto de poemas que nos encantam e a nós cabe dizê-los nesta peça, Récita de SEUS OLHOS e outros poemas de Gonçalves Dias.

S2 – SEUS OLHOS, olhos de um grande amor, a inspirar a poesia...

S3 – *Olhos “Olhos tão negros, tão belos, tão puros “De vago luzir,”
Estrelas incertas, que as águas dormentes
Do mar vem ferir”*

S1 – *“Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros;
Têm meiga expressão
Mais doce que a brisa, mais doce que o nauta,
De noite cantando, mais doce que a flauta
Quebrando a solidão.”*

S3 – *“Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros
De vivo luzir.
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir”.*

S2 – *“São meigos infantes, brincando, saltando,
em jogo infantil.
inquieta, travessos; causando tormento,\ncom beijos nos pagam a dor de um momento
Com modo gentil.”*

S1 – *“Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros.”*

S3 – *“Assim é que são;
Às vezes luzindo, serenos tranquilos,
Às vezes vulcão!”*



S2 – *“Às vezes, oh! Sim! Derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,*

S1 – *“Quem a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece,
Me fazem chorar.”*

S2 – *“Assim, lindo infante, que dorme tranquilo,
desperta a chorar,
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,
Não Pensa – a pensar.”*

Voz de Jornaleiro – CHEGA AO MARANHÃO POETA MAIOR (a repetir-se em ecos)

S3 – *“Nas almas tão puras da virgem, do infante.
As vezes do céu.
Cai doce harmonia d’uma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co’um véu.”*

S2 – “Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da pátria melhor.”

Voz de jornaleiro – SEUS OLHOS, POEMA ELOGIADO PELO MESTRE DO ROMANTISMO PORTUGUÊS, Alexandre Herculano. (a repetir-se em ecos)

S1 – “Eu amo seus olhos que choram sem causa
Um pranto sem dor.
Eu amo seus olhos, tão negros, tão puros.
De vivo fulgor
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia.
Que falam amores com tanta poesia.
Com tanto pudor.”

S3 – “Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão.”

S1 – “Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão.”

(Do alto do Sobrado um trompete soa acordes de um aprendiz, todos se atentam à música e veem que vem... A mãe de Ana Amélia que grita;)



Mãe de Ana Amélia – Quem sois vós? Não! Não é folia de reis!...
Quem? Que diabos vos enviou por cá? Por que a Rua de
Santana é pisada por palhaços?!
A Rua de Santana espaço de portugueses?!
E acham logo de parar em frente ao meu Sobrado?!
Deem o fora daqui, já!
Não me retruqueis! Não me retruqueis!

S1 – Somos maranhenses, Senhora! Filhos de portugueses,
assim como Gonçalves Dias. Há entre nós mulatos? Há!
Mas, com orgulho de ser brasileiros e discípulos do
Professor Francisco Sotero dos Reis.

S2 – Somos os SALTIMBANCOS DE SANTANA!

Mãe de Ana Amélia – Como? Portugueses serem saltimbancos?
Artista português só pisa em palco de teatro,
sob muita luz de ribaltas.

S1 – A arte, Senhora, é como a flor. A artista
Natureza não floresce só em jardins de palácios e solares...

Mãe de Ana Amélia – Que comparação!!! Quem? Quem sois?
Vamos ver, por detrás das máscaras!...
E tem mulheres!!! Não são negras! É claro!

As negras são escravas a serviços de suas senhoras!
Que falta de vergonha!

S1 – Há, sim, Senhora! Mulheres! Que se escondem nas fantasias. Mulheres em fuga da escravidão.
Não são negras, mas a mulher maranhense é escrava da prata e do ouro.

S2 – Mulheres, alfabetizadas!

Mãe de Ana Amélia – Logo vi!!! Da trupe da Jansen! Da Jansen!!!

S1 – Mulheres que sabem ler a poesia de Gonçalves Dias.
Mãe de Ana Amélia – (Assustadíssima, como se vira o demo)
Do Cabra?!!! Do Cabra?!!! Do filho da escrava alforriada com o português José da Silva? Um que sujou o sangue português gerando um bastardo mulato?

S1 – Que graça de Deus, Senhora! Nós, maranhenses, termos um contrerrâneo, grande poeta, ouça-o!
Lemos um jornal, com crítica literária de Odorico Mendes:

S2 – “Beijos, que são?”

S1 – “... Ai do peito,
“Solo breve, laço estreito
“Dum cansado bem querer,
“Saibo dos gozos divinos,”

S3 – “Que nos lábios femininos
“Quis Deus bondoso verter.”

Mãe de Ana Amélia (a gritar) – Ana Amélia!!! Ana Améliaaaa!!!
Sai da janela!!! O Cabra já voltou! Não achou uma sucuri que o engolissem, lá nos brejos do Itapecuru!

S1 – Proibais vossa filha de olhar da janela a rua?
Não atender aos apelos de flauta em serenata?
A poesia, Senhora, é mais do que um baronato.
Os olhos de Ana Amélia foram tocados pela poesia.

S2 – A poesia está na rua! É a esperança, é o luar,
O tempo que faz uma história de amor.

Mãe de Ana Amélia – Como? Um filho de cafuza poeta?

S1 – Graças ao sangue, que não tem preconceito de cor.

S3 – Todo sangue é vermelho, da cor da liberdade.

Mãe de Ana Amélia – Mas que ousadia?!

S1 – Que rima com Gonçalves Dias!

Mãe de Ana Amélia – (mais que furiosa) Fora! Fora!
Fora desta Rua, Rua de Santana do povo português!

S1 – Esta Rua de Santana é da pátria maranhense!
Esta Rua de Santana é o nosso palco, nossa terra
para as nossas pernas-de-pau!
Saltimbancos somos da Rua de Santana.
Pelos olhos poesia, do poema SEUS OLHOS,
Olhos da musa de Gonçalves Dias!

S2 – “*Eu amo seus olhos, tão negros, tão puros,
De vivo fulgor.*”

S3 – “*Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.*”

Mãe de Ana Amélia – Parai com isso!

Eu não posso permitir que minha filha,
que estudou em Paris, possa casar-se com
o filho de uma negra. Mesmo que o cabra
seja doutor. Se consentisse, estaria jogando
ao mar todo o meu ouro! Se vos digo, ouro!
O que viemos buscar! O maranhão é o nosso
sonho, o ouro do reino lusitano.

S1 – Mas o amor!... “O amor é mais forte do que
a morte!”, diz o Cântico dos Cânticos. O amor
supera a escravidão.

Mãe de Ana Amélia – A escravidão agarra-se à pele!
É corrente que se arrasta, arrastada pelos pés.
O cabra, mesmo forro, arrasta após si a corrente
da escravidão na história de que nasceu.
E por que ainda estais a falar?! Ide embora!

S1 – Sem que os olhos dela apareçam-se na janela?

Mãe de Ana Amélia – Ana Amélia! Sai da janela!
(e a repetir refrão “Sai da janela!” abandona a
cena para dentro do sobrado.)

S1 – (tirando sua máscara, revela-se e declama)
“*Cai doce harmonia d’uma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co’um véu.
Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da pátria melhor;*”

(Senta-se no chão, os outros, também e,
para o público)
Pátria! Que pátria?!
O Maranhão, mesmo aderindo à Independência
do Brasil, na marra! Não quer ser brasileiro.
Isola-se do Brasil e está longe de Portugal.
Agarra-se à lenda de El Rei Dom Sebastião
E obriga-se a falar a Língua Portuguesa
dos clássicos João de Barros, Frei Luís de Souza,
Camões e Vieira.
Recusam as sonoridades, sotaques, linguísticas
dos afro-americanos. Nossos escritores devem
seguir a linha conservadora?

S2 – Vem dizer que não, o maranhense Gonçalves Dias!
(tiram suas máscaras os outros Saltimbancos)
Vem desafiar! E vem amar!

S3 – O' Rua de Santana!
Teu sinos, teus andores, tuas dores,
pedras assentadas em teu chão,
pedras das mãos cativas,
aos pés de senhores,
abre-te em janela de mirante,
ó Rua de Santana!
Faz do mirante fronde
da palmeira poesia
que em ti plantou
o poeta Gonçalves Dias!
Para que se abram os olhos dela,
no mirante, da janela,
musa Ana Amélia,
para ouvir o sabiá,
que na palmeira canta
a vida, o amor
que a saudade te deixa olhar.

S1 – Olhar do amor de Ana Amélia,
Deixa – a voar!

S2 – Olhar da fé de Ana Amélia,
Deixa – a gorjear!

S3 – Olhar da esperança de Ana Amélia,
Deixa – a amar!

Mãe de Ana Amélia – (Que volta com um
relho de açoites e espanta a todos com
agressividades)

Quem chamou por Ana Amélia?!
Quem disse versos com o nome de Ana Amélia?!
Se até o cabra respeitou o nome de Ana Amélia...
Não o escrevendo em suas besteiras...
Ana Amélia é nome português!
De vós, é Benedita!
Mas, quem? Quem? Falou de Ana Amélia?!
Quem?!

S1 – Somos brancos! Somos brasileiros!
Súditos do Império do Brasil!

Mãe de Ana Amélia – Mas que comenda!!!
Mas que comenda!!!

S2 – Somos do Maranhão para o Brasil.

Mãe de Ana Amélia – Portugal! Portugal! Portugal!

S3 – Bra - sil!
Bra - sil!
Bra - sil!
Bra - sil!



FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Em algum ponto do Centro Histórico de São Luís, Praia Grande. Os Saltimbancos preparam-se para mais um espetáculo de rua e, como sempre, ao entardecer, com música dos sinos da Sé, Desterro, Carmo e, tambores, a virem, vindo, ritmos de rezas do Divino e outros batuques de fé.

Prontos os Saltimbancos para a primeira cena, antes dos cumprimentos de “Senhoras e Senhores...”, uma surpresa! Uma cadeirinha carregada por escravos desembarca uma Senhora. Rica e finamente vestida, maquiada, enfeitada como a entrar no teatro São Luís aberto em espetáculo de alguma companhia a vir da corte. Os Saltimbancos não reconhecem de imediato a Mãe de Ana Amélia, ricamente disfarçada.

S1 – Em que podemos servi – vos, Madame!...

Mãe de Ana Amélia – Assim: Com um belo espetáculo!
Tão bem encenado!... Passei ontem por Santana
e vos... Amei! Pergunto – vos: Por que
um espetáculo tão belo... Como vós recitais
bem os versos!... Como associais ritmo,
letra, vozes, danças!... Por que em rua?!
Por que não no palco do Teatro São Luís?

S1 – Nossa arte é a leitura. Leitura de textos da literatura maranhense. Verso, prosa... Estamos lendo a poesia de Gonçalves Dias. Fazemos uma Récita do poema SEUS OLHOS e outros poemas desse intelectual que tanto enaltece o Maranhão.

Mãe de Ana Amélia – Oh! Que modo educado de responder! Satisfaz ao interlocutor. Estudais retórica, com certeza. Sois maranhenses?

S1 – Sim, Senhora! Nossos pais, portugueses!

S2 – Amamos o Brasil, nossa pátria!

S1 – Nosso programa! Ler, dançar, viver os poemas de Gonçalves Dias OS BEIJOS e SE, SE MORRE DE AMOR.

Mãe de Ana Amélia – (sem esconder a ironia)
Oh! Lindo!!!

S2 – “Beijos que são”

S3 – “... Duas vidas;
“... Duas vidas;
São duas almas unidas,
Que o mesmo fogo consome:
São laço estreito de amores;
Porque são os lábios flores
De que os beijos são perfume!”

S2 – “Beijos que são”?

Mãe de Ana Amélia – (interrompe a declamação com um aplauso a estralar-se sozinho, mas tão forte, que cala e imobiliza o grupo) Lindo o poetizar do mulato! Por que não buscais na poesia portuguesa textos exemplares, de uma originalidade clássica?... O mulato escreve... Mas não deixa de expressar a lascívia de negro e de índio que está em seu sangue.

S1 – Porque a vida, Madame!... A vida é amor! É o que nos faz nascer! Viver e morrer!

S2 – A vida!... A vida pergunta:
Beijos que são? Ai do peito,
Selo breve, laço estreito
Dum cansado bem querer;

*Saibo dos gozos divinos,
Que nos lábios femininos
Quis Deus bondoso verter.”*

Mãe de Ana Amélia – “Quis Deus!”,

recitastes. Quando é o diabo quem
incita ao vício a carne!

Ai! Que falta que faz o Santo Ofício!

S1 – Estamos em tempos modernos, Senhora!

“Liberdade, igualdade, fraternidade!”,

Revolução francesa, Revolução Industrial, Independência do Brasil!...

S2 – Os amores de Dom Pedro I! Ainda que

com escândalos! Mas para provar que

branco também ama. Não só os negros

e os índios. Amor que Gonçalves Dias viveu:

S3 – “Já por feliz me tivera,

Triste de mim! Se eu pudera

dizer o que os beijos são:

sei que inspiram luz e calma,

Sei que dão remanso à alma,

Que trazem fogo à Paixão.”



Mãe de Ana Amélia – Mas,quê?...

não vamos discutir a moral

imoral do poema. Reconheço-o de

boa forma literária! O problema

está nas libertinagens que o Romantismo

abriu para as expressões nacionalistas!

Isto é jeito de se falar português?! Linguagem mais

Vulgar, sem classe, sem os arroubos dos clássicos...

S1 – Mas a Língua Portuguesa é nossa Mãe!

Somos nacionais brasileiros a nos expressarmos,

Entendermo-nos graças à língua

Portuguesa. Gonçalves Dias é um

Estudioso de nossa língua. Quer-nos unidos,

Portugueses e brasileiros em uma nova pátria.

Mãe de Ana Amélia – Mas o reino Português!...

o trono, o poder, o

Poder é do sangue português, Casa Real,

Nobreza! Não essa miscigenação!

As negras a parir filhos mulatos!

S1 – Para engrandecerem o Império do Brasil.

S2 – Gonçalves Dias tornou-se o nosso poeta Nacional.

Mãe de Ana Amélia – (como a desistir da polemica :)
pois bem! Voltemos a vós! Estudais, eu sei!
Que boas leituras fazeis! Escrever, também, creio
que escreveis! Firmemos um pacto! Proponho-me
ser a mecenas de vosso grupo. Como o chamais?

S3 – Saltimbancos de Santana.
Pernas – de – pau, língua rara.
Prosa e versa! Não se engana!
Por arte dá a tapa a cara!

S1 – Temos um projeto para a declamação
de SERMÕES de Antonio Vieira.

Mãe de Ana Amélia – Que Vieira?!... O Padre?!
Este fez muito mal! Ensinou a negros e índios
falarem o português. Que ficassem isolados em
seus dialetos. A taca! A taca os faria entender
as ordens de seus senhores!

S2 – Mas o amor vence a taca!
A palmatória, o tronco!
O amor é a força da vida ao quebrar
a lei que mata! O amor dá-se em beijos!



S3 – *Beijos!... “Sei que são flor de esperanças;
Que nos prometem bonanças,
Como a flor do nenúfar:
Quem fruiu um ledor beijo,
Ter não pode outro desejo,
Nada já pode gozar.”*

Mãe de Ana Amélia – Difícil! Difícil!
Sois da rua! Não há como subirdes aos
mármore das escadarias dos palácios.
Nunca haveis de jogralizades num
salão de cortes. Vossas vozes desafinam-se
aos ouvidos de uma audiência de nobres.

S1 – A rua nos satisfaz! Temos a linguagem
da rua, que nos entende. Dialogamos! A rua
entende o amor. Daí nossa escolha por
Gonçalves Dias, tão brasileiro como nós!
Daí, o poema, nossa leitura! Beijos!

S2 – *“Sei que deles não se esquece
Triste velho, que esmorece
À minguia do coração:
Viva estrela em noite escura,
Viva brasa em cinza pura,
Em neve algente um vulcão.”*

Mãe de Ana Amélia – Oh! Maranhão!
Por quê? El - Rei Dom Sebastião!
Por que achais de encantar-vos,
logo aqui! No mar do Maranhão?!

S1 – Touro El - Rei Dom Sebastião!
Uma estrela na testa à espera do beijo
de uma virgem maranhense!
Beijo! Beijos!

S3 – *“Sei que fruí-los uma hora
De ventura sedutora,
É subir em vida aos céus.
É fugir da vida escassa,
Roubar ao tempo que passa
Um dos momentos de Deus.”*



S2 – *“Sei que são flor de esperança
Que nos prometem bonança
Como a flor do nenúfar.”*

S1 – *“Quem os fruiu, o que espera?
Já gozou, já não tem era,
Já não tem mais o que esperar.”*

Mãe de Ana Amélia – “Já não
tenho mais que esperar!”
(sinistra, embarca-se na cadeirinha e sai).

S1 – (para a plateia) Reconheceram a atriz?
Como ela representa bem! Quem é ela?
A mãe de Ana Amélia, que quis nos enxotar
com um relho de lá da nossa Rua de Santana!
O poder que não se constitui de amor.
Daí o porquê se vive, mas se morre de amor.
Amar é dar a vida. A beleza da vida é amar,
ainda que se se morre de amor.

S2 – Ainda uma vez!... Vence o amor!
(Ouve – se música de seresta...) São eles!
Gentil Braga, Antonio Rayol...
Cantam com Gonçalves Dias!

Cantam, encantam São Luís,
Cidade apaixonada, vida amor
que não desiste da poesia da beleza!

S1 – É que o amor enfrenta fortes interesses
contrários. Casar também significa ajustar.
Ajustar as vidas das pessoas às condições de poder.
Como se mulher e homem sejam peças de uma
máquina com o dever de produzir, produzir...
Não quebrar, não parar, estar a serviço do poder
que escraviza... Não! E impera para dizer: Não
pode aumentar a população mestiça do Maranhão!

S2 – Não! Não! Branca mão de Ana Amélia
não pode ser dada à mão morena de
Gonçalves Dias.

S3 – Lojas, fazendas, escravos, solares...
São bens que não podem ser de mulatos.

S2 – Mas!... Pode o amor submeter-se...
A que lei?

S3 – Da vida! E da morte! “Se se morre
de amor”.
“ – Não, não se morre.
*Quando é fascinação que nos surpreende
De ruidoso sarou entre os festejos;
Quando luzes, calor, orquestra e flores
Assomos de prazer nos raíam n'alma
Que embelezada e solta em tal ambiente
No que ouve, e no que vê prazer alcança!”*

S1 – (apresenta um pergaminho que lhe
chegou da plateia; lê)
Carta da Rua de Santana...Queridos Saltimbancos!Ouvi-os ontem...
Faço-me auto cortejo
pra ser do amor a chama;
faço de meus passos o espaço
para ser do olhar janela
mirante de Ana Amélia!
Sou das pedras das mãos escravas...
Mas por onde o amor pode passar
da brincadeira de roda
que à mão um anel se dá.
Círios e estrelas,
Sou a Rua de Santana

S2 – Porque o amor...
*Amor é vida: é ter constantemente
Alma, sentidos, coração – abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz de extremos,
D`altas virtudes, té capaz de crimes!
Compreender o infinito, a imensidade,
E a natureza e Deus;"*

S3 – "Gostar dos campos;
*D'aves, flores, murmúrios solitários;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
É ter o coração em riso e festa;
E à branda festa, ao riso de nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo;"*

S2 – "Conhecer o prazer e a desventura
*No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o misérrimo dos entes:"*

S3 – "Isso é amor, e desse amor se morre!"

S1 – Lê-me, São Luís,
Pátria de Ana Amélia
e Gonçalves Dias.
Cria-te, Cidade – Ilha,
Ilha de amor!
Mas ao amor que em ti nasce,
dão os laços de escravidão:
Mirante torre de onde não se voa,
Camarinha a chaves tantas...
Não, São Luís,
por ti também eu sou santa!
Não, São Luís, cidade, creio que,
tu me amas. Se não, não me chamarias
Santana!
Por ti, São Luís, sou!
Aquele que envia, dou-me
a ensinar teu povo amar.

S2 – "Amar, e não saber, não ter coragem
*Para dizer o amor que em nós sentimos:
Temer qu'olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra: onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, esses tesouros
Inesgotáveis d'ilusões floridas;"*

S3 – "Sentir sem que se veja, a quem se adora,
"Compreender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,

*“Segui-la, sem poder fitar seus olhos,
“Amá-la, sem ousar dizer que amamos.”*

S1 – *“E, temendo roçar os seus vestidos
Arder por afoga-la em mil pedaços:”*

S3 – *“Isso é amor, e desse amor se morre!”*

S1 – Não! São Luís! De amor se vive!
Sou tua santa,
Rua de Santana
Para o amor teu passar!
Sou mais tua
Em noite de luar.
Para que Ana Amélia,
Possa enfim ver o meu passar,
Passos amorosos do poeta
Que pede sua mão,
Para esposa e musa
Onde em seu amor repousar.
São Luís, ouve o teu poeta,
Derrama teus perfumes noturnos,
Ouve-lhe a seresta
Dá a Ana Amélia do amor a guia
Que vença os egoísmos
Que escurecem vias...
Faça-a ouvir o canto
De amor de Gonçalves Dias!
Que continua a chamar-te!

S2 – *“Se tal paixão enfim transborda,
Se tem na terra o galardão devido
Em recíproco afeto; e unidas, uma,
Dois seres, duas vidas se procuram
Entendem-se, confundem-se e penetram
Juntas - em puro céu de êxtases puros:”*

S3 – *“Se logo a mão do fado as torna estranhas
Se os duplica e separa, quando unidos
A mesma vida circulava em ambos;”*

S1 – *“Que será do que fica, e do que longe
Serve às borrascas de ludíbrio e escárnio?”
(Um silêncio estatiza os Saltimbancos, raios,
Trovões, medo?! Um momento...)*

S2 – *“Dois corações, porém que juntos batem
Que juntos vivem, – se os separam morre;”*

S1 – Não! São Luís,
 Por teus mares, teus amores,
 Sou eu que te escrevo,
 Sou das escritas de tuas famas,
 A Rua de Santana!
 Não permitas tu que morra,
 Coração poesia do tanto amar!
 Não, nunca no teu mar
 Te deixes ir para, além, para lá
 Teu canto de amor maior
 Com gorjeio do sabiá!
 Não! Não, São Luís!
 Abre com teus ventos a janela
 Do mirante em que prisioneiros
 Os olhos lindos de Ana Amélia
 Não podem a vir ver minha alegria
 De rua de santa que lhe trago
 A lira de Gonçalves Dias.

S2 – *“Ou se entre o próprio estrago inda vegetam
 Se aparência de vida, em mal, conservam,
 Ânrias cruas resumem do proscrito
 Que busca achar no berço a sepultura!”*



S1 – Oh! Vive! Viva a ti São Luís!
 Onde um grande amor vive!
 Do egoísmo redime
 Meu espaço
 Para os seus braços
 Enfim se darem
 Cortejo de núpcias.
 Sou, São Luís,
 Teu altar de Santana!
 Sou rua, por que me vêm
 Ajoelhar –se aqui os que se amam.
 Arrastem-se por mim
 Os perfumes nuvens teus véus...
 Noiva, dá ao Gonçalves Dias,
 De Ana Amélia o ouro anel.
 Vida! Vida! Amor! Graça!
 Para o teu povo
 Fonte poesia!

FIM DO SEGUNDO ATO

TECEIRO ATO

Cenário

Cais da Sagração, São Luís do Maranhão. Momento de embarques. O vento, o mar catam juntos num concerto de percussão que os Saltimbancos fazem em despedidas a Gonçalves Dias que já está a bordo.

Enquanto terminam de se maquiarem, pôr em si adereços, notam o público e a este se dirige:

S1 – De novo, nós Saltimbancos de Santana, com as
Senhoras! Os Senhores! Querendo nós homenagear
O poeta Gonçalves Dias que nos deixa!
Enfim, o mar! Imenso mar a nossos pés! Mar
Que vem de Portugal!... Imenso mar que o gênio
Humano nos trouxe por cá! Diante do imenso mar,
Por que São Luís constrói-se por ruas tão estreitas?
Há até uma Rua da Tripa!!!
(silêncio, se a plateia reage, estabeleça-se então
o diálogo, ao fim do qual...) As cidades são mesmo
estreitas! Expulsam, excluem! Suas leis são cruéis.
Nunca o amor será a lei das cidades! Daí, o porque
O Poeta Gonçalves Dias, excluído de São Luís
Por sua origem, sua cor, seu amor, deixa conosco
O seu poema AINDA UMA VEZ ADEUS



S2 – *“Enfim te vejo! – enfim posso
Curvado a teus pés dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti.”*

S3 – *“D’um mundo a outro impelido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludíbrio da sorte
Em terra estranha, entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condoe do infeliz!”*

Voz de Jornaleiro – ODORICO MENDES DIZ ADEUS AO POETA DOS TIMBIRAS.(a repetir-se em ecos).

S1 – Está no Jornal da Tarde, o poema despedida de Gonçalves Dias. Que se diz:

S2 – *“Louco, aflito, a saciar-me
D’agrar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp’rança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!”*

S3 – *“Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.”*

Voz de Jornaleiro – RUAS DE SÃO LUÍS, MAL ASSOMBRADAS EM NOITES DE MULA-SEM-CABEÇA. (a repetir-se em ecos)



Mãe de Ana Amélia – (entrando, vestida de vermelho, véus ao vento, chama a atenção seu ser fantasmagórico. E lê do Jornal da Tarde)
*“Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!”*

S1 – Então, Senhora?!

Mãe de Ana Amélia – Ah! Eu vim celebrar!
A partida do poeta! Ele escreve bem,
Romântico, porém trágico! Este poema
Traduz o drama, o conflito do querer, não
Obter e, na desilusão, partir-se Que vá!
(Sai, acenando adeuses).

S1 – Parece-se uma chama de fogueira em noite
De São João... Ou... Se vem do labirinto
Subterrâneo onde dorme a cobra grande...
Cobra rua que se estreita, de medo...

O medo cria a cobra que dorme sob a
Cidade. E a cidade se fecha... E expulsa
O poeta.

S2 – *“Nem uma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que m'a darias – bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!”*

S3 – *“Oh! Se lutei!... mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à população,
Um alvo aos ditérios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrifício aceitar-te
Para no cabo pagar-te
Meus dias unindo aos teus?”*

S1 – *“Meus dias unido aos teus.”
Sonho!!!
Como que a terra a unir-se ao mar,
Beijo praia
De lençóis maranhenses,
Corte em noite de lua cheia
De El Rei Dom Sebastião.
Rua riso que desce à praia,
de moça prisioneira
Por não poder sair à cidade
Para que não a veja olhar de
homem proibido.
Proibida de aparecer-se
No mirante que a alça a alturas
Para não desejar a rua,
Mas pede barco a vela
Que a conduza sonho sorriso
Desejo de donzela
E em busca de uma estrela,
Em que possa plantar seu beijo
Bem na estrela da testa
Do touro encanto
Dom Sebastião.*

S2 – *“Devera, sim; mas pensava
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias*

*T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dor."*

S3 – *"Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime;
Não te esqueci, eu t'ó juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!"*

S1 – *"Sacrifiquei meu futuro,"
Vida e gloria por te amar!"*
lamento amor não correspondido.
Amor pela cidade
Que não o compreende,
Não o lê
Não o olha,
Não o escuta,
Cidade que só quer glória poder...
Que desce por ruas estreitas
Em passos de medo. Esconde-se!
A poesia dá medo!



S3 – *"Tudo,tudo; e na miséria
D'um martírio prolongado,
Lento cruel, disfarçado
Que eu nem a ti confiei;
E ela é feliz (me dizia)
Seu descanso é obra minha
Negou m'ó a sorte mesquinha...
Perdoa que me enganei!"*
Ecoa o apito do navio dando partida.Sombras
Aparece a mãe de Ana Amélia, uma aparição sinistra
os tambores voltam a tocar e, vindo tênue a claridade
como se de luar, vê-se os saltimbancos a dormir.
Soa uma flauta que os acorda , como num sonho. Põem-se em
Dança e a envolver também a Mãe de Ana Amélia em coreografia
Que lembra o mar, o navio, a angustia de uma triste partida.)

S1 – A poesia, sim! O poeta, não!
A poesia pedra para a construção de Atenas. Brasileira!
Mas o poeta interroga a cidade sobre sua construção.
Movimento sob as penas de uma dura escravidão.
Que Atenas viverá,

Que não aceita a fala
Do amor a tecer-se com a liberdade?
(A mãe de Ana Amélia afoga-se no mar dança)

S2 – *“Tantos encantos me tinham
Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde para?
Onde a ilusão dos meus sonhos?
Tantos projetos risonhos,
tudo esse engano desfez!”*

S3 – *“Enganei-me!... – Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano quem erra
Não pode voltar atrás
Amarga irrisão reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu’ era...
E um louco fui nada mais!*

S1 – *“E um louco fui, nada mais!”
Deixo-te a chorar pranto as tuas fontes, deixo te amor cidade.
Ainda bem que o mar
Não se deixa ao domínio
Dos mandos de senhoriais.
É do mar que vem as carícias
Ventos noites de maresias.*



S2 – *“Louco, julguei adornar-me
Com palmas d’alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co’o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
'Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal.”*

Mãe de Ana Amélia – (voltando à realidade, entra no jogral, com crueldade)
Já se vai o cabra poeta abeirando o
Boqueirão!!! Que passe-se do abismo
E vá-se!...(como a voar, tocha de véus e fogo
Sai).

S3 – *“Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu outro fora;
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;*

*Pensar que a tua ventura
Deus ob a eterno a fizera.
No meu caminho a pusera...
E eu! Eu – fui que a não quis!”*

S1 – *“És doutro agora, e p’ra sempre!
Eu a mísero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quase descrendo dos céus!”*

S3 – *“Dói-te de mim, pois me encontras
Eu tanta miséria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!*

Mãe de Ana Amélia – (retorna e distribui
Doces aos Saltimbancos,
olha os como à espera de uma reação e irônica, diz)
Sabe! Gostei da companhia de vocês!...
Ouvirei o restante da Récita deste lindo
Poema de amor. Agora o poema mais
Lindo de amor! (Porém, não permanece
Em cena. Sai a dançar).



S3 – (Em reação festiva, como a espantar
O mau agouro, dançam e voltam a recitar)
*“Dói-te de mim que t’imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!”*

Voz de Jornaleiro – PROFECIA!!!
DILÚVIO SOBRE SÃO LUÍS! A SERPENTE
VAI DESENCANTAR-SE. (a repetir-se com ecos e sinistros outros sons)

S2 – *“Adeus, qu’eu parto, senhora:
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve: Adeus!*

S3 – “Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos: - e então
Confio que te comovas
Que a minha dor te apiede,
Que chores, não de saudade
Nem de amor, - de compaixão.
(tambores irrompem, dobram sinos
Anunciando perigo, e um grito reboa).
Grito de Rua – MULA-SEM-CABEÇA! Carruagem de fogo!!!
(a repetir-se com ecos e sinistros sons)

FIM



Amor de um Poeta

Janio Felix Filho¹

Gonçalves Dias. Nasceu no estado Maranhão, nos arredores da cidade de Caxias. Cidade esta inspiradora de suas composições. O poeta era filho de uma união não oficializada entre um comerciante português e uma mestiça cafuza brasileira, mistura de raças cujo: tem o sangue das três raças formadoras do povo brasileiro: branca, indígena e negra.

Gonçalves Dias teve seus estudos, iniciais ao longo de um ano, com o professor **José Joaquim de Abreu**, quando começou a trabalhar como caixeiro e a tratar da escrituração da loja de seu pai, que veio a falecer no decorrer do ano em 1837. Iniciou seus estudos de latim, francês e filosofia em 1835 quando foi matriculado em uma escola particular.

Após a morte de seu estimado pai – **Gonçalves Dias** – Foi mora e estudar na Europa. Em Portugal no ano 1838, onde terminou os estudos secundários e ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (1840), voltando para o Maranhão em 1845. Atravessando graves problemas financeiros, Gonçalves Dias é sustentado por amigos até se graduar bacharel no ano de 1844. Entretanto, antes de retornar, ainda em Coimbra, participou dos grupos medievistas da **Gazeta Literária** e de **O Trovador**, compartilhando das idéias românticas de **Almeida Garrett**, **Alexandre Herculano** e **Antonio Feliciano de Castilho**. Há convivência de tanto tempo fora de sua pátria – Caxias - Ma – É inspiração para escrever a saudosa **Canção do exílio** e parte dos poemas de **“Primeiros cantos”** e **“Segundos cantos”**; o drama **Patkull**; e **“Beatriz de Cenci”**, depois rejeitado por sua condição de texto **“Imoral”** pelo Conservatório Dramático do Brasil. Foi ainda neste período que escreveu fragmentos do romance biográfico **“Memórias de Agapito Goiaba”**, destruído depois pelo próprio poeta, por conter alusões a pessoas ainda vivas.

¹ **Janio Felix Filho - Jaru Rondônia - 25 de fevereiro de 1980.** Escritor, poeta, contista, romancista, cronista, tem várias obras publicadas no Brasil, dentre as quais se destacam: **“Vida de Colono”**, **“O Amor que toda Mulher Sonha Ter”**, **“Paraíso Dividido”**, **“Minhas Lembranças”** e **“Flores de um Jardim”**, este publicado em dezembro de 2011 pela a editora Prottexto, em Curitiba-PR, disponível no site: www.prottexto.com.br/livraria.php. No prelo: **“Entre o Sol e a Escuridão”**.

No ano seguinte ao seu retorno conheceu aquela que seria sua grande musa inspiradora: **Ana Amélia Ferreira Vale**. Várias de suas peças românticas, inclusive “**Ainda uma vez – Adeus**” foram escritas para ela. Nesse mesmo ano viajou para o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, onde trabalhou como professor de história e latim do Colégio Pedro II, além de ter atuado como jornalista, contribuindo para diversos periódicos: *Jornal do Comercio, Gazeta Oficial, Correio da Tarde, Sentinela da Monarquia e Gazeta Oficial, publicando crônicas, folhetins teatrais e crítica literária*.

Em 1849 fundou com **Porto Alegre** e **Joaquim Manuel de Macedo** a revista Guanabara, que divulgava o movimento romântico da época. Em 1851 voltou a São Luís do Maranhão, a pedido do governo para estudar o problema da instrução pública naquele estado.

O amor do poeta: **Ana Amélia**.

Em 1851, a mãe de **Ana Amélia Ferreira** não concordou com a paixão do homem mestiço – Gonçalves Dias – Por sua filha. Vários de seus poemas, inclusive “**Ainda uma vez, Adeus**” foram escritos para Ana Amélia. Gonçalves Dias pediu Ana Amélia em casamento em 1852, sobretudo, em virtude da ascendência mestiça do escritor, a mãe de Ana Amélia refutou veementemente o pedido.

A poesia “**Ainda uma vez – adeus, -**” bem como as poesias “**Palinódia e Retratção**” – uma de suas mais primordiais composições foi inspirada por Ana Amélia Ferreira do Vale, cunhada do Dr. Teófilo Leal, ex - condiscípulo do poeta em Portugal e seu grande amigo.



Ainda uma vez – Adeus

Enfim te vejo! – enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

II

Dum mundo a outro impelido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na cressa cerviz!
Baldão, ludíbrio da sorte
Em terra estranha, entre gente,
Que alheios males não sente,
Nem se condói do infeliz!

III

Louco, aflito, a saciar-me
D'agrar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp'rança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!

IV

Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

V

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

VI

Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que me darias – bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações, que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!

VII

Oh! se lutei! . . . Mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrifício aceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

VIII

Devera, sim; mas pensava,
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu, quinhão de dor!

IX

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

X

Tudo, tudo; e na miséria
Dum martírio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
“Ela é feliz (me dizia)
” Seu descanso é obra minha.”
Negou-me a sorte mesquinha. . .
Perdoa, que me enganei!

XI

Tantos encantos me tinham,
Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde pára?
Onde a ilusão dos meus sonhos?
Tantos projetos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

XII

Enganei-me!... – Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra.
Não pode voltar atrás!
Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

XIII

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal.

XIV

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fora,
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus ab eterno a fizera,
No meu caminho a pusera...
E eu! eu fui que a não quis!

XV

És doutro agora, e pr'a sempre!
Eu a mísero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!

XVI

Dói-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!

XVII

Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

XVIII

Lerás porém algum dia
Meus versos d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; – e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, – de compaixão

A *família da linda Don'Ana* – como lhe chamavam – tinha o poeta em grande estima e admiração. Mais forte, porém, do que tudo era naquele tempo no Maranhão o preconceito de raça e casta. E foi em nome desse preconceito que a família recusou o seu consentimento. Por seu lado o poeta, colocado diante das duas alternativas: renunciar ao amor ou à amizade, preferiu sacrificar aquela a esta, levado por um excessivo escrúpulo de honradez e lealdade, que revela nos mínimos atos de sua vida. Partiu para Portugal. Renúncia tanto mais dolorosa e difícil por que a moça que estava resolvida a abandonar a casa paterna para fugir com ele, o exprobrou em carta, dura e amargamente, por não ter tido a coragem de passar por cima de tudo e de romper com todos para desposá-la!

Foi em Portugal, tempos depois, que recebeu outro rude golpe: Don'Ana, por capricho e acinte à família, casara-se com um comerciante, homem também de cor como o poeta e nas mesmas condições inferiores de nascimento. A família se opusera tenazmente ao casamento, mas desta vez o pretendente, sem medir considerações para com os parentes da noiva, recorreu à justiça, que lhe deu ganho de causa, por ser maior a moça. Um mês depois falia, partindo com a esposa para Lisboa, aonde o casal chegou a passar até privações.

Foi aí, em Lisboa, num jardim público, que certa vez se defrontaram o poeta e a sua amada, ambos abatidos pela dor e pela desilusão de suas vidas, ele cruelmente se arrependido de não ter ousado tudo, de ter renunciado aquela que com uma só palavra sua se lhe entregaria para sempre. desvairado pelo encontro, que lhe reabriria as feridas e agora de modo irreparável, compôs de um jato as estrofes de “Ainda uma vez – adeus -” as quais, uma vez conhecidas da sua inspiradora, foram por esta copiadas com o seu próprio sangue. Frustrado, casou-se no Rio, em 1852, com Olímpia Carolina da Costa, de quem se separou em 1856. Logo depois foi nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Passou os quatro anos seguintes na Europa realizando pesquisas em prol da educação nacional. Viajou para a Alemanha, onde o livreiro-editor **Brockhaus** editou os primeiros quatro cantos de “*Os Timbiras*”, compostos dez anos antes.

Voltou ao Brasil e, entre 1861 e 62, navegou pelos rios Madeira e Negro, com uma missão científica de exploração. Escreveu a “*Canção do Exílio*” – poema que se tornou tão célebre que alguns de seus versos são citados no Hino Nacional brasileiro.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.



Em 1847, publica os *Primeiros Cantos*. Esse livro lhe trouxe a fama e a admiração de *Alexandre Herculano e do Imperador Dom Pedro II*, que, a partir de então, o nomeia para diversos cargos públicos. Em 1851, pede a mão de *Ana Amélia* em casamento. Recusado pela família da amada, casa-se, no ano seguinte, com *Olímpia da Costa*. Em 1862, seriamente adoentado, vai se tratar na Europa. Já em estado deplorável, em 1864 embarca no navio *Ville de Boulogne* para retornar ao Brasil. O navio naufraga na costa maranhense no dia 3 de novembro de 1864. Salvam-se todos a bordo, menos o poeta, que, já moribundo, é esquecido em seu leito.

Voltou à Europa em 1862 para um tratamento de saúde. Não obtendo resultados retornou ao Brasil em 1864 no navio *Ville de Boulogne*, que naufragou na costa brasileira; salvaram-se todos, exceto o poeta que foi esquecido agonizando em seu leito e se afogou. O acidente ocorreu nos baixios de *Atins*, perto da vila de Guimarães no Maranhão. Por sua importância na história da literatura brasileira, foi *Gonçalves Dias* homenageado pela Academia Brasileira com o Patronato da sua Cadeira 15, onde tiveram assento *Olavo Bilac e Amadeu Amaral, Guilherme de Almeida, Odilo Costa Filho, Dom Marcos Barbosa e hoje pertence ao Pe. Fernando Bastos D'Ávila*.

Por ocasião da elaboração da antologia poética da fase romântica, elaborada por **Manuel Bandeira, Onestaldo de Pennafort** gentilmente escreveu a nota que segue, retirada daquela obra e aqui transcrita:

Retratação

Perdoa as duras frases que me ouviste:
Vê que inda sangra o coração ferido,
Vê que inda luta moribundo em ânsias
Entre as garras da morte.
Sim, eu devera moderar meu pranto,
Sofrear minhas iras vingativas,
Deixar que as minhas lágrimas corressem
Dentro do peito em chaga.
Sim, eu devera confranger meus lábios,
Mordê-los até que o sangue espadanasse,
Afogar na garganta a ultriz sentença,
Apagá-la em meu sangue.
Sim, eu devera comprimir meu peito,
Conter meu coração, que não pulsasse,
Apagado vulcão, que inda fumea,
Que faz, que jorra cinzas?
Que m'importava a mim teu fingimento,
Se uma hora fui feliz quando te amava,
Se ideei breve sonho de venturas,
Dormindo em teu regaço;
Luz mimosa de amor, que te apagaste,
Ou gota pura de cristal luzente
Filtrando os poros de uma rocha a custo,
Caída em negro abismo!
Devera pois meu pranto borrifar-te
Amigo e benfazejo, como aljôfar
De branco orvalho em pérolas tornado
Num cálice de flor;
Não converter-se em pedras de saraiva,
Em chuva de granizo fulminante,
Que em chão de morte as pétalas viçosas
Desfolhasse entreabertas.



Segundo a crítica, suas principais obras literárias foram escritas até 1854: os “Cantos”, as “Sextilhas”, a “Meditação”, os trechos iniciais de “Os Timbiras”, e a peça de teatro “Leonor de Mendonça”. No período final, favorecido pelas comissões oficiais e as viagens à Europa, escreveu o “Dicionário da Língua Tupi”, os relatórios científicos, as traduções do alemão, e o final da epopeia “Os Timbiras”.

Sua obra pode ser enquadrada no Romantismo. Procurou formar um sentimento nacionalista ao incorporar assuntos, povos e paisagens brasileiras na literatura nacional. Ao lado de José de Alencar, desenvolveu o indianismo.

De Alexandre Herculano Os primeiros cantos são um belo livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Santa Cruz, que já conta outros no seu seio, pode abençoar mais um ilustre filho.

O autor, não o conhecemos; mas deve ser muito jovem. Tem os defeitos do escritos ainda pouco amestrados pela experiência: imperfeições de língua, de metrificação, de estilo. Que importa? O tempo apagará essas máculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas páginas deste formoso livro.

Abstenho-me de outras citações, que ocupariam demasiado espaço, não posso resistir à tentação de transcrever das Poesias Diversas uma das mais mimosas composições líricas que tenho lido na minha vida. (Aqui vinha transcrita a poesia Seus Olhos.) Se estas poucas linhas, escritas de abundância de coração, passarem, os mares, receba o autor dos Primeiros Cantos testemunho sincero de simpatia, que não costuma nem dirigir aos outros elogios encomendados nem pedi-los para si ("Futuro Literário de Portugal e do Brasil" em Revista Universal Lisbonense, t.7,pág. 7 ano de 1847-1848). De José de Alencar "*Gonçalves Dias é o poeta nacional por excelência: ninguém lhe disputa na opulência da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos seus costumes selvagens*" (Iracema) De **Machado de Assis**.

Depois de escrita a revista, chegou à notícia da morte de Gonçalves Dias, o grande poeta dos Cantos e dos Timbiras. A poesia nacional cobre-se, portanto, de luto. Era Gonçalves Dias o seu mais prezado filho, aquele que de mais louçania a cobriu. Morreu no mar-túmulo imenso para talento. Só me resta espaço para aplaudir a ideia que se vai realizar na capital do ilustre poeta. Não é um monumento para Maranhão, é um monumento para o Brasil. A nação inteira deve concorrer para ele. (Crônicas em Diário do Rio de Janeiro, de 9 de novembro de 1894.)

Seus olhos

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrelas incertas, que as águas dormentes
Do mar vão ferir;
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Têm meiga expressão,
Mais doce que a brisa, – mais doce que o nauta
De noite cantando, – mais doce que a flauta
Quebrando a solidão,
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir.
São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; – causando tormento,
Com beijos nos pagam a dor de um momento,

Com modo gentil.
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos,
Às vezes vulcão!
Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece
Me fazem chorar.
Assim lindo infante, que dorme tranquilo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,
Não pensa – a pensar.
Nas almas tão puras da virgem, do infante,
Às vezes do céu
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véu.
Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da pátria melhor;
Eu amo seus olhos que choram em causa
Um pranto sem dor.
Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão.



Cronologia

- 1823 – 10 de agosto: Nasce no sítio Boa Vista, em terras de Jatobá, a 14 léguas da vila de Caxias, Antônio Gonçalves Dias. Filho do comerciante João Manuel Gonçalves Dias, natural de Trás-os-Montes, e de Vicência Ferreira, maranhense.
- 1830 – É matriculado na aula de primeiras letras do Prof. José Joaquim de Abreu.
- 1833 – Começa a servir na loja do pai como caixeiro e encarregado da escrituração.
- 1835 – É retirado da casa comercial e matriculado no curso do Prof. Ricardo Leão Sabino, onde principia a estudar latim, francês e filosofia.
- 1838 – Parte para São Luís, onde embarcará para Portugal; chega a outubro a Coimbra e entra para o Colégio das Artes.
- 1840 – 31 de outubro: Matricula-se na Universidade.
- 1845 – Embarca no Porto para São Luís, aonde chega a março, partindo no dia 6 para Caxias.

- 1846 – Embarca para o Rio de Janeiro.
- 1847 – Aparecem os Primeiros Cantos, trazendo no frontispício a data de 1846.
- 1848 – Aparecem os Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão.
- 1849 – É nomeado professor de Latim e História do Brasil no Colégio Pedro II.
- 1851 – Publicação dos Últimos Cantos.
- 1852 – É nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros.
- 1854 – Parte para Europa.
- 1856 – Viagem à Alemanha. É nomeado chefe da seção de Etnografia da Comissão Científica de Exploração.
- 1857 – O livreiro-editor Brockhaus, de Dresda, edita os Cantos, os primeiros quatro cantos do poema Os Timbiras e o Dicionário da Língua Tupi.
- 1859 – 1861 – Trabalhos da Comissão no interior do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pará e Amazonas, chegando até Mariná, no Peru.
- 1862 – Parte para o Maranhão, mas no Recife, depois de consultar médico, resolve embarcar para Europa.
- 1862 – 22 de agosto: É desligado da comissão Científica de Exploração.
- 1862 – 1863 – Estação de cura em Vicky. Marienbad, Dresda, Koenigstein, Teplitz e Carlsbad. Em Bruxelas sofre a operação de amputação da campinha.
- 1863 – 25 de outubro: Embarca em Bordéus para Lisboa, onde termina a tradução de A noiva de Messina, de Schiller.
- 1864 – Fins de Abril: Volta a Paris. Estações de cura em Aix-Is-Bains, Allevard e Ems (Maio, junho e julho).
- 1864 – 10 de setembro: Embarca o Poeta no Haver no navio Ville de Boulogne. Piora em viagem
- 1864 – 3 de novembro: Naufrágio nas costas do Maranhão e morte de Gonçalves Dias.



Biografia

O escritor, poeta, contista, cronista e romancista, **Janio Felix Filho**, tem sua naturalidade de registrado como filho de Jarú, município do Estado de Rondônia, nascido no ano de 1980, por conveniências particulares vividas por seus pais, na época da exploração da borracha, entretanto, nasceu no dia 25 de fevereiro de 1973 na cidade de Lages RN, onde se criou e viveu a infância e adolescência a beira mar.

Na juventude trabalhou como Guia turístico da cidade, e após alguns anos mudou-se para Candelária centro de Natal, onde foi Office Boy da Receita Federal por alguns meses. Diante da crise e o desemprego foi obrigado a dançar na noite e trabalhar como Barman, em uma boate de luxo, exclusiva para mulheres, tudo para custear despesas pessoais quando cursava o primário. Iniciou a carreira de escritor e poeta no Mural Cultural de Natal, onde seu primeiro livro **“O diário de uma Colegial”** foi publicado. Tendo seu talento reconhecido na ocasião, passou a escrever na gazeta da escola semanalmente, no **“Correio Sentimental”** onde relatava suas desilusões amorosas em

forma de poesias, além de diversos assuntos abordados pelos estudantes da escola, até sua partida em 1993, para o estado do Pará.

Atualmente, vive entre as cidades de Itaituba, Aveiro, Santarém, Belém, Natal e São Paulo em virtude da publicidade dos livros e noites de autógrafos. Seu passatempo favorito, como de costume é fazer longas caminhadas nas trilhas do Parque Nacional da Amazônia, passeios no encachoeirado das corredeiras do Rio Tapajós, onde no mês de novembro acontece o Festival do Tambaqui, em São Luiz do Tapajós. Entre outras atividades esta as visitas nas grutas do Rio Copari, as cavernas do km 75, São José da Capelinha, a comunidade de Pimental com seus peixes ornamentais, Arrais tipo p3 comercializadas no exterior.

Desde 1993, Janio vive do trabalho de escritor, poeta, contista e romancista, participando de varias antologias brasileiras, tendo vários livros publicados entre os quais podemos cita: *Flores de um Jardim, Minhas Lembranças, Paraíso Dividido e Entre o Sol e a Escuridão*, publicado pela Editora Schoba em São Paulo, no primeiro bimestre de 2012.

Jânio tem uma vida tranquila e calma dedicada aos movimentos sociais da BR 163, aos filhos e as paixões vividas, nos dias de rotina mais frequente passa lendo e conectado, compondo sobre os mais variados assuntos do seu convívio peculiar e da região, além de dedicar-se por mais tempo, por certo, ao seu mais novo projeto editorial do livro *“Amazônia Belezas e Verdades dos Rios”, Intimidade” e” O amor que Toda Mulher sonhar Ter”* em projeto de lançamentos para o segundo semestre de 2012. E tem como objetivo, neste ano correte, homenagear o poeta e escritor Brasileiro da cidade de Caxias – MA: na Antologia *“Mil poemas para Gonçalves Dias”*.



"Ainda uma vez adens"

(Gonçalves Dias)

*Edomir Martins de Oliveira*¹

Cad.51 - IHGM

"Enfim te vejo! - enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti"



São palavras do maior de todos os poetas brasileiros, Antonio Gonçalves Dias, que decantando o amor, novamente, com o romantismo que lhe foi sempre peculiar, se declara ao grande amor de sua vida Ana Amélia.

O romantismo do poeta decantado em tempos de outrora, fez escola, e nunca será olvidado, porque o romantismo desde as narrativas bíblicas, encontrou guarida em Adão, o primeiro romântico registrado na Bíblia Sagrada, quando declara poeticamente para Eva a companheira que Deus lhe concedeu: esta será chamada varoa, porque do varão foi tirada, sendo carne da minha carne e osso dos meus ossos.

Por isso quem vive em São Luis, ao ciceronear algum visitante, sente necessidade

1 **Edomir Martins de Oliveira.** Advogado. Professor. Presidente do IHGM - período 2000/2002. Nasceu em 21/04/1937, filho de Clodomir Correa de Oliveira e Emilia Fontes Martins de Oliveira. Coursou Curso de Ciências Jurídicas e Sociais na UFMA; Cargos exercidos – Diretor do SESC - Serviço Social do Comércio; Professor Universidade Federal do Maranhão; Chefe do Departamento de Direito da UFMA; Coordenador do CCso.-Centro de Ciências Sociais –UFMA Cargos que exerce atualmente – Corregedor do TED/OAB-MA; Assessor Jurídico da SOAMAR-MA. Condecorações recebidas de maior destaque: **"Medalha do Mérito Timbira"** –outorgada pelo Governo do Estado do Maranhão; **"Medalha Antenor Bogéa"** - outorgada pela OAB-MA. Diploma outogado pela **"International Writers and Artists Association"** – Ohio-EEUU. Trabalhos publicados - "Pétalas Caídas" ; "Elementos de Direito"; ...@Lembranças; "O Analfabeto e o praça-de-pré"; "Considerações sobre desquite e divórcio"; "Dois Discursos" . "Á Águia e o Rouxinol" (elegia ao Prof. Rubem Almeida patrono da cadeira nº 51 autor); "Reflexões Bíblicas"; "Gotas de Orvalho".

de ir com ele até a praça que traz o seu nome - Praça Gonçalves Dias - e contar-lhe, pelos menos em rápidas pinceladas históricas, um pouco da história da vida do grande poeta e do por que da existência da praça com uma bela estátua em sua homenagem, de frente para o mar.

É que o poeta que em suas preces pedia ao Pai: “não permita ó Deus que eu morra sem que eu volte para lá”, teve a desdita de falecer nas costas maranhenses, quando retornava ao Maranhão a bordo do navio Ville de Boulogne que naufragou, sem conseguir aportar em São Luis - MA., como previsto.

Do romantismo de Gonçalves Dias ficou a semente que germinou em terras maranhenses, deles valendo-se nosso povo, tomando-o como bálsamo para a vida, para conseguir viver melhor neste mundo atual submetido a tantas tribulações.

O maranhense diz então “ainda uma vez adeus”, senão a sua amada, mas para as coisas que o incomodam no diuturno. Adeus às intempéries. Adeus às incompreensões. Adeus às incertezas.

No meu caso particular, o meu adeus foi, desde 15.08.59, um adeus a outras namoradas, desde que na Praça Gonçalves Dias, conversando nos banquinhos da praça, passeando no bondinho à época existente, dei continuidade a um namoro iniciado em uma Igreja Evangélica, com aquela que ainda hoje, 50 anos depois, continua sendo a minha exemplar companheira, Elma Figueiredo de Oliveira, que como esposa leva o meu nome, sendo esposa inigualável, mãe exemplar, avó extremada e companheira incomparável, nós que juntos temos prosseguido, com alegria, na prazerosa manutenção do nosso lar.

O romantismo de Gonçalves Dias ainda hoje está vivo entre os maranhenses. O maranhense é um eterno poeta e romântico por natureza, daquele que tem a poesia como escopo de sua vida, decantando em versos ou em prosa, as belezas da natureza, os jardins floridos da sua cidade, a beleza da mulher amada, os pássaros, a lua, as estrelas, e tudo que tem vida e respira. E quando declara estas coisas o faz inconscientemente, sempre como herança do romantismo ensinado por Gonçalves Dias.



O Pantheon Encantado *Culturas e Heranças Étnicas na* *Formação de Identidade Maranhense* *(1937-65)*¹

Antonio Evaldo Almeida Barros

1.3.2 GONÇALVES DIAS (1823-64): ATENAS PARA ALÉM DO ESQUECIMENTO



Não há personagem mais venerada e rememorada como símbolo da Atenas Brasileira que Gonçalves Dias. Um sem-número de poesias é-lhe dedicado. O dia de sua morte, 2 de Novembro, não passava despercebido.

“Prestar homenagem a Gonçalves Dias é um dever para o Maranhão” (DNT, 31/10/1942).

Tudo indica que o 2 de Novembro começara a ser comemorado com a organização da Oficina dos Novos. Este foi o grupo fundador da AML, cujos membros se auto-intitulavam os “novos atenienses” durante a Primeira República, e que será visto como a segunda geração dos intelectuais maranhenses, a geração posterior à de Gonçalves Dias.²

1 Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia para obtenção do grau de Mestre em Estudos Étnicos e Africanos. Orientador: Prof. Dr. Jocélio Teles dos Santos. SALVADOR, 2007

2 A terceira geração será aquela de 1945. Sobre a Oficina dos Novos, ver MARTINS (2002). Além dos jornais já mencionados, busquei em *Pacotilha* (1880-1938) e no *Diário Oficial do Estado do Maranhão* (1906-62) informações sobre homenagens e festas para Gonçalves Dias no 2 de Novembro, analisando esses periódicos da segunda metade do mês de outubro à primeira metade do mês de novembro ao longo dos anos em que foram publicados.

Em 1898, no dia 3 de novembro, Baima de Carvalho (1898, p. 2) escrevia em *Pacotilha* uma poesia em homenagem a Gonçalves Dias³. Em 1900, “a mocidade, pronta sempre a render homenagens aos grandes vultos da pátria”, tomou aquela data para celebrar o poeta (PCT, 3/11/1900, p. 1). Em 1905, a Oficina dos Novos prestou sua homenagem ao poeta com salva de 18 tiros. Houve também um “préstimo cívico”, da João Lisboa à Praça Gonçalves Dias, na área urbana de São Luís, com bandas de músicas civis e militares. (PCT, 3/11/1905, p. 1) Em 1912, a festa do tricentenário da fundação francesa de São Luís começou no dia 28 de julho, dia da Adesão do Maranhão à Causa da Independência, e foi até o 2 de Novembro, a data gonçalvina, quando se glorificou o poeta através de um cortejo (MARANHÃO, 1912). Em 1913, rememorara-se o morto por meio de poesias (MARANHÃO, 1913, p. 1). Em 1917, a União Estudantil organizou uma homenagem que ocorreu com “grande brilhantismo”, nas quais os oradores foram agraciados com “demorada salva de palmas” (MARANHÃO, 1917, p. 3). Quatro anos depois, a mocidade era a encarregada de organizar as homenagens (MARANHÃO, 1921, p. 3). Em 1924, o cortejo cívico pelas ruas da cidade já era apresentado como uma “romaria anual” até a estátua do poeta, onde alunos e oradores recitavam poesias (MARANHÃO, 1924, p. 2). No ano seguinte, também foi realizada uma comemoração cívica na data gonçalvina (MARANHÃO, 1925, p. 2). Em 1927, o IHGM homenageou o poeta, quando também ocorrera um show no Casino Maranhense, clube frequentado pelas elites locais (MARANHÃO, 1927, p. 3).

Por se tratar sobretudo de uma festa oficial, de caráter cívico, nos anos 1930-7, quando o Maranhão passara por um momento de instabilidade social, política e econômica resultante da chamada Revolução de 1930⁴, houve poucas cerimônias e recordações na data gonçalvina. Gonçalves Dias fora rememorado em 1936, no *Diário Oficial do Maranhão* (1936), através de um artigo que, dentre outras coisas, narrava sua morte no mar.

A partir do Estado Novo⁵, essas festas, que algumas vezes eram realizadas tão somente por um grupo de letrados, com o auxílio de estudantes, e às vezes da AML e



3 Esta parece ter sido a primeira homenagem feita para Gonçalves Dias em *Pacotilha* entre a segunda quinzena de outubro e primeira de novembro.

4 “Nos anos trinta deste século [XX], a história política brasileira foi marcada por forte instabilidade e por vivo debate; a década se inicia com uma ruptura institucional, consagrada desde então como Revolução de 30, terminando sob a égide de nova ruptura, a decretação do chamado Estado Novo” (BORGES, 2003, p. 160). No Maranhão, esse período foi marcado por uma série de “malabarismos e mandonismos políticos”. Entre frequentes nomeações e deposições, alternaram-se no poder político do Estado diferentes personagens, entre os quais, José Luso Torres, José Maria Reis Perdigão, Astolfo de Barros Serra, Lourival Mota, Antonio Martins de Almeida, Achilles Lisboa, Roberto Carneiro e, finalmente Paulo Martins de Souza Ramos, que primeiro assumiu o poder como governador eleito (8/1936-4/1937) e, posteriormente, como Interventor Federal durante o Estado Novo (12/1937-4/1945). (BUZAR, 1998)

5 “Nos anos trinta deste século [XX], a história política brasileira foi marcada por forte instabilidade e por vivo debate; a década se inicia com uma ruptura institucional, consagrada desde então como Revolução de 30, terminando sob a égide de nova ruptura, a decretação do chamado Estado Novo” (BORGES, 2003, p. 160).

do IHGM, passaram a ter a participação direta e contínua do Estado e da imprensa. Os aniversários da morte de Gonçalves Dias eram comemorados com afinho e zelo.

Afirmava-se que, com ele, “a terra brasileira tem mais vida”, “o céu é mais azul; o sol mais quente” (BITTENCOURT, 1937, p. 3)

O epílogo de sua existência foi a tragédia inevitável do seu próprio destino. Morreu como os titãs. Foi o choque de duas imensidades. O oceano foi o seu tumulto, de onde ressurgiu depois, a Harpa afinada pela voz do mar, que sussurra nas cordas evocadoras de um passado, ou retine, maviosa na garganta do sabiá nessa palmeira legendária do solo brasileiro. (OGB, 3/11/1939, p. 2)

Gonçalves Dias era rememorado como um ataque à apatia pela qual estaria passando o Maranhão. A história e produção poética de Gonçalves Dias foi a primeira a ser focalizada, em 1944, por Nascimento Moraes, no programa de rádio *Pantheon Maranhense*.

Em 1940, as comemorações do Dia do Poeta dos Timbiras⁶ foram organizadas pelo MR. Aos três dias do mês de outubro, Ruben Almeida e Antonio Lopes se reuniram com o prefeito de São Luís, em seu gabinete, para tratar da “tradicional comemoração da data consagrada a Gonçalves Dias”, a ser realizada na praça que leva o nome do poeta. Corrêa da Silva, Astor Raposo e Costa Santos se reuniram com os diretores das escolas de ensino superior e secundário. (DNT, 31/10/1940, p. 6) Assim, no seu 76º aniversário de morte, o “Poeta Máximo” foi homenageado por diversos intelectuais, professores, estudantes, pela prefeitura municipal de São Luís, pelo Governo do Estado e pela banda de música da Polícia Militar. (DNT, 5/11/1940, p. 6)

Em 1941, as homenagens foram promovidas pela AML, pelo IHGM e pelo MR. “Foram festas onde vibrou o espírito novo da mocidade e se eletrizaram os homens de letras da Atenas Brasileira de hoje”. Na Praça Gonçalves Dias, as festas foram participadas por estudantes, pela banda de música da Polícia Militar e também pelo “povo”. Símbolo do romantismo em sua versão indianista, Gonçalves Dias foi agraciado pelo Serviço de Índios do Estado através de “dois pequenos e legítimos índios guajajaras, Pinaré e Da Mata, que foram alvo da curiosidade geral, com os seus adornos pluminários”, sentaram-se ao pedestal da estátua do poeta e declamaram poesias. Durante a noite, houve uma sessão especial na BPBL presidida pelo interventor federal. (DNT, 5/11/1941, p. 6)

Em 1942, Josué Montello⁷ escrevera um ensaio biobibliográfico sobre Antonio Gonçalves Dias no qual se destaca que este “nasceu e viveu sob o signo do sofrimento. As horas de ventura, no seu destino atribulado e glorioso, foram como nós de luz

6 Timbira é uma subfamília linguística da família Jê, que reúne línguas faladas por povos indígenas do Maranhão, Pará e Goiás.

7 Josué Montello nasceu em São Luís (MA), em 1917. Coursou os Ensinos Fundamental e Médio na Escola Benedito Leite e no Liceu Maranhense. Estudou o Pré-Jurídico no Ginásio Paes de Carvalho, em Belém do Pará. Foi membro e presidente da ABL e dos Institutos Histórico e Geográfico do Maranhão e do Pará, técnico do Ministério da Educação e Cultura, adido cultural em Lima, Lisboa, Madri e Paris, romancista, novelista, contista, teatrólogo, historiador, cronista, ensaísta, biógrafo, conferencista,

no chão das florestas impenetráveis”, um poeta que a felicidade raramente se dignara a presentear (MONTELLO, 1942, p. 40). Em 1864, depois de retornar ao Maranhão, o “‘Ville de Boulogne’ não pôde entrar no porto”, naufragando pela madrugada. “Gonçalves Dias, sem forças, está sozinho no camarote, sem ter quem o socorra nesse instante de alvoroço. É aí que morre, sozinho, abandonado pela tripulação. E desaparece no oceano, com o arcabouço do brigue destruído”⁸. (MONTELLO, 1942, p. 96)

Também em 1942, comemorou-se grandemente a data gonçalvina. “Devemos mesmo dizer que o entusiasmo e o brilho desses festejos foram uma surpresa para os sanluísenses. E dizendo-o registramos uma impressão que é geral”. À tarde, foi realizado um cortejo composto por estudantes, políticos, professores, membros da AML e do IHGM, e escritores, tendo à frente a banda de música da Força Policial do Estado. Um carro alegórico levava o retrato de Gonçalves Dias dentro de uma harpa enfeitada de flores “e uma pequena índia guajajara representando a Poesia Americana”. O carro era conduzido por soldados da Força Policial e precedido por pequenos índios guajajaras “com seus enfeites e armas”. A cada praça e busto pelos quais passava o cortejo, faziam-se louvores. Assim, homenageou-se Sotero dos Reis e se declamaram versos e se depositou um ramalhete de flores naturais no pedestal do busto de Celso de Magalhães. Quando chegaram à Praça Gonçalves Dias, “grande massa popular” se fazia presente. O prefeito de São Luís havia mandado ornamentar o pedestal da estátua. Diante desta, abriu a reunião cívica o presidente do IHGM, Braulino de Carvalho, seguido de membros do MR, intelectuais diversos, estudantes, etc. No cair da noite, entoou-se a Canção do Exílio. Assim, encerrava-se “lindamente a notável festa de civismo e tradição realizada em homenagem ao altíssimo poeta”. (DNT, 10/11/1942, p. 6)

Cerimônias como estas foram realizadas nos anos seguintes, como em 1943 (MEDEIROS, 1943, p. 2) e 1944. Neste ano, teria participado “grande multidão” e ao pedestal da estátua do poeta havia “2 jovens índios em trajes festivos, lindas corôas e diversas bandeiras, dentre estas a nacional”. A cerimônia foi transmitida por uma rádio local. (DNT, 4/11/1944)

Aos vinte e oito dias do mês de julho de 1945 foi fundado o CCGD, fundação que foi vista como “reação ao marasmo que dominava as letras maranhenses”. Nas sessões do CCGD, “todos têm externado os seus sentimentos, todos têm trabalhado pela mesma causa, que é a do reconhecimento das nossas possibilidades sem, todavia, relegar a segundo plano os valores das gerações antecessoras”. (OCL, 13/8/1946)

A partir de 1945, quem, em geral, passou a organizar as festas gonçalvinas, foram os membros do CCGD.⁹ Como no período anterior, tratava-se de uma “grande festa líteroartística” marcada pela “presença de figuras de relevo da sociedade e dos

jornalista e professor. (FARIA; BUZAR, 2005, p. 587) Foi empossado na AML em 1948, e faleceu em 2006. (FARIA; BUZAR, 2005)

⁸ Nesse naufrágio, Antonio Gonçalves Dias foi o único que morreu.

⁹ O CCGD também homenageava os vivos, como ocorreu em 1949, quando foi homenageado Ferreira Gullar (OGB, 13/06/1949, p. 4).

meios literários e científicos de São Luiz”, como ocorrera em 1947. Nesse ano, o então presidente daquele centro, professor Nascimento Moraes Filho, proferiu “substancioso discurso sobre o movimento cultural que se está desenvolvendo no Maranhão”, no que foi seguido por professoras e jovens declamando poesias, discursando e cantando em coro. (OGB, 12/8/1947)

O 2 de Novembro se apresentava como “um dia santo das nossas letras”, dia em que a intelectualidade maranhense homenageava o poeta – um morto, tornado vivo. “O Bardo da Floresta”, o “Vate Brasileiro” (OLIVEIRA, 1962, p. 2), Gonçalves Dias “será sempre, na história de nossa literatura, uma figura primacial, motivo de nosso orgulho, não como simples realce provinciano, mas orgulho de brasileiros que vemos” nele “um dos modelos mais singulares de artista e sábio estudioso dos problemas de nossa formação” (RAT, 11/1948).

A morte de Gonçalves Dias no mar, “quase moribundo, quando começava a ver, ao longe, as palmeiras”, a “ocorrência dramática”, a “violenta tempestade”, eram lembrados, ao longo dos anos, em versos e prosas. “O corpo do poeta esse foi tragado pelo Glauco abismo, aliás, como ele numa trágica antevisão, expressa em versos impressionantes, vaticinara”. (PERDIGÃO, 1955, p. 1)

Os itinerários de Gonçalves Dias e de Apolônia Pinto são similares ao itinerário de Ulisses. Eles realizam um mesmo desejo, o de voltar para casa. Na “Odisséia”, de Homero (1981), nada é capaz de impedir o retorno de Ulisses para junto de seus mesmos, de sua Ilha Ítaca. Do mesmo modo, no ensaio biobibliográfico escrito por Montello fica claro que nada foi capaz de impedir o retorno de Gonçalves Dias para junto de seus mesmos, de sua Ilha São Luís, e na consagração pública de Apolônia Pinto, descrita pela imprensa, louva-se a chegada da artista ateniense, através de seus restos mortais, à capital do Estado. O itinerário do “povo” que compõe a região, essa comunidade imaginada, deve ser como o itinerário gonçalvino e de Apolônia, cujo ponto final é um retorno à própria região. Nessa perspectiva, a identidade regional pode ser interpretada como uma tentativa de apresentar práticas e experiências de indivíduos e grupos diversos em um percurso único e em um *corpus* identitário construído como claramente demarcado.

Em 1949 estiveram presentes no 2 de Novembro, o governador e membros do secretariado do Estado. Ao lado da “estátua do genial poeta, artisticamente ornamentada”, estavam “altas autoridades civis e militares, professores, grande número de alunos das escolas secundárias e primárias e outras figuras de relevo do nosso meio social”. (FERREIRA, 1949)

3 DE NOVEMBRO



O Três de Novembro
Fonte: FES (7/12/1949)



Ainda em 1949, em discurso proferido pelo professor Mata Roma, dentre outras coisas, foi dada alma e vida à estátua – morta – do poeta. “É como arauto que falo [...] do poeta maior de todos os tempos. E, em coro, toda esta mocidade vibrará de comovido orgulho. E a própria estátua, animada pelo nosso entusiasmo, criará vida”. “E Gonçalves Dias terá presença real e cantará. Cantará de novo os feitos da nossa gente e os primores da nossa terra”. Contribuindo para animar a estátua, ajudaram também outros poetas e professores. E, por fim, caso as palavras não fossem suficientes para vivificá-la, tocou a banda de música da Força Policial. Desse modo, “naquela tarde, na mais aprazível Praça de nossa S. Luiz, prestaram os maranhenses mais um culto de suprema glorificação ao inspirado poeta Gonçalves Dias que, com talento, elevou o nome do Maranhão”. (FERREIRA, 1949)

Essa cerimônia, em que a estátua de Gonçalves Dias é animada e o poeta ganha presença real, pode ser interpretada como uma alegoria que representa discursos e práticas através dos quais a Atenas Brasileira se atualizava. De um lado, a estátua talvez simbolize como era vista a concretude da vida maranhense, algo estanque, parado. De outro, simbolizando os discursos construídos nas diversas cerimônias recordando um passado distante tornado próximo e presente, as palavras de Mata Roma, que levava entusiasmo para a mocidade durante a cerimônia. A estátua precisa de belas alocuções para ganhar vida, ainda que tal sopro vital se reduza a poucos momentos, e depois, ela

própria, vire espaço de outras linhas, linhas de indiferença vindas de indivíduos e grupos para os quais o *Maranhão-Atenas* fazia pouco ou nenhum sentido, até que, em outro momento, ela seja novamente animada e vivificada por outra bela alocução.

Gonçalves Dias não se constitui como um símbolo exclusivo da região, embora nesta ele fosse pia e constantemente celebrado. Em 1957, no Rio de Janeiro, foi organizada uma homenagem durante o 93º aniversário de morte do poeta, da qual participaram várias instituições culturais (JPQ, 3/11/1957, p. 1). No Maranhão, além de São Luís, Gonçalves Dias era lembrado anualmente em sua cidade natal. Em 1937, “vivendo ainda das ricas tradições dos seus notáveis vultos nas letras e nas sciencias”, Caxias prestou homenagem ao Poeta dos Timbiras (CRZ, 14/8/1937, p. 1).

Em 1959, houve um movimento organizado por intelectuais maranhenses, liderados pelo poeta e cirurgião dentista Fontenele Viana, visando colocar uma estátua de Gonçalves Dias em Brasília, então futura capital federal. A ideia teria sido bem aceita pelo presidente da república, Juscelino Kubitschek. O movimento foi articulado no Rio de Janeiro, e contou com o apoio de senadores e deputados federais do Maranhão. (CRZ, 1/8/1959, p. 2)

Dada a primazia do poeta, desejava-se que a herma fosse inaugurada quando da fundação de Brasília (CRUZ, 1959, p. 1). A ideia de uma herma para figurar no panteão de Brasília seria para os caxienses “um movimento de reedificação de suas tradições”, uma “demonstração da superioridade de seus sentimentos de Cultura e Arte” (CRZ, 8/3/1959, p. 1).



REFERÊNCIAS

- A JUVENTUDE. Órgão Oficial do Grêmio Cultural João Lisboa. São Luís, 1957.
- A LUZ. Órgão da Juventude Espírita Maranhense. São Luís, 1948.
- A PÁTRIA. São Luís, 1947.
- A TARDE. Carolina, 1934-5; 1950-5.
- A TARDE. São Luís, 1951.
- ALMEIDA, Ruben. A cidade de São Luiz (tentativa de reconstituição histórica). Revista de Geografia e História do Maranhão, São Luís, dez. de 1954.
- ARAÚJO, Corrêa de. A agonia de Atenas. Diário do Norte, São Luis, 12 de nov. de 1939.
- _____. Ao Guimarães Martins. Diário do Norte, São Luis, 28 de abr. de 1940.
- _____. Ode a Gonçalves Dias. Diário do Norte, São Luis, 14 de abr. de 1944.
- _____. O Sabiá de novo está cantando. Revista da Academia Maranhense de Letras, São Luís, v. 6, 1949.
- BEZERRA, Boaventura. Maranhão Athenas e Maranhão Apenas. Jornal Pequeno, São Luís, 14 de dez. de 1961.
- BITTENCOURT, Nereu. A Gonçalves Dias. Diário do Norte, São Luis, 11 de jul de 1937.

BOGÉA, Antonio Mourão. Discurso de posse em ingresso na Academia Maranhense de Letras em 1963. Revista da Academia Maranhense de Letras, São Luís, v. 19, jun. 1998.

CARVALHO, A. C. Bayma de. À memória do Dr. Antonio Gonçalves Dias, falecido no mar, no dia 3 de nov. de 1864. Pacotilha, São Luís, 3 de nov. de 1898.

CRUZ, Bráulio Bispo da. Vida de policial, anos 1950, 1960...: entrevistas semi-estruturadas realizadas em São Luís, Maranhão, Brasil. São Luís, mar. e dez. de 2005. Entrevistas concedidas a Antonio Evaldo Almeida Barros.

CRUZ, Monsenhor Arias. Gonçalves Dias em Brasília. Cruzeiro, Caxias, 15 de mar. de 1959.

_____. Zébruno. Cruzeiro, Caxias, 6 de ago. de 1948.

FERREIRA, Arnaldo de Jesus. Discurso de posse em ingresso na academia Maranhense de Letras em 1951. Revista da Academia Maranhense de Letras, São Luís, v. 9, 1954.

FERREIRA, José Jansen. Apolônia Pinto e seu tempo. Serviço Nacional de Teatro, 1953.

GARRIDO, Assis. Estão em São Luiz os despojos da grande artista. O Globo, São Luís, 17 de dez. de 1947.

LOPES, Antonio. Antonio Lobo. Diário do Norte, São Luís, 21 de jul de 1938.

_____. Folclore Maranhense. Diário do Norte, São Luís, 20 de jun. de 1942.

_____. Presença do romanceiro. Versões maranhenses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MAGALHÃES, Celso de. A poesia popular brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1973.

MARANHÃO. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. CENTRO DE CULTURA POPULAR DOMINGOS VIEIRA FILHO. Memória de Velhos. Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: LITHOGRAF, 1997.

V. 3: Depoimento de Marciano Vieira Passos. V. 5: Depoimentos de Alauriano Campos de Almeida, Canuto Santos, João Francisco do Espírito Santo, João José de Sousa Machado e José Costa de Jesus.

MARANHÃO. Noticiário. Sobre o tricentenário da fundação francesa de São Luís. Diário Oficial do Estado do Maranhão, São Luís, 4 de nov. de 1912.

_____. Noticiário. Recordação de Gonçalves Dias. Diário Oficial do Estado do Maranhão, São Luís, 3 de nov. de 1913.

_____. Noticiário. Aniversário de Gonçalves Dias. Diário Oficial do Estado do Maranhão, São Luís, 3 de nov. de 1917.

_____. Noticiário. Mocidade e Academia Maranhense de Letras homenageiam Gonçalves Dias. Diário Oficial do Estado do Maranhão, São Luís, 3 de nov. de 1921.

_____. Noticiário. Romaria anual à estátua de Gonçalves Dias Diário Oficial do Estado do Maranhão, São Luís, 3 de nov. de 1924.

_____. Noticiário. Comemoração cívica no aniversário de falecimento de Gonçalves Dias.

Diário Oficial do Estado do Maranhão, São Luís, 3 de nov. de 1925.

_____. Noticiário. O Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão homenageia Gonçalves Dias. Diário Oficial do Estado do Maranhão, São Luís, 3 de nov. de 1927.

_____. Noticiário. Sobre Gonçalves Dias. Diário Oficial do Estado do Maranhão, São Luís, 3 de nov. de 1936.

MONTELLO, Josué. Os Tambores de São Luís. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

_____. Discurso de posse em ingresso na Academia Maranhense de Letras em 1946. Revista da Academia Maranhense de Letras, São Luís, v. 20, dez. 1998.

_____. Gonçalves Dias. Ensaio biobibliográfico. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1942.

PERDIGÃO, Fernando Eugênio dos Reis. Discurso de posse proferido em ingresso na Academia Maranhense de Letras em 15/02/1951. Revista da Academia Maranhense de Letras, São Luís, v. 19, p. 64-87, dez. de 1998.

_____. Gonçalves Dias. Jornal Pequeno, São Luís, 3 de nov. de 1955.

RAPOSO, Ignácio. Apollonia. Diário do Norte, São Luís, 10 de mar. de 1940.

REGO, Costa. A glória literária. Diário do Norte, São Luís, 23 de jan. de 1945.

_____. A França é mesmo eterna. Diário do Norte, São Luís, 13 de abr. de 1945.

REIS, Ignácio. Degeneração na Cultura. Alvorada, São Luís, 01 de jun. de 1956.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MARANHÃO. São Luís, 1937-62.

SANTOS, Hilton Assunção dos. 350 anos. Jornal Pequeno, São Luís, 8 de set. de 1962.

SANTOS, Rodrigues dos. O século do modernismo. Diário do Norte, São Luís, 19 de jul. de 1941.

SANTOS, Valdemar Sousa. O Maranhão de ontem o de hoje. O Globo, São Luís, 2 de maio de 1941.

SERRA, Astolfo. Notas para um estudo do negro maranhense. Revista de Geografia e História do Maranhão, São Luís, fev. 1950.

SILVA, M. Nogueira da. Gonçalves Dias – no domínio da lenda. Diário do Norte, São Luís, 8 de mar. de 1941.

SOBRINHO, Manoel. Ressurreição. Aos moços do Maranhão. Diário do Norte, São Luís, 4 de maio de 1940.

_____. Apollonia Pinto. Diário do Norte, São Luís, 11 de fev. de 1940.

_____. Discurso de recepção a Fernando Ribamar Viana por ocasião do ingresso deste na Academia Maranhense de Letras em 01 de maio de 1946. Revista da Academia Maranhense de Letras, São Luís, v. 19, jun. 1998.

VALE, José Sá. Gonçalves Dias. Diário do Norte, São Luís, 2 de nov. de 1941.



Nacionalismo Gonçalves

Dinacy Corrêa¹

Um estudo sobre nacionalismo na poesia de Gonçalves Dias, partindo-se de uma sucinta abordagem biobibliográfica do autor, seguindo-se um breve estudo crítico analítico dos elementos nacionalistas presentes no discurso poético gongalvino.

Palavras-chave: Nacionalismo; Romantismo; Índio; Identidade Cultural.

Study concerning the present nationalism in Gonçalves Dias poetry. A brief comment is made on the author: life and work. The present nationalist elements are analyzed in the poetry gongalvina.

Keywords: Nationalism; Indian; Romanticism; Cultural Identity.



Mavioso Sabiá: poeta das palmeiras, do Amor e do indígena brasileiro

É um dever para todos os brasileiros, mas cabe mais particularmente aos filhos da Província, pugnar pelas suas glórias. O Maranhão, que tão dignamente figura na República das Letras, deve dar o exemplo de como se estimar os bons engenhos, de como se zela a fama própria, de como se respeitam esses grandes vultos que entram no Panteon da Posteridade. (Gonçalves Dias²)

De “aparência extremamente simpática e atraente, posto que baixo, não chegando a medir mais que um metro e meio de altura [...], mãos e pés pequenos, passos curtos e andar apressado [...], movimentos ágeis [...] olhos pequenos e pardos, porém muito expressivos e fascinantes³”, pele morena... Antônio Gonçalves Dias (10.08.1823/03.11.1864), poeta, advogado, etnógrafo, professor, jornalista, teatrólogo... veio ao mundo no Sítio Boa Vista, povoado de Jatobá, próximo a Caxias-Ma. (Filho de pai português, Antônio Manuel Gonçalves Dias e mãe brasileira (mestiça, pro-

1 **Dinacy Mendonça Corrêa.** Professora Estadual (SEEDUC-Ensino Médio; UEMA-Cecen-Letras). Graduada em Letras-UFMA. Pós-graduada em nível de Especialização (Metodologia do Ensino de Terceiro Grau-UEMA) e Mestrado (Ciência da Literatura-UFRJ). Pesquisadora de Literatura e Cultura Maranhense, com alguns trabalhos premiados e publicados na área. Atualmente, cursa doutorado (também em Ciência da Literatura-UFRJ). Membro da Academia Arariense-Vitoriense de Letras.

2 Carta a Antonio Henriques Leal (Paris, 05.10.1863).

3 Descrição do dileto amigo Antonio Henriques Leal, apud. MORAES, Jomar. Gonçalves Dias, vida e obra, p. 156-08.

vavelmente cafuza), Vicência Mendes Ferreira). “[...] um órfão afetivo, privado dos pais pelo nascimento bastardo e a consequente discriminação preconceituosa a que se soma o preconceito racial: órfão de amor, privado do casamento com Ana Amélia, o que o empurrou para a orfandade e o exílio da terra que mais amou: o Maranhão”, como bem o diz Carneiro (2007, p.36). Não obstante, é o “poeta sobre todos os poetas, por seu temperamento viril e (vasta) cultura humanística”, no dizer de Otto Maria Carpeuax⁴.

Desde a mais tenra infância, vive uma rotina de trabalhos e responsabilidades (começando pelo empreendimento comercial do pai, em Caxias, onde atua como responsável pelo caixa e pela escrituração do estabelecimento), mas alentada por muita amizade – dentre as suas virtudes, a mais cultivada e aperfeiçoada. Nada se igualava a uma sincera e saudável amizade para o poeta que

...doou-se inteiramente, aos poucos, mas satisfatórios, amigos de conversa e aconselhamentos recíprocos. Na companhia deles, era sempre sorridente, espirituoso, tomava a frente nas conversações e sempre a contar algum caso que despertava a alegria e satisfação espiritual em todos os ouvintes. Externava admirável carinho às crianças. Ao vê-las, seu coração palpitava de emoção e era como se visse o que afirmou no seu poema *Te Deum* [...]: “Na inocência do infante és Tu que falas”. Em ouvindo-as falar, na espontaneidade das brincadeiras inocentes, ouvia a voz de Deus, a voz da Infinita Sabedoria. A verdade, talvez, da filosofia das Filosofias. (SOARES, 2006, p. 25)



Amizade, sobre cuja essência, discorre, filosoficamente, em missiva a outro grande amigo (Teófilo Leal):

A única paixão que caminha segura e firme em todos os tempos e circunstâncias por entre os vaivens e temporais da vida – é a Amizade. Nobre, pura, desinteressada, dedicada, sem nuvens que a empanem, sem zelos que a enegreçam; sem vicissitudes e alternativas que a depreciem, descorem ou matem, é entre todas, e só entre todas – a Amizade. É ilusão que se não desdoura, – o sonho que se realiza no bem; é a realidade nas aspirações para o gozo, como Deus é a verdade nas aspirações para o infinito. Só não é imutável porque reverdece, progride e se enraíza cada vez mais com o tempo. O poder tem cortesãos, a riqueza parasitas, a glória adúladores: não são amigos (apud MORAES, 1998, p. 161).

Versado em Latim, Francês e Filosofia, ainda adolescente, parte para a Europa, a dar continuidade aos estudos. Instalado em Portugal, faz o curso de Direito, na Universidade de Coimbra – onde e quando se familiariza com as obras clássicas, ao mesmo tempo em que se inicia na arte de poetar e ensaia os primeiros relacionamentos amorosos, retornando à terra natal em 1845.

Em 1846, dá a público os seus **Primeiros Cantos**, vindo a conhecer, à mesma época, Ana Amélia Ferreira do Vale – jovem formosa, pertencente a uma tradicional

4 - Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira. 3ª. ed. rev. e aument. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1962, p. 92.

família de origem portuguesa, musa inspiradora do seu canto de Amor, por quem nutre um forte sentimento amoroso, mutuamente correspondido, mas não realizado.

Em 1847, integra o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Em 1848, passa a atuar como redator de debates do Senado e da Câmara. Nesse mesmo ano, publica os seus **Segundos Cantos** e as **Sextilhas de Frei Antão**.

Em 1849, é nomeado professor de Latim e de História da Pátria, no Colégio Pedro II. Em 1851, faz pesquisas históricas para o Governo, na Província do Norte, temporada em que publica os seus **Últimos Cantos**.

Em 1852, contrai núpcias com Olímpia Coriolana da Costa, com quem tem uma filha (Joana). Em 1853, é nomeado Oficial de Secretaria dos Negócios Estrangeiros, quando, então, é transferido para a Europa, onde permanece até 1857. Nesse mesmo ano, vêm a público os primeiros cantos d' **Os Timbiras**.

Na opinião da crítica abalizada, dentre os seus escritos, os mais destacáveis, estão: **Primeiros Cantos** (1847); **Segundos Cantos** e **Sextilhas de Frei Antão** (1848); **Últimos Cantos** (1851) poesia; **Os Timbiras** (1857 – poema incompleto); **Dicionário de Língua Tupy** (1857); **Patkull, Beatriz Cenci, Leonor de Mendonça** (1857), teatro.

Em 1858, em missão científica, vem a percorrer os Estados do Norte e Nordeste quando, então, passa a estudar os indígenas brasileiros, em seus aspectos físico, moral e social. Em 1863, parte novamente para a Europa em busca de tratamento de saúde. Nessa estada, em Portugal, chega a produzir ainda alguns de seus belos poemas.

Já bastante doente, muito abatido, mesmo, quase moribundo, o poeta, que jamais cogitara da possibilidade de morrer longe de sua pátria, convicto e verdadeiramente orgulhoso de ser maranhense, em carta a Teófilo Leal (seu leal amigo), expressa esse ardente desejo: “Sofrer, sofrer, antes no meio de gente que me entenda [...] prefiro o meu túmulo cespídis nas margens do Bacanga... [...]”. (*apud*. MORAES, p. 166).

Em 09.09.1864, já está a bordo do *Ville de Boulogne*, que sairá do porto do Havre, com destino a São Luís do Maranhão. Conforta-o a ideia de que morrerá entre os seus, no calor da terra amada... Uma semana antes da chegada ao pátrio litoral, sente as forças se lhes esvaírem, dependendo, pois, de outrem para erguer-se e sair do leito. E já não lhe é possível ingerir qualquer alimento, limitando-se a água com açúcar. Por acenos, dá a entender a um marinheiro (ao qual se afeiçoara e vice-versa), de que não chegaria a São Luís... E é Antonio Henrique Leal (1987, p. 83) quem dá conta de que:

Quando às seis horas da tarde do dia 02 de novembro avistaram as costas do Maranhão, pediu que o levassem ao tombadilho e aí, enfiando por elas os ávidos olhos arrasados de lágrimas, sentiu tão profundo abalo, que caiu em delíquio. Das três para as quatro horas da madrugada, já do dia 3 de novembro, bateu o brique nos baixios chamados Coroa dos Ovos, ou dos Atins, próximo à Vila de Guimarães, e em breve estava toda a embarcação inundada e a câmara completamente tomada de água, perecendo nela Gonçalves Dias! [...].

Reiterando, pois: a 03 de novembro de 1864, já em vias de pisar no solo idolatrado, vem a falecer, vítima do naufrágio do *Ville de Boulogne*, no Baixo dos Atins (Tutoia – próximo aos Lençóis Maranhenses), de onde contempla, pela última vez, o leque das palmeiras de sua terra, a balançar ao vento... conforme rogara a Deus, na sua imortal e sempre atual **Canção do Exílio**: *Não permita Deus que eu morra/ Sem que eu volte para lá;/ [...] /Sem qu'inda aviste as palmeiras/ Onde canta o sabiá.*

Do trágico, evento, a sentida impressão de Machado de Assis⁵ (Diário do Comércio, 29.11.1864):

...chegou a notícia da morte de Gonçalves Dias, o grande poeta dos Cantos e d'Os Timbiras. A poesia nacional cobre-se, portanto, de luto. Era Gonçalves Dias o seu mais prezado filho, aquele que de mais louçanias a cobriu. Morreu no mar, túmulo imenso para o seu talento. Só me resta espaço para aplaudir a ideia que se vai realizar na Capital do Maranhão: a ereção de um monumento à memória do ilustre poeta. Não é um monumento para o Maranhão, é um monumento para o Brasil.

Seus últimos versos (encerrando a sua trajetória poética como a iniciou, rememorando e exaltando a terra amada, os amigos...), integram o poema **Minha Terra!**, escrito em Paris, em 1864, donde a estrofe: *Depois de girar no mundo/ Como barco em crespo mar,/ Amiga pátria nos chama/ Lá no horizonte a brilhar*".

Pois do que por fora vi, querer minha terra gente aprendi. (Minha terra. Paris, 1864)

O Nacionalismo e o estro poético gonçalvino

Gonçalves Dias se destaca no [...] panorama da primeira fase romântica pelas qualidades superiores de inspiração e consciência artística. Contribui, ao lado de José de Alencar, para dar à literatura, no Brasil, uma categoria perdida desde os arcades maiores e, ao modo de Cláudio Manuel, fornece aos sucessores o molde, o padrão a que se referem como inspiração e exemplo. [...]. Nele as novas gerações aprenderam o Romantismo, sob este ponto de vista foi o acontecimento decisivo da poesia romântica e todos os poetas seguintes, de Junqueira Freire a Castro Alves, pressupõem a sua obra. "A partir dos Primeiros Cantos, o que antes era tema – saudade, melancolia, natureza, índio – se tornou experiência nova e fascinante, graças à superioridade da inspiração e dos recursos formais" (Antonio Cândido)

No contexto da Literatura Brasileira, a Poesia, e em especial a poesia romântica, se faz pródiga e reveladora do inegável talento artístico dos seus autores. No que toca ao nacionalismo, a poética de Gonçalves Dias, pode-se dizer, é mensageira das virtudes pátrias, (e) levando o sentimento de amor à terra natal, aos mais altos píncaros da glória – o que pode ser observado na **Canção do Exílio**, um dos poemas mais belos e conhecidos, deste insigne maranhense.

Em verdade, dentre as composições desse magno representante da Literatura Maranhense e Nacional, é opinião da crítica abalizada: a **Canção do Exílio**, na força dos seus recursos linguísticos e estilísticos, é a que melhor representa o sentimento

5 - apud. BANDEIRA, Manuel. **Gonçalves Dias – Poesia**, Rio de Janeiro, Livraria. Agir Editora, 1967. p. 81(Col. Nossos Clássicos).

nacionalista do poeta, em termos de **saudosismo patriótico**. Tem-se, no poema em referência, o mais expressivo do gênero, como num autorretrato (do poeta), capaz de simbolizar o seu próprio Estado. Nele, a paisagem como que eclode e a partir de uma leitura reflexiva, centrada nos objetivos do autor. São incontáveis, frise-se, os teóricos e críticos literários que se têm manifestado sobre essa Canção, evidenciando-lhe o perfil nacionalista, a exemplo de Nicola (1988, p.63), que observa, nela, o poeta “nunca se refere ao elemento humano, mas apenas aos elementos naturais, pois se citasse o homem brasileiro, teria que se referir às crises vividas pela sociedade”. Brandão (1979, p. 33) é outra voz que se ergue, opinando sobre o referido poema. Ei-lo, que diz:

Não (é) apenas a mais difundida de suas composições, mas de todas as composições poéticas de nosso país, podemos afirmar. Essa pequena obra-prima é mesmo o símbolo da nossa poesia, seja pela sua popularidade, seja por sua beleza e força que residem na simplicidade, no lirismo, no tom saudoso, na musicalidade, nessa espécie de magia que tem resistido às mais diversas análises e explicações. É algo mais entranhado que a ausência de adjetivos, que o ritmo bem marcado, que a simplicidade do vocabulário; é alguma coisa mais intrínseca a força que anima esses versos. É, digamos, a própria alma poética de nossa gente que o cantor maranhense conseguiu atingir.

Manuel Bandeira (1959, p. 19), por sua vez, expressa:

A Canção do Exílio é que foi o seu primeiro grande momento de inspiração, o passaporte da sua imortalidade. Ainda que não tivesse escrito mais nada, ficaria, por ela, o seu nome para sempre gravado na memória de sua gente. Haverá brasileiro que não a saiba de cor? Tão grande foi a popularidade alcançada por esses versos, que os dois primeiros vieram a ser aproveitados como tema de uma cantiga de roda alagoana. É uma poesia, cujo encanto verbal desaparece quando traduzida para outra língua. Desaparece mesmo quando dita com a pronúncia portuguesa. Poesia profundamente brasileira, não porque fale no sabiá, mas por qualquer outra coisa de inefável no sentimento e na expressão.



Acrescente-se, ainda, que o nacionalismo de que se reveste o poema, pode ser vislumbrado sob dois aspectos: um, a retrair uma característica romântica, quando “a Nação afigura-se, ao patriota do século XIX, como uma idéia-força que tudo vivifica”... (BOSI, 1996, p.134); outro, a configurar o saudosismo do poeta, distante da pátria: *Não permita Deus que eu morra,/ Sem que eu volte para lá; [...]*

A terra do exílio (Coimbra-Portugal/Paris-França) poderia representar, segundo os ideais românticos, qualquer outro rincão estrangeiro (já não mais sendo vista como um espaço mais agradável ou mesmo mais ilustre que o Brasil) – uma Europa sombria, com suas chaminés espargindo o fumo pelo ar, seus bosques congelados... enfim, um universo sem qualquer similaridade à terra natal: pitoresca, serena, luminosa e bela – fonte de sua inspiração poética, a mais importante, a mais excelsa de todas as nações.

Ressalte-se que, no Brasil, os autores românticos veem-se empenhados em instaurar uma linguagem típica, autenticamente nacional (liberando, pois, a língua cor-

rente, no País, das normas clássicas, cultuadas pelos autores portugueses, no propósito de edificar uma língua literária verdadeiramente brasileira). E nesse mister, tem um destaque todo especial o nosso poeta Gonçalves Dias – que, não só está interessado na questão em apreço, mas também em imprimir, na cultura nacional, um caráter diferenciado.

A **Canção do Exílio** – que segundo o professor/escritor Alberico Carneiro Filho (2007, p. 18) é, na verdade, “um poema satírico disfarçado de lírico [...], um poema que lê, ironicamente, não a natureza brasileira, mas e, principalmente, a cultura portuguesa comparada à brasileira” – como se vê, já se faz elaborar, distante dos modelos clássicos (metrificação dos versos, visando ao ritmo). E no que toca ao estilo, há de se perceber, constrói-se à base do substantivo, sem a presença visível e maciça do adjetivo, mesmo em sua calorosa e primorosa mensagem de exaltação à Pátria... Note-se mais, que a verve nacionalista do poeta se faz expressar num léxico especificamente selecionado, apto a caracterizar e a exaltar o meio ambiente que retrata, bem como o idioma nativo, a exemplo de **palmeiras** e **sabiá** (do léxico indígena) – lírica expressão da flora e fauna brasileiras em língua nacional. A propósito, como o revelam Cereja & Magalhães (1995, p.102-03), o sabiá,

personificado pela letra inicial maiúscula, aparece quatro vezes no poema e, e ao ritmar com os monossílabos cá e lá, cria uma sonoridade muito brasileira, nunca antes vista em nossa poesia colonial ou na poesia portuguesa.

A reiteração sonora da palavra sabiá forma uma espécie de gorjeio no interior do próprio poema: é o canto do pássaro se confundindo com o canto do homem.

Assim como o canto do pássaro é monótono e triste, igualmente o canto do homem é uma nostálgica canção de saudade da pátria.

Avançando mais, no trajeto da leitura, depara-se com um (nosso) **céu** mais estrelado (nossas), várzeas mais floridas (nossos) **bosques** mais cheios de vida... Enfim, um amor transbordante, a extravasar na última estrofe, num arroubo nacionalista a se substanciar num abraço aos valores cristãos (não mais à mitologia pagã) e numa subjetividade lírica, prenhe de religiosidade, e profundamente identificada à terra natal.

É de se observar que esse nacionalismo pátrio (supra referido) reflete-se em outras das suas (do poeta) peças líricas, como por exemplo, **Minha terra** (já referida acima) escrito em Paris, no ano de sua morte – quando e onde, num saudosismo reforçado pelo isolamento e pela realidade ambiental (o clima, a paisagem europeia/portuguesa que não mais o satisfazem), o autor rememora o ambiente nacional, transportando-o à paisagem poética...

A ideia da Pátria, pode-se dizer, é sentimento vivo, no coração e na alma gonçalvina, sendo a **Canção do Exílio** e **Minha Terra** (vale reiterar), um dos pontos altos, no saudosismo nacionalista de que estamos tratando – ainda que, no tocante ao lírico-amoroso, não tenha logrado maior espaço de expressão (dado à natureza do tema), não

é de se olvidar certa reciprocidade entre o sentimento amoroso e o patriótico, no nosso poeta, senão retomemos este trecho do poema supra referido...

Minha Terra
Assim eu te amo, assim,
mais do que podem
Dizer-to os lábios meus [...]
[...]
Como se ama a luz querida,
Como se ama o silêncio, os sons, os céus,
Qual se amam cores e perfume e vida,
Os pais e a Pátria e a virtude e a Deus. (Dias, 1959, p.190)

Note-se, no espaço poético, o rebrilhar da Pátria nos signos denotativos de uma beleza e essencialidade, a aflorar, da alma do poeta, no que se pode cogitar um sentimento dos mais nobres, puros, mesmo divino: o **Amor** – como a atestar que, na expressão gráfica do poeta, o verbo não comparece por acaso... É de se notar e constatar, no estro poético gongalvino, a palavra a instaurar-se no fator qualidade (em detrimento da quantidade), não obstante esta ou aquela repetição/reiteração expressiva... predominando, sempre, os mais caros sentimentos pela terra natal, no (con)firmar de um nacionalismo propriamente brasileiro – ainda que, em algumas de suas criações, patenteie-se um certo, digamos, nacionalismo estrangeiro, como numa empatia, ao sentimento de outrem, no externar de um espírito patriótico, não concernente a sua terra, mas solidário aos que experimentam, vivamente, as saudades da Pátria de origem... É o que se pode depreender das **Sextilhas de Frei Antão** (marcado pelo saudosismo português) e n' **A Escrava** (por sua vez a decantar as saudades do Congo).

Da primeira, pode parecer supérfluo, apontar o cunho histórico e o arcaísmo da linguagem – como a concentrar toda a força expressiva da composição poética, no definir de uma temática que se compraz na exaltação dos padrões medievais de bravura e devoção, representados na figura do Frei Antão de Santa Maria, de Neiva (ao lembrar um **bom tempo**, tempo ainda de glória, quando o Portugal do século XVIII ainda era um **reino cristão**). Veja-se o fragmento a seguir:

Bom tempo foy o d'outr'ora

Quando o reyno era christão;
Dava o rey huma batalha,
Deos lhe acudia do céu.

Chamava El-rey seos vassallos
Vinha o povo attencioso
Gente de mui gran valia
Os moços davão-se à guerra
As moças à devoção. (**Sextilhas de Frei Antão**. Dias, 1959, p.95).

O pequeno trecho já evidencia, simultaneamente, o saudosismo e a exaltação de um bom tempo em que as glórias do passado sobrelevam um território. Por outro lado, é de se observar, que o resgate histórico (volta ao passado) é uma das características do Romantismo.

Em *A Escrava*, todavia, é que o nacionalismo parece configurar-se em moldes mais característicos desse sentimento... à medida que a voz poética de uma escrava põe-se a recordar, saudosamente, o berço de origem, no que de mais belo o representa, num telurismo idílico, doce e tranquilo, em que a natureza se faz configurar num cenário romântico, empático ao sentimento da escrava exilada (Alsgá):

*Oh! Doce país do Congo,
Doces terras d'além-mar!
Oh! Dias de sol formoso!
Oh! Noites d'alma ao luar!
Desertos de branca areia
De vasta imensa extensão,
Onde livre corre a mente,
Livre bate o coração!*

*Do ríspido senhor a voz irada
Rápida soa
Sem o pranto enxugar a triste escrava
Pávido voa. (A Escrava. Dias, 1959, p.90).*



Reflexos nacionalistas no Romantismo brasileiro

O Romantismo trouxe-nos a emancipação literária e isso estava na lógica, para dizer, dos seus caracteres – o subjetivismo e o individualismo na arte. Tanto uma como outra dessas ideias correlatas, que o princípio romântico envolvia, agiram despertando no espírito nacional como que a necessidade de uma expressão literária às suas ideias próprias, isso juntamente quando o nosso caráter, avigorado pelo desenrolo dos fatos de que fora teatro a nação entre 1808 e 1822, triunfava na realização da autonomia política. (Antônio Lopes)

Didaticamente falando, o estro poético gonçalvino pode categorizar-se em **lírico** (com traços de subjetivismo e visível influência de sua experiência amorosa); **medieval** (representado nas **Sextilhas de Frei Antão**, escritas em português arcaico); e **nacionalista** (a exaltar a Pátria distante, idealizando a figura do índio...). É a divisão didática de Nicola (1999, p. 63). Pode-se inferir que a chamada poesia saudosista marca-se pelo sentimento de exílio e por uma contundente saudade da terra natal, a desaguar na exaltação à natureza brasileira.

A tal divisão acima referida, integram-se pelo menos três aspectos (comentados anteriormente) referentes à obra do poeta caxiense, evidenciando:

- 1) – um **lirismo** que bem delineia a perspectiva gonçalvina do Homem, concebido como um ser vivo, dotado de sentimentos e emoções – um ser pensante, que ri, chora, ama e sofre. Teriam as suas paixões e frustrações amorosas (e aqui vale lembrar a musa Ana Amélia), repercutido nesse seu expressar do saudosismo patriótico?...
- 2) – o **medievalismo**, denotando elevado conhecimento teórico e dedicação espontânea à arte literária e que faz, do passado histórico, uma característica do Romantismo brasileiro, em sua primeira fase indianista/nacionalista;
- 3) – o **nacionalismo** – a consolidar uma empática conexão entre o poeta e a estética literária em que se comunica liricamente. Ressalte-se: é no contexto do nacional que se evidencia um Gonçalves Dias saudosista, idealizador/revelador de um Brasil brasileiro, configurado numa fauna e flora *sui generis* e na transparência do seu “bom selvagem”. E pode-se falar, mesmo, de um nacionalismo romântico, que vem como definir (e caracterizar) um contato imediato com os valores nativos, num idealismo que visa à busca de uma identidade peculiar à Pátria e que se traduz na presença do índio, expressão maior do nacionalismo literário brasileiro.

Vale ponderar que, se à época, o Brasil dá os seus primeiros passos na formação de sua própria cultura, daria, a partir daí, outros, à frente, mais largos e firmes, posto que autônomos. Se, por um lado, não se pode contatar uma história/memória de um passado consubstanciado numa perspectiva de emancipação cultural (um passado digamos civilizado, apto a prescrever uma identidade nacional), por outro, o nacionalismo valeria como uma exaltação ao bom senso dos nossos silvícolas. Para Abdala Júnior (1994, p.86),

A preocupação de Gonçalves Dias com a memória não registrada pela História faz com que trace na figura indígena o símbolo adequado para a pesquisa lírica e heroica do passado, de modo que o índio gonçalvino ganha tom dos cavaleiros medievais, puros e valorosos, tão presente no Romantismo inglês e português.

Antenado às raízes nacionais, o “poeta dos índios” faz-se caprichoso, primoroso, em suas composições **Americanas**, ao idealizar/construir um personagem-índio sob os parâmetros defendidos por Rousseau. Oportunamente, vale lembrar: o fenômeno do indianismo deita suas raízes na Europa, emergindo e propagando-se na esteira de uma adesão político-filosófico, por parte dos intelectuais receptivos aos influxos da Revolução Francesa e num tempo em que a descoberta do Novo Mundo, fruto da expansão marítima, põe o Velho Mundo (a Europa) em contato com o indígena americano, em sua cultura e civilização (totalmente diversa do modelo europeu), como numa confirmação (ou mesmo concretização) dos postulados rousseauianos do *beau sauvage* – o indígena, então, passando a ser admirado, em sua simplicidade, seu sistema sociocultural... ideia que se difunde, atraindo inúmeros adeptos, no Brasil, constituindo-se numa das bases de sustentação da literatura romântica, em sua primeira fase (indianista/nacionalista), abrindo-se para um sentimento nacional em plena formação e afirmação.

Infere-se, pois, que a fértil imaginação do nosso poeta caxiense transcende a realidade *in natura*, transfigurando o índio em herói e este (herói) em mito – ótica através da qual se pode deduzir que o elemento indígena não se irradia, da poética gonçalvina, sob um prisma translúcido ou opaco (enfocando os atos de selvageria ou a discriminação de uma cultura tida como inferior), mas em reflexos luminosos, projetores dos caracteres de uma raça primitiva, em seus atos de bravura, seus costumes, *habitat*, índole, linguagem e crenças.

A propósito, vale ressaltar, a luminosidade, o calor, a insistência/persistência nos aspectos luminosos e ígneos (pode-se constatar) é marca registrada na poesia desse vate maranhense, pelo que bem mereceria o epíteto de “poeta da luz” – confirma-o Garcia (1998, p. 90), ao instar que “nenhum outro poeta brasileiro é mais visualista do que o maranhense; a emoção poética quase só lhe vem despertada pela sensação visual do mundo físico: luz, cor e forma”. E é de se convir, ainda com Brandão (1976, p. 39): “... a sensação visual está essencialmente presa à luminosidade. Sem luz não há visão e, de acordo com a força da luz, a visão será diversa. Os versos de Gonçalves Dias são, prodigamente, iluminados. [...]”. Luminosidade que se explica e justifica numa “natureza brilhante, fosforescente, iluminadamente tropical” (*id. ibid*), como apenas o “subequatorial Maranhão”, onde a juventude gonçalvina “aquecera-se e ofuscara-se, embriagada, naquele festim de luz” (Garcia *op. cit.* p. 79) – matéria-prima aurida “em suas formas e cores” e, meiga e docemente, transfigurada nos sinestésicos acordes de sua lira e a traduzir-se, por exemplo, em um “macio e brando clarão”, ou num “deleitoso fulgor”, sob um “belo manto de frouxo luar”...

Para Ramos (*apud* Moisés 1987, p.139-40),

Embora já houvesse prenúncios indianistas no Brasil, como os de Firmino Rodrigues da Silva e Joaquim Norberto, os versos de Gonçalves Dias corresponderam aos desejos de afirmação também na poesia. Ficou ele, então, como facho inovador.

De modo que, se por um lado, tem-se em José de Alencar, o maior representante da prosa indianista brasileira, por outro, como o aponta Bosi (1996, p. 32):

É preciso ver na poesia do Gonçalves Dias indianista o ponto exato em que o mito do bom selvagem, constante desde os árcades, acabou por fazer-se verdade artística. O que será moda mais tarde é nele matéria de poesia.

A partir destas considerações, depreende-se a familiaridade do poeta com o povo indígena. É de se convir que não é por acaso que, nos acordes da sua lira, a questão aqui abordada imponha-se como um sopro inspirador de muitos dos seus destacáveis poemas. E é de se reconhecer que a poesia e o romance indianista, como projeto de nacionalização das letras brasileiras, abrem passagem para o estabelecimento dos ideais românticos no Brasil.

O nacionalismo indianista gonçalvino

O outro vetor que lhe orientava a fantasia continha uma adaptação aos tempos novos e uma tomada de consciência do solo natal [...] uma visão épica do mundo traduzida no indianismo heroico (“O Canto do Piaga”) e num patriotismo e brasilidade que lhe está visceralmente conectado (“Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes”, etc.; quero antes um rosto de jambo corado”, etc., de “Marabá”). Pelo primeiro aspecto, Gonçalves dias tornou-se mestre de muitos poetas posteriores, graças à elaboração de muitas obras-primas de lirismo-amoroso, como “Ainda uma vez – adeus !”; e pelo outro, atualizou a temática indígena, conferindo-lhe a grandeza que desconhecia antes e que jamais atingiu depois, decerto porque lhe inoculou alta dose de confissão. Acrescente-se, por fim, uma consciência artesanal, patente no acabamento da forma e na diversidade dos recursos métricos, peculiar ao poeta superior. Por tudo isso, continua a ser lido e apreciado. Merecidamente. (Massaud Moisés)

Como já o foi sugerido, o nacionalismo que se instaura na produção romântica brasileira (sobretudo a da considerada primeira fase) é, marcadamente, indianista – traço característico, numa poesia nacionalista de inspiração romântica.

Em Gonçalves Dias, o índio sobreleva-se nos aspectos mais inerentes aos usos e costumes da raça (**I-Juca Pirama, Canção do Tamoio, Canto do Piaga, Marabá...**). O poeta como que se empenha em enfocar o silvícola brasileiro, numa ênfase toda especial aos seus instrumentos, danças, folguedos, costumes, crendices e força primitiva (é o que se pode depreender dos **Primeiros Cantos**, em poemas como **O Canto do Guerreiro, O Canto do Piaga, Deprecação**).

Sem olvidar o fator originalidade, os poemas em referência como que apontam uma nobreza muito peculiar à raça indígena, no que toca a sua pureza e dignidade moral, seu apego ao meio ambiente nativo – adaptável, que sempre foi, ao chão da pátria, pisado e repisado... tudo isso convergindo para a gestação de uma identidade nacional, a manifestar-se forte e saudável.

No **Canto do Guerreiro**, o olhar lírico direciona-se, exclusivamente, ao índio, perspectivando-o como guerreiro, senhor de um total domínio sobre o meio ambiente em que está inserido, suas tradições, sobretudo no que respeita à bravura, ao manejo das armas...

*A onça raivosa os passos conhece
O inimigo estremece
E a ave medrosa se esconde no céu”. (Canto do Guerreiro. Dias,
1959, p.309)*

A idealização do índio, tal como anteriormente pontuado, liga-se mais intimamente à emergência de se criar uma figura-símbolo da Nação. Aborígenes, os silvícolas

representariam, de modo deveras expressivo, o nosso passado histórico, contribuindo, ao mesmo tempo, para o engrandecimento e afirmação da cultura nacional – o que se evidencia n’**O Canto do Piaga** e em **Deprecação**, que desenham, na paisagem poética, o perfil de um índio em conflito com seus ancestrais, a sofrer, resignadamente, a punição divina, a defender sua honra de guerreiro orgulhoso. Percebe-se, nos versos, a representação desse personagem tradicional:

*Esse monstro... o que vem cá buscar?
Vem trazer-vos crueza, impiedade
Dons do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente
Profanar Manitôs, maracás.
Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo tupi vai gemer,
Hão de os velhos servirem de escravos,
Mesmo o piaga inda escravo há de ser. (O Canto do Piaga. Dias, 1959, p.313)*

*Tupã, ó deus grande! Teu rosto
Descobre:
Bastante sofremos com a tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança! (Deprecação. Dias, 1959, p.314)*



Pelo tom melancólico, a se desprender dos versos, estes podem (até) parecer fora do propósito de exaltação nacional – mera aparência, considerando-se que, no Romantismo, o elemento indígena será (defende-se), em qualquer circunstância, um retrato da Pátria e com foros de heroicidade... conforme perceptível na **Canção do Tamoio**, em que o guerreiro é exortado à batalha, incentivado a não temer nem tremer diante da morte. Veja-se:

*Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
E os fortes, os bravos
Só pode exaltar. (Canção do Tamoio. Dias, 1959, p.315)*

Os poemas indianistas gonçalvinos, portanto, elevam-se em timbres essencialmente brasileiros, configurando uma identidade nacional. Idealização convincente, denotando o empenho do poeta em estudar e entender os costumes e tradições desse povo.

Em **O Gigante de Pedra**, esse nacionalismo manifesta-se, não só em termos de tradicionalidade indígena – ameaçada pela civilização – como também na exaltação da

natureza e na expressão gráfica de vocábulos designativos/representativos da língua-pátria...

*E em guanabara esplêndida
As danças dos guerreiros.
Nas duras montanhas,
Os membros gelados
Talhados a golpe
De ignoto buril,
Descansa o gigante,
Que encerra os fados,
Que os términos
Guardas do vasto Brasil. (O Gigante de pedra. Dias, 1959, p.318)*

O considerado mais importante poema indianista gonçalvino é, no entanto, (segundo a crítica especializada), **I-Juca Pirama** – seja pelo conteúdo épico-trágico-dramático, seja pelo vigor da linguagem, como o aponta Bandeira (*apud* Moraes, 1991). Repare-se que o nacionalismo nele se instaura a partir do próprio título, traduzido (pelo poeta), literalmente, da língua tupi, significando **o que há de ser morto** ou **o que é digno de ser morto**. Tal expressão linguística, colhida de um idioma, por sinal, ágrafo, (desconhecido entre os civilizados), vem a suscitar a curiosidade do leitor, em torno desse termo desconhecido, reforçando-se, pois, mais ainda, a admiração do branco pelo índio, ora alvo das atenções – como num resgate à memória de um povo, em suas mais caras tradições... Povo, a merecer, já, outros olhares, a transcender a dimensão do meramente selvagem, na acepção, mesmo, de um combatente valoroso, um herói... A poesia indianista gonçalvina, pois, cumpre a função ideológica de difundir a representação consciente e valorativa do elemento indígena, como um todo: a língua, em suas expressões adotadas; um cenário típico de uma raça-símbolo da Nação.

Em **I-Juca Pirama**, essa linguagem aludida deixa-se perceber, não só a partir do título, como da estrutura do poema épico, desfiado em suas dez seções, em estrofes e alternância métrica variada, ensejando toda uma pluralidade de ritmos – o que vem a caracterizar cada situação ali apresentada, bem como a liberdade de linguagem. Numa conotação épico/trágico/lírica, o poema narra as lembranças de um velho índio Timbira, a registrar, no texto poético, a história de uma batalha entre duas tribos rivais.

I-Juca-Pirama, guerreiro tupi, último remanescente de seu povo (juntamente com o pai velho e cego), torna-se prisioneiro dos timbiras (ferozes e canibais), sendo-lhe, de antemão, solicitado o seu **canto de morte** – seu *curriculum vitae* de guerreiro sob as credenciais de coragem, heroísmo, honra e bravura – valores que contaminariam a todos os que comessem da sua carne, conforme a “cartilha” indígena. O jovem desfia toda a sua trajetória de lutas com as tribos inimigas (os Aimorés, por exemplo). Já na iminência de passar pelo tradicional rito de morte (a culminar com o sacrifício festivo), não obstante revestido da coragem que consagra os heróis, pede clemência ao chefe inimigo, alegando ter um pai idoso, cego e doente, a quem presta cotidiana assistência,

pelo que é considerado covarde e fraco: “Soltai-o [...]. És livre; parte” (Canto V). O jovem tupi insiste, no seu argumento, comprometendo-se em voltar e oferecer-se, de bom grado, em sacrifício, após a morte do velho genitor, sendo, então, definitivamente expulso da taba, desacreditado e considerado indigno de servir de repasto, no estranho banquete. Juntando-se ao pai, novamente (este sentindo-lhe o forte cheiro das tintas a recender do seu corpo, preparado que fora para o ritual), relata-lhe toda a angústia por que passara. Indignado, o ancião leva-o de volta, à aldeia inimiga. Ante o líder, o valente guerreiro reage, mostrando que não é covarde: “Alarma! Alarma!” – eleva o seu grito de guerra, lutando bravamente, dizimando, vencendo a tribo timbira, até que ouve do chefe o “Basta!”. Resgatada a honra do herói, pai e filho abraçam-se reconciliados e, na dignidade, o ritual de morte é consumado, para orgulho e honradez do velho pai cego.

E eis a sequência dos episódios no enredo poético-narrativo:

- a Tribo Timbira, na descritividade do ambiente em que vive, na selva (Canto 01);
- a dilemática do índio, prisioneiro, em vias de ser sacrificado no rito canibalístico (Canto 02);
- apresentação do herói, protagonista (Canto 03);
- captura deste, pelos timbiras e seu pedido de clemência (Canto 04);
- seu descrédito (ante a tribo rival), expulsão e liberação pelo chefe timbira; (Canto 05);
- a volta para junto do pai, seguida do retorno à taba inimiga, para resgate de sua honra (Canto 06);
- recusa do chefe timbira – que não libera o ritual, por considerar fraco, o povo tupi (Canto 07);
- maldição do filho, supostamente covarde (Canto 08);
- declaração e ação de guerra pelo herói, indignado e humilhado, que derrota a todos (Canto 09);
- reconhecimento (pela voz narrativa) do poder e dignidade da tribo tupi (Canto 10).

Ao longo do texto em leitura, ressalte-se, não obstante os caracteres medievais, são possíveis constatar que os exageros românticos não se patenteiam num poema que se vai construindo num formalismo tendente à simplicidade, à espontaneidade... – peculiaridades que certificam os amplos e profundos conhecimentos gramaticais (fonética, sintaxe...) do autor, a contribuir, decisivamente, na construção/idealização linguístico/literária da figura do índio, em termos convincentes:

Vem a terreiro o mísero contrário;
do colo à cinta a mucurana desce:

Dize-nos quem és, teus feitos canta.

Ou, se mais te apraz, defende-te.

[...]

O índio que ao redor derramam os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.
Meu canto de morte
Guerreiros ouwi. (Dias, 1959, p.329)

Como se pode observar, o tônus erudito desprende-se do fragmento exposto. E ainda que o chefe timbira (cujo discurso insere-se na narrativa poética), não se comunique em linguagem culta (sequer expressa em tupi), as imagens como que, espontaneamente, se vão delineando, na mente do leitor, na instância de um coloquialismo natural da cena – donde a plausível compreensão da lira em apreço, sempre bela, atrativa e natural.

Pode-se aventar que, em seus contornos épicos, a temática de abordagem no **I-Juca Pirama** vem conferir ao texto o que se pode considerar “argumento de autoridade”, considerando-se que se trata da narrativa de um velho timbira aos seus pósteres, a se confirmar na voz narrativa: *Meninos, eu vi* (Dias, 1959, p.329)... no concluir de um relato que traz à tona um passado evocativo de glórias, heroísmo, valentia e dignidade da raça indígena.

Como se pode depreender, na cultura e civilização indígena, as tradições de bravura e honra, se vão transmitindo, de uma para outra geração, sendo a covardia vista como a pecha mais indigna que um homem possa contrair. Em situações como essa, o clima que se instala no poema é dos mais expressivos e comoventes. O velho tupi (pai do guerreiro protagonista, da trama), alquebrado, cego, já sem tribo, amargurado e sentindo-se desonrado, devolve o próprio filho ao chefe dos timbiras – que *só de heróis faziam pasto* (Dias, 1959, p.359). E, voltado para este (o filho), exclama:

Tu choraste em presença da morte?

*Na presença da morte choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu descendente maldito
Sem arrimo e sem Pátria galgando
Rejeitado na morte na guerra,
Ser das gentes o espectro execrado
Sê maldito e sozinho na terra,
Tu cobarde, meu filho não és! (Dias, 1959, p.368).*

Toda a grandeza moral do poema, pode-se aventar, consiste na revelação e valorização do índio/herói, aquele que preza as suas origens e por estas enfrenta quaisquer desafios, supera (ou sucumbe a) quaisquer intempéries, no pressuposto de que a morte não prevalecerá à honra; e a honra é o dom mais caro e precioso de um homem.

O imortal poeta caxiense, ressalte-se, a partir de **I-Juca-Pirama**, aborda a questão do índio brasileiro, perspectivando-o como nobre cavaleiro medieval, comparável (pode-se aventar) aos mitológicos “cavaleiros da tábola redonda”, do lendário Rei Ar-

tur – bravos e honrados guerreiro, aptos a enfrentar desafios e a não temê-los, diante da morte...

*São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes.
Condão de prodígios, de glória e terror! (Dias, 1959, p.361).*

O poema se encerra ainda exaltando a bravura e o destemor indígena:

*Um velho Timbira, coberto de glória,
guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
[...]
Eu disse comigo: Que infâmia d'escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!
[...]
Assim o Timbira, coberto de glória,
guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
do que ele contava,
tornava prudente:
Meninos, eu vi. (Dias, 1959, p.368)*

E pode-se admitir, com Cereja & Magalhães:

I-Juca-Pirama, bem como os demais poemas de Gonçalves Dias, representa, em nossa cultura, o passo decisivo para a transformação das manifestações nativistas da literatura colonial em manifestações conscientemente nacionalistas.

O índio tupi – misto de amor, honra e luta – assemelha-se ao canto do próprio poeta, também descendente de índios; um canto de amor à pátria e à raça ancestral, um canto de luta pela construção de uma poesia genuinamente brasileira.

Ante o exposto, espera-se que as reflexões e discussões levantadas ao longo deste despretenhoso ensaio, tenham revelado, conforme proposto no resumo, o nacionalismo presente na obra poética de Gonçalves Dias, destacando-lhe a magna importância, no contexto da Literatura e da Sociedade Brasileira, sua ideologia, no que tange à emancipação literária e afirmação cultural da Nação.

Questiona-se o vocábulo **nacionalismo**, em simultaneidade às questões relacionadas ao contexto histórico-social que anteparam o surgimento do Romantismo como

Estética Literária, no fito de melhor definir o termo, em relação à temática em abordagem. De modo que, como se viu, o nacionalismo aqui se fez delinear em suas propostas básicas: **patriotismo** e **indianismo** – é o que se pode deduzir, a partir da leitura da obra desse ilustre maranhense, um dos grandes expoentes da Literatura Brasileira, empenhado na consolidação do nosso Romantismo, como ponto de partida para a criação de uma literatura nacional.

Dá-se por circunstancialmente encerrado (mas sempre aberto a novos horizontes) este processo de leitura, com um louvor ao Deus Uno e Trino, Santo Santo, Santo, a elevar-se na própria lira gonçalvina, no poema **TE DEUM...**

*Nós, Senhor, nós Te louvamos,
Nós, Senhor, Te confessamos.
Senhor Deus Sabaot, três vezes Santo,
Imenso é o poder, Tua força imensa,
Teus prodígios sem conta: – e os céus e a terra
Teu Ser e Nome e Glória preconizam.*

*E o arcanjo forte, e o serafim sem mancha,
E o coro dos profetas, e dos mártires
A turba eleita - a Ti, Senhor, proclamam
Senhor Deus Sabaot, três vezes Santo.*

*Na inocência do infante és Tu quem falas;
A beleza, o pudor – és Tu que as gravas
Nas faces da mulher, – és Tu que ao velho
Prudência dás, -- e o que verdade e força
Nos puros lábios, do que é justo, imprimes.*

*És Tu quem dás rumor à quieta noite,
És Tu quem dás frescor à mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe rouquejas.*

*És Tu que do oceano à fúria insana
Pões limites e cobro, – és Tu que a terra
No seu vôo equilibras, – quem dos astros
Governas a harmonia, como notas*

*Acordes, simultâneos, palpitando
Nas cordas d'Harpa do Teu Rei Profeta,
Quando ele em Teu louvor hinos soltava,
Qu'iam, cheios de amor, beijar Teu sólio.
Santo! Santo! Santo! – Teus prodígios
São grandes, como os astros, – são imensos,
Como areia delgada, em quadra estiva.*

*E o Arcanjo forte, e o Serafim sem mancha,
E o coro dos profetas, e dos mártires
A turba eleita – a Ti, Senhor, proclamam,
Senhor Deus Sabaot, três vezes Grande.*

REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin & CAMNPEDELI, Samira Youssef. **Tempos da literatura brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1994.
- AMARAL, Emília et al. **Novo manual Nova Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1994.
- AYALA, Walmyr. **Poema brasileiro**: período colonial e romântico. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.
- BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. São Paulo: Ediouro, 1979.
- _____. **Gonçalves Dias – Poesia**. Rio de Janeiro: Agir, 1997 (Col. Nossos Clássicos).
- _____. **Gonçalves Dias. Poesia Completa e Prosa Escolhida**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.
- BARBOSA, Osmar. **Os mais belos poemas de amor e românticos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1986.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 32ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BRANDÃO, Jacyntho José Lins. **Presença maranhense na Literatura Nacional** (Prêmio-UFMA1976). São Luís: UFMA/SIOGE, 1979.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo, Martins Editora, 1964.
- CARNEIRO FILHO, Alberico. **Gonçalves Dias – o homem e o poeta revelados por Antonio Henriques Leal**. In: Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante – Anuário nº. 05, São Luís: Jornal Pequeno, 2007.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.
- CORRÊA, Dinacy Mendonça (orientadora); OLIVEIRA, Vânia Tereza Costa (orientanda). **Nacionalismo na Poesia Romântica Brasileira**. Pesquisa monográfica (TCC-Letras)/Uema-2006.
- _____. COSTA, Eduardo Monteiro (orientando). **Teares da Literatura Maranhense: O Grupo Maranhense**. Projeto de Pesquisa BIC-Uema/Fapema-Relatório Final. São Luís: Uema, 2006 (inédito).
- _____. SOARES, Leônidas de Matos Coe (orientando). **Teares da Literatura Maranhense – o século XIX: neoclássicos e românticos**. Projeto de Pesquisa BIC-Uema/Fapema-Relatório Final. São Luís: Uema, 2006 (inédito).
- _____. **Gonçalves Dias: a um tempo neoclássico e romântico**. TCC-Letras. São Luís: Uema, 2006 (inédito).
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
- DIAS, Gonçalves. **Poesias completas e prosas escolhidas**. Rio de Janeiro, Aguillar, 1959.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GARCIA, Othon Moacyr. **Luz e fogo no lirismo de Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOPES, Antonio. **A Literatura Brasileira**. In: **Estudos Diversos**. São Luís: SIOGE, 1973.
- LEAL, Antônio Henriques. **Pantheon maranhense**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Alhambra, 1987.

- MATOS, Clarence José. **História do Brasil**. São Paulo, Nova Cultural, 1994. 202p.
- MATTOS, Francisco Silva. **Literatura brasileira e história**. São Paulo: Saraiva, 1973.
- MIGUEL, Jorge. **Curso de língua portuguesa**. São Paulo, Harbra, 1989. 408p.
- MOISÉS, Massaud & PAES, José Paulo. **Pequeno dicionário da literatura brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- MORAES, Jomar. **Gonçalves Dias e Machado de Assis: I-Juca Pirama / O Alienista: notas e comentários**. São Luís: Legenda, 1991.
- _____. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. São Luís: Sioge, 1976.
- NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**. 9ª ed. São Paulo: Scipione, 1988.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. **Poesias de Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1991.
- ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- SANCHEZ, Amauri M. Tonucci. **Panorama da literatura no Brasil**. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- WOLF, Ferdinand. **O Brasil literário**. Rio de Janeiro, Editora Nacional, 1955.



"Mil Poemas Para Gonçalves Dias"

Jandy Magno Winter¹

Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) é para mim expressão de Romantismo e natureza. Já que com sua poeticidade conseguiu consolidar o romantismo e através de seus escritos sobre a natureza reivindicou pela preservação da natureza. Lastimavelmente, morreu em naufrágio na costa maranhense, não podendo mais enriquecer a nossa literatura com outras obras. Pelo menos pode brindar-nos com um bom acervo literário.

Bem a minha ligação com Gonçalves Dias é muito antiga. É desde minha época de escola que costumo dialogar com os seus escritos.

O motivo pelo qual desejo participar desta antologia em homenagem ao grande poeta Antônio Gonçalves Dias, consolidador do romantismo é por vários motivos: O primeiro é que, durante a minha adolescência comecei a identificar-me com a poesia e em sua homenagem compus um poema que intitulei *Se morre de amor?*. Inclusive, guardei até hoje na lembrança e no papel as tardes que passavam no sótão da casa de minha mãe, escrevendo poesias e assim dialogando com Gonçalves Dias. Porque foi através de sua poesia que descobri que o amor é um sentimento que revigora a alma e não mata quando é verdadeiro. Através do amor podemos crescer e renascer para a vida. Partindo do princípio, que quando se é adolescente não se tem conhecimento disso. É uma época que vivemos sentimentos novos e nada é tão obvio. Por outro lado, comecei a criar um interesse pela natureza e pela poesia. Até hoje, ainda leio a canção do exílio quando quero sentir-me mais próxima de minha pátria e dos meus amigos. O segundo motivo é que será uma grande oportunidade de prestar homenagem ao poeta que desde a minha adolescência se tornou de certa forma o meu mestre. E desde então não mais parei de escrever poesias. Será uma honra declarar ao mundo este amor pelo poeta.



1 Jandy Magno Winter. São Félix – Bahia - 18 de agosto de 1976. Escrevo poesia desde minha adolescência, não obstante não tenho nada publicado. Atualmente estudo Filologia hispânica e latino-americana e pedagogia na universidade de Frankfurt em Alemanha. Trabalho como educadora infantil. Escrevi o livro *Pó de amor atroz* e Antologias poéticas ainda não publicadas. Possuo um blog, no qual divulgo as minhas poesias: Gelassenheit (<http://geelassenheit.blogspot.de/>), onde faço também a moderação.

Meu Nome é Jandy Magno Winter nasci na cidade de São Félix na Bahia no dia 18 de agosto de 1976. Escrevo poesia desde minha adolescência, não obstante não tenho nada publicado. Atualmente estudo Filologia hispânica e latino-americana e pedagogia na universidade de Frankfurt em Alemanha. Trabalho como educadora infantil. Escrevi o livro *Pó de amor atroz* e Antologias poéticas ainda não publicados. Posso um blog, no qual divulgo as minhas poesias: Gelassenheit(<http://geelassenheit.blogspot.de/>), onde faço também a moderação.

Como já havia mencionado anteriormente, deixo-me influenciar por sua poetividade quando escrevo sobre o amor, porque Gonçalves Dias foi a minha primeira inspiração e meu mestre. Ainda me lembro do poema que escrevi aos 16 anos. Em anexo, segue os seguintes poemas: Se morre de amor? Amo-te sem sintomas aparentes, Ave, O amor suficiente é, O Amor desconhece fronteira.



Introdução à Literatura Brasileira no Ensino Fundamental a Partir da Obra Gonçalvesiana

Karline da Costa Batista¹

RESUMO

Conforme Antônio Candido, a literatura é direito inalienável por representar valores culturais de um povo. Todavia, na prática, observa-se que as escolas brasileiras e os livros didáticos negligenciam esse direito ao proporcionar a Literatura como disciplina de estudo, tardiamente, no Ensino Médio. Desse modo, mediante tais constatações, é que se concebeu o presente artigo cuja proposta pedagógica refere-se à introdução dos estudos de Literatura Brasileira para alunos no Ensino Fundamental fomentando a familiarização e o prazer do alunato para com o texto literário enquanto o reconhece como elemento significativo na expressão da nossa identidade nacional. E dentro desse contexto é que se sugere a obra gonalviana como rudimento elementar por propiciar representativos literários ideais à aproximação aluno-Literatura.

Palavras-chave: Gonçalves Dias, Literatura Brasileira, Ensino.

No Brasil, a proposta pedagógica contempla, em tese, o aspecto linguístico e cultural durante o processo de estudo da língua materna em ambiente escolar. Inserem-se ao currículo eixos didáticos vinculados aos gêneros textuais, análise linguística e produções literárias, todavia, quiçá pela urgência econômica e sócio-comunicativa ou pela má formação profissional, os professores do Ensino Fundamental atêm-se aos dois primeiros tópicos, projetando a literatura como responsabilidade exclusiva do Ensino Médio.

¹ **Karline da Costa Batista. Aracati (Brasil).** Sou poetisa e professora, graduada em Letras pela UFC e pós-graduanda em Psicopedagogia pela FVJ. Premiada em concursos nacionais com publicações em antologias, periódicos, sites e revistas. Colaboro na presente antologia com o artigo “Introdução à Literatura Brasileira no Ensino Fundamental a partir da Obra Gonçalvesiana” por vislumbrar na pessoa de Gonçalves Dias uma figura basilar na formação das letras genuinamente brasileiras, enfatizando-o como elemento introdutório no ensino de Literatura no Ensino Fundamental ao reconhecer em sua obra valores pertinentes à aproximação aluno-Literatura.

Baseando-se no aforismo propalado por Cândido (2006), encara-se o texto literário como agente humanizador cuja acessibilidade é direito inalienável pertencente à genuína manifestação cultural de um povo, assegurando-se, de início, a praticabilidade de métodos pedagógicos voltados ao ensino de Literatura Nacional no transcurso das séries iniciais salientando, dentre tantos vultos, a expoente figura de Antônio Gonçalves Dias. De acordo com os PCN (1998).

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Toda e qualquer sociedade constrói-se com recursos humanos, naturais, econômicos e culturais, cômicos de que é a soma das partes que sustenta essa hegemonia popular, apoiando-se à Escola como difusora educativa priorizando o saber cultural, a resgatar também o texto literário no viés da interdisciplinaridade e do contexto. Nesse contexto o autor maranhense desponta pela contribuição soberba para a diferenciação e identidade de uma literatura abasileirada, no qual rompe com a estética árcade europeizada vigente consolidando os primeiros passos da Literatura Brasileira.

Destarte, para que o texto literário nacional seja abordado a contento, verificasse que o Romantismo se sobressai devido à intencionalidade peculiar latente assinalado já em sua concepção e deste, dentre outros gêneros textuais, a poesia torna-se apropriada como elemento introdutório pelo tamanho reduzido e linguagem ritmada. Repudia-se, como proposta à Introdução de Literatura Brasileira no Ensino Fundamental, o esquema didático adotado no Ensino Médio cuja preeminência parte do relato de Pero Vaz de Caminha. Sem desconsiderar sua importância, verificasse, porém, que esta proposta, apesar de relevante, não atende a perspectiva deste artigo cuja intencionalidade busca despertar a consciência literária do aluno do ensino fundamental considerando a farta contribuição de Gonçalves Dias para a diferenciação e identidade de uma literatura reconhecidamente brasileira, no qual rompe com todos os precedentes literários.

Importa mencionar que a motivação primeira para a formulação do presente artigo se deu através de indagações minhas sobre autores nacionais que poderiam ser estudados no Ensino Fundamental durante período de estágio de observação e regência de Ensino de Literatura em Língua Portuguesa em uma escola pública de Aracati, no qual, através de dados coletados em sala de aula por uma enquête, constatei que os alunos desconhecem nossos escritores e que a maioria desses adolescentes mantém-se quase que alheios a qualquer produção literária, conectados às redes sociais, jogos eletrônicos ou programas televisivos. Alguns consideram/encaram o texto literário como entidade exclusiva do livro ou elemento de pretexto para atividades de análise linguística. En-

quanto outros reconhecem a presença desses textos no ambiente virtual, mas se abstêm do acesso por desinteresse ou desabito nesse tipo de leitura.

Gonçalves Dias e a Literatura Brasileira

Principiaremos a exposição referente à predileção por Gonçalves Dias como autor introdutório no ensino de Literatura Brasileira, delimitando, em síntese, aquilo que atende por texto nacional. Numa perspectiva abrangente, distingue-se a complexidade do tema ao constataremos a presença de dois tipos de escrita: uma atrelada ao valor histórico-informativo e/ou espelhado nas concepções artísticas cultivadas na Europa e outra consciente do seu papel formador, empenhado em reconhecer/construir a identidade da jovem nação.

Projetadas no mesmo plano literário, todavia, opostas e confrontadas pelo princípio de expressão comum de um povo, nesse caso, o de brasilidade, ambas são posicionadas por diversos autores como se houvesse um *antes de* e *depois de*, caracterizando o primeiro grupo como Era Colonial e o segundo, Nacional, sugerindo ser este mais “brasileiro” do que aquele, direcionado pelos próprios termos “colonial” e “nacional” sendo imprescindível dialogar, concisamente, desde o início, o que vem a ser a Literatura Nacional e o termo brasilidade.

Quando Ronald de Carvalho (1968) defende que um povo “sem literatura seria, naturalmente, um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadado a desaparecer como rele planta rasteira, nascida para ser pisada”, enfatiza, prioritariamente, o prestígio das letras para as sociedades modernas. No Brasil, os lusitanos através de textos informativos referentes à Ilha de Vera Cruz, assumem o início do nosso legado literário, cujas produções, verdadeiros documentos históricos, são enquadradas, como literatura, enquanto conjuntos de obras distintas pelo tema ou, conforme Culler (1999) como “ato de fala ou evento textual que suscita certos tipos de atenção (...) na qual colocamos a linguagem” funcionando “de maneiras especiais devido à atenção especial que recebem” (idem). Verificasse, no entanto, que tais conceitos fogem da relação ficcional ao anular, em tese, a projeção fantástica atribuída à obra, rompendo com esta abstração que é marcante e caracterizadora do tema. Os seres presentes nesses textos não são entidades imaginárias como o é Dom Casmurro, Dona Flor, Emma Bovary ou Romeu e Julieta, mas significativos indivíduos históricos, revelando-se que o próprio termo *literatura* é um assunto obscuro e plurissemântico.

Concomitante, delinear o senso de Literatura Nacional resultará, mediante observância de determinados pesquisadores, na apresentação daquele texto redigido em determinado local, ou que simplesmente, fale sobre ele (local), ao passo que outros, mais nacionalistas, defendem como redações nacionais aquelas a expressar sensações patrióticas, alheio ao local em que fora escrito, desde que transmita manifestações re-

lativas à sua cultura. No Brasil essas representações respondem pelo instinto de brasilidade, a “vestir-se com as cores do país” numa conclusão machadiana.

Côncios, porém, de que nos três primeiros séculos da nossa literatura os autores recorriam aos moldes oriundos de Portugal a tomar, certas vezes, por empréstimo paisagens, personagens e perspectivas europeias, estranhas à população nacional, transluzindo uma principiante produção escrita no Brasil, realizada pelo estrangeiro a prosar sobre a América portuguesa conservando valores que não os nossos. Pontua-se, pois, nesse caso, a localização geográfica do autor no ato de concepção textual como fator de determinação/pertencimento natural daquele texto. No plano discursivo, o enunciado pauta-se, unicamente, na visão/cultura do forasteiro, conservando princípios ideológicos estranhos aos costumes nativos (índios). Ou acaso “Pela Ninfa, que jaz vertida em Louro”, (GONZAGA, 1942) de Tomás Gonzaga sentirá, o leitor, a expressividade indígena, sabores e cores pátrias, suas emoções e pensamentos. Desse modo, não terá Oswald de Andrade se avizinado do primeiro *sentimento* nacional quando escreve:

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.



Diversos literatos concordaram que embora estes ilustríssimos autores enriqueçam as antologias nacionais, resguardando os seus respectivos méritos, será Andrade que mais se aproxima daquilo que se compreende por expressão literária de um povo pautando-se na originalidade temática e autonomia estética e não no segmento histórico.

Em sua *Formação da Literatura Brasileira* Cândido (1981) argumenta que “o nacionalismo artístico não pode ser condenado ou louvado em abstrato, pois é fruto de condições históricas”. Relativo a isso, convence que não haverá de negar, o estudioso ou o pesquisador, que, na trajetória da literatura brasileira exista a vertente histórica e a estética, ao que aquela incorporará a produção literária como atividade intelectual gerada no seio de uma colônia portuguesa, futura nação brasileira, entrelaçada à mentalidade do colonizador a expressar, por que não, as manifestações culturais da população

alfabetizado daquela época, cuja concepção de mundo e de arte, é inspirada nos moldes greco-romanos. Concomitante, ao valor estético a outra vertente buscará pelo tema original e adicionará o elemento nativo (índios, costumes, fauna, flora) na composição da obra, forjando uma nova concepção de vida e de relações humanas destoantes à proposta literária do Velho Mundo. E para que isso ocorresse, serviu-se fartamente da literatura histórica, fornecedora dos imprescindíveis símbolos nacionais tão necessários a afirmação ideológica coletiva e basilar.

Confirma José Veríssimo (1963) que mesmo tendo o início da colonização do Brasil pelo português coincidido com a mais brilhante época da história deste povo com Camões à frente, esse “florescimento literário de Portugal não passou, porém, nem podia passar, à sua grande colônia americana” (idem). Nos textos dos pioneiros de nossa literatura deparamo-nos com passagens em estilo e linguagem poética, carregados, no entanto, mais pela função utilitária do que pela estética.

Alfredo Bosi na sua *História Concisa da Literatura Brasileira* informa que os primeiros escritos de nossa vida “documentam precisamente a instauração do processo: são informações que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e (...). Enquanto informação não pertence à categoria do literário, mas à pura crônica histórica...” (BOSI, 1997). Nisto é que divisamos a Literatura Brasileira em duas eras: a Colonial e a Nacional, ambas de suma importância para a formação nacional literária. “Não trouxeram, pois, os portugueses para o Brasil algo do movimento literário que ia àquela data em sua pátria” (VERISSIMO, 1963), e durante a fase inicial da literatura brasileira ocorreram diversos estágios de povoamento, em sua maioria, aventureiros pobres e degredados, cuja preocupação voltava-se para a exploração da nova terra e o extrativismo vegetal e mineral. “Os homens que vieram para o Brasil (...) a partir de 1530, tiveram inicialmente necessidade de descrever e compreender a terra e os seus habitantes, com um intuito pragmático necessário para melhor dominar e tirar proveito”. (CÂNDIDO, 1981). Temos, assim, narrativas, descrições, documentos administrativos, relatórios, poemas sacros, sermões dentre outros a formar preciosa coletânea literária brasileira, úteis às gerações posteriores.

Admite-se que autonomia literária surgirá, efetivamente, com o Romantismo “Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional” (ASSIS, 1969) sem declinar o valor das primeiras escrituras brasileiras em oposição à produção portuguesa, reconhecidas a partir dos textos informativos que, principiadados pela *Carta de Pero Vaz de Caminha* até a contemporaneidade. Importa discorrer que alguns desses escritos preliminares, literários ou não, serão realizados pelos brasileiros nascidos, principalmente, da união entre europeus e mestiços, educados nos moldes jesuítcos, posteriormente, enviados à metrópole.

Outros textos, despidos da intencionalidade informativo-histórica surgem, oficialmente, pelas mãos de autores como Padre Antônio de Sá (1627) Frei Eusébio de Matos Domingos Barbosa (1629), Manuel Botelho de Oliveira (1636), Gregório

de Matos (1636), Gonçalves Soares da França (s/d), Frei Vicente de Salvador (1564), Gonçalves Ravasco Cavalcanti de Albuquerque (1659) Sebastião da Rocha Pita (1960) João de Brito Lima (1671) Bernardo Vieira Ravasco (1697), Tomás Antônio Gonzaga (1744), Claudio Manuel da Costa (1729) e recorrendo, porém, à cultura europeia na composição inventiva, apresentado um panorama literário desvinculado do instinto de nacionalidade atrelado aos cânones lusitanos, suas métricas e motivações. Não obstante, compreender-se-á que provavelmente por viverem sobre domínio português e ou por ser do interesse da maioria da população letrada talvez competisse preservar e incutir/imitar traços lusitanos na sociedade recém-formada ou simplesmente, o nacional oposto ao português, eram diferenciações indiferentes/inexistentes.

É, pois, injusto censurar, como antinacionalistas, os autores do Quinhentismo, Barroco e Arcadismo, legítimos enquanto manifestantes pioneiros da literatura em solo brasileiro, empossados ou não da insígnia pátria pelos autores modernos. A eles, observa que, devemos o desabrochar de nossa consciência literária, sendo através da comparação entre aquilo que estava sendo feito e aquilo que se precisava fazer que, provocou o Grupo de Paris a refletir sobre a formação/reconhecimento da identidade cultural do Brasil, nutrindo ideias de segregacionismo, liberdade e nacionalidade literária. A revista Niterói (1836) e o livro Suspiros Poéticos e Saudades (1836) fizeram resplandecer uma literatura consciente, quase que militante, ao mesmo tempo em que surgem as primeiras manobras de desligamento político, principiado no início do século XIX, com a crise entre França e Portugal, que culminará com a vinda da corte de D. João XIX, provocando uma mobilização social político e cultural a romper os laços coloniais e assumir/reconhecer sua soberania perante a coroa.

O processo de independência em ascensão recebeu apoio da burguesia ao passo que as ideias de insubordinação e pátria livre nutriram o gênio literário de nossos poetas no século XIX, fortalecendo as convicções do povo. No “Discurso sobre a história da literatura no Brasil” publicado em 1808 pelo Grupo de Paris denuncia-se a presença literária lusitana naquilo que estava sendo escrito no país, assinalando a necessidade de se incorporar às letras a cultura popular e os elementos nativos. Nesse ponto reconhece-se, direta ou indiretamente, a importância da Literatura Colonial na gênese de nossa formação por ter sido este período que nos proveu a inspiração original para que fossem instituídas as representações nacionais. Afinal, onde nossos nobres nacionalistas extrairiam conhecimentos sobre os primeiros povos e costumes se não fossem as crônicas históricas?

Machado de Assis reconhecerá o Romantismo como o primeiro movimento literário a “trabalhar” em prol da independência, justificando os anteriores pela homogeneidade de costumes e tradições vigentes. Diversos poetas lançaram-se neste intento inédito em suas motivações, todavia serão os primeiros representativos nacionais aqueles surgidos a partir da poesia de Gonçalves Dias.

A aparição de Gonçalves Dias chamou a atenção das musas brasileiras para a história e os costumes indianos. Os Timbiras, I-Juca Pirama, Tabira e outros poemas do egrégio poeta acenderam as imaginações; a vida das tribos, vencidas há muito pela civilização, foi estudada nas memórias que nos deixaram os cronistas, e interrogadas dos poetas, tirando-lhes todos alguma coisa, qual um idílio, qual um canto épico. (MACHADO, 1959)

Embora Gonçalves Magalhães seja considerado o preconizador do Movimento Romântico Brasileiro ao publicar a antologia “Suspiros Poéticos e Saudades” (1836) será Gonçalves Dias o nome expoente da primeira geração ao embeber-se da inspiração romântica e utilizar a natureza e pátria como temas.

Desse modo, consciente de sua identidade cultural, Dias empregará o eu-lírico, distante e saudoso da sua terra, dando forma poética à saudade instaurando o sentimento de pertencimento à pátria além-mar. Sílvia Romero (1980) designará o autor como aquele “do que há de mais nacional e do que há de mais português em nossa literatura”. Antes do autor caxiense, a produção literária brasileira, europeizada, foi, no entanto, abasileirada por ele. Se por um lado do Grupo de Paris irradiavam doutrinas revolucionárias, do outro constatamos que nenhum dos seus colaboradores mostrou-se apto a efetivá-las com o talento e primor que o fizera Gonçalves Dias executando o verso nacionalista com esmero. Na “Canção do Exílio”, a exemplo, não se ouve o balido das ovelhas árcades, mas o canoro sabiá a gorjear por entre palmeiras e flores nativas. Os cânones portugueses passaram a ser admirados e não mais imitados, afastando-se de tudo aquilo que não cante sobre o Brasil e sua gente.

Consoante Cândido (1981), com naturalidade, a poesia gonçalviana dialoga sobre o deslumbramento ante o Novo Mundo, incorporando elementos pitorescos da vida americana através da subjetividade pertinente aos românticos. É o canto do homem nativo impregnando a poesia com a sua identidade cultural. Temos então um ineditismo na Literatura Brasileira cuja contribuição, segundo Roncari (2002), é tão importante quanto a que Camões e Pessoa levaram para a Literatura Portuguesa e que a partir dele a tradição literária acostumou-se a referir-se a “poesia indianista” como um marco na libertação literária paralela a independência política brasileira.

A construção do *sujeito poético* entremeado pela busca da inspiração original concede a poesia brasílica ao lidar com a imagem indígena, instituindo um dos primeiros símbolos nacionais. Salienta-se, porém, que a mera inclusão deste elemento não fará jus ao reconhecimento que lhe é conferido. Basta recordarmos a temática como que presente em Basílio da Gama e Frei Santa Rita Durão. Será, pois, a expressividade poética empregada, não mais centrada na visão europeia, ao inclinar-se um pouco mais para o olhar nativo a lhe condecorar.

Os *Primeiros Cantos* em 1847 impressionam pela vivacidade com que poeta assumiu sua identidade brasileira, fora e dentro do território pátrio. Gonçalves inova ao romper com a tradição estética e sua rigidez, produzindo versos libertos da ditadura métrica como leremos no prólogo de *Primeiros Cantos* quando declara não haver “uni-

formidade nas estrofes” porque menospreza “regras de mera convenção” e se adotou “ritmos da metrificação portuguesa” foi para que melhor servisse a sua intencionalidade poética. Temos aqui o clássico e o popular em Gonçalves que assimilou o que havia de melhor na tradição literária portuguesa e inovou ao incorporá-lo na construção poética amparado naquilo que seria o ponto de vista indígena, colocando-o não como um elemento de fundo nem como um objeto do discurso.

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
– Ouvi-me, Guerreiros.
– Ouvi meu cantar.

No “Canto do Guerreiro”, o poeta maranhense situa o eu-lírico como um silvícola e é dele que ouviremos falar. O texto sugere um discurso proferido por um guerreiro indígena que se posiciona a proclamar seus feitos embebecido pela consciência coletiva de sua tribo. Depreende-se o porquê de as “Façanhas de bravos” não gerarem escravos como outra pista da tônica deste poema. Nele reflete o ideal bélico dos índios cujas guerras eram demonstrações de bravura do guerreiro, posse territorial, distante da captura escravista propagada pelos primeiros colonos. Gonçalves transporta esse sentimento cultural pertencente aos índios para o poema mostrando que não é da “nossa” cultura escravizar o outro, demonstrando uma sutil afinidade para com o movimento abolicionista.

Valente na guerra
Quem há, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
– Guerreiros, ouvi-me;
– Quem há, como eu sou?

Gonçalves transportará para os versos outro distintivo do índio: a exaltação dos feitos pessoais. Ao índio-símbolo, antes de tudo, importa cantar as façanhas próprias e não simplesmente apoiar-se nas glórias de seus antepassados como se fossem suas. É o sentimento de que o homem vale pelo o que é e não pelo o que foram os seus parentes. Contrastando com a tradição dos brasões cuja descendência, geralmente, aglomera-se em torno da memória dos ancestrais valendo-se de suas realizações para justificar as suas vidas.

Trabalhar-se-á, igualmente, o sentimento nacionalista ao conferir o status de poesia brasileira não somente àquela que é feita no Brasil, mas também aquelas “compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez – no Douro e no Tejo – sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América” (DIAS, 1969) porque entende o sentimento de pertencimento como um estado independente do espaço geográfico do poeta, arraigado apenas naquilo que ele sente.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Na estrofe acima o “aqui” pode ser uma marca dêitica referente à localidade assinalada no fim do poema, a saber, Coimbra ou, consiste numa abstração espacial no qual esse “aqui” significa lugar nenhum, ou lugar qualquer se valendo somente ao que o poeta chamará de “minha terra” advertida no prólogo quando disse que “*Escrevia-as para mim*”. Também temos o eu-lírico em pajelança “Por que dormes, ó Piaga divino?/ Começou-me a Visão a falar,/Por que dormes? O sacro instrumento/De per si já começa a vibrar”. A chegada do homem-branco na perspectiva nativa “Pelas ondas do mar sem limites/Basta selva, sem folhas, i vem;/ Hartos troncos, robustos, gigantes;/Vossas malas tais monstros contêm” e suas consequências “Não sabeis o que o monstro procura?/Não sabeis a que vem, o que quer?/Vem matar vossos bravos guerreiros,/Vem roubar-vos a filha, a mulher!” expressando o que trouxe a civilização “Vem trazer-vos crueza, impiedade (...) Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!”.

Em Gonçalves o sagrado apresenta-se também na figura de “Tupã, ó Deus grande” em convivência com o Deus católico, Jeová, imprimindo o respeito à religiosidade das tribos em oposição ao indivíduo que já não é mais índio, catequizado à força e despedido, automaticamente, de sua identidade cultural, posto que, para seguir as normas cristãs o nativo abdicava de vários costumes. Tupã não é mais um deus, mas o Deus indígena.

Em fundos vasos d'alvacenta argila
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim
O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá!

Neste outro trecho o leitor apodera-se do festim canibal narrada pela voz índia percebendo que o emprego dos elementos culturais se dá pelo princípio de assimilação e não mera ostentação. No poema “A escrava” surgirá traços a revelar a consciência do

elemento africano. Instituir-se-á a relação senhor-escrava quando o eu-lírico masculino suspira de amores por Alsgá, ao que a voz feminina, quiçá da congolesa, relembra o “doce país do Congo” estampando o sentimento de estranheza diante do Brasil num diálogo que transporta à literatura essa conflituosa relação.

A partir do que fora exposto é que consideramos que ao preludiar os estudos sobre a Literatura Nacional a partir de Gonçalves Dias o docente terá maiores subsídios temáticos interessantes, uma vez que sua obra é repleta de simbolismos patrióticos primários. Seus trabalhos cooperam com diversos tópicos de afirmação autônoma literária nacional oportunizando um contato mais atrativo com um dos mais notáveis produtos literários brasileiro por contemplar, soberbamente, a finalidade estética do período e a originalidade temática.

Como se não bastasse, verifica-se também em Gonçalves, conforme Romero (1980) um proeminente exemplar do povo genuinamente brasileiro cujas feições exibem a mestiçagem oriunda da união de um português com uma mameluca trazendo em suas veias o sangue das três raças fundadoras da população nacional.

Metodologia Pedagógica: Cativando Leitores. Educando Alunos

Mediante a doutrina freiriana (1997), no qual, ensinar representa a criação de possibilidades de produção/construção de conhecimentos, refutando, categoricamente, o modelo de educação como transferidor de informações, considerando-se ainda, o acesso à literatura como direito humano inalienável (CANDIDO, 2006), em perspectiva sociopolítica é que se concebeu a presente proposta pedagógica referente à obra gonçalviana na introdução do ensino de Literatura Brasileira nas séries iniciais.

O educador deve considerar o fato de que “muitas vezes a escola é o único lugar em que a criança tem acesso ao livro e ao texto literário” (GRAMSCI, 2001). À escola que, segundo Durkheim (1955) caberia à função de preservar a homogeneidade de uma sociedade ao preparar no íntimo dos alunos “condições essenciais da própria existência”, mas que, na realidade exibe-se como uma instituição defasada por não atender à demanda, à dinâmica social e à cultura industrial (GRAMSCI, 2001). Jovens concluintes do Ensino Fundamental apresentam dificuldades básicas de leitura, lendo cada vez menos, conforme último relatório da Fundação Pró-livro em 2012.

A maioria dessas leituras é realizada por exigência escolar, a partir de livros didáticos, transformando o ato de ler em sinônimo de obrigação, sem qualquer vínculo de prazer ou espontaneidade. De acordo com essa mesma pesquisa, apenas 41% dos jovens entre 14 e 17 anos leem romances, 30% leem contos e 28% leem poesias. Nas faixas etárias dos 11 aos 13 anos, 30% leem contos contra 33% que leem quadrinhos, superado apenas, pelos livros infantis, 34% e didático, com 47%. Nessa perspectiva, deparamo-nos com o eixo leitura-obrigação, prejudicial à formação do cidadão leitor, por se distanciar, catastroficamente, do eixo leitura-prazer, ou leitura-necessidade, medidas

tônicas à construção de uma cultura de leitores. O romance, a poesia, o conto (texto literário) equiparado ao livro didático (texto não literário) parece ser uma leitura menos relevante para o jovem.

Primeiramente, o texto precisa ser uma experiência de significados para que o aluno se envolva e discuta sobre o tema. A partir dos poemas de Gonçalves Dias, o educador poderá construir pontes significativas, criando vínculos com o tema presente, tornando a leitura uma fonte de representativos de valor. Ampliará a percepção estética com leituras sistemáticas orientadas, aprendendo sobre as técnicas de versificação, debatendo sobre a corrente literária vigente, fomentando o senso crítico ao conhecer o contexto histórico do texto em estudo.

Como incentivo para esse tipo de leitura é interessante expor livros, revistas, sites, artigos, reportagens entre outras coisas de modo que o texto literário signifique, antes de tudo, um exercício intelectual prazeroso e espontâneo. Durante a explanação é interessante que o educador leve exemplares de antologias propiciando o contato com a obra. Na pré-leitura é vital acionar os conhecimentos prévios dos alunos, a respeito do conteúdo a ser lido, através de questões, sondagens ou quiz.

Como elemento atrativo apresentar dados biográficos e curiosos sobre o autor apresentando suas obras como objetos cognoscíveis tornam-se relevantes, pois humanizando a imagem do escritor, resgatam-se eventuais pontos de interesses entre os alunos e o autor. Dessa forma promove-se tanto apreciação quanto a diferenciação entre o eu-lírico do eu-biográfico.

Por outro lado, salienta Lajolo (2001)

...a leitura literária também é fundamental. É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias.

Para o Ministério da Educação e Cultura, doravante, MEC, o texto literário distingue-se das demais formas discursivas por garantir maior liberdade interpretativa ao leitor, levando-o aos limites extremos da língua portuguesa (2006). Diante deste posicionamento, urge indagarmos, de que modo às escolas brasileiras têm lidado com os textos literários em sala de aula? Como tornar as aulas de Literatura mais atraentes? Como os termos “nacionalidade”, “brasilidade”, “literatura brasileira” devem ser expostos em sala de aula? Esta formação de leitores abrange o desenvolvimento de habilidades de escrita e leitura de modo a que venha incorporá-las em seu cotidiano. Dessa forma é que, consoante Paulino,

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertex-

tualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (2004, p. 56)

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries são valores e atitudes subjacentes às práticas de linguagem, despertar o “Interesse pela literatura, considerando-a forma de expressão da cultura de um povo” e promover o “Interesse por frequentar os espaços mediadores de leitura - bibliotecas, livrarias, (...), editoras, bancas de revistas (...), exposições, palestras, debates, (...) -, sabendo orientar-se dentro da especificidade desses espaços e sendo capaz de localizar um texto desejado”. Entretanto, anterior ao ensino de Literatura Brasileira e de leitura de textos literários, o professor deve estar ciente do índice de alfabetização em sua sala de aula, sendo que é através deste que se “(...) pode instrumentar o sujeito para a própria vida, franquear-lhe possibilidades de sobrevivência, que de outro modo, lhe estarão vedadas”. (OSAKABE, 1985).

Ao selecionar entre quais textos gonçalvianos serão trabalhados, necessita-se levar em consideração suas especificidades, evitando usá-los como pretexto para estudo de análise linguística, diferenciá-los dos demais gêneros- conto, romance, crônica... - e sequências textuais e, principalmente, definir o tipo de leitura a ser desenvolvido. Neste sentido o educador precisa

Distinguir os textos que servem a um lazer produtivo e ativo daqueles que favorecem um lazer alienado, passivo; a literatura que enriquece e desafia a imaginação e a inteligência, dos produtos que as embotam na repetição e na facilidade. Se nos cegamos na luta contra o cânone, caímos num “vale-tudo” e não distinguimos esses níveis que o próprio mercado e suas agências, dentre elas as editoras, distinguem (CHIAPPINI, 2005).



Embora o Romantismo seja um assunto pertencente ao programa curricular do Ensino Médio, podemos introduzi-lo, sem aprofundamento estético, em séries iniciais, abordando sobre a estrutura do gênero poético e sua linguagem empregada, a temática indianista, o sofrimento exacerbado e o lirismo nos poemas de Gonçalves Dias. Sugere-se, pela linguagem simples, caracterização fácil, musicalidade e presença de elementos brasileiros, como o sabiá e as palmeiras, que poemas como a: “Canção do Exílio”; “O Canto do Piaga”; “Não me Deixes” dentre outros sejam apresentados a alunos do 6º e do 7º ano. Aos do 8º e do 9º anos, além daqueles anteriormente citados, podemos apresentar os poemas: “I-Juca-Pirama”; “Canção do Tamoio”; “O Canto do Guerreiro”; “Deprecação”; “Marabá”; “Os Timbiras”; “A Escrava”; “A Minha Musa”; “Leviana”; “Delírio”; “Sofrimento”; “Quadras da Minha Vida”; “Não me Deixes”; “Rola”; “Ainda Mais Uma Vez- Adeus”; “Se Se Morre de Amor” e “Olhos Verdes”.

Como atividades a serem desenvolvidas em sala de aula os textos poderão ser desenvolvidos em rodas de leitura, visitas guiadas à biblioteca ou à sala de informática, apreciação de textos e saraus em um trabalho contínuo e progressivo. Poderá, realizar,

como introdução temática, um *quiz* com cinco perguntas sobre o tema, buscar uma citação interessante do autor, contar um fato pitoresco sobre sua vida como, por exemplo, do seu romance com D. Ana Amélia Ferreira do Vale, sua musa inspiradora, dos acontecimentos do romance e de que em quais circunstâncias foi composto o poema “Ainda uma vez- Adeus”. Principiando-se com pequenas, leituras esporádicas, passando a sugerir leituras mais extensas atrelando-as a projetos escolares como feiras, encenações, exposição de trabalhos, blogues e redes sociais de modo que o aluno estabeleça vínculos com o autor/obra, construindo referências sobre a literatura e dali o interesse seja estendido ao conjunto cultural.

Em hipótese alguma se pode limitar este ensino tão somente utilizando panoramas, modos esquemáticos, desconectados da metodologia analítica e interpretativa. O texto, antes de tudo, precisa ser uma experiência significativa na vida do educando, “construindo seu próprio saber sobre o texto e a leitura.” (KLEIMAN, 2001). Por exemplo, os textos de Gonçalves Dias agregam valores expressivos que podem ser trabalhados interdisciplinarmente entre as aulas de Língua Portuguesa e as de História e Geografia, como o elemento indígena d’O Canto do Piaga e Os Timbiras, a brasilidade na Canção do Exílio, a religiosidade em *Deprecação* e *Ideia de Deus* e a africanidade no poema *A Escrava* para que o aluno perceba “A literatura [...] uma das possibilidades de exploração da língua, das palavras, para uma diversidade de fins, de propósitos” (BRAIT, 2003).



Considerações Finais

Concerne avaliar, sucintamente, que a sugestão da inserção textual das obras gonçalvianas como elemento introdutório de Literatura Brasileira durante aulas de Língua Portuguesa serão validadas se somente, o professor de ensino fundamental conceber tais princípios como relevantes à formação discente. Pois, atualmente, a urgência econômica pressiona esses profissionais a cumprir uma exigência socioeducativa vinculada ao estudo de situações linguísticas comunicativas do cotidiano, a contemplar a redação como gênero textual privilegiado.

Todavia, inspirados em Cândido (2006), convém que orientemos o estudo da arte como expressão e conteúdo social, o que não impedirá o desenvolvimento de uma abordagem voltada para a realidade do educando partindo-se desta para o aprofundamento do tema em foco. Sabedores de que os educandos apreciam a leitura cujo conteúdo permite fazer conexões com a realidade, cabendo ao professor evidenciar o elo que os unirá, frisamos o texto literário poético como aquele que oferece novo olhar diante do mundo e das relações humanas a reforçar a capacidade crítica do educando “instruindo como devem se aproximar dos objetos cognoscíveis afastando-se, porém, do discurso ‘bancário’” Freire (1997). E este, em Gonçalves, oportuniza novas referências que incorporadas à aula, fomenta o prazer pela Literatura, amplia o conhecimento

enciclopédico e vocabular dos alunos, apresenta temáticas pertinentes às noções de cultura e soberania e efetua-se a construção do saber ao promover a autonomia do educando a partir de uma linguagem simples e atrativa.

Sabe-se ainda que lecionar sobre Literatura a alunos do Ensino Fundamental em Escola Pública é adentrar em uma seara inóspita, desprovida de recursos e apoio, uma vez que o foco educacional é comprovadamente, direcionado para o estudo dos gêneros textuais sócio-comunicativos e lições de gramática mencionando-se a presença significativa de alunos sem domínio de leitura como uma grave barreira nesse processo.

Destarte, ao omitir o ensino de Literatura no currículo escolar é negligenciamos um inalienável direito humano. E somente quando, oportunizarmos este bem a todos é que poderemos começar a situar, efetivamente, educadores, escolas e governo como agentes promotores da inclusão social.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. **Poesias Reunidas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- ASSIS, Machado de. **Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira**. São Paulo: Agir, 1959.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3ª ed., 17ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BRAIT, B. **Estudos linguísticos e literários: fronteiras na teoria e na vida**. In: FREITAS, Alice Cunha de; CASTRO, Maria de Fátima F. Guilherme de. et al. (Orgs.). **Língua e literatura: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- _____. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.
- CARVALHO, Ronald. **Pequena história da literatura brasileira**. 13ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1968.
- CHIAPPINI, Lígia. **Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino**. São Paulo: Cortez, 2005.
- Crianças e adolescentes estão lendo menos, indica pesquisa**. Disponível em <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2012/03/criancas-e-adolescentes-estao-lendo-menos-indica-pesquisa.html>>. Acesso em 02 de jul. de 2012.
- CULLER, Jonathan. **O que é literatura e tem ela importância? Teoria literária; uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.
- DIAS, Gonçalves. **Poesia**. Coleção “Nossos Clássicos”. São Paulo, Agir, 1969.
- DURKHEIM, Émile, **Educação e sociologia**, trad. Lourenço Filho, Edições Melhoramentos, São Paulo, 4ª ed., 1955.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - *Saberes necessários a prática educativa*. São Paulo, Brasil. Paz e Terra, 1997.

GONZAGA, Tomás Antônio. **Obras completas**. Ed. crít. M. Rodrigues Lapa. São Paulo: Ed. Nacional, 1942.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979. / _____. Cadernos do cárcere. Caderno 13: Maquiavel a política e o estado moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 8. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**, 6.ed. São Paulo: Ática, 2001.

OSAKABE, Hakira. **Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita**. In: In: ZILBERMAN, Regina (org). A leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado aberto, 1985.

ROMERO, Silvio. **História da Literatura brasileira**. 7 Ed. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1980.

RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira**: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1909). 4ª ed. Brasília: UnB, 1963.



A Simbólica do Mal no Solilóquio de um Tupinambá

Weberson Fernandes Grizoste¹

A questão do mal tem suscitado muitas discussões ao longo da história universal, frequentemente somos bombardeados com uma série de catástrofes sejam elas do crivo humano, biológico ou físico: extermínios em massa de povos, etnias e classes; doenças, epidemias e mutações biológicas de nascimento; tsunamis, terremotos e vulcões; são acontecimentos que tem feito vítimas desde os primórdios da humanidade, e quando acontecem, os sobreviventes aos acontecimentos põem-se a perguntar quais os motivos e porque foram escolhidos.



Vimos numa época recente todos os recursos da ciência serem mobilizados para a concretização da destruição, bombas atômicas, bombas de nêutrons, concebidas para matar poupando no material, a arma a laser que queima a retina e gases tóxicos letais; por fim, alguns estados acumularam armas capazes de destruírem a biosfera por cinquenta vezes².

Para Lacroix³ já não há ideologias ou filosofias da história susceptíveis de proporcionar a chave de uma interpretação, Portocarrero⁴ destaca que a problemática do mal e do sofrimento foi sempre um tema forte do cristianismo, e através deste em todo o mundo ocidental, chegando a ser na apreciação de alguns, uma das suas obsessões ou *doenças hereditárias*. De facto o mal, na óptica cristã, sempre foi observado pelo prisma da culpa, isto é, *enquanto mal moral e associado à condição corpórea e finita do existir*⁵.

1 **Weberson Fernandes Grizoste** - Jauru – MT – BRASIL - 27 de Junho de 1984. É licenciado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Mestre e Doutorando em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra. Membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e bolsista da FCT – Portugal. É autor de três livros: *A dimensão anti-épica de Virgílio e o Indianismo de Gonçalves Dias* (2011), *Carrapicho* (2011) e *Estudos de Hermenêutica e Antiguidade Clássica* (2013).

2 Lacroix, 1998, 16.

3 Lacroix, 1998, 17.

4 Portocarrero, 2005, 16.

5 Portocarrero, 2005, 17.

Mas também existe o sofrimento do inocente e por isso Ricoeur, quando começa a reflectir, parte, pela sua experiência de vítima⁶, prisioneiro da Segunda Guerra Mundial, vivenciou a ruína e mesmo a morte de muitos de seus conterrâneos.

Segundo a teodiceia cristã, assim como Deus envia a chuva, o sol e outras bênçãos tanto sobre os justos como sobre os injustos, estes também tem de sofrer as consequências do pecado de Adão e Eva. As maldições caídas sobre a terra incluem a dor do parto, espinhos e cardos, comer o pão através do suor do rosto e finalmente a morte. Todos estão sujeitos a dor, tristeza, infelicidade e a morte, que segundo afirma a teologia judaico-cristã, não são crueldade ou indiferença da parte de Deus, mas resulta da introdução do pecado no mundo.

A partir dessa reflexão filosófica-teológica, analisaremos o solilóquio de um centenário indígena expresso num célebre poema de Gonçalves Dias, cujo título é *Depreciação*⁷.

1. Interpretando a simbólica do mal

De todas as coisas que movem o homem, uma das principais é a morte⁸; a pesquisa antropológica e histórica começou no século XIX, a desenvolver um retrato do heroico desde as eras primitivas. O herói era o homem que podia entrar no mundo espiritual, no mundo dos mortos, e voltar vivo. Daí extraímos a imagem de Odisseu na literatura grega, de Eneias na épica latina como exemplos clássicos, estender-nos-íamos ainda a Cristo ressurgindo do reino dos mortos ao terceiro dia, conforme a prática cristã. No entanto, a questão da morte é muito vaga, depois de Darwin, o enigma da morte como problema evolucionário ficou em destaque e logo os pensadores perceberam que se tratava de um problema psicológico para o ser humano, viram que o heroísmo, antes de qualquer coisa, é um reflexo do terror da morte.

A morte segundo a pragmática cristã é o objecto adquirido com o ato da liberdade⁹; entrou no mundo através do conhecimento do bem e o do mal, uma noção bastante vaga, sob a qual o mal surgiu através do pecado original, um conceito polémico e apologético, que segundo Ricoeur¹⁰ o mal não é nada que seja, porque não tem ser, não tem natureza, porque é nosso, resultado da liberdade. O pecado original e hereditário tem sido ao longo dos anos a explicação comum à sociedade Ocidental¹¹, no entanto a questão do mal representa, de fato, um desafio para o pensamento filosófico, porque

6 Portocarrero, 2005, 17.

7 Em todas as citações que fizemos ao poema utilizaremos a letra "D" e o verso conforme a ordem sem levar em conta a que estrofe pertence.

8 Becker, 2007, 31.

9 Lacroix, 1998, 26.

10 Ricoeur, 1969, 268.

11 Ricoeur, 1969, 266; Becker, 2007, 96.

para além do mal moral está o sofrimento dos inocentes, e que escapa a explicação judaico-cristã.

O problema do mal entra em contradição ao exigir uma coerência lógica enquanto sua explicação plausível judaico-cristã compreende que Deus é todo-poderoso; Deus é absolutamente bom; no entanto o mal existe. A teodiceia responde que somente duas destas proposições são compatíveis, nunca as três juntas. Mas esta proposta torna-se bastante questionável ao analisarmos a fenomenologia do mal cometido e do mal sofrido.

É um conceito enigmático e profundo, que nos leva a indagar, por que existe o sofrimento, e o que compreendemos por vítima. O pecado hereditário torna-se uma problemática quando analisamos o tema em face de um Deus todo-poderoso e bom.

A proposta de Leibniz¹² discorre que no momento da criação, Deus poderia escolher entre a multiplicidade de modelos de mundo que apresentavam diferentes graus de excelência; e que aquele que acabou por realizar é, sobretudo o melhor, visto que ele não faz nada sem razão. Para o cientista alemão, nem no melhor dos mundos era possível a ausência do mal, porque o equilíbrio entre o bem e o mal é exactamente o elemento necessário para a excelência da criação. Leibniz recorre a uma metáfora estética, compara o mundo com uma obra de arte: tal como um pouco de dissonância torna a música harmoniosa na há pintura linda sem mistura de sombra e luz; dessa forma o sofrimento e o pecado contribuem para a perfeição da criação.

Os sábios orientais já diziam que o homem é um verme e um alimento para os vermes¹³. Está fora da natureza e inevitavelmente fora dela; ele é dual, está lá nas estrelas e, no entanto encontra-se alojado num corpo cujo coração palpita e respira e que antigamente pertenceu a um peixe e ainda trás as marcas das guelras para provar; e mais o mais repugnante é que sente dores, sangra e que um dia irá definhar e morrer. Dessa maneira o homem está dividido em dois: tem consciência de sua parcela ímpar na natureza enquanto ser dominante, e, no entanto retorna ao interior da terra para lá apodrecer e desaparecer para sempre, esta é uma contradição que escapa os animais inferiores¹⁴, uns poucos minutos de medo, de angústia, e tudo está acabado.

A morte e a consciência desta, portanto é o carácter do mal que envolveu a humanidade, mas o sofrimento distingue-se do pecado pelos rasgos contrários. A imputação do mal se centra num agente responsável enquanto o sofrimento se caracteriza ao contrário ao prazer.

A principal causa do sofrimento é a violência exercida do homem sobre o homem: na realidade, fazer o mal em sentido directo e indirecto, faz o outro sofrer; ou seja, o mal cometido por um encontra sua réplica no mal sofrido pelo outro. É este o ponto de intersecção maior em que o grito de lamento é mais agudo quando o homem



12 Apud Lacroix, 1998, 27, 28.

13 Becker, 2007, 48.

14 Becker, 2008, 49.

se sente vítima da maldade do homem, como testemunha bem os *Salmos* de Davi, o solilóquio de Jó e do centenário indígena.

De um lado temos o castigo como um sofrimento merecido, que recebe um reforço da demonização paralela que faz do sofrimento e do pecado a expressão dos mesmos poderes maléficos. Tal é o fundo tenebroso, jamais completamente desmitificado, que faz do mal um enigma único.

O livro de Jó assumiu na literatura mundial a hipótese do sofrimento do justo, a pergunta básica que paira sobre a obra é “por que o justo tem de sofrer?”. Esta hipótese gera um diálogo poderosamente argumentado entre Jó e seus três amigos. O debate interno da sabedoria avivada pela discordância entre o mal moral e o mal de sofrimento.

Mas o livro de Jó nos emudece por seu carácter enigmático. A teofania final não traz nenhuma resposta directa ao sofrimento da pessoa de Jó, e deixa a especulação aberta em diversos ângulos: a visão de um criador, os desígnios insondáveis de um arquitecto, posto que as medidas sejam incomensuráveis antes as vicissitudes humanas, pelo que pode sugerir que a consolação seja diferida escatologicamente, de um Deus, maestro do bem e do mal. Contra a acusação e justificação Deus responde a Jó do fundo da tempestade¹⁵ e as últimas palavras de Jó *uma vez falei e não mais replicarei* indicam um arrependimento, mas que arrependimento seria este se não fosse diante de tanto lamento.

Na literatura, um dos alicerces que buscou explicar o sofrimento dos justos é a imagem do *pharmakós* grego; segundo Frye¹⁶ *O Pharmakós is neither innocent nor guilty. He is innocent in the sense that what happens to him is far greater than anything He has done provokes, like the mountaineer whose shout brings down an avalanche. He is guilty in the sense that he is a member of a guilty society, or living in a world where such injustices are an inescapable part of existence.* No entanto, há uma diferença entre o carácter do *pharmakós* grego com aquele que atribuíram ao literário, porque no caso do grego, a vítima estava desprovida de nobreza, ao passo que na literatura, um dos caracteres central para firmar-se enquanto *pharmakós* era a nobreza; mas em ambos os casos havia um consenso, o da inocência. Na cristologia, a imagem do *pharmakós* equivale ao «Scapegoat»¹⁷ ou Bode Expiatório, a origem do bode expiatório na sociedade judaica remonta aos tempos da conquista de Canaã, e segundo a explanação do ritual do sacrifício cabia ao sacerdote fazê-lo em nome de todo o povo, tal como narra Moisés: *Imporá as duas mãos sobre a sua cabeça, e confessará sobre ele todas as iniquidades dos israelitas, todas as suas desobediências, todos os seus pecados. Pô-los-á sobre a cabeça do bode e o enviará ao deserto pelas mãos de um homem encarregado disso. O bode levará, pois, sobre si, todas as iniquidades deles para uma terra selvagem*¹⁸. O *pharmakós* grego também, moribundo carregaria as iniquidades sobre eles lançados.

15 Ricoeur, 1969, 305.

16 Frye, 1957, 41.

17 Frye, 1957, 41.

18 Levítico 16: 21,22.

Na literatura, o *pharmakós* não era culpado nem inocente, mas pertencia a uma categoria culpada. Pátroclo, na *Ilíada*, é talvez o exemplo mais clássico de um *pharmakós* e a seguir Heitor. A morte daquele que lhe é mais querido é a única alternativa capaz de suscitar no herói central à ira capaz de sobrepor ao orgulho em virtude da honra ferida por Agamenon; já a morte do maior herói troiano é o item primordial para a vitória dos Aqueus. Em ambos os casos, a morte não seria vão, porque é mister para que os desígnios divinos aconteçam. A partir desse contexto, concluímos que Cristo também é um *pharmakós*, tal como terá sido Jó.

No entanto, o que estaria por trás do *pharmakós*? Porque seu sofrimento não pode ser de tudo vão, não basta dizermos que apenas está inserido na categoria culpada, é preciso mostrar porque é que estão ali inseridos. Na literatura grega, um *pharmakós* tinha como principal carácter expiar a culpa de algum herói, por isso que a morte de Pátroclo torna-se necessária.

De acordo com Paz a *Hybris* é o pecado por excelência contra a saúde cósmica e política, quando o herói sucumbe a *Hybris* coloca em risco toda Legalidade Cósmica, ou seja, quando Aquiles ira contra Agamenon e se retira da guerra coloca em risco a Ordem e o Destino instituído pelos deuses, os Aqueus deveriam vencer os Troianos e Aquiles deveria perecer na batalha, porém sem a presença de Aquiles a vitória não seria possível. Quando o Herói se retira da batalha fere esta Ordem e Destino, porque sua morte corre risco de não se concluir uma vez que se encontra fora do campo de batalha. Surge a Justiça em prol da Ordem e Destino como restauração da Legalidade Cósmica; somente um mal maior que a ira de Aquiles por Agamenon seria capaz de incitá-lo a entrar na batalha, nesse caso a morte de seu melhor amigo pelo maior herói troiano torna-se plausível. A concatenação fatal de Pátroclo «melhor amigo de Aquiles» incita a ira no herói ao ponto de requerer sua vingança, eis o preço da expiação de quem comete a *Hybris*. Nessa passagem, vemos um Herói que expia sua culpa e outro que se torna a vítima desse sacrifício, em termos gerais, Pátroclo não tem nenhuma culpa, mas se insere numa categoria culpada «ser o melhor amigo de Aquiles». A Justiça é a expiação do Herói que cometeu a *Hybris* e colocou em risco a saúde cósmica e política.

Pátroclo é a vítima levada para o matadouro, porém inconsciente daquilo que se tornou, diríamos que a semelhança da filha de Jefté¹⁹ que sai ao encontro do pai e desconhece o destino que lhe aguarda ao fazê-lo isso primeiro e se inserir numa categoria digna ao sacrifício, Pátroclo é o ancestral do *Pharmakós*, não chega a ser Sacrifício Voluntário conforme acontece com Cristo, Hécuba ou Ifigênia²⁰, pois nem mesmo conhece o destino que lhe aguarda.

Mas o *pharmakós* não é um termo que se aplica a todo inocente que sucumbe na literatura grega antiga, porque não poderíamos explicar isto, por exemplo, a morte inevitável de Aquiles; ele não morre em consequência de sua *Hybris*, porque antes des-



19 Juizes 11

20 Hécuba; Ifigênia em Áulide, obras de Eurípedes.

ta já a sua morte havia sido decidida entre os deuses. A morte nos campos de batalha tinham um carácter diferente, morrer na guerra era morrer com honra, e *a Honra é o troféu da Arete; é o tributo pago à destreza*²¹ diria Jaeger.

Não basta dizermos que a morte de Pátroclo é necessária para a restauração da legalidade cósmica, ou que a morte de Heitor seria um complemento vital para a honra de Aquiles, ou ainda que a morte de Aquiles seria necessária para a vitória dos Aqueus, e que estes heróis ao morrerem alcançaram sua maior honra, já que morrer no campo de batalha era a honra maior que se podia obter. Porque se pensarmos no crivo humano, e mais tarde Aquiles havia de perceber que a vida era mais importante que a honra²², o herói chega a declarar que era preferível ser servo entre os vivos a reinar entre os mortos, este é um exemplo de que o poeta não encontrou uma explicação plausível para a morte dos heróis.

O *Pharmakós* pós epopeia tem um carácter Voluntário e auto consciente à semelhança de Cristo que conhece o destino para qual veio a terra, e não só cumpre o destino, mas também deseja cumpri-lo, porém o que ocorre com Cristo é semelhante à Hécuba ou Ifigênia, quando em face da morte vai ao Getsêmani e clama por socorro, as palavras: *Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice! Todavia não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres*²³. Uma análise hermenêutica e consciente desse pedido nos remete ao sentimento de terror em face da morte, queria Cristo com isso escapar do Destino para qual havia nascido? A vontade do Pai prevalece sobre o desejo do filho, porém as palavras que Cristo exprime pouco antes de sua morte demonstram o que de fato sentiu ao ver o pedido ignorado e a morte se aproximar após tantos sofrimentos, *Eloi, Eloi, Lama Sabachthani?*²⁴ Que Frye classificou como *a sense of his exclusion, as a divine being, from the society of the Trinity*²⁵.

Sendo assim, ainda não encontramos na literatura uma definição plausível de boa morte, no geral a personagem acaba sempre por se convencer de que nada ultrapassa o valor da vida, veríamos nas palavras do apóstolo Paulo, o grande precursor do cristianismo, uma afirmação um tanto duvidosa sobre o valor da vida diante do valor da morte: *Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho. Mas, se o viver na carne me der fruto da minha obra, não sei então o que deva escolher*²⁶.

Por isso, a questão da morte enquanto resultado do mal que existe na terra continua ainda a suscitar o interesse para uma explicação, e para entendermos o seu efeito buscamos desde cedo entender como isto apareceu aqui. A pedra fundamental da visão do homem de Kierkegaard²⁷ é o mito da queda, a expulsão de Adão e Eva do paraíso.

21 Jaeger, 1994, 34.

22 Fränkel, 1975, 137.

23 Mateus 26:39

24 Mateus 27:46 "*Eloi, Eloi, Lama Sabachthani; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*"

25 Frye (1957:36) Traduzimos a seguinte referência: O sentimento de achar-se excluído, enquanto ser divino, da comunhão da Trindade

26 Filipenses 1:21,22.

27 Becker, 2007, 95.

Nesse mito, foi-lhe dada uma consciência de sua individualidade e de sua divindade parcial na criação, a beleza e o carácter ímpar de seu rosto e de seu nome. Ao mesmo instante foi-lhe dada à consciência do terror e de sua morte e deterioração. Embora, no sentido apologético Deus não é responsável pelo mal.

Ao nível da simbologia do mal, a escravatura, um fenómeno recente é uma simbologia específica da dimensão que o mal pode causar²⁸, Adão é o arquétipo exemplar da presença do mal, através dele é que este é introduzido no mundo. Mas a continuidade deste no mundo como a tradição, como acontecimento histórico é que não encontramos uma explicação lógica. A cristologia é o exemplo clássico do efeito que o mal pode causar²⁹. A explicação desse mal parte da culpabilidade imputada, um conceito biológico³⁰.

De acordo com Ricoeur³¹ um dos enigmas do mal para a filosofia é a transposição de figura mítica da serpente, que para ele, a figura da serpente representa o «*toujours déjà là*» do mal, e que esse mal começou, portanto da ação que determinou a liberdade do homem, diríamos, uma liberdade com consequências.

O crime tem um mérito comum, Ricoeur³² cita o exemplo do apóstolo ao dizer que o “salário do pecado é a morte”, Lacroix³³ faz um estudo sobre o bom uso do mal por Deus. Dessa forma a expiação da culpa é necessariamente o perdão³⁴, tal como seria para o herói que comete a *Hybris*. Mas se o é para estes, para os demais, como é o caso do *pharmakós*, não há uma explicação lógica, e mesmo para os casos em que a vítima não é inocente, o seu destino nos é capaz de provocar horror, um exemplo literário disso é o caso de Delacroix³⁵, cuja morte provoca um horror no espectador, que se convence de que o seu fim fora além do merecido, no entanto, tal como diria Endgecombe, o espectador, diante de tanta barbárie esqueceu-se de que Delacroix havia, a sua semelhança, matado seis indivíduos.

Toda obra literária gira em torno de um mal, de facto a proliferação do mal sobre a terra faz Lacroix perguntar se não teria o mal vencido a guerra sobre o bem. A especulação teológica, a filosofia da história, a filosofia do progresso, as doutrinas revolucionárias diziam que o mal tinha um sentido mediador do bem³⁶, desde o último século vimos uma série de acontecimentos que não justificam esta teoria, de um mal que não prepara o advento do bem. Só remete para si mesmo³⁷. Não há justificativas que expliquem fenómenos como à escravatura: porque foram escravizados, o que ganharam com isto, uma teoria que em tese derruba o mito do apogeu que Jó alcançou após sua ruína,



28 Ricoeur, 1969, 300.

29 Ricoeur, 1969, 301.

30 Ricoeur, 1969, 302.

31 Ricoeur, 1969, 304.

32 Ricoeur, 1969, 348.

33 Lacroix, 1998, 19.

34 Ricoeur, 1969, 350.

35 Cito *The green mile* de Stephen King.

36 Lacroix, 1998, 61.

37 Lacroix, 1998, 64.

porque um dos pilares do cristianismo é que por trás do mal há uma finalidade, a do apuramento, semelhante ao oleiro que amassa o barro para depois constituir uma obra aprazível. Já no século XIX, num poema singular, Gonçalves expressou numa obra cristianizada a falta de justificativa para a ruína que encontrou os selvagens americanos.

2. O solilóquio da súplica de um centenário

2.1. “Humilde cantor de um povo extinto”

A quatorze léguas de Caxias, antiga Aldeias Altas. Na quinta de Boa Vista, em terras de Jatobá, no derradeiro reduto da resistência portuguesa ao estabelecimento do Império do Brasil Vicência Ferreira dava a luz em condições tão precárias e dramáticas condições a Antônio Gonçalves Dias, o primeiro grande poeta do Brasil³⁸.

Gonçalves em carta a Dona Lourença Francisca Leal Vale esquivava-se não fazer o pedido da mão de Ana Amélia Ferreira do Vale pessoalmente afirmando que estava a espera do vapor que partia para o Ceará. Em carta o poeta formaliza o pedido à mão da moça, mas também revela a falta de ambição de figurar na política do país, ignorando que seis anos antes havia se envolvido nas eleições municipais de Caxias seis anos antes. Revela ainda a falta de amor em constituir fortuna deixando claro que ainda que houvesse uma oportunidade de controlar um património elevado faltar-lhe-ia habilidade, destaca que não valeria mais do que já tinha alcançado³⁹. Gonçalves Dias ignora que aos vinte e oito anos era o poeta mais glorioso do Brasil e conhecido em Portugal⁴⁰, e se os queixumes direccionados a matriarca não lhe eram suficientes, em carta ao irmão da pretendida, José Joaquim Ferreira Vale o poeta explica-nos quais os motivos que levaram-lhe a revelar suas fraquezas: *sou fatalista no que diz respeito à minha vida, e resolveu-se-me sempre a fatalidade em fazer por fim o que não quisera; por isso te escrevo; (...) Sabes que não tenho fortuna, e que longe de ser fidalgo de sangue azul, nem ao menos sou filho legítimo: falo-te assim, porque ainda quando eu por natureza houvesse sido e fosse um homem pobre, é esta uma das ocasiões em que a honra, e o pundonor e a própria dignidade, exigiram toda a franqueza da minha parte. Não tenho fortuna, e segundo todas as probabilidades não a terei nunca, porque para isso, como para mil outras cousas, não tenho nem jeito, nem paciência, nem cabeça. Não tenho a ambição de poder, – talvez mesmo não tivesse possibilidade para realizar; mas quando as tivesse, não imagino que possa haver interesse nem meu nem de família minha, que me extraviem do trilho, a que eu, talvez erradamente, chame o meu destino*⁴¹. Nas palavras que se seguem, o poeta chama o matrimónio se caso aceite não de casamento, mas de sacrifício, porque a noiva teria de se contentar com o pouco que o poeta era e reafirma *que é bem pouco*, e com o que valia “que é pouco menos” e

38 Bandeira, 1998, 13 (a)

39 Gonçalves Dias, 1998, 1073.

40 Bandeira, 1998, 36. (a)

41 Gonçalves Dias, 1998, 1074, 1075.

com aquilo que poderia vir a valer *que ainda menos pode ser do que isso* ou mais do que poderia imaginar. E deixa claro que a pretendida teria de aceitar o pedido para saber se teria uma vida de rosas ou de espinhos, se viveria para o mundo ou para o sofrimento *eu por franqueza o digo*. Na carta o poeta deixa claro que não tem esperança de ter o pedido aceite: *que a pede com a quase certeza de que vai sofrer uma repulsa*.

Bandeira em poucas palavras desabafa no início do século XX uma realidade que ainda se observa no Brasil: *A condição do mulato no Brasil ainda é esta: pode subir em qualquer carreira – nas armas, na magistratura, na diplomacia, na política, pode chegar sem favor a ministro e até a presidente da República. Peça, porém, a um branco, mesmo sem fumaça de fidalguia, que meta a mão na consciência e responda se daria de bom grado a mão de sua filha ou de sua irmã a um preto ou a um mulato chapado... Gonçalves Dias não era mulato chapado. Mas no seu tempo, e sobretudo no Maranhão, a coisa fiava mais fino*⁴². *Para Bandeira pareceu mesmo a d. Lourença um atrevimento o filho ilegítimo de d. Vicência pedir-lhe a mão da filha em casamento*.

Mas o poeta que promete ao irmão de Ana Amélia não se queixar caso o pedido fosse renegado, derrama algumas de suas mais célebres canções reclamando o triste fado que a vida lhe subjugou a viver. No mesmo mês compôs o poema “Se se morre de amor”. Dias depois Gonçalves casa no Rio de Janeiro, e Ana Amélia no Maranhão com um comerciante que segundo informações de Henriques Leal⁴³ tinha as mesmas condições desfavoráveis que o poeta e que para realização do casamento ‘foi de mister interferir a justiça’. Talvez quisesse com isto Ana Amélia dar uma lição ao poeta e a família. Sabemos que em Maio de 1855 o poeta reencontrou-a em Lisboa, um encontro casual que inspirou-lhe um dos mais célebres poemas: *Ainda uma vez – adeus*. Vários outros poemas, inclusive alguns publicados postumamente foram direccionados a fatalidade entre o poeta e a pretendida.

Gonçalves Dias era um misto entre o optimismo e o pessimismo, conforme ressalta Bandeira⁴⁴: *Mas aquele homenzinho de um metro e cinqüenta, que em versos moles ou na correspondência íntima, tanto se queixava, e remoendo a sós os seus desgostos emprestava-lhes as proporções de irremediáveis desgraças, crescia muito acima do estalão comum nos atos de sua vida, sempre reveladores de forte vontade, sereno estoicismo e extraordinária resistência. Em agosto falava de suicídio, e no mês seguinte empenhava-se nas eleições municipais em favor de seus amigos cabanos*.

Gonçalves Dias, assim como Basílio da Gama, reagiu ao modelo camoniano⁴⁵. Ele não usa a “tuba belicosa”; não diz que outra voz mais alta se levanta. Antes, *cantor humilde*, engrinalda a lira com um ramo verde e escolhe um tronco de palmeira junto ao qual desferirá o seu canto. O que faremos no próximo capítulo é uma análise do discurso do centenário acerca do sofrimento e destruição que os tupis enfrentaram já

42 Bandeira, 1998, 36. (a)

43 Apud Bandeira, 1998, 37 (a)

44 Bandeira, 1998, 24, (a).

45 Coutinho, 1969, 92.

depois de termos entendido que a interpretação do mal a partir do nível da semântica é mancha, pecado, culpabilidade, e que a nossa experiência do mal denuncia-nos dois tipos, o do mal sofrido e do mal cometido, que se trata do mal moral ou do sofrimento⁴⁶. Veremos que o poeta optou portanto por denominar-se humilde cantor de um povo extinto, e como cristão, exporta os conceitos judaico-cristãos ao constituir a sua obra.

2.2. Interpretando *Deprecação* a partir da influência da religião cristã

Segundo Bornheim⁴⁷ a mitologia clássica fora a fonte na qual nutria toda a arte dos gregos, e que por isso os modernos também precisavam de uma mitologia que pudesse alimentar a imaginação poética, inaugurando uma nova simbólica para a arte moderna. A mitologia grega surgiu como que da terra, de uma espontaneidade popular que fazia o seu vigor, ao passo que os românticos não podiam esperar uma mitologia da geração espontânea, por isso precisam provocar e elaborar como uma obra de arte, a partir desse pressuposto é que encontramos o indianismo gonçalvino. A religião recriada por Gonçalves Dias nasce com o intuito de resgatar as divindades indígenas reconstituídas pelos jesuítas. No entanto, Gonçalves não recupera a forma original destas divindades, mas recupera as na forma em que foram reconstituídas, o que temos não é a recuperação do mito em si, mas a restauração da divindade sem a sua forma original.

Segundo Bornheim⁴⁸ o que os românticos pretendiam era “um novo catolicismo; nessa nova religião a unidade entre o mundo espiritual e o natural deveria ainda ser mais acentuada.” Basicamente, Gonçalves recupera as divindades indígenas com todas as formas católicas atribuídas pelos Jesuítas, e a partir disso reconstrói um imaginário religioso que embora seja segundo os pressupostos da religião romana também não o deixa de ser o inverso, isto é, duas vertentes iguais; desta maneira a imagem de Tupã com o denso velâmen de penas é, por exemplo, de JHVH calado diante da calamidade de Jó, mas no caso deste há uma resposta ao final, porque é resgatado de sua ruína, enquanto os índios não conseguem a mesma façanha.

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz! (D, 1-4)

Tupã aparece com o rosto coberto por um denso velâmen de penas enquanto seus filhos clamavam vingança pela perda dos bens que lhes deu. Primeiro é mister dizermos que o conceito de “filhos de” é um termo estritamente cristão, os judeus eram constantemente chamados de “filhos de Deus”⁴⁹ enquanto no Novo Testamento, todos aqueles

46 Ricoeur, 1969, 311.

47 Bornheim, 1993, 110.

48 Bornheim, 1993, 109.

49 Êxodo 4:22 “Israel é meu filho, meu primogênito”.

que quisessem poderiam ser chamados “filhos de Deus⁵⁰”. A vingança é um endosso de suma importância, porque na cultura cristã a vingança é um assunto muito divino, somente a Deus cabe a vingança, enquanto no seio indígena a vingança é algo muito forte, já os primeiros cronistas haviam testemunhado que os índios, por menos que fossem ultrajados, jamais lhe perdoavam a ofensa. Esta obstinação adquiria e se conserva entre os índios, de pais a filhos⁵¹. É muito comum vermos passagens bíblicas em que os israelitas clamando por vingança quando estavam em cativeiro ou dominados pelos seus vizinhos.

Essa desconstrução é uma característica dos românticos, segundo Bornheim⁵² “O romântico seria sempre uma fase de rebelião, de inconformismo aos valores estabelecidos e a consequente busca de uma nova escala de valores, através do entusiasmo pelo irracional ou pelo inconsciente, pelo popular ou pelo histórico, ou ainda pela coincidência de diversos desses aspectos.” Talvez seja por isso que Gonçalves se utiliza do mesmo recurso ao manifestar-se contra.

Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos
Teus filhos que choram tão grande mudança. (D, 5-8)

Esta estrofe é bastante importante sob o ponto de vista judaico-cristão, vejamos em primeiro plano, já afirmamos que entre os índios não havia o senso da soberania de Tupã, foram os Jesuítas, impulsionados pela iniciativa de Anchieta que atribuíram a divindade indígena um carácter cristão, na tentativa da pregação do evangelho. Essa recriação de Anchieta é denominada por Bosi⁵³ de mitologia paralela. O sofrimento dos índios americanos foi denominado por Gonçalves Dias como um elemento da acção divina, tida como uma vingança, ora, vejamos lá se a vingança não é o mesmo que desferrar; sendo assim, enquanto os israelitas faltar-se-iam de reconhecer a culpa, o poeta oculta-nos que mal teriam os selvagens cometido. Lesky⁵⁴ observaria que *Somente o voltar-se para Deus pode dar segurança ao homem*. Nesse ponto *Deprecação* está engendrada no modelo trágico do cristianismo, *aquilo que é sofrido até a destruição física pode encontrar, num plano transcendente, seu sentido e, com ele, sua solução*⁵⁵.

Tupã assume as convenções do deus hebreu, não temos noção de onde é que está Tupã enquanto o centenário indígena dirige seu solilóquio, em *Jó* temos a mesma dimensão, mas Deus lhe responde de um redemoinho, noutro relato teríamos uma amplitude similar observada por Auerbach⁵⁶ numa singularidade entre o relato do sacrifí-



50 I João 3:1

51 Fernandes, 1989, 262.

52 Bornheim, 1993, 76.

53 Bosi, 2001, 65)

54 Lesky, 1996, 31.

55 Lesky, 1996, 41.

56 Auerbach, 1982, 5,6.

cio de Isaque e as narrativas homéricas, porque a princípio nos deixa perplexo quando viemos de Homero, perguntamos: *Onde estão os dois interlocutores?* Isso não é dito, Deus deve vir de algum lugar, deve irromper de alguma altura ou profundidade no terreno, mas nada disso é dito, ele não aparece como Zeus ou Poseidon que estava na Etiópia regozijando com um holocausto, nada sabemos, nem mesmo porque movera a tentar Abraão, não há uma assembleia como os deuses gregos e latinos.

Embora não haja comprovação histórica de que os índios dirigiam prece a Tupã, o que vale em Gonçalves Dias é a verdade poética e não a verdade histórica⁵⁷ sabemos apenas por intermédio do poeta que um velho centenário dirige suas preces ao deus, não sabemos onde estão os interlocutores, assim como não sabemos em *Jó* e *Gênesis*⁵⁸.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos. (D, 9-12)

Todas as vezes que Israel encontrava-se num período de prosperidade, no meio das alianças com as nações vizinhas, os israelitas absorviam os deuses vizinhos para sua cultura, tal como fizera com Moloque, Astarote, Baal, etc. Porém, ao caírem em ruína, abandonavam os deuses vizinhos e voltavam-se para Deus. Há uma diferença singular, porque os deuses vizinhos eram físicos. A adoração de Astarote, por exemplo, era simples, porque a fertilidade era algo comum, os campos produziam a semente plantada, as mulheres procriavam, os animais pariam suas crias; porém, quando uma peste assolava os campos judeus, matando certas espécies de semente, certas doenças impediam o crescimento dos filhos, ou matavam as criações, o gado no pasto, etc., a figura de Astarote deixava de ter importância. Somente uma explicação metafísica era a solução nestes casos, daí o voltar-se para Deus⁵⁹. Engendrado neste modelo, o culto a Tupã estabeleceu algo novo para os indígenas, porque Anhangá ganhou as características anti-Tupã⁶⁰, enquanto o deus físico adquiriu as características metafísicas, perde o poder dos raios consumidores para os filhos de Anhangá, a cobertura do rosto de um denso véu de penas refere-se justamente ao desaparecimento do poder do deus protector das tribos Tupis. A transcendência de Tupã deve-se à perda da parte física, daí a possibilidade de um poema desta natureza.

E a terra em que pisam, e os campos e os rios
Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus :
Por que lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte, que vibram, são teus? (D, 13-16)

57 Coutinho, 1969, 90.

58 Cito especificamente a narrativa do sacrifício de Isaque.

59 Lesky, 1996, 31.

60 Bosi, 2001, 66.

No cristianismo, Satanás é dependente de Deus⁶¹. Mas nas circunstâncias pavorosas somos informados de que estamos contaminados de uma doença incurável, face ao inevitável, ainda é à presença de outro que pediremos consolo⁶², Jó trava com seus amigos discursos infundáveis sobre o ponto de vista judaico-cristão; na estrofe destacada acima, vemos os primeiros relatos concretos do mal que atingira os selvagens, mas uma pergunta é dirigida ao deus, porque concedia ao inimigo, isto é, aos filhos de Anhangá tão alta pujança, e porque os raios de morte estavam nas mãos do inimigo. Aliás, a questão do raio é muito explorada pelo indianismo. Há aqui uma similaridade com os *Salmos* de autoria de Asafe⁶³, quando o músico de Davi questionava a magnanimidade para com os ímpios e a lisura para com os justos; mas quantos outros salmos não seriam da mesma natureza? Quantas vezes os israelitas queixar-se-iam da soberba dos seus inimigos?

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!
E hoje em que apenas a enchente do rio .
Cem vezes hei visto crescer e baixar...
Já restam bem poucos dos teus, qu'inda possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.
Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras,
De frechas cobrindo os espaços do ar.
Já hoje não caçam nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo quati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi! (D, 21-36)



Os discursos que se seguiram, tal como percebemos, trata-se de uma nostalgia da altivez dos tempos de fartura, quando as tribos guerreiras causavam terror as tribos vizinhas; o centenário relembra as guerras, as caças, e até os mortos. A seguir, vem a desilusão, a consciência do mal irremediável:

O Piaga nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição;
E os teus inda vagam por serras, por vales,
Buscando um asilo por ínvio sertão! (D, 37-40)

61 Lacroix, 1998, 67. Podemos examinar esta dependência no livro de Jó, porque a divindade do mal não pode causar males ao patriarca além daqueles que Deus lhe confere: *E disse o SENHOR a Satanás: Eis que ele está na tua mão; porém guarda a sua vida.* (Jó 2:6).

62 Lacroix, 1998, 105.

63 *Salmos* 73-83.

Enquanto Asafe perguntava *até quando isso durará?*⁶⁴ O centenário tupinambá queixa-se da falha do Piaga, o chefe religioso da tribo não havia previsto uma ruína total, junto da falha o desafortunado cantor queixa da dispersão dos primitivos habitantes. De facto, é que se pôde testemunhar nos anos que se seguiram a colonização, as tribos que não foram dizimadas nas guerras nem através da miscigenação⁶⁵ tiveram de migrar para o interior do continente⁶⁶. Para Fernandes⁶⁷ o retrato de Marabá expressa o surgimento de uma nova raça, a mestiçagem; se a morte da raça fosse apenas do ponto de vista da mestiçagem seria um mal menor, no entanto a ruína abateu por todos os ângulos, não houve alternativa, por mestiçagem e por guerra injusta. Quando o homem não tem a quem recorrer o auxílio divino, o transcendente é a alternativa, porque é onde não se vê é que pode estar o socorro, daí o Tupinambá clamar por Tupã, informando ao Deus todo-poderoso onisciente que os teus filhos já lágrimas demasiadas choraram, que o socorro tão esperado passa-se do tempo desejado, da previsão do Piaga, como as palavras inconsoláveis de Marta: *Senhor, se tu estivesse aqui, meu irmão não teria morrido*⁶⁸.

Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos,
Que eu vi combatendo no albor da manhã;
Conheçam-te os feros, confessem vencidos
Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupã! (D, 41-48)

Marta recebe o auxílio ainda que fora do tempo, mas em *Deprecação* não há retorno, Tupã está morto e com ele o seu povo, Anhangá é que vive e com ele o seu povo habita a terra com arrogância. As palavras de Coutinho⁶⁹ expressam bem o que levou os índolas a ruína: *O português fica encantado com o nosso índio, que lhe pareceu pitoresco e irá escravizá-lo na colonização. Polígamo por excelência, gostou mais da índia, que esta, sim, lhe aguça a concupiscência desde o primeiro instante, com as suas “vergonhas tão cerradinhas” e demais encantos. Ou porque a nudez, já lhe fosse um afrodisíaco, um convite irrecusável, ou porque fizesse de conta que ela era a “moura encantada”, o caso é que a mulher do mato lhe pareceu mais bonita, mais apetitosa que a do reino.*

Gonçalves narrou o momento da (antevisão da) chegada dos europeus, em *O Canto do Piaga*; em *Deprecação* o poeta narra o momento em que já se percebe a Amé-

64 Salmos 74:9.

65 Gonçalves trata este tema no poema *Marabá*.

66 Gonçalves retrata a dispersão dos Tupis (tribo litorânea) no poema *I-Juca Pirama*, onde relata um jovem tupi feito prisioneiro pelos timbiras (tribo do interior) enquanto fugia a perseguição dos invasores.

67 Fernandes, 1989, 139.

68 Lucas 11:21

69 Coutinho, 1969, 69.

rica primitiva como um mundo completamente destruído. Há uma faixa de tempo na qual o universo indígena foi sendo abrupta ou lentamente destruído. Durante esse intervalo, os nativos, quando não foram subitamente exterminados, sofreram um irreversível processo de aculturação e tiveram seus princípios deturpados e acomodados aos valores europeus ou mais drasticamente eliminados, perdendo, assim, a identidade cultural que os unia⁷⁰. Mas essa concepção pessimista que opta Gonçalves Dias, experimenta-se por intermédio de certos apólogos, forjados de uma sociologia, a economia política ou a teoria dos jogos, cuja característica comum é mostrar como é que a vontade do bem fracassa⁷¹.

Considerações finais

Gonçalves deixa, por assim dizer, de cantar o negro, numa época em que os “homens de pensamento” pretendiam erguer o índio à categoria de padrão humano, enquanto omitia tudo o que diminuía o próprio branco, ou o negro tirado do seu lar para o labor agrícola e mineiro⁷². na tentativa de enaltecer o índio Gonçalves demonstra a voracidade da ambição do europeu, mas em nenhum momento destaca que estes, para além de matar o índio como afirma, tira o negro do seio familiar, para alimentar a máquina de sua empresa. De acordo com Sodré⁷³ um estudioso moderno reflectiu que o negro não poderia ser tomado como assunto e muito menos como herói, porque foi submisso, passivo, conformado em vez de altivo, corajoso, orgulhoso.

Gonçalves Dias morre – com um livro inacabado e fracassado em seu intento de voltar à pátria – adquire, no texto machadiano, amplas ressonâncias simbólicas, ligadas à impossibilidade de fechamento do ciclo, tal como ocorre nas travessias épicas. Para grifar tais ligações, Machado⁷⁴ lança mão de um contraponto e inicia o seu poema, evocando a vida de Luís de Camões.

O pode deixa transparecer na sua obra o sentimento de abandono, de mágoa, de fio de esperança que a distância adelgaça, é de acordo com Souza Pinto⁷⁵ isto foi o responsável pela inspiração indianista de Gonçalves Dias, de facto nada mais original, um poeta que se sentia inferior devido à mestiçagem e ilegitimidade filial optar por cantar um povo perseguido até a sua extinção. Talvez por isso que seu⁷⁶ indianismo é uma verdadeira declaração de amor á pátria, que tem uma visão entristecida e aformoseada da pátria tropical. Souza Pinto⁷⁷ destaca ainda que Gonçalves, grande amoroso, diante



70 Oliveira, 2005, 40.

71 Lacroix, 1998, 81.

72 Sodré, 1969, 265.

73 Sodré, 1969, 268.

74 Longo, 2006, 44.

75 Souza Pinto, 1931, 11.

76 Souza Pinto, 1931, 12.

77 Souza Pinto, 1931, 13, 14.

do altar do amor, sobre o qual o coração do poeta ardeu incansável e dolorosamente, o poeta ávido de paixão, nem uma vez foi galardoado pelo amor.

Se Camões tem grandeza épica, exemplificando o melhor da sua colectividade, Gonçalves Dias é o mais infeliz, dentre os infelizes; estigmatizado pela singularidade do seu destino, é ele vítima, em meio a um périplo que não se completou⁷⁸. Gonçalves levou consigo ao túmulo o pessimismo pessoal e deixou-nos um legado em que o sofrimento se fez presente em suas obras. De facto sua vida em Coimbra não terá sido fácil e deixou disso testemunhos, queixava-se da situação financeira quando estudava e tinha razões para isto, queixava-se ainda de mestiço ser com isso sofrer de grande discriminação, e passa para sua obra toda esta conjuntura, resta saber se não será sua obra um reflexo daquilo que o poeta terá sido, porque a ruína que vemos em *Deprecação* também é exemplificada na sua lírica amorosa, tal como *Ainda uma vez – adeus*, ou mesmo nas suas correspondências, tal como a carta endereçada a Joaquim Ferreira do Vale, onde ao invés dos poetas dizer seus dotes ao irmão de sua pretendente, opta antes por queixar-se e demonstrar as fraquezas e o negro destino que esperava.

REFERÊNCIAS

ACKERMANN, Fritz, *A obra poética de António Gonçalves Dias*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1964.

ANGIONE COSTA, *Introdução à arqueologia brasileira: (etnografia e história)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

ASANHA, Gilberto, *A Forma Timbira: estrutura e resistência*. São Paulo, USP, FFLCH, 1984.

ASSIS, Machado de, *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar. Vol. III, 1994.

AUERBACH, Erick, *Mimeses – A representação da realidade na literatura Ocidental*. São Paulo, Perspectiva, 1986.

BANDEIRA, Manuel, «A Vida e a Obra do Poeta»: DIAS, Antônio Gonçalves, *Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas*. Organização Alexei Bueno. Rio de Janeiro Nova Aguilar, 1998, 13-56 (a).

—, «A Poética de Gonçalves Dias»: DIAS, Antônio Gonçalves. *Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas*. Organização Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1998, 57-70 (b).

BORNHEIM, Gerd, «Filosofia do romantismo». GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1993, 75-111

BOSI, Alfredo, *Dialética da colonização*. 4ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2001

—, «Imagens do Romantismo no Brasil». GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1993, 239-256

BREMMER, Jan, *Scapegoat Rituals in Ancient Greece*, Harvard Studies in Classical Philology, Vol. 87. (1983), pp. 299-320.

CANDIDO, Antonio, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Volume II. 7ª Ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1993.

78 Longo, 2006, 45.

CARDIM, Padre Fernão, *Tratados da Terra e da Gente Do Brasil*. 2ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1939.

COELHO DA SILVA, Amós, «Os jogos e as instituições sociais em sociedades arcaicas e primitivas». LESSA, Fabio de Souza; BUSTAMANTE, Regina. *Memória e festa*. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2006, 157-164.

COUTINHO, Afrânio, COUTINHO, Eduardo de Faria, *A literatura no Brasil*. Vol.II Rio de Janeiro/ Niterói, José Olympio/ EDUFF, 1969.

DIAS, Antônio Gonçalves, Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas. Organização Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1998.

FERNANDES, Florestan, *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo, Hucitec -UNB, 1989.

FIGUEIREDO, Lima, *Índios do Brasil*. 2ª ed. S. Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1949.

FRÄNKEL, H. *Early Greek Poetry and Philosophy: A history of Greek epic, lyric, and prose to the middle of the fifth century*. Trad. M. Hadas e J. Willis. New York, 1975.

FRANCHETTI, Paulo, *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia, Ateliê Editorial, 2007.

FRYE, Northrop. *Anatomy of criticism : four essays*. London : Oxford University Press, 1957.

HERCULANO, Alexandre, «Futuro Literário de Portugal e do Brasil». DIAS, Antônio Gonçalves, Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas. Organização Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1998, 97-100.

KOTHE, Flávio, *O cânone colonial*. Brasília: Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1997. (a)

___, *O cânone imperial*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1997. (b)

___, *O herói*. São Paulo, Editora Ática, 1987.

JAEGER. Werner, *PAIDÉIA: A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LACROIX, Michel, *O mal*, Instituto Piaget, 1998.

LADEIRA, Maria Elisa, «Uma Aldeia Timbira». NOVAES, Sylvia Caiuby, *Habitações Indígenas*. São Paulo, Editora Nobel, 1982, 12-31.

LÉRY, Jean de, *Viagem à terra do Brasil*. trad. integral e notas de Sérgio Milliet. São Paulo, Livraria Martins, imp., 1941.

LESKY, Albin, *A tragédia grega*. 3ª ed. Trad. J. Guinsburg, Geraldo Souza, Alberto Guzik. São Paulo, Editora Perspectiva, 1996.

LONGO, Mirella Márcia, «Guerreiros sem canto»: *Letras de Hoje* 4 (2006) 41-57.

MARQUES, Wilton José. «O índio e o destino atroz»: *Letras & Letras* 22 (2006) 175-191.

___, «Revista e Ruptura»: *II COHILILE - Anais* 14 (2003) 1-8.

MATOS, Cláudia Neiva de, *Gentis Guerreiros: O Indianismo de G.D.* São Paulo, 1988.

MELATTI, Júlio Cezar, *Índios do Brasil*. 7ª ed. São Paulo, Hucitec – USP, 1993.

MOISÉS, Massaud, *História da literatura brasileira*. 2ª. ed. São Paulo, Cultrix, 1989.

MONTEIRO, John Manuel, *Confronto de culturas: conquista, resistência, transformação*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1997.

___, *Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de história Indígena e do Indigenismo*. Unicamp, 2001 (Monog. policop.)

MOUTINHO, Mário Canova, *O indígena no pensamento colonial português*. Lisboa, Universitárias Lusófonas, 2000.



OLIVEIRA, Andrey Pereira de, «A corrupção do universo indianista nas “poesias americanas” de Gonçalves Dias»: *Revista Trama* 2 (2005) 39-57.

PAZ, Otávio, *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savany. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

PORTOCARRERO, Maria Luisa, *Horizontes da hermenêutica em Paul Ricoeur*, Coimbra, Ariadne, 2005.

RICARDO, Cassiano, *O indianismo de Gonçalves Dias*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1964.

RICOEUR, Paul, *Le conflit des interprétations : essais d'herméneutique*, Paris, Éditions du Seuil, 1969.

___, *Le mal : un défi à la philosophie et à la théologie*, Genève, Labor et Fides, 1986.

ROMERO, Sílvio, *História da literatura brasileira*. org. e pref. Nelson Romero. 3.ed. aument. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1943.

RONCARI, Luiz, *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo, Edusp, 1995

ROUANET, Maria Helena, *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo, Siciliano, 1991.

SANTIAGO, S., *Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2000

SODRÉ, Nélson Werneck, *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.

___, *A formação da sociedade brasileira*. São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1944.

SOUZA PINTO, Manuel de, *O indianismo na poesia brasileira*. Coimbra, 1928

___, *Gonçalves Dias em Coimbra*. Coimbra, Coimbra Ed., 1931.



A dialética da contradição em I-Juca Pirama

Weberson Fernandes Grizoste¹

Introdução

Para fundamentarmos a nossa análise sobre a anti-heroicidade dentro do poema *I-Juca Pirama* de Gonçalves Dias, faremos em primeiro instante uma análise circunstancial de *Eneida*, de onde surgiu a hipótese de anti-heroicidade. Enéias é o herói que parte do passado para construir o futuro, mas se acha preso no passado e sente dificuldades em empreender o futuro, porém quando se faz necessário, Enéias sacrifica o seu amor por Dido, a própria rainha Dido e conseqüentemente a si mesmo. Basearemos esta análise nos estudos de Putnam sobre a vitória trágica, em que Enéias vence, mas vence covardemente, quando Turno reconhece a derrota, Enéias não lhe concede a vida, e este episódio tende a ser trágico sob o prisma de que Enéias poderia ou deveria conceder o perdão aquele que se humilhou suficientemente ao ponto de reconhecer uma derrota. Em analogia a este contexto observaremos o otimismo e a tragédia analisada por Perret e as duas vozes de que fala Parry, além dos estudos de Medeiros sobre Vida e Morte na *Eneida*. Em suma todos estes autores utilizam o mesmo prisma, do da vitória com derrota, da tentativa de construir o futuro enquanto se acha ligado ao passado.



Posteriormente, faremos uma re-contextualização da poesia indianista difundida por Gonçalves dias, buscando com isso compreender a sua problemática para parti-la daí entender como ela acontece em *I-Juca Pirama*. Para esta re-contextualização utilizaremos alguns excertos de Bosi que considera sobre a fundação literária brasileira e a história da literatura brasileira, talvez a mais procurada.

Enfim, analisaremos sob o prisma da análise no primeiro capítulo a obra gonçalvina *I-Juca Pirama*, observando os pontos em que o herói falha para depois reaver a

¹ **Weberson Fernandes Grizoste** - Jauru – MT – BRASIL - 27 de Junho de 1984. É licenciado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Mestre e Doutorando em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra. Membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e bolsista da FCT – Portugal. É autor de três livros: *A dimensão anti-épica de Virgílio e o Indianismo de Gonçalves Dias* (2011), *Carrapicho* (2011) e *Estudos de Hermenêutica e Antiguidade Clássica* (2013).

vitória, a forma com que se livra da morte e depois sucumbe a ela, o que está por trás de toda esta peripécia é o que denominamos de anti-heroicidade, o tipo reclama a vida, mas reage em tempo suficiente para se configurar de um herói que falha para aquele que vence; o ato de chorar diante da morte pode enobrecer a sua causa, como poderia também denegrir sua imagem, de fato, a obra gonçalvina é contraditória, seria o jovem guerreiro um herói ou um vilão? Até que ponto reclamar a vida depois abandoná-la pela honra justifica a existência dessa própria honra?

Em suma, em *I-Juca Pirama* temos otimismo e tragédia, vida e morte, vitória trágica, e duas vozes que parecem se confundir, mas que se distinguem para posteriormente confluir.

Prismas contraditórios em *Eneida*

A obra *Eneida* é um poema épico, cujo prisma é contraditório, seria um poema de vida, de morte ou de esperança? De fato na trajetória de Enéias, a morte assume propriedade fundamental, que acabam por nos conduzir a diversos caminhos: da felicidade como necessidade, da desgraça como libertação; entretanto a finalidade fundamental expressa no poema é a aspiração do herói rumo ao futuro «a vida», enquanto sua problemática situa-se no passado frustrante «a morte». Ao contrário de Ulisses na *Odisséia*, cuja peripécia se configura em torno do seu regresso a pátria depois do empreendimento vitorioso diante de Tróia, Enéias por sua vez é o herói vencido, que perdeu a pátria, a família, e toda sua civilização, o ato de recomeçar a vida no Lácio por si significa ter uma vida perdida em Tróia, eis uma explicação para semente da frustração em *Eneida*. Ulisses peregrino retornava a pátria, Enéias peregrino jamais retornaria à pátria, pois esta já nem existe «passado glorioso, porém perdido com a derrocada de Tróia, destruição e morte» sua incumbência é fundar uma nova Tróia «se assim podemos denominar», fundar uma nova civilização «futuro glorioso, esperança de vida».

Em Cartago, Enéias chora diante das pinturas de um templo cuja evocação rememorava a guerra de Tróia, chora como Ulisses chorou diante do canto de Demódoco, na terra do rei Alcínoo; Ulisses, porém, era um vencedor e Enéias um vencido, Ulisses retornava à pátria e Enéias não tinha mais uma pátria, as elocuições trazidas por estas pinturas eram repletas de nostalgia daquilo que se não devia mais cantar. O choro de Enéias é sobre si mesmo, sobre sua desgraça, sobre a desgraça de seus camaradas. De acordo com Medeiros *Enéias é o único herói épico que, na sua primeira apresentação, nos aparece a desejar a morte*². Talvez por que seja o único cuja desgraça é total, derrotado na guerra, perde a família, a pátria, presenciou a morte de sua majestade e toda família real além de muitos camaradas. Peregrino pelo mundo parte para conquistar uma terra, ciente da desgraça que lhe restara, a esperança no futuro não lhe parece compensar a perda do passado.

2 Medeiros (1992,12)

Assim como na *Odisséia*, cujo herói reclama pelas peripécias que os deuses o forçaram, e pela perspicácia de Poseidon; Enéias também se sente afligido pelos deuses, desta feita é Juno quem tenta prorrogar sua chegada à Itália, como se não bastasse todas suas desgraças. Enéias já não vê a morte de seus compatriotas como uma desgraça, sente que feliz quem a alcançara naquela ocasião, mais do que isto deseja ter sucumbido à concatenação fatal durante a derrocada de Tróia.

Posteriormente as mulheres troianas, fartas das peregrinações, incendeiam a frota, Enéias novamente lamenta a triste sorte e pede que Júpiter o aniquile com suas mãos, tal como Jó cansado de suas desgraças e pela triste sorte que lhe afligia clamara ao seu deus que se não pudesse livrá-lo daquela situação de penúria ao menos apiedasse e concedesse lhe a morte, tais heróis, quando se sentem de sobremodo atribulado pelas instituições divinas clamam pela concatenação fatal, eis a atitude mais sublime, é, pois a morte que durante todos os séculos tem causado espanto e horror nas comunidades, o ato que querer submeter-se aquilo que é horripilante é um ato que nos causa clemência, é só com este ato soberano que compreendemos tamanha desgraça daquele que é afligido. O ato de querer a morte não é uma atitude covarde, mas um ato de misericórdia e de desespero. Não que tenha perdido a esperança no futuro, pois tanto Jó que esperava uma salvação de seu deus, Enéias esperava ser acudido por Júpiter, pois estava na incumbência que lhe haviam concebido; as desgraças que lhes sobrevinham pareciam não compensar tais esperanças. Uma oferta digna para uma causa nobre, isto é, a criação daquela sociedade não era um interesse de Enéias, logo se entrega como sinal de clemência por um ato que não é exclusivamente seu.



Enéias, ainda na batalha quando recebera a ordem de Heitor sanguinolento e desfigurado como a urbe para partir e edificar uma nova pátria no além-mar, mesmo quando o sacerdote Panto brada a destruição de Tróia, Enéias ainda quer lutar, sua única esperança era ficar e lutar, ainda que com isso sucumbisse a morte, mas não deveriam abandonar as muralhas de Ílion, é o delírio daquele que há de ser considerado herói sensato. Sua bravura apenas se abrandava quando vê o corpo do rei Príamo decapitado na areia da praia. Conforme diria Medeiros *exatamente como Pompeio, degolado ao desembarcar em Alexandria*³.

Enéias não quer partir, quer lutar enquanto a vida lhe convir que faça, uma chama sacra na cabeça de Ascânio e uma estrela que apontava para o caminho do Ida, são sinais miraculosos providos pelos deuses empenhados na destruição de Tróia, tais sinais surgiram para que Enéias por fim partisse das terras do Ílion para o além mar; agora o herói teme pela morte, é na fuga que perde a mulher Creúsa, mas Creúsa tem de morrer, pois pertence ao passado, o que resta a Enéias é apenas futuro, o passado deve ficar para trás. Do passado, porém resta à dor e a saudade, um desafio que Virgílio contrapõe no poema frente ao desafio de conquistar o futuro, ou seja, a esperança. Poderíamos afirmar que não há esperanças quando não existem tormentos. Falar das

3 Medeiros (1992,14)

esperanças requer relembrar os tormentos, daí uma problemática para estilização, que Virgílio soube bem conferir.

No decorrer da sua peregrinação, Enéias deixa seu passado morrer aos poucos, primeiro em Creta funda Pérgamo, mas esta cidade é devastada pela peste, pois fundada a partir do nome da cidadela de Tróia, Pérgamo representa o passado com toda sua força; após passarem pelo mar Íônico, depois de muitas aventuras marítimas, Enéias atinge a costa de Epiro, cidade onde vive Andrômaca e Heleno, ou seja, a viúva de Heitor e o filho de Príamo, era a ressurreição do passado na sua essência, era uma nova Tróia, tinha a mesma porta de entrada, o mesmo rio, vivem das recordações, da nostalgia, porém este não é o destino para Enéias, dali parte para Sicília onde morre o pai Anquises, é a morte de um passado glorioso e de desprestígio, e na Campânia morre sua ama, paulatinamente Enéias desprende-se do passado para construção de um futuro sólido e vitorioso.

Porém entre a Sicília e a Campânia surgiu à maior tentação para Enéias, é em Cartago que a força do amor ouse imperar sobre a racionalidade do homem que partia do passado para construir o futuro, as promessas enxergadas na felicidade amorosa com Dido fazem-no esquecer daquilo que era sua função, construir a nova Tróia, longe das muralhas destruídas de Ílion. Rodeado de conforto, construção de palácios, Enéias parecia enfim herdar uma terra; porém esta não era sua missão, seu pai Anquises o advertiu em sonhos, por fim Júpiter por intermédio de Mercúrio dá lhe ordem formal para abandonar Cartago, desamparar Dido e esquecer o amor. Quando enfim, Enéias se conscientiza de sua missão e decide abandonar a felicidade, Dido desesperada suplica, ameaça, acusa e tenta toda sorte que pudesse encontrar, Enéias resiste, sabe que sua missão devia ser levada a cabo, mas as lágrimas lhe vêm nos olhos, é impossível reaver a felicidade diante do destino. Sobre os heróis gregos, Paz afirmaria que eles não eram uma simples ferramenta nas mãos de um deus⁴, partindo dessa premissa eu diria Enéias se torna uma simples ferramenta, uma vez que a sua designação é cumprida.

Como uma simples ferramenta nas mãos de um deus, Enéias se torna uma espécie de *Pharmakós*⁵, seu sofrimento é alongado pelas mãos de Juno, a deusa lhe aflige pelos males que os romanos haviam de trazer sobre Cartago. Sabia a deusa que era impossível mudar o destino, mas isso não o impossibilita de afligir o herói tido como fundador da nova civilização. Segundo Frye o *Pharmakós* não é culpado nem inocente⁶, é culpado porque está inserido numa sociedade culpada, e inocente porque o que lhe advém é muito maior do que aquilo que pode provocar. No caso do *Scapegoat* «Bode Expiatório» aquele que é imolado pela falta dos outros; Enéias se torna culpado daquilo que havia de ser sua civilização, culpado do futuro.

A cidade preferida de Juno era Cartago, a deusa representa o tipo de povo que não se deixa civilizar, Cartago embora fosse uma grande cidade do Mediterrâneo, o

4 Paz (1982:241)

5 Frye (1957:41) ou *Scapegoat*

6 Frye (1957:41) "The *pharmakos* is neither innocent nor guilty"

Império Romano era o domínio da época, a destruição desta seria o ápice simbólico da conquista romana, a conquista da civilização frente ao primitivo. A ave que Juno mais amava era o pavão, espécie de rude convivência com as demais e que castiga outras espécies quando se sente ameaçada. Juno, como sua ave preferida quando se sente ameaçada, quer proteger Cartago, e a priori é afligir o fundador de Roma, já que não pode mudar os destinos.

Embora muitas sejam suas aflições, Enéias não praticou a *Hybris* como Aquiles ou Ulisses, é o tipo de herói perfeito a semelhança de Jó e Heitor. Não coloca em risco a Legalidade Cósmica, antes corresponde com aquilo que a espera, como Heitor sabia que morreria pelas mãos de Aquiles e ainda assim luta bravamente pela honra e destreza, por sua vez Enéias abandona Dido, o amor, o conforto pelo destino que lhe é conferido.

Porém a escolha de Enéias tem um preço, com sua saída, Dido se suicida após amaldiçoar Enéias, depois de projetar sobre o Roma o fantasma de um vingador, Aníbal, que haveria de nascer das cinzas de Dido. Enéias comete uma culpa, não contra a Legalidade Cósmica, mas contra Dido, comete contra sua vontade, é involuntário, mas pela realização da paz universal. A semelhança do *Pharmakós* e das vítimas do Sacrifício Voluntário, Enéias protesta o que o destino lhe confere, mas obedece.

Enéias desce ao reino dos mortos, lá encontra Dido, seu esforço é matar o passado e criar o futuro, o herói se justifica, tenta arrancar uma lágrima, mas em vão, tenta relembrar o passado, mas a sombra de Dido *pálida como a lua entre nuvens, e petrificada perante aquele que tanto amou*⁷ Dido não responde, o silêncio é sua única resposta, dali parte para junto de seu esposo Siqueu, Enéias solitário se desespera e lamenta a triste sorte. Dido foge lhe tentando negar o amor, assim como seu pai Anquises e sua esposa Creúsa lhe fugiriam enquanto tentavam afirmar seu amor, no mundo das sombras nenhuma alma morta pode ser tocada. Obviamente que a frustração do herói chegara ao seu âmago, um herói eleito para fundar uma civilização eleita pelos deuses, fadado ao fracasso, a insatisfação e ao espetáculo de morte.

Enéias parte do reino dos mortos com uma incumbência tinha de fazer a guerra para alcançar a paz, uma paz que dá o direito de governar, esta era a arte do romano. Turno o rei dos Rútulos era o maior adversário de Enéias, a luta é imprescindível, é com a luta entre ambos que a epopeia virgiliana se encerra. Lutou com todas suas forças, pela terra e pelo amor de Lavínia, no duelo singular do último canto, Enéias vence Turno: porém sua vitória é destituída de glória, os deuses haviam desamparado o rei dos Rútulos. Ferido Turno cai diante de Enéias, ao contrário do que acontecera com Heitor, Turno poderia se salvar, sua salvação dependia de Enéias. Turno reconhece a derrota, declara que Lavínia é posse de Enéias e que a terra também lhe pertencia, em troca roga Enéias que poupe lhe a vida e faça interromper o ódio entre os troianos e latinos. Enéias hesita, parece ceder, mas num momento súbito, contemplando a amargura da-



7 Medeiros (1992,16)

quele que implora pela vida, arditamente o Enéias frio diante do amor de Dido surge diante de Turno e trespassa o coração do ferido, o sentimento de penúria daquele que implora pela vida fora coberto pela lembrança de Palante, e por isso o vinga. A respeito desta relação Putnam observou:

That the poet re-establishes this atmosphere at the opening of book XII suggests as identification between Dido and Turnus of deeper importance than is at first apparent⁸.

Para Putnam *Turnus could be visualized almost as a heroic reincarnation of Dido*⁹, assim como a rainha de Cartago significava um empecilho para seu triunfo Turno torna-se o mesmo, ambos significam o homem primitivo, o bárbaro que deveria ser morto para o triunfo de Roma, a morte de Dido significava a oportunidade de criação de Roma e posteriormente a destruição de Cartago, como símbolo do apogeu do Império, já a morte de Turno significava a criação da nova Tróia, somente a morte do soberano era possível a instalação da *pax Romana* conforme era o desejo dos deuses. Assim como Dido abandonada pelos deuses suicida-se pela frieza de Enéias, é com esta mesma frieza que Enéias assassina Turno já abandonado pelos deuses.

A vitória de Enéias é destituída de toda majestade nesse gesto cruel e desumano, poderia ele perdoar o nobre guerreiro vencido, mas a semelhança do que os romanos fizeram na Perúcia, matando trezentos membros da aristocracia perusiana, quando estes suplicavam pela vida, o vencedor respondia: *têm de morrer!*¹⁰ Este vencedor era imperador romano agora personificado em Enéias, isto é, desde os primórdios os chefes romanos se igualavam mesmo derrotando os inimigos a morte era praticada sem clemência de todas as formas bárbaras inimagináveis, como se quisessem renovar a prática dos sacrifícios humanos. Para Putnam essa personificação dita por Medeiros era de fato um interesse do poeta:

For, according to the poet's wishes, it is she, not Aeneas, nor the grandeur for which Augustus seems to stand, who wins the greatest victory as the soul of Turnus passes with a resentful moan to the shades below¹¹.

O poema do surgimento da *pax Romana* se encerra num ato brutal de violência, seriam as últimas palavras da *Eneida*, e as últimas de Virgílio, conforme afirmaria Medeiros: *mas, se o herói falhou, o poeta não falhou: a tragédia da Eneida não é apenas um símbolo da tragédia romana – mas da vida dos homens em geral*¹².

8 Putnam (1988,155)

9 Putnam (1988,156)

10 Medeiros (1992,8)

11 Putnam (1988,201)

12 Medeiros (1992,21)

O indianismo gonçalvino

Antes de entrarmos na análise propriamente dita da obra *I-Juca Pirama* de Gonçalves Dias, é mister que analisemos toda sua produção indianista. De acordo com Bosi *Gonçalves Dias foi o primeiro poeta autêntico a emergir em nosso romantismo*¹³. O poeta possuía um domínio da língua portuguesa admirável e que ainda chama atenção dos estudiosos, era adepto de Almeida Garrett, ao contrário dos seus contemporâneos que sofriam maior influência francesa. Como romântico Gonçalves Dias se prende ao amor, natureza e Deus, mas conforme Bosi salienta:

É preciso ver na força de Gonçalves Dias indianista o ponto exato em que o mito do bom selvagem, constante desde os árcades, acabou por fazer-se verdade artística. O que será moda mais tarde, é nele matéria de poesia¹⁴.

Ao contrário de todos indianistas anteriores a Gonçalves Dias, cujas figuras indígenas eram europeizadas, o que temos nestes poetas são figuras indígenas com caracteres europeus, não são selvagens num todo: seus costumes são aportuguesados, a religião abrandada para o catolicismo, e não há manifestação da cultura indígena, pelo menos na sua essência. Gonçalves Dias retoma a figura do índio de seus precursores: trabalhando questões que horrorizavam a sociedade europeia, tal como o canibalismo, mas a essência gonçalvina é enaltecer a cultura e o índio brasileiro.

Durante o romantismo, enquanto os europeus buscavam nas suas raízes medievais, inspirações para comporem seus poemas. No Brasil, visto que não tínhamos uma raiz medieval, a solução era acatar aquilo que fosse brasileiro, daí uma controvérsia: se os poetas falassem do homem branco, este não era brasileiro genuíno, pois descendiam dos europeus, o negro se tornava inviável, pois sua origem africana também o colocava a margem daquilo que pretendiam os românticos «de fato o negro foi aderido tardiamente na Literatura Brasileira»; a solução para criação de uma Identidade Literária era utilizar o índio, este era o elemento genuinamente brasileiro, quando lá chegaram os portugueses, o índio se fazia presente, estiveram lá para recepcioná-lo e mostrarem a árvore de tintura avermelhada «pau-brasil» que forneceria o nome a terra “recém-descoberta”.

Mas o que falar do índio brasileiro? Andavam nus, não conheciam a escrita, nem viviam “civilizadamente”, suas religiões eram pagãs, e por cima de tudo eram canibais, comiam os próprios filhos, e quando nasciam filhos gêmeos, assassinavam o segundo. O selvagem americano, que matava o colonizador, que tinha costumes primitivos e pagãos, causava nos europeus uma sensação horripilante; então como fazer bom uso desse tipo de personagem? Temos em vista que o público alvo dessa literatura era a própria Europa, mesmo no Brasil, somente as famílias mais abastadas «descendentes de europeus» dominavam a escrita. A solução era aportuguesar o índio brasileiro, tal como



13 Bosi (2004:100)

14 Bosi (2004:101)

fizera Santa Rita Durão em *Caramuru* e José de Alencar em sua trilogia indianista «*Iracema*, *O Guarani*, *Ubirajara*». Adquirimos uma Identidade Literária, mas diga-se lá, uma identidade brasileira europeizada; é com Gonçalves Dias, na ecfrasis do elemento indígena que alcançamos uma literatura genuinamente brasileira, todavia essa afirmação é controversa, pelo prisma de que não existe literatura independente, tudo o que é escrito já foi dito de alguma forma, e exerce alguma influência de outro elemento. Gonçalves Dias sofre influência das poesias sentimentais de Garrett e dos góticos hinos à natureza de Herculano e se consagra como o clássico do nosso romantismo¹⁵.

Os *Primeiros cantos* de Gonçalves Dias manifestam a consciência do destino bárbaro que aguardava as tribos tupis quando a conquista portuguesa se pôs em marcha. O conflito entre as duas sociedades é a problemática gonçalvina na sua dimensão de tragédia. O poema *Deprecação* é um dos símbolos de maior relevância dos *Primeiros cantos*:

Tupã, ó Deus grande! Cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz¹⁶!

O poema se inicia com o nome do deus maior, criador do universo e responsável por todas as coisas, Tupã. O *Eu lírico* manifesta o sentimento de perda de um povo que clama por vingança pelos males que lhe sobrevieram; Anhangá «representante do mal» trouxera de longe, homens vorazes e sedentos, a quem denomina de povos que *vivem sem pátria*. A expressão *sem pátria* refere-se ao fato de ocuparem um território ocupado, uma crítica ao próprio conceito de *Descobrimento*. Ou seja, Pedro Álvares Cabral não teria descoberto o Brasil, pois já estava descoberto, ocupado por gentes «índios». A terra pertencia a eles, e agora viam num gesto insolente sua pátria ser invadida por homens vorazes, cujo interesse contrariava a vida pacífica das aldeias indígenas. Em tese o *Descobrimento do Brasil* não existiu na sua essência, o que existiu foi uma ocupação irresponsável, *E a terra em que pisam, e os campos e os rios*

*Que assaltam, é nossa*¹⁷. O poema se encerra com o clamor a Tupã, pela vingança aos males sucedidos aos indígenas, clama pelo auxílio aos bravos, temíveis na guerra, para que lutem enaltecendo assim o próprio Deus: *Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupã*¹⁸!

Dos *Primeiros cantos* ainda destacamos *O canto do piaga*: a canção dirigida aos guerreiros tupis refere-se a ruína que trouxera os estrangeiros:

15 Bosi (2004,109)

16 Deprecação

17 Deprecação

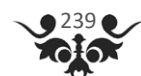
18 Deprecação

*Oh! Quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arranjar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... – o que vem buscar?*

*Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher¹⁹!*

O homem europeu invadia a terra indígena, tomava-lhe a possessão, matava os índios e roubava às mulheres, a destruição era incondicional, em poucos anos as populações nativas foram reduzidas a pequenos grupos na imensidão da floresta longe do alcance dos europeus, esse fenômeno ocorreu nas mesmas latitudes em toda América.

Posteriormente Gonçalves Dias compunha uma epopeia, porém esta obra permaneceu inacabada, é nos *Timbiras* que retoma os vaticínios do piaga e lamenta a sorte da América, uma *América infeliz* cuja natureza fora profanada e sua gente vencida, destruída. Para Bosi *O fim de um povo é descrito como o fim do mundo*²⁰; referindo a temática da poesia gonçalvina, quanto às figuras de desastre iminente, cuja inspiração seria o livro de Apocalipse das Sagradas Escrituras, cujas visões referem ao sol escurecido em pleno dia e a lua em cor de sangue. A voz de Gonçalves Dias se manifesta na boca de um pajé para predizer o fim do mundo, afinal, para os índios era de fato o fim do mundo. O poeta glorifica a América e critica as intenções europeias para o Novo Mundo:



*América infeliz! – que bem sabia,
Quem te criou tão bela e tão sozinha,
Dos teus destinos maus! Grande e sublime
Corres de pólo a pólo entre os sois mares
Máximos de globo: anos da infância
Contavas tu por séculos! que vida
Não fora a tua na sazão das flores!
Que majestosos frutos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno?!
Velho tutor e avaro cubiçou-te,
Desvalida pupila, a herança pingue
Cedeste, fraca; e entrelaçaste os anos
Da mocidade em flor – às cãs e à vida
Do velho, que já pende e já declina
Do leito conjugal imerecido
À campá, onde talvez cuida encontrar-te²¹!*

A destruição era iminente, os europeus ocuparam o Novo Mundo pelos interesses comerciais, os negócios com as Índias eram mais complicados, devido à distância e a

19 O canto do piaga

20 Bosi (2001,186)

21 Timbiras

perda de mercadorias por conta dos naufrágios, com isso o preço da mercadoria excedia muitíssimo quando atingiam o continente europeu. Os interesses europeus sufocaram todas as demais regiões do planeta, na América os índios foram dizimados, na África os negros foram escravizados para explorarem o novo continente. Os estudos de Bosi sobre *Colônia, Culto e Cultura*²² manifestam em que sentido haveria de confrontar os povos na América.

De acordo com Bosi: *Colo* significava em Roma o ato de ocupar e morar na terra, íncola seria o herdeiro de *Colo*, que significa o próprio habitante; o outro é *inquilinus* que é aquele que reside em terra estranha. Por sua vez o *colonus* é aquele que cultiva a terra ao invés de seu dono. O íncola *que emigra torna-se colonus*²³. Sob este prisma de Bosi, o *Colo* é o responsável pela terra, quem cuida e quem manda, mas a lei da dominação e exploração europeia difundida principalmente nos séculos XV e XVI tornava esta norma uma falácia, na prática o *inquilinus* «*colonus*» verá em si como conquistador, e por isso passará aos seus descendentes a imagem do descobridor e povoador.

Os interesses entram em contradição quando atingem este nível de ocupação e povoação; durante os primeiros anos de ocupação do território brasileiro os índios conviveram pacificamente com os portugueses, comerciava o pau-brasil por especiarias que desconheciam, dentre as quais cito: espelho, facas, etc. este escambo parece ser avarento e explorador, mas partindo do pressuposto de que recebiam coisas que jamais haviam contemplado e percebiam a relevância daquilo para suas comunidades, diríamos que este fora o estágio mais justo entre índios e portugueses, porém os interesses portugueses não eram apenas a madeira, haviam de explorar a terra, as descobertas de ouro e prata em excesso nas Américas Espanholas aumentaram ainda mais o interesse português sobre o território brasileiro, é com a ocupação e exploração da terra que os interesses se modificaram; após o pau-brasil a exploração de cana-de-açúcar eliminou o elemento indígena.

Baseando nessa problemática, da ocupação inconveniente da América, da chacina a população nativa pelos interesses europeus é que Gonçalves Dias compõe seus poemas, é nessa temática que baseia os *Timbiras*, uma epopeia que permanecerá inacabada. O interesse de Gonçalves Dias era dar uma personalidade simbólica ao índio brasileiro, porém que não fosse idealizada; os indígenas com suas lendas e mitos, dramas e conflitos, lutas e amores, o confronto com o homem branco ofereceram-lhe uma oportunidade para esta significação simbólica, dentre os poemas gonçalvino que destaca essa problemática, analisaremos sob o prisma de anti-heroicidade a canção *I-Juca Pirama*, uma das obras primas da poesia brasileira.

22 Bosi: A dialética da Colonização

23 Bosi (2001,12)

Anti-heroicidade em *I-Juca Pirama*

O poema *I-Juca Pirama* narra a história de um índio Tupi que cai prisioneiro dos timbiras, uma nação inimiga. O melodrama da obra situa-se nos sentimentos contraditórios provocados por sua prisão: por um lado deseja morrer lutando como guerreiro e por outro deseja viver e cuidar do pai doente e cego. Analisaremos porém o caráter dessa obra, até que ponto este poema manifesta a heroicidade, diríamos que a semelhança de *Eneida*, cujos sentimentos do herói são contraditórios, observando a vida e a morte ao mesmo instante, *I-Juca Pirama* situa-se nessa mesma problemática.

Sabemos que Gonçalves Dias possuía uma consciência de inferioridade, embora se orgulhasse de possuir descendência dos três povos formadores da raça brasileira «índio, negro e europeu», o poeta lamenta em seus poemas amorosos dedicados a Ana Amélia Ferreira do Vale o triste destino que lhe coube pelo simples fato de ser miscigenado. Gonçalves Dias estudara na Universidade de Coimbra, conhecera parte da Europa Ocidental, sabia perfeitamente que a identidade brasileira era demasiado inferior em relação aos países europeus, e conforme fizeram os poetas à sua época, pôs-se a compor poemas de louvores à pátria, dentre as quais destacamos o célebre poema *A canção do exílio*, com que influenciou e ainda influencia poetas em todas as partes do mundo. Mas é no elemento indígena que encontra a sua grande inspiração, o índio era visto pelos europeus ao longo do processo de colonização como homem selvagem e cruel praticava atos de barbaridades, tais como o próprio canibalismo. A problemática central de *I-Juca Pirama* situa-se não apenas nos sentimentos contraditórios do índio condenado, mas o grande fator, o canibalismo, ato cruel sob o prisma da sociedade que reprime tais atos, pertence ao poema. Por trás da consciência de inferioridade do elemento indígena, Gonçalves Dias busca manifestar a bravura e os costumes, ou seja, se observarmos sob o ponto de vista indígena, o canibalismo torna-se um ato justificável.

O ambiente que compõe o poema é uma taba de timbiras, uma tribo de *guerreiros valentes* temíveis pelos índios das nações vizinhas. Na quarta estrofe é descrita uma cena que acontece no terreiro situado no meio da taba dos timbiras, um índio Tupi feito prisioneiro pelos *guerreiros valentes*, não sabemos o nome do guerreiro, não temos conhecimento de sua tribo. Nas duas últimas estrofes do canto primeiro mostram os preparativos para o ritual de sacrifício, o que destacamos deste canto é a submissão das tribos vizinhas, a relação entre os índios brasileiros não eram amistosas fora do grupo que pertenciam, havia interesses comuns a determinadas tribos, daqui temos a amplitude de que o índio brasileiro não era conforme o explorador europeu observou séculos antes, um povo sem objetivo, sem cultura, sem crença, sem espírito e alma. O índio que recebe o português, que viera na mesma caravela «espada e cruz», posteriormente seria alvo contraditório dos dois elementos, o da alma «vida» para os jesuítas e do corpo «morte» para o colonizador. O índio possuía suas próprias crenças, tinha suas lendas e mitos, o próprio ritual de sacrifício significa por si uma identidade, tal como ocorria na Grécia antiga, do ponto de vista moderno a questão do sacrifício humano na Grécia an-

tiga era uma barbaridade, mas havia uma razão de ser, tal como acontecerá com o índio anos mais tarde, assim como na atualidade os episódios de sacrifício infantil praticado na Índia são considerados uma problemática para sociedade Ocidental. O que contrariava o interesse indígena era motivo de luta para eles, é por isso que atacavam e guerreavam com tribos vizinhas e por se acharem militarmente mais fracos que o europeu «detentor da arma de fogo» é que o índio fora eliminado, um fato fica consumado neste primeiro canto de *I-Juca Pirama* o índio possuía uma identidade distinta que confronta com os interesses do homem europeu.

O segundo canto de *I-Juca Pirama* retoma o ritual de sacrifício, o prisioneiro mostra-se atormentado e não verte uma lágrima²⁴, mas o olhar seco e rude não passa a impressão de tranquilidade aos *guerreiros valentes*, um Timbira percebe a aparente angústia e medo daquele que vai morrer. Indaga o prisioneiro acerca do temor que o assaltava na hora da morte e diz que quem morre com coragem revive²⁵, pois será lembrado como um herói.

O terceiro canto ainda prossegue com a narrativa em relação ao ritual, na segunda estrofe um discurso direto proferido por um timbira que ordena ao índio prisioneiro que diga quem é e por que invadiu o território alheio. Até aqui ainda não temos a real noção da fraqueza e da força que havia no interior desse Tupi, de fato o poeta primeiro exalta o índio para depois abrandar, se for conveniente, para depois destruí-lo. Quando finalmente terá destruído o índio prisioneiro o faz ressurgir das cinzas. Há um real interesse do poeta em demonstrar que um bravo guerreiro, mesmo em condições desfavoráveis, persiste na sua missão, os contrastes de adjetivos *fraco* e *ousado* manifestam claramente esta intenção, neste canto ainda, os Tapuias são citados como uma tribo derrotada pelos guerreiros Timbiras. Neste canto há uma exaltação em discurso direto pelo timbira, o guerreiro Tupi não é um índio fraco, é forte; mesmo conhecendo sua pequena força diante daqueles que eram maiores em números e podiam sucumbi-lo, o índio bravamente invade seu território, é aprisionado, e pela sua braveza será punido, mas uma punição que não pode ser vista sob o prisma de disciplina, castigo, etc., mas uma punição, como a de um guerreiro heleno que deixa a pátria, a família e parte para batalha que enobrece os homens e morre pela honra, pela destreza guerreira, tal é a situação do Tupi, um índio agora aprisionado, que deve morrer em nome da honra, em nome de sua destreza guerreira, sucumbido à morte tornaria a reviver, pois seria lembrado por sua bravura.

“Eis-me aqui, diz ao índio prisioneiro;
“Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,
“As nossas matas devassaste ousado,
“Morrerás morte vil da mão de um forte.”

24 Versos 61-64

25 Verso 74

O quarto canto é fundamental para nossa análise, após a exaltação do guerreiro Tupi, o poeta parece entrar em contradição com o interesse do poema, mas esta contradição é de fato seu próprio interesse, conforme as tradições indígenas, o prisioneiro é preparado para uma cerimônia antropofágica, para vingarem os mortos Timbiras. Conforme a cerimônia, o prisioneiro deveria cantar seus feitos de guerra e após deveria se defender da morte, ou seja, deveria morrer na luta, como símbolo daquilo que era. Neste canto o índio Tupi narra sua trajetória de vida e de sua tribo, pela sonoridade que nos é fornecida no poema, este é o canto mais belo de todo poema, mas a beleza do canto contrasta com a dimensão trágica do guerreiro Tupi, trágica no sentido que o índio tenta se esquivar da morte, contando toda sua vida guerreira, todo desgosto manifestado anteriormente e detectado pelo timbira agora é manifesto no canto do prisioneiro: um pai velho, doente e cego, que se apoia no único filho, era seu único guia. Eis a trágica dimensão do poema, ao passo que na *Eneida* o herói tem de esquecer o passado (embora viva sob seu efeito) para construir o futuro, em *I-Juca Pirama* o herói tem de esquecer o passado para viver o futuro, mas o ato de “viver o futuro” significa morrer fisicamente para triunfar na história como um guerreiro valente.

Esquecer o passado significa esquecer a vida, logo o futuro se torna uma ameaça, o guerreiro se prende ao pai, que não pode perder seu único apoio e num súbito clamor aflito o guerreiro exclama: *Deixa-me viver!* É o ápice da dimensão anti-heroica do guerreiro Tupi, quando deveria cantar seus feitos de guerra para morrer com honra, sente a agonia da morte e a dor da separação, e como paga pela vida que reclama promete lhes ser escravo, e como se sentisse pelo apelo a vida, tenta não desvanecer a imagem de guerreiro Tupi diante dos Timbiras e por isso afirma:

*Guerreiros, não coro
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
Também sei morrer.*

O guerreiro Tupi encerra seu discurso dizendo que não se envergonha por chorar, tem convicção de sua bravura e que por isso sabe morrer, conforme Pereira e Simões:

O ritmo instável e a mudança do timbre vocálico podem representar a modificação do comportamento do índio cativo e da própria tribo timbira. O tom erudito do discurso iguala o Tupi aos Timbiras. Observa a mudança gradativa: da condição de prisioneiro em defesa para a de herói que narra seus fatos²⁶.

No quinto canto há um diálogo entre o timbira e o índio prisioneiro, neste canto o chefe Timbira ordena a libertação do jovem prisioneiro, há um descontentamento entre a tribo, porque não podia dar tal ordem o chefe indígena. O chefe timbira lamenta a triste sorte do velho índio com a morte de seu filho, conforme observamos nos versos



26 Pereira e Simões (2005,83)

226 até o 229 há uma atitude mais enérgica do Tupi, que promete voltar quando o pai tiver encontrado a morte, mas o chefe Timbira ordena que não volte, não queria com isso enfraquecer seus bravos guerreiros com carne vil, estes versos descrevem a crença indígena que justifica o canibalismo sob o prisma da crença timbira. Comer a carne de um guerreiro significava absorver a sua bravura, força; porém absorviam também suas fraquezas e males, é por esta causa que os Timbiras desistem de comer o guerreiro Tupi, por que chorou diante da morte, o herói ao migrar para o futuro tem de renunciar o passado, mas ao renunciar reivindica o direito de possuir, quem o faz é considerado fraco. A imagem que nos resta do prisioneiro agora liberto é a de um guerreiro derrotado; - *Mentiste, que um Tupi não chora nunca, e tu choraste!... Parte.* São as mais duras palavras que o guerreiro vencido tem de ouvir, reclama por não haver chorado pela substância da vida, isso lhe pesa o coração, mas o fato é que o herói falha na hora da morte, e isso lhe custa um preço, um valor pelo qual agora terá de pagar.

No sexto canto o guerreiro Tupi se encontra com o velho pai, é o progenitor quem inicia a conversa, o velho cego e quebrado questiona pela longa ausência do filho, saíra quando ainda não havia sol e retornara quando o seu calor se afrouxava, isso nos dá uma dimensão do tempo que a narrativa decorre. O velho cego percebe o estado alterado do filho, desconfia que algo haja acontecido e quando o toca no rosto reconhece as tintas e os ornamentos utilizados nos rituais de sacrifício, o pai não compreende o motivo do filho ainda estar vivo após ser capturado por guerreiros Timbiras, e quando descobre que os índios o libertaram porque tomaram conhecimento da existência de um velho pai, cansado e doente, a decepção parece iminente, torna-se temeroso ao tentar desvendar a verdade, por fim o velho decide ter com a tribo inimiga que capturou seu filho.

O sétimo canto, já na aldeia inimiga o velho trava uma discussão com o chefe dos Timbiras. O velho quer devolver o filho e cobrar o prosseguimento do ritual, ao que o chefe dos Timbiras responde *chorou de cobarde* e de *imbele e fraco*. É o momento que o velho Tupi se decepciona amargamente contra seu filho, havia chorado diante da morte, um Tupi não chora nunca, havia negado a vida de honra e preferido a vida longa sem honra merecida de um Tupi. Que filho era este que chorava diante da morte é nessa problemática que surge um novo canto, sabendo da verdade, o pai amaldiçoa o filho:

*“Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!*

O pai condena o filho a impreciação universal, conforme Pereira e Simões salienta *comente a psicologia do selvagem autentica o seu valor poético. Em que outra situação o pai amaldiçoaria o filho porque este chorou diante da morte?*²⁷ De fato a concepção de morte

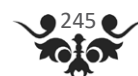
²⁷ Pereira e Simões (2005,114)

que temos em *I-Juca Pirama* é excepcionalmente indígena, só se concebe no cerimonial sacrificial entre os selvagens. O velho Tupi não aceita ter um filho que chora diante da morte, um Tupi, seu descendente, que chorou diante do destino, por isso o amaldiçoa: que nunca encontre amor, a paz, o alimento, lança-lhe toda sortes de maledicências; do prisma indígena o filho é amaldiçoado porque não honrou sua descendência, tal como teria acontecido com Esaú que embora fosse filho preferido de Isaque fora amaldiçoado por que toda sua benção teria sido roubada por seu irmão Jacó, numa ação perspicaz com sua mãe; Isaque tem de amaldiçoar, embora isso lhe custe a dor por ser o filho predileto, mas são os ossos do ofício; tal se sucede com o velho indígena, sabe que o filho chorou porque tinha um pai que dependia de si, mas ao fazer este ato cai em contradição e sucumbe da Honra ao desvario de um guerreiro Tupi, sabe que amaldiçoar o filho lhe custará a dor, mas tem de fazê-lo. Ao final do canto o pai reitera:

*Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és.*

Encerrada a maldição, o velho trêmulo move apalpando ao seu redor, esta dor teria sido aplicada por Tupã, a divindade criadora do universo e soberano sobre toda terra. À semelhança do que vimos na análise do primeiro capítulo, quando Enéias abandona o amor de Dido, a felicidade nos palácios e parte para cumprir o destino, no nono canto ouve-se o grito do ex-prisioneiro: *Alarma! Alarma!* O pai reconhece o brado do filho, chora ao perceber que o filho se apossara da coragem, da honra que merecia um Tupi. O jovem guerreiro se apercebe que amaldiçoado nada lhe resta a não ser render-se as vias do destino «tal como ocorre com Enéias»; um contraste de choros, um choro de repúdio a morte versus o choro de orgulho de um pai por um filho que sabe cumprir o destino; o Tupi luta como um herói diante dos *guerreiros valentes*, esta luta só acaba com a ordem do chefe dos Timbiras que reconhece o prisioneiro como *guerreiro ilustre*. Há uma reconciliação entre pai e filho que se abraçam.

O décimo e último canto de *I-Juca Pirama* retoma o ritual abandonado no quarto canto, indicando o equilíbrio à rotina da tribo, aparece a figura de um narrador, um velho Timbira, contando os fatos descritos neste poema, o velho teria presenciado o guerreiro reclamar a vida em seu canto de morte e posteriormente enfrentar os Timbiras em nome da honra. Conforme Pereira e Simões esta é *a típica visão do índio romântico, idealizado, faz-se presente no fim do poema*²⁸. O fato de chorar em presença da morte, contudo enfrentar seus inimigos faz com que seja capaz de derrotar os Timbiras e recuperar sua honra.



Considerações finais

Em suma, *I-Juca Pirama* é a obra mais importante do período indianista, no Brasil. Não imagino que o índio idealizado por Gonçalves Dias seja o bom selvagem, mas uma imagem idealizada para tentar reproduzir o índio na sua essência, porém sabemos que ao apossar da realidade e fazer menção na literatura nenhum poeta ou escritor conseguirá atingir a perfeição do mundo real, entretanto é inegável a existência de um herói mítico nesta obra, diferente dos índios europeizados por outros escritores, obviamente que a linguagem requintada de Gonçalves Dias nos leva a induzir a europeização do índio, mas é esta letra que ele tem de buscar representar o índio, logo é impossível escapar de algum tipo de europeização.

No tocante a anti-heroicidade do guerreiro Tupi, devemos salientar que Gonçalves Dias manifestou a fraqueza de um índio para depois glorificá-lo, porém ao construir dos elementos identificadores que se dilatam, busca convergir para o seu projeto, mas entra em contradição ao fazê-lo. Primeira problemática, ao tentar elogiar o índio na sua essência o poeta primeiro destrói para depois reconstruir das cinzas um elemento que seja mais suscetível a glória do povo indígena, segundo que ao destruí-lo na sua reconstrução surge um herói falhado, que falha mais vence não um herói que apenas vence. Do ponto de vista heroico, um herói que apenas vence sua glória se torna imaculável, porém ao fazê-lo assim corre o risco de cair no descrédito do leitor, por ser um tipo de herói que não convence, porém ao se apossar da fraqueza humana para depois domá-la segundo o seu bel prazer, o poeta pode confluir para eficácia da sua ideia: convencer o autor, causar-lhe espanto e fazê-lo vivenciar a história.

Quem vê o herói falhar no início do poema não imagina que em face do domínio dessa mesma fraqueza que o faz chorar, surge uma glória. Porém essa glória não será imaculada, porque o herói terá falhado antes, mas isso não justifica que seja um ponto menor para construção da narrativa, ao contrário, é o ponto forte.

O herói sente dificuldade de deixar o passado para entrar no futuro, por que isso requer sua morte física, porém a semelhança da *Eneida* «cujo herói abandona o conforto» o destino se faz jus, e o herói cumpre os desígnios: Morrer com honra! E com isso surge das cinzas como um guerreiro valente.

REFERÊNCIAS

Bibliografia primária

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 42ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2004

DIAS, Antônio Gonçalves. *Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro Nova Aguilar, 1998

MEDEIROS, Walter de. A outra face de Enéias: MEDEIROS, Walter de; ANDRÉ, Carlos Ascenso; PEREIRA, Virginia Soares. *Eneida em contraluz*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1992.

PARRY, Adam, *The two voices of Virgil's Aeneid*. S. Commager (Ed.), Virgil. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1966, 107-123

PEREIRA E SIMÕES, Juliana Theodoro; SIMÕES, Darcília. *Novos estudos estilísticos de I-Juca Pirama*

(*Incursões semióticas*), (Est. Vol. PIBIC), Rio de Janeiro, Dialogarts, 2005

PERRET, J. Optimisme et tragédie dans l'Enéide: *Revue d' Études Latines* 45 (1967) 342-363

PUTNAM, Michel C. J. *The poetry of the Aeneid*: Ithaca and London, Cornell University Press, 1988

VIRGILIO. *Eneida*. Paris: Typographia de Rignoux, 1854

Bibliografia secundária

BIBLIA. Trad. Por monges beneditinos de Maredsous - Belgica . *Bíblia Ave Maria*. 1970

FRYE, Northrop. *Anatomy of criticism : four essays*. London : Oxford University Press, 1957

PAZ, Otávio. *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savany. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982



Gonçalves Dias e Paulo Freire: encontro marcado na Escola Paroquial Frei Alberto –EPFA, em São Luís-MA

Dilercy (Aragão) Adler.¹

[...]

Não sabeis o que o monstro procura?

Não sabeis a que vem, o que quer?

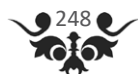
Vem matar vossos bravos guerreiros,

Vem roubar-vos a filha, a mulher!

O canto do Piaga -Gonçalves Dias

É como homens que os oprimidos têm de lutar e não como 'coisas'. É precisamente porque reduzidos a quase 'coisas', na relação de opressão em que estão, é que se encontram destruídos. Para reconstruir-se é importante que ultrapassem o estado de quase 'coisas', para depois serem homens. É radical esta exigência. [...] A luta por esta reconstrução começa no auto-reconhecimento de homens destruídos”.

Paulo Freire



¹ **Dilercy (Aragão) Adler.** São Vicente Férrer/MA/Brasil, 07/07/50. É Psicóloga-CEUB/DF, Doutora em Ciências Pedagógicas-ICCP/CUBA, Mestre em Educação, Especialista em Pesquisa em Psicologia e Especialista em Sociologia. Publicou nove livros de Poesia. Três livros acadêmicos, um biográfico e um de história infantil. É organizadora da Exposição (poesia e fotografia-100 poemas-posters de 61 poetas maranhenses). Organizou cinco Antologias poéticas e tem participação em mais de cem antologias nacionais e internacionais. Já recebeu vários prêmios, troféus e menções honrosas por trabalhos poéticos e culturais. Titular da Cadeira Nº 1 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão - IHGM. Presidente fundadora da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão_SCL-MA e Senadora da Cultura do Congresso da SCL do Brasil. É membro de várias Entidades nacionais e internacionais. E-mail: dilercy@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Muitas controvérsias existem em torno da objetividade das ciências e mais ainda das teorias apresentadas pelos cientistas acerca das diferentes áreas do saber e, especialmente, daquelas que dizem respeito ao ser humano e ao coletivo humano, as Ciências Humanas e as Ciências Sociais.

Segundo Lyra (1993, p.24), “a Ciência, a Filosofia e a Arte constituem três formas culturais de conhecimento. O objeto de estudo/trabalho dessas três formas de conhecimento, num sentido amplo, é o homem”. Isso porque toda prática cultural implica uma reflexão que busca o desvelamento do **mundo vivido** e da forma de **ser-no-mundo** do homem.

O campo da arte é o imaginário. Daí por que nesse sentido pode ser afirmado que é mais vasto do que o da Filosofia e mais ainda que o da Ciência. É fato que o conhecimento e manifestações artísticas adentram pelo imaginário, expressando o componente criativo e mítico, no entanto, não deixam de retratar o mundo vivido. Assim, a arte termina por se constituir uma forma de consciência social.

Lyra (1993) afirma que a literatura, dentre as artes, apresenta grande capacidade de abrangência, porque o alcance da palavra é infinito na interpretação do real.

Neste estudo, busca-se demonstrar, exatamente, pontos de confluência entre o discurso científico e a obra poético-literária na prática vivida, de forma consistente, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

A partir de dois grandes nomes nacionais, ambos nordestinos, povo mais castigado pelas intempéries da natureza e pela opressão dos dominadores no Brasil, objetiva-se demonstrar os rumos da arte e da ciência traçando o mesmo caminho – o do parto da liberdade - através da denúncia das condições desumanas de grande contingente desta grande área territorial que abriga o povo brasileiro.

São eles, Gonçalves Dias e Paulo Freire. Ambos graduados em Direito firmaram os seus nomes nacional e internacionalmente. Ambos exilados, embora que por motivações distintas. O primeiro destacou-se mais no campo da arte, mais especificamente, no da Literatura, embora tenha apresentado trabalhos relevantes na área educacional e o segundo, mais no campo da educação e em outros movimentos de libertação.

Esses dois homens viveram em épocas diferentes, em condições histórico-sociais específicas, com algumas nuances distintas e outras exatamente iguais.

Gonçalves Dias (1823-1864), apesar de ser filho de uma união não oficializada entre um comerciante português com uma mestiça cafuza brasileira, (o que na época significava um peso duplo e negativamente intenso), teve uma vida escolar primorosa, experienciando estudos de latim, francês e filosofia, frequentando escola particular. Terminou os estudos secundários na Europa e, ainda lá, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (1840).

Iniciou sua atividade literária ainda em Coimbra-Portugal, onde participou dos grupos medievistas da Gazeta Literária e de O Trovador, compartilhando das ideias ro-

mânticas de Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Antonio Feliciano de Castilho. Foi também nomeado Professor de Latim e História do Brasil no Colégio Pedro II (Bosi, 1959). Foi nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Passou quatro anos na Europa realizando pesquisas em prol da educação nacional. Voltando ao Brasil foi convidado a participar da Comissão Científica de Exploração, pela qual viajou por quase todo o norte do país.

Por outro lado, Paulo Freire (1921-1997) “É, sem dúvida, uma das personalidades de maior relevância no campo da educação brasileira e com forte projeção no exterior” (ADLER, 1998, p.75). Nasceu em uma família pertencente à classe média baixa, conheceu muito cedo o significado da fome e da miséria. Foi alfabetizado pela mãe, que o ensinou a escrever com pequenos galhos de árvore no quintal da casa da família. Na adolescência começou a desenvolver um grande interesse pela língua portuguesa. Com 22 anos de idade, Paulo Freire iniciou os seus estudos universitários, na Faculdade de Direito do Recife. Paulo Freire foi condenado ao exílio (quinze anos) pela Ditadura Militar e com certeza sentiu saudades da sua pátria, com esse exílio imposto pelo autoritarismo político que contagiava toda a América Latina, à época. Embora os exílios desses dois homens ilustres fossem de natureza distinta, Freire, tanto quanto Gonçalves Dias, sentiu o peso da distância e da saudade da terra querida.

Dedicou a sua inteligência, a sua sensibilidade existentes na sua prática-teórica aos excluídos e marginalizados, direcionando o seu trabalho às massas populares e ainda materializando-o como fonte inspiradora de outros movimentos de libertação, para além da América do Sul, a exemplo da África, dos Estados Unidos, Japão, das Filipinas, entre outros.

Gonçalves Dias e Paulo Freire nasceram em séculos distintos, mas apresentam no decurso das suas vidas grande sensibilidade na interpretação da vida social do Brasil e do mundo, o que caracteriza forte traço da abordagem Humanista.

Essa teoria, em linhas gerais, coloca os humanos como elementos principais, numa escala de importância, e enfatiza a dignidade, aspirações e capacidades humanas, particularmente a racionalidade e ainda privilegia as manifestações do afeto e respeito mútuo entre os seres humanos. Ou seja, as ações humanas e valores morais (respeito, justiça, honra, amor, liberdade, solidariedade, etc.) constituem o cerne das interpretações e ações práticas desse enfoque teórico.

Apesar de terem vivido em épocas diferentes, como já foi referido, os seus trabalhos, pressupostos e vida servem de inspiração a grupos e pessoas que lutam em favor da igualdade no coletivo humano, em frentes diversas.

Assim, este estudo ainda inspirou-se em apresentar um local, uma escola, que se considera “ponto de encontro” desses dois intelectuais, o qual materializa a importância da ciência e da arte na construção do conhecimento, até porque só através do conhecimento é possível concretizar os projetos humanos para melhoria do mundo humano. Esse local é a Escola Paroquial Frei Alberto - EPFA, em São Luís-Maranhão.

A EPFA é uma escola comunitária, que atende os filhos da classe trabalhadora e se localiza em bairros periféricos da cidade de São Luís, Maranhão, Brasil. Tais bairros se encontram na área de abrangência da Paróquia Nossa Senhora da Glória e S. Judas Tadeu, no bairro denominado Alemanha.

Intitulam-se estas reflexões de *Encontro marcado de Antônio Gonçalves Dias e Paulo Freire na Escola Paroquial Frei Alberto –EPFA, em São Luís-MA*, porque ambos (Gonçalves Dias e Paulo Freire) são tomados como objetos de estudos e fonte de inspiração para trabalhos diversos desenvolvidos por professores e alunos, sob a orientação e o acompanhamento dos coordenadores e a aquiescência da direção da Escola e dos familiares.

Busca-se, desse modo, ao mesmo tempo reafirmar a importância desses dois grandes nomes nacionais assim como demonstrar na prática vivida os seus aportes teórico-práticos, destacado na máxima: *Fazer poesia, fazer educação como prática da liberdade e crescimento intelectual da pessoa, como indivíduo e como cidadão, ou seja, a arte e a ciência a serviço da humanização de cada um de per si* (grifo da autora).

ANTÔNIO GONÇALVES DIAS

Antônio **Gonçalves Dias** nasceu no sítio Boa Vista, em terras de Jatobá, a 14 léguas da Vila de Caxias, em 10 de agosto de 1823. Em 10 de setembro de 1864 embarcou em Portugal no navio *Ville de Boulogne* com destino ao Maranhão-Brasil. Em três de novembro desse mesmo ano, o navio que trazia o ilustre passageiro naufragou nas costas do Maranhão, nos baixios de Atins, perto da vila de Guimarães, no Maranhão. Salvaram-se todos os passageiros, exceto o poeta que se encontrava já muito enfermo em seu leito. E o oceano o acolheu em seus braços. Assim, **Gonçalves Dias** viveu seus prodígios 41 anos, de 10/08/1823 a 03/11/1864.



[...]

Ville de Boulogne

entrega-o precocemente
ao balanço das ondas do mar pátrio
revolto e acinzentado
que assim talvez o embale com carinho
no sono eterno de poeta apaixonado...

- quem sabe - assim sua acre-doce poesia
se irradie para o cosmo etéreo
em finita e humana eternidade!

VILLE DE BOULOGNE (Dilercy Adler - inédito)

A descendência de pai português e mãe cafuza dotou Gonçalves Dias em sua herança genética a marca das três raças formadoras do povo brasileiro: a branca, a índia e a negra, o que, segundo relatos históricos, era motivo de orgulho para ele, embora fosse

motivo de preconceitos para outras pessoas de suas relações, a exemplo da família de Ana Amélia, a sua grande paixão.

É provável que essa condição genealógica tenha fortalecido a sua postura humanizada em relação à condição humana e deixado nas suas obras literárias fortes traços do nacionalismo, indianismo e romantismo no cenário das artes brasileiras, a exemplo de:

[...]

E pois que és meu filho,

Meus brios reveste;

Tamoio nasceste,

Valente serás.

Sê duro guerreiro,

Robusto, fagueiro,

Brasão dos tamoios

Na guerra e na paz.

Canção do Tamoio (Gonçalves Dias)

ou ainda

O canto do guerreiro (Gonçalves Dias)

I

Aqui na floresta

Dos ventos batida,

Faças de bravos

Não geram escravos,

Que estimem a vida

Sem guerra e lidar.

— Ouvi-me, Guerreiros,

— Ouvi meu cantar.

II

Valente na guerra,

Quem há, como eu sou?

Quem vibra o tacape

Com mais valentia?

Quem golpes daria

Fatais, como eu dou?

— Guerreiros, ouvi-me;

— Quem há, como eu sou?

[...]

O canto do Piaga

I

Ó Guerreiros da Taba sagrada,

Ó Guerreiros da Tribo Tupi,

Falam Deuses nos cantos do Piaga,

Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.

[...]

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade —
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracá.

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!
[...]

A escrava

Oh! doce país de Congo,
Doces terras d'além-mar!
Oh! dias de sol formoso!
Oh! noites d'almo luar!
[...]
Sofreu tormentos, porque tinha um peito,
Qu'inda sentia;
Mísera escrava! no sofrer cruento,
"Congo!" dizia.



É importante ressaltar que Gonçalves Dias via o europeu como símbolo do terror e da exploração do índio e sentia efetiva simpatia pelo tema indianista, talvez, também, por ter sangue indígena correndo em suas veias e ter vivido parte da sua vida em contato com os índios.

Nos seus poemas exaltava a natureza e o sentimento de honra e valentia do índio, a exemplo dos seus poemas I-Juca- Pirama, Os Timbiras, Canção do Tamoio, entre muitos outros (*excertos* citados anteriormente). Em Gonçalves Dias o indígena transformou-se em matéria de poesia, já que em outros trabalhos, como os textos dos viajantes e dos missionários, essa imagem do nativo apresenta-se contraditória quando os realces oscilavam entre a docilidade e a selvageria dos nativos.

Gonçalves Dias esteve na Amazônia, onde estudou etnografia e linguística, chegando a escrever um Dicionário de Língua Tupi (1958).

No prefácio das “Poesias completas de Gonçalves Dias” da Coleção “Poesias dos famosos poetas” (1965), Josué Montello inicia o seu Prefácio se referindo a um embate literário entre os intelectuais, o qual por ele é chamado de *ardoroso combate sem sangue*, cujo cerne de atenção gira em torno de quem deve ser o detentor do título de “Maior poeta do Brasil”, e as polêmicas se centram e dividem entre dois Antônio: Antônio

Gonçalves Dias e Antônio de Castro Alves, ambos nordestinos, do Maranhão e da Bahia, respectivamente.

Nas palavras de MONTELLO (1965, p. 9):

Desde esse tempo, as escaramuças sobre o mesmo tema se mantêm animadas, num ardoroso combate sem sangue. E o campo de Agramante, constituído por tais dissídios, revela menos o propósito de achar o valor e o mérito de que a preocupação de descobrir cochilos literários e máculas literárias.”Castro Alves não metrificava direito”- bradam os defensores de Gonçalves Dias. “Gonçalves Dias escrevia como um português de Trás-os Montes!”- rebatem, enèrgicamente, os amigos de Castro Alves.

É pertinente realçar que Antônio Gonçalves Dias já era reconhecido à epoca, como, senão o maior poeta do Brasil, um, dentre os maiores poetas brasileiros.

Nesse mesmo prefácio, diz Montello (1965, p. 13) :

O culto a um poeta implica numa atitude mais complexa do que um simples ato de fé; exige o nosso exame, o estudo atento da mensagem que nos deixou. E é isto que se pretende seja feito [...] E Machado de Assis, que não era pródigo em louvores, chegou a afirmar, definindo a perpetuidade dos versos do cantor maranhense, que eles serão repetidos enquanto a língua que falamos for a língua de nossos destinos (grifo da autora).



Gonçalves Dias, segundo vários estudos, é considerado como o primeiro poeta autêntico a emergir no Romantismo Brasileiro.

No tocante à sua vida amorosa, Gonçalves Dias viu Ana Amélia Ferreira Vale pela primeira vez em 1846, no Maranhão. Era quase uma menina, mas a sua beleza e graça juvenil deixaram Gonçalves Dias fascinado, resultando desse êxtase, duas de suas poesias: *Seus olhos* e *Leviana*.

Em 1852, Gonçalves Dias voltou a ver Ana Amélia, e o encantamento de quando a viu pela primeira vez transformou-se em grande paixão. Paixão correspondida, levando-o a pedir Ana Amélia em casamento, mas a família dela, em virtude da ascendência mestiça do escritor, refutou veementemente o pedido. Esses preconceitos eram fortemente arraigados à ideologia dominante daquele momento histórico-social.

Gonçalves Dias era amigo da família da amada e assim viu-se diante de duas alternativas: renunciar ao amor da sua musa ou à amizade à sua família. Decidiu-se por sacrificar o amor à mulher amada por questões de honradez e lealdade, marcas precípua de seus atos e de sua vida. Partiu para Portugal. No mesmo ano retornou ao Rio de Janeiro, onde casou-se com Olímpia da Costa.

Mais tarde, após um reencontro com Gonçalves Dias, em Lisboa, Ana Amélia foi musa inspiradora da poesia Ainda uma vez — Adeus!, bem como as poesias Palinódia e Retratação.

José de Alencar chegou a afirmar: *Gonçalves Dias é o poeta nacional por excelência: ninguém lhe disputa na opulência da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos seus costumes selvagens.*

E Machado de Assis, em *Crônicas em Diário do Rio de Janeiro*, de 9 de novembro de 1894, afirma:

A poesia nacional cobre-se, portanto, de luto. Era Gonçalves Dias o seu mais prezado filho, aquele que de mais louçania a cobriu. Morreu no mar-túmulo imenso para talento. Só me resta espaço para aplaudir a ideia que se vai realizar na capital do ilustre poeta. Não é um monumento para Maranhão, é um monumento para o Brasil. A nação inteira deve concorrer para ele.

Ainda com referência às discussões literárias acerca do merecedor do título de maior poeta do Brasil, diz MONTELLO (1965, p. 13):

Estudemos Gonçalves Dias e Castro Alves, com o propósito de descobrir-lhes nos versos o brilho do talento ou a coruscação do gênio. E não com o objetivo de medir-lhes a grandeza [...] Joaquim Nabuco, numa carta a Graça Aranha [...] ‘Devemos tratá-lo com o carinho e a veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira às vezes solitária do oásis’. Essa recomendação pode ser extensiva a um Gonçalves Dias e a um Castro Alves.

Concorda-se com os autores acima acerca da necessidade de estudar os nossos compatriotas que deixaram marcas visíveis e coruscadas na nossa história, assim como a veneração a eles dedicada. Estar-se-á junto com eles também rememorando e fazendo história, reinventando, acrescentando outros vieses e luzes necessárias para sua perpetuação.

Po isso é que se entende a literatura e a poesia como instrumentos de revelação dos sentimentos humanos, dos valores sociais e históricos de uma determinada época da história da humanidade.



PAULO FREIRE

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se... (grifo nosso) Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como ideia animadora toda a amplitude humana da “educação como prática da liberdade”, o que, em regime de dominação, só se pode produzir e desenvolver na dinâmica de uma “pedagogia do oprimido”.

Ernani Maria Fiori

(Prefaciando *Pedagogia do Oprimido* de **Paulo Freire**)

Nesta parte da reflexão, procurar-se-á mostrar os nexos entre a ciência, a filosofia e a arte nos pressupostos freireanos.

Paulo Freire, ao analisar a realidade educacional, identifica e diferencia dois tipos de educação: A Educação Bancária, própria das sociedades onde existem relações de desigualdades e a Educação Libertadora que compreende o homem como ser histórico, que busca a emersão da consciência crítica (em situação de dominação), como instrumento de libertação.

O seu pensamento adota uma visão ampla de educação, entendendo-a como opção política, que no seu caso está comprometida com as camadas populares.

Entre suas argumentações sobre a alfabetização ele afirma que;

Alfabetizar é também aprender a escrever a sua própria vida como autor e testemunha da sua história, ou seja, é biografar-se, existenciar-se[...] Alfabetizar é também ensinar o uso da palavra. É aprender a dizer a sua palavra. E, segundo ele a palavra humana imita a palavra divina: é criadora (Freire apud Adler, 1998, p.76).

Para Freire apud Adler (1998), ainda o diálogo é o encontro dos homens media-
tizados pelo mundo. E o fundamento do diálogo é o amor. E somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor.

Contraditoriamente, o monólogo é isolamento, é fechamento de consciência, uma vez que consciência é abertura.

Freire (1987) diz que a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra.

Ainda afirma que a escola que existe tornou-se um veículo da educação domes-
ticadora (Bancária). Divide, secciona, desintegra tudo o que constitui a integridade, a complexidade do ser humano ou de uma organização social. Dentro de suas premissas denuncia a desigualdade social.

Freire define o homem como sujeito, agente histórico. Transformar a realidade torna-se, assim, tarefa histórica. Ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos e apresenta essa relação de forma poética, a exemplo de:

[...]

*Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros;
não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro.
Inauguram o desamor,
não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam.
Os que inauguram o terror não são os débeis, que a eles são submetidos,
mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os
“demitidos da vida”, os esfarrapados do mundo.
Quem inaugura a tirania não são os tiranizados, mas os tiranos.
Quem inaugura o ódio não são os odiados, mas os que primeiro odiaram.
[...]*

Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada,

mas as que a negaram, negando também a sua.

Quem inaugura a força não são os que se tornaram fracos sob a robustez dos fortes, mas os fortes que os debilitaram.

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua “generosidade”, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas, conforme me situem, interna ou externamente, de “essa gente” ou de “essa massa cega e invejosa”, ou de “selvagens”, ou de “nativos”, ou de “subversivos”, são sempre os oprimidos os que desamam.

São sempre eles os “violentos”, os “bárbaros” os “malvados”, os “ferozes”, quando reagem à, violência dos opressores.

Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor.

Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos,

que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor.

Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser.

Os opressores, violentando e proibindo que os outros sejam, não podem igualmente ser; os oprimidos, lutando por ser, ao retirar-lhes o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão.

Por isto é que, somente os oprimidos, libertando-se,

podem libertar os opressores.

Estes, enquanto classe

que oprime, nem libertam, nem se libertam.

O importante, por isto mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham.

Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se.

Precisamente porque, se sua luta é no sentido de fazer-se Homem, que estavam sendo proibidos de ser,

não o conseguirão se apenas invertem as termos da contradição.

Isto é,

se apenas mudam de lugar, nos pólos da contradição.

Freire (1987) (a estética é da autora).



Enquanto leitora, estudiosa, não se pode deixar de sentir, de ver a poética nos pressupostos filosófico pedagógicos de Paulo Freire.

Finaliza-se, transcrevendo o fecho de uma saudação feita a Paulo Freire, em São Luís/Maranhão, ADLER 1995, dois anos antes do seu falecimento:

Para finalizar repetiremos o que já disseram mil vezes: “Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida, não pensa ideias, pensa a existência.É também educador,

existência seu pensamento numa pedagogia em que o esforço totalizador da práxis humana busca na interioridade desta retotalizar-se como prática da liberdade” E ousa acrescentar: Paulo Freire é também poeta. Ele transforma a opressão e a esperança na poesia maior da liberdade e justiça entre os homens num mundo melhor!

*Não há esperança
na pura espera
nem tampouco se alcança
o que se espera
na espera pura,
que vira assim,
esperança vã!*

(Paulo Freire, 1992) (a estética é da autora).

Assim, Paulo Freire depois da análise da opressão na sociedade capitalista através da sua Pedagogia do oprimido, vê também na contradição dialética a esperança, a possibilidade de superação na sua obra Pedagogia da Esperança.

A ESCOLA PAROQUIAL FREI ALBERTO

A EPFA é uma escola comunitária, de ensino de boa qualidade dedicado às camadas populares. E como esses dois grandes nomes nacionais (Antônio Gonçalves Dias e Paulo Freire) marcam encontro na EPFA?

O primeiro contato da EPFA foi com Paulo Freire através da escolha dos seus pressupostos para subsidiar a metodologia adotada pela escola desde o início dos seus trabalhos, resultante de um processo de discussão que data de 1981. Segundo ADLER (2002), nessa ocasião foram realizados vários seminários objetivando a definição da proposta educativa que mais se adequasse ao propósito de um atendimento de qualidade às crianças da camada popular, ou seja, a base teórica para a sustentação da prática pedagógica a ser aplicada àquelas crianças. Essa deliberação derivou do reconhecimento de que para estas a EPFA deveria utilizar metodologia de ensino adequada à sua realidade sociocultural.

Após vários debates, o grupo de professores fundadores decidiu-se por alguns princípios da teoria de Paulo Freire, que norteariam a orientação educacional da prática pedagógica da escola. Para tanto, respaldaram-se os seus integrantes nos seguintes aspectos da obra desse autor:

- a) Humanização: verifica-se a expropriação da humanidade, em sua viabilidade ontológica e histórica de alguns homens por outros. No entanto, a desumanização é dada tanto em relação àquele que foi expropriado quanto para quem a expropria (embora de formas distintas). Instala-se, no primeiro, um medo à liberdade, e a libertação passa a ser um parto doloroso;
- b) Realidade: a realidade social objetiva posta é a da opressão. Nela, o opressor proíbe o oprimido de assumir a sua condição humana;

- c) Educação: a educação pode se impor na busca da superação da situação opressora, na restauração da intersubjetividade humana, ou partir dos interesses egoístas dos opressores. Egoísmo às vezes camuflado de falsa generosidade, fazendo dos oprimidos objeto do seu “humanitarismo”, mantendo e reproduzindo a própria opressão, sendo, portanto, instrumento de desumanização;
- d) Pedagogia: na pedagogia libertadora/problematizadora, o educador, na sua ação, identifica-se com o educando e busca a humanização de ambos. Sua ação deve estar infundida na crença do poder criador dos homens;
- e) Comunicação: na comunicação humana existem duas formas fundamentais: a vertical/autoritária e a comunicação horizontal/dialógica também chamada libertadora, na qual os pares da relação postam-se no mesmo nível. A educação questionadora remete os seus sujeitos à relação dialógica. Os seres humanos se constroem em diálogo;
- f) Alfabetização: a alfabetização, no seu sentido mais exato, significa aprender a escrever a própria vida como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se (FREIRE, 1987, p.29-51).

Com efeito, esses postulados foram adotados pelos fundadores da EPFA porque, lhes parecia, que as crianças a serem atendidas por suas escolas apresentavam-se na condição de oprimidos na estrutura social inclusiva.

Inspirada nos postulados de Paulo Freire citados e fundamentada nos fatores condicionantes arrolados, a metodologia adotada na proposta educativa da EPFA extrapola o desenvolvimento de uma programação de Educação Básica convencional. Objetiva ela a superação da contradição educador/educando, de forma que ambos, mediatizados pelo objeto de estudo, investiguem o mundo vivido pelos homens, refletindo cada vez mais criticamente, tornando essa reflexão em ação e essa ação em reflexão. Em grande parte essa prática tem sido possível, especialmente porque poucas são as diferenças sociais e econômicas entre professores e educandos da EPFA.

Gonçalves Dias chegou à EPFA com o Projeto “Mil poemas para Gonçalves Dias”. Foi feito o convite para a EPFA e a resposta foi configurada no 3º evento preparatório do Projeto “MIL POEMAS PARA GONÇALVES DIAS” realizado na própria escola, no dia 25 de maio de 2012, ocasião em que ficou evidente o carinho, o engajamento total e irrestrito ao Projeto.

A EPFA abraçou o Projeto desde o primeiro contato estabelecido, que se concretiza através do trabalho que vem sendo desenvolvido, a saber:

- Iniciou o trabalho na sala de aula, envolvendo os professores e os alunos em pesquisas e produções das poesias (como resultado das pesquisas encontraram e divulgaram, a grande surpresa para muitos, de que, em 1958, o samba enredo da Mangueira, foi a “Canção do Exílio de Gonçalves Dias”);
- Promoveu a seguir o 3º evento preparatório do Projeto Gonçalves Dias para a divulgação dos trabalhos desenvolvidos na própria Escola, seguindo a seguinte Programação:

- Declamação dos poemas de autoria dos alunos e professores;
- Mostra dos poemas, em mural, com poesias e desenhos sobre Gonçalves Dias;
- A apresentação da “Canção do Exílio”, ao ritmo de Samba – Samba enredo da Mangueira, em 1958;
- Lanche (uma farta mesa de frutas diversas e sucos) para os presentes.

As poesias foram todas de muito boa qualidade, mas a surpresa maior ficou por conta de uma pesquisa de dois professores que encontraram na internet um samba enredo da Mangueira inspirado na “Canção do exílio” musicada, em ritmo de samba. Eles gravaram o samba e o evento foi encerrado ao som da Canção do Exílio em ritmo de samba. Foi simplesmente emocionante!

Assim, os dois (Gonçalves Dias e Paulo Freire) se encontraram na EPFA e deixaram as marcas das suas presenças que foram absorvidas e reinventadas de forma criativa e responsável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com estas reflexões pretende-se, principalmente, aumentar a rede de conexões entre homens, instituições e o tempo... Tempo real, cronológico, que une ideias, ideais, desejos, utopias.

Além disso, objetiva-se também, demonstrar que as três formas de conhecimento diferenciadas didaticamente se interpenetram e que não existe de fato, hierarquia em suas importâncias. Todas são vitais para a perpetuação da raça humana. Tem sido dito que o conhecimento salva, e, por consequência, a ignorância mata... mata concretamente... mata possibilidades... mata ganhos e até vidas!!!! E esse conhecimento pode vir até o ser humano através da Ciência, da Arte e da Filosofia.

Outro dado importante é que para construir conhecimento não há idade, nem gênero, nem classe social específicos. E não é demais enfatizar o que a comunidade escolar da EPFA (alunos, professores, coordenadores, direção e pais) tem feito com os conhecimentos de Paulo Freire, Gonçalves Dias e outros estudiosos. A princípio poderia se imaginar que uma escola comunitária não poderia viver educação de qualidade, mas esta vive e recria, sim!

Com isso ratifica-se que a educação, apesar de não prescindir de investimentos econômicos, porque ele é necessário sim, acredita-se que mesmo na exclusão/negação desses recursos existem possibilidades alternativas que devem ser buscadas criativamente, com amor e responsabilidade.

Que Paulo Freire, Gonçalves Dias e outros estudiosos continuem marcando encontros e mediando a construção de novos conhecimentos para o engrandecimento da humanidade.

REFERÊNCIAS

ADLER, Dilercy Aragão. **Alfabetização e Pobreza**: a escola comunitária e suas implicações. São Luís-MA: Estação Produções, 2002.

_____. (Org.). Enfoques teóricos em Sociologia da Educação. **Col. Cadernos de Educação**. Vol.1.nº 1 São Luís: Gráfica Belas Artes,1998.

BOSI, Alfredo. **HISTÓRIA CONCISA DA LITERATURA BRASILEIRA**. São Paulo:Cultrix Ltda. 1959.

COLEÇÃO POESIAS COMPLETAS DE GONÇALVES DIAS. **Coleção GRANDES POETAS DO BRASIL**. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1965.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LYRA, Pedro. **Literatura e Ideologia** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.



A Carta de Caminha na Rota dos Cantos de Gonçalves Dias¹

Maria de Jesus Evangelista (UnB)

Se a terra é adorada, a mãe não é
mais digna de adoração?
... e a terra de cima toda chã e muito cheia de arvoredos.
Contudo a terra em si é de muito bons ares e temperados(...)
Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! (**Carta**, 66-67)

RESUMO

Propõe-se repensar a condição da **Carta** como um texto artístico-literário, limitando-se ao tema da terra e do homem ameríndio. Subposto ao texto poético das POESIAS AMERICANAS, dos **Cantos**, (1857) de Gonçalves Dias, pergunta-se de sua influência e em que nível se dá essa possível retomada da temática exótica: terra virgem e homem primitivo.

A **Carta a El-Rei D. Manuel** de Pero Vaz de Caminha tem como data o seguinte fecho: Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, Sexta-feira, primeiro de maio de 1500. Segue-se a assinatura de Pero Vaz de Caminha, cujo autógrafo encontra-se à página 69, da edição de Dominus Editora S.A., São Paulo, 1963. Trata-se de uma edição ilustrada, com boa apresentação didática, com Introdução, organização de texto, glossário, bibliografia e índices de LEONARDO ARROYO, edição que nos parece bem cuidada, além de bonita. O texto de que nos servimos, portanto, é, segundo informações do seu organizador, e dos seus editores, de rigorosa exatidão do original e com consulta às melhores fontes históricas para a feitura do seu aparato crítico, notadamente com relação ao seu conteúdo, que é o que nos interessa, com maior pertinência para comparação com os conteúdos dos poemas indígenas dos **Cantos**, de Gonçalves Dias.

Em sendo um documento de grande importância para a história do Brasil, é também indubitável o valor literário da **Carta** de Pero Vaz de Caminha. Ela é em toda a sua extensão uma narrativa detalhada dos fatos históricos. O que nos interessa, porém,

¹ <http://ler.literaturas.pro.br/index.jsp?conteudo=270>

é sua condição de texto literário de acentuadas qualidades artísticas, com uma visão poética nas muitas descrições da terra virgem e nas observações do homem ameríndio, apreendido, apresentado como se fora personagem de ficção. Sua linguagem, estilo e estruturação se afinam com a prosa artística dominante no século XVI. Isso tem motivado muitos estudos em que se procura definir o lugar da **Carta** de Caminha no **corpus** da literatura brasileira. Seria ela o primeiro texto em língua portuguesa a tomar a terra e o homem brasileiros como tema. Nessa perspectiva, escritores tanto do século XVIII quanto do século XIX, procurando distinguir a identidade nacional, ou melhor, expressar a nossa brasilidade, se apossam dos principais temas da **Carta** de Caminha. Sobre tudo os escritores, e poetas como Gonçalves Dias, motivo constante de nossas pesquisas, retomando essa temática da terra *brasilis* e seus primitivos habitantes proporcionam à Literatura Brasileira uma estética romântica diferente, enriquecedora de todo o Romantismo, que é o Indianismo brasileiro.

Decidido que a **Carta** de Caminha inspirou o romântico poeta Gonçalves Dias, pergunta-se, então, se retomando os seus temas, inclusive religiosos, como a primeira missa, com Frei Henrique, a adoração da Cruz de Cristo, por índios e portugueses, fincados na terra avistada, (quase diríamos vislumbrada, dadas as limitações do campo visual dos descobridores), se o faz como denúncia do genocídio do indígena brasileiro. Ou se essa rica temática é antes um dos pressupostos estéticos do Romantismo, temática que viria preencher a lacuna deixada pela ausência de uma Idade Média entre nós, característica estilística em todo o Romantismo europeu. Volta-se ao indígena e têm-se, “pela redução do índio aos padrões da cavalaria”, os valores de honra, glória e valentia dos grandes cavaleiros medievais europeus. E isso é expresso com grande força poética no canto do Piaga, na canção do guerreiro *tamoio*, bem como na épica narração do velho *Timbira*:

“Era ele, o Tupi; nem fora justo
Que a fama dos Tupis – o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.” (1959:370)

Quem conhece bem a obra poética de Gonçalves Dias sabe que sua teoria de arte e de Poesia, a sua compreensão principalmente da “Poesia grande e santa” se distancia enormemente de engajamentos, ainda mais se envolverem críticas ao povo português, de quem descende. A estes, Gonçalves Dias, nascido em Caxias, no Maranhão de tardia adesão à Independência do Brasil, filho de português e tendo vivido metade de sua existência em Portugal, jamais atacaria claramente em seus **Cantos**.

Mais importante do que esses dados extra-literários é saber que Gonçalves Dias é um grande poeta. É com ele que a nossa literatura do século XIX se irmana às demais literaturas americanas e conseqüentemente ao cânone do Romantismo europeu do mesmo século.

Suas POESIAS AMERICANAS – publicadas na primeira parte dos **Primeiros Cantos** e dos **Últimos Cantos** – e a própria **Carta** de Caminha podem servir a muitas análises e estudos socioculturais. Mas apontar-lhes intenções de denúncia e crítica é outra história. Exigiria do pesquisador um discurso tão cuidadoso e sutil quanto aquele metafórico em que se faria essa possível denúncia. Se esta se faz é como um viés aos pressupostos característicos do Romantismo. Aliás, a história da Literatura brasileira põe várias questões sobre a função da poética indígena gonçalvina em particular e sobre o Indianismo em geral como literatura romântica e nacional, portanto em nível de ideologia, mas também como definição de um estilo artístico tomado com valor.

A **Carta**, escrita em prosa quinhentista, observa o rigor do cânone. No seu “Introito”, com todos os salamaleques do estilo, o missivista dirige-se a um leitor privilegiado –

*“Senhor”, vocativo majestático no caso porque se trata de sua Majestade o Rei, conforme o completo título do texto que é: **Carta a El-Rei D. Manuel**. O escriba se declara modestamente preparado para narrar fatos de tão grande importância: “não deixarei de também dar disso conta a Vossa Alteza...ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!” (1963:27)*

Pero Vaz de Caminha, o escriba partícipe da aventura do Descobrimento, é homem culto. Encontrava-se na esquadra de Cabral com destino a Índia, onde ocuparia um posto de escrivão e aonde veio a falecer. Num misto de relato e diário, Caminha narra minuciosamente os fatos do “achamento da Terra de Vera Cruz”. Trata-se de uma extensa carta na qual se patenteia com pitoresco inexcedível a impressão que no civilizado, saído da Idade Média, infunde o espetáculo genesíaco, e também, especialmente, o atrativo que a mulher indígena exerce na forte compleição do português. (C.E.S. Dic. de Lit.,1969:136):

“Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas”.(...)

E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha!) tão graciosa que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela.” (1963:38 e 40)

Esse pormenor, ao qual Leonardo Arroyo chama de “o encanto das vergonhas” chega-nos através de séculos com acentuada carga poética.

O homem primitivo é tomado isolado ou na comunidade. Quanto aos homens avistados na praia, a sua conformação e inocente nudez igual espanto causam ao escriba de sua Majestade Dom Manuel.

“... acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte. (...) Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas”. (1963:30)

O homem da terra, como bem observou o crítico, impressionou o missivista de maneira insistente como se vê nas repetidas descrições do nosso índio: “A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura nenhuma (...) Os cabelos deles são corredijs”. (1963:32).

Quanto ao texto de Gonçalves Dias, selecionamos os poemas indígenas que compõem as POESIAS AMERICANAS presentes nos três livros dos **Cantos**. São em número de dezesseis composições, às quais podemos acrescentar os quatro “cantos” de **Os Timbiras**, de 1857. Não foram utilizados os quatro cantos de **Os Timbiras**, Poema Americano dedicado a D. Pedro II. Isto exigiria outro tipo de trabalho. Consideramos porém como representativo do tema da valorização da terra e do homem brasileiros apesar de inacabada epopeia. Mesmo sem os rigores do cânone, foi o que de melhor se escreveu na literatura romântica no Brasil do século XIX:

Muitos dos aspectos de estruturação poemática, como personagens, exaltação à terra virgem, guerras e faustos importantes das tribos indígenas; rituais religiosos; danças e ritos de guerra dos valentes guerreiros que tanto impressionaram os navegadores portugueses do 1500 estão recriados no estilo oitocentista de Gonçalves Dias:

*“Os ritos semibárbaros dos Piagas,
Cultores de Tupã, e a terra virgem
Donde como dum trono, enfim se abriram
Da cruz de Cristo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extinto,
Hei de cantar na lira. – Evoco a sombra
Do selvagem guerreiro!...”* (1959:475)



Apesar da importância deste texto épico na elucidação dos propósitos de Gonçalves Dias, consideramos para o presente trabalho somente os dezesseis poemas dos **Cantos**, reunidos desde a edição da Brockhaus, de 1857. No entanto, por se tratar de um texto mais acessível, bastante confiável, com estudos críticos de Antônio Houaiss e Manuel Bandeira, servimo-nos da edição de 1959, de José Aguilar, “volume único”, indicando as citações com o sistema de “data:página”.

Iniciamos citando o poema épico “I-Juca Pirama”. É esta a mais conhecida composição sobre o tema indígena em Gonçalves Dias. Muito já fez com este poema. Balé, teatro e mesmo tentativa de ópera. Há notícia de que os professores da Universidade de Brasília, Antônio Salles e Maestro Cláudio Santoro estariam trabalhando sua adaptação para uma ópera. Foi o próprio Salles quem me disse. E vi muitas vezes os dois trabalhando no Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Era nesse poema que eu pensava quando optei pelo tema desta Comunicação.

Gonçalves Dias recria todos os fenômenos de criação artística para expressar o homem e a terra que tanto motivaram os navegadores nos longínquos idos de abril de 1500. Com essa série de sete composições ele faz a síntese de sua poética indianista.

E o faz à perfeição. O que resulta nas mais belas composições do lirismo indianista no Brasil, agrupadas na seção das “POESIAS AMERICANAS”, dos **Últimos Cantos**. É de longe os seus mais belos poemas, completando assim a saga do povo ameríndio.

Sobre a criação poética de Gonçalves Dias, diz Antonio Candido:

“A força deste aspecto da poesia gonçalvina vem da capacidade de organizar as sugestões do mundo exterior, num sistema poeticamente coerente de representações plásticas e musicais. Mais do que qualquer outro romântico, ele possui os misteriosos discernimento do mundo visível, que leva a imaginação a criar um mundo oculto, inacessível aos sentidos, apenas ao alcance de uma percepção transcendente e inexprimível das cores, sons e perfumes. Esta capacidade de criação poética se manifesta na minoria de sua obra, pois corresponde a um esforço de seleção criadora, a uma felicidade de achados poéticos impossíveis de ocorrer constantemente em tantos versos quando deixou.”

E acrescenta Mestre Antonio Candido:

“Alguns poemas espelham-na com surpreendente densidade – como é o caso do citado “Leito de folhas verdes”, tentativa de adivinhar a psicologia amorosa da mulher indígena pelo truque intelectualmente fácil, mas liricamente belo, de, como vimos, alterar apenas o ambiente e certos detalhes de uma espera sentimental doutro modo indiscernível na tradição lírica”. (1959:90).



Isso seria a expressão do que mais importante existe, no que concerne ao tratamento do tema da mulher na criação poética gonçalvina. No entanto com relação à mulher nesse tipo de poema, parece-me ser mais do que uma “tentativa de adivinhar a psicologia da índia”. Vejo a mulher presente na poesia indianista de Gonçalves Dias, e talvez na totalidade de seus poemas amorosos, um ser complexo, “organizado” e “coerente”, conforme veremos nos cantos.

Os temas da terra e da mulher se entrelaçam nos dezesseis poemas indicados. Na “Canção do Exílio” temos o canto da terra, das palmeiras, aves, flores e amores, numa abrangência do homem e a terra, temas constantes na **Carta** de Caminha. Em “O Canto do Guerreiro”, o valor do guerreiro e senhor da terra “... na floresta / De ventos batida.” Este o primeiro da série de três longos poemas sobre o guerreiro, o piaga e o índio, importante na representação antropológica do homem, habitante primitivo da terra brasílica. Em “O Canto do Piaga”, descreve-se a visão do Pagé da tribo Tupi sobre a chegada das caravelas portuguesas:

*“monstro ... que vem cá buscar?...
Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher! (1959 : 108)*

Parece que esta estrofe, das muitas em que se estrutura o poema, realiza a síntese de uma tomada de consciência do povo indígena. Trata-se de um canto épico, dividido

em três partes e 20 estrofes regulares de quatro versos eneassílabos rimados. Observamos que em alguns poemas como este sobre a visão do pajé da tribo a mulher não tem participação.

Em “O Canto do Índio” pode-se perceber o mesmo fascínio do primitivo pelo europeu, tema que de certa forma se expressa na **Carta** de Caminha, quando da acolhida aos navegantes da esquadra de Cabral. Este, aliás, já se constituía tema na épica árcade de Santa Rita Durão e de Basílio da Gama. E contemporâneo de Gonçalves Dias, vamos encontrá-lo no belo livro de prosa poética que é o metafórico **Iracema**. Nesta canção do índio, a europeia e católica, cuja crença o selvagem pretende adotar fascina-o com seus loiros cabelos e níveo colo, misto de mãe d’água, lara de sua mitologia e Lorelei nórdica:

*“Eu a vi, que se banhava...
Era bela, ó Deuses, bela,
Comoa fontecristalina,
Como luz de meiga estrela.”
Eis que seus loiros cabelos
Pelas águas se espalhavam,
Pelas águas, que de vê-los
Tão loiros se enamoravam.
E ela erguia o colo ebúrneo,
Por que melhor os colhesse;
Níveo colo, quem te visse,
Que de amores não morresse! (1959:109)*



Continuando essa leitura e tomando como exemplos versos sobre o duplo tema do homem e da terra nas POESIAS AMERICANAS, citamos o poema “Caxias”, bela homenagem que Gonçalves Dias faz á sua terra natal. A cidade maranhense surge nos versos gonçalvinos personificando a terra das palmeiras, “de flores perenais”, com a graça e inocência da índia, atributos femininos dados à terra: “Em mole seda as graças não escondes”.

Veja-se também como isso se faz no poema “Deprecação”. O Sujeito épico, o índio ameaçado, ou já vencido, isso é muito importante nos poemas indígenas de Gonçalves Dias, impreca à divindade e ao mesmo tempo suplica: “Tupã, ó Deus grande! Cobriste o teu rosto (...) / Tupã, ó Deus grande! Teu rosto descobre! Este poema se liga pelo tema e a personagem ao poema já citado “O Canto do Piaga”:” O Piaga nos disse que breve seria, / A que nos infliges cruel punição;

“Tabira” é um poema dos **Segundos Cantos**, livro publicado em 1948 em que aparecem a terra e o índio transformado em herói épico:

*É Tabira guerreiro valente,
Cumprê as parte de chefe e soldado;
E caudilho de tribo potente,
Tabajaras- o povo senhor.” (1959 : 239)*

Trata-se de um canto épico, de 25 estrofes de oito versos, exaltando as qualidades de Tabira como chefe dos Tabajaras. Estranhos me parecem os dois atributos soldado e caudilho dados ao chefe indígena. Nesse sentido mereceria estender-se o comentário, cujo sentido encontrar-se-ia na paz que se realiza com os lusos. O mais importante, porém, é saber que os atos heroicos desse tupi são narrados no “conto que os Índios contavam” do lendário Tabira, cuja ação no poema se encerra como verso: - “Basta, vis, por vencer-vos um só!”.

A estrofe XXV iniciada pelo verso “este é o conto que os índios contavam” tem a mesma função do canto X do poema “I-Juca Pirama”:

*“Um velho Timbira , coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E á noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: – Meninos, eu vi!”*

Em “A uma Poetisa”, poema formalizado em diálogo, Gonçalves Dias retoma o tema da terra já tratado na “Canção do Exílio”, com extraordinária beleza poética, aliás, a terra de luz e cores parece ter sido sempre a visão que o poeta guardou do seu país. Citando: “– E admiraste o quê”? –Ah! Onde as flores/ Cada vez a manhã tornam mais linda/Onde gemeu Paraguaçu de amores/E os ecos falam de Moema ainda; (1959:266)

Em “O Gigante de Pedra”, longo poema em cinco partes, com estrofes irregulares e metro distinto, talvez o mais importante da série das grandes composições gonçalvinas sobre o tema, temos os faustos da raça índia consubstanciada na grandiosidade da natureza, em fortes e belos versos:

*“Gigante orgulhoso, de fero semblante,
Num leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios somente poderam fundir.
E o céu, e as estrelas e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudário são névoas algentes,
E o crepe que o cobre, são negros bulções”.*

A esta feérica sequencia de versos sobre luz e brilho, apreensão da épica indígena, expressa ainda o fascínio que o tema da terra e do homem primitivo– guerreiro valente – formaram no imaginário do homem europeu, tão caro aos nossos românticos. É sempre o mesmo tema que fascinou o escriba da Esquadra de Cabral e que inspira Gonçalves Dias na sua “Canção do Exílio”, com a mesma linguagem harmoniosa: o céu, o sol, as estrelas, os perfumes, as flores. Um canto épico em louvor das raças dizimadas em que o nome Brasil aparece, e senão me falha a memória, pela primeira vez nos **Cantos**:

*“Descansa, ó Gigante, que encerras os fados,
Que os términos guardas do vasto Brasil. (1959:357).*

O poema transforma a natureza de importantes acidentes geográficos num gigantesco monumento ao valente guerreiro fundido em granito, ao qual sempre ligo a Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, a indígena Guanabara, e registra, na mesma força poética, a história do homem ameríndio e as inesgotáveis belezas da sua terra brasileira:

*“E o gérmen da discórdia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rústicos
Das tribos sempre amigas,
- Tamoi a raça antiga,
Feroz Tupinambá.*

Esse cantar dos feitos heroicos das tribos que, guerreando entre si, não se apercebem que o real inimigo é outro e deles já se aproxima:

*“Depois em naus flamívonas
Um troço hardido e forte,
Cobrindo os campos úmidos
De fumo, e sangue, e morte
Trás dos reparos horrídeos
D’altíssimos pavês:
E do sangrento pélago
Em míseras ruínas
Surgir galhadas, límpidas
As portuguesas quinas”. (1959:356)*



Espero que esteja claro servir a citação, aliás um tanto longa, para explicitar como Gonçalves Dias retoma o tema da terra e do homem. Ir além disso seria aceitar o desafio de analisar o poema na totalidade de sua composição, matéria para um outro estudo.

Sua estrutura em cinco partes, com estrofes irregulares e sistema métrico privilegiando sobretudo o ritmo, distingue um sujeito narrador distanciado dos fatos no tempo. A quinta parte, com três estrofes regulares de quatro versos e sistemas rítmico erítmico perfeitos propicia a volta à cena do mesmo sujeito lírico, com sua reflexão serena de que tudo passa sobre a face da terra, como o faz José de Alencar no final do seu livro *Iracema*. Permanece Gigante em granito. Permanece o vasto Brasil, identificado no seu próprio símbolo:

*Descansa, ó Gigante, que encerras os fados,
Que os términos guardas do vasto Brasil.
Porém, se algum dia fortuna inconstante*

*Perder-nos a crença e a pátria acabar,
Arroja-te às ondas, ó duro gigante,
Inunda estes montes, desloca este mar! (1959:357)*

Nos **Cantos** de Gonçalves Dias e também na **Carta** de Caminha, a mulher aparece muitas vezes coadjuvante nos rituais guerreiros como se observa no poema “I-Juca Pirama”:

*Em tanto as mulheres com leda trigança,
Afeitas ao rito de bárbara usança,
O índio já querem cativo acabar:
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
Brilhante enduafe no corpo lhe cingem,
Sobreia-lhe a fonte gentil canitar. (1959:359)*

Noutros poemas ela se torna a personagem central, como vemos no poema “Leito de Folhas Verdes”, dos **Últimos Cantos**, de belos versos decassílabos brancos distribuídos em nove estrofes em que se descreve a frustrada espera da amorosa índia:

*Porque tardas, Jatir, que tanto a custo
À voz do meu amor moves teus passos?*



doído, mas suave queixume, valoriza a relação amorosa em metáforas de luz, cor e perfumes – natureza em festa, porque em festa está o coração dos amantes, para o encontro do amor. Como este não se realiza, finaliza-se a composição com uma impreciação da revoltada índia:

*“Não me escutas Jatir! nem tardo acodes
À voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupã! Lá rompe o sol! do leito inútil
A brisa da manhã sacuda as folhas!
(1959:358)*

Na composição lírica “Marabá”, poema da oferta amorosa e do lamento do ser rejeitado, a mulher, estranha figura mestiça, defende o seu direito de amar e ser amada:

*“Eu vivo sozinha; ninguém me procura!
Acaso feitura
Não sou de Tupã!
Se algum dentre os homens de mim não se esconde;
– “Tués, me responde,
Tu és “Marabá”.
E mais belo é o lamento no final da composição:
E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem nas direi?
O ramo d’acácia na frente de um homem
Jamais cingirei:*

*Jamais um guerreiro da minha arasoia
Me desprenderá:
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!
(1959:372)*

Concluindo, podemos dizer que não é somente com o ufanismo de “Minha terra tem mais estrelas, flores e mais e vida” que os românticos substanciam a poesia do século XIX no Brasil. Buscando a difícil originalidade definidora do país recém-independente, os poetas, principalmente Gonçalves Dias (e Alencar nos cantos indígenas, mais do que as narrativas míticas de **Iracema** e **Ubirajara**) retomam o encantamento que a natureza e o homem primitivo provocaram nos primeiros viajantes que aportaram em terras brasileiras, terras do Novo Mundo, como tema de sua criação poética. Conseguiram, desse modo, não somente o elemento distinguidor de uma arte brasileira, mas também a “sugestão” do imaginário do estrangeiro sobre a terra das palmeiras, da pele de “leda trigança” e inocência do povo autoctone.

Resumidamente, podemos observar que dos poemas que compõem as POESIAS AMERICANAS de Gonçalves Dias, consequentemente o seu indianismo, três têm nome de canto: “O canto do guerreiro”, (104) “O canto do Piaga” (106), e “O canto do índio” (108).

Dois outros são chamados de canção: “A canção do exílio” (103) e “Canção do Tamoio” (372). Isso pode explicar duas importantes características da criação poética gonçalvina. A primeira refere-se à própria caracterização da poesia épica modalidade estilística adotada pelo poeta na maior parte desses poemas sobre as raças indígenas brasileiras. A segunda, refere-se às preferências rítmicas de Gonçalves Dias e explica a extraordinária musicalidade de seus versos. Estas mesmas características de música e plasticidade são encontradas nos poemas lírico-amorosos “Leito de folhas verdes” (357) e “Marabá (371), bem como na poesia “A Mangueira” (357) representativo da simbólica vegetal de Gonçalves Dias. Observamos essas mesmas características de ritmo próprio da poesia épica nos poemas “I-Juca Pirama”(358) e “O Gigante de pedra” (353), os dois poemas mais longos dessa série. Não se pode negar esta acentuada tonalidade épica, bem característica do gênero como ele se apresenta, nos quatro cantos de **Os Timbiras**(475).

Também das POESIAS AMERICANAS são os poemas “Caxias” (110), homenagem que o poeta faz à sua terra natal, e “Deprecação” (111) no qual o índio remanescente da dizimada tribo dirige-se à divindade em forte acusação, mas também em súplica. E como a inserir estilisticamente o indianismo gonçalvino no Romantismo, encontra-se nas POESIAS AMERICANAS o tema da *femme fatale*, sedução feminina, expresso na poesia “A Mãe d’Água” (376) numa poetização do mito indígena da Iara, ser misterioso do país de muitas águas descrito pelo escrivo Pero Vaz de Caminha.

A **Carta** de Caminha assim considerada é mais do que um seco relato das terras achadas a despertar a ambição dos descobridores. Ela é também, e nisso reside o maior interesse dos estudiosos na área das Letras, um texto narrativo bem construído, de grande valor histórico e poético, e que certamente continuará a inspirar a arte e a literatura nacionais ainda por muito tempo.



REFERÊNCIAS

- CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El-Rei D. Manuel**. São Paulo, Dominus Editora S.A., 1963.
- GONÇALVES DIAS, Antônio. **Poesia completa** e prosa escolhida. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1959. Volume único.
- Antonio Candido. **Formação da Literatura Brasileira**, 2º v, 4ª ed. São Paulo, Martins, 1971.
- Dicionário de Literatura**, Rio de Janeiro, CBP, 1969.
- Dicionário ilustrado Lello**, III, porto, 1964.
- Gonçalves Dias. Poesias Americanas e Os Timbiras.
1. “Canção do exílio”
 2. “O canto do guerreiro”
 3. “O canto do piaga”
 4. “O canto do índio”
 5. “Caxias”
 6. “Deprecação”
 7. “O soldado espanhol”
 8. “Tabira”/ (Poesia americana)
 9. “A uma poetisa”
 10. “O gigante de pedra”
 11. “Leito de folhas verdes”
 12. “I-Juca Pirama
 13. “ Marabà”
 14. “Canção do tamoio”
 15. “A Mangueira”
 16. “A Mãe d Água”
 17. Os Timbiras com Introdução e quatro cantos.



Gonçalves Dias - o Dramaturgo

Marcos Oliveira

Antonio Gonçalves Dias, nascido no dia 10 de agosto de 1823, nesta cidade, nove dias após sua adesão à independência do Brasil (1º de agosto).

Segundo Alexandre Herculano, era o maior poeta do Brasil e, na opinião de Camilo Castelo Branco era dos que “mais puramente rimaram na língua” e o cognominou de “Imperador da Lira Americana”. Não conseguiu no entanto ver seus sonhos de autor concretizado, no tocante ao teatro, embora o tempo nos tenha demonstrado o seu valor com fortíssima vocação dialógica e trágica, nos conflitos e desabafos, verdadeiras cenas dramáticas de alguns grande momentos de “Y – Juca-Pirama”.

O teatro foi um dos ideais literários de Gonçalves Dias, mas que não chegou a ser atividade dominante do seu espírito, e só começou a emergir do esquecimento par a cena já em 1938, após 76 anos de sua morte, quando o Teatro do Estudante do Brasil, dirigido por Paschoal Carlos Magno, encenou “Leonor de Mendonça”.

Em 1954, em São Paulo, o “Teatro Brasileiro de Comédia”, então a mais importante empresa do gênero no país, apresentou novamente esse drama, sob direção artística do notável diretor de teatro e cineasta internacional Adolfo Celi.

“Legítima obra-prima, ‘Lenor de Mendonça’, tem além do mais, uma grande força, a de ser o trabalho de um poeta de vinte e três anos. Gonçalves Dias, aqui é jovem, visivelmente jovem, impetuosamente jovem. A peça tem o sabor magnífico de coisa escrita de um só fôlego, com aquela continuidade formal que revela a fluidez e a veemência da inspiração”. (Ruggero Jacobbi).

Em 1956, pela TV Record de São Paulo (canal 7) e TV Rio (canal 13) do Rio de Janeiro, houve apresentação de “PATKOUL”, no programa “Teatro Cacilda Becker”, sob direção e adaptação do diretor italiano Ruggero Jacobbi.

Indica ainda que como influência na formação dramática de Gonçalves Dias, é registrada a dramaturgia romântica europeia e a feitura do teatro francês.

Côncio do seu valor e de sua cultura, Gonçalves Dias certamente imaginou compor obra teatral de alto gabarito, mas não teve o estímulo necessário e nem acolhida do “Conservatório Dramático”.



O autor de Leonor de Mendonça, Beatriz de Cenci, Patkoul e Boabdil, teve problemas com os censores de seu tempo, na realização cênica de sua obra dramática.

Esta é a nossa homenagem a este ilustre e mais importante filho desta cidade, aos 179 anos do seu nascimento, e que faleceu aos 41 anos de idade, deixando toda esta bagagem literária, que além de ser o maior de todos na poesia, escreveu em prosa e foi um grande dramaturgo.

12 de agosto de 2002



Fundação da cidade de Gonçalves Dias e suas várias datas

Relve Marcos Morais Sobreiro¹



Sede da prefeitura gonçalvina na década de 1960.

<http://cliogd.net/2013/02/> Posted on 19 de Fevereiro de 2013 by Relve Marcos

A busca por descobertas que estão relacionados a nossas origens, a nossa construção histórica, cultural e evolutiva. Inclusive a busca de nossas origens parece ser intrínseca ao ser humano. Há ainda muito “mistério” sobre nós. A começar sobre nossos sentimentos e identidade seja ela local, regional ou nacional. Essa busca por nossas

¹ Relve Marcos Morais Sobreiro: Possui graduação Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Maranhão (2008). Especialista no Ensino das Ciências Humanas pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (2008). Atualmente é professor concursado de história – Secretaria Estadual de Educação do Maranhão e da Secretaria Municipal de Educação do Município de Gonçalves Dias, Maranhão. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/2055444283025079>

identidades se torna mais premente quando não temos de modo sistematizado muitas respostas aos nossos anseios. Esse questionamento sobre essas possíveis e imagináveis origens do Município de Gonçalves Dias comporta hoje ao menos três datas distintas para sua criação, a saber:

- * **Primeira data** - 31/12/1958. Esta data é comumente associada a lei de criação de número 1.715.
- * **Segunda data** - 19/02/1959. Nesta data o município teria sido instalado solenemente.
- * **Terceira data** – 11 ou 18/06/1959. Nesta data a Lei de Criação do Município teria sido publicada no Diário Oficial do Estado.

Essa lei que criou o município fora apresentada juntamente com muitos outros projetos de lei em fins de 1958, dificilmente os deputados se reuniram no recesso de final de ano para votar leis ou qualquer outro ato. Nos últimos oito anos essa primeira data foi incorporada as festividades locais como sendo a gênese da cidade, sendo que para efeitos legais um projeto de lei não tem validade até sua promulgação. Nas pesquisas que já realizei no Arquivo Público em São Luís, no Diário Oficial do ano de 1958 e início 1959 não encontrei referência nenhuma a lei 1.715, logo não poderia existir a municipalidade pelos parâmetros legais como já aponte.

Entretanto ficou inscrito por alguns poucos moradores que o município foi instalado exatamente há 54 anos, no dia 19 de fevereiro, contudo essa data é raramente lembrada pelos gonçalvinos. Abre-se inclusive um paradoxo, instalar um município que não havia amparo legal é algo meio estranho, mas se observarmos os anseios daqueles moradores dessa região na década de 1950, observa-se que havia uma pressa para criação da municipalidade.

As duas últimas datas parecem mais plausíveis, inclusive com documentação que lhe ampare legalmente. A lei municipal número 430, de 13 de julho de 1959 da cidade de Caxias, aponta outra lei estadual sobre a demarcação das fronteiras do município de número 1.743/1959, do dia 11 de junho de 1959 noutro documento aponta essa última lei como sendo do dia 18 de junho de 1959. Corroborando com a tese sobre a prevalência legal da última data está o fato do interventor, o prefeito interino, Prudêncio Alves Feitosa ter tomado posse apenas em agosto de 1959, sua interventoria se estende até 15 de outubro de 1960.

Essa miríade de datas só torna a construção de uma ‘tradição’ cada vez mais afastada da realidade histórica ou algo que o valha, mas, cabe sempre historiar sobre esse processo não muito fácil pelo qual passou os primeiros moradores na luta pela emancipação política que lhes garantissem serviços básicos.

Sobre o processo de emancipação política

O início do processo de emancipação municipal no Brasil ocorreu por volta da década de 1930. Esse processo se intensificou nas décadas de 1950 e 1960 e foi restringido pelos governos militares entre 1970 e 1980. Após o término do regime militar, as emancipações se intensificaram novamente.

Com a Constituição Federal de 1988, os municípios passaram a ser considerados entes federativos e a desempenhar um papel mais relevante na administração pública brasileira. As comunas passaram a integrar expressamente a Federação, juntamente com os estados e o Distrito Federal. Em decorrência, os municípios receberam extenso e detalhado tratamento constitucional, com competências privativas ou em colaboração com o estado e a União.

Nessa linha de autonomia, a Constituição de 1988 atribuiu aos municípios competências tributárias próprias e participações no produto da arrecadação de impostos da União e dos estados. Em contrapartida, foi ampliada a esfera de obrigações dos municípios na prestação de serviços públicos essenciais.

Desde 1985, a intensa criação e instalação de municípios no Brasil têm sido parte de um processo mais geral de descentralização. De 1984 a 2000 foram instalados (a instalação corresponde ao início de funcionamento efetivo do município, o que se dá com a eleição do primeiro prefeito) 1.405 municípios no país, sendo as regiões Sul e Nordeste as que mais contribuíram em termos absolutos para esse crescimento. Como, em 1984, existiam 4.102 municípios no Brasil, os novos municípios correspondem a um aumento de 34,3%.

O povoamento do Centro dos Pedrosas cresceu de modo significativo cresceu de modo significativo, principalmente devido as sucessivas ondas migratórias de pessoas muitas vezes anônimas, mas que deram essencial contribuição ao adensamento populacional do que viria a se constituir a cidade de Gonçalves Dias. Um bom exemplo desse processo será as levas de migrantes que virão do Estado do Piauí e Ceará fugindo de severas secas. Depois dos migrantes de outros Estados, vieram vários comerciantes para região, para produzir o máximo possível neste solo.

Desses migrantes salienta-se a presença significativa de estrangeiros, especialmente de origem árabe, como por exemplo Abdom Braid (Pai do então futuro Prefeito Nonato Braid) e Habib Assis. Esses comerciantes que se instalaram nas décadas de 1930 e 1940, darão impulso não só as vendas, mas também a produção de algodão, cachaça, rapaduras, arroz e muitos outros produtos agrícolas. Ainda na década de 1930 irá migrar para Pedrosas muitos outros comerciantes que serão influentes nas questões políticas locais, a posteriori.



430
LEI Nº 435 de 13 de JULHO de 1.959.-

Autoriza demarcação de limites
Municipais.-

A CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS, ESTADO DO PARANÁ, DECRETA e EU
CANCIANO A SEGUINTE LEI:

LEI Nº 435 de 13 de JULHO de 1.959.-

Artigo 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a mandar proceder
a demarcação Oficial dos Limites de Caxias para o -
novo Município de Gonçalves Dias, de acordo com a -
Lei Estadual nº 1.745 de 11 de Junho de 1.959.

Artigo 2º - Fica limitada em CR\$. 30.000,00 (TRINTA MIL OCEI-
TOS) a parte do verba a ser despendida com os refe-
ridos serviços por conta do Município de Caxias.

Artigo 3º - As despesas com a execução da presente Lei corre-
rão por conta da verba Encargos Diversos Eventuais,
a ser suplementada oportunamente.

Artigo 4º - Revogam-se as disposições em contrário, entrando es-
ta lei em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de Caxias, em 13 de Julho de 1.959.-


JOÃO ELZIMAR DA COSTA MACHADO
Prefeito Municipal

A lei municipal número 430, de 13 de julho de 1959 da cidade de Caxias – Lei de demarcação

Por que os comerciantes terão um papel preponderante no adensamento popula-
cional da região do Povoado Pedrosas? Porque antes de sua chegada existia uma carên-
cia na oferta de todos os gêneros de primeira necessidade. E este comércio fará com que
as pessoas das mais diversas regiões venham fazer um comércio quase que de escambo,
haja vista que o dinheiro era escasso mais ainda onde se pudesse gastá-lo, ou seja o

agricultor vendia seus fardos de algodão, em troca recebia os gêneros de consumo para casa, desde o sal até o querosene para iluminar as noites escuras.

Portanto sem os comerciantes com um forte intercambio com a Cidade de Caxias, não haveria o movimento populacional de vendas e trocas; Consequentemente não haveria os interesses políticos que movimentaram o desejo por emancipação do então cada vez mais crescente Povoado Pedrosas.

As famílias influente do povoado sempre buscaram contato com os políticos de Caxias, no intuito de conseguir benefícios ao povoado, como destaca Milton Alves Feitosa:

[...] Bem aí no Instituto Histórico tinha o Mundico Leite que eu não sei se ainda está vivo, era filho dele... Aí Joaquim Leite pegou ele e levou em Caxias e apresentou pra Eugênio Barros e Oscar Soares. Seu Oscar tinha um comércio muito grande, vendia por esses interiores todos, lá na Fazendinha. Tinha a Trizidela em Caxias e lá tinha um bairro chamado Fazendinha. Lá onde morava o Oscar, tinha um comércio que abastecia toda a zona rural de Caxias: o Terceiro Distrito chamado e Eugênio Barros era o dono da fabrica, era comerciante que comprava algodão e babaçu, tecidos da fabrica Sanharol.

Nos tempos anteriores a emancipação política do povoado, amizades com políticos e comerciantes influentes ao então município sede era essencial, não só por criar laços de amizade, como também ajudava nos futuros pleitos, cobranças de favores mútuos.



O desejo de se emancipar

Segundo Milton Feitosa, os planos em que os pedrosinos buscavam a emancipação era acalentado e buscado a partir dos contatos políticos, como salienta:

Nessa época (1957) eu fui crismado, o padre tinha autorização pra crismar, que o bispo deu. Aí o deputado Paulo Matos tava lá aí eu escolhi para ser meu padrinho de crisma e ele aceitou. Nessa época os vereadores de Caxias tavam lá, Luís Gonzaga era meu sobrinho, aí fizemos amizade. Aí cheguei lá em Caxias e falei com o Abreu: Abreu por que nós não vamos criar o município de Gonçalves Dias, no centro dos Pedrosas, – nesse tempo não se falava em Gonçalves Dias ainda. Vamos ver, o Paulo Matos já é teu padrinho vamos lá conversar com ele. (sic)

O ardente desejo de se tornar independente da Cidade de Caxias vai se manifestar não só por meio dos poucos e influentes comerciantes locais, mas será acalentado pelos moradores do povoado que serão carentes de todos os serviços mais básicos, como a carência de um serviço básico de saúde, escolas, energia, água potável, transporte, dentre outras. Tudo era muito precário, a necessidade de mudar essa realidade, mesmo que timidamente vai ser recorrente entre os moradores. O Povoado Pedrosas, que pertencia a então cidade de Caxias, contudo não obtinha nenhuma benesse dos poderes

locais e regionais, essencialmente devido as distâncias e pelos escassos recursos distribuídos pelos poderes estadual e federal.

A maioria dos povoados das redondezas foram conseguindo paulatinamente sua ‘independência’, como por exemplo o Curador (Presidente Dutra) ainda na década de 1943 e Mata do Nascimento (Dom Pedro) no início da década de 1950. Esses acontecimentos irão causar uma certa euforia nos moradores de Pedrosas, que juntamente com as famílias mais influentes irão se aliar aos proeminentes políticos da cidade de Caxias, como o deputado federal Paulo Matos, que trará ao povoado pequenas obras, como a construção do pequeno açude no início da década de 1950 e posteriormente a construção de uma escola, chamada a época de Nossa Senhora de Lourdes, no lugar que posteriormente veio ser construído a atual escola Presidente Castelo Branco.

Apesar de já representar um grande avanço nos desejos e anseios daquela população, ainda era insuficiente essas obras que ‘paleavam’ apenas as graves deficiências da infraestrutura do povoado Pedrosas.

Neste período há cerca de sessenta anos atrás, o povoado Centro dos Pedrosas se resumia a existência da Rua dos Lucenas, Rua Almir Assis, Rua do Açude, Travessa da Igrejinha de Santana (Newton Bello), Rua Nova, Rua São José e Rua Grande (Rua Rui Barbosa).

A aglomeração urbana ainda era bem diversificada, com casas construídas distantes uma da outra, com raras construídas de tijolos e cobertas de telha, havia a predominância de casas de taipa cobertas com palha de palmeiras, material abundantemente usado em sua maioria pelos migrantes recém-chegados e sua numerosas famílias.



Emancipação de fato

Sobre a emancipação de fato do Povoado Centro dos Pedrosas, temos o testemunho do ex-prefeito de Caxias, João Elzimar da Costa Machado, que fale de seu empenho para que o povoado alcançasse emancipação política-administrativa:

[...] Como candidato que fui a prefeito de Caxias no ano de 1955, ocasião em que acompanhado do ex-deputado Paulo Matos e outros políticos de Caxias, passamos aí em Centro dos Pedrosas, naquela época aproximadamente uns 15 dias em campanha política, e uma das metas principais a que me debati foi em prometer ao povo daquele grande povoado, hoje município, pela sua emancipação de Caxias, eleito portanto, e assumindo a prefeitura aqui hoje (Caxias) em janeiro de 1956, um dos meus primeiros atos foi reunir a câmara municipal e tratar sobre a emancipação do Centro dos Pedrosas, encaminhando para o legislativo um projeto, nesse sentido devidamente aprovado por unanimidade aproximadamente no ano 1956 e encaminhado a Assembleia Legislativa através do nosso eminente amigo deputado Paulo Rocha Matos, o que foi com satisfação aprovado o desmembramento e instalado em outubro daquele mesmo ano com a minha presença e do governador Matos Carvalho e o Juiz de Direito de Caxias, Luís Belo e tantos outros líderes. [...] Que seja feito justiça e inserido o meu nome como o prefeito de Caxias que

efetivamente trabalhou pela fundação e instalou o município no ano já acima citado, fazendo deste modo justiça a um político que muito trabalhou por esta terra, inclusive também emancipando e instalando o Município de Governador Eugênio Barros, antigo Creoli do Macralio, logo no meu primeiro mandato de deputado estadual. (João Elzimar da Costa Machado, ex-prefeito de Caxias em 11 de junho de 2011).

Os testemunhos de personagens históricos deixam lacunas que as vezes a mente nos trai, mas fica o registro e o depoimento para que seja o quanto antes sistematizado essa história diversificada sobre os caminhos que levaram a emancipação política da cidade gonçalvina. Com esforços tento dá essa pequena contribuição a atualidade.



Brasão da cidade de Gonçalves Dias

Letra e a Música do hino do município, criado no ano de 1973 pela professora *Maria da Conceição de Araújo*:

Gonçalves Dias cresce
Desenvolvendo o seu povo
Apesar do ocultismo
Que já desaparece
Possui muitas riquezas
Seu nome é amor
De um poeta maranhense
Que traduz vida e louvor
Comércio avançado
Com tendencia melhorar
Gonçalves Dias tem
Muitas coisas a doar
Prospera a educação
Cultura a religião
Nos momentos de festa ou dor

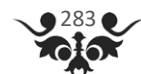
Nossos povos unidos estão
Já tem varias escolas
Munidas com poder
E glória que estamos
Começando a receber
Alguns programas a distância
Comandam a nação
Para aqueles que valorizam
O poder da educação
A juventude espera
No seu peito juvenil
Com amor a alegria
Dando vida ao Brasil.



"Canção do Exílio", um Monumento de São Luís do Maranhão

Antonio Maria Santiago Cabral¹

São Luís, a Atenas Brasileira, Cidade dos Azulejos, Ilha do Amor, Ilha Rebelde, Patrimônio Cultural da Humanidade. Todos esses títulos dão apenas uma ideia do significado da capital maranhense que completou 400 anos no dia 08 de setembro de 2012. A cidade respira poesia pelas ruas do Centro Histórico e constantemente é a musa inspiradora de artistas que não se cansam de louvá-la. Às vezes, é paixão declarada dos versos do poeta, outras vezes, é inspiração apaixonada e apaixonante. Enquanto que, para muitos, São Luís é uma cidade histórica, uma imperdível atração turística, para os olhares dos artistas é uma musa eternamente pronta para se vestir de prosa e verso, e para se transformar numa obra de arte criada e recriada pela ternura dos seus filhos, aqueles que por aqui vivem, respirando a sua poesia, os seus encantos e os seus mistérios.



Gonçalves Dias, justamente considerado um dos mais inspirados poetas românticos da Literatura Brasileira, escreveu, em 1843, "Canção do Exílio", que é um dos mais conhecidos poemas da língua portuguesa no Brasil, com frequente aparição nas antologias escolares e inúmeras citações na obra dos mais diversos autores brasileiros, sendo amplamente recriada e parodiada pelos poetas modernistas; dois de seus versos estão citados no Hino Nacional Brasileiro ("Nossos bosques têm mais vida/Nossa vida, mais amores." Estruturado a partir do contraste entre a paisagem europeia e a terra natal, com um cuidado métrico que o tornou perfeito como texto declamatório, o poema jamais revela por qual nação, estado ou cidade os seus versos se derramam de amor e de saudade, mas isso é completamente irrelevante, de vez que, como brasileiro, é óbvio que o poema se refere ao Brasil e, mais especificamente, a São Luís do Maranhão, também conhecida como Terra das Palmeiras ("Minha terra tem palmeiras,/Onde canta o Sabiá"), e de onde o poeta saiu em 1838 para estudar em Coimbra.

¹ Antonio Maria Santiago Cabral. Professor e bancário (aposentado), escritor, produtor e revisor de textos. na empresa Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Produção de Textos.
<http://www.facebook.com/antoniomaria.cabral>

Gonçalves Dias viveu algum tempo no Rio de Janeiro, onde se tornou célebre e admirado pela excelência da sua obra poética, mas jamais esqueceu as suas raízes ludovicenses, voltando para São Luís repetidas vezes, inclusive vivendo aqui o seu famoso caso de amor com Ana Amélia. Por fim, vale acrescentar que Gonçalves Dias morreu no naufrágio do navio Ville de Boulogne, próximo à região do baixo de Atins, na baía de Cumã, município de Guimarães, na costa maranhense, ficando evidente, portanto, que, gravemente enfermo, retornava a São Luís do Maranhão, ensejando satisfazer o seu maior anseio d'alma, expresso nesta súplica: “Não permita Deus que eu morra,/ Sem que eu volte para lá;/Sem que desfrute os primores/Que não encontro por cá;/Sem qu'inda aviste as palmeiras,/Onde canta o Sabiá.”

Por tudo isso, nós, os ludovicenses, podemos sempre estufar o nosso peito de orgulho, sob a égide da certeza gloriosamente lisonjeira de que “Canção do Exílio” é um comovente e apaixonante cântico de amor e saudade por São Luís do Maranhão e que, sendo um dos grandes monumentos poéticos do Brasil, este pertence à Ilha do Amor.



Compreendendo o Poema Canção do Exílio

Celso Ricardo de Almeida¹

O poema “Canção do Exílio” é um dos trabalhos de maior sucesso do poeta e teatrólogo maranhense Gonçalves Dias, que é lembrado como um dos melhores poetas líricos da literatura brasileira e deu romantismo ao tema índio e uma feição nacional à sua literatura.

De acordo com Cyntrão (1988), é de Gonçalves Dias o mérito de ser o primeiro dos autores brasileiros que conseguiu criar uma obra esteticamente válida, fundamentada na nacionalidade. Esta primazia foi reconhecida por José de Alencar (apud Cyntrão, 1988, p. 22): “em suas cartas contra o poema épico a Confederação dos Tamoios, de Gonçalves de Magalhães. Na quarta missiva afirmava sua admiração pelo autor de “Canção do Exílio”, lembrando que este... está criando os elementos de uma nova Escola de poesia nacional, de que ele se tornará o fundador.”

Acrescentam-se também outros grandes nomes da literatura brasileira que já lhe renderam homenagens, sendo que, José de Alencar em trechos de seu livro *Iracema*, afirmou que: “[...] Gonçalves Dias é o poeta nacional por excelência: ninguém lhe dis-



1 CELSO RICARDO DE ALMEIDA. Liberdade, mas radicado em Fervedouro-MG desde 1999. Filho de José Raimundo de Almeida (in memoriam) e Sueli Amaral de Almeida. Casado com Elizabeth Aparecida Chicareli Almeida, união da qual nasceu Olavo José Chicareli Almeida. Formando em Administração de Empresas com Pós-Graduação em Gestão Ambiental. É funcionário público, pesquisador, escritor e poeta. Pertence ao quadro de diversas entidades literárias como: Clube dos Escritores de Piracicaba, Academia de Ciência Letras e Artes de Minas Gerais, Senador Acadêmico por Minas Gerais da Federação Brasileira dos Acadêmicos de Ciências, Letras e Artes e Vice Presidente da Academia Maçônica de Ciências e Filosofia. Maçom do grau de 18, Cavaleiro Rosa-Cruz. Sendo Past-Venerável Mestre da Loja Maçônica Casa do Caminho de Fervedouro, ocupando atualmente o cargo de orador. Também é membro da Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira, Ordem Cavalleiresca que tem como objetivo o estudo e exaltação dos efeitos dos Inconfidentes, em especial o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Embaixador da Paz pelo Cercle Universel des Ambassadeurs de La Paix – Suisse/France. E Cavaleiro Comendador da Nobre Ordem da Rosa Vermelha. É autor dos seguintes livros: *Notícias Históricas de Fervedouro – As notícias de um povo que fez história*. *Fervedouro em Destaque – As notícias de Fervedouro que foram destaque na internet*. *Poemas Engavetados*. *Fervedouro em Destaque – As notícias de Fervedouro que foram destaque na internet - Volume II*. *O Nascimento de uma Criança – Olavo José*. *Textos e Afins*. *E Perguntas e Respostas para Melhor Compreender a Maçonaria*. Foi condecorado com as seguintes medalhas: Medalha da Ordem do Mérito Histórico Tiradentes. Distinção como Membro Honorário da Família Italiana Taranto. Medalha do Mérito Cívico e Humanitário e Colar Marechal Deodoro da Fonseca.

puta na opulência da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos seus costumes selvagens”.

Gonçalves Dias nasceu em 10 de agosto de 1823, no sítio Boa Vista, em terras de Jatobá, a 14 léguas de Caxias, estado do Maranhão, e morreu em 3 de novembro de 1864 aos 41 anos, em um naufrágio do navio francês Ville de Boulogne, próximo à região do baixo de Atins, na baía de Cumã, município de Guimarães, também no estado do Maranhão.

Advogado de formação, teve também atuação importante como jornalista, mas é mais conhecido como poeta e etnógrafo, sendo relevante também para o teatro brasileiro, tendo escrito quatro peças.

Era filho de uma união não oficializada entre um comerciante português, João Manuel Gonçalves Dias, com a mestiça, Vicência Ferreira, fato este que contribuiu para uma missigenação de sua raça, deixando-o orgulhoso de ser descendente de brancos, índios e negros.

Por influencia de sua madrastra foi estudar na Europa, em Portugal, onde em 1838 terminou os estudos secundários e ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (1840), ainda em Portugal, participou dos grupos medievistas da “Gazeta Literária” e de “O Trovador”, compartilhando das ideias românticas de Almeida Garrett, Alexandre Herculano e António Feliciano de Castilho.

Em 1845, após bacharela-se retorna ao Brasil, porem, antes de retornar, ainda em Coimbra, por se achar tanto tempo fora de sua pátria, inspira-se para escrever o poema “Canção do exílio”, grande sucesso de sua vida e que até hoje é mencionada, recita e parodiada.

CANÇÃO DO EXÍLIO

Gonçalves Dias

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen,
Kennst du es wohl?

Dahin, Dahin!

Möcht ich... ziehn!
Goethe

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

“Canção do exílio” abre o livro contos literários e marca a obra de Gonçalves Dias como um dos autores mais conhecidos da língua portuguesa no Brasil.

Foi escrita em julho de 1843, cinco anos depois de sua partida para Portugal, onde fora cursar Direito na Universidade de Coimbra, lá sentindo-se exilado de sua pátria, o Brasil, decide escreve-la, cuja a inspiração teria sido a obra “Canção de Mignon”, pertencente ao livro “Os anos de aprendizado” de Wilhelm Meister de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), que na época estava no auge de sua fama internacional, da qual Gonçalves Dias usa alguns versos como epígrafe.



Acredita-se que Gonçalves Dias tenha conhecido a obra “Canção de Mignon”, durante sua permanência no meio acadêmico de Coimbra.

Nota-se que Gonçalves Dias não fez uma citação integral e continuada do texto de Goeth, mas sim uma citação acomodada, sendo que o autor maranhense retirou, da primeira estrofe de “Canção de Mignon”, a parte que melhor traduzia sua nostalgia da pátria.

O poema foi produzido no primeiro momento do Romantismo brasileiro, época também chamada de indianista e nacionalista, porque se vivia uma forte onda de nacionalismo, que se devia ao recente rompimento do Brasil colônia com Portugal. Nessa fase, busca-se a criação da consciência nacional, pela exaltação de nossa fauna e flora, onde são abordados temas como o índio, a saudade da pátria, a exaltação da natureza, a impossibilidade amorosa, entre outros.

Decerto “Canção do exílio”, trata da aversão aos valores portugueses e ressalta os valores naturais do Brasil, exalta a natureza brasileira com muita emoção e com a saudade de alguém que está fora de seu país e só pensa na volta para a terra amada.

Apesar de ser um texto de profunda exaltação à pátria, o poema possui total ausência de adjetivos qualificativos. São os advérbios “lá, cá, aqui” que nos localizam ge-

ograficamente no poema. Formalmente, o poema apresenta redondilhas maiores (sete sílabas em cada verso) e rimas oxítonas (lá, cá sabiá), menos na segunda estrofe.

Por conta de sua contenção e de sua alusão à pátria distante, tema próximo do ideário do Romantismo, tornou-se célebre e emblemático na cultura brasileira, tendo dois de seus versos citados no Hino Nacional brasileiro.

No poema *Canção do Exílio*:

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

No Hino Nacional Brasileiro, letra de Joaquim Osório Duque Estrada:

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores:
“Nossos bosques têm mais vida”
“Nossa vida”, no teu seio, “mais amores.”

Observe que no Hino nacional, os versos remetem, de modo flagrante, ao poema de Gonçalves Dias. Nos versos (Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores) pertencem à “Canção do exílio” e os encontramos, entre aspas, no Hino Nacional. O primeiro verso aparece na íntegra no hino e o segundo, com adaptação: “nossa vida” no teu seio “mais amores”.

A inclusão do poema “Canção do exílio” no nosso hino vem comprovar o quanto foi receptiva e popular a obra do poeta Gonçalves Dias.

Entretanto vale lembrar que a letra do Hino Nacional (1909) foi escrita muito depois que Gonçalves Dias criou seu poema (1843).

Deste modo podemos afirmar que por razão de sua popularidade, “Canção do exílio”, motivou vários outros autores a adaptar a releitura ao seu contexto, dando ênfase a um aspecto novo e até assumindo uma postura crítica ao texto original, apresentando seu propósito e deixando a na sua releitura as marcas de seu contexto social, político, cultural e filosófico.

Escritores como Casimiro de Abreu, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Chico Buarque, Tom Jobim, José Paulo Paes, **Afonso Romano de Sant’Anna**, **Jô Soares**, **Ferreira Gullar** entre tantos, produziram, desde imitações a reorganizações temáticas profundas desse poema.

Abaixo transcrevemos algumas destas recriações:

(01) Oswald de Andrade - 1925

O poema “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade, é uma produção realizada no início da década de 20, época que se caracterizava pelo nacionalismo crí-

tico e por uma revisão tanto da história do Brasil como da produção literária anterior que, segundo o pensamento da época, havia uma apropriação inadequada das produções e ideais estrangeiros. Oswald critica a forma ufanista de Gonçalves Dias ao valorizar os elementos nacionais.

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo



(02) Murilo Mendes - 1930

Em “Canção do exílio”, Murilo Mendes utiliza o mesmo humor e sátira de Oswald de Andrade, mas foi mais ousado ao apresentar uma nova perspectiva em sua releitura ao denuncia a invasão cultural estrangeira no Brasil. O nacionalismo em seu poema se fundamenta numa crítica à realidade sociocultural brasileira. Ele não se conforma em aceitar tudo o que vêm de fora como as frutas, os pássaros, os artistas, as ideologias. Ele tem consciência de que também temos coisas boas e que temos de valorizá-las. Essa desigualdade sócio cultural faz o poeta sentir-se um exilado em sua própria terra.

Canção do exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.

A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

(03) Carlos Drummond de Andrade - 1945

Carlos Drummond de Andrade, poeta da geração de 30, utiliza em “Nova Canção do Exílio” a imagem do sabiá e da palmeira para idealizar um lugar indeterminado. Sugere um espaço, “onde tudo é belo e fantástico”, o longe, lugar de onde veio. Esse afastamento constitui o seu exílio.

Nova Canção do Exílio

Um sabiá na
palmeira, longe.
Estas aves cantam
um outro canto.
O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata,
e o maior amor.
Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.
Onde tudo é belo
e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)
Ainda um grito de vida e
voltar
para onde tudo é belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.



(04) Mario Quintana - 1962

Em “Uma canção”, o poeta modernista, Mário Quintana, não apresenta um exílio geográfico, mas de uma inadaptação da realidade que o envolve. É através desse questionamento da existência que o poeta nega dois valores fundamentais do texto mãe: “as palmeiras e o sabiá”, quando afirma que “As aves invisíveis cantam em palmeiras que não há”.

Uma canção

Minha terra não tem palmeiras...
E em vez de um mero sabiá,
Cantam aves invisíveis
Nas palmeiras que não há.
Minha terra tem relógios,
Cada qual com sua hora
Nos mais diversos instantes...
Mas onde o instante de agora?
Mas onde a palavra “onde”?
Terra ingrata, ingrato filho,
Sob os céus da minha terra
Eu canto a Canção do Exílio!



(05) Jose Paulo Paes - 1973

Podemos afirmar que “Canção do exílio facilitada”, obra de José Paulo Paes, foi a que mais chamou a atenção dos estudantes.

Canção do Exílio Facilitada

lá?
ah!
sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...
cá?
bah!

(06) Eduardo Alves da Costa

Em “Outra canção do exílio”, de Eduardo Alves da Costa, percebemos o mesmo sentimento de Mário Quintana, o poeta sente-se exilado em sua terra. O poema

transpassa uma onda de amargura, já que o poeta faz profunda crítica à situação social brasileira partindo de situações do cotidiano, como o futebol.

Outra canção do exílio

Minha terra tem Palmeiras,
Corinthians e outros times
de copas exuberantes
que ocultam muitos crimes.
As aves que aqui revoam
são corvos do nunca mais,
a povoar nossa noite
com duros olhos de açoite
que os anos esquecem jamais.

Em cismar sozinho, ao relento,
sob um céu poluído, sem estrelas,
nenhum prazer tenho eu cá;
porque me lembro do tempo
em que livre na campina
pulsava meu coração, voava,
como livre sabiá; ciscando
nas capoeiras, cantando
nos matagais, onde hoje a morte
tem mais flores, nossa vida
mais terrores, noturnos,
de mil suores fatais.

Minha terra tem primores,
requintes de boçalidade,
que fazem da mocidade
um delírio amordaçado:
acrobacia impossível
de saltimbanco esquizóide,
equilibrado no risível sonho
de grandeza que se esgarça e rompe,
roído pelo matreiro cupim da safadeza.

Minha terra tem encantos
de recantos naturais,
praias de areias monazíticas,
subsolos minerais
que se vão e não voltam mais.

A mais contemporânea releitura da Canção do Exílio, foi feita por Jô Soares, a “Canção do exílio às avessas”. Este poema trata da situação política do Brasil de 90/92, ano do impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo. Através da paródia, recheada de sátira e humor, o poeta fala das belezas, modernidade, conforto e mordomia que é o palácio da Alvorada e, o mais interessante, é o horror que o eu-lírico (Collor) tem de voltar à sua terra, Alagoas. Ele faz referência à sua “amizade” com PC Farias, caixa dois de sua campanha para presidente e cúmplice de suas falcatuas. O seu lema era acabar com os Marajás e até com isso o poeta brincou, ao mencionar a Ilha de Marajó.

Canção do exílio às avessas

Minha **Dinda** tem cascatas
Onde canta o curió
Não permita Deus que eu tenha
De voltar pra Maceió.

Minha **Dinda** tem coqueiros
Da ilha de Marajó
As aves, aqui, gorjeiam não fazem cocoricó.

O meu céu tem mais estrelas
Minha várzea tem mais cores.
Este bosque reduzido
Deve ter custado horrores.

E depois de tanta planta,
Orquídea, fruta e cipó
Não permita Deus que eu tenha
De voltar pra Maceió.

Minha **Dinda** tem piscina,
Heliporto e tem jardim
Feito pelas Brasil's Garden
Não foram pagos por mim.

Em cismar sozinho à noite
Sem gravata e paletó
Olho aquelas cachoeiras
Onde canta o curió.

No meio daquelas plantas
Eu jamais me sinto só.
Não permita Deus que eu tenha de voltar pra Maceió.



Pois no meu jardim tem lago
Onde canta o curió
E as aves que lá gorjeiam
São tão pobres que dão dó.

Minha **Dinda** tem primores de floresta tropical
Tudo ali foi transplantado
Nem parece natural.

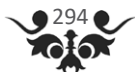
Olho a jabuticabeira
Dos tempos da minha avó.
Não permita Deus que eu tenha de voltar pra Maceió.

Até os lagos das carpas
São de água mineral.
Da janela do meu quarto
Redescubro o Pantanal

Também adoro as palmeiras
Onde canta o curió
Não permita Deus que eu tenha
De voltar pra Maceió.

Finalmente, aqui na **Dinda**,
Sou tratado a pão-de-ló
Só faltava envolver tudo
Numa nuvem de ouro em pó.

E depois de ser cuidado
Pelo PC com xodó,
não permita Deus que eu tenha
de acabar no xilindró.



Diante do exposto, podemos concluir que o poema “Canção do exílio” tornou-se um dos grandes ícones da literatura romântica brasileira, pelo nacionalismo característico do período romântico no Brasil, além disso, como já vimos, o amor expresso pelo país foi usado por vários outros autores posteriores, idolatrando terras ou mulheres amadas.

Tudo isso porque o poema de Gonçalves Dias expressa com extrema eficiência o que ao passar dos anos foi transportado por pontos de vista completamente diferentes, dando vozes inimagináveis a criação de 1843, tornando-o e reafirmando como um poema épico.

REFERENCIAS

Canção do exílio Gonçalves Dias. Disponível em: <http://www.giovanipasini.com/2012/03/cancao-do-exilio-goncalves-dias-1.html>. Data do acesso: 01 de janeiro de 2013.

Series Canções do exílio Jose Paulo Paes. Disponível em: <http://www.moinhoamarelo.com/2011/07/serie-cancoes-do-exilio-jose-paulo-paes.html>. Data do acesso: 01 de fevereiro de 2013.

Canção do Exílio as Avestas: Disponível em: http://pitaculo.blogspot.com.br/2012/07/cancao-do-exilio-as-avessas-jo-soares_07.html: Data do acesso: 10 de fevereiro de 2013.

Cação do Exílio. Disponível em: <http://www.infoescola.com/livros/cancao-do-exilio/>. Data do acesso: 15 de fevereiro de 2013.

As várias canções do exílio. Disponível em: <http://ninitelles.blogspot.com.br/2011/08/as-varias-cancoes-do-exilio-3-hino.html>. data do acesso: 15 de fevereiro de 2013.

As várias Canções do Exílio - 3 - Hino Nacional Brasileiro. Disponível em: <http://ninitelles.blogspot.com.br/2011/08/as-varias-cancoes-do-exilio-3-hino.html>. Data do acesso: 22 de fevereiro de 2013

Notícias. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u5500.shtml>. data do acesso: 25 de fevereiro de 2013.

Vimarense. Disponível em: http://vimarense.zip.net/arch2011-12-01_2011-12-31.html. Disponível em: 25 de fevereiro de 2013.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. A ideologia nas canções do exílio: Ufanismo e Crítica. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.



"Meninos, Eu Vi!"

Lúcia Cardoso

O espaço-tempo será mesmo intransponível?

Paris. Meados do século XIX.

O dia era um desfile colorido de belezas. Sob um céu azul, bafejado de primavera, balançavam-se as flores macias dos castanheiros.

Estou em Paris! Estou em Paris! Repetia sem acreditar.

Meu vestido branco, de cambraia bordada, mal deixava ver os saltos das elegantes botinhas. Luvas rendadas. Não portava bolsa. Como chegara, voltaria, sem lenço nem documento. Encantada, passeava por lugares conhecidos somente através dos livros. Desacompanhada, chamava a atenção. Um leve chapéu de abas largas, adornado com minúsculas flores azuis, ajudava a ocultar meu rosto.

Estava na Place Pigalle, reduto de artistas, admirando uma fonte, quando senti percorrer meu corpo uma onda de energia. Perturbada, olhei os rostos estranhos ao redor.

Então, o vi! Sentado na florida varanda de um Café, uma xícara da bebida brasileira à sua frente, atento ao jornal em suas mãos. Era ele mesmo. Como aproximar-me daquele homem tão especial, tão admirado por sua criatividade exuberante? Precisava tentar. Certos momentos só uma vez são permitidos no Cosmo. Aproximei-me. Muda, parei diante dele. Percebendo a minha presença, levantou os olhos do jornal, fitou-me. Um olhar altivo, mas doce. Atrevi-me: Antonio Gonçalves Dias, o maior poeta lírico brasileiro!

Ele esboçou um sorriso, como se acostumado estivesse a ser reconhecido. Convidou-me a sentar. Aceitei. Perguntou meu nome, respondi, e, emocionada, continuei a falar-lhe. Admiro o homem culto que você é. Estudou em Coimbra, bacharelou-se em Direito, libertou nossas letras do velho classicismo português, estudou os índios como historiador e etnólogo. É o verdadeiro criador do indianismo. Seus poemas indianistas são belos!

Não foi impressão, os olhos dele brilharam. Tocara na corda certa: seu sentimento indianista, a voz do sangue. Ousada, pedi para dizer-me, em seu soberbo poema I-Juca-Pirama qual o trecho que mais o emocionou ao criá-lo.

Pensou quieto, como se repassando a longa e dramática obra. Olhou-me parecendo indeciso.

Sim – falei – sei que é difícil, o poema todo é emoção pura. Olavo Bilac disse que não se pode ler “sem sentir o calafrio que assinala o auge da emoção artística”. Quando pela primeira vez o li, perturbada e comovida, confesso que chorei. Não me foi possível entender a cruel maldição do pai tupi ao filho, quando descobriu que o jovem chorara e tivera a vida poupada pelos timbiras para cuidar dele, cego e doente. Atingem-me, ainda aquelas palavras:

“Tu choraste em presença da Morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o covarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és”

Insisti no que havia solicitado: o trecho mais emocionante do poema para ele, seu criador. Olhar distante, como se alcançando a cena estivesse, atendeu-me:

“O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
Este, sim, que é meu filho muito amado!
E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
Corram livres as lágrimas que choro.
Estas lágrimas, sim, que não desonram!”



Momento ímpar: o velho e orgulhoso tupi se redime ante a coragem do filho. A emoção jorrando plena. Tive ímpetos de aplaudir aquele que conseguiu urdir versos tão grandiosos e belos. Contive-me emocionada.

Deixando o pai e o filho tupis naquela aldeia dos timbiras, enveredei por um caminho mais leve. Fale-me dos seus versos de amor, especialmente aqueles dedicados à sua musa.

Abaixou a cabeça, entristecido. Quando me atendeu, reconheci uma estrofe do poema “Seus Olhos”:

“Eu amo seus olhos, tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.”

Lembrei-me de Ana Amélia Ferreira do Vale, o grande amor de sua vida, a adolescente que lhe foi negada por ser bastardo e mestiço (filho de um comerciante português e de uma cafusa). Refleti sobre a ironia do destino, presenteando aquele homem com inteligência, criatividade, sucesso (era amigo do Imperador D. Pedro II) e negando-lhe a felicidade de ter ao seu lado a mulher amada, embora, depois, tantos outros amores tenham passado por seus braços: Engrácia, em Coimbra, Nanete, em Dresde, Josephine, em Paris, Celine, em Marselha. Casou-se com Olímpia, mas não foi feliz e a separação aconteceu. Sua única filha faleceu em tenra idade.

Como que captando meus pensamentos, referiu-se a outro grande amor da sua vida, a Pátria, presente em seu poema “Canção do Exílio”:

“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
...
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá”.

Um raio de sol – longo braço da Energia Infinita – pousou naquele possuidor do “passaporte para a imortalidade”, no dizer de Manoel Bandeira. Emocionados, em silêncio, tomamos o café que o garçom há pouco trouxera.

A dança das águas da fonte lembrava que no Universo tudo está em movimento. Instante algum pode ser retido.

Levantei-me. Ele também. Era tempo de partir. Despedimo-nos, a emoção brilhando em nossos olhos. Galante, beijou minha mão, nua. As luvas, esquecidas sobre a mesa. Findava-se o momento, o encanto, a magia. Ele ficou ali, no século que lhe deu passagem. Eu voltava para o meu. Em êxtase, caminhando pela Place Pigalle ainda pude declamar para os surpresos ouvintes parisienses:

“Um velho Timbira,
coberto de glória,
guardou a memória
do moço guerreiro,
do velho Tupi!
E à noite, nas tabas,
Se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente:
- MENINOS, EU VI!”

NOTAS:

- 1- Antonio Gonçalves Dias nasceu em 10/08/1823, em Boa Vista, município de Caxias, no estado do Maranhão. Filho de João Manoel Gonçalves e de Vicência Ferreira. Estudou Direito em Coimbra. “Em 03/11/1864, vindo da Europa, (onde tentava tratamento contra a tuberculose) faleceu, única vítima do naufrágio do Ville de Boulogne”, nas costas maranhenses. O final da obra Os Timbiras naufragou com o autor.
- 2- Bibliografia: Antologia Brasileira – organizada pelo Prof. Eugenio Wernek – Livraria Francisco Alves – 1918; Andrade Lima Filho – “Onde Canta o Sabiá” – Cia Editora de Pernambuco - CEPE – 1974



Análise da Peça Teatral *Leonor de Mendonça*

Onã Silva¹

RESUMO

A peça teatral intitulada **Leonor de Mendonça**, de autoria do escritor brasileiro Gonçalves Dias, foi escrita em 1846. Esta peça é considerada uma obra prima do século XIX e um dos mais importantes textos dramáticos do período do Romantismo, no Brasil. Quanto ao enredo da história apresentada no drama Gonçalvesiano, a protagonista chamada Leonor, é filha de nobre família espanhola e, desde criança, estava prometida à Dom Jaime, o Duque de Bragança. D. Jaime e Leonor se casam têm dois filhos, entretanto, o matrimônio é abalado quando o jovem Antônio Alcoforado, apaixona-se perdidamente pela duquesa. Doravante, o enredo apresenta uma série de fatalidades, pois Dom Jaime tem dúvidas se Leonor realmente é esposa fiel. O desfecho deste drama gongalviano é trágico. Leonor de Mendonça é um drama estruturado em um prólogo, três atos e cinco quadros. No enredo constam oito personagens que o autor refere-se ao nome, e outros quatro chamados de um servo, um preto, homens de armas, pajens e criados. Após dois séculos de existência da peça Leonor de Mendonça a temática abordada, principalmente da violência contra a mulher no seio familiar, é um assunto atual; assim a análise deste drama permite reflexões e considerações



O AUTOR

Antônio Gonçalves Dias nasceu em 10 de agosto de 1823, no sítio Boa Vista, na vila de Caxias, Maranhão. Seus pais chamavam-se João Manuel Gonçalves Dias e Vicência Ferreira. Gonçalves Dias era advogado, formou-se na Universidade de Coimbra-Portugal. Dedicou-se à literatura, sendo poeta, jornalista e escreveu também para o teatro brasileiro, quatro peças, dentre elas Leonor de Mendonça. Sua bibliografia é vasta, com obras publicadas em vida e póstuma. Infelizmente, sua morte, em 1864, ocorreu de forma trágica: o navio em que viajava de volta para o Brasil naufragou, ele foi esquecido agonizando e morreu afogado.

1 Onã Silva - Posse-Goiás - 9 de outubro. É escritora brasileira, agente cultural de literatura e artes cênicas. Filiada à Rede de Escritoras Brasileiras e Academias Literárias. Graduada em Enfermagem e Artes Cênicas, Especialista em Saúde Pública, Mestre em Educação e cursa Doutorado. Escreve poesias, romances e outros gêneros. Tem diversas obras individuais e coletivas publicadas, a saber: A Quadradinha de Gude; Miriã, uma Enfermeira Bambã; A Derrota de Penina, Histórias da enfermagem no universo de Cordel e outras.

1 INTRODUÇÃO

A peça Leonor de Mendonça: os personagens e suas características

Novembro de 1512. Véspera de Finados.

A duquesa Leonor de Mendonça, filha de Dom João Gusmão, casada com Dom Jaime, Duque de Bragança, mãe de dois filhos, vive na pequena Vila Viçosa, revolvendo-se no leito devido à insônia, devido ao seu dever “entediante” de ter que acompanhar o duque a um lugar rústico.

Sua vida se resume a morar numa casa ampla, mas num lugar insólito, ocupando um lugar secundário para o seu marido que, prioricamente, gosta de praticar caçadas.

A duquesa é fina, bela, generosa e de bom coração, contrastando com o seu marido que é considerado terrível, antipático, rude, grosseiro. A despeito desta análise popular acerca do duque Dom Jaime, a duquesa Leonor de Mendonça sempre o defende pois o tem como homem de *“alma grande e de coração generoso”*.

Paula, a camareira, além de tocar a duquesa, participa de conversas com a patroa, inclusive revelando a sua antipatia ao Dom Jaime: *“homem que amedronta a gente”*. Aproveita da intimidade com a duquesa para cientificá-la sobre Antônio Alcoforado – mancebo belo e cavaleiro que passa todas as manhãs defronte ao balcão da duquesa.

Antônio Alcoforado apresenta-se destemido e aproxima-se cada vez mais da duquesa. A priori consegue pegar e ficar com um pedaço de fita dela. Começa a visitá-la com a desculpa de colocar-se a disposição para os serviços de Leonor. Corteja-a abertamente com vários elogios cheios de adjetivos, tais como: *“generosa, bondosa”*.

Ele se apresenta à duquesa como homem galanteador, resoluto, cavaleiro e cavaleiro à sua mercê: *“se alguma vez... disse-me: - vai! E eu andarei por meio das trevas”* O mancebo que Leonor têm à sua frente mostra-se o oposto do seu marido que sempre foi rude, preocupado com a caça, com o tropel, com títulos, com dotes e outras coisas.

Leonor tenta dissuadir o jovem Alcoforado das suas pretensões galanteadoras, já antecipadamente poupando-o de prováveis atitudes cruéis e ou fatais que o duque pode fazer.

... Mas o jovem continua em seu encalço. Para livrar-se da ameaça, ou melhor de um homem tão interessante que ameaça o seu casamento e o seu coração, a duquesa escolhe que Alcoforado deve partir para a África. Ela então, se coloca como a sua protetora e o jovem a cerca mais uma vez poeticamente agradecido: *“e as pequenas palmas que eu colher no campo de glória, poderei, senhora, depor aos pés de minha protetora?”*.

Os galanteios do Sr. Alcoforado somam-se ao ato de bravura, quando ele livra a duquesa, matando um javali que quase a atacou.

Pelo gesto de coragem sobrenatural de ter salvado a sua vida, a duquesa agradecida promete ao jovem mancebo, recebê-lo nos seus aposentos na véspera da partida do jovem para a África.

O duque Dom Jaime fica sabendo do encontro e embravecido, descontrolado e desatinado, dá ordens para os seus homens de armas e pajens para cercar toda a casa e flagrar “os amantes”.

A duquesa Leonor recebe o jovem. Ambos declaram que se amam. Todavia, o duque enfurecido, confronta-os no imaginário adultério, julgando-os culpados e ele mesmo os condena tragicamente.

O duque de Bragança não aceita nenhuma defesa, nem mesmo o pedido de Alcoforado para que o duque livre a duquesa de alguma punição. Mas, o duque de Bragança condena os dois à morte, à degola. Enfurecido, ele ordena aos seus homens que as armas sejam preparadas para decepar “os amantes” diante de todos como pagamento de traição.

O Padre Lopo Garcia isenta Leonor de |Mendonça do pecado de adultério imputado por Dom Jaime. Mas, o duque não o escuta, sua fúria é tamanha que desconsidera as palavras do pároco.

Leonor suplica-lhe que não a mate, que considere-a como uma mulher frágil, que quer viver. Recorre também ao pedido sentimental de ser isentada da morte por ser a mãe de seus filhos, companheira e sobretudo inocente.

Em vão!

O duque de Bragança está determinado a eliminar os traidores, tal qual fica determinado quando quer caçar um javali.

Os servos mais complacentes, sensíveis e ameaçados pelo padre de serem excomungados, se negam a cumprir a ordem do duque e praticar o ato criminoso.

Leonor tem um momento de alívio: não será executada!

... Mas depara-se com o algoz: seu próprio marido se torna o carrasco.

Ninguém consegue dissuadir o duque de cometer o crime. Leonor, ainda esperançosa, vai para a morte pedindo perdão e implorando “um instante”.

...Mas a morte já está preparada e o duque satisfaz-se mais uma vez no papel de algoz que é: com outra caça a ser morta e está em seu total poder.

2 de Novembro. Finados

Enterro de Leonor de Mendonça e Antônio Alcoforado.



2 METODOLOGIA DE ANÁLISE DA PEÇA LEONOR DE MENDONÇA

Este trabalho foi desenvolvido na disciplina Teatro Brasileiro, Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, Brasília-DF. Adotou-se para análise dramática da peça Leonor de Mendonça o seguinte método analítico do conteúdo teatral: a) descrição esquemática dos personagens e suas inter-relações; b) classificação esquemática dos personagens como protagonista, antagonista, secundários e coletivos; c) caracterização dos personagens (individual, diálogo direto, diálogo indireto, situações dramáticas, ação exterior e ação interior).

3 RESULTADOS DA ANÁLISE DA PEÇA LEONOR DE MENDONÇA

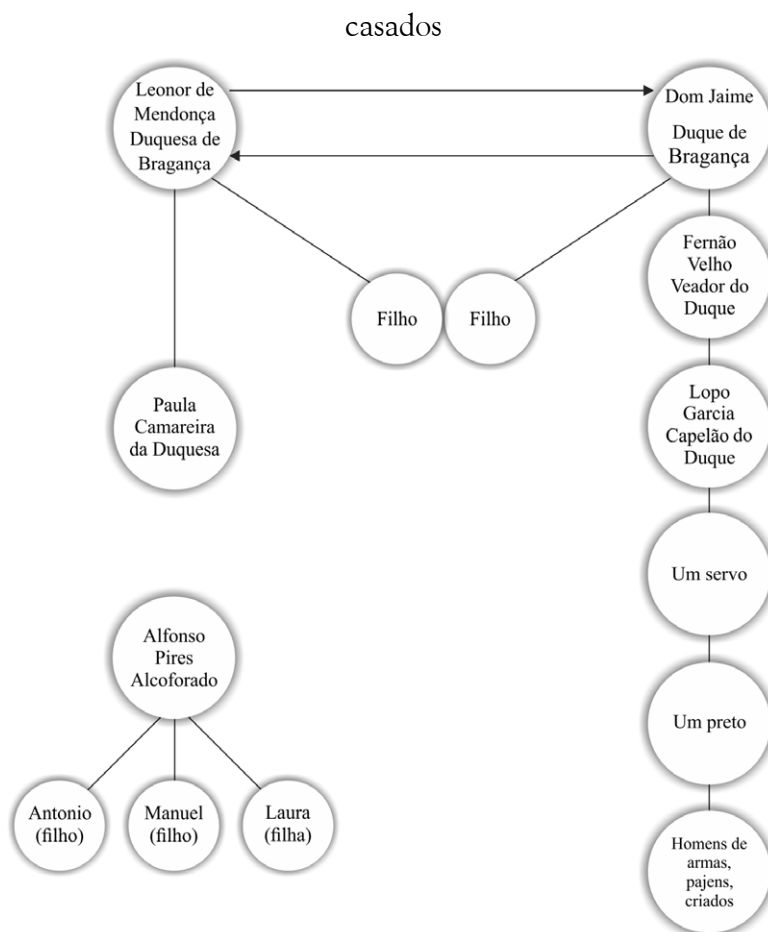
No estudo da peça, identificaram-se 12 personagens que fazem parte da história de Leonor de Mendonça, subdivididos em dois núcleos: a família de Leonor de Mendonça e as pessoas que se inter-relacionam; e o outro núcleo formado pela família Alcoforado.

Referente ao núcleo familiar e das pessoas que se inter-relacionam, são eles: a duquesa Leonor de Mendonça; o duque Dom Jaime; dois filhos do casal; Paula, a camareira; Fernão Velho, o vedor do duque; Lopo Garcia, o capelão da família; um servo; um preto; Homens de armas, pajens e criados.

Sobre a família Alcoforado, o autor refere na peça apenas ao pai Alfonso Pires Alcoforado e aos seus três filhos: Antônio Alcoforado, Manuel Alcoforado e Laura Alcoforado.

Os personagens da obra estão assim identificados: D. Jaime, Duque de Bragança; Leonor de Mendonça, Duquesa de Bragança; Afonso Pires Alcoforado, *o velho*; Manoel, Antônio e Laura, os filhos de Afonso Alcoforado; Fernão Velho, *vedor do Duque*; Paula, *camarista da Duquesa*; Lopo Garcia, *capelão do Duque*; Um servo; Um preto; Homens de armas, Pajens e Criados.

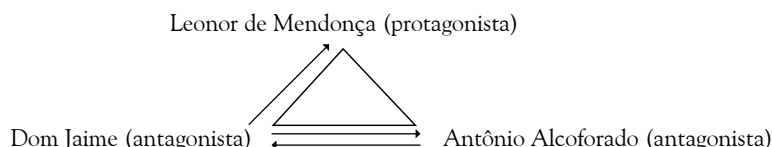
a) Descrição esquemática dos personagens e suas interrelações



b) Classificação esquemática dos personagens como protagonista, antagonista, secundários e coletivos

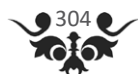
Ao analisar a estrutura dramática da peça teatral, os personagens foram categorizados em protagonista, antagonista, secundários e coletivos.

Analisando a dramaticidade contida na obra de Gonçalves Dias, quanto ao personagem protagonista identificou-se a duquesa Leonor de Mendonça. Como antagonistas identificaram-se o duque Dom Jaime e o mancebo Antônio Alcoforado, segundo o esquema abaixo:



No que se refere aos personagens secundários, o estudo permitiu identificar: os dois filhos da duquesa, Alfonso Pires Alcoforado, Manuel Alcoforado, Laura Alcoforado, Paula a camareira, Lopo Garcia o capelão e Fernão Velho o vedor.

Sobre os personagens considerados coletivos, nesta obra Gonçalves estudada, constam: um servo, um preto, homens de armas, pajens e criados.



c) Caracterização dos personagens (individual, diálogo direto, diálogo indireto, situações dramáticas, ação exterior e ação interior)

- A personagem Leonor de Mendonça

• Caracterização individual

- Duquesa de Bragança casada com Dom Jaime;
- Filha de Dom João de Gusmão, duque de Medina Sidônia, Conde de Niebla, Marquês de Cazaça e Senhor de Gibraltar;
- Cunhada do Conde de Urenha;
- Irmã do Marquês de Cazaça;
- Mãe de dois filhos;
- Para acompanhar seu marido mudou-se para Vila Viçosa (lugar rústico);
- Bela, fina, generosa, bondosa, com tendências a tristeza, melancolia e insônia;
- Sua confidente é Paula, a camareira;
- Considera o seu esposo, o duque de Bragança sendo “homem de alma grande e generoso” mesmo os outros considerando-o como homem terrível
- Enamorada por Antônio Alcoforado;
- Salva por Antônio Alcoforado de ser atacada por um javali.

• Características de diálogo direto

- “*Que sou eu para vos merecer tão alta dedicação*” (para Antônio Alcoforado)
- “*Eu sou mulher, e vós bem me podeis fazer morrer sem ser à força do escândalo*” (para o marido)

- **Características de diálogo indireto**

- *“Olhai, senhora, se sou a primeira em dizer-vos que sois bela e tendes bom coração”* (de Paula, a camareira)
- *“Sois bondosa e generosa”* (de Antônio Alcoforado)
- *“Sois bem disfarçada e atrevida”* (de Dom Jaime)
- *“Vós sois bela, pura como os anjos, sois boa e grande como Deus”* (de Antônio Alcoforado).

- **Situações dramáticas**

- O duque a convida para uma caçada e na floresta quase é atacada por um javali. É salva do ataque por Antônio Alcoforado que mata o animal.
- O duque manda executá-la pois torna-se muito enciumado ao imaginar ser traído por ela com o mancebo Antônio Alcoforado.
- Mesmo ela, Antônio Alcoforado, o padre Lopo Garcia e os criados, julgando-a inocente, o próprio marido insensível a executa por traição.

- **Ação exterior (na peça)**

- Para afastar Antônio tem a ideia de enviá-lo para a África.

- **Ação interior**

- Fica atraída por Antônio Alcoforado mas ela evita a aproximação.
- Para evitar a própria morte, pois é inocente, ela demonstra os seguintes sentimentos e comportamentos: súplica, choro, clamor, rogos e humilhação.



- **O personagem Dom Jaime**

- **Caracterização individual**

- Marido de Leonor de Mendonça;
- Pai de dois meninos;
- Gosta de caçar, sua predileção, para tanto acorda muito cedo e sai com a tropa para a caçada;
- Homem frio, antipático, amedrontador, colérico, despótico;
- Tem uma relação distante com a própria esposa (o casamento deles não era de agrado das famílias);
- Ele sofre com algumas recordações que o atormentam: a morte do pai, a infância desvalida e seu envenenamento;
- É homem cruel, sem piedade, insensível que manda matar a mulher por uma provável “traição”;
- Torna-se agressivo, descontrolado, enfurecido, embravecido quando se vê ameaçado por um “adultério”;
- Não perdoa a mulher mesmo todos afirmando que ela é inocente;
- Torna-se algoz da própria mulher.

- **Características de diálogo direto**

- *“Desastrado que eu sou”*
- *“Sim, compadecei-vos, porque eu sou mais infeliz que mau”*

- **Características de diálogo indireto**

- *“Não sabeis tu que o duque tem alma grande e coração generoso?”* (duquesa)
- *“Vão lá ter compaixão de um homem que amedronta a gente?”* (Paula)
- *“A sua cólera terrível! Eu a temo”* (duquesa)
- *“Vós sois homem, sr. Duque, perdoai-lhe”* (Lopo Garcia)

- **Ação exterior (na peça)**

- Pensando que a sua mulher está o traindo com Antônio Alcoforado, Dom Jaime manda executar os dois, degolando-os. Como os seus servos negam-se a tal execução, o próprio Dom Jaime é o carrasco.

- **Ação interior**

- Apresenta vários sentimentos: cólera, ira, raiva, fúria, maldade, agressão, desejo de vingança e morte, devido a provável traição da esposa.

- **O personagem Antônio Alcoforado**

- Filho de Alfonso Pires Alcoforado;
- Irmão de Manuel e Laura;
- Generoso, simpático, cavaleiro e cavalheiro;
- Galanteador da duquesa Leonor de Mendonça;
- Pega um pedaço da fita da duquesa e usa-a no barrete;
- Salva a duquesa de ser atacada por um javali;
- Para obedecer a duquesa e livrá-la das fúrias do duque, aceita ir para a África;
- Na véspera da sua ida para a África vai visitar a duquesa nos aposentos dela; o casal é flagrado pelo duque que manda executá-lo;
- Pede e implora para o duque matá-lo e não matar a Leonor que é inocente.

- **Características de diálogo direto**

- *“É que vós me viste triste e pensativo. Eu mesmo não sei o que digo... A minha vida pende por um fio...”* (para a duquesa)
- *“Eu tenho muitas vezes amaldiçoado minha estrela que me fez nascer tão baixo”*
- *“Eu sou uma criatura fraca e inofensiva”*

- **Características de diálogo indireto**

- *“Alcoforado, tem a alma de fogo, porém, é respeitoso e comedido”* (duquesa)
- *“Com efeito, para um namorado é ser bem esquecido”* (Paula)
- *“Eu vos amo, porque sois bom, porque sois nobre”* (duquesa)
- *“Procurai por toda a parte um vil que deve estar neste palácio”* (duque)

- **Situações dramáticas**

- É considerado pelo duque como traidor, vil, infame, aliciador, sedutor de sua mulher, por isso condena-o a morte. Ele se coloca em poder do duque para morrer, mas declara que Leonor é inocente.

- **Ação exterior**

- Salva a duquesa de ser atacada por um javali;
- Faz de tudo para conquistar a duquesa.

- **Ação interior**

- Considera a si mesmo como um covarde, falso, infame que envolveu Leonor na sua própria morte, para tentar livrá-la da condenação de Dom Jaime.

- **O personagem Paula**

- Camareira da duquesa de Bragança;
- Intermediária das comunicações entre Antônio e Leonor;
- Prestativa, solícita e boa para a duquesa;
- Antipatiza e teme Dom Jaime;
- Leva os filhos de Leonor para a sua despedida;
- Promete a Leonor que depois da sua morte, vai cortar-lhe as tranças e enviar para a irmã da duquesa.

- **Caracterização de diálogo direto**

- *“Sou eu a primeira em dizer-vos coisas tão simples”*

- **Caracterização de diálogo indireto**

- *“Boa Paula, julgas que todos me vêem com os olhos teus olhos e que em mim pensam com a tua alma?”* (duquesa)
- *“Já havia esquecido de ti, boa Paula”* (duquesa)

- **Ação exterior**

- Resguarda a duquesa quando esta encontra-se com Antônio
- Leva os filhos da duquesa para despedir da mãe antes de sua morte
- Promete a duquesa que irá mandar para a sua irmã um dos seus vestidos com a trança e escrever o nome Leonor, no livro de orações, com sangue.

- **Ação interior**

- Antipatia pelo Duque e simpatia pela duquesa;
- Compaixão e desejo de ir para o convento com a morte da duquesa.



- **A família Alcoforado (Velho Alcoforado, Manuel Alcoforado e Laura Alcoforado)**

- Família unida e demonstram bom relacionamento entre si mesmos;
- Filhos respeitosos ao Velho Alcoforado;
- Velho Alcoforado e o filho Manuel Alcoforado têm maus presságios com a saída de Antônio Alcoforado, à noite;
- Velho Alcoforado sempre aconselha os filhos;
- Velho Alcoforado e Manuel Alcoforado falam para Antônio levar sua arma e um criado durante a saída misteriosa.

- **O personagem Lopo Garcia**

- Capelão do Duque de Bragança;
- Ouve a confissão da Duquesa Leonor de Mendonça e incita-a a contar o acontecido;

- Não julga Leonor de Mendonça culpada, absolve-a e pede para o duque que é homem, perdoar a duquesa, lembrando-lhe de que Jesus é Deus e perdoa os humanos;
 - Aconselha aos servos do Duque para não executar a duquesa pois ela é inocente e se executarem-na serão excomungados.
- Os personagens Fernão Velho, Homens de armas, pajens e criados**
- São serviçais do Duque de Bragança;
 - Fernão Velho trabalha com o ducado há muitos anos, é fiel caçador junto com o duque. Ele tenta dissuadir o duque a ideia de executar os “traidores”, mas é intimado por Dom Jaime que o “lembra” do quanto ele sempre foi fiel à família;
 - Os serviçais obedecem as ordens do Duque, principalmente na hora de cercar a residência com as armas e cortar a corda que Antônio Alcoforado subiu para os aposentos da duquesa;
 - Nenhum serviçal, no entanto, se dispõe a ser o carrasco da duquesa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação à produção teatral escrita por Gonçalves Dias, os críticos consideram que a peça Leonor de Mendonça é o ponto culminante da carreira dramática deste autor – a produção dos outros dramas recebeu muitas críticas.

Neste trabalho, entretanto, objetivou-se a análise dramática dos personagens da obra Gonçalvesiana, revelando aspectos e características dos personagens; trabalhando informações sobre os três personagens mais evidentes: Leonor de Mendonça, Dom Jaime e Antônio Alcoforado.

O retrato dramático analisado converge para um ponto já destacado por Gonçalves Dias no prólogo da peça de que os personagens a despeito de não terem antecedentes criminais, carregam dentro deles mesmos defeitos de diferentes naturezas.

Vale ressaltar que Leonor de Mendonça foi a única peça de Gonçalves Dias publicada em vida, e tanto o Prólogo quanto o enredo do drama, apresentam questões atuais sobre o amor, a vida, as relações e os sentimentos mais diversos que envolvem as pessoas e as relações.

A peça tem uma carga dramática acentuada e o desfecho é a tragédia causada pela violência doméstica. Por isso, esta obra de Gonçalves Dias poderia ser mais analisada e estudada nas instituições de ensino, e, ainda utilizada para propor políticas públicas contra a violência.

REFERÊNCIAS

DIAS, Gonçalves. Leonor de Mendonça, Rio de Janeiro, J. Villeneuve & Cia, 1846

DIAS, Gonçalves. Teatro Completo. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1979.



As primeiras escolas em Gonçalves Dias¹

Relve Marcos Morais Sobreiro

Todo o sistema escolar é mantido para suprir uma função social. Tendo em vista que a atual sociedade se encontra em processo de constante desenvolvimento nos seus mais variados setores. A educação, no entanto, passa a ser prioridade para desabrochá-lo de mentes pensantes capazes de transformar o mundo a sua volta. Nesse sentido torna-se urgente o surgimento de escolas que viabilizem esta função que compartilha do processo de transformação e que se coloque como facilitador da formação dos cidadãos contemplando as expectativas exigidas pela sociedade.



A situação acima corresponde a uma reorganização no sistema educacional de ensino que teve seus primórdios como os jesuítas que foram os mentores da educação brasileira e de nossa formação cultural durante muito tempo, no Brasil colonial. Quando foram expulsos das colônias pelo Marquês de Pombal, sendo que a ausência destes provocou o surgimento dos professores leigos. Esse modelo se prolongou por muitos anos até surgirem as escolas públicas.

A realidade do povoamento que mais tarde viria a se tornar Gonçalves Dias, deu-se de forma parecida, suas primeiras escolas eram particulares e mantidas por professores leigos funcionando na própria residência do professor. A medida que a população foi aumentando, a sociedade ia improvisando locais para atender as famílias que detinham renda suficiente para manter os seus filhos nessas escolas. O exemplo disso seu Lourival (Sobrenome) relatou da seguinte forma: “Quando eu comecei a frequentar a escola tinha uma professora e o nome dela era Maria do Carmo, ela dava aula particular na casa dela mesmo.”

O senhor João Vitor confirmou a existência de uma sala de aula construída por Antônio Sobrinho, genro do Joaquim Leite, a sala ficava localizada na atual Rua Rui

1 Este trabalho foi escrito e pesquisado em parceria com os seguintes historiadores: **Organizador:** Relve Marcos Morais Sobreiro; **Colaboradores:** Elson Carneiro Lima, Maria da Conceição Silva Almeida, Raimunda Lucena Oliveira, Thiago de Jesus Cruz. Relve Marcos | 31 de Março de 2013 às 13:38 | Categorias: Sem categoria | URL: <http://wp.me/p2NCT2-1G>

Barbosa, nas proximidades da ponte que dá acesso a Rua São José, ao lado da residência do atual prefeito Vadilson Dias. O entrevistado nos relatou que foi a primeira escola a funcionar na localidade dos Pedrosas. Ainda de acordo com relatos de moradores locais antigos, existiu também uma escola de taipa próximo a casa de Dona Marieta, proprietária do cartório.

O primeiro prédio escolar público construído na região foi a escola Nossa Senhora de Lurdes, construída na década de 1950 pela prefeitura de Caxias, com duas salas apenas, sendo uma das salas para recreação no centro e uma área ao redor com alpendre. A respeito disso Macionilo Cruz comenta: “tinha o coleginho Nossa Senhora de Lurdes, tinha aula um dia e outro não. Eram duas salas, tinha uma de cada lado e no meio tinha um espaço. O pessoal tem uma mania de derrubar o que tá feito. Eu acho que não se deve derrubar o que tá feito, tem é que fazer outro, se não tivessem derrubado ainda tinha essa relíquia de Caxias.”

A referida escola Nossa Senhora de Lurdes construída pela prefeitura de Caxias, foi demolida e no mesmo local foi construída a escola Presidente Castelo Branco. Não se pode estudar a origem da cidade de Gonçalves Dias dissociada do surgimento da escola Presidente Castelo Branco. A mesma foi fundada em 1965, seis anos após a emancipação do município, por intermédio do primeiro prefeito eleito, Raimundo Nonato de Souza Braid, que fez a doação de um terreno da prefeitura para o estado, no dia 30 de outubro de 1964. A obra foi construída com verbas vindas dos Estados Unidos da América, sendo iniciada a construção no mesmo ano da doação e concluída a construção em agosto de 1965, todo o material de construção foi transportado para a cidade em carros de boi, transporte muito comum naquela época, à prefeitura manteve a construção disponibilizando-se da mão de obra, a mesma foi feita em tempo recorde em pleno período chuvoso. Tendo começado as atividades educacionais com apenas o ensino fundamental menor.

Ainda na década de 1960, surgiu no Maranhão o “Ginásio Bandeirantes”, tratava-se de um projeto que na época deu subsídio para construção de várias escolas com o mesmo nome no estado do Maranhão. Os responsáveis pelo ensino público no período procuraram sanar os impasses da educação a nível ginasial.

Três anos após sua construção a Escola Presidente Castelo Branco, no ano de 1968, a instituição adotou o Ensino Fundamental maior, curso ginasial a partir do projeto Bandeirante, que foi idealizado pelo governo do Maranhão com o propósito de levar as zonas de necessidade. As bases da proposta pedagógica dos ginásios bandeirantes, podem ser encontradas no movimento nacional de renovação da escola secundária e mais precisamente nos ginásios orientados para o trabalho, já sob influência da ditadura militar, que enfocava o chamado tecnicismo educacional. Para a implantação de um ginásio bandeirante era exigência que as prefeituras conseguissem contratar pelo menos, cinco professores normalistas. Estes profissionais normalistas geralmente ensinavam em um turno no Ginásio Bandeirante e nos demais em um curso primário. Esta realidade de ensino que hoje corresponde ao ensino médio, só viria a ser implantados

na cidade de Gonçalves Dias, muitos anos depois do referido projeto do governo do estado, contudo o nome do projeto serviu de alcunha para escola, tanto que até os dias correntes a Escola Castelo Branco é conhecida popularmente como 'Bandeirante'.

A instituição escolar ao longo de sua existência faz parte da vida escolar de muitos cidadãos gongçalvinos.



Elementos da historiografia literária sobre a obra de Gonçalves Dias

Ana Maria Costa Felix Garjan

A magnitude da obra do poeta Antonio Gonçalves dias, nascido em Caxias- MA, em 10 de agosto de 1823, pode ser avaliada pelo volume de trabalhos da historiografia literária a ela dedicados, como se evidencia pelo conjunto de referências arroladas neste artigo.

Desde os primórdios até a atualidade, tem se sucedido os autores que se dedicam a analisar o valor literário de seus escritos poéticos, sob a forma de poesias e peças teatrais, buscando identificar as relações entre o mundo exterior e interior, que suscitaram a sua inspiração e sua forma surpreendente de produzir objetos poéticos mesclados de elementos objetivos, simbólicos e imaginários, como a Canção do Exílio, cuja matriz se tornou clássica e reproduzida por muitos autores da segunda geração de românticos, como Casimiro de Abreu, seguido de poetas e escritores modernistas, como Carlos Drummond de Andrade e críticos, como Chico Buarque de Holanda.

Enfoques dados pelos autores ao tema exílio (algumas “Canções”):

Autores	Nacionalismo Ufanista (dimensão espacial)	Nacionalismo Crítico (humor e/ou ironia)	Exílio na Pátria (dimensão temporal)
1) A. C. Jobim e Chico Buarque	“Sabia”	“Sabia”	
2) Casimiro da Abreu	“Canção do Exílio I” “Canção do Exílio Meu Lar II”		
3) C. A. Andrade			“Nova Canção do Exílio”
4) Dalton Trevisan		“Canção do Exílio”	“Canção do Exílio”
5) Eduardo A. da Costa		“Outra Canção do Exílio”	
6) Gonçalves Dias	“Canção do Exílio”		
7) José Paulo Paes		“Canção de Exílio Facilitada”	

9) Mário Quintana			"Uma Canção"
9) Murilo Mendes		"Canção do Exílio"	
10) Oswald de Andrade		"Canto de Regresso à pátria"	

Segundo Sylvia Helena Cyntrão, autora do quadro acima reproduzido da dissertação *A ideologia nas canções de exílio: ufanismo e crítica* (1988), Gonçalves Dias

não apenas traduziu o furor ativista do pós- independência ou o sentimento saudosista de um jovem exilado em Coimbra. O poeta falou de emoções universais profundas, transcendendo espaço e tempo: seu lirismo interno abriu caminhos na sensibilidade do século XIX, perpetuando-se até os nossos dias. (Cyntrão, 1988, p.26)

Não há é claro, a continuidade de uma mesma vertente de romantismo e de nacionalismo, nos trabalhos dos poetas contemporâneos, sobretudo aqueles que realizaram seu trabalho literário de cunho político, na época do combate ao obscurantismo implantado pela ditadura militar. Entretanto, a revisitação ao tema do exílio deixa entrever que, pelas lentes originais de Gonçalves Dias, foi apreendido e explicitado um tema recorrente, que expressa sob ângulos diversos, a própria condição humana em busca de um porto seguro, simbolizado pela terra de nascimento, pela pátria, pela própria morada talvez, compreendida em seu sentido mais subjetivo.

Esse poeta de origem mestiça, marcado pelo estigma do preconceito racial e social, projetou-se no cenário da literatura nacional, sendo considerado o fundador do romantismo e um integrante da corrente do indianismo e, mais do que isso, o precursor do movimento de nacionalização da literatura brasileira, ainda que também possa se identificar um viés, resultado de sua ampla formação cultural, em que se externava certo nacionalismo, que não abdicava do diálogo com a produção literária dos seus contemporâneos ibéricos, a quem buscara conhecer em sua estada em Coimbra, ainda quando cursava a Faculdade de Direito e, também, quando percorreu diversos países europeus em missões científicas.

Ainda que estivesse dialogando com seus pares, quando em 1846, lança sua primeira obra literária, realça seu desejo de não se deixar aprisionar pelos padrões da estética literária da época. Faz mesmo uma declaração de "independência", ao afirmar "menosprezo regras de mera convenção" ao escrever o prólogo de seu livro, lançado com seus próprios recursos.

PRÓLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não seja as últimas.

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificarão portuguesa, e usei deles

como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas – debaixo de céu diverso – e sob a influência de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez – no Doiro e no Tejo – sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América. Escrevia-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de tê-las composto.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena política para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano – o aspecto enfim da natureza.

Casar assim o pensamento com o sentimento – o coração com o entendimento – a ideia com a paixão – colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia – a Poesia grande e santa – a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço – ainda vão – para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento deste volume. O Público o julgará; tanto melhor se ele o despreza, porque o Autor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro-julho de 1846.

Poesias americanas

Canção do exílio	11
O canto do guerreiro.....	13
O canto do piaga.....	16
Deprecação	20

Poesias diversas

A minha musa.....	25
A leviana.....	29
Delírio	31
Sofrimento.....	34
A escrava.....	36
Quadras da minha vida.....	40

Hinos

O mar	51
Rosa no mar	54
Idéia de Deus	57

II- NOVOS CANTOS

COLEÇÃO MELHORES CONTOS

Não me deixes!.....	63
Rola	64
Ainda uma vez – adeus! –.....	65
Se se morre de amor!	71



III - SEXTILHAS DO FREI ANTÃO

Loa da princesa santa.....	77

IV- ÚLTIMOS CANTOS

Poesias americanas	
O gigante de pedra.....	99
Leito de folhas verdes.....	106
I-Juca-Pirama	108
Marabá	125
Canção do tamoio	127

Poesias diversas	
Olhos verdes	133
Sobre o túmulo de um menino	135
Saudades	136

V - OS TIMBIRAS

Poema Americano	
Introdução.....	147

VI - OUTRAS POESIAS

Caxias.....	151
A harmonia	153
A tempestade	156



VII - MEDITAÇÃO

Capítulo Primeiro.....	165

BIOBIBLIOGRAFIA.....	173

Entretanto, essa sua afirmação de independência, precisa ser melhor compreendida, pois segundo Franchetti, professor titular de Teoria Literária da Unicamp,

o autor da maior parte dos versos que se costuma reconhecer como brasileiros é, dentre os românticos, o que manteve ao longo da vida a mais íntima ligação com o lirismo peninsular ibérico. O gosto pelo vocábulo arcaico, pela temática medieval e pela construção castiça revelam, a cada passo, os frutos de sua convivência coimbrã com os românticos portugueses. Dessa convivência resultaram ainda as Sextilhas de Frei Antão, que Gonçalves Dias publica nos Segundos Cantos (1848). Trata-se de uma obra única no romantismo brasileiro, tanto pela linguagem, quanto pelo assunto. Escrevendo num pastiche de português antigo, o poeta assume a “persona” de um certo Frei Antão de Santa Maria de Neiva para cantar em longos poemas as excelências da vida portuguesa na época de ouro da nação. Essa fidelidade à literatura da antiga metrópole – e também à língua de sotaque lusitano – acabou por desconcertar os contemporâneos mais nacionalistas, os que mantinham, em linhas gerais, as bandeiras levantadas por Gonçalves de Magalhães.

Naturalmente essa observação de Franchetti não invalida o reconhecimento do caráter nacionalista da Canção de Exílio, que haveria de ser eternizada, como afirmava Manuel Bandeira, “ainda que não houvesse escrito mais nada, ficaria, por ela, o seu nome gravado para sempre na memória de sua gente”.

Procedendo a uma análise semiótica da Canção do Exílio, Sylvia Helena Cyntrão (1988, p.31), destaca o quanto o conteúdo dos seus versos faz emergir nos leitores sentimentos telúricos, relacionados aos valores culturais, psicológicos, sociológicos e literários, que expressam um nacionalismo ufanista, o culto à natureza, a solidão e o saudosismo e o predomínio do sentimento sobre a razão.

Sobre o estado subjetivo de Gonçalves Dias, ao compor a sua Canção de Exílio, Cyntrão lança mão de esclarecimentos feitos pelo Prof. João Ferreira, em publicação feita na Revista Cultura, na qual se constata o desânimo e a tristeza que se abateram sobre o poeta, ainda em terras lusitanas (1843) e depois ao chegar à cidade de Caxias, em 1845. Seus sentimentos foram compartilhados em cartas dirigidas ao amigo Alexandre Teófilo de carvalho Leal, demonstrando claramente sua decepção e solidão. Dizia o poeta, “triste foi a minha vida em Coimbra – que é triste viver fora da pátria, subir degraus alheios – e por esmola sentar-se à mesa estranha”. Estando em Caxias, sente-se ainda mais triste e abatido, pois estando em sua terra natal, é considerado como um desconhecido, quando esperava ser valorizado e reconhecido.

Entremeando às suas conquistas literárias as derrotas amorosas, Gonçalves Dias deu continuidade ao seu ofício de poeta e acabou sendo ainda mais reconhecido pela sua obra indianista. Produziu, segundo Franchetti, (<http://www.brasiliana.usp.br/node/375>) obrasprimas da poesia de língua portuguesa: “I-JucaPirama”, “Leito de folhas verdes”, “Marabá” e “Canção do Tamoio”. Todas publicadas nos *Últimos Cantos*, que a exemplo dos *Primeiros*, vinha dividido entre “Poesias Americanas” e “diversas”.

Mas, também nessa vertente, o seu pendor indianista é considerado singular, por não ter associado aos seus versos uma forma de luta contra a herança portuguesa. Franchetti (<http://www.brasiliana.usp.br/node/375>) destaca dois comentários importantes para mostrar a peculiaridade da obra de Gonçalves Dias. O primeiro deles foi feito por Sérgio Buarque de Holanda, que escreve um prefácio aos Suspiros poéticos e saudades, em 1939, destacando a sua arte, como sendo desinteressada e, portanto, distinta daquela produzida por Magalhães (Confederação dos Tamoios – 1856). Para Holanda, Gonçalves Dias “faz uma arte desinteressada, onde as paixões valem pelo que são e pela beleza dos contrastes”. Por sua vez, Antonio Cândido, também citado por Franchetti, (<http://www.brasiliana.usp.br/node/375>) afirmou 20 anos depois de Holanda, que havia uma aproximação entre o “medievismo coimbrão das Sextilhas e o indianismo gonçalvino”. Cândido não via nas poesias indianistas de Gonçalves Dias a intenção de tornar universalizada a condição de vida das tribos indígenas, mas “enriquecer processos literários europeus com um temário e imagens exóticas, incorporados deste modo à nossa sensibilidade”. (...) “para o leitor habituado à tradição europeia, é no efeito poético da surpresa que consiste o principal significado da poesia indianista.”

Essas análises mostram que embora tenha sido cultuado no Brasil, Gonçalves Dias, como qualquer outro poeta e escritor suscitam análises que extraem o conteúdo polissêmico do conjunto de sua obra. Sem que se recorra a esses estudos contextualizados da obra do grande romancista, pode se reproduzir o mesmo viés, ou seja, pode se fazer apenas a reprodução do mito, imaginando-o como o Sabiá, que de algum modo ele mesmo criou, estabelecendo uma identidade entre criatura e criador, na sua Canção do Exílio.

Por outro lado, não se há de negar a sua genialidade ao transitar por tantos gêneros literários e pelo caráter precursor de sua obra literária também na cena teatral do Brasil no século XIX, na qual não se repete, mas também inova, trazendo quatro dramas: Patkull e Beatriz Cenci, em 1843, em Lisboa; Leonor de Mendonça, em 1846; e Boabdil, em 1850, no Rio de Janeiro. “Os títulos dessas obras remetem-nos a personagens da história universal, o que de certa forma propiciava autenticidade e veracidade ao espetáculo, mas a história, em si, serve apenas para abordar o sentimento amoroso, como a maior justificativa da existência humana, responsável por toda ação nas referidas peças”. (Rôla, 2005, p.13-14).

Assim, realizando diversas travessias entre mares e formas literárias, Gonçalves Dias, foi e será sempre uma personalidade grandiosa na vasta literatura nacional e universal, pois foi, ao mesmo tempo capaz de, ainda que ensimesmado em seu estado subjetivo, que em muitos momentos da vida lhe desfavoreceu, criar versos e vozes que ainda ecoam no presente, fazendo-nos reiterar a imortalidade por ele alcançada.

Reproduz-se a canção imortal de Antônio Gonçalves Dias, tão conhecida no universo literário:

Canção do exílio

“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.”

De Primeiros cantos,
Coimbra (1847)

A Canção do Exílio foi traduzida para alguns idiomas, e a tradução francesa é a mais conhecida:

« CHANSON DE L' EXIL
Il est des palmiers en mon pays
Où chante le Sabiá;
Les oiseaux ne chantent pas ici
Comme ils chantent chez moi.
Notre ciel a plus d' étoiles
Plus de fleurs ont nos vals
Nos bois ont plus de vie
Notre vie plus d'amour aussi.
En y songeant, seul, la nuit,
J' ai plus d'aise chez moi;
Il est des palmiers en mon pays
Où chante le Sabiá.
Il est des charmes en mon pays
Comme je n'en trouve pas ici;
En y songeant seul, la nuit
J' ai plus d' aise chez moi;
Il est des palmiers en mon pays,
Où chante il Sabiá.
À Dieu ne plaise que je meure
Sans être retourné là-bas;
Sans avoir retrouvé les douceurs
Qu' ici je ne trouve pas;
Sans avoir revu mes palmiers
Où chante il Sabiá.

Gonçalves Dias “
(Coimbra, juillet 1843).

Para homenagear Gonçalves Dias, escritor e poeta brasileiro registra-se o poema ‘Tributo à Canção do Exílio’:

Tributo à ‘Canção do Exílio’ de Gonçalves Dias

Por Ana Maria Félix Garjan¹

Onde havia teus pássaros, belas aves e palmeiras cantadas por ti, Gonçalves Dias,
Há queimadas, tuas palmeiras já morreram, os teus sabiás estão quase mudos;
Nosso céu está cinzento, a poluição é grande no Maranhão e no nosso planeta
Mas ainda vemos estrelas que miram os seres da terra; imaginamos o teu céu;

Nossos bosques estão desmatados, nada pode ser feito, não há lei, não há paz;
As leis não impedem queimadas das florestas, e os homens maltratam os animais;
Eu também fico a cismar, até onde o homem destruirá nossa natureza, teus Sabiás...
Ainda há várzeas, rios, palmeiras onde cantavam as aves que gorjeavam aqui, e lá;

Nossas vidas, nossos amores estão na corrida contra o tempo das contradições, Dias!
Os prazeres dos homens são perigosos para os inocentes, há muita violência no mundo;
Os governos, as religiões, pessoas, grupos e instituições sofrem perturbações
O mundo está confiante na renovação, não queremos guerras, pedimos paz às nações;

Em nossa terra ainda buscamos ‘primores’, desejamos ouvir o canto dos teus Sabiás,
Queremos que mil poemas corram o mundo, que haja tempo de renovar tua memória!
O teu ‘Canto do Exílio’ é uma declaração de amor e respeito à natureza daqui e de lá.
Tua vida, nossas vidas estão escritas neste livro, onde poetas cantam versos para ti!
Que Deus permita que possamos viver nossos amores e artes, ao som de ventos e brisas
E que possamos renascer e contribuir com a natureza, para salvarmos nosso planeta!

Caxias segue seu destino, há teus seguidores que cantam e morrem de amores!
São Luís completou 400 anos, e teu nome e histórias fazem parte da cultura brasileira.
Há muitos escritores, poetas e artistas que cantam novas ‘canções do exílio’, como eu.

E Deus escutou tua prece... “Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá’.
E ainda avistastes as terras e palmeiras do teu Maranhão.
Que Deus não permita que haja mais violência nas florestas, vilas, ruas e cidades!
Que possamos sempre voltar para nossa casa;

Que no mundo haja justiça e paz para a humanidade!



¹ Membro da Academia Caxiense de Letras – ACL, ocupante da cadeira de número 15, tendo como patrono Antônio Gonçalves Dias.

REFERÊNCIAS

- Candido, Antonio. "Gonçalves Dias consolida o Romantismo". Em *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1971, 4. ed., vol. II.
- Cyntrão, Sylvia Helena. A ideologia nas canções do exílio: ufanismo e crítica. Brasília, Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1988.
- Ferreira, João. A canção do exílio de Gonçalves Dias. IN: Revista Cultura, Brasília, ano 8, n. 29, p.42- 48.
- Franchetti, Paulo. "As Aves que Aqui Gorjeiam: A Poesia Brasileira do Romantismo ao Simbolismo" e "I-Juca-Pirama", em *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- Hollanda, Sérgio Buarque de. "Prefácio". Em Magalhães, D.J.G. de. *Obras Completas*, vol. II. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1939.
- Rôla, Ana Cláudia. A obra dramática de Gonçalves Dias. Em Tese. Belo Horizonte, v. 9, p. 11-19, dez. 2005.

APÊNDICE

Para enriquecer nosso estudo sobre a literatura de Gonçalves Dias cita-se uma publicação da Agência FAPESP, sobre ‘uma obra inacabada do autor’, através do artigo de Fábio de Castro:

Meditação, uma obra inacabada de Gonçalves Dias (1823-1864).

No primeiro semestre de 1850, a revista *Guanabara* publicou três capítulos de *Meditação, uma obra inacabada de Gonçalves Dias (1823-1864)*. O texto, escrito em prosa poética, é hoje praticamente desconhecido, apesar da notável importância histórica: pela primeira vez um escritor do romantismo criticava de forma implacável a sociedade, o Estado e, em especial, o sistema escravista.

Um estudo feito por Wilton José Marques, professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), abriu a discussão sobre esse texto pioneiro do poeta maranhense.

Os resultados da pesquisa – um pós-doutorado realizado com bolsa da FAPESP entre 2002 e 2003 no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – formaram a base para o livro *Gonçalves Dias: o poeta na contramão*, que acaba de ser publicado com apoio da Fundação na modalidade Auxílio à Pesquisa – Publicações.

De acordo com Marques, o que mais chama a atenção em *Meditação*, é o fato de escancarar as mazelas sociais do país de forma inédita entre os escritores canônicos românticos naquela época. O eixo central do livro nasceu a partir do texto *As idéias fora do lugar*, de Roberto Schwartz. Uma das teses do crítico, segundo Marques, sustenta que em meados do século 19 os escritores viviam quase exclusivamente dos favores do governo.

“Os intelectuais brasileiros viviam uma relação de dependência com o Estado. Essa política do favor explica por que a literatura nacional só passou a abordar criticamente o tema da escravidão quando o abolicionismo já dominava o debate nacional”, disse Marques à Agência FAPESP.

Segundo ele, quando Gonçalves Dias publicou *Meditação*, a literatura romântica praticamente não tinha referências explícitas à escravidão e a violência do sistema não transparecia em nenhuma obra. Os primeiros textos abolicionistas de Castro Alves (1847-1871), por exemplo, só entraram em cena a partir de 1863, quando a discussão já tomava as ruas.

“O texto de Gonçalves Dias é uma crítica ferrenha à escravidão e é incrível que seja tão pouco conhecido. Praticamente não há referências à sua existência. O meu livro procura preencher essa lacuna, discutindo a posição do intelectual em relação ao Estado e a forma como ele se insere na máquina estatal por meio de uma relação de favores”, disse Marques.

Apesar da virulência do texto, Gonçalves Dias não estava isento da “política do favor”. Em 1846, quando começou sua carreira literária e mudou-se para o Rio de Janeiro, o poeta tornou-se funcionário público, trabalhando como professor no Colégio Pedro 2º.



Com a economia baseada na escravidão, o trabalho livre praticamente não existia. O intelectual, assim, não tinha alternativa além de trabalhar e ser remunerado pelo Estado. Os escritores eram obrigados a se resignar a uma espécie de “cumplicidade cabisbaixa”.

“Em um país que tinha 70% da população analfabeta e os livros eram exclusividade de uma pequena elite, era natural que os escritores atuassem como funcionários públicos. Mas, apesar de se sujeitar a isso, Gonçalves Dias fez uma literatura que questionava o estado das coisas. A primeira expressão dessa contestação está em *Meditação*”, disse Marques.

Dedo na ferida

Gonçalves Dias estava consciente da própria situação de cooptado e acreditava que a dependência em relação ao Estado era danosa para a produção artística. Em uma carta da década de 1860, o poeta ressaltou que, “enquanto o literato precisar de empregos públicos, não poderá haver literatura digna de tal nome”.

Em sua análise, Marques discute como Gonçalves Dias estava na contramão das expectativas românticas, de valorização da natureza e do índio como “brasileiro autêntico”.

“Além de criticar a escravidão e fugir da corrente comum dos escritores canônicos do romantismo, ele, naquele texto, também criticou de forma virulenta a elite brasileira. Atacou a classe política – que acusou de se aproveitar do bem público para interesses particulares – e criticou a exclusão social”, apontou.

O poeta desferiu golpes não só contra as esferas do poder, mas principalmente contra as esferas do saber. “Em determinado momento ele defendeu que é preciso dar educação ao povo. A estrutura política do Império era excludente em vários aspectos, mas especialmente em relação à educação. Gonçalves Dias colocou o dedo nessa ferida sem rodeios”, afirmou.

Em seu livro, Marques levanta a hipótese de que uma parte particularmente contundente do terceiro capítulo de *Meditação* pode ter sido censurada. O trecho não foi publicado na versão de 1850 da revista *Guanabara*, mas reapareceu em uma publicação de 1868. “Esse trecho retrata uma conversa noturna dentro de um palácio – que remete ao Palácio São Cristóvão – no qual políticos discutem o que fazer com o Brasil. Um deles questiona o que o Imperador pensará de tal debate. Um dos políticos levanta o véu da cama e diz: ‘o Imperador dorme’. O trecho remete ao período da regência, quando o Imperador era jovem demais para exercer o poder”, disse.

Em sua crítica à escravidão, Gonçalves Dias lançou mão principalmente de argumentos econômicos, segundo o professor da UFSCar. A entrada do Brasil na modernidade, para o poeta, só se daria por meio da implantação do trabalho assalariado.

“Gonçalves Dias não fez uma leitura humanista, como a de Castro Alves. Ele acreditava na superioridade racial dos brancos. Mas, em sua visão, a escravidão era um atraso por impedir a adoção de um modelo capitalista”, disse.

(Este conteúdo foi acessado no site da Agência FAPESP em 25/04/2010. Todas as modificações posteriores são de responsabilidade do autor original da matéria).

NOTA

Acrescenta-se ainda ao apêndice uma relação de autores que produziram estudos sobre a obra de Antônio Gonçalves Dias.

Referências sobre o autor:

ANDRADE, Débora El Jaick. “A Árvore e o Fruto”: A promoção dos intelectuais no século XIX. Niterói: tese de doutorado, UFF, 2008.

Candido, Antonio. “Gonçalves Dias consolida o Romantismo”. Em *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1971, 4ª ed., vol. II

Franchetti, Paulo. “As Aves que Aqui Gorjeiam: A Poesia Brasileira do Romantismo ao Simbolismo” e “I-Juca-Pirama”, em *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007

Hollanda, Sérgio Buarque de. “Prefácio”. Em Magalhães, D.J.G. de. *Obras Completas*, vol. II. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1939

Sanches, Rafaela Mendes Mano. O indianismo sob a ótica de Gonçalves Dias e José de Alencar: tradição ou ruptura? São José do Rio Preto-SP: dissertação de mestrado, UNESP, 2009.

ANDRADE, Débora El Jaick. “A Árvore e o Fruto”: A promoção dos intelectuais no século XIX. Niterói: tese de doutorado, UFF, 2008.

Chiari, Gisele Gemmi. Cunha, Cilaine Alves (orient). *A presença do medievalismo em Gonçalves Dias um estudo das Sextilhas de Frei Antão*. São Paulo: dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2008. 224 p.

THIAGO GRANJA BELIEIRO. Índios e poetas: o instituto histórico e geográfico brasileiro e a invenção do indianismo literário. Assis: dissertação de mestrado, UNESP, 2007.

VALDINEI MOREIRA BORGES. *O léxico de Gonçalves Dias: para a construção de um glossário neológico*. Uberlândia: dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

PEREIRA, Danglei de Castro. POESIA ROMÂNTICA BRASILEIRA REVISITADA. São José do Rio Preto: tese de doutorado, UNESP, 2006.

Marcos Machado Nunes. O sublime tropical: transcendência, natureza e nação na formação do romantismo brasileiro. Porto Alegre: tese de doutorado, UFRGS, 2005.

OLIVEIRA, Andrey Pereira de Oliveira. *A poesia indianista de Gonçalves Dias*. João Pessoa: tese de doutorado, UFPB, 2005.

Giron, Luis Antônio. Faria, João Roberto (orient). Fraga, Eudinyr (orient). *A bacanal do espírito Gonçalves Dias folhetinista*. São Paulo: tese de doutorado, ECA-USP, 2004.

Patriota, Margarida de Aguiar. *Eu sou marabá vida e obra do poeta Gonçalves Dias e Brasil negreiro: quadros literários da escravidão: literatura brasileira em cena*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2004.

Peres, Marcos Roberto Flamínio. *A fonte envenenada transcendência e história em três hinos de Gonçalves Dias*. São Paulo, Nova Alexandria, 2003.

Wilton José Marques. *Poesia e persistência: sentimento íntimo e indianismo nos Primeiros cantos de Antônio Gonçalves Dias*. São Paulo: tese de doutorado, FFLCH-USP, 2002.

MESQUITA, Maria Auxiliadora Gonçalves de. *O Exílio e suas canções na literatura brasileira: um recorte analítico*. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.



ALMEIDA, Carlos Eduardo de. *História e literatura nos trópicos: o indígena na produção historiográfica e literária oitocentista*. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

Cunha, Cilaine Alves. Hansen, João Adolfo (orient). *Entusiasmo indianista e ironia byroniana*. São Paulo: tese de doutorado, FFLCH-USP, 2000.

Senna, José Antônio de Almeida. Khedi, Valter (orient). *A retórica na poesia romântica brasileira*. São Paulo: tese de doutorado, FFLCH-USP, 2000.

FIORI, Elizabeth. *A poesia romântica brasileira: corpus e canonizadores*. Londrina: dissertação de mestrado, UEL, 1999.

CYNTRAO, SYLVIA HELENA. *A IDEOLOGIA NAS CANCOES DE EXILIO - UFANISMO E CRITICA*. Brasília: dissertação de mestrado, UNB, 1997.

LEITE, Kátia Maria Barreto da Silva. *Canção do exílio: Releituras*. Recife: dissertação de mestrado, UFPE, 1997.

Moraes, Jomar. *Gonçalves Dias vida e obra*. [São Luís do Maranhão, Brazil], Alumar Cultura, c1998.

Lima, Israel Souza. *Biobibliografia dos patronos*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1997-2005. 8 v.

Garcia, Othon M.. *Esfinge clara e outros enigmas ensaios estilísticos*. 2a. Ed. Rio de Janeiro, RJ, Topbooks, c1996.

Wilton José Marques. *O poema e o paraíso*. Campinas: dissertação de mestrado, UNICAMP, 1996.

Melo, Gladstone Chaves de. *A excelência vernácula de Gonçalves Dias*. Niterói, RJ, EDUFF-Editora Universitária, Universidade Federal Fluminense, 1992Rio de Janeiro, Presença.

Matos, Cláudia. *Gentis guerreiros o indianismo de Gonçalves Dias*. São Paulo, SP, Atual Editora, 1988.

MADEIRA, Abegair. *I JUCA – PIRAMA DE GONCALVES DIAS: UMA LEITURA SEMIOTICA*. Florianópolis: dissertação de mestrado, UFSC, 1988.

Ricardo, Cassiano. *O indianismo de Gonçalves Dias*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1964.

Bandeira, Manuel. *Poesia e vida de Gonçalves Dias*. São Paulo, Editôra das Américas, [1962].

Corrêa, Viriato. *O grande amor de Gonçalves Dias comédia em três atos e seis quadros*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, [1959].

Jacobi, Ruggero. *Goethe, Schiller, Gonçalves Dias*. Porto Alegre, Edições da Faculdade de Filosofia, [1958].

Amora, Antônio Soares. *Gonçalves Dias e Herculano*. São Paulo, 1957. p. 4. O Estado de S. Paulo. Suplemento Literário, São Paulo, 19 jan. 1957.

Garcia, Othon Moacyr. *Luz e fogo no lirismo de Gonçalves Dias*. [Rio de Janeiro], Livraria São José, 1956.

Pereira, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*; Rio de Janeiro, J. Olympio, 1943.

Guerra, Álvaro. *Gonçalves Dias (sua vida e suas obras)*. São Paulo, Comp. Melhoramentos de São Paulo, c1923.

Henriques Leal, Antonio. *Antonio Gonçalves Dias; noticia da sua vida e obras, correspondente ao terceiro tomo do Pantheon maranhense*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1875.

Pereira-Caldas. Oliveira Lima Pamphlet Collection (Oliveira Lima Library). *Desafogo de saudade na desastrosa morte do distinto bardo maranhense Antonio Gonçalves Dias, na madrugada de 3 de dezembro de 1864, nos baixios dos atins nas costas de Guimarães no Maranhão, nas proximidades do pharol d'Itacolumim*. Braga, Typ. de Domingos G. Gouvea, 1865.



Gonçalves Dias

Considerações Sobre o Romantismo e Seus Poemas Amorosos

Zara Maria Paim de Assis¹

Antonio Gonçalves Dias faleceu há 190 anos. A sua obra é a mais complexa do nosso período romântico. Ele é considerado o nosso primeiro poeta lírico iniciando o segundo momento do Romantismo brasileiro. A literatura romântica no Brasil está relacionada com a Independência do país em 1822, com o desejo de uma pátria separada de Portugal, com aspiração de uma literatura nacional, expressando descontentamento com a pequena burguesia e a nobreza decadente. Gonçalves Dias com a sua poesia nacionalista e seu lirismo, fez oposição à aristocracia local.



O Romantismo desejava relatar uma realidade introspectiva e parcialmente fantasiosa. Examinavam suas almas de forma mórbida e masoquista. Acreditavam na dignidade do sofrimento por isso confessavam tempestades internas e fraquezas do coração. Idealizavam tudo e os fatos eram vistos como deveriam ser e não como realmente eram. Havia uma percepção pessoal, cultivando-se o individualismo. Seria o mundo interior (microcosmos), contra o mundo exterior (macrocosmos). Aspiravam à completa liberdade criadora e não gostavam de regras e normas. Eram motivados pela imaginação e fantasia. Consideravam que a pátria é sempre perfeita. A mulher era vista como frágil, bela, submissa, virgem e inatingível. O amor era preferencialmente espiri-

1 **Zara Maria Paim de Assis** – Zara Paim. Salvador – BA – **BRASIL** - 26/02/1953. Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Patologia, membro da Academia Luso Brasileira de Letras, na qual recebeu o primeiro lugar no concurso Joaquim Nabuco 2012 com o ensaio: “Gilberto Freyre – Contribuições Antropológicas e Sociológicas”. Membro da UBE-RJ recebendo medalha de bronze em 2012, da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, recebendo na prosa medalha de bronze em 2009, de prata em 2010, de ouro em 2011. Menção especial em 2012. Membro da ALAP, do InBrasCi, da Soc. Eça de Queiroz, Presidente da AMPLA – Ac. Mundial pela Paz, Letras e Artes, membro da APPERJ e da ABRAMIL. Membro Correspondente de Academias no Acre, Manaus e Paquetá. Desejei participar da Antologia homenageando Gonçalves Dias, porque gosto de ler o autor desde a minha adolescência. Minha mãe declamava poemas de Gonçalves Dias e Castro Alves. Resolvi enfocar de modo geral o Romantismo e especialmente a vida amorosa do poeta e os poemas inspirados em seus amores, destacando Ana Amélia Ferreira do Vale, o grande amor da vida do poeta.

tual e havia exaltação dos sentidos e de sentimentos como saudade, tristeza, nostalgia e desilusão. A volta ao passado era uma constante, à época medieval e ao seu próprio passado. Como no Brasil não houve Idade Média, os índios são transformados em cavaleiros medievais como símbolos e elementos formadores da nacionalidade. Cultivavam a natureza, considerando-se continuação da mesma. Era constante a exaltação do nacionalismo pela força da paisagem, da natureza. O patriotismo predominava, mas só as qualidades eram destacadas. Na escolha dos heróis dificilmente optavam por um nobre. O poder do povo (liberalismo), vencia o absolutismo, ou seja, a monarquia. Os heróis eram geralmente retirados da história e tinham em comum o fato de serem patriotas exilados, amantes recusados e uma vida trágica. Cultuavam o sonho, a imaginação, os mistérios, a fantasia, sem uso da razão ou fundamentação lógica. A vida espiritual e a crença em Deus era uma reação ao materialismo dos clássicos ou seja, combatiam a vida unicamente para gozos e bens materiais. A religiosidade era um ponto de apoio para combater as frustrações da realidade. O Romantismo em Portugal foi lento e incerto. Ocorreu após a invasão francesa quando a Corte portuguesa fugiu para o Brasil e houve o desejo dos brasileiros de se libertarem de Portugal.

O ponto de partida do Romantismo português foi o poema *Camões*, de Garret em 1825, A França já alavancava o projeto Renascentista e o Realismo se iniciava em Paris.

Gonçalves Dias sobressaía-se principalmente nas poesias americanas ou seja de cunho indianista com forte sentimento patriótico e grande apreço pela natureza. Celebrou o índio, como nosso cavaleiro medieval, com trabalhos como, *Os Timbiras*, uma verdadeira epopeia, considerada a mais inspirada obra indianista em nossa poesia, embora incompleta. *A Canção dos Tamoios* e *I - Juca Pirama*, uma obra prima, um poema com grande vigor da linguagem e sentimento épico-dramático. Imaginava os índios nos critérios aristotélicos e não como eram na vida real. Os críticos o consideraram insuperável no gênero americano ou indianista. Prestigiou também o africano, que nos deu uma grande contribuição com *Escrava* onde lamentou o sofrimento da raça que tanto contribuiu em nossa formação étnica e cultural. É considerado a primeira voz definitiva que integrou a poesia na consciência nacional.

Gonçalves Dias fazia parte da 1ª geração de Românticos e era seu principal representante.

Eram os indianistas ou nacionalistas que buscavam a identidade nacional, reverenciavam a natureza, voltavam ao passado e ao medievalismo, transformando os índios em cavaleiros com heroísmo e sentimentalismo. Nasceu quando na sua província no Maranhão ainda lutavam pela libertação da Pátria. Foi um grande incentivador da poesia brasileira e Alceu Amoroso o definiu como “nosso Homero” Mereceria o título de maior poeta do Brasil? Existe uma grande polêmica sobre o assunto. Para uns o título seria de direito de Gonçalves Dias; para outros seria o baiano Castro Alves que pertenceu a terceira geração de poetas românticos brasileiros, foi o seu maior destaque e se caracterizavam pela poesia libertadora e social. O condor era o símbolo desses poetas.

O estilo literário de Castro Alves grandiloquente e vibrante se diferencia do épico mais tranquilo, mas não menos admirável de Gonçalves Dias. No auge de suas juventudes viveram em períodos políticos diferenciados. Gonçalves Dias conviveu com os conflitos da separação Brasil-Portugal e mais tarde com a Balaiada. Os temas patrióticos abordados por ambos, tinham em comum a revolta contra as injustiças sociais, mas Gonçalves Dias clamava pela consciência nacional ainda imberbe, daí os seus poemas americanos. Castro Alves já encontrou o sentimento sedimentado na alma do brasileiro, mas as injustiças sociais persistiam, inclusive a escravidão negra que tocou fortemente o seu coração. Faleceu muito jovem com 24 anos e não desenvolveu todo o seu potencial. Os partidários de Gonçalves Dias afirmavam que Castro Alves não metrificava direito e os partidários de Castro Alves diziam que Gonçalves Dias escrevia como um português de Trás-os-Montes.

Gonçalves Dias não foi abolicionista como Castro Alves, mas deu o primeiro grito contra a escravatura em *Meditação*, uma obra inconclusa publicada em 1836 na imprensa como folhetim. Relatou o sofrimento dos escravos.

Ambos foram geniais e não há como mensurar os seus talentos. Anatole France dizia que “o grande poeta de toda nossa vida é aquele que nos encantou a juventude”.

Neste ensaio destacamos o lirismo de Gonçalves Dias advindo de amores, com o traço marcante do desencanto e do sofrimento.

O poeta nasceu em 10 de agosto de 1823, no sítio Boavista, em terras de Jatobá, a quatorze léguas de Caxias, no Maranhão. O pai era um português de Trás-os-Montes, Manuel Gonçalves Dias que vivia maritalmente com a cafusa maranhense Vicência Mendes Ferreira. O poeta era portanto, fruto do cruzamento de três raças, o branco, o índio e o negro. Com um ano de idade seus pais mudaram-se para Caxias. Posteriormente seu pai viajou sozinho para Portugal passando dois anos refazendo-se das represálias do movimento da Independência quando foi partidário de que o Brasil continuasse unido a Portugal. Regressa a Caxias retomando os seus negócios e casa-se com Adelaide Ramos de Almeida, levando o filho em sua companhia, separando-o de sua mãe. É importante citar este afastamento precoce do poeta do convívio materno, porque o trauma poderia ter contribuído para sua personalidade nostálgica e um tanto depressiva, mas a bem da verdadeira sua madrastra parece ter sido uma senhora de bons princípios que o tratava com carinho e se interessava por ele. Aos quatorze anos de idade, em 1837 perde o pai já adoentado. Pai e filho foram para São Luis, pretendiam embarcar para Portugal. Ele iria prosseguir os estudos e o pai consultar médicos. O pai faleceu em São Luis e para o poeta foi um grande sofrimento; perder seu protetor e não partir para Coimbra, retornando a Caxias. Decepcionado e triste, pensou que não mais viajaria para Coimbra e os amigos que conheciam o seu talento e genialidade pensaram em custear seus estudos, mas sua madrastra o enviou para Portugal com recursos da família.

Já instalado em Coimbra passou por uma situação muito difícil em 1838. Devido a Balaiada, sua família em Caxias, a madrastra e quatro irmãos, têm dificuldades finan-

ceiras e solicitam o seu regresso ao Brasil, o que não aconteceu. Concluiu os estudos preliminares e ingressou no curso de Direito em 1840 graças à ajuda dos condiscípulos que eram seus admiradores. Podemos citar entre eles João Duarte Lisboa Serra e Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, seu amigo durante toda a sua vida. A ajuda dos amigos foi fundamental, mas sentiu-se profundamente humilhado. Os colegas se reuniram para assegurarem a mesada que recebia da madrastra. Essa situação marcou muito na sua personalidade, isso fica patente quando anos depois sobre o assunto diz: "triste foi minha vida em Coimbra, que é triste viver fora da pátria, subir degraus alheios e por esmola sentar-se à mesa estranha. Essa mesa era de bons e fiéis amigos; embora! O pão alheio, era o pão da piedade, era a sorte do mendigo". Percebe-se que seria mais um fato contribuindo para sua personalidade melancólica.

Gonçalves Dias foi advogado de formação, um grande poeta, teatrólogo, jornalista e etnólogo e tradutor. Foi considerado cientista e pensador pelo seu trabalho, *O Brasil e a Oceania* com estudo da capacidade cultural do índio brasileiro comparando-o a dos povos que habitavam a Oceania. A pesquisa foi apresentada no Instituto Histórico Geográfico do Rio de Janeiro. Como poeta os temas indianistas ou nacionalistas foram o apogeu da sua carreira. O brilho foi inigualável e encobriu um pouco os demais gêneros literários. Foi um grande expoente do Romantismo no Brasil. Escreveu quatro peças de teatro, que passaram despercebidas para os seus contemporâneos. Foram reconhecidas só após a sua morte. A sua obra mais importante, foi o drama, *Leonor de Mendonça*, considerada a melhor obra literária do gênero do século XIX, mas se reporta à época medieval.

Em Portugal fez amizade com os escritores do movimento português, Almeida Garret, Alexandre Herculano e Feliciano de Castilho.

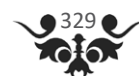
Ainda em Coimbra em 1841 ingressou no grupo de poetas de José Freyre de Serpa Pimentel, diretor da *Gazeta Literária* e João de Lemos, fundador do *Trovador*. Publicou então os primeiros versos sobre a coroação de D. Pedro II no Brasil, que eram recitados pelos seus patrícios em Coimbra. O poeta expressa o seu sentimento de saudade da pátria em 1843 escrevendo o seu poema mais famoso, *Canção do Exílio* observa-se grande simplicidade, com a técnica de repetição de versos (anáfora), grande musicalidade, muita inspiração sugerindo paz e silêncio como no poema de Goethe, *Wanderer Nachtlied*. O poema foi publicado no livro *Primeiros Cantos*, com epígrafe de Goethe que cita plantações de limões, laranjas de ouro e o desejo de estar neste local. O seu primeiro biógrafo e amigo Antonio Henriques Leal afirmou que o poema fazia parte de um capítulo de romance *Memórias de Agapito Goiaba*, destruído por Gonçalves Dias. O poema é um exemplo clássico do lirismo do período romântico que se iniciou no Brasil em 1836 com o poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães que publicou em Paris no primeiro número da revista *Niterói: Ensaios sobre Literatura Brasileira*. No mesmo ano lançou no Brasil o livro de poesias *Suspiros Poéticos e Saudades* introduzindo o Romantismo no Brasil e já denunciava a situação deplorável dos negros.

Gonçalves Dias nos seus poemas de amor inspirava-se principalmente nas suas próprias tristezas e desencantos. Era genial, muito culto, sensível e tímido.

Em Portugal surgem os seus versos de amor na chamada “fase Coimbra”, *Minha vida e meus amores*, inspirado em três experiências amorosas: a filha da dona da pensão onde se hospedou em Lisboa, por quem se apaixonou desejando até se casar com a moça, no que foi dissuadido pelo colega Alexandre Teófilo. Relacionou-se com uma jovem de Formoselha, região próxima de Coimbra. Conheceu outra moça chamada Engracia em Coimbra, um romance mais consistente segundo Manoel Bandeira. Ela o esqueceu e o substituiu por outro amor.

Escreveu então: *Recordação* com versos como: “que a sós contigo com prática serena” / ... O pranto / Então dos olhos meus corre espontâneo, / Que não mais te verei...” *Sempre ela*, escrevendo: “Procurando apagar a imagem dela / Que tão inteiramente me ficara n’alma / Deixando-me sem norte no mar d’angústias”, *Delírio*. “Acordado ou dormindo, é triste a vida/ Dês que o amor se perdeu” e *Amor, Delírio – Engano*, “Com o seu coração o do outro amante, / Que mais feliz do que eu, inferno! A goza / Ela que eu respeitei, que eu venerava”.

O poeta parte para o Rio de Janeiro em 1846, ficando até 1851, publicando seus três livros de *Cantos*. Em 1846 namora uma judia e depois uma moça a quem dedicou o mote: “Não posso dizer que não, / Não posso dizer que sim” constando do poema “*Volts e Motes Glosados*, publicado postumamente”. Em Niterói chegou a ter três namoradas ao mesmo tempo e para uma delas escreveu *Os Suspiros*: “Eu amo ouvir teus suspiros / Como um cântico de amor.../ O doce virgem mimosa”.



Ainda em 1846 conheceu uma linda jovem de 14 anos, Ana Amélia Ferreira do Vale, quando se hospedou em São Luis por cinco meses na casa do amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal Ficou muito impressionando com sua beleza.

Ana Amélia era prima e cunhada de Alexandre Teófilo. Após o impacto da grande admiração escreveu inspirado na moça, *A Leviana*, comparando-a a uma rosa: “És engraçada e formosa / Como a rosa.../ Tu és vária e melindrosa,... Compôs *Seus olhos*, um lindo poema elogiado por Alexandre Herculano que o considerou “uma das mais mimosas composições líricas que tenho lido em minha vida”. Observa-se no poema que usa a anáfora “Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros”. Os versos, “E os olhos tão meigos, que o pranto umedece”. / Me fazem chorar” demonstram uma forte emoção. Compôs também para Ana Amélia adolescente, *Mimosa e Bela* com versos como: “Há na vida um somente / Um só amor inocente, / Uma só firme paixão” demonstrando um sentimento muito forte e caloroso

Em junho de 1846 pariu para o Rio de Janeiro permanecendo cinco anos, publicando seus três livros de *Cantos*, ganhando notoriedade e fama.

Observa-se claramente um grande diferencial entre os poemas do livro *Primeiros Cantos* (1847), dos *Segundos* (1848) e *Últimos* (1851). Nos *Primeiros Cantos*, havia um grande encantamento inspiração e musicalidade com forte sentimento patriótico e ufanismo por ser brasileiro.

É interessante destacar que, *Olhos verdes* em 1848, foram inspirados em uma carioca, tem um tom gracioso, leve e um pouco arcaico, num estilo camoniano, com epígrafe de Camões com os versos: Os olhos mostram a alma... / De uns olhos cor de esperança.../ Davam amor sem amar!”“Usa a figura da anáfora no verso “Depois que os vi”! Repete várias vezes.

Em maio de 1851 retorna ao Brasil e em São Luís reencontra Ana Amélia já moça feita no auge de sua beleza, no engenho de Alexandre Teófilo. A forte impressão transforma-se em ardente paixão originando um grande amor. O maior de sua vida.

O poeta resolveu fazer o pedido de casamento por carta à mãe de Ana Amélia, Sra. Lourença Ferreira do Vale que recusou com veemência. Ele ficou arrasado e humilhado. Era um homem tímido, melancólico e complexado. Havia um grande preconceito racial e de estirpe. Sua origem modesta e o fato de ser mulato o entristecia mesmo com todo o seu brilhantismo reconhecido. É possível que o seu amigo, Alexandre Teófilo, tenha relatado à família em outra ocasião as paixões de Gonçalves Dias, inclusive as que originaram versos líricos apaixonados no passado, em Portugal quando estudava em Coimbra.

Ana Amélia era apaixonada pelo poeta e já com dezenove anos, propôs por carta, fugirem para casar, ficando decepcionada e revoltada porque ele não teve coragem de enfrentar a situação, romper com o amigo Alexandre Teófilo e com as convenções sociais. Amargou um grande arrependimento pelo resto da sua vida.

Em 1852 em Recife, participou de uma reunião, um sarau, com senhoras da alta sociedade pernambucana e discutia-se se o amor poderia matar. O poeta muito sofrido com a desilusão amorosa escreveu o poema, *Se se morre de amor*, com epígrafe de Schiller “mares, montanhas, e horizontes separam os que se amam, mas as almas fogem das prisões sombrias e se encontram no paraíso do amor”. No poema, Gonçalves Dias profundamente triste escreve: “Amá-la, sem ousar dizer que amamos,/ “Temer qu’olhos profanos nos devassem / Isso é amor, e desse amor se morre!”

Inseguro, triste e humilhado, casa-se em 26 de setembro de 1852 no Rio de Janeiro com Olímpia Coriolano da Costa, filha do conhecido médico Cláudio Luis da Costa. Após o casamento do poeta, Ana Amélia resolve se casar com um português, Domingos Porto, vice presidente do Maranhão e comerciante. Era mulato e bastardo como Gonçalves Dias, sugerindo que desejava afrontar a família, que novamente não concordou com a sua união com um mestiço. Recorreu à justiça, com ganho de causa.

Um mês após o casamento, o comerciante fracassou nos negócios, mudando-se com a esposa para Portugal. Acredita-se que a oposição da família Vale ao casamento foi a causa da falência. Muitos dizem que foi fraudulenta.

É importante ressaltar que desde 1847, quando publicou *Primeiros Cantos*, no Rio de Janeiro e além-mar, Gonçalves Dias já era um escritor famoso. Era professor de Latim e História do Colégio Pedro II, pesquisador do Instituto Histórico e Geográfico, redator de debates do Senado para o Jornal do Comércio e da Câmara dos Deputados para o Jornal Correio Mercantil. Era sócio da *Revista Guanabara*, fundada com Araujo

Porto Alegre e foi sagrado Cavaleiro da Ordem da Rosa, pelo Imperador D. Pedro II; foi nomeado Oficial da Secretaria de Negócios Estrangeiros. Em 1851 foi encarregado de estudar a instrução pública nas províncias do Norte, pesquisando arquivos na Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Era um homem prestigiado no campo cultural.

Não era rico, mas deveria ter condições financeiras para se casar. O preconceito da família Valle deveria ser de raça e casta.

Em 14 de junho de 1854, Gonçalves Dias embarcou para a Europa para estudar metodologia do ensino em instituições públicas e coletar arquivos estrangeiros de documentação da História do Brasil. Levou a esposa e uma cunhada. Em outubro de 1854 nasceu sua filha Joana, em Portugal, que faleceu precocemente no Rio de Janeiro. Posteriormente, o casal se separou. Cita-se o temperamento difícil de Olímpia, mas sabe-se que em qualquer época, é complicado o bom relacionamento de um casal, quando um dos cônjuges, contrai matrimônio sem amor, magoado e humilhado, com o coração ocupado por outra pessoa, com uma paixão contrariada. O poeta fez um casamento de conveniência para abrandar a sua humilhação.

Passou quatro anos na Europa, de 1854 a 1858 e há relatos de aventuras amorosas do poeta como: Cèline que conheceu em 1856, era de Bruxelas. Amélia, brasileira, visitava a Europa com os pais. Natalia e Leontina eram alemãs. Josephine e Eugenia eram francesas. Os romances não lhe inspiraram poemas de amor. Parece que estava desencantado de tudo.

É impressionante tantos amores na vida de um homem de saúde precária. Em 1850 contraiu febre amarela, desenvolvendo ao longo dos anos doença hepática crônica e nos últimos anos de vida apresentava também gastrite e angina pectoris.

Quis o destino que o poeta em 1855 encontrasse casualmente Ana Amélia. Estava casada e residindo em Lisboa. O encontro foi em um jardim. Ela desgostosa e magoada sequer o olhava, parecia não o reconhecer, mas com o peito ofegante, percebendo-se a emoção. Os olhos cheios de lágrimas demonstrando tristeza.

Emocionado pelo encontro escreveu o poema *Ainda uma vez – Adeus* no período compreendido entre 18 e 21 de maio de 1855, em Lisboa, o mais comovente poema de amor da sua obra. Ele pede perdão, confessa seu amor por ela e define que foi louco por não ter ousado enfrentar as convenções sociais e pede perdão também por condená-la à infelicidade. Confessa que errou, entendendo o mal que fez a ambos, com versos como: “De mim. afasta teu rosto?... / Perdão! de não ter ousado / Viver contente e feliz”!

Entendemos que a decepção com um grande amor contrariado poderia deflagrar uma nostalgia incurável, mas o sentimento de insatisfação e tristeza é anterior ao desencanto do amor perdido. Antes do triste episódio ocorreu a publicação dos Últimos Cantos (1851), contendo o poema, *Lira quebrada*, com versos como: “Um querer sem motivo, um tédio à vida... / Anelo d’outro mundo e d’outras coisas; / Lira quebrada, coração sem forças,”. Nesse livro de poemas escreveu uma dedicatória para o amigo Alexandre Teófilo e confessa-se sem fontes de inspiração, perdida a fé e o entusiasmo

nas “dores de um espírito enfermo – fictícias, mas nem por isso menos agudas – produzidas pela imaginação como se a realidade já não fosse por si bastante penosa”. Demonstrava tristeza e desesperança, embora jovem. Estava com 26 anos e muito vitorioso como intelectual. Citava, “o sofrimento de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacáveis, renascentes – ligados a minha existência, reconcentrados em minha alma, devorados comigo”.

Seria um sofrimento pela sua origem modesta e por ser mulato? Ou estaria relacionado a outras tristezas do seu passado, humilhação por viver uma fase da sua vida com a ajuda financeira dos amigos, quando estudou em Portugal graças à bondade dos colegas?

É possível, que todos os fatos, inclusive a separação precoce do convívio com a mãe, tenham contribuído para a sua sensibilidade exacerbada e nostálgica.

É estranho casar-se sem amor com Olímpia, como dizem, apenas para que Ana Amélia desistisse de fugir com ele! É muito difícil acreditar. Seria uma personalidade depressiva por essência? Poderia carregar nos seus genes a alma sofrida? Neste caso seria uma personalidade depressiva, não necessitando de motivo real, palpável para sê-lo. Citava quando era muito jovem: sofrimento de todos os dias, de todos os instantes... (na dedicatória para Alexandre Teófilo em 1851, na publicação dos Últimos Cantos) e no poema *Lira quebrada*, com versos como: “Um querer sem motivo, um tédio a vida...” que constam do livro citado.

Na era contemporânea pessoas com essa melancolia incurável e constante sem causa aparente, são tratadas com psicólogos e/ou psiquiatras; muitos reverterem o quadro clínico. Seria o caso do poeta?

No ano de 1861 escreveu poemas inspirados na lembrança de Ana Amélia, no período de maio a junho em Manaus. Em trinta de maio escreveu, *Oh! Que acordar*, em que se observa grande sofrimento com versos como “É ser morto por dentro e dizer d’alma / Jamais feliz.serei... / Este penar do inferno”. Em dezesseis de junho compôs o poema *Se muito sofri já, não me pergunte*, com grande amargura diz: “Matar-me, não; que quero ver-te ainda / Feliz nos céus”, demonstrando religiosidade, porque os suicidas, pensava-se que não iriam para o paraíso. No dia seguinte, em dezessete de junho redigiu *No Jardim*, com reminiscências talvez da convivência no engenho de Alexandre Teófilo, com realidades e sonhos misturados comparando-a com mulheres portuguesas do passado que despertaram grandes amores, como D. Beatriz, filha de D. Manuel ou D. Inês de Castro e a princesa Elisabeth da Inglaterra, cantada por Spencer em *The Faerie Queene*). Os versos relembram: “Lembra-te o Jardim, querida!... / A luz do teu santo amor!.../ De amor minha alma inundar!” Ainda em dezessete de junho escreveu *A Baunilha*, comparando-se a uma palmeira e a Ana Amélia a baunilha trepadeira epífita que se enrosca no tronco da palmeira, apoiando-se nela; a baunilha lhe dando alegria e perfume com versos como: “Eu sou da palmeira o tronco, / Tu a baunilha serás!/ Se sofro, sofres comigo.” Em 25 de junho produziu, *Se te amo, não sei*. No poema declara

que amar e pensar nela o tempo todo, esquecendo-se de si, “Se é pensar, velando em ti,
/ Se é ter-te n’alma presente,/ Todo esquecido de mi!

Ainda em Manaus em vinte e cinco de junho escreve o poema *Como! és tu?* Quando imagina o casamento de Ana Amélia, desejando-lhe venturas, inclusive que seja tão amada pelo esposo como foi por ele. Define que ela se casou seguindo o seu exemplo, e que contraiu matrimônio antes dela. É uma poesia publicada postumamente que guarda fortemente o estilo do poeta dos *Cantos*, com versos como “E vais! e és tu mesma?/ Fui eu quem te deu o exemplo.../ Sei que te aguardam no templo”.

Em 1862, Gonçalves Dias em Recife foi aconselhado por um médico a procurar atendimento na Europa, pela gravidade do seu estado de saúde. Dirigiu-se à França tratando-se em vários países da Europa como Vichy, Marienbad, Dresde, Berlim, Bruxelas, Schweizermuhle, Koenigstein, Teplitz e Carisbad. Submeteu-se a uma cirurgia na úvula em Bruxelas e em 25 de outubro de 1863 vai para Lisboa concluindo a tradução de *A noiva de Messina*, de Schiller. Posteriormente, retorna a Paris em fins de abril de 1864 e freqüenta estações de cura mas seu estado de saúde não melhora. É possível que seu estado psíquico triste e amargurado, com tendência depressiva tenha contribuído para o agravamento de sua doença.

Em 10 de setembro embarca no Havre, no navio Ville de Boulogne que naufragou na costa do Maranhão no dia três de novembro de 1864. Todos os passageiros foram salvos, exceto o poeta que muito doente, no leito, foi esquecido. A morte no mar aos 41 anos de idade nos faz recordar que compôs *o Mar*, o mais lindo dos seus hinos religiosos em 1845 quando retornava ao Brasil na brigue Castro II. Ficou impressionado com o rugir dos ventos na tempestade e o retorno a calmaria, evidenciando para ele, o poder de Deus. Sobre a sua trágica morte, Machado de Assis declarou: “que a poesia nacional cobre-se, portanto de luto... Morreu no mar túmulo imenso para o talento”. Declarou também sobre a perpetuidade dos versos de Gonçalves Dias que, “eles serão repetidos enquanto a língua que falamos for a língua de nossos destinos”. José de Alencar disse: “Gonçalves Dias é o poeta nacional por excelência, ninguém lhe disputa na opulência da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos seus costumes selvagens”.

O poeta era muito culto. Conheceu autores gregos, latinos, italianos, franceses, ingleses e espanhóis. Isto fica muito claro nas epígrafes de seus poemas. Deve ter sofrido influência de alguns escritores importantes, mas a sua maior fonte foi Almeida Garrett que conheceu em Portugal quando estudou em Coimbra. Segundo M. Nogueira da Silva foi influenciado por Chateaubriand, Lamartine, Vigny, Musset e Sainte-Beuve. Alguns autores admitem a influência de Victor Hugo, talvez pelo uso de anáforas, mas estas eram frequentes na tradição luso brasileira.

Gonçalves Dias influenciou muitos poetas que o sucederam, mas cita-se Vicente de Carvalho que escreveu *A Flor e a Fonte*, inspirando-se no famoso poema do poeta, *Não me deixes* e *Palavras ao Mar* que se inspira no poema, *O Mar*. Também Manoel Bandeira parece ter sido tocado pelo lirismo galego-português do *Soldado Espanhol* do

poeta com epígrafe de Victor Hugo, nos seus poemas *Desencanto*, *Chama e Fumo*, *Poemeto Irônico* e principalmente *Solau do Desamado*.

Durante a vida de Gonçalves Dias, observou-se a edição dos melhores textos do poeta. Em 1847 foi editado no Rio de Janeiro o seu livro de estréia, *Primeiros Cantos*, pela Tipografia Universal de Laemmert. Publicou ainda em 1847 o drama *Leonor de Mendonça*, pela Tip. Imp. e Const. de J. Veleneuve & Camp. Em 1848 saiu no Rio de Janeiro, *Segundo Cantos* que incorporou também as *Sextilhas de Frei Antão* pela Tipografia Clássica de José Ferreira Monteiro. Em 1851 foi editado *Últimos Cantos*, pela Tipografia de F. de Paula Brito, no Rio de Janeiro.

Os poemas incluídos mais tarde nas suas obras completas não irão superar os *Livro dos Cantos*, exceto talvez o poema *Ainda Uma Vez – Adeus*, que foi publicado pela primeira vez na edição completa de seus *Cantos*, publicada em 1857 em Leipzig, pelo editor F. A. Brockhaus.

As Obras Póstumas, inicialmente, foram editadas por Antonio Henrique Leal em São Luis do Maranhão, impresso por B. de Matos na Tipografia da Rua da Paz, entre 1868 e 1869 em seis volumes.

Existem outras edições póstumas e cita-se a de Manoel Bandeira em 1944, pela Companhia Nacional de São Paulo, sob o título: *Obras Poéticas de A. Gonçalves Dias*, uma edição primorosa.

Silvio Romero em 1949 disse: “Na poesia, no teatro, na história, na etnografia, Gonçalves Dias fez-se ouvir com elevação e inquestionado valor”.



REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manoel, *Gonçalves Dias Poema*, 9ª ed, Rio de Janeiro, Ed. Abril, 1979
- FERREIRA, Maria Celeste, *O indianismo na literatura romântica*, Rio de Janeiro, Departamento da Imprensa Nacional, 1949
- MONTELLO, Josué, *Para conhecer melhor Gonçalves Dias*, 1ª ed, Rio de Janeiro, Block Editora, 1973.
- MONTELLO, Josué, *Poesias completas de Gonçalves Dias*, Rio de Janeiro, Ed. Científica, 1965
- ROMERO, Silvio, *História da Literatura Brasileira*, 4ª Ed. , São Paulo, José Olympio, 1949, V.3
- SILVA RAMOS, P. Eugênio, *Poesias de Gonçalves Dias*, Rio de Janeiro, Ediouro Grupo Coquetel.
- SOUZA PINTO, Manoel de, *Gonçalves Dias em, Coimbra*, Coimbra, Coimbra Ed. 1931.



Gonçalves Dias

Arlindo Nóbrega¹

Eu ainda era guri de calça curta, jogando bola de gude na rua de chão batido, me lembro bem, quando ouvi e vi algo do grande poeta Gonçalves Dias. Era a iluminada fase do antigo grupo escolar e esse grupo era o Assis Chateaubriand, na então cidadezinha, Campina Grande, na Paraíba velha de guerra, hoje, incontestavelmente, uma grande cidade, e que, de fato, faz jus ao nome, considerado um dos polos culturais mais importante do Nordeste abrasador. Isso, nos tempos em que o ensino e a formação do caráter eram precípua preocupação de pais, professores e educadores.

Naquela época, os cadernos traziam na contracapa o hino nacional, bem ao contrário de hoje. Esse lindo hino, por sinal, era cantado por toda a escola, na hora de entrada para a aula. Era o puro civismo a serviço do futuro promissor da pátria, como se alardeava.



Outra coisa que não me sai da memória. Em Campina, a exemplo de inúmeras cidades deste Brasilão de Deus, havia a rua Gonçalves Dias. Ainda existe. Fica na zona do mercado central bem próxima ao centro. Ao passar por ela, confesso que me sentia o próprio poeta.

Eu, como todo moleque levava a vida “na valsa”, como se dizia, isto é, sem pressa e sem preocupação com o amanhã. Lembro-me bem que, pelo menos uma vez por mês poetas e escritores brasileiros eram evidenciados, certamente que numa forma de já desde então, se tomar gosto pela leitura, fosse prosa, fosse poesia. Cada qual, seguiria seu rumo e eu, de tanto ouvir falar em parnasianismo, acabei tomando gosto pela poesia e dentre tantas que nos eram apresentadas, uma parece ter vindo para ficar. Gravei na memória, este verdadeiro hino pátrio Canção do Exílio, justamente de Gonçalves Dias e dentro da curiosidade própria de moleque, quis saber tudo do vate maranhense. Estava em evidência, o programa O Céu é o Limite, conhecimentos gerais pela extinta TV Tupi, comandado por J. Silvestre e eu sonhava em participar, falando claro, do poeta. Ora, na minha ingenuidade não sabia o que era canção, nem tampouco, sabia o

¹ É poeta, escritor e jornalista e formado em Letras.

que significava exílio. E minha professorinha, aquela que me ensinou o beabá, pacientemente me falava e eu vibrava.

Um belo dia, cheguei a ensaiar meus primeiros versos, confesso, que, inspirado em Gonçalves Dias. Claro que não eram lá essas coisas, mas pelo menos a vontade de seguir seus passos ficava patente e até recebia elogios pelo meu esforço. Elogios esses em forma de incentivo e fui em frente.

O tempo passou, a coisa mudou e já homem feito, tive de dividir a escola com o trabalho. Depois de insistir em permanece no meu torrão natal, claro, por questão de sentimentalismo, afinal lá estavam familiares, amigos e meu amor primeiro, me rendi à necessidade de dias melhores. A vida era difícil. Trabalhava muito e ganhava pouco, já como jornalista de rádio e jornal, o chamado foca.

De repente a ideia de tentar a sorte numa cidade grande, o eixo Rio/São Paulo, até hoje, a mola propulsora deste país e não deu outra. Com a cara e a coragem, tomei o rumo da “cidade maravilhosa”, na esperança de, entre alguns contrerrôneos lá radicados me dá bem. Fui, vi, mas não venci. Afinal, levava uma apresentação para os Diários e Emissoras Associados, à qual era vinculado na Paraíba, (Rede Tupi), que já se encontrava em fase de extinção. O seu fundador, o paraibano de Umbuzeiro, Assis Clateaubriand havia falecido e tudo ia por água abaixo, a começar justamente por Rio/São Paulo, a fonte geradora de tudo, em nível nacional. E como que por sina, recordo que ao ir à feira dos nordestinos, em São Cristóvão, numa linda manhã de domingo, lá num cantinho, sem praticamente ninguém passar por lá, percebi uma espécie de sebo. E ao chegar, dei de cara com dois volumes (tomos). Obras Completas de Gonçalves Dias, já amarelada pelo tempo e outra vez, o grande vate maranhense no meu caminho. Conteí o que tinha no bolso, correndo o risco de ficar sem o dinheirinho de um simples lanche, mas comprei os dois volumes. E enquanto não decidia o rumo a seguir, sua leitura me quebrava o galho, na pensão por ali mesmo nas redondezas da feira.

Em dado momento, resolvi tentar São Paulo, pois já me encontrava relativamente perto da chamada “locomotiva do Brasil” e o mais importante, resolvido a esquecer as Associadas, à beira de seu desaparecimento, não total, pois era um império, tanto que ainda resta um pouco desse mesmo império.

Sorte ou merecimento, me dei bem. Retomei minhas atividades jornalísticas, no então Diário Popular da família portuguesa Rodrigo Lisboa, o atual Diário de São Paulo e fui firme.

Tirei um monte de trabalhos da gaveta, os selecionei e consegui lançar o primeiro livro. Átomos do Coração e de lá a esta parte, vieram outros, inclusive trova (que adoro) e prosa.

No momento, mais alguns estão na fila que espero, não seja tipo INSS, ou seja, interminável.

Depois de toda essa epopeia, afirmo de peito aberto: continuo a “cantar” A Canção do Exílio.

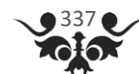


A vida e a obra de Gonçalves Dias: Um lírico nacionalista que consolidou na identidade nacional do Brasil o romantismo e a literatura

Joabe Rocha de Almeida¹
Erlinda Maria Bittencourt²

*“Estou com a mania de me meter a frade, ou ordenar-me padre,
talvez que eu chegue a ser bispo com biocos de virtude postiça”
(Gonçalves Dias, carta de 23/1/1847 ao amigo Teófilo).*

*“Estou com a mania de me meter a frade, ou ordenar-me padre,
talvez que eu chegue a ser bispo com biocos de virtude postiça”
(Gonçalves Dias, carta de 23/1/1847 ao amigo Teófilo).*



RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise acerca da vida, da obra e dos feitos de Antônio Gonçalves Dias, bem como mostrar que foi este lírico que contribuiu para a formação da identidade nacional do Brasil na literatura, no romantismo e até mesmo nos costumes. É importante destacar que antes de Gonçalves Dias, o Brasil ainda não possuía uma identidade própria, visto que toda a sociedade e a cultura brasileira estavam centradas numa imagem europeizada. Foi através do indianismo e do regionalismo que Gonçalves Dias formou seus poemas, pois não havia nada mais nacional neste país do que a natureza e o Índio que sempre estiveram presentes em seus escritos.

Palavras-chave: Gonçalves Dias; Identidade nacional; Literatura; Romantismo.

-
- 1 Graduando em História pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA; Caxias – MA – BRASIL - 06/04/1992; E-mail: joabe_cx.2012@hotmail.com
 - 2 Professora Mestre em Ciências da Educação. Assistente do Departamento de Letras – CESC/UEMA e orientadora do artigo em pauta, Especialista em Língua Portuguesa pela PUC/MG e em LIBRAS pela Athenas - MA; Mestre em Ciências da Educação UEMA/IPLAC-UFC. Membro Fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias – IHGC, Diretora de Cultura da Academia Sertaneja de Letras, Educação e Artes do Maranhão – ASLEAMA, Diretora de Relações Públicas do Rotary Club de Caxias. E-mail: erlindabittencourt@yahoo.com.br

Introdução

A situação histórico-cultural em que viveu Gonçalves foi marcada pelas grandes mudanças sociais, econômicas, culturais e ideológicas. Período que vai de 1750 a 1850, quando o país passava por todo contexto de independência, com a efervescência democrática do período regencial, uma crescente valorização da pátria e exaltação verbal. É nessas instabilidades conturbadas que as obras gonçalvinas aparecem dando um novo olhar sobre as características do romantismo e um novo movimento literário. Quando Gonçalves Dias nasceu em 1823, a Europa já havia influenciado vários países, com o movimento romancista e literário, principalmente o Brasil. Isto porque os principais países europeus da época viviam sob um longo período de lutas, revoluções, crescimento burguês, e combate ao conservadorismo monárquico.

Revolução Industrial de 1760 na Inglaterra e Revolução Francesa de 1789 criaram um novo cenário na história. Cenário de lutas onde, aparecem as ideias iluministas com o ideal de uma forma de governo democrático, de liberdade, igualdade e justiça. Segundo Afrânio Coutinho (1969), foi à vinda de D. João VI em 1808 desembarcado no Rio de Janeiro, que a partir desse contexto histórico apareceram as primeiras bibliotecas, as escolas superiores, como por exemplo, as faculdades de Direito de São Paulo e Recife, criadas em 1828. Outro feito nessa época foi criação do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, onde Gonçalves Dias pode confeccionar em 1858 seu primeiro dicionário da língua Tupi. Com todas essas mudanças aparecem o funcionamento das primeiras tipografias e as primeiras impressões de livros.

De acordo com Antonio Cândido, no seu livro, *Formação da Literatura Brasileira*, (2000), um grupo de jovens brasileiros burgueses, liderados por Domingos José Gonçalves de Magalhães, se reuniam diariamente em Paris, para discutirem a criação de uma identidade cultural brasileira que aconteceria através da literatura. Jovens que buscavam a significação do romantismo e quais as novas formas literárias, mas claro, ainda firmados nos ideais de uma sociedade europeia. Foi esses jovens intelectuais que definiram uma literatura nova para o país, um novo plano artístico, uma nova forma de ver à independência política, cultural e social. É também considerada como marco das ideias desses jovens, a criação da revista *Niterói*, ainda em Paris. Revista em que Magalhães usa o estudo crítico para estabelecer um ponto de partida para a teoria do nacionalismo literário.

As primeiras características de romantismo vieram da Alemanha e da Inglaterra, porém coube à França divulgar esse movimento para o resto da Europa e até para outros continentes. De origem burguesa, esse período romancista quebra toda sequência de um período literário que até então era bastante expressiva, o Arcadismo. É o que vai falar Afrânio Coutinho, no seu livro, *A formação da Literatura*, (1969, p. 1):

O Romantismo aparece como um amplo movimento internacional, unificado pela prevalência de caracteres estilísticos comuns aos de escritores de um período. É, por tanto, um estilo artístico – individual e de época. É um período estilístico, consoante a nova conceituação e terminologia, e a perspectiva sintética, que tende a vigorar

doravante na historiografia literária. É, ademais, um conjunto de atividades em face da vida e um método literário. (*Grifo meu*)

É notável que o Romantismo revoga tudo a um novo juízo, caracterizando de maneira nova o papel do artista e dando um novo olhar sobre a obra de arte. São artistas e escritores embebecidos pelo sentimento de inspirações locais, pelo individualismo, cultuação à natureza e a mulher como símbolo da pureza feminil. É nessa linha de pensamento que Gonçalves Dias não deixou se prender pelas regras prescritivas, dando uma improvisação na escrita, reagindo contra os classicistas e rompendo com a tradição literária. Há críticos que dizem que muitos poemas e obras gonçalvinas comentem deslizes gramaticais. Foi por isso que Gonçalves Dias valorizou a criação lexical, visto que os recursos encontrados nos dicionários não atendiam por completo seus anseios poéticos. Ele criou novas palavras, dando-lhe novos sentidos para compor suas obras.

Vida heroica de Gonçalves Dias e suas obras

Antônio Gonçalves Dias nascido no sítio de Boa Vista em Caxias Maranhão, no dia 10 de agosto do ano de 1823, filho de negociante português, João Manuel Gonçalves Dias e de mãe cafuza, Vivencia Mendes Ferreira, razão porque nas veias de Gonçalves Dias corria o sangue de três raças: O negro e Índio, vindo da mãe, e do sangue europeu vindo do pai.

Segundo Silvio Romero (1980, p. 917):

É o autor do que há de mais nacional e do que há de mais português em nossa literatura, é um dos mais nítidos exemplares do povo, do genuíno povo brasileiro. É o tipo de mestiço físico e moral [...]. Gonçalves Dias era filho de português e mameluca, quero dizer descendia das três raças que construíram a população nacional e representava-lhes as principais tendências.

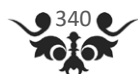
Suas obras fizeram dele a figura mais importante da história no Maranhão e reconhecida nos maiores Centros de Ensino do Brasil e do mundo. Seus poemas se destacam pelo apuro estilístico e pelos recursos técnicos que empregou com sobriedade e saber. José Veríssimo chega a considerá-lo “o maior e mais completo poeta do Brasil”. Sergio Buarque de Holanda, que, num prefácio de 1939 aos *Suspiros poéticos e saudades*, afirma: “Gonçalves Dias, faz uma arte desinteressada, onde as paixões valem pelo que são e pela beleza de seus contrastes”.

Das três gerações romancistas, fez parte da primeira geração romancista, chamada de nacionalista ou indianista. Cada geração assumiu uma linha própria de pensamento, uma moldura única, embora todas sejam marcadas pelo caráter romântico. Ao

lado de Gonçalves de Magalhães (1811-1882) ³, outro gênio lírico da primeira geração romancista, deu vida aos temas como o Índio, saudade da pátria, quando esteve em seu exílio, a natureza, a religiosidade e o amor impossível.

Em 1835 o pai se separa de sua mãe levando-o consigo, dando-lhe instrução de vida, e matriculando-o no curso de latim, francês e Filosofia do prof. Ricardo Leão Sabino. Aos 15 anos de idade Gonçalves Dias decide estudar em Portugal para prosseguir os estudos quando o pai falece. Com a ajuda da madrastra pôde viajar e matricular-se no 1º ano no curso de Bacharel em Direito em Coimbra em 1840. Em 1841 integra com grupo da *Gazeta Literária*. Estuda a língua italiana e faz teatro. Recebe dinheiro em 1842 e vai morar na Rua Salvador, Portugal. Namorou Egrácia, de Coimbra e uma moça de Formoselha. Nesse mesmo ano publica o poemeto *Inocência* na revista o *Trovador*⁴. *Estuda alemão em 1843 e compõe a Canção do Exílio*, os dramas de *Patrukull e Beatriz Cenci*. Passava-se em Caxias Maranhão o cenário da guerra da Balaiada⁵, onde a situação financeira da sua madrastra apertou e a mesma pediu que ele abandonasse o curso em Coimbra e voltasse pra sua terra natal. Pela ajuda dos amigos mais íntimos pode prosseguir nos estudos e em 1844, aos 21 anos de idade, recebe o grau em bacharel em Ciências Jurídicas.

Regressando ao Brasil em 1845, embarca no Porto para o Maranhão, desembarcando em São Luís seguindo para Caxias do Maranhão. Participa em Caxias na campanha política das eleições municipais. Começa a escrever a prosa poética *Meditação*. Em meados de 1846, volta para São Luís, inspirado em Ana Amélia, escreve os poemas: *Seus Olhos* e *A Leviana*, concluindo o terceiro capítulo da prosa *Meditação*. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde teve início a impressão dos *Primeiros Cantos*. Recolhe subsídios para sua obra-prima do teatro gonçalvino, o drama *Leonor de Mendonça*, onde



3 Gonçalves de Magalhães (Domingos José G. de M., Visconde de Araguaia), médico, diplomata, poeta e dramaturgo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de agosto de 1811, e faleceu em Roma, Itália, em 10 de julho de 1882. De parceria com Araújo Porto-Alegre e Torres Homem, lançou a revista *Niterói* e editou, em Paris, o seu livro *Suspiros poéticos e saudades*, considerado o iniciador do Romantismo no Brasil. Além de *Suspiros Poéticos e Saudade* (1836), Gonçalves de Magalhães publicou o poema épico indianista, *A confederação dos Tamoios* (1857). Essa obra obteve destaque em razão da polêmica causada por sua visão do índio que se contrapunha à visão de José de Alencar. (Academia Brasileira de Letras).

4 Não se pode esquecer aqui o convívio íntimo do poeta maranhense, durante sua estada em Coimbra, com o grupo do *Trovador*, cuja orientação medievalista deve muito, como se sabe, ao exemplo de Garrett, Herculano, Rebelo da Silva e Mendes Leal. O cultivo de gêneros como o solau por Gonçalves Dias só pode ser atribuído a esse convívio. Basta lembrar que a própria moda desses poemetos medievalistas foi lançada por um membro do grupo, Serpa Pimentel, que em 1839 deu à estampa um volume de produções no gênero. Para um histórico do convívio do poeta maranhense com esse grupo coimbrão, ver: Lúcia Miguel Pereira, *A Vida de Gonçalves Dias*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1943, pp. 43 e segs.

5 Sedição de grandes dimensões, ocorrida de 1838 a 1840. Envolvendo grandes contingentes de homens em armas. A Balaiada teve início na Vila da Manga, atual Nina Rodrigues, estendendo-se por vasta extensão do território maranhense, desde o Baixo até o Alto Itapecuru, o Munim e o Centro-Leste. Sufocou-a o então Coronel Luís Alves de Lima e Silva. Vem daí o título de barão e, finalmente, Duque de Caxias, alusivo à derrota definitiva e sangrenta dos “balaies”. Jomar MORAES, Gonçalves Dias: Vida e obra, p. 37.

recebe aprovação do Conservatório Dramático. Já o drama Beatriz Cenci é reprovado sob alegação de imoral. Logo mais, é acometido de orquite.

Em 1847 inicia a composição de *Os Timbiras*. Nesse mesmo ano, sai na revista *Universal Lisbonense*, um artigo de Alexandre Herculano⁶ sobre os *Primeiros Cantos*. A primeira consagração literária do poeta. Publica os *Segundo Cantos* e *Sextilha de Frei Antônio*, em 1848. Trabalha, durante um ano, no *Correio Mercantil*, no *Jornal do Comércio* e no *Correio da Tarde*.

Nomeado professor de Latim e História do Brasil Imperial no Colégio D. Pedro II, em 1849. Juntamente com Joaquim Manuel de Macedo e Araújo Porto Alegre participa da revista *Guanabara*. Mas, em 1850, foi acometido de febre amarela, deixando a função de redator de Debates da Câmara e do Senado. Desliga-se da revista *Guanabara*.

Conhece Olímpia Cariolanda da Costa, futura esposa, em 1851, publicando os *Últimos Cantos*. No dia 21 de Março do mesmo ano, deixa Rio de Janeiro para estudar a situação educacional do Nordeste e Norte do Brasil, viajando diretamente para São Luís. Em Julho viaja ao Pará, no desempenho de sua missão oficial. Em outubro já está de volta a São Luís. Quando foi em Novembro escreve a D. Lourença, pedindo-lhe a mão de Ana Amélia. Foi em Recife já dentro do ano de 1852 que recebe a carta com a mensagem negativa de D. Lourença. Volta ao Rio apresentando seu relatório de sua missão. Em agosto pede a mão de Olímpia Cariolanda. No mesmo mês começa a leitura de Brasil e Oceania, no *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Em 26 de Setembro casa-se com Olímpia na Igreja do Outeiro da Glória no Rio de Janeiro. É nomeado para o cargo de Oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros em 21 de Dezembro de 1852.

Em meio a toda essa turbulência de viagens e com a resposta negativa de D. Lourença ao pedido da mão de Amélia, escreve uma carta a Alexandre Teófilo de Carvalho Leal⁷:

A única paixão que caminha segura e firme em todos os tempos e circunstâncias por entre os vaivens e temporais da vida – é a amizade. [...] O poder tem cortesãos, a riqueza parasitas, a glória adúladores: não são amigos.

Sai do Rio de Janeiro para Lisboa, em 10 de Julho de 1854, com a esposa e a cunhada. Leva a incumbência de pesquisar documentos históricos e observar os modernos métodos educacionais adotados no Velho Mundo. Em 20 de Novembro foi a Paris, para deixar a Olímpia e a cunhada. Ali, 20 de Novembro, nasceu uma menina, que em

6 Alexandre Herculano, “Futuro Literário de Portugal e do Brasil”. Artigo originalmente publicado na Revista *Universal Lisbonense*, t. VII, 1847-1848, p. 5. Posteriormente, foi incluído por Gonçalves Dias na abertura da edição conjunta de seus três primeiros livros, intitulada *Cantos* (1857).

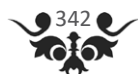
7 (Carta a Teófilo Leal; Rio de Janeiro, a 5 de Novembro de 1853). Teófilo Leal nasceu na região do Alto Mearim (17.8.1822) e faleceu no Engenho de Lincoln, de sua propriedade em (15.3.1879). O maior, e mais íntimo e mais querido amigo de Gonçalves Dias. Teófilo Leal era cunhado e primo de Ana Amélia Ferreira Vale. Bacharel em Matemática pela Universidade de Coimbra. Dedicado aos estudos econômicos, educador, Deputado Provincial, diretor da Instituição Pública e do Tesouro Provincial do Maranhão. Redator de diversos jornais e presidente da Associação Literária Maranhense. Jomar MORAES, Gonçalves Dias: Vida e obra, p. 38.

homenagem à irmã paterna e a esposa, recebeu o nome de Joana Olímpia. O sogro, que partira do Rio de Janeiro ao encontro das filhas, em Abril de 1855, constatou o que, em se reparando na fragilidade da menina, naturalmente suspeitava. Nascera Joana com a saúde fragilizada, que o pai confessaria não lhe ser possível olhar para ela sem sentir dó. A saúde de Joana nada melhorava. Resolveram, então, que Olímpia regressa ao Brasil, desfazendo-se o plano anterior, de acompanhar o marido em Portugal.

Encontra-se casualmente com Ana Amélia em Lisboa, compõe inspirado nesse fato o poema: *Ainda Uma Vez – Adeus!* No fim do ano de 1855 volta a Paris e visita, a trabalho, a Bélgica e Alemanha.

10 de Março de 1856, no mesmo porto de Havre onde, o poeta se despediu de seus familiares: esposa, filha, cunhada e sogro. Consta que Bibi, nome familiar da filha de Gonçalves Dias, abraçando-se a ele, beijou-o, dizendo-lhe, com o dedinho apontando para o céu: “*Au revoir, papa, lá-haut*”⁸. Gonçalves Dias teria chorado copiosamente. E, quando morreu a filha, escreveu no Rio de Janeiro, 24 de Agosto, a poesia *Au Revoir*, cujos originais teriam guardados pelo poeta português Gomes de Amorim.

Publica através do Livreiro – Editor F. A. Brockhaus, de Leipzig, *Os Cantos*, em Abril, e *Os Timbiras*, em outubro de 1857. Quando foi em 1858, aparece o dicionário da Língua Tupi, residindo em Bruxelas, Bélgica. Nesse mesmo ano retorna para o Rio de Janeiro.



O grande amor perdido de Gonçalves Dias: Ana Amélia

Amélia era ainda uma menina, quando Gonçalves Dias a viu pela primeira vez 1846 em São Luís do Maranhão. Sua beleza e seu jeito meigo de ser fascinaram nosso poeta⁹. Nas suas líricas amorosas percebe-se que muitas delas sempre foram inspiradas por um amor que viveu. Por volta de 1848 residindo no Rio de Janeiro, onde conhece uma bela moça dos olhos verdes para quem pode compor muitos dos seus poemas líri-

8 *Au revoi, papa, lá-haut* significa: “Adeus, meu pai, LA-se”. Manuel BANDEIRA, Gonçalves Dias; Esboço biográfico, p. 133.

9 Ana Amélia (ca.1831 – 1905), desiludida de seu grande amor, passou a namorar o comendador Domingos da Silva Porto, comerciante em São Luís, onde alcançou boa posição econômica e social. A família da moça, porém, opunha-se ao namoro, por preconceito idêntico ao que fez D. Lourença negar a mão da filha a Gonçalves Dias: A origem de família e a cor denunciadora de sangue negro. Porto, entretanto, sem pudores do poeta, concordou com a fuga de Amélia, com quem se casou a 8.10.1854. A reação a tal ousadia foi imediata. O pai da moça, Domingos José Ferreira do Vale, deserdou-a por escritura passada em cartório, na qual disse que assim fazia porque a filha se casara com o neto da preta Eméria, que fora escravo do Coronel Antonio Correia Furtado de Mendonça. Hostilizado e perseguido, Porto viu seus negócios se arruinarem rapidamente e não teve outra alternativa senão, com a esposa, tomar na noite de 23.4.1855, o navio Flor do Mar, rumo a Lisboa. O casal, após residir em Portugal, esteve na Argentina e finalmente fixou-se no Rio de Janeiro. Ana Amélia, enviuvando, casou-se com Vitor Godinho. Teve duas filhas, uma em cada casamento. Ana Amélia faleceu em São Luís, em 26 de Março de 1905. Jomar MORAES, Gonçalves Dias: Vida e obra, p. 100.

cos, mas ela não foi o grande amor de sua vida. Veja o poema que ele fez para essa moça dos olhos verdes¹⁰:

Olhos Verdes

*São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos cor de esperança.
Uns olhos por que morri;
Que ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!
[...]
Dizei vós: Triste do bardo!
Deixou-se de amor finar!
Viu uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da cor do mar:
Eram verdes sem esp'rança,
Davam amor sem amar!
Dizei-o vós, meus amigos,
Que ai de mi!
Não pertengo mais a vida
Depois que os vi!
(Últimos Cantos. Rio de Janeiro – 1851)*



Quando partiu Gonçalves Dias para o Norte em missão oficial em 1851, e já com a intenção de casar com Amélia, a família recusou o seu consentimento por motivos de sua origem bastarda e longe de ser um nobre na sociedade. A família de Amélia até tinha uma grande admiração pela sua carreira promissora, mas como até nos dias de hoje ainda encontramos resquícios de preconceito racial e social, naquele tempo mais forte ainda era o preconceito de raça e casta. Foi nas noites claras que Gonçalves Dias e Ana Amélia se encontravam às escondidas.

A carta escrita a D. Lourença em 1851 pedindo-lhe a mão de Amélia¹¹:

Estou por momentos à espera do vapor, em que hei de partir para o Ceará: por este motivo, e porque a minha demora já tem sido bastante longa, não posso ir a Alcântara pedir-lhe as suas ordens, – nem para falar-lhe de um negócio que me interessa, e sobre o qual me permitirá de ocupar por alguns momentos. Parecer-lhe importuno e impertinente: por isso também para escrever-lhe-ei esta carta, preciso recordar-me da bondade suma com que me tem tratado.

Para lhe falar sem rodeios, a que estou pouco acostumado eis o de que se trata: peço-lhe Da. A [na] A [mélia] em casamento. Fazendo-lhe semelhante pedido,

10 O poema original está na obra: Typographia de f. de Paula Brito. Últimos Cantos. Praça da Constituição n. 64, Rio de Janeiro, 1851. p. 68.

11 *Anais*, V. 84, p. 132-3. A transcrição com parte do nome de Ana Amélia entre colchetes é de *Anais*, já que, nos rascunhos, o poeta não nomeou a amada. Além de outros variantes, onde *Anais* diz *fidalgo*. Lucia Miguel Pereira (op. cit. p. 158).

quero e é do meu dever ser franco. Tenho nem ambição de figurar na política do meu país, nem o amor de fazer fortuna. [...] Assim parece-me que nem chegarei a ter mais do que hoje tenho, sendo difícil que venha a ter menos, nem valerei mais do que hoje valho, que PE bem pouco. [...] a única compensação que lhe posso oferecer, mas que nem sei se a julgará suficiente é que me parece ter conhecido quanto ela por suas qualidades se recomenda, e querer lisonjear-me de que a trataria quanto melhor pudesse, bem que não quanto ela merece. – Rogo-lhe, pois que não me veja neste meu pedido atrevimento da minha parte; porém o desejo grande que tenho de me ver ligado com uma família, a quem por tantos motivos respeito e sou obrigado, e a uma pessoa a quem desejaria ter por companhia.

Sendo afirmativa a sua resposta, voltarei do Rio, tendo assegurado de alguma forma o meu futuro, e o mais breve que puder para aceitar o seu favor, e beijar-lhe as mãos por ele. No caso contrário posso asseverar-lhe que acostumado de há muito a sofrer reveses na vida, não será este dos menores. [...] consolar-me-ei com a lembrança e que me esforcei por alcançar a mão de sua filha, se não fui digno de merecê-la.

A separação de Amélia e o desprezo da família fez com que Gonçalves Dias vivesse seus dias chorando de dor, imerso no sofrimento e na solidão. Contam em seus textos os historiadores que Amélia chega a chamar Gonçalves Dias de covarde por ser incapaz de raptá-la e juntos viverem um grande amor. Vivendo nesse paradoxo, cruelmente arrependido de não ter ousado tudo, Ele escreveu um poema para Amélia num jardim público em Lisboa nos seus dias de dores¹²:



Ainda Uma Vez – Adeus!

I

*Enfim te vejo! – enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
 Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
 Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado,
 A não lembrar-me de ti!*

[...]

III

*Louco, aflito, a saciar-me
D'gravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
 Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp'rança,
Tu me vieste à lembrança:
 Quis viver mais e vivi!
(Novos Cantos, 1959)*

12 Gonçalves DIAS, Poesia completa e prosa escolhida, p. 266-7.

Os limites de um Herói – Gonçalves Dias morre

De regresso ao Brasil em 1860, viaja para o Maranhão, visitando o seu amigo Teófilo Leal, no engenho Rixanuçu. Segue para Caxias, aceitando a candidatura a Deputado Geral, mas acaba desistindo. Nesse mesmo ano, é acometido por uma doença, a Malária, chegando a escarrar sangue. Em 1861 viaja para São Luís, visita em missão do Governo Provincial do Amazonas, as escolas do rio Solimões e as escolas às margens do rio Madeira e rio Negro. Em Novembro vai retorna para São Luís e depois para Caxias. No mês de Dezembro encontra-se já no Rio de Janeiro.

Quando foi em Março de 1862, os médicos haviam diagnosticado inflamação hepática crônica e lesão cardíaca. Deixa o Rio, a bordo do Apa, com destino ao Maranhão, onde esperava recuperar-se dos diversos males de que tanto sofria. Conforme escreveu a Teófilo Leal, tinha a voz rouca e presa, as pernas inchadas, inflamação hepática, lesão no coração, enfim, “*acho-me transformado num almanaque de coisas ruins*”¹³. Toma posse no cargo de 1º Oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. É examinado pelo Dr. Sarmiento, que, avaliando seu grau de saúde, manda-o imediatamente para a Europa. Em busca de tratamento, sua primeira estadia foi em Paris. Como, Paris, não resolveu seu estado de saúde, continuou a peregrinar por vários cantos da Europa, como Carlsbad, Dresda, Berlim e até na Bruxelas, situada na Bélgica. Devido algumas inflamações no palato, tem sua úvula amputada. Em outubro do mesmo ano, embarca para Lisboa, onde conclui a tradução de Noiva de Messina.

Foi de partida para França que o navio a vela de Grand Condé havia falecido alguém a bordo, que na verdade era apenas um tripulante, o correspondente de Paris logo cuidou de despachar a notícia para todo o Brasil sobre o falecimento de Gonçalves Dias. A errônea informação rendeu expressivas homenagens ao poeta. Gonçalves Dias reagiu a essa notícia com tom zombeteiro e muita das vezes chegava até brincar. Escreveu a José de Vasconcelos, diretor do Jornal do Recife, que foi o primeiro a veicular a notícia, escrevendo uma carta longa e com um certo humor¹⁴:

Li no seu jornal, em um dos números do mês passado, a infausta notícia do meu prematuro falecimento.

[...] Ponho a modéstia à parte, e concordo ingenuamente com todos que isso foi grandíssima perda para o orbe terráqueo em geral, e para minha pessoa em particular. Diria mesmo – grandíssima, porque a extensão da perda bem poder tolerar uma exageração gramatical de superlativo!

Escreveu também ao amigo Antônio Henriques Leal¹⁵:

É mentira! Não Morri! Nem morro, nem hei de morrer nunca mais. – Non omnis moriar! – como diz o mestre Horácio.



13 *Anais*, V. 84, p.323. (Carta de 23.3.1862).

14 *Anais*, V. 84, p. 330 – I e 332, (Carta de Agosto de 1862). Jomar MORAES, Gonçalves Dias: Vida e obra, p. 139.

15 *Anais*, V. 84, p. 330 (Carta a Paris, a 23 de Agosto de 1862) Jomar MORAES, Gonçalves Dias: Vida e obra, p. 141.

Abril de 1864 é acometido de Angina, dor muito forte por causa de alguma inflamação na garganta, e de sofrer de Gastrite. Viaja em busca de tratamento médico. No dia 10 de Setembro segue do porto Havre, com destino ao Maranhão. Poucos dias antes de embarcar para São Luís, escreveu a poesia *Minha Terra!* Sua última composição poética, espécie de nova *Canção do Exílio*, em que reafirma seu profundo amor a terra natal¹⁶:

*Pois do que por fora vi,
A mais querer minha Terra
E minha gente aprendi.
(Final da poesia Minha Terra! Paris, 1864)*

Durante essa viagem seu estado de saúde agrava-se. No dia 2 de novembro o poeta pede que o levem à proa do *Ville de Boulogne*, para contemplar as terras pátrias, que se enxergam ao longe. De tanta emoção, desfalece. Na madrugada de 3 de Novembro, o navio se parte contra arrecifes do Baixo dos Atins. Todos se salvaram, menos o poeta caxiense, cujo corpo nunca foi encontrado.

O legado literário de Gonçalves Dias

É importante destacar que antes de Gonçalves Dias, muitos cantaram o Brasil e suas grandezas. Mas, nenhum, porém, ainda tinha tido a força e a peculiar orientação nacionalista tão rebuscada como, por exemplo, a *Canção do Exílio*.

Autor de algumas das mais belas canções de amor da língua portuguesa. É o caso da obra *Sextilha de Frei Antônio*, que reflete sua rota de descobertas ao passado, e com isso nos devolve importantes etapas evolutivas de nossa língua. São cartas de marear a morfologia, a semântica e da sintaxe, compiladas em períodos de cruciais transformações. Não é como pode parecer ao observador desatento ou míope, mera volta ao bom tempo de outrora, porém mergulho profundo e crítico num passado que ilumina e explica o presente.

A impressão dos *Primeiros Cantos*, publicado em 1846, brindava uma literatura autônoma em relação à matriz lusitana e que mostrava ser a primeira literatura autenticamente nacional. Como disse Alexandre Herculano que embora elas ainda fossem tão poucas mais que já davam passos ao progresso da nação, pois em contraponto a Portugal “velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepitez”. É no prólogo, *Primeiros Cantos*, que já percebemos que Gonçalves Dias quebra todo esse estereótipo literário que até então se seguia¹⁷:

Dei o nome de Primeiros Cantos às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

¹⁶ Poucos dias antes de embarcar para São Luís, escreveu essa poesia, *Minha Terra!* Sua última composição poética, espécie de nova *Canção do Exílio*, em que reafirma seu profundo amor a terra natal. Jomar MORAES, Gonçalves Dias: Vida e obra, p. 147.

¹⁷ Gonçalves DIAS, *Primeiros Cantos*. Coleção “Nossos Clássicos”, Prólogo.

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas - debaixo de céu

Diverso - e sob a influência de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do

Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez - no Douro e no Teia - sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América.[...]

Ainda nos *Primeiros Cantos*, foi feita a poesia *Canção do Exílio* em Julho de 1843 em Coimbra, que muitos consideram como a marca poética de Gonçalves Dias. De acordo com Manuel Bandeira se Gonçalves Dias tivesse feito somente essa poesia, somente com ela, já teria se eternizado para sempre. Longe de sua saudosa pátria, o poema foi escrito em redondilhas maiores, que são versos de sete sílabas, mais uma vez opondo-se à literatura lusitana. Segundo Coutinho (1969, p. 77), o referido poema é superior aos demais por vários motivos: por causa da melodia, por ser uma canção mais do que um poema por causa da rima por aliteração de fonemas iniciais (primores, palmeiras) e por não possuir um único adjetivo qualificativo. Veja transcrita uma parte do poema¹⁸:

Canção do Exílio
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.
[...]
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(*Primeiros Cantos*. Coimbra - Julho 1843)



Gonçalves Dias se destacou também na composição do gênero dramático, como se pode destacar na maravilhosa obra de I-Juca Pirama. Pois, nesse poema há um movimento na linguagem, uma variedade de ritmo e uma estrutura vocabular impressionante. Poema composto nos *Últimos Cantos* em 1851, oferecendo este volume de poesias ao seu amigo Teófilo Leal. Chamadas de *poesias americanas*, destacamos claramente que esse volume é a exaltação indianistas, como o poema de *I-Juca Pirama*,

18 Gonçalves DIAS, *Primeiros Cantos*. Coleção “Nossos Clássicos”, p. 3.

revivendo às glórias, exaltando as tradições e a coragem. O *Gigante de pedra*, Marabá e a *Canção do Tamoio* trazendo o valor pessoal, os brios. – O acervo emblemático do que sonhou como devendo constituir o patrimônio moral fundante da raça brasileira. Veja um trecho do poema I-Juca Pirama¹⁹:

I-Juca Pirama

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos – cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.
São rudes, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!
[...]

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.
[...]

Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

(Últimos Cantos. Rio de Janeiro - 1851)

Os manuscritos originais acham-se, maiormente, no *Instituto Histórico e Geográfico do Brasileiro*, na *Biblioteca Nacional*, que acolheu o acervo constituído pelo pesquisador maranhense M. Nogueira da Silva, que muito contribuiu para a glória do poeta. Sabe-se que aqui nesse tópico não se encontra nem o começo da obra literária deixado por Gonçalves Dias, mas já é possível vislumbrar o quanto grande foi o legado deixado por ele.

Considerações finais

Mais de um século separa Gonçalves Dias do contexto em que viveu até os dias atuais. Já são 149 anos sem o poeta caxiense compondo as suas belas e maravilhosas

19 Gonçalves DIAS, *Antologia Poética*, p. 1-14. O poema original está na obra: *Typographia* de f. de Paula Brito. Praça da Constituição n. 64, Rio de Janeiro, 1851. Como ele mesmo disse: O título desta poesia, traduzido literalmente da língua tupi, vale tanto como se em português disséssemos — o que há ser morto.

poesias. Foi nas composições líricas entre Deus e natureza, nas contemplações panteístas e sentimentos religiosos, que Gonçalves Dias até hoje é lembrado. O conterrâneo caxiense e poeta é valorizado pelos seus ideais amorosos revestidos de significações autobiográficas.

Gonçalves Dias como já foi apresentado no artigo, enxergou os Índios não como seres irracionais como descreviam os letrados poetas antes da geração romancista. Ele mostrou nos poemas indianistas, que o Índio representa a natureza virgem, ainda intacta. Dá importância aos Índios mostrando que são seres mais belos do que os europeus. Exemplo disso está no poema *Marabá*, pois Marabá, é uma índia com uma mistura de sangue branco e sangue de Índio, se questiona a todo tempo acerca de sua beleza, pois nenhum Índio a queria desposar. Sofre por ter sangue branco e por não ter as características físicas dos Índios. Para Gonçalves Dias, o Índio canta com imensa tristeza a chegada dos portugueses em suas terras, pois os portugueses trouxeram desgraça e destruição à vida de todos os indígenas. É o que vai mostrar o poema *Deprecação* quando o Índio pede ajuda a Tupã – seu Deus – para que possa voltar a viver como era antes da chegada dos portugueses, em paz com a natureza e livre:

*Tupã, ó Deus grande! Cobriste o teu rosto com denso velâmen de penas gentis; E jazem teus filhos clamando vingança Dos bens que lhes deste da perda infeliz! [...] Anhangá impiedoso nos trouxe de longe os homens que o raio maneja cruentos, que vivem sem pátria, que vagam sem tino trás do ouro correndo, voraces, sedentos.*²⁰



Construiu uma identidade cultural única de cunho nacional na literatura brasileira. Agitou também os costumes culturais que se seguia. Passou a dar um novo rumo no pensamento daquela época, na literatura, no teatro, caso do drama *Leonor de Mendonça*, quando já no prólogo ele fala²¹:

“Parece-nos de então que o devemos pesar e meditar com a nossa inteligência, e ver depois as cores que nele mais sobressaem, e as roupagens que melhor se ajeitam às suas formas. A imaginação se incumbe deste trabalho, e desde esse instante está criada a obra artística ou literária: — edificio ou sinfonia; estátua ou pintura; romance, ode, drama ou poema; boa ou má; perfeita ou imperfeita —, o fato é que ela existe. Seja embora feia e falta de proporções, será como uma criatura imperfeita, como um aborto monstruoso, como uma anomalia mas existirá sempre”.

De muito se tem o que falar ainda de Gonçalves Dias, pois se todos fossem escrever toda a sua vida, sem deixar nada passar, junto com todos os seus legados deixados, com certeza todos fariam um imenso livro. Ele ensinou a valorizar o local, o regional, o amor a pátria, e acima de tudo, ver que a mestiçagem de raças torna mais rica a cultura brasileira.

²⁰ Gonçalves DIAS, Primeiros Cantos. Coleção “Nossos Clássicos”, p. 9-10.

²¹ DIAS, Gonçalves. *Leonor De Mendonça*. Drama em três atos e cinco quadros. Ao seu bom amigo o Dr. José Hermenegildo Xavier de Moraes, 1846.

ABSTRACT

This article aims to analyze about the life, work and the works of Antônio Gonçalves Dias, and show that this was lyrical contributed to the formation of national identity in Brazil in literature, romanticism and even in customs. It is important to stand out that before Gonçalves Dias, Brazil has not had its own identity, as the whole society and Brazilian culture were centered in an image Europeanized. It was through Indianism and regionalism Gonçalves Dias formed his poems, for there was nothing more in this country than national nature and Indian that were always present.

Keywords: National Identity, Literature, Romanticism; Gonçalves Dias.

REFERÊNCIAS

Anais da Biblioteca Nacional. **Correspondência Ativa de Antônio Gonçalves Dias**. Vol. 84, 1964; Artigo científico da Prof^a. Dr. Silvia Cristina Martins de Souza. **Gonçalves Dias: Um crítico teatral dividido entre o teatro e o Circo**;

BANDEIRA, Manuel. **Gonçalves Dias; esboço biográfico**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952;

BORGES, Valdinei Moreira. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Linguística. **O Vocabulário de Gonçalves Dias: Para a Construção de um Glossário Neológico**. Uberlândia, 2007;

CAMILO, Vagner. **Nos tempos de Antão: Considerações sobre as sextilhas, de Gonçalves Dias**. REVISTA USP, São Paulo, n.40, p. 105-113, dezembro/fevereiro 1998-99;

CANDIDO. Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte. Itatiaia, 2000;

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A, 1969;

DIAS, Gonçalves. **Poesia completa e prosa escolhida**. Rio de Janeiro : José Aguilar, 1959. p.259-281; (Biblioteca Luso-Brasileira, Série Brasileira);

DIAS, Gonçalves. Poesia. **Coleção “Nossos Clássicos”**. São Paulo, Agir, 1969;

DIAS, Gonçalves. **Leonor De Mendonça. Drama em três atos e cinco quadros**. Ao seu bom amigo o Dr. José Hermenegildo Xavier de Moraes, 1846;

DIAS, Gonçalves. **Antologia Poética**. 5^a ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

JOBIM, José Luis. **Indianismo literário na cultura do romantismo**. In: Revista de letras. UNESP. V.46, n.1, 2006;

MORAES, Jomar. **Gonçalves Dias: Vida e obra**. Jomar Moraes. – São Luís: Alumar, 1998;

PEREIRA, Lucia Miguel. **A vida de Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943;

ROMERO, Silvio. **História da Literatura brasileira**. 7 ed. Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1980;

_____. Typographia de f. de Paula Brito. Últimos Cantos. Praça da Constituição n. 64, Rio de janeiro, 1851;

Site: <http://fabiohenriquefc.blogspot.com.br/2011/08/antonio-goncalves-dias.htm> Acessado: 23/04/2013;

Site: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=>

Acessado: 23/04/2013;



O Momento Mais Bonito da Literatura Brasileira: Gonçalves Dias

Rejane Machado¹

Um dos mais e conhecidos singelos versos do poeta Gonçalves Dias é um primor de concisão, construído que é sem auxílio de adjetivos, dotado de forte imagística. Fazendo concentrar nas palavras de que se compõe um significado preciso que exhibe o orgulho nacionalista do poeta, demonstrando admiração pelos aspectos da realidade patricia, sem derramamentos ou exageros retóricos. Dizendo de suas saudades, ele compara, sucintamente, duas realidades fortuitas: o lá e o cá; dois lugares distintos, existentes no mundo. Um, onde vive no momento, por circunstâncias estranhas, trabalho ou o que seja, - outro, que está vivo no seu coração e na sua lembrança, espacialmente muito longe, mas sentimentalmente presente aos sentidos sempre alertas:



*Minha terra tem palmeiras/onde canta o sabiá
As aves que aqui gorjeiam/não gorjeiam como lá.*

Este lugar em que vive agora, tem, de certo, aves, talvez até que mais bonitas, e da mesma forma, canoras - porque este é um característico desta espécie animal; mas esses dois cantares não lhe sabem ao espírito de forma idêntica. Porque o trinar que ouve, aqui, nesta terra estranha, não lhe chega à sensibilidade com o mesmo encantamento que o brejeiro sabiá da sua longínqua pátria empresta ao seu concerto. Falta-lhe, ao estranho, o mistério peculiar de tudo o que o cantar do “seu” pássaro acorda em sua alma; ora é a lembrança de um menino de pés descalços a correr pelas matas, em manhãs frescas ainda úmidas de orvalho, e a surpreender-se com os sons que lhe chegam, saudando a luz da manhã luminosa; ora é a visão de serras azuladas, de nuvens fofas, de rios mansos, de pessoas calmas, cuja memória povoa sua lembrança. O que lhe traz

¹ Escritora, Professora e Crítica literária; Licenciatura Português/ Literaturas- UFRJ; Mestrado em Literatura Brasileira-UFF; Atualização em Literatura Brasileira- UFRJ; Doutorado em Linguística e Filologia Românica-UFRJ

à visão a lembrança de uma doce senhora a preocupar-se com a demora deste menino que se distraiu a ouvir tão especial melodia e se atrasou, causando-lhe cuidados, a ela, que nem era sua mãe biológica. Está tão distante de tudo isto, tão diverso o cenário, nesta terra que lhe parece triste. E aqui faltam as palmeiras! E continua:

Nosso céu tem mais estrelas...

Nossa vida mais amores (...).

– num ponto preciso do firmamento, próximo à Grande Ursa, encontra-se aquele grupo de astros que formam o inconfundível símbolo religioso que sempre guiou os viajantes, desde a Antiguidade, àquele país meridional de belezas tantas...

Nem seria preciso comentar a ideia contida nestes pequenos versos tão expressivos, que concretizam a emoção viva na mente de um poeta romântico até à medula. E é tão sentimental este povo generoso, que acolhe e abriga a todos os cidadãos do mundo, tornando-os todos “nacionais” nos sonhos e projetos!

E como não ansiar ver de novo estes símbolos amados de pertença a uma terra de tal grandiosidade, que a distância de muitas milhas não consegue esmorecer sua lembrança aos olhos do exilado? E não se enfraquece a sutileza do perfume dessas flores exóticas, nem o som deste canto original e único?

Segue visualizando as paisagens natais tão prezadas aos românticos de raiz. E encerra magistralmente seu poema, numa sintética oração votiva:

*Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá,
Sem que inda aviste as palmeiras
onde canta o sabiá.*

Foi atendido na sua plegária. Voltou à pátria. De longe, avistou a costa maranhense. Mas Eríneas atentas, iniciavam já, a sua terrífica missão. As vagas engolfaram o navio e o poeta foi sugado pelo oceano, antes que pudesse ver as cabeleiras das palmas se agitando ao influxo dos ventos, e não chegou a ouvir o mavioso canto que tanta falta lhe fizera.

Regressava de sua última viagem ao velho mundo, a bordo do Ville de Boulogne, era isto em 1864, aos 3 de novembro; contava 41 anos, e já pressentia as amáveis serras e as queridas árvores de Boa Vista, onde passou a meninice, - marcas das imensas praias da sua região natal. Estava escrito no seu destino trágico: não desfrutaria do repouso junto aos seus, respirando o doce ar da pátria.

Estivera em Portugal, onde - conta-se, fizera enorme sucesso com a poesia delicada que expressava as belezas de um sentir emocionado. Uma vertente do movimento romântico valoriza sobremodo a natureza: as grandes florestas de espécimes altíssimos, imensas copas onde se abriga uma fauna exótica; flores diferentes das que existem pelo mundo, rios e lagos cujas margens situam-se a centenas de metros de quem observa, habitados por entidades misteriosas; populações indígenas e seus rituais de vida, seus

cantares sui generis, tipos diversos, moças de cabelos tão negros, como dissera outro romântico, antes dele, - “como as asas da graúna”, de lábios tão doces “como mel”, tanta beleza e grandiosidade, mas nada como a visão à distância das tão esguias palmeiras. Vê-las, saber que nos píncaros se situam ninhos protegidos do assédio de animais que procuram alimento... E o poeta, em pleno mar, onde não poderia ouvir as queridas avezinhas, nem sentir o estrondar das cachoeiras fartas, - tão somente a visão radiosa das verdes matas.

O homem romântico é profundamente supersticioso, e, temente aos auspícios que lhe haviam sido já revelados, que a felicidade a que aspirava não seria para ele; pudera voltar e abrigou então, por algum tempo, a ilusão de que os terríveis prognósticos não se confirmariam.

Eis que de repente, como o destino gosta de agir, justo quando não se está preparado para o insucesso, anuncia-se uma desgraça. Rapidamente, tudo se confunde, ondas imensas submetem o barco, levando o cantor dos índios para o fundo do mar. Quem maravilhosamente bem soubera revelar um mundo tão rico quão desconhecido, finava-se agora em meio a um oceano de tão meigas águas, muitas, que lhe serviriam de túmulo, e levava consigo, quem sabe quanto de beleza e sensibilidade ainda a ser revelado? Não teria direito ao “leito de folhas verdes” que a Diana das matas apaixonadamente preparara com tanto gosto para Jatir, o guerreiro amado, que também não viera ao seu encontro. O mar foi o seu derradeiro e definitivo pouso.

Calava-se a voz do poeta dos índios. Que fizera deles o elemento nacional por excelência, uma vez que na sua jovem nação não constavam feitos de outros guerreiros em porfia por valores estranhos à nossa realidade. Os silvícolas eram os verdadeiros donos da terra, conhecedores dos segredos das florestas e das águas, seres humanos aos quais emprestou importância e significado, dotados, pela visão romântica do bardo maranhense - de grande carga poética, que o mundo precisava conhecer e respeitar. É verdade que despojados da fortuna que os invasores cobiçam, mas nem por isso menos importantes, senhores de uma cultura própria, com seus deuses e rituais, sua perplexidade por não compreenderem a atitude de estranhos que a cada dia perturbavam o silêncio das matas e das entidades que as protegiam, - que os expulsavam de suas terras e escravizavam seus parentes. O romântico visionário revelara ao mundo aquela existência, e inscrevera nas páginas da humanidade a bela história de uma subversão dos cânones tribais, na qual um valente guerreiro teme a morte, chora e implora que não lhe tirem a vida, quando prisioneiro de uma facção inimiga, por adentrar o território estranho. Descreve o conflito existencial de um índio, símbolo do heroísmo de um povo violentado nos seus direitos aos bens da terra, definindo-os por merecedores de respeito. É um dos momentos mais tocantes da literatura brasileira, não apenas do Romantismo literário, mas de toda a nossa produção poética, inscrevendo o nome de Antônio Gonçalves Dias no panteão dos mais ilustres e inspirados escritores de todos os tempos.

Mas este poeta está morto.

O mais ligeiro que é possível, os telégrafos dão a notícia, que rapidamente se espalha. Como o destino pode ser tão cruel para com alguém que soube elevar tão alto o pavilhão nacional, que soube traduzir a solidão, a nostalgia de um passado sem glórias, a importância de um povo que preserva seus mitos porque acredita que *além dos Andes revive o forte*? E que habitarão, após a passagem da vida, um paraíso exemplar, onde os que vencem a adversidade comandam e fazem a diferença?!

O Estilo e o tempo de Gonçalves Dias

Misto de pensamentos e reflexões estéticas, de ciências instigantes e conhecimentos notáveis, o século XIX veria surgir um dos mais belos quadros artísticos, quando o homem libertário da época, esgotadas as condições do classicismo que já não satisfazia à inteligência e à sensibilidade volta-se para si mesmo, num movimento intimista e intensamente criador. O início de um juntar de forças e tendências há muito iniciadas como uma torrente - e por isso se denomina *Sturm und Drang*², irrompe, impetuoso na Alemanha e logo ultrapassa fronteiras, desde França e Inglaterra, em seguida Itália, penetrando na Península a medo, devido à forte influência da Igreja. Onde passa imprime um hausto de renovação em todas as tendências artísticas, produzindo um pensamento renovador nos vários campos do saber; profundamente criador, deixando sempre aparente a sua marca de liberdade. É o predomínio da imaginação e do sentimento, dando asas ao homem, que atinge, na Arte, uma altura poucas vezes observada em toda a história da humanidade.

A partir da Revolução Francesa o mundo todo seria sacudido por novas atitudes em conceitos libertários que afetariam todos os campos humanos. Os ideais de *liberdade, igualdade, fraternidade* se espalharam rapidamente, provocando novas formas de pensamento, e certamente que a criação artística seria atingida. Num primeiro momento o homem sensível volta-se para si mesmo e posiciona-se em face do mundo, criando o conceito de nação. Valoriza-se tudo o que diz respeito à individualidade do ser. Dedica um olhar ao passado, à sua História, reconhece seus heróis, pensa seus feitos; rememora sagas, traz à tona cantos e narrativas perdidas no tempo. Procura preservar a cultura guardada pelo povo, não maculada pelas teorias esdrúxulas de outras terras.

Qual o material disponível para um poeta oriundo de um país jovem, sem a experiência de velhas nações, que detém lembranças de tantos e tão marcantes acontecimentos? Que modelos utilizar? Uma natureza exuberante, a posse da maior floresta do mundo, dos rios mais extensos, e povos ainda não catalogados, tão puros, - como os definiria Rousseau³ tal como haviam saído das mãos do Criador, não contaminados

2 Expressão de língua alemã que significa: tormenta e ímpeto. "Bandeira" do novo movimento literário.

3 Rousseau, Jean Jacques. (1712/ 1778). Filósofo, moralista, escritor francês. "O homem na natureza é puro, a civilização o corrompe" - é a essência do seu pensamento a influenciar os movimentos filosóficos e científicos do século XVIII/ XIX.

ainda, por regimes políticos, por vícios e hábitos de civilizados. Um riquíssimo material a ser explorado, divulgado para o mundo. E Gonçalves Dias revive-lhes a lenda. Descreve-os, exhibe suas crenças, seus rituais, mitos e cerimônias. Concede-lhes status de seres pensantes, imagina-lhes belos romances, atribuindo-lhes valores humanos de civilizados.

Em 1825, o escritor português Almeida Garret⁴ introduz em Portugal o movimento que dá origem à escola romântica, e uns quinze anos depois a novidade chega ao Brasil, encontrando no sentimento brasileiro o ambiente ideal que suscitaria novas visões, e que se ajustaria ao temperamento apaixonado do homem dos trópicos.

Caberia a Gonçalves de Magalhães prefaciá-la a tragédia Antônio José, e com isso, apresentar os pressupostos do novo estilo de época, inaugurando, oficialmente, em 1836, o movimento romântico entre nós.

O estado de alma desses escritores caracteriza-se por uma visão idealizada da realidade. O poeta foge para mundos mais agradáveis, situados em imaginação no passado, praticando uma evasão no tempo e no espaço, mundos esses transfigurados para melhor; ou desloca-se virtualmente para sítios remotos, apoiando-se na sua fé, na liberdade. Concebe a natureza como mãe; a imagística forte lhe concederá muitos motivos para criação de outras realidades; utiliza-se de símbolos e mitos peculiares da sua cosmovisão; inaugura um sentimento extremado de nacionalidade: orgulho de pertencer, de ser um. Tal sentimento de individualidade é traço marcante do estilo. Cultivando o amor às origens, adquire gosto pelas tradições locais, pela poesia popular em consequência resgata os contos populares do folclore na literatura do povo; imagina histórias que nunca viveu, da Idade Média, e de outros períodos, provocando uma intromissão no fantástico, cultuando os valores sagrados da tradição e concebendo aventuras de heróis picarescos, numa indefinição a princípio, fruto de influências variadas.

Num primeiro momento o estilo romântico de época, já corrente na Europa, havia criado outras formas de expressão, substituindo as antigas; caem de moda: ode, canção, silva, elegias, e se escrevem agora poemas e/ou poesia lírica. E nessa época floresce o romance, derivado da epopeia, e a ópera atinge o seu maior desenvolvimento, aproveitando tramas literárias. E aparecem gêneros inéditos: o conto, a novela, a crônica; o jornalismo se desenvolve, dando oportunidade aos “formadores de opinião”- o jornal é a tribuna ideal onde defender uma doutrina revolucionária.

A estética da época procura casar assim o pensamento e o sentimento, a ideia com a paixão, fundir tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia, como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir⁵- palavras gongalvinas, que exprimem a sua definição do Romantismo, tal como ele o praticava e sentia.



4 Garret, João Batista, S. L Almeida. Escritor português nascido no Porto. Em 1825 escreveu no poema Camões, dando início ao movimento romântico em Portugal.

5 Credo poético do “poeta dos índios”.

A excessiva introspecção descobriu uma outra vertente: a poesia da dúvida, que traduzia o mal do século: o *spleen*⁶ o ser para a morte, a saída para a solidão ou para o desespero, para a autodestruição- um escapismo radical. As influências são de Byron, Musset, Lamartine. A publicação do Werther na Alemanha⁷ desencadeou uma onda de suicídios. Causados pela consciência da solidão, inadaptabilidade à realidade, mergulho profundo no mundo interior, pois o exterior com sua rudeza não lhe serve; o poeta volta-se para a espiritualidade. Dois bons exemplos seriam Casimiro de Abreu, morto tão cedo, aos 21 anos, refugiando-se na infância, e Álvares de Azevedo, um exemplo do tédio da existência, que corresponderia à fase mais adiantada do Romantismo literário. Casimiro encanta até hoje com a sua Lira dos vinte anos, cantando a saudade da sua infância.

O romântico é um revolucionário, ele deseja mudar o mundo que não lhe satisfaz; não conseguindo mudá-lo, muda-se a si mesma: abandona a vida. Grande número de suicidas imitaram o gesto tresloucado do imaturo Werther, a partir da publicação da história do infeliz jovem e seu desastrado amor impossível, que Goethe, um marco do romantismo alemão criara, sob o influxo dos sentimentos impetuosos, que era a motivação do novo estilo em que tudo se rendia à emoção. Casimiro de Abreu, é um dos maiores exemplos do viés “escapismo” caracterizador da nova estética: a fuga para a infância, território ideal, paraíso de inocência e pureza:



Ó que saudades que eu tenho
da aurora da minha vida
da minha infância querida
que os anos não trazem mais/ (...)

O sentimentalismo, predominando sobre a razão, produz um lirismo que se expressa no gosto pelas ruínas, pelo noturno, pelo mistério, convertendo a mulher em anjo:

Vem, pálida virgem, se tens pena
De quem morre por ti e morre amando /

Quem assim se expressava era o mais ortodoxo intérprete desse estado d´alma. Álvares de Azevedo, poeta da terceira geração romântica, que sofreu muita influência de Lord Byron, poeta inglês. Nasceu em São Paulo em 1831 e morreu de tuberculose aos 21 anos, no Rio, desgostoso com o mundo, tal como ele se apresenta, e sempre fixado na tristeza. Junqueira Freire também influenciado pela depressão declama: (...)

Ó morte, eu amo-te e não temo/leva-me à região da paz horrenda. /
Leva-me ao nada. Leva-me contigo.

6 Palavra inglesa que significa tédio e exprime desencanto da vida.

7 Romance de Goethe Johann Wolfgang von, escritor alemão do século XIX

José de Alencar e Gonçalves Dias pertencem à primeira geração romântica, e sua opção pelo indianismo decorreu das características específicas de um estilo que privilegiava a emoção e o sentimento, a par de um sério amor às tradições e do fato, ainda, de comparar nossa jovem nação com as velhas metrópoles da Europa e outros continentes, - não encontrando história antiga em que se inspirar, pois as velhas civilizações dispunham de copioso material histórico. Voltaram-se para a nossa realidade, razão porque a produção romântica desses poetas é tão original. Encontraram no filão do nacionalismo o selvagem brasileiro, elegendo-o símbolo nacional em luta contra o invasor português que além de o despojar da sua peculiaridade, expulsou-o do seu habitat. É preciso que os poetas dirijam suas luzes por sobre eles, cantem suas rapsódias heroicas, preservem seus mitos, revelem-nos, divulguem sua cultura. Por isso o uso de um léxico indígena que com o tempo há de se incorporar ao idioma romance que se praticava, já acrescentado da contribuição africana, enriquecendo-o, e tornando-o mais colorido, um tanto distinto da expressão da metrópole.

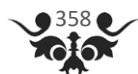
Da concepção da Natureza como mãe, provocando uma espécie de panteísmo, e do cultivo dos temas relativos à poderosa imagística decorre o pitoresco, o refrigério que o homem encontra nos rios e matas, além do exótico, e ainda, o elemento fantástico (as entidades misteriosas que as habitam). A imaginação criadora revelou mundos ideais e o poeta acredita neles firmemente, dando-lhes o respaldo de coisa real, de acordo com a sua fé no que Rousseau divulgou na filosofia de culto ao homem puro, corrompido pela civilização, que o contamina e conspurca, fazendo-o adepto das baixezas humanas, transformando-o num ser cruel adaptado ao mal predominante.

Reformismo- é outra característica apropriada ao poeta romântico. O nosso Gonçalves Dias é tido pela crítica especializada como reformador, ao lado de Alencar, como iniciadores, entre nós do romantismo nas letras. Utilizou-se de métricas e ritmos mais livres, consoante a necessidade expressiva, dando ênfase porém, à criação de poemas que exaltassem a Natureza, e sempre preservando a imagística, que é um elemento indissociável da sua composição. Certamente que, como vimos mostrando, este é um traço atemporal do homem que cultiva as Musas, mas ele faz derivar também da nossa realidade uma ânsia de mudar o aspecto do que não o agrada, dentro da sua visão de homem culto. Gera o sentimento revolucionário, em poemas que exaltam atos heroicos, grandes personagens políticos, causas sociais, obscuros heróis que o mundo desconhece, e outros que sofrem violências. A escravidão revoltava a alma do libertário poeta romântico, e sua indignação exigia uma expressão à altura. O jovem baiano Castro Alves escreveu belíssimas peças combatendo esta mancha. O tratamento desumano dado a seres escravizados, demonstrando a exploração do homem pelo homem, provocou o ímpeto patriótico e humanístico do bacharel baiano que representa a **poesia social** deste período. Imbuído de uma sede liberal, ligando-o a lutas abolicionistas, fazendo-o para sempre irmão daqueles infelizes privados do bem mais precioso da existência, produziu longos e belíssimos poemas que eram recitados em praças abertas, causando convulsões na ordem pública; utilizando-se de grandiosas metáforas ousadas,

léxico altaneiro- muito à la Victor Hugo⁸ utilizando vocabulário erudito e certa preocupação formal que mais tarde irá inspirar os parnasianos de todos os tempos. Morreria aos 24 anos, deixando uma obra plena de sentimento e indignação.

O cantor dos índios, porém, compreende o seu credo artístico dentro de extrema liberdade, e confessa que por terem sido compostos em épocas diversas os seus cantos Primeiro, Segundo e Terceiro ressentem-se nos versos, de uma certa unidade de pensamentos. Outro sintoma seria o fator libertário que não o condicionava, e o resultado disto foi utilizar-se de todos os metros da versificação portuguesa, demonstrativa da sua habilidade de composição. Por essa razão, amado e compreendido pelos poetas da sua época, imitado mesmo, em todos os tempos, mesmo após o “fim oficial” da estética romântica, foi glorificado como nosso poeta maior. Os seus poemas indianistas são inspirados em sérios estudos de Etnografia, e tem por fundo o grande amor e admiração pela paisagem americana. O índio na sua visão é principalmente um cavaleiro medieval tocado de valores cristãos, de piedade filial, cheio de honra, portanto, elevado à categoria de herói romântico, em luta contra o mundo.

Vida e Obras



Nascido em agosto, dia 10, do ano de 1823, em Boa Vista, cidadezinha próxima a Caxias, no Estado do Maranhão, era filho de pai português e mãe mestiça. Aos seis anos de idade seu pai o leva para ser criado com dona Vicência Mendes Ferreira com quem se casaria, em 1829, nobre dama que criou o menino como filho. Tem sete anos o futuro poeta; matriculam-no nas primeiras letras, tendo mais tarde um preceptor em casa, com quem inicia estudos de Latim, Francês e Filosofia, terminando a etapa fundamental em 1835. João Manuel Gonçalves Dias, seu pai, era comerciante, mas queria instruído o filho, e assim ao morrer, pouco depois, sua última vontade é respeitada. Em 36 é estudante e residente em Portugal. Em 38, Coimbra o recebe, e ele começa a participar de movimentos literários já francamente românticos. Torna-se amigo de Alexandre |Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, Almeida Garret. Concluindo os estudos em 1845, conhece toda a Península, ampliando sua cultura, e volta, formado, à pátria que jamais esquecera.

No Rio de Janeiro, sede de um Império, o único nas Américas, filia-se à intelectualidade nacional: Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre, José de Alencar e outros em destaque. Sai a primeira edição dos Primeiros Cantos. É elogiado por Herculano que vê nele uma promessa. Contratado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1851, vive com muita dificuldade. É encarregado pelo Governo de observar a instrução pública, primária, secundária e profissional, viajando pelo Brasil.

8 Victor Marie Hugo, nascido em Besançon 1802/1865, escritor e grande poeta, autor de *Os Miseráveis*, *O Corcunda de Notre-Damme* entre muitos outros.

Ano seguinte, 1852 apaixonado por Ana Amélia do Vale, é recusado pela família; por preconceito; casa-se então, por compensação, com dona Olímpia Coriolano da Costa e não é feliz nesta união.

Nomeado em 53, Oficial de Secretaria dos Negócios Estrangeiros, parte para a Europa lá permanecendo cerca de 4 anos. Torna-se membro da Real Academia de Ciências, introduzido por Alexandre Herculano, seu admirador. Em 1858 retorna ao Rio, e percorre em missão científica os estados do Norte e o Nordeste. Etnólogo, aproveita para colher dados e documentos preciosos para seus estudos futuros.

Em 1863 viaja à Europa, procurando melhores climas para a saúde delicada. Ano seguinte o Governo lhe corta os subsídios deixando-o em situação difícil. Resolve retornar ao Brasil, sofrendo o naufrágio nas costas do Maranhão, já avistando suas queridas palmeiras “onde canta o sabiá”.

Comentários às obras

Primeiros Cantos/ Segundos Cantos – Compôs grande parte dos poemas constantes desses livros em Portugal, quando lá residiu de 1838 a 1845. Seus poemas mais conhecidos são A canção do Tamoio, Leito de folhas verdes, O canto do Piaga, além do já mencionado Canção do Exílio, com que abrimos este ensaio.

Últimos Cantos- dele faz parte o que parece concentrar todo o ideário do poeta dos índios. E dele podemos dizer que é em essência um poema de cunho indianista, lírico, épico (na medida em que conta a saga de um povo); dramático, mostrando a intensa luta de sentimentos que agita o herói trágico que sabe que deve morrer, mas tem que defender sua honra, abrigar o pai cumprindo o dever filial e principalmente confirmar o mito.

Nesta odisséia a que chamou **Y-Juca- Pirama** (aquele que deve morrer) conta a triste história de um moço guerreiro, valente e forte, *derradeiro brasão da raça extinta*, que deixa o pai em segurança e penetra as matas em busca de alimentos. O velho preocupa-se com a demora, pois *não era nado o Sol* quando o filho partira, e *frouxo o seu calor* sentia agora, quando ele, finalmente, extremamente nervoso, volta e lhe diz *aqui vos trago provisões, tomai-as/ as vossas forças restaurai, perdidas,/ e a caminho, já*. O pai reclama: *tardaste tanto*, e ele, sem coragem de contar a verdade, diz-lhe ter-se perdido *nestas matas intrincadas*. Mas ao apalpar-lhe a cabeça e sentir o cheiro acre das tintas com que o prepararam para o sacrifício, o cego apercebe-se da horrível verdade: falta-lhe na cabeça o *natural ornato*, entende a realidade: *tu, prisioneiro, tu? / vós o dissestes/ dos índios? Sim/ de que nação? Timbiras*. E ao saber que eles o dispensaram, deseja a ciência de tudo, mas o filho se cala. O velho o faz voltar, e ao chegar à tribo vê com horror que lhe rejeitam o filho por julgá-lo covarde. Toda a dramaticidade aparece então nas maldições que dirige àquele que chorou *em presença de estranhos*, e diante da morte, o que é pior, dando demonstração de covardia, e falta de honradez. Diante da reação



do rapaz que desafia para a luta encarniçada e demonstra seu valor e bravura, tudo se explica. E o velho justifica sua emoção derramando lágrimas, que não causam desonra. E discursa, jubiloso: *Este sim, que é o meu filho muito amado/, e porque o tenho, enfim, qual sempre o tive/, corram livres as lágrimas que choro/ estas lágrimas, sim, que não desonram.*

E um sobrevivente, muito tempo depois, mantém vivo o relato, repetindo para várias gerações. *E à noite na aldeia,/ se alguém duvidava/ do que ele contava/ tornava prudente:/ Meninos, eu vi.*

Da concepção de mimesis fornecida por Aristóteles que vigorou durante toda a Antiguidade, chegando até à Idade Média, vimos as artes miméticas sendo ou dramáticas, utilizada nas tragédias ou narrativas e/ou nos poemas épicos. No século XVI, porém, repensou-se a divisão das Artes conforme os objetos, meios e modos de realizar-se a imitação, passando-se a uma tripartição, contando os poetas com os estilos épico, lírico e dramático (este somente usado na tragédia) Mais tarde Victor Hugo, francês, e outros investigadores do fenômeno literário acrescentaram o drama. Que participando dos característicos da tragédia e da comédia, da ode, da epopeia, poderia abranger toda a problemática da vida humana; que daria conta de representar os seus altos e baixos, a alegria e a dor, o júbilo e a desolação, a melancolia e o entusiasmo.

Uma aplicação rígida da tripartição de uma obra literária segue sendo impossível, porque cada vida representada em literatura tem seus momentos líricos, dramáticos, e épicos. Daí que o poema heroico de G. Dias é ao mesmo tempo lírico e épico, além de possuir forte cor dramática, na medida em que o herói nele representado vive uma experiência humana, antes de mais nada. Note-se que este poema é indiscutivelmente importante, prestando-se à arte da declamação, arte em desuso, no momento, mas que como todas as modas poderá voltar, quando se esgotar a sede de originalidade dos poetas e baixar um pouco a sanha iconoclasta atual que pretende, erroneamente, “repensar” tudo o que teve valor no passado.

Gonçalves Dias é essencialmente poeta, mas escreveu obras ensaísticas e didáticas, visando à melhora da educação brasileira, fruto dos seus estudos e viagens de observação, não só no Brasil. Prova de sua erudição é a curiosa obra **Sextilhas de Frei Antônio**, compostas em rigoroso e ortodoxo estilo “antigo” em bela e correta linguagem castiça.

Por ocasião da sua morte que causou grande comoção nacional foi homenageado por Machado de Assis que lhe dedicou uma elegia:

*Morto! É morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!*

Lírico, épico e dramático, nosso maior poeta romântico não se ateve e muito menos se deixou levar pela inspiração fácil, pesquisou a forma e trabalhou artesanalmente o verso, mantendo-se sempre fiel e coerente com a sua própria estética romântica, produzindo peças sempre niveladas por altíssima qualidade. Alguns dos seus traços

marcantes bem de acordo com o ideário romântico seriam a liberdade de usar de metros e ritmos variados, de acordo com o objetivo ou necessidade expressiva, ressaltando sempre a imaginação criadora, inserido o sujeito na natureza, harmoniosamente.

Justificando sua poiesis ele depõe: “Dei o nome de Primeiros Cantos às poesias que ora \publico, porque espero que não sejam as últimas (...) Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção: adotei todos os ritmos de metrificação portuguesa, e usei deles como parecessem quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir (...) Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas- debaixo de céu diverso- e sob influência de impressões momentâneas\ (...) das margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos de Gerez- no Doiro e no Tejo “– e coerentemente, persistiu na linha de composição que elegera, fruto de uma sensível escolha, de uma forte determinação artística”.

Prova de sua importância é a sucessiva edição de seus livros e a divulgação dos seus incomparáveis versos. Pode-se afirmar que é o poeta romântico mais amado da literatura brasileira.

Conclusão

O homem puro de Rousseau é uma tese adotada pelos indigenistas que marcaram o século XIX com sua poesia, e direciona romances de alguns escritores do período, entre eles José de Alencar com **O Guarani** e principalmente **Iracema**. Neste romance em especial, o anagrama de América traz certas ilações que convém não desprezar. É a narrativa da conquista a uma virgem das florestas, com final trágico: após dar um filho ao invasor branco, ela morre, enquanto ele parte. Pode ser lido, também, como uma metáfora do processo de colonização e povoamento da terra, no qual o elemento miscigenação tem enorme peso na formação do povo brasileiro.

A ficção brasileira, de um modo geral, também é produto do Romantismo literário, cujos autores libertaram a língua dos cânones lusitanos escritos, preocupando-se em criar uma feição nacional da nossa linguagem, e com isto fazendo-nos autores e donos de uma literatura própria, brasileira, em verdade, no seu melhor sentido. Há muito, aliás, que Machado de Assis já detectara um “instinto de nacionalidade” na nossa expressão artística.

Tem-se o Romantismo como o mais importante momento da arte universal, embora defendamos a ideia de que a ideia romântica é inerente ao homem criador. O sonho é privilégio e apanágio do homem. Inseparável do espírito humano. O primado da imaginação e da emoção contra a razão cega, certo ilogismo, apego às raízes, religiosidade, solidão, os traços revolucionários e a imaginação criadora seriam os pressupostos daquele estilo de época. Mas também seriam alguns dos traços, entre outros, que definiriam, não somente aquele movimento datado, preciso, dentro de uma cronologia exata. Igualmente eles são caracterizadores de praticamente todo o clima artístico que

se respira em certas épocas e do tônus artístico que alguns possuem em alto grau, embora não apareçam, muitas vezes, todos de uma vez. E cabe uma pergunta: qual a arte que não se serve da imaginação criadora? Mesmo os estilos mais secos, ou que desfiguram a realidade, que procuram abolir toda forma de beleza ou regularidade, não serão ainda, um “produto da imaginação criadora” do artista? Mesmo dentro de um estilo “preso” sujeito a regras, é possível detectar certa rebeldia. Porque em verdade está-se tentando criar alguma coisa inédita, sem ligação mínima com aquilo que já é corriqueiro. Qual o artista que não se refugia no seu mundo para realizar obra que pretende diversa daquela que outros pensaram? Nesse sentido, todo criador ao procurar uma nova forma de expressão, sem vínculo menor com o que existe, não é, ou procura ser, bastante original? Fazer surgir uma nova realidade onde caiba a sua obra, um mundo novo onde ele possa colocar a sua verdade? E para isso não recorrerá à solidão? Qual o vivente que isento de paixão, e movido por este estímulo não coloque o objeto do seu interesse num lugar à parte?

Talvez o aspecto mais bonito do Romantismo seja, a nosso ver, o nacionalismo. Que veio trazer uma nova dimensão ao conceito de nação, e procurava ressaltar os aspectos mais sentimentais da terra em que se nasceu - sem xenofobia, ao contrário, emprestando uma dimensão quase religiosa, de valorização à pátria. Nunca mais terá havido outro fenômeno igual. Principalmente na música o nacionalismo é de uma expressividade total e encantadora. Decorrente dele é criada uma nova forma musical – o poema sinfônico, forma antecipada por Beethoven, que morreria em 1827. Colocado pela época no Classicismo musical, compôs a Sinfonia Pastoral, peça fortemente descritiva e possivelmente um dos exemplos mais estranhos à classificação, devido à forma descritiva com que retrata um dia no campo e uma tempestade repentina. Talvez igualmente Vivaldi, mais antigo ainda, representante do barroco musical, intrigando os conceituadores ortodoxos com as suas **Quatro estações...** Na música clássica brasileira os nomes de Alberto Nepomuceno, Carlos Gomes- o Condor das Américas, e antes deles, o humilde religioso José Maurício, apesar da sua época e do seu estilo Haydniano, precisa ser valorizado nesse aspecto de música nacionalista. Como misterioso e particular fenômeno muito nosso.

O que queremos demonstrar com esse leque de enfoques, é que pelo menos no Brasil, o Romantismo não morreu. Permanecerá, como traço marcante da personalidade brasileira, fruto de “três raças tristes”. Ainda nos dias que correm grande parte de nossos pintores prefere a arte acadêmica, porém colocando nela sua visão romântica da realidade; nossos poetas jovens ou não, em sua grande maioria trabalham sobre temas amorosos, e a saudade, a infância e o passado têm grande parte em suas composições. Músicos, exceptuando-se os que realizam invenções tão extraordinárias, esdrúxula, na maior parte anulando melodia e ritmo, conseqüentemente, desarmônicas,- sem beleza, procuram marcar pelo elemento subjetivo, pesquisando a combinação mais harmônica, e mais bela.

Ave romanticus! A verdadeira arte vos saúda.



Reencarnação

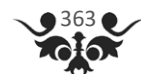
Francisca Regina Rodrigues Neto¹

Gonçalves Dias foi um mestre da poesia. Deslocou toda a sua capacidade criativa para a exaltação da pátria e dos seus elementos mais característicos. Foi senhor romântico do ufanismo nacional e galgou o posto de patrimônio histórico e cultural do povo brasileiro tanto quanto a sua obra.

No entanto, vivemos outros tempos. Um século se passou e a realidade agora é outra. Torna-se, portanto, quase inevitável conjecturar sobre como o espírito do poeta se comportaria diante do Brasil do século XXI. Sentir-se-ia decepcionado ou fascinado? Ficaria feliz ou preocupado com os rumos em que adentramos? Bem, não sabemos. O homem é senhor de suas ideias, mas, depois de morto, é senhor do silêncio.

O que sabemos é que, a seu tempo, como bom romântico que foi, deixou de lado os problemas e se concentrou nas riquezas de sua musa. Faria o mesmo hoje? Talvez, mas, com o choque da realidade, provavelmente escreveria assim:

Já que aqui me encontro agora
Na herança de meu tempo,
Não deixo de perceber
O trabalho e seu alento
Desse povo livre e solto
Senhor das próprias terras
Que produz ainda revolto
Sobre o pouco que os encerra



¹ Nasceu em Floriano Piauí em 08/03/1960; Filha de: Antonio Bernardo Neto e Itelvina Rodrigues de Santana Neto: Graduação Universidade Federal do Piauí e Pos- Graduação Universidade Federal de Viçosa - Minas Gerais. Professora da Universidade Estadual do Maranhão; Membro do Conselho Municipal de Meio Ambiente de Caxias - MA ; Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias - MA ; Membro da Academia de Letras Educação e Artes do Estado do Maranhão. Professora da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias – MA. Membro da Academia de Letras, Educação e Artes do Maranhão.

A eles os prometeram
Liberdade e independência
Mas só trocaram o senhor
Fora falta de prudência?
Entretanto ainda convivem
Com mazelas do passado
Qualquer um que se disponha
Já as tinha solucionado

Irmãos que avançam juntos
Sob esplendor de nova era
Não esqueçam a compaixão
Pois com ela se fizera
Grandes reinos e palácios
Por vocês também fará
Meu coração convosco bate
E some toda a minha esfera
Pois minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Em homenagem a Gonçalves Dias.



Gonçalves Dias, poeta da nacionalidade

Fábio Palácio¹
Cristiano Capovilla²

I. Introdução

Os versos estão no hino nacional, mas o espírito que carregam espalha-se por toda parte em que habite a brasileira gente:

*Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*



Seu autor, Antônio Gonçalves Dias, nascia há 190 anos, no dia 10 de agosto de 1823. Vinha ao mundo em sítio nos arredores da antiga Aldeias Altas — hoje Caxias —, uma próspera vila do sertão maranhense, que já à época contava seus trinta mil habitantes. Ali, naquele momento e naquela localidade, nossa terra se tornava, afortunadamente, a pátria mãe de um dos mais vigorosos poetas de todo o Romantismo.

De todo ele: a assertiva não trás em si qualquer excesso. Já em vida reconhecido como o maior poeta do país — juízo que ainda hoje persiste em boa parte dos críticos —, o autor de “I-juca-pirama” não teve sua fama restrita ao território pátrio. Sua edição dos *Cantos* impressa em Leipzig em 1857 alcançou grande aceitação em Portugal, na Espanha, na França e na própria Alemanha, projetando-o mundialmente como poeta de expressão.

Não por acaso, a leitura dos *Primeiros Cantos* — obra de estreia de Gonçalves Dias — levou Alexandre HERCULANO, gigante do Romantismo português e europeu, a declarar sobre o futuro literário do Brasil:

1 **Fábio Palácio** é jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica e doutorando em Ciências da Comunicação (ECA/USP); diretor nacional da Fundação Maurício Grabois.

2 **Cristiano Capovilla** é filósofo com especialização em Ética, mestrando em Epistemologia e Filosofia da Linguagem (UFPI) e professor do Colégio Universitário da UFMA; e diretor da Fundação Maurício Grabois (MA).

“Naquele país de esperanças, cheio de viço e de vida, há um ruído de labor íntimo, que soa tristemente cá, nesta terra onde tudo acaba. A mocidade [i.e. a jovem nação brasileira], desprezando o estandarte da civilização, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das letras; arroteia os campos da inteligência; aspira as harmonias dessa natureza possante que a cerca; concentra num foco todos os raios vivificantes do formoso céu, que a alumina; prova forças enfim para algum dia renovar pelas ideias a sociedade, quando passar a geração dos homens práticos e positivos, raça que lá deve predominar ainda; porque a sociedade brasileira, vergôntea separada há tão pouco da carcomida árvore portuguesa, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renovo dessa vergôntea, transplantada da Europa para entre os trópicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decair tão cedo como nós decaímos! [...]”

“Os Primeiros cantos são um belo livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Santa Cruz, que já conta outros no seu seio, pode abençoar mais um ilustre filho.” (in DIAS, 1998, p. 99-100)

Gonçalves Dias foi o autor emblemático do admirável círculo romântico maranhense, que por sua vez — como se depreende das opiniões de críticos como José Veríssimo e Sílvio Romero — representou o ponto alto do Romantismo brasileiro. “A lírica de Gonçalves Dias”, afirma o historiador e crítico Alfredo BOSI, “singulariza-se no conjunto da poesia romântica brasileira como a mais literária, isto é, a que melhor expressiu o caráter mediador entre os polos da expressão e da construção” (1992, p. 119).

Nessa linha de apreciação já insistia o professor Soares AMORA, para quem

“Na ordem do relativo, Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Castro Alves foram, sem dúvida, os nossos mais significativos poetas românticos; mas na ordem dos valores absolutos, pouco a pouco chegou a crítica à convicção de que foi Gonçalves Dias a mais completa organização poética de nosso Romantismo, e foi, ainda, aquele a quem ficamos a dever a primeira definição de uma grande poesia brasileira.” (1967, p. 127)

Essa “primeira definição de uma grande poesia brasileira” surge da pena de um poeta forjado concomitantemente sob os signos da lusitanidade e da mestiçagem. Poeta brasileiro por excelência, Gonçalves Dias temperou sua verve poética, de um lado, em um modo de vida intimamente ligado à realidade da gente simples, e de outro na militância em torno das grandes questões nacionais. Daí a marca simultaneamente nacionalista e popular de sua poesia.

O poeta das três raças

A vida de Gonçalves Dias esteve marcada, desde os primórdios, pelos acontecimentos relacionados à afirmação da jovem nação brasileira. Caxias, sua terra natal, compôs o último reduto da resistência portuguesa contra a Independência do Brasil.

“Ali se retirara o bravo coronel Fidié e ali foi acometido e cercado por cearenses, piauienses e maranhenses sob a chefia do coronel Pereira Filgueiras, ao qual teve

de capitular em 27 de julho de 1823. Muito comprometidos ficaram neste sucesso os principais residentes portugueses da vila, entre eles João Manuel Gonçalves Dias, natural de Trás-os-Montes, negociante na Rua do Cisco, onde vivia amasiado com Vicência Mendes Ferreira, mulher casada e separada do marido. Temendo a perseguição dos nacionalistas, entrados na vila a 1º de agosto, fugiu Manuel para o seu sítio da Boa Vista, levando consigo a Amásia, que dez dias depois dava à luz, em tão precárias e dramáticas condições, o primeiro grande poeta romântico do Brasil.” (BANDEIRA in DIAS, 1998, p. 13)

O fato é cantado pelo poeta em “Caxias”, peça poética na qual afirma:

*Antemural do lusitano arrojo,
Último abrigo seu, — feros soldados,
Veteranas cortes nos teus montes
Cavam bélicas tendas! — Um guerreiro,
O nobre Fidié, que a antiga espada
Do valor português empunha ardido,
No seu mando as retém: debalde, oh forte,
Expões teus dias! teu esforço inútil
Não susta o sol no rápido declive,
Que imerge aquém dos Andes orgulhosos
Da África e da Ásia os desbotados louros!*

O nacionalismo português também viria compor o painel intelectual e moral que informava a experiência poética de Gonçalves Dias. Seu pai, um comerciante educado nas tradições nacionalistas lusitanas, logo trataria de instilar no filho os nobres valores do amor à terra. Uma *História de Portugal* escrita por Laclede e a *Vida de dom João de Castro*, de Jacinto Freire de Andrade, foram alguns dos primeiros livros que lhe caíram às mãos, presenteados pelo pai, de resto um tipo repleto de fervor patriótico.

Em sua cidade natal, tomou parte diversas vezes em campanhas, comícios e demais iniciativas políticas, chegando certa vez a ensaiar uma candidatura. Aliou-se desde sempre com os revolucionários balaio em sua luta contra os bem-te-vis (liberais).

Anote-se, ainda, que os períodos passados na capital maranhense também contribuíram decisivamente para a formação da personalidade do poeta. A São Luís cosmopolita de Gonçalves Dias — um dos principais núcleos populacionais brasileiros do período imperial — tinha uma peculiaridade que se estenderia séculos afora, arrastando-se mesmo até períodos recentes (o que pode ser conferido na trajetória de certos poetas maranhenses do século XX, como Bandeira Tribuzi). Naquela cidade era comum as aristocracias “quatrocentonas” locais, compostas principalmente de comerciantes portugueses (muitos deles donos de grandes armazéns na Rua Portugal), enviarem seus filhos para a realização de bacharelamentos não no Rio de Janeiro, mas em Coimbra e Lisboa. Além dos fatores de ordem cultural (as elites ludovicenses eram quase todas de origem portuguesa), essa realidade tinha como motivação o fato de que o tempo de viagem de navio para Portugal não era muito maior do que o gasto no transporte para o Rio de Janeiro.

Considerando essas condicionantes, não é de causar espanto que na São Luís do século XIX tenha florescido o primeiro núcleo populacional brasileiro com sólida massa crítica no que tange ao domínio idiomático do português. Não surpreende, outrossim, que ali se tenha formado um dos maiores poetas de toda a lírica de língua portuguesa. O fato não passa despercebido a um Alfredo BOSI, que vê na poesia gonçalvina um espaço de atuação direta dos modelos portugueses. “O poeta maranhense tem muito de português no trato da língua e nas cadências garrettianas do lirismo, ao contrário dos seus contemporâneos, sobre os quais pesava a influência francesa” (1992, p. 114).

As “cadências garrettianas” dos versos de Gonçalves Dias aprofundaram-se nos tempos vividos em Portugal. Coimbra sempre foi um importante centro intelectual não apenas português, mas europeu. Lá as ideias românticas associadas à tríade Garrett, Herculano e Castilho faziam seguidores. A juventude universitária empenhava-se em participar desse movimento, fazendo experimentações e buscando colocar a literatura portuguesa em compasso com o melhor das vanguardas europeias.

“Gonçalves Dias integrou-se completamente nesse meio; e sem deixar de ser um jovem intelectual brasileiro empenhado na reforma romântica também no seu país, acompanhou, muito naturalmente, as tendências do gosto e a ação literária da juventude acadêmica portuguesa em que estava integrado.” (AMORA, 1967, p. 140)

A carga de lusitanidade em sua formação diz muito da personalidade de Gonçalves Dias. Porém, se esse é o elemento capaz de explicar diversos elementos de sua poesia, tanto no polo da expressão e do sentido — como seu nativismo radical — quanto no polo da construção literária — como as “cadências garrettianas” de seu lirismo, não seria possível entender, tomando-se apenas o fator lusitano, por que motivo Gonçalves Dias construiu uma poesia tão autenticamente brasileira. É nesse momento que somos impulsionados a considerar o elemento mais propriamente brasileiro da mestiçagem, sobre o qual tanto insiste Sílvio ROMERO.

“O autor de ‘Marabá’, de ‘A mãe-d’água’, de ‘Leito de folhas verdes’, de ‘O gigante de pedra’, de ‘I-juca-pirama’, de Os timbiras, que é também o autor das Sextilhas de Frei Antão, isto é, o autor do que há de mais nacional e do que há de mais português em nossa literatura, é um dos mais nítidos exemplares do povo, do genuíno povo brasileiro. É o tipo do mestiço físico e moral de que tenho falado repetidas vezes [...]. Gonçalves Dias era filho de português e mameluca, quero dizer, descendia das três raças que constituíram a população nacional e representava-lhes as principais tendências” (1960, p. 917).

Essa condição de filho das três raças originárias do povo brasileiro teria influenciado sobremaneira a poesia de Gonçalves Dias:

“O poeta, evidentemente sem plano escolástico, espontaneamente e sem impulsos doutrinários, deixou-se influir pela vida dos selvagens, como em ‘I-juca-pirama’ e dez outras composições; pelas tradições portuguesas, como nas Sextilhas de Frei Antão e em Leonor de Mendonça; pelos sofrimentos dos escravos pretos, como na ‘Escrava’ e na Meditação.” (Id. Ibid. p. 920)

Apreciação semelhante é desenvolvida por Gilberto Freire em seu *Sobrados e mocambos*. Nesse livro, o mais prestigioso antropólogo brasileiro refere-se a Gonçalves Dias como

“O tipo do bacharel mulato. Filho de português com cafuza, Gonçalves Dias foi a vida inteira um inadaptado tristonho. Uma ferida sempre sangrando embora escondida pelo croisé de doutor. Sensível à inferioridade de sua origem, ao estigma de sua cor, os traços negroides gritando-lhe sempre do espelho: ‘lembra-te que és mulato!’ Pior, para a época, do que ser mortal para o triunfador romano.” (apud BANDEIRA in DIAS, 1998, p. 14)

Não terá sido à toa, portanto, que Gonçalves Dias tenha conseguido cultivar sobre o problema etnográfico brasileiro tão aguda percepção. “O poeta possuía a intuição histórica e étnica deste país, o que importa um elogio, atenta a ignorância, por assim dizer sistemática, dos nossos homens de letras em tudo o que se refere a assuntos nacionais” (ROMERO, 1960, p. 929). A afirmação capta um dos aspectos essenciais do projeto gongçalvino, cujas marcas espalham-se por toda a sua poesia. A prosa bíblica *Meditação* constitui-se no primeiro registro abolicionista da poesia brasileira. Já em “O gigante de pedra” podemos ler:

*E no féretro de montes
Inconcusso, imóvel, fíto,
Escurece os horizontes
O gigante de granito.
Com soberba indiferença
Sente extinta a antiga crença
Dos Tamoios, dos Pajés;
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropelam aos pés!*



A “intuição histórica e étnica” à qual alude Romero jogaria papel destacado, em meados do século XIX, no esforço mais amplo de construção dos princípios de um pensamento nacional enraizado nas letras, nas artes, na filosofia, na ciência. Esse esforço não se deu por encerrado e segue hoje, sob nova roupagem e em novas condições, compondo a face ideológica das batalhas políticas por um novo projeto de desenvolvimento para nosso país.

Que teria a nos dizer Gonçalves Dias 190 anos após seu nascimento? Que inspirações sua poesia seria ainda capaz de instilar-nos em nós, homens e mulheres de tempos já tão distantes? São questões a cuja abordagem este artigo se dedica. Através de sucessivas aproximações, buscaremos fazer ressurgir o poeta e sua poesia naquilo que têm de atual, extraindo desse movimento lições capazes de falar aos corações e às mentes daqueles que dão sequência, nas condições atuais, à missão de dar cores vivas à construção da nacionalidade brasileira — persistente tarefa que teve no movimento

romântico em geral, e na poesia de Gonçalves Dias em particular, um de seus pontos culminantes.

II. O movimento romântico

Falamos, no parágrafo anterior, em sucessivas aproximações. Em uma primeira delas cabe-nos revisar o contexto sociocultural mais amplo que emoldura a obra do grande poeta romântico brasileiro.

Esse contexto encontra-se coligido semanticamente na palavra Romantismo. Mais que mera tendência literofilosófica, o movimento romântico é o espírito que sintetiza uma época. Surge em decorrência das desilusões provocadas pelo sentimento de falência das promessas iluministas e seu projeto de “liberdade, igualdade e fraternidade”. Constitui-se, assim, em expressão ideológica típica do capitalismo maduro. Traz à cena cultural as primeiras reações à ascensão plena da civilização urbano-industrial e à consequente institucionalização burguesa da vida social, tornada “mecânica” e “inautêntica”.

Segundo Karl MANNHEIM, o Romantismo expressa os sentimentos dos *descontentes* com as novas estruturas (*apud* BOSI, 1992, p. 100). A definição é feliz e pode ser verificada em vários níveis. Há, para além de indivíduos, classes descontentes — a nobreza decadente, a pequena burguesia oscilante e o proletariado ascendente, que luta contra a exploração. Num outro nível, podemos falar ainda de nações descontentes — em particular com o despotismo napoleônico e a dominação francesa sobre a Europa.

Descontentamento tão amplo e várias em suas motivações não poderia dar ensejo senão a um movimento eclético do ponto de vista ideológico, capaz de abarcar amplo leque de manifestações de insatisfação. Por esse motivo o Romantismo vai do saudosismo à combatividade; da elegia ao otimismo; das soluções nostálgicas e passadísticas às de cunho reivindicatório ou, mesmo, revolucionário.

Trata-se, enfim, de um brado cultural contra a modernidade capitalista, brado este que, segundo BOSI, exprime um “desejo do que se sabe irrealizável” (1992, p. 103). Em outras palavras, o Romantismo traduz no plano da cultura um conjunto de aspirações frustradas em face de um projeto de sociedade que, afinal, começa a se mostrar inexecutável.

O espírito romântico espalhou-se por diversas partes da Europa, alcançando países tão distintos como Inglaterra e Espanha. Mas foi na Alemanha que o movimento alcançou maior exuberância, através de nomes como os dos escritores Goethe, Hölderlin, Heine e Jacob e Wilhelm Grimm, e dos filósofos Herder, Fichte, Schelling e Hegel.

Reação ao Iluminismo

O Romantismo pode ser entendido como um amplo movimento intelectual anti-iluminista, uma reação ao *Aufklärung* (Esclarecimento). Essa reação tem como alvo privilegiado o frio determinismo que grassava na Europa setecentista, uma tendência fortemente associada aos pensadores materialistas do Iluminismo francês (Voltaire, Diderot, D'Alembert, D'Holbach, Helvétius e outros). Nessa perspectiva, a natureza humana não se diferenciava das leis do mundo físico: desejos, pensamentos e ações estariam condicionados por fatores psicológicos, fisiológicos e ambientais. Não havia lugar para a liberdade, a iniciativa ou a escolha.

Uma primeira tentativa de conciliar determinismo e liberdade havia sido tentada por Immanuel Kant (1724-1804). Seu pensamento analítico e “antimetafísico” constrói uma concepção bifocal do Homem como ser determinado ao mesmo tempo empírica e transcendentemente.

Em sua *Crítica da Razão Pura*, KANT (1991) busca determinar o alcance e os limites do conhecimento a partir do exame dos elementos que o constituem e dos elos que existem entre eles. Esses elementos seriam dois: a intuição (*a posteriori*), que recebe as representações sensíveis necessárias, e o entendimento (*a priori*), que recolhe os dados da intuição e produz representações por meio do pensamento. Dessa situação heterogênea surgem as condições de possibilidade do conhecimento no interior da experiência. Só podemos conhecer a realidade à medida que esta se nos apresenta por meio das categorias transcendentais do entendimento (sendo *espaço* e *tempo* as principais dentre elas). Isto é: só nos é dado conhecer o *phainomenon* (fenômeno, aquilo que aparece). A realidade em si mesma, o *noumenon*, situada além dessas categorias, seria uma “coisa em si” incognoscível.

É dessa maneira que Kant busca delimitar as possibilidades do conhecimento enquanto faculdade da razão. Sem tal exame, a filosofia permaneceria enredada nos conflitos metafísicos que desde sempre a atormentavam e que a impediam de estabelecer-se como ciência nos moldes da matemática e da física. Cria-se, assim, uma espécie de “jurisdição” dentro da qual fica delimitado o conhecimento. Fora dessa jurisdição, determinada por parâmetros tomados de empréstimo à física e à matemática, as coisas podem ser pensadas, mas nunca conhecidas. Posteriormente, é bem verdade, a liberdade e o “gosto” estético aparecerão no pensamento kantiano através da *Crítica da Razão Prática* e da *Crítica da Faculdade do Juízo*, respectivamente, mas ambas estarão esvaziadas do conteúdo normativo do conhecimento. Para o Iluminismo kantiano, a ética e a estética quedam excluídas do domínio da cognoscibilidade.

A filosofia de Kant traçou uma “ponte” de pensamentos por onde todos os filósofos alemães posteriores tiveram de passar — principalmente os que pretendiam criticar, corrigir ou refutar as sentenças iluministas do idealismo transcendental. Assim, o idealismo alemão posterior teria como ponto de partida uma análise crítica da base filosófica legada por Kant.

O combate ao edifício cientificista do Iluminismo daria um passo adiante com Johann Gottfried von Herder (1744-1803). Contemporâneo de Kant, Herder afirma a tese segundo a qual a mente é uma unidade. Seria equivocado postular qualquer tipo de separação aguda entre as faculdades da mente humana. Essa tese contradiz abertamente o dualismo kantiano, e abre caminho ao projeto romântico de conceber a natureza como totalidade orgânica e viva, em profunda conexão com o mundo espiritual, e não mais como um mecanismo frio e sem alma, constituído apenas por matéria em movimento mecânico e geométrico. Nessa visão, crítica da separação da realidade entre homem e natureza, o que interessa ao pensamento é conhecer a totalidade das coisas. A estrutura da natureza não pode estar dissociada da imaginação humana.

Também em sentido inverso ao operado por Kant, o projeto herderiano confere especial atenção à tarefa de “combater a ideia segundo a qual o trabalho teórico na filosofia ou nas ciências é ou deveria ser apartado da vontade e das emoções” (FORSTER, 2008). Ao defender tal ideia, Herder recupera o estatuto de cognoscibilidade que havia sido por Kant negado à ética e à estética.

Johann Gottlieb Fichte (1772-1814), Friedrich Von Schelling (1775-1854) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) constituem a trindade que possibilitou à filosofia alemã a superação dos resquícios do mecanicismo iluminista e sua elevação rumo às formas superiores do idealismo — reunidas sob a denominação *idealismo objetivo*.

O desenvolvimento do idealismo alemão, em que pesem as diferenças entre esses pensadores, seguiu um programa de pesquisa filosófico cujo centro é a superação da gnosiologia kantiana e sua “coisa em si”. Para Fichte, Schelling e Hegel, o espírito humano não pode aceitar que conheçamos somente nossas próprias ideias como distintas das coisas existentes fora de nossa mente. Era necessário superar a cisão provocada pela crítica kantiana.

Em sua obra *O princípio da doutrina da ciência*, Fichte proclama seu rompimento com o kantismo e conclui que qualquer visão do conhecimento que submeta e condicione o Homem a entidades externas à mente seria um obstáculo à plena autonomia da pessoa humana. O pensador adota, como ponto de partida de seu pensamento, uma noção do Eu não como pura subjetividade, mas como uma atividade, uma ação. “Teu pensar é para ti um agir”, afirma (FICHTE, 1973, p. 42). Isso quer dizer que não existe pensamento sem algo a ser pensado. A atividade interior sempre se dirige para algo fora dela. A partir dessa compreensão autorreflexiva do pensamento como atividade, entendemos que a separação entre sujeito e objeto “é a razão pela qual a consciência redundou incompreensível para nós”. Portanto, devemos buscar uma forma superior de especulação, “uma consciência em que o subjetivo e o objetivo absolutamente não se separam, e são absolutamente um e o mesmo” (Id. Ibid. p. 44). Essa consciência fundamenta a relação sujeito-objeto e, em si mesma, transcende essa relação. Trata-se de uma consciência da relação sujeito-objeto em sua identidade.

Como afirma PHILONENKO,

“Na Doutrina da ciência encontram-se afirmados ao mesmo tempo realismo e idealismo; realismo: segundo a Doutrina da ciência o fundamento último de toda realidade para o Eu é uma relação originária de ação recíproca entre o Eu e algo de exterior a ele; idealismo: nada é real para o Eu, sem ser igualmente ideal.” (1974, p. 77)

Mas foi sem dúvida o pensamento de Schelling o que mais aproximou o Romantismo do idealismo filosófico. Dois são os pontos dessa aproximação: a ideia de uma natureza ativa e a da obra de arte como expressão máxima da verdade.

No apêndice da *Introdução às ideias para uma filosofia da natureza*, Schelling, assim como Fichte, parte da crítica aos limites expostos pela noção kantiana da “coisa em si”. Para ele, não pode haver filosofia sem a compreensão de que o absolutamente ideal é também o absolutamente real. Sem essa condição necessária, sequer seria possível falar de filosofia, ficando o pensamento limitado apenas às diversas ciências particulares. A filosofia é uma ciência absoluta, e

“Longe de tomar emprestados os princípios do seu saber de outra ciência, tem, pelo contrário, pelo menos entre outros objetos, também o saber por objeto, portanto não pode ser ela mesma, por sua vez, um saber subordinado.” (SCHELLING, 1973, p. 216)

Ou seja, a compreensão de que o absolutamente real é absolutamente ideal é o pré-requisito da cientificidade superior, a condição de um “saber absoluto”. Nessa perspectiva, subjetivo e objetivo não se encontram unificados como opostos, mas como unidade, como identidade pura. A filosofia como ciência do absoluto tem no seu agir, como um só, dois lados: um real e um ideal. O Eu, sujeito subjetivo, tem o espírito como ação. A natureza, objeto objetivo, tem a força como ação. A natureza ganha, nessa abordagem, a forma de uma infinita autoatividade jamais exaurida, com força e ação, sendo tão importante quanto o sujeito no processo do conhecimento do absoluto.

Qual o resultado prático da unificação entre o mundo da natureza e o mundo do espírito? A obra de arte. Conforme sustenta Schelling, é nela que a inteligência se torna autoconsciente do saber absoluto. A arte seria, portanto, a verdadeira filosofia, uma vez que só nela reconciliam-se natureza e história; só ela propiciaria a criação de uma unidade absoluta, completamente indiferenciada, entre sujeito e objeto. A criação artística seria a melhor via de acesso ao absoluto.

Embora seja considerado, dentre os nomes da tríade supramencionada, o filósofo mais distante do movimento romântico, Hegel dá sequência, sob muitos aspectos, à trilha aberta desde Herder, e aprofundada por Fichte e Schelling. Sua filosofia traz à cena elementos caros ao Romantismo, notadamente a valorização da história e, dentro desta, da linguagem e da cultura.

Com a filosofia hegeliana chega ao ápice o princípio da unidade entre racional e real. Sobre a teoria do conhecimento de Kant, declara HEGEL em tom crítico:

“É como se a um homem fosse concedido possuir uma inteligência correta, com o acréscimo de que, todavia, não seria capaz de reconhecer nada de verdadeiro, mas

apenas o não verdadeiro. Se isso é um absurdo, da mesma forma é um absurdo um verdadeiro conhecimento que não conhece o objeto tal como ele é em si.” (2011, p. 25)

Para HEGEL a unidade fundamental que a filosofia não conseguia exprimir em pensamento já está dada na vida. Para que se possa enunciar com propriedade, essa unidade deve ser, antes de tudo, vivida. “Somente a vida capta a vida” (HEGEL, 2011, p. 33), e a capta em especial onde as contradições se apresentam. “A vida não pode ser considerada simplesmente como reunião, relação, mas deve ao mesmo tempo ser tomada como oposição” (Id. Ibid. p. 34).

A proposta hegeliana é a opção pela dialética, isto é, a relação entre ser e não ser que confere sentido ao devir, ao vir a ser. A dialética é o sentido do fluxo, dos processos contraditórios que compõem o ser, o existente. É a realidade enquanto totalidade de contrários. Para Hegel, é na relação entre os opostos que o pensamento deve a partir de agora navegar. Real e ideal estão para sempre unidos na contradição dialética.

Valorização do sujeito e da subjetividade

O programa de superação do dualismo kantiano e sua “coisa em si” tinha como objetivo ideológico precípua possibilitar maior abertura ao pensamento e à atividade consciente. Para tanto era necessário golpear a cisão absoluta entre sujeito e objeto, matéria e ideia, homem e natureza. A insistência em tais divisões, por um lado, tornava o ser humano um mero autômato de determinações subjetivas transcendentais a priori; por outro, fazia da natureza um rígido sistema mecanicista, composto de movimentos determinados desde sempre.

Na contramão dessa tendência, o programa romântico destaca a liberdade, a criatividade, a imaginação; põe em relevo a existência de caminhos contraditórios e, portanto, a necessidade de opções, escolhas, alternativas. As propriedades “preditivas” encarnadas na ciência positiva deixam de ser concebidas, nessa perspectiva, como algo mais nobre que a natureza plástica da imaginação humana. Por isso, como assegura BOSI, “o fulcro da visão romântica do mundo é o sujeito” (1992, p. 102).

Ocorre que, com o passar do tempo, a Revolução Francesa mudara de rumos e já revelava a traição de suas promessas originais. A República que tantas esperanças havia dado à Europa tornara-se um Império voltado apenas à conquista em proveito dos interesses franceses. No plano cultural, essa realidade traía-se pela progressiva esterilização do Iluminismo. Uma estranha modalidade daquilo que hoje denominamos “pensamento único” instalava-se com a elevação do Esclarecimento francês à categoria de “razão oficial”. A rica Filosofia das Luzes dava lugar ao despotismo iluminista do Império Napoleônico.

É nesse contexto que um pensador como FICHTE (1973) irá conceber a existência de duas visões de mundo possíveis: o “idealismo” e o “dogmatismo”. A primeira, ao

contrário da segunda, via o mundo como subordinado à vontade moral e adaptável a seus fins, acentuando, dessa maneira, a realidade da liberdade humana. A segunda visão concebia o ser como mero apêndice da natureza, para sempre governado por forças além de seu controle — uma visão sedutora para aqueles que veem a si próprios como desamparados, como objetos passivos em vez de como sujeitos autodeterminados.

Para Fichte há perversidade, covardia ou simples preguiça no ato de defender tal visão “dogmática”: ela leva a abdicar da responsabilidade sobre os assuntos próprios do ser humano e conduz à visão de que o *status quo* é inalterável. Já a convicção na liberdade transcendental humana conduz a indivíduos autônomos, aptos a lutar também por sua liberdade política. “Para Fichte”, afirma MOORE, “apenas uma filosofia que começasse do Eu espontaneamente autocolocado como a base de toda experiência possível poderia intitular-se a si própria o ‘primeiro sistema da liberdade’” (in FICHTE, 2008, p. xvii).

O “idealismo absoluto” proposto pelos filósofos alemães afirma o caráter ativo do sujeito e sua ligação inextricável com a natureza. Traduzidas para o plano literário, essas ideias vincariam o movimento romântico com de seus mais inconfundíveis atributos:

“A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa. Ela significa e revela. Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação [...] O mundo natural encarna as pressões anímicas.” (BOSI, 1992, p. 102)

A afirmação romântica do sujeito pode ser conferida não apenas nos motivos e na inspiração, mas também na própria técnica de construção poética. Como ocorre na maioria dos românticos, e ao contrário da poesia de inspiração parnasiana, as regras de estilística e metrificação funcionam como um apoio, possuem papel orientador. Mas jamais se sobrepõem ou ditam regras à imaginação. É esta, sempre, quem assume as rédeas e dá a tônica. É o que assevera Gonçalves Dias no prólogo da primeira edição de seus *Segundos Cantos*: “É ainda o mesmo estilo [dos *Primeiros Cantos*] — o pensamento dominando em todo o verso, mas que seja menosprezada a metrificação” (apud BANDEIRA in DIAS, 1998, p. 30).

Em suas versões extremadas, facilmente identificáveis nas vertentes aristocráticas do Romantismo, a valorização do sujeito dá lugar ao retorno de um subjetivismo destrutivo, que insiste na cisão sujeito-objeto. Nessas situações, “o *Eu* romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão” (BOSI, 1992, p. 102). É o fenômeno conhecido como *mal du siècle*, que define muito do Romantismo inglês e francês. Essa tendência, encarnada em posições regressivas, de entrega aos desvarios do narcisismo, dá conta de formas vazias da existência, desencaminhadas de qualquer projeto de intervenção ativa na história. Encontra-se bem representada nas obras de poetas como Lord Byron e Alfred de Musset.

O primitivismo

Em seus primórdios, o Romantismo vive a descoberta daquilo que ficaria conhecido como o “espírito do povo” (*Volksgeist*). Trata-se de um momento de resgate das tradições populares. As classes intelectuais reencontram a literatura artesanal, as religiões e festas do povo, as demais manifestações culturais da gente simples. Essa tendência ganha corpo concomitantemente ao fenômeno classificado por Burke como “revolta contra as artes”: “O ‘artificial’ (como ‘polido’) tornou-se um termo pejorativo, e ‘natural’ (*artless*), como ‘selvagem’, virou elogio” (BURKE, 1999, p. 37).

O fenômeno, uma reação aos impactos causados pela ascensão do mundo urbano-industrial, teve lugar em muitas partes da Europa. Na França, Rousseau destacou-se com seu elogio do “bom selvagem” e seu culto ao caráter simples e ingênuo da literatura tradicional e das canções populares. Tornou-se dessa forma, como lembra BURKE (1999, pp. 38-39), “o grande porta-voz do primitivismo cultural de sua geração”.

Também na Alemanha o “povo” converteu-se em tema de interesse para os intelectuais. “Herder, que nos anos 1760 morava em Riga, ficou impressionado com a festa de verão da noite de São João. Goethe ficou entusiasmado com o Carnaval romano, que presenciou em 1788 e interpretou como uma festa ‘que o povo dá a si mesmo’” (BURKE, 1999, pp. 34-35).

Papel destacado nesse movimento de retorno às tradições foi jogado por Herder, um dos primeiros pensadores a usar a expressão “cultura popular” (*Kultur des Volkes*) em contraste com “cultura erudita” (*Kultur der Gelehrten*). Suas contribuições seminais em filosofia da linguagem, educação e cultura — dentre outros campos — deitaram raízes profundas no pensamento alemão. Conforme explica BURKE,

“J.”. G. Herder deu o nome de *Volkslieder* aos conjuntos de canções que compilou em 1774 e 1778. *Volksmärchen* e *Volkssage* são termos do final do século XVIII para tipos diferentes de ‘conto popular’. [...] Há *Volkskunde* (às vezes *Volkstumskunde*), outro termo do início do século XIX que se pode traduzir por ‘folclore’ (*folklore*, palavra cunhada em inglês em 1846). [...] Palavras e expressões equivalentes passaram a ser usadas em outros países, geralmente um pouco mais tarde do que na Alemanha. [...]

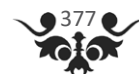
“O que estava acontecendo? Visto que tantos desses termos surgiram na Alemanha, talvez seja útil procurar aí uma resposta. As concepções por trás do termo ‘canção popular’ vêm expressas vigorosamente no ensaio premiado de Herder, de 1778, sobre a influência da poesia nos costumes dos povos nos tempos antigos e modernos. Seu principal argumento era que a poesia possuía outrora uma eficácia (*lebendigen Wirkung*) depois perdida. A poesia tivera essa ação viva entre os hebreus, os gregos e os povos do norte em tempos remotos. A poesia era tida como divina. Era um ‘tesouro da vida’ (*Schatz des Lebens*), isto é, tinha funções práticas. Herder chegou a sugerir que a verdadeira poesia faz parte de um modo de vida particular, que seria descrito posteriormente como ‘comunidade orgânica’, e escreveu com nostalgia sobre povos ‘que chamamos selvagens’ (*Wilde*), que muitas vezes são mais morais do que nós’. O que parecia estar implícito no seu ensaio é que, no mundo pós-renascentista, apenas a canção popular conserva a eficácia moral da antiga poesia” (1999, pp. 31-32)

Não por acaso, Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), o maior dos poetas românticos, exprimia desta maneira sua admiração por Herder: “[Ele] nos ensinou a pensar na poesia como o patrimônio comum de toda a humanidade, não como propriedade particular de alguns indivíduos refinados e cultos” (*apud* BURKE, 1999, p. 32).

A tentativa de associar a poesia ao povo foi ainda mais eloquente na obra dos irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859).

“Num ensaio sobre o Nibelungenlied, Jakob Grimm observou que o autor do poema era desconhecido, ‘como é usual em todos os poemas nacionais e assim deve ser, porque eles pertencem a todo o povo’. A autoria era coletiva: ‘o povo cria’ (das Volk dichtet). Num epigrama famoso, ele escreveu que ‘toda epopeia deve escrever a si mesma’ (jedes Epos muss sich selbst dichten). Esses poemas não eram feitos: como árvores, eles simplesmente cresciam. Por isso, Grimm considerou a poesia popular uma ‘poesia da natureza’ (Natur-poesie).” (Id. Ibid. p. 32)

Essas ideias de Herder, Goethe e dos Grimm sobre a natureza da poesia popular e a conexão homem-terra ganharam influência e se tornaram ortodoxas rapidamente, contribuindo para a configuração do núcleo duro da mentalidade romântica. Uma mentalidade de tipo primitivista, que misturava tradicionalismo, nostalgia, bucolismo e apreço à simplicidade e à ingenuidade do povo. Esses valores encontrarão na obra de Gonçalves Dias uma forma de expressão inconfundivelmente brasileira. É o que vemos, por exemplo, em “Rosa no Mar!”:



Por uma praia arenosa,
Vagarosa
Divagava uma Donzela;
Dá largas ao pensamento,
Brinca o vento
Nos soltos cabelos dela.

[...]

Agora, qual sempre usava,
Divagava
Em seu pensar embebida;
Tinha no seio uma rosa
Melindrosa,
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
Quando a rosa
Do seio no chão lhe cai:
Vem um'onda bonançosa,
Qu'impiedosa
A flor consigo retrai.

A meiga flor sobrenada;
De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Bóia a flor; a virgem bela,
Vai trás ela,
Rente, rente — à beira-mar.

Vem a onda bonançosa,
Vem a rosa;
Foge a onda, a flor também.
Se a onda foge, a donzela
Vai sobre ela!
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
De enfadada
Não quer deixar de insistir;
Das vagas menos se espanta,
Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir.

Nisto o mar que se encapela
A virgem bela
Recolhe e leva consigo;
Tão falaz em calmaria,
Como a fria
Polidez de um falso amigo.

Nas águas alguns instantes,
Flutuantes
Nadaram brancos vestidos:
Logo o mar todo bonança,
A praia cansa
Com monótonos latidos.

Um doce nome querido
Foi ouvido,
Ia a noite em mais de meia.
Toda a praia perlustraram,
Nem acharam
Mais que a flor na branca areia.

A situação, descrita com acuidade, retrata a simplicidade da vivência popular. No quadro em tela, funde-se a jovem donzela, mil e uma vezes, à natureza, à rosa, ao mar. Funde-se nos gestos, nos motivos e nas cores. Funde-se em movimentos dialéticos, nos mil fulgores sugeridos pelas trocas de lugar: aonde a rosa vai e vem, a moça vem e volta, das vagas rutilantes ciosa — e ao mesmo tempo medrosa. Em meio ao bucolismo, há ainda um toque de melancolia, pois que a moça airosa, em sua porfia com o mar,

confiante de si, deixa-se enfim levar. E se perde entre as ondas em um delicado, vagaroso afogar. Tudo isso permeado por grande sensualidade, que só a beleza das paisagens e da gente brasileira poderia evocar!

O nacionalismo

A descoberta, pelos românticos alemães, do *Volksgeist* respondia em larga medida, no plano político, às necessidades de uma série de movimentos nativistas, protagonizados por sociedades que, fustigadas pela dominação estrangeira, aspiravam à revivescência de sua cultura tradicional. Por esse motivo a reação romântica ao Iluminismo não pode ser entendida como um movimento meramente intelectual. O estudo das tradições e dos costumes nacionais propugnado pelos românticos assumia um significado eminentemente político, sendo parte de um movimento mais amplo de autodeterminação nacional.

Como explica BOSI,

“A nação afigura-se ao patriota do século XIX como uma ideia-força que tudo vivifica. Floresce a História, ressurreição do passado e retorno às origens (Michelet, Gioberti). Acendra-se o culto à língua nativa e ao folclore (Schlegel, Garrett, Manzoni), novas bandeiras para os povos que aspiram à autonomia, como a Grécia, a Itália, a Bélgica, a Polônia, a Hungria, a Irlanda. Para algumas nações nórdicas e eslavas e, naturalmente, para todas as nações da América, que ignoraram o Renascimento, será este o momento da grande afirmação cultural.” (1992, p. 103-104)



A verdadeira novidade trazida à cena pelos arautos do Romantismo constitui-se, portanto, não apenas em uma ênfase abstrata no povo e em suas tradições, mas, fundamentalmente, na convicção de que hábitos e costumes, cerimônias e superstições populares, bem como a poesia, as canções, os contos, os provérbios etc. compunham o todo denominado por Herder “comunidade orgânica” — um arquétipo da nacionalidade, expressão dos anseios e da mundividência de um povo.

Foi assim que canções arcaicas e literatura tradicional foram utilizadas como meio de amalgamar nações. Elas evocavam um sentido de pertencimento capaz de fortalecer a solidariedade política de povos ainda dispersos. Como explica BURKE,

“A descoberta da cultura popular estava intimamente associada à ascensão do nacionalismo. [...] A publicação de Wunderhorn coincidiu com a invasão da Alemanha por Napoleão. Um dos seus dois editores, Achim von Arnim, pretendia que fosse um livro de canções para o povo alemão, com a finalidade de estimular a consciência nacional, e o estadista prussiano Stein recomendou-o como um elemento auxiliar para libertar a Alemanha dos franceses.” (1999, p. 39)

É bem verdade que o esforço de construção da nacionalidade germânica não tinha início com a invasão da Alemanha pelas tropas de Napoleão. O trabalho de intelectuais como Herder, Goethe, Fichte e os Irmãos Grimm dava continuidade às

tentativas anteriores de promover a identidade germânica. Importante marco desse processo havia sido a Reforma Protestante, ocorrida ainda no século XVI. À frente do episódio, intelectuais humanistas com fortes vinculações populares.

Com base na redescoberta, por volta de meados do século XV, da obra *Germânia*, do historiador romano Tacitus — a qual narra a vitória militar do comandante germano-romano Armínio sobre as tropas de Roma nas florestas Teutônicas no ano 9 d.C. —, esses intelectuais pensaram ter encontrado aquele conjunto de virtudes “teutônicas” que estariam ainda impressas no caráter nacional dos alemães, muitas centenas de anos após. Coragem, força, honra e amor à liberdade seriam alguns dos traços capazes de distinguir os povos de fala germânica dos “decadentes” povos neolatinos. Nesse contexto, Lutero viu sua luta contra o poder papal como a continuação de uma antiga vontade de independência e autodeterminação, e invocou então a figura de Armínio como o novo símbolo da campanha de uma “Germânia” renovada contra as atitudes corruptas de Roma.

Não há nenhum disparate em conceber o Romantismo alemão como o elo final do esforço de construção identitária iniciado com Lutero. Nesse longo processo podemos encontrar as bases de uma comunidade nacional germânica e, mesmo, da própria ideia de nação enraizada nas tradições nativas — uma ideia para cuja elaboração a intelectualidade alemã dos séculos XVIII e XIX contribuíra decisivamente, com pioneirismo e grande proeminência.

A tendência de afirmação da nacionalidade pode ser conferida com nitidez na obra de um Fichte, pensador que, sob muitos aspectos, dá continuidade, em um plano mais explicitamente político, às preocupações originais de Herder, Goethe, Heine e dos Grimm. Em suas *Mensagens à nação germânica*, Fichte busca definir o significado e as propriedades do “ser alemão”. As *Mensagens* compõem-se de uma série de quatorze palestras proferidas semanalmente, as quais, ao longo do tempo, ocuparam lugar privilegiado na história das ideias nacionalistas. Nelas, Fichte propõe-se pintar um quadro da identidade germânica, apresentando uma visão sobre o que os germânicos têm sido, são e podem vir a ser. Pretendia ele transformar sua audiência em cidadãos alemães modelares, que recusassem as diferenças regionais e de classe em nome da unidade que Fichte evocava e afirmava, de fato, já existir. O “eu absoluto” do idealismo filosófico ressurgiu, agora, corporificado na unidade absoluta do povo alemão.

No entanto, é necessário notar que, quando da redação das *Mensagens*, o termo “Alemanha” não era mais que uma vaga expressão geográfica. Não havia Estado alemão unitário, nem nada como uma “nação germânica”. Com efeito, a noção de pátria que então começava a florescer possuía um sentido bastante local, bem adaptado à enorme dispersão política então prevalecente. O “torrão natal” não era associado a quaisquer “impérios”, mas ao ducado, à cidade, à comuna rural. Fidelidades patrióticas também eram subvertidas com frequência, em um período no qual um provincianismo generalizado coexistia com o cosmopolitismo iluminista esposado pela classe de intelectuais. Essa mentalidade absolutamente contraditória, simultaneamente internacio-

nalista e localista, não poderia sobreviver muito tempo em meio ao turbilhão da era napoleônica.

“O Exército revolucionário francês atuou como [...] parteiro do nacionalismo alemão: a humilhação pela derrota e o ressentimento com o tratamento conferido às terras germânicas ocupadas, primeiramente sob o Diretório e mais tarde sob Napoleão, forjaram uma nova solidariedade enraizada no sofrimento e na adversidade compartilhados. De enorme importância foi, igualmente, a mudança operada no significado do próprio termo ‘nação’, mais obviamente e conseqüentemente sob a influência de Johann Gottfried Herder. Enquanto Karl Eugen, Duque de Württemberg, ecoou certa vez Louis XIV quando ele desdenhosamente declarou ‘Eu sou a pátria’, Herder viu a nação como co-extensiva com o povo ou Volk, a totalidade de dada comunidade cultural e étnica [...]. A Volksnation, a resposta germânica à nação cívica da França, foi crescentemente vista como tendo uma identidade distinta das instituições feudais ou estatais.” (MOORE in FICHTE, 2008, p. xv).

Quando Fichte pronunciou suas *Mensagens* no anfiteatro da Academia de Ciências de Berlim, fazia já um ano da vitória dos exércitos franceses sobre a Prússia — último Estado germânico a resistir a Napoleão — na Batalha de Jena. Os objetivos de seu trabalho não eram meramente acadêmicos. “Desejo não apenas pensar, mas agir”, dizia FICHTE (2008). Ele era, de fato, um homem voltado à ação prática, que pretendia transpor o *gap* entre filosofia e vida cotidiana. E o que via como sua principal tarefa político-prática no momento era influenciar a opinião pública alemã no sentido da luta contra a ocupação francesa e pela construção da nação germânica.



Fichte vê a invasão francesa não apenas como resultado da crise alemã, mas como uma mudança profunda de significado universal. O colapso prussiano, por sua vez, confirmava o diagnóstico de que os próprios alemães haviam atraído para si a catástrofe militar e moral ao levarem às últimas consequências o materialismo egoísta herdado dos franceses.

Para Fichte, o que faz dos alemães, alemães é uma atitude moral, uma visão de mundo caracterizada pelo sempre mesmo dinamismo, por uma abertura à mudança que estaria impressa no caráter nacional alemão, bem como em seu idioma. Ser não germânico é acreditar que tudo é fixo e estabelecido, como acreditavam os materialistas franceses. Essa visão, que reduz o universo a grupos de átomos untados mecanicamente pelas forças da física de Newton, seria a visão de uma natureza morta, própria de mentes igualmente mortas.

Ao cair sob a dominação estrangeira, a Alemanha, tendo esgotado sua capacidade de decadência, precisava resgatar-se a si própria em uma nova era. Era necessário renascer, e esse renascimento não seria possível senão por meio de uma refundação não apenas política, mas também espiritual.

Embora as *Mensagens* tenham sido produzidas como resposta a uma situação histórica particular — o colapso do antigo regime germânico sob as baionetas de Napoleão —, seu significado ideológico e filosófico é por demais amplo. Seria possível dizer,

mesmo, que a própria ideia de nacionalismo como a conhecemos hoje deve muito às *Mensagens* e a outros textos proeminentes do Romantismo alemão.

Os princípios da ideologia nacionalista esposados pelo Romantismo alemão atravessariam terras e mares, vindo a servir propósitos mais ou menos semelhantes, porém em contextos diferentes. Não será outro o motivo por que lemos em Gonçalves Dias:

*Quanto é grato em terra estranha
Sob um céu menos querido,
Entre feições estrangeiras,
Ver um rosto conhecido;*

*Ouvir a pátria linguagem
Do berço balbuciada,
Recordar sabidos casos
Saudosos — da terra amada!*

*E em tristes serões d'inverno,
Tendo a face contra o lar,
Lembrar o sol que já vimos,
E o nosso ameno luar!*

*Certo é grato; mais sentido
Se nos bate o coração,
Que para a pátria nos voa,
P'ra onde os nossos estão!*

*Depois de girar no mundo
Como barco em crespo mar,
Amiga praia nos chama
Lá no horizonte a brilhar.*

*E vendo os vales e os montes
E a pátria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isto que vejo é meu!*

*Meu este sol que me aclara,
Minha esta brisa, estes céus:
Estas praias, bosques, fontes,
Eu os conheço — são meus!*

*Mais os amo quando volte,
Pois do que por fora vi,
A mais querer minha terra,
E minha gente aprendi.*

Língua: o espírito de uma nação

No panorama mais geral do nacionalismo romântico, a questão linguística assume papel proeminente. É no idioma pátrio que podem ser identificadas as raízes da singularidade de um povo, o elemento capaz de proporcionar a necessária coesão nacional, acima de eventuais divisões políticas, religiosas ou classistas.

A afirmação do idioma sempre jogou papel fundamental para a libertação de nações vilipendiadas pela dominação estrangeira, fenômeno que pode ser observado desde a Reforma Protestante. Na ocasião, a tradução da Bíblia realizada por Lutero lançou as bases de uma variedade moderna de língua alemã, sobre a qual um espaço público secular começaria a ser construído, ao longo dos séculos seguintes.

Mais tarde, durante a chamada Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), intelectuais como Thomasius, Leibniz e Campe haviam trabalhado para construir a *cultural nation*, reformando e aumentando o potencial expressivo do vernáculo, afirmando-o contra o latim nas universidades e o francês nos salões. Os irmãos Grimm deram impulso decisivo a essa tarefa com seu monumental dicionário histórico da língua alemã, que continuou a ser editado após a morte de ambos e só em 1961 seria concluído.

Ainda no século XVIII, Herder afirmou que a linguagem é o veículo preeminente do *Volkgeist*. Schlegel fez pesquisas pioneiras sobre a relação entre o sânscrito e a filosofia indiana. E Fichte concebeu uma filosofia da linguagem que define a língua como uma espécie de “fronteira interna”. O idioma seria, nessa perspectiva, o verdadeiro e natural limite das nações, frequentemente capaz de ignorar os limites reconhecidos dos Estados. Por conta disso, as fronteiras legais separando a Prússia da Saxônia eram acidentais, efêmeras, “meramente” políticas. Já as fronteiras alemãs com a França seriam eternas, absolutas e impermeáveis.

Fichte rejeita a visão iluminista da linguagem como sistema inteiramente arbitrário de signos. Para ele, palavras não são ferramentas convencionais.

“Fichte assegura que uma lei fundamental determina por que um som particular e não qualquer outro representa um objeto ou ideia na língua. É que esta última é [...] a erupção espontânea da natureza humana. Todas as línguas são portanto variedades de protolínguas hipotéticas, que, sob a pressão de influências externas absorvidas pelos órgãos da fala, diferenciaram-se em caminhos léxicos e fonéticos particulares. Como a língua primordial se separou em diferentes grupos, assim também fez a humanidade: com os novos dialetos, nações foram formadas. Um povo, então, é uma comunidade linguística, uma que dá continuidade à língua herdada da geração anterior.” (MOORE in FICHTE, 2008, p. XXIV)

Ainda na visão de Fichte, todos os povos europeus são descendentes de antigas tribos teutônicas. Mas, enquanto os alemães permaneceram em sua terra natal, francos, góticos e lombardos migraram para território romano, conquistaram as populações locais... Mas foram assimilados em sua cultura e em sua língua. Híbridizaram-se. Adotaram o latim e herdaram, dessa forma, um universo semântico irreduzível à sua

experiência original. É verdade que o latim metamorfoseou-se em francês, espanhol, italiano e português, mas qualquer que fosse o conquistador ele foi enxertado em um universo linguístico que lhe era estranho. Já o alemão — como o grego antes dele — desenvolveu-se, na concepção fichtiana, sem quaisquer choques ou interrupções desde a origem da língua como coisa natural.

Segundo Fichte, apenas no alemão as fontes da invenção poética e da reflexão filosófica seriam constantemente renovadas e enriquecidas. Apenas os alemães, portanto, teriam o direito de chamar a si próprios um povo — entidade que Fichte compreende como caracterizada por sua prática discursiva, formada por uma série íntegra de atos comunicativos inerentemente democráticos. A França não seria uma nação, pois teria perdido sua língua e sua alma. Os franceses seriam estrangeiros não apenas em face dos alemães, mas também, e sobretudo, em face de si próprios.

O alemão é visto por Fichte, assim, como um dialeto do vernáculo adâmico (a língua de Adão) — não importando o quão distantemente estejam relacionados. Apenas no alemão a cadeia evolucionária das significações sensíveis e supersensíveis aparece transparente e necessária, e toda palavra corresponde às próprias observações das pessoas, não havendo nada de proveniência alienígena. Só os alemães teriam preservado suas características linguísticas e culturais ao longo da história. Só eles possuíam uma “língua original”, falada ao longo dos milênios, que não se fossilizou mas, ao contrário, desenvolveu-se e diversificou-se. Trata-se, contudo, de clamor míope e vão, mais retórico do que substantivo, e alheio à realidade dos fatos — dada a origem latina de inúmeros termos em alemão, incluindo as palavras para “pátria” e “germânico”.

De todo modo, vê-se que a preocupação central de Fichte — comum também a Herder, Jacob e Wilhelm Grimm, dentre outros — relaciona-se à linguagem como meio de expressão de uma “imaginação nacional”: as perspectivas, comportamentos e valores de um povo, que acompanham mesmo as tentativas individuais de autoexpressão nos lugares mais recônditos da mente, com seus pensamentos, sentimentos e vontades. A linguagem como instrumento de descrição da realidade, consoante a compreendem os materialistas iluministas, é para Fichte uma questão menor. Sua visão da linguagem é de corte cultural, e não, digamos, instrumental.

A visão romântica sobre o idioma influenciaria profundamente a poesia de Gonçalves Dias, bem como o conjunto de seu projeto intelectual. Essa influência revela-se em vários níveis. Há, em primeiro lugar, sua tentativa de incorporar ao português as riquezas lexicais da língua tupi. Gonçalves Dias era conhecedor do idioma indígena brasileiro e chegou a publicar um dicionário tupi.

Do ponto de vista da célula rítmica, quando retrata em suas narrativas poéticas episódios da gesta heroica da civilização indígena no Brasil, o poeta utiliza cadências verossimilmente equivalentes aos tambores e ritmos indígenas. Esse recurso sonoro contribui para a sublimação da bravura, ajudando a conferir à tragédia indígena a atmosfera grave das grandes epopeias. Elementos cruciais no esforço de mitização promovido por Gonçalves Dias, os ritmos anapésticos de sua poesia podem ser ainda hoje

facilmente reconhecidos nas diversas manifestações culturais populares que ecoam vozes indígenas distantes, como o bumba meu boi.

Essa intimidade com cadências típicas das festas e tradições populares explica por que Manuel Bandeira, ao comentar a Canção do Exílio, afirma tratar-se de uma poesia “cujo encanto verbal desaparece quando traduzida para outra língua. Desaparece mesmo quando dita com a pronúncia portuguesa. Poesia profundamente brasileira, não porque fale no sabiá, mas por qualquer coisa de inefável no sentimento e na expressão” (BANDEIRA in DIAS, 1998, p. 22).

Afirma ainda BANDEIRA que Gonçalves Dias foi

“[...] O poeta brasileiro que mais profundamente e extensamente versou a nossa língua; conhecia-a não das gramáticas mas do trato com os escritores de todas as épocas, desde os poetas dos cancioneiros e dos primeiros cronistas. Nos seus versos aparecem com frequência as dições arcaicas. E no entanto o brasileiro de fala mole se está traindo a cada passo no suarabácti, isto é, a decomposição de um grupo de consoantes pela intercalação de uma vogal, pronunciando às vezes, brasileirissimamente, ‘subimarinha’ (‘Os suspiros’, segunda estrofe), ‘objeto’ (‘Solidão’, última estrofe; ‘Como eu te amo’, penúltima estrofe), ‘obisserva’ (‘Tabira’, primeira estrofe), ‘crípita’ (‘A morte é vária’, segunda estrofe), ‘iguinóbil’ (‘I-juca pirama’, II, quarta estrofe), ‘sobe’ (‘A história’, quarto verso), ‘adivêncio’ (Os timbiras, canto IV, verso 257) etc.” (in DIAS, 1998, p. 69).

O resgate das mitologias populares



As mitologias e o paganismo sempre representaram elemento caro ao universo da poesia. Relatos pseudo ou quase-históricos, lendários ou épicos, protagonizados por deuses, heróis e outros seres que ultrapassam a condição humana, forneceram aos poetas, desde os tempos de Homero e Hesíodo, importante matéria-prima para a construção de suas narrativas.

Com a poesia romântica não haveria de ser diferente. “Na ânsia de reconquistar as ‘mortas estações’ e de reger os tempos futuros, o Romantismo dinamizou grandes mitos [...]” (BOSI, 1992, p. 103). A maioria deles colocava-se, agora, a serviço da construção de um ponto de vista autóctone, com o qual se esperava verter águas no moinho da autodeterminação nacional.

O trabalho com símbolos mitológicos havia sido um dos mais fortes traços definidores do classicismo. Mas as mitologias clássicas, todas oriundas da antiguidade grega, caracterizavam-se por um universalismo que as incapacitava ao fortalecimento da identidade nacional. Por esse motivo os símbolos mitológicos da Grécia antiga estiveram entre os primeiros emblemas clássicos a sofrer a oposição dos intelectuais românticos.

Saem de cena, com o Romantismo, as figuras luminosas da antiguidade grega. Na Alemanha e alhures, resgatam-se contos e canções populares, bem como narrativas e signos oriundos do universo cavalheiresco e da vida no Medievo. A redescoberta das

histórias semilendárias de Armínio, contadas pelo historiador romano Tacitus em sua *Germânia*, ajuda a compor esse caldo de cultura “desuniversalizante”.

É claro que, por trás da mitização do universo medieval pelos românticos, intenções polemistas insinuavam-se. Mas elas tinham motivações intelectuais tão variadas quanto o leque de aspirações classistas de que se compunha o Romantismo. Havia, assim, o resgate do medievalismo servindo à reação de setores da nobreza decadente. É o que vemos em escritores como Chateaubriand e Scott, que expressavam seu repúdio aristocrático ao “artificialismo” e à “inautenticidade” da vida liberal-burguesa. Já homens como Herculano, Michelet e Victor Hugo, que abraçaram com paixão o ideário liberal, buscaram no medievalismo a força de outros valores: a simplicidade e a força do povo contra o despotismo, o vigor da arte anônima popular contra as afetações aristocráticas. “Esse ‘medievalismo’ não se perde em fumos heráldicos e canta naturalmente o progresso, *lato sensu*, burguês, na acepção sociológica do termo” (BOSI, 1992, p. 110).

O que dizemos do universo cavalleiresco medieval serve em igual medida para todo o complexo do indianismo e suas figuras primitivistas do “bom selvagem”. O indianismo estrutura-se no interior do nacionalismo romântico como uma espécie de “paraideologia” (BOSI, 1992, p. 108). Lança mão da simplicidade dos povos selvagens como metáfora da ingenuidade da gente simples, oposta à perversidade do mundo burguês, bem como à hipocrisia e às imposturas das elites europeias.

Novamente, a denúncia de uma sociedade “artificial” e hierarquizada era feita a partir de perspectivas distintas e, mesmo, opostas.

“Assim se explica a retomada do mito do bom selvagem por um homem de extração popular, ressentido com o sistema, Jean-Jacques Rousseau. Mas aqui a análise do contexto é a regra de ouro: no pregador do Émile, a inocência do primitivo serve para contrastar com a tirania e a depravação dos nobres no tempo de Luís XV; mas, vitoriosas as ideias liberais de 89, o mesmo retorno à natureza e a paixão das origens daria ao Visconde René de Chateaubriand argumentos passadistas contra a grosseria dos burgueses pouco sensíveis à nobreza do primitivo e ao fascínio da vida natural. Os mitos assumem um sentido quando postos na constelação cultural e ideológica a que servem.” (BOSI, 1992, p. 115)

No Brasil, o culto ao povo e às tradições, isto é, o equivalente nacional da descoberta do *Volksgeist*, assumiu amplamente, durante o período de predomínio romântico, a forma do indianismo. O Romantismo brasileiro foi buscar na inventividade das lendas indígenas o elemento mitológico capaz de conferir viço e pujança às novas narrativas de fundação da pátria que se constituíam. É que, desde Gonçalves de Magalhães, precursor do Romantismo brasileiro, firmava-se crescente convicção a respeito da completa falta de sentido, para todos os brasileiros, dos símbolos da mitologia grega que haviam pontificado durante o período de predominância da literatura árcade e clássica. Era preciso buscar novos emblemas, capazes de vincar o novo sentido de brasilidade que se constituía. Esse esforço teria na obra de Gonçalves Dias, como veremos adiante, um de seus pontos culminantes.

III. Gonçalves Dias e o Romantismo brasileiro

Dando sequência ao projeto teórico que anima este ensaio, cabe-nos passar agora a um segundo nível de aproximação: a análise do contexto nacional que emoldura a obra de Gonçalves Dias. Aqui perseguiremos os sentidos mais específicos — sociais, políticos e intelectuais — que informam as práticas do grupo romântico brasileiro em geral, e da aventura literária gonçalvina em particular. É o momento de perscrutarmos as vertentes principais dos mapas de sentido que orientam a experiência intelectual brasileira, em especial no campo das letras, em meados do século XIX.

O contexto da revolução romântico-nacionalista no Brasil

A Independência brasileira, embora tenha como marco o episódio conhecido como Grito do Ipiranga, começou bem antes e estendeu-se até bem depois. Trata-se de um processo cumulativo, cujos primórdios podem ser mais bem situados no episódio da transferência da corte portuguesa para o Brasil. Na ocasião, vale notar, as tropas napoleônicas já ocupavam toda a Europa Central. Mobilizavam, como vimos anteriormente, todo um aparato intelectual de resistência, servindo assim como elemento catalisador do desenvolvimento de culturas como a germânica. Em outra frente, esses mesmos exércitos napoleônicos empurravam para o Brasil a corte de D. João VI, impulsionando, ainda que por vias transversas, o esforço de construção identitária da jovem civilização brasileira.

A vinda da corte portuguesa e sua instalação no Rio de Janeiro contribuíram para a aceleração dos processos políticos que resultariam na Independência do Brasil, em 1822. A Independência teve papel crucial na conformação do caldo de cultura responsável pela eclosão do Romantismo brasileiro. Porém, uma vez mais, é necessário lembrar que o empreendimento independentista não se esgota em 1822. Fatos ocorridos posteriormente, como parte do mesmo processo, seriam igualmente decisivos à configuração da mentalidade romântica. Entre eles merece destaque o episódio da chamada Abdicação, quando, em abril de 1831, um movimento de cunho nativista derrubava D. Pedro I, colocando nas mãos dos próprios brasileiros a responsabilidade pela definição de seus destinos.

“Para os nacionalistas de 1831, se em parte estava em causa o problema das nossas liberdades constitucionais, postergadas por atos personalistas e de certo modo despóticos de Pedro I, no fundo, o que realmente se sentia é que perigava a autonomia do país, tais os compromissos que o Imperador progressivamente assumia com Portugal, tal o comprometimento dele com os que ainda não tinham aceitado francamente a Independência de 1822, e tais as ambições do mesmo Imperador, com respeito ao trono português, vago desde a morte de D. João VI, em 1826. Ante o periclitar de nossa Independência e das liberdades por que se lutara na Constituinte de 1823, só um caminho se via para a salvação da Pátria e de suas ideias liberais — impor a D. Pedro o compromisso com

essa salvação e com essas ideias, ou forçá-lo à renúncia, para que o País, entregue aos brasileiros, definisse finalmente sua autodeterminação, e se realizasse, com liberdade, como nova nação sul-americana.” (AMORA, 1967, p. 76)

Após o episódio da Abdicação, já durante os primeiros anos do reinado de Pedro II, o Brasil definia os instrumentos de Estado responsáveis pela construção do novo sentido de brasilidade. Como destaca Soares AMORA (1967, p. 88), vinha do primeiro reinado a convicção a respeito da importância da ciência e das artes para a glória do Império. Essa convicção se tornaria ainda mais forte no segundo reinado, com D. Pedro II fazendo as vezes de um “déspota esclarecido”. É assim que, em 1938, nascia o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e, com ele, o primeiro programa de construção de uma interpretação genuína da realidade brasileira.

Gonçalves Dias foi membro da instituição, de cujas reuniões participava também o Imperador. E foi por encomenda do próprio que o literato romântico escreveu, em 1852, seu célebre ensaio etnográfico *Brasil e Oceania*, apresentado ao longo de nove audiências consecutivas. O trabalho, repleto de *insights* de grande originalidade, foi assim comentado por Manuel BANDEIRA:

“O professor Raimundo Lopes, no seu trabalho Gonçalves Dias e a raça americana, assinala as excelências dessa memória, admirado de que um homem ‘cuja visão de poeta envolveu em tanta fantasia a vida do selvagem, não se deixou levar no labor erudito, pela sedução de tão arrojadas hipóteses como as em que se emaranharam cientistas de valor e de uma educação mais técnica’. A intuição do poeta acertou em vários pontos confirmados posteriormente pelas pesquisas dos especialistas: assim acerca das migrações dos tupis, Métraux desenvolve as ideias expostas por Gonçalves Dias. Compreendera este ‘a importância do vale amazônico e especialmente da zona inferior paraense na formação cultural dos povos sul-americanos’. Para o professor Raimundo Lopes o capítulo mais forte talvez da memória é o que trata da decadência pré-colombiana dos índios. Sem acreditar que os nossos selvagens tivessem alcançado uma alta civilização, pensava Gonçalves Dias que eles tiveram cultura mais ampla e mais completa antes do descobrimento: ‘É o que a arqueologia brasílica, cujos achados são posteriores à sua morte, mostraria, em Marajó e alhures.’ A valorização do indígena, romântica nos poemas indianistas dos Cantos e n’Os timbiras, apresenta-se, segundo o juízo de Gilberto Freire, ‘com qualidades surpreendentes de equilíbrio científico’.” (in DIAS, 1998, p. 32)

Mas seria no campo da literatura, bem mais que no do frio discurso tecnocientífico, que o Brasil daria os primeiros passos no sentido da efetiva construção de um pensamento próprio, distante dos decalques europeus que haviam pontificado até então. O recurso à narração, com a maior liberdade expressiva que proporcionava, justificava-se plenamente. Mostrou-se este o “instrumento ideal para explorar a vida e o pensamento da nascente sociedade brasileira” (BOSI, 1992, p. 113).

É sob o signo dessa necessidade de construção ideológica da nova brasilidade que se construirá a literatura de extração romântica. Como assevera Sílvio ROMERO (1960, p. 915), “a maior vantagem da romântica entre nós [...] foi afastar-nos da exclusiva influência da imitação portuguesa”.

De fato, a literatura anterior encontrava-se preñhe de decalques da realidade europeia, fato que não passou despercebido à sagacidade de um HERCULANO: “Nos poetas transatlânticos há por via de regra demasiadas reminiscências da Europa. Esse Novo Mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que crescerem à sombra das suas selvas primitivas” (in DIAS, 1998, p. 100).

Embora Herculano — como ele próprio declara em seu artigo de apreciação sobre os *Primeiros Cantos* — não conhecesse Gonçalves Dias, suas palavras descreviam bem a situação do poeta maranhense que, crescido ao abrigo de nossas “selvas primitivas”, saberia de fato, como nenhum outro, cantar as belezas naturais e humanas de nosso país.

Passemos então a uma breve exposição das tendências ideológicas principais que orientaram os esforços, empreendidos naquele momento, de desenvolvimento dos princípios de uma cultura nacional. Trata-se, aqui, de expor as vertentes de significado que contribuíram para a materialização, naquele momento, de um pensamento original sobre nosso país e a gente brasileira.

O indianismo

Era compreensão comum entre os historiadores e literatos da primeira geração romântica, como Araújo Porto-Alegre e Gonçalves de Magalhães, que as culturas indígenas do Brasil poderiam ter fornecido contribuição mais efetiva para a constituição da nacionalidade brasileira, não fosse o fato de terem sido aniquiladas pelo colonizador português. De todo modo, no momento vivido pelo Brasil em meados do século XIX, quando se buscava a realização do “princípio nacional” nas letras e a afirmação da brasilidade, exaltar a tragédia indígena em nosso país revelou-se uma forma eficaz de diferenciação em face dos portugueses. Essa modalidade crítico-romântica cresceu de importância naquele período, abrindo espaço às tentativas nacionalistas de singularização da cultura nacional. Intentava-se apresentar o brasileiro como “raça própria”, distinta da lusitanidade e mesmo superior a ela — visto que muito mais preñhe de humanidade.

É assim que, desde o início dos anos 1830, uma voz geral de simpatia levanta-se em benefício dos índios, valorizando sua contribuição étnica, convocando-os a integrar-se em sua herança cultural ao esforço de construção dos princípios de uma cultura nacional. “O índio, fonte da nobreza nacional, seria, em princípio, o análogo do ‘bárbaro’, que se impusera no Medievo e construíra o mundo feudal: eis a tese que vincula o passadista da América ao da Europa” (BOSI, 1992, p. 110).

Embora tenha sido esboçado desde os primeiros românticos, esse programa só se realizará plenamente, em matéria poética, com Gonçalves Dias. É claro que merece destaque a realização, por um Gonçalves de Magalhães, do poema épico *A Confederação dos Tamoios*. Mas em Magalhães, não obstante o poder sugestivo de suas ideias

literárias, a realização da tarefa ainda não estava madura, seja no plano da expressão, seja no plano léxico ou rítmico. Era ainda uma visão dos setores dominantes sobre a realidade das populações indígenas. Ou, como coloca Soares AMORA,

“[...] Magalhães, se não foi um ‘monstro sagrado’, foi, contudo, um elemento enérgico, inegavelmente eficaz na altura da definição de nosso Romantismo, e depois, ao longo da vida, um poeta que pelo menos satisfaz o gosto de nossa classe conservadora e socialmente dominante, em cujo ápice estava a Família Imperial, um gosto que, felizmente, nenhum papel teve no mais significativo da evolução do nosso Romantismo [...]” (1967, p. 139)

Ocorre que a geração de Porto-Alegre e Magalhães, educada na Europa e, muitas vezes, dentro dos padrões do classicismo, encontrava-se ainda excessivamente alienada e espiritualmente distante da realidade brasileira. Eram poucas suas possibilidades de ir além de uma definição genérica de nosso programa romântico. A efetiva consecução desse programa seria tarefa da segunda geração do Romantismo brasileiro, nucleada por Gonçalves Dias.

Resta a pergunta: também Gonçalves Dias não fora educado ao longo de uma permanência de anos em Coimbra? Sim, mas ocorre que o contexto do sertão maranhense — bem mais eloquente neste sentido que a urbanidade carioca — já havia marcado em definitivo seu espírito e suas aptidões intelectuais, morais e sensitivas com os traços do contexto pátrio. Isso para não tornar a citar sua condição de mestiço esqualido. Alguém que cresceu por entre ruas, praças e sobrados do Rio de Janeiro ou de São Paulo jamais terá sido capaz de intuir a vivência popular no mesmo sentido e da mesma maneira. É o que sugere Manuel Bandeira citando Henriques Leal, ao tratar da infância do poeta caxiense:

“Menino vivo, inteligente e travesso, trazendo no sangue a herança da agilidade em todos os exercícios físicos no seio das matas, não tardou Gonçalves Dias em atestá-la e diz Antônio Henriques Leal que nenhum companheiro o batia ‘na luta, em trepar árvores, passarilhar e nadar’. Muito deviam impressionar-lhe a imaginação infantil, onde certamente terão lançado os primeiros germes da inspiração indianista, os bandos de índios mansos que de tempos em tempos desciam à vila para trocar por unidades da civilização as suas grandes bolas de cera, as suas plumas de variegados coloridos, as suas armas de combate e caça, arcos e flechas delicadamente trançados. Índios como os que vira Martius alguns anos antes, airoso e robusto, com brilhantes cilindros de resina ou abalastro no furo dos lábios, com grandes batoques de pau cobrindo a concha das orelhas, executando as suas danças selvagens ao rouco trombetear dos borés, ao estrépido dos maracás.” (BANDEIRA in DIAS, 1998, p. 15)

É por isso que, ao comparar o indianismo de Gonçalves de Magalhães com o de Gonçalves Dias, afirma Soares AMORA que o primeiro “não estava em diapasão emotivo com o que era uma latente sensibilidade brasileira” (1967, p. 144). Por isso teria conseguido sensibilizar apenas pequenos círculos, constituídos por “companheiros de geração, intelectualmente mais modestos, e por velhos intelectuais, que, no espírito

conservador e católico do Poeta, viram a garantia de uma reforma da literatura nacional, sem os abusos do espírito ‘libertino’ e da ‘anarquia’ romântica” (Id. Ibid.).

Gonçalves Dias, por outro lado,

“Porque era em todo o sentido um grande poeta e porque possuía uma sensibilidade lírica em simpatia com a sensibilidade do comum do homem brasileiro, com uma pequena obra, por timidez e modéstia posta ao amparo das ideias reformadoras de Magalhães, logrou criar, imediatamente, nos críticos e nos leitores [...] a convicção de que, finalmente, a poesia brasileira havia encontrado seus rumos novos e nacionais, e seu grande poeta.”
(Id. Ibid.)

A apreciação é seguida por BOSI quando este observa “na força de Gonçalves Dias indianista o ponto exato em que o mito do bom selvagem, constante desde os árcades, acabou por fazer-se verdade artística” (1992, p. 115). Esta é, de fato, a primeira impressão causada pela leitura de poemas como “O canto do guerreiro” e o “Canto do piaga”, cronologicamente as primeiras expressões do indianismo de Gonçalves Dias. Na última delas, em que se narram os infortúnios vividos pela civilização indígena com a chegada do homem branco, chama atenção o vigor da inspiração gonçalvina:

*Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... - o que vem cá buscar?*

*Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!*

*Vem trazer-vos crueza, impiedade -
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracás.*

*Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão-de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!*

*Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.*

*Vossos Deuses, ó Piaga, conjura,
Susta as iras do fero Anhangá.
Manitôs já fugiram da Taba,
Ó desgraça! ó ruína!! ó Tupá!*



No poema, a natureza, em comunhão com os homens que nela vivem, constitui a nação, a pátria, o lócus do “espírito do povo”. Tal espírito se materializa na linguagem própria da nação. Linguagem para a qual o índio, o elemento original, autóctone, nativo, oferece sua contribuição: a língua tupi, que só a pátria brasileira possui. É preciso cantar essa originalidade. E Gonçalves Dias o faz com inigualável maestria. Seu indianismo, tanto quanto o de José de Alencar, baseia-se na aspiração valorosa de fundar, sobre o solo fértil do mito, a visão de mundo e os anseios da gente brasileira. Na arte romântica brasileira, essa tendência expressou-se na tentativa de mitificação da saga indígena, o que lhe conferiu, por óbvio, colorações sentimentalistas.

Com o tempo surgiram as primeiras críticas ao indianismo: a seus exageros, a seu sentimentalismo “pueril”, a sua “artificialidade”. Com efeito, é preciso reconhecer, com ROMERO, que “a chamada poesia puramente indiana é uma poesia biforme, que nem é brasileira, nem indígena” (1960, p. 921).

No entanto, apesar dos alegados exageros — cometidos menos pelos grandes mestres do que pelos poetas menores, “vulgarizadores” da tendência —, o indianismo “teve um grandíssimo alcance: foi uma palavra de guerra para unir-nos e fazer-nos trabalhar por nós mesmos nas letras” (Id. Ibid. p. 914). Nessa mesma visão, a poesia indianista foi “útil como um tônico, um abalo necessário imposto aos nervos de nossos burgueses para os arredar da mania das imitações europeias [...]” (Id. Ibid. p. 925).

É claro que nem todos interpretam dessa forma. Durante anos Gonçalves Dias foi criticado por ter idealizado um “tipo ideal” indígena, uma espécie de “índio de gabinete”, distante da realidade concreta. A condição indígena narrada em verso e prosa só existiria na mente delirante do poeta. Para Maria Antonieta Vilela RAIMUNDO (2002, p. 13), o indianismo do poeta maranhense era fruto de seu “extremado individualismo”, em cujo âmbito o índio apenas seria seu “*alter ego*, uma dilatação do seu eu”, fruto de um “artificialismo subjetivo”. Segundo a autora, a identificação do gentio como herói só se explica “em uma perfeição cristalizada em mito”, na qual o sofrimento do índio é, na verdade, “o poeta que se sente importunado e agredido pela realidade e pela civilização que lhe impedem de dar largas à sua sensibilidade” (Id. Ibid.).

Na contramão dessa forma de conceber o indianismo romântico, o que queremos destacar é que o índio surge na poética de Gonçalves Dias não como “idealização abstrata”, não como decalque do indianismo francês ao estilo do “bom selvagem” de inspiração rousseauiana, e muito menos como cópia de um Chateaubriand. O índio é, aqui, o portador de um espírito originário em uma terra singular cuja expressão se dará pela inclusão do tupi dentro da estética do pensamento ocidental. O índio de Gonçalves Dias faz-se concreto pelo uso de sua linguagem e pela intuição do sentido profundo de suas crenças e costumes, vislumbrados hermeneuticamente. Não terá sido formulado a esmo o juízo de um Sílvio ROMERO, para quem Gonçalves Dias

“Pressentiu, adivinhou inteligentemente a importância das crenças fetichistas dos aborígenes. Ele não ficou em a descrição puramente exterior dos costumes indígenas. Na

memória Brasil e a Oceania penetrou-lhes nas crenças, e, logo nos primeiros versos de Os timbiras, mostra que na poesia compreendia a importância daquela região psicológica.” (1960, p. 929)

Não se trata, pois, de ver no indianismo de Gonçalves Dias a simples manifestação de uma subjetividade afetada pelo “mal romântico”. Trata-se, antes, de concretizar na história da nação um dos elos fundamentais de sua formação e originalidade, uma marca poderosa na vivência comum de nosso povo.

O “naturalismo” romântico

Elemento adjacente ao indianismo, a valorização lírica da natureza brasileira também jogou papel de destaque na construção de nossa autoimagem. Trata-se, aqui, de mais um elemento a dar margem à singularização de nossa cultura.

“[...] Essa natureza se singularizava, em face da natureza de outros países, por um conjunto insuperável de belezas, desde o grandioso ao mais delicado [...]; doutro lado, essa natureza, tão pródiga de cenários majestosos e até sublimes, e de mimos, sem par, inspirava, como fizeram sentir Magalhães e sobretudo Varela, uma religiosidade profunda, pelo que expressava do poder criador de Deus [...].” (AMORA, 1967, p. 127)

A natureza já havia sido um elemento caro ao classicismo e ao arcadismo. Mas, quando observamos de perto a poesia árcade, é possível perceber o caráter paisagístico-decorativo que assumem naquela perspectiva os ícones da ordem natural. A natureza romântica possui outro caráter. Seu naturalismo pode mesmo ser considerado, se comparado às expressões árcades anteriores ou ao positivismo posterior, como um *antinaturalismo*.

Como vimos na primeira parte deste ensaio, a natureza romântica é expressiva, encarna os impulsos, as pressões anímicas do Eu poético. É um objeto que se torna, ele próprio, sujeito. Na famosa “Canção do exílio”, que tem por epígrafe um trecho da poesia de Goethe, está dito que

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

Há, nesses versos, o sentido profundo da unidade entre a natureza e o espírito que canta. O espírito do sujeito e a força da natureza interagem — como propôs Schelling — criando uma unidade em torno do belo. A natureza não é buscada exteriormente ao Eu lírico, não está fora da poesia, das palavras, mas dentro do poeta, da linguagem, do espírito. O poeta expressa a própria natureza na linguagem, porque ela está dentro dele, é uma ideia real, uma realidade ideal, pois o sujeito encontra no seu espírito sua própria terra, como se com ela se forjasse em unidade indissolúvel. Não existe aqui o ser humano universalista e abstrato do *Aufklärung*. O homem é, necessariamente, o homem de uma terra. Todos pertencem em última instância ao seu torrão natal. Esse torrão natal, por sua vez, é o próprio homem em comunhão com o cosmo. O homem concreto não se separa da terra, a qual carrega dentro de si, no âmago de sua subjetividade.

As palmeiras, o sabiá, as estrelas e as flores são sentidas e vividas no exílio, nas terras distantes. O Eu lírico vai para dentro de si para trazer a força dessa natureza pungente. É na sua alma que está o sabiá que canta. É o poeta que canta como o sabiá. Se “nossos bosques têm mais vida” e “nossa vida mais amores”, então há mais amores em nossos bosques! Há amor na natureza e na alma que faz parte dessa natureza! Se não há um sujeito abstrato que não pertença a uma terra, tampouco há uma terra que não pertença a um povo, a uma nação. A natureza que Gonçalves Dias canta no exílio é o Brasil, sua terra, seu povo — é ele mesmo como parte do povo brasileiro.



O sentimentalismo

O caráter intimista e sentimental tem sido ressaltado como traço marcante da psicologia do homem brasileiro. Nos quadros da mentalidade romântica, essa característica, na maioria das vezes, tomou a forma de um temperamento nostálgico, um culto desmedido do passado. Os poetas românticos entregavam-se facilmente à saudade e à melancolia. Com Gonçalves Dias não era diferente. Passava horas perdido de si mesmo, errando pelas vagas da memória, lamentando os tempos idos. “É que só lhe sorria à imaginação”, diz Manuel BANDEIRA, “o que lhe ficava longe, no tempo ou no espaço” (in DIAS, 1998, p. 18).

Para a crítica literária, neste caso em sua esmagadora unanimidade, esse seria um traço revelador do conservadorismo de nosso movimento romântico. A confusão entre amor e sofrimento, fruto da deformação ocasionada pelo *mal du siècle*, constituiria um *ethos* condenável, a marcar indelevelmente o espírito de nosso Romantismo. Mesmo na opinião abonadora de um Sílvio ROMERO, é impossível não perceber um quê de censura, como se Gonçalves Dias fosse um poeta sublime *apesar de* todo o sentimentalismo:

“O sentimentalismo é, por certo, uma das notas mais intensas do seu trovar; é preciso, entretanto, ser muito surdo para não ouvir que um intenso naturalismo americano, um certo misticismo religioso, e o calor e a efusão lírica juntam às notas monótonas daquele sentimentalismo as volatas e as fanfarras de uma poesia variada, ampla, serena, meiga, ousada e embriagadora” (1960, p. 918).

Há aqueles que chegam a pensar que, em países como o Brasil, onde a revolução burguesa ocorreu de maneira retardatária, segundo os padrões da chamada “via prussiana”, isto é, em um período no qual o projeto burguês já revelava sua face conservadora, o Romantismo ter-se-ia inclinado para esse lado. Consequentemente, “o que poderia ter sido um alargamento da oratória nativista dos anos da Independência (Fr. Caneca, Natividade Saldanha, Evaristo)” (BOSI, 1992, 110) acabou por dar meia volta, compondo-se de colorações menos radicais e mais passadistas e sentimentais, fato que se teria refletido no caráter até certo ponto artificial do indianismo brasileiro,

“A ponto de o nosso primeiro historiador de vulto [Varnhagen] exaltar ao mesmo tempo o índio e o luso, de o nosso primeiro grande poeta [Gonçalves Dias] cantar a beleza do nativo no mais castiço vernáculo; enfim, de o nosso primeiro romancista de pulso [Alencar] — que tinha fama de antiportuguês — inclinar-se reverente à sobrançeria do colonizador. A América já livre, e repisando o tema da liberdade, continuava a pensar como uma invenção da Europa.” (Id. Ibid.)

Aqui, novamente, para tentar seguir pensando como Bosi, “a análise do contexto é a regra de ouro”. Com efeito — e levando em conta neste momento apenas o contexto interno —, é preciso tomar cuidado com as análises “em bloco” de nosso Romantismo. Pois não é possível desconhecer que, perto de um Magalhães, Gonçalves Dias nada tem de elitista, podendo ser considerado, em larga medida, e malgrado toda a sua erudição, como um poeta de vigorosa inspiração popular. Nesse sentido, mesmo seu intimismo sentimental — o mesmo que poderíamos identificar, séculos mais tarde, na música de um Villa-Lobos ou de um Tom Jobim, porém aqui sem a mesma coragem de classificá-lo como “conservador” — diferencia-se gravemente do sentimentalismo que possamos encontrar em um Álvares de Azevedo, ou no próprio Magalhães.

Além disso, e agora num outro plano de análise, colocar simplesmente o sentimentalismo romântico — e, ademais, todo o intimismo que marca a cultura brasileira — na conta das “raízes conservadoras” de nossa civilização significa não enxergar a especificidade do Brasil no concerto das nações.

País jovem e promissor, o Brasil desempenhou, desde sempre, o papel de uma nação subordinada, que ainda hoje tenta desenvolver plenamente suas potencialidades. Assim, não é profícuo traçar um sinal de igualdade entre nosso “aristocratismo” e aquele que permeou (e permeia) a vida europeia. Nossas aristocracias jamais tiveram o poder e a influência das aristocracias europeias. No mesmo sentido, a civilização brasileira possui costumes e temperamento muito mais densamente populares que os de qualquer nação europeia de ontem ou de hoje. Nosso *Volksgeist* é mais profundo — nele se fundem os *geister* de três civilizações distintas (europeia, ameríndia e africana) — e, exatamente por isso, tanto mais fugidio, difícil de apreender.

É mais do que evidente que nosso país, durante o século XIX, “continuava a pensar como uma invenção da Europa”. O que é menos evidente é que ainda hoje isso aconteça. Senão vejamos muitas de nossas próprias apreciações sobre o Romantismo

brasileiro. Não estariam elas, ainda, impregnadas de boa dose do melhor Iluminismo? Quando identificamos o “conservadorismo” romântico brasileiro com o sentimentalismo passadista não estaríamos no fundo pensando, como propôs Kant, que o conhecimento deve dissociar-se do pensamento, que o saber deve ser tomado como coisa distinta do gosto e da liberdade? Que a emoção é necessariamente obscura e só a razão seria “luminosa”? Que a racionalidade científica seria mais merecedora do estatuto de atividade “construtora” do espírito humano do que a ética ou a estética?

Poucos observam que o sentimentalismo de Gonçalves Dias traz à tona, na verdade, o melhor do antigo humanismo. Pois o sentimentalismo brasileiro, ao contrário de seu equivalente europeu, é uma explosão de vida! O que faz Gonçalves Dias nas letras é resgatar, em contraste com o espírito científico da *Aufklärung*, a *Studia Humanitatis*, a tradição da formação clássica, humanista, forjada ainda na Idade Média, que prefere tratar os homens não desde a ótica exterior e muitas vezes mecanicista das novas “ciências sociais” — bem ao gosto do então nascente positivismo —, mas como formação (*paideia*, no grego). Dá-se aqui importância à interpretação, ao sentido e à significação do que está sendo dito e vivido por uma comunidade efetiva. Por isso disciplinas como a retórica, a crítica literária, as artes e, principalmente, a tradição filosófica, prestam-se à denúncia de uma visão meramente instrumental da existência humana. É nesse contexto não iluminista, não liberal e não positivista que nos surge a concretude da poética de Gonçalves Dias.

Ao afirmar as *Humanitatis* como pressuposto teórico da tradução do tupi para a tradição latina, promovendo a fusão entre duas visões de mundo, o poeta maranhense não faz mais que seguir a tradição ibérica iniciada no Brasil com José de Anchieta (1534-1597), espírito renascentista, o primeiro intelectual formador da nacionalidade, e seguida pelo padre Antônio Vieira (1608-1697), pensador, filósofo, mestre de retórica e oratória. É a essa tradição humanista que se filia Gonçalves Dias. Daí seu apego teórico ao Romantismo e ao idealismo filosófico alemão, legítimos guardiões das tradições das ciências históricas do espírito — as *Geissenswissenschaften*.

Essa interpretação das ciências históricas do espírito, em certo sentido oposta aos ditames do Esclarecimento, foi desenvolvida como tradição de pesquisa, segundo o filósofo e hermeneuta alemão Hans-Georg GADAMER, ainda na Alemanha romântica de fins do século XVIII e início do século XIX. Para ele, essa tradição parte do fato de que

“[...] As ciências históricas do espírito, nos moldes como procederam do Romantismo alemão e se impregnaram do espírito da ciência moderna, administram uma herança humanista que as distingue de todas as outras investigações modernas e as aproxima de uma experiência completamente diferente e fora do âmbito da ciência, sobretudo a experiência da arte.” (2011, p.14)

O Romantismo foi um poderoso movimento de ideias e reflexões principalmente na filosofia, nas artes e na redescoberta da história. Como soube perceber Gonçalves

Dias, essa tradição pode servir ao desenvolvimento das potencialidades do povo brasileiro. Afinal, não é possível desconhecer, a respeito dos brasileiros, o fato de que sempre fomos muito mais prodigiosos no manejo das narrativas religiosas e mito-poéticas do que no campo do discurso lógico-racional. Por isso, sem desprezar a importância do discurso analítico do *Aufklärung*, cabe-nos também valorizar a tradição de *Humanitas*. Foi o que fez o poeta de *Os timbiras*, como bem destacou, em síntese biográfica, o escritor Josué MONTELLO: “Havia em Gonçalves Dias uma personalidade *goethiana*, no sentido de ser ele um espírito aberto à curiosidade universal, tanto voltado para as belas-letas quanto para as indagações de ordem científica” (1973, p. 14). Trata-se de uma visão integradora, que não considera a cognição como superior à inteligência ou, mesmo, como a melhor parte dela, mas, ao contrário, persegue um discurso integrador, baseado no homem concreto, que conhece, pensa, ama, crê e... transforma!

É de fundamental importância, neste momento da formação da brasilidade, resgatar a compreensão do humanismo como um momento da verdade do conhecimento. Uma verdade que, emanada das ciências do espírito, mostra, como na dialética de Hegel, que a vida ela mesma contém o grande valor de verdade de nossas teorias. Ou seja: esse valor de verdade não reside nas teorias em si mesmas, mas em sua relação de integração com o mundo.

Esse é o ponto de que parte Gonçalves Dias para apresentar o índio como elemento máximo da nacionalidade. Seu índio é idealizado? Sim e não. Na verdade, é em seu aspecto de ficção — a evocação mítica dos costumes e da língua de uma população genuinamente americana — que o índio gonçalvino se mostra mais real. Pois a verdadeira realidade não existe como “coisa em si”. Ela será sempre parte de um projeto político e ideológico — de um projeto humano. Assim, para citar um exemplo, a Guerra de Tróia que se encontra no poema homérico pode até ser interpretada na perspectiva da realidade histórica, mas quem assim proceder já não estará lendo Homero e nem percebendo o sentido simbólico que os antigos gregos fizeram impregnar naquelas palavras. Sobre isso, valha o que nos afirma o poeta português Fernando Pessoa:

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo.

Por isso a construção do mito indígena surge na poética de Gonçalves Dias como um significado que contém em si mesmo sua verdade. Isto é, não podemos separar o que está sendo dito do universo simbólico ao qual pertence o poeta, sob pena de fazermos desmoronar a ideia original da mensagem.

É por isso que em poemas como a “Canção do Tamoio” e “I-juca-pirama” (do tupi: “o que é digno de ser morto”) o *ethos* guerreiro dos índios, com suas virtudes de força, coragem e bravura, deve ser mantido inclusive no ritual antropofágico, desvelando beleza e dignidade onde a maioria dos europeus só enxergava selvageria e barba-

rismos. Nessa inversão de valores, que só os mitos podem proporcionar, ser devorado pelos inimigos é sinal de honra e méritos:

*Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.*

*Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.*

[...]

*Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:*

[...]

*Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro:
Se a vida deploro,
Também sei morrer.*

Como esperamos ter demonstrado, nada mais distante da estética gonçalvina do que os arroubos liberais e o universalismo do *Aufklärung*. Por esse motivo, o sentimentalismo romântico de sua poesia, seja o de seu indianismo, seja o que encontramos na vertente mais propriamente lírica de sua poesia, merece ser valorizado como mais uma legítima contribuição, de cunho antiliberal e antipositivista, à *paideia* nacional brasileira.

IV. Conclusões: Gonçalves Dias e as lutas do povo brasileiro

Qual a importância de reler Gonçalves Dias 190 anos depois de seu nascimento? Nestes tempos em que vivemos, vistos pela maioria dos intelectuais como de anomia nas artes e na cultura, que valores nos evocaria uma releitura do poeta da “Canção do Exílio”? Que novas inspirações nos traria sua obra no momento mesmo em que o universalismo cosmopolita condena os costumes e as práticas genuínas de nosso povo? No momento em que o liberalismo político reformata as instituições nacionais para melhor aplicar o receituário econômico transnacional emanado dos centros dominantes? Que teria a nos dizer Gonçalves Dias, enfim, em um momento no qual tendências “globalitárias” reivindicam a morte dos valores pátrios?

São perguntas que, em si, já trazem implícitas suas próprias respostas. No mundo em que vivemos, o mesmo em que se verifica a persistente recusa — em nome do pragmatismo de mercado — de um objeto complexo como o universo das letras, é missão do trabalho conceitual curvar-se sobre as proposições relativas ao discurso estético, chamando para si a responsabilidade de apontar saídas para os impasses contemporâneos. Aqui, ganham vigor renovado as palavras de Hegel: “Quando as sombras da noite começam a cair é que levanta voo o pássaro de Minerva” (1997, p. 39).

Acreditamos que, antes de mais, o sentido maior da obra de Gonçalves Dias reside naquilo que ela nos aporta em termos de compreensão dos fundamentos da identidade nacional. Que princípios fazem com que, apesar de diversos, sejamos um e mesmo povo? Essa não é uma questão meramente retórica ou diletante: ela tem uma dimensão política incontornável. Relaciona-se ao propósito de unir o povo brasileiro, cada vez mais, em torno de seus genuínos interesses, fazendo com que reconheça como seu e sustente um *projeto nacional*.

A fim de levar adiante o projeto, de dimensão histórica, de construção e afirmação da cultura brasileira, é de fundamental importância, em primeiro lugar, empreender algo que poderíamos classificar como uma *arqueologia da consciência nacional*. Trata-se da paciente tarefa de perflustrar a história da formação intelectual de nosso povo em busca dos rastros reveladores de como se deu entre nós, em cada momento, a construção da ideia de brasilidade.

Essa tarefa revela-se ainda mais meritória no momento em que o Brasil, em busca de sua *segunda e definitiva independência*, iça velas e ruma para o oceano largo do desenvolvimento. A afirmação de um novo projeto nacional encontra na defesa e na renovação da identidade nacional uma sua faceta destacada: a de cunho teórico-ideológico. Esse momento da consecução do projeto nacional — relacionado à defesa da identidade — cresce de importância em um país que adentra o século XXI postulando para si posição de destaque no concerto das nações.

Não é possível para um povo trilhar caminhos autênticos e perscrutar alternativas sem pensar “com a própria cabeça”. Por outro lado, isso jamais poderia acontecer do dia para a noite. É preciso maturação, acúmulo de trajetórias. É preciso que o povo viva

sua própria experiência. Só trilhando caminhos próprios pode uma nação aprender a reconhecer seus legítimos interesses. Só trilhando caminhos próprios pode ela aprender a pensar de maneira autônoma, pondo de lado os modelos importados. É nesse processo que se vai configurando um patrimônio em termos de pensamento nacional.

São três os momentos da formação da ideia de nacionalidade em nosso país. Do ponto de vista político, podemos denominá-los pensamento colonial, pensamento imperial e pensamento republicano. Do ponto de vista cultural, esses três momentos correspondem, grosso modo, ao pensamento barroco, ao Grão-Romantismo (que inclui pedaços do Arcadismo) e ao Modernismo.

O Barroco é pensamento forjado pelo Estado metropolitano nos marcos do Brasil colonial. É, portanto, pensamento sobre o Brasil, mas não propriamente pensamento brasileiro. Há já, aqui e ali, traços de nativismo. Isso não se dá à toa. Seria impossível mesmo ao Estado metropolitano pensar o Brasil sem minimamente recolher elementos de sua geografia, de sua história, de sua cultura. Em última instância, não há pensamento sobre a nação sem referências, mesmo que mínimas, às suas condições naturais e humanas. Ou, como afirma SODRÉ, “em política, como em cultura, só é nacional o que é popular. [...] Povo e nação não são a mesma coisa, [...] mas esta é uma situação histórica apenas” (1963, p. 17).

Com o Romantismo a solução de compromisso entre o Brasil e os brasileiros dá um passo adiante. A figura mestiça de Gonçalves Dias, como vimos, desempenha papel importante nesse processo. A obra gonçalvina descortina horizontes, descondiciona mentes, revela um Brasil até então desconhecido. O indianismo, ideologia da qual se constitui como um dos principais porta-vozes, representa “a realização mais fecunda do nacionalismo americano” (GRIZOSTE, 2011, p. 47). Com Gonçalves Dias e o círculo romântico tem início uma ideia de Brasil pensada pelos próprios brasileiros. Mas essa luta é travada ainda nos marcos do Estado imperial, o qual apenas realizava as tarefas básicas à manutenção da unidade nacional nos planos econômico, político e ideológico.

Vem a modernidade e, com ela, a construção da brasilidade atinge novo patamar. Esse esforço, conforme já dito, segue nos dias de hoje e entra em etapa por assim dizer decisiva. O povo, mais consciente de seus interesses, assume as rédeas da nação e lança-se ao futuro, empreendendo passos decisivos no rumo da superação de estruturas arcaicas, processo que pode abrir caminho a transformações profundas, de sentido histórico.

É nesse ponto que, ao tempo que olhamos para a frente, é necessário ter em conta a trajetória percorrida. Resgatar a lírica de Gonçalves Dias e sua visão de mundo subjacente contribui para jogar luzes sobre os embates do presente, protagonizados pelo Brasil e por seu povo.

Certamente não terá sido por acaso que, durante o último quarto do século passado, a obra de Gonçalves Dias tenha sido mergulhada em certo ostracismo. Nesse período pontificou entre nós a tese da ausência de alternativas. O Brasil parecia não ter outra saída senão atrelar seu destino aos das nações centrais. O país e seu povo

afundaram, então, na perda da autoestima. Investiu-se na completa desmoralização da ideia de um projeto nacional.

Novos tempos, porém, sempre chegam, e eles chegaram. É hora de reler Gonçalves Dias. Não com os olhos do século XIX, nem com a mente no século XX. É preciso reler o poeta buscando as lições renovadas que pode legar, em pleno século XXI, à inteligência brasileira. E a nosso ver essas lições podem ser enumeradas em quatro pontos principais.

a) Inventividade para pensar alternativas

A intelectualidade brasileira sempre cultivou o hábito de enxergar o país a partir de configurações mentais próprias da realidade europeia. Chegava, mesmo, a ver os conflitos ideológicos do país como meras extensões do que ocorria na Europa. Assim como o Romantismo alemão contribuiu para abrir caminhos e descondicionar mentes, também o Romantismo brasileiro teve efeitos semelhantes em nosso país.

Uma das grandes lições da obra de Gonçalves Dias pode ser assim enunciada: não podemos temer a abertura à imaginação. É necessário não ter medo de pensar, de explorar novos caminhos, de inventar alternativas. Mesmo os recessos mais aparentemente absurdos da mente humana podem trazer importantes respostas.

É assim que, ao compor sua arte, o poeta lançou mão de invulgar esforço criativo para relacionar distintas premissas teóricas e chegar a uma conclusão singular: a nação brasileira, através de sua arte, possui originalidade. Ela tem algo de novo a dizer ao mundo.



b) Visão íntegra do ser humano

O ser humano é uno. Não há um ser humano que conhece, outro que representa, outro que sente e mais um que age. Nossa educação e nossa cultura precisam valorizar esse pressuposto anti-iluminista, com certeza o mais adequado ao povo brasileiro. Afinal, somos um povo profundamente prático, mas também dotado de uma sede insaciável de valores e beleza. Buscamos o sentido da criação original e a efusividade que em tantas coisas comparecem em nossa terra — das paisagens magníficas ao exotismo da beleza feminina. Não sabemos conviver com a vitória medíocre, alcançada sem méritos. Não nos basta chegar ao objetivo — é preciso alcançá-lo do jeito mais belo e criativo.

Foi como agiu Gonçalves Dias na construção de sua poética, a ponto de um SODRÉ afirmar que no poeta maranhense conjugam-se “os motivos e a capacidade de transfigurá-los e de transmiti-los. [...] Perfeição formal, poética rica, variada e clara, inspiração forte e profunda, foram elementos que, raramente juntos, Gonçalves Dias possuía no mais alto grau” (1988, p. 283).

A arte, ao contrário do que parece supor o criticismo iluminista, é uma esfera dentro do mundo e da vida, esfera igualmente vinculada à historicidade das relações

humanas e ao seu contexto produtivo, existindo de maneira conjugada com as outras dimensões. Danem-se, neste ponto, as estreitas divisões capitalistas do trabalho! É essa busca criativa pela autonomia no modo de viver, sentir, produzir e pensar que torna Gonçalves Dias contemporâneo dos conflitos que vivemos. Ele próprio o explica no prólogo da primeira edição dos *Primeiros Cantos*:

“Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a ideia com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e santa — a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.” (in DIAS, 1998, p. 103)

c) Valorização do caráter heroico e combativo do povo brasileiro

“A vida é combate”, diz-nos a poética gonçalvina. Uma lição que o povo brasileiro teve de aprender desde cedo — desde muito antes que ela pudesse ser enunciada literariamente. Ao contrário do que postula a herança ocidental europeia, com seu “cogito” e seus excessos racionalistas, o ser humano é antes de tudo o que nos revelam suas práticas — o ser humano é a vida em comunidade. A verdade da humanidade reside, assim, na sua vida prática. Reside na capacidade de transformar o mundo, tornando-o mais humano.

Esse pensamento reside, em Gonçalves Dias, não apenas nas palavras vistas como unidades semânticas; reside nas palavras como unidades rítmicas. Reside “no crescendo de tambores, na música do combate” (SODRÉ, 1988, p. 283) que ecoam da poesia gonçalvina, como que a dizer: o povo brasileiro é de luta!

d) Afirmação da nação e de seu projeto próprio

Conforme já sugerido, não é possível construir um projeto próprio sem um pensamento próprio e uma autoimagem ativa. Isso é tudo o que parece “gritar” aos nossos ouvidos, a cada momento, a poesia de Gonçalves Dias. Uma lição à qual é preciso retornar sempre, considerando que, a respeito dela, sempre poderemos aprender mais e melhor.

A potência da lírica de Gonçalves Dias é fonte fundamental de conhecimento daquilo que somos, temos sido e podemos ser ainda mais. Trata-se de um códice dotado de eternidade. Estará ele sempre lá, apontando para a necessidade de permanente reflexão sobre nossos horizontes futuros, dentro dos quais alcançaremos patamares mais e mais elevados no que respeita à verdadeira independência e à afirmação deste projeto em aberto chamado Brasil.

REFERÊNCIAS

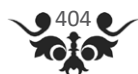
- AMORA, Antonio Soares. *A literatura brasileira. Vol. II: O Romantismo*. São Paulo, Cultrix, 1967. pp. 75-152.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. Ed. São Paulo: Cultrix, 1992. 582 p.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 13-112.
- DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Organização de Alexei Bueno. Textos críticos de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. 1245 p.
- FICHTE, Johann Gottlieb. *Fichte: Addresses to the German nation*. Edited with an introduction and notes by Gregory Moore. P. cm. — (Cambridge texts in the history of political thought). Includes bibliographical references and index. ISBN 978-0-521-44404-0. New York: Cambridge University Press, 2008. 202 p.
- FICHTE, J.G. “Escritos Filosóficos”. In: *Os pensadores*. 1º ed. São Paulo: Abril, 1973.
- FORSTER, Michael, “Johann Gottfried von Herder” [on line]. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Fall 2008 Edition, Edward N. Zalta (Ed.). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2008/entries/herder/>>. Acesso em 14 abr. 2013.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Vol. I. Petrópolis, RJ: Vozes / Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011.
- GRIZOSTE, Weberson Fernandes. *A dimensão anti-épica de Virgílio e o indianismo de Gonçalves Dias*. 1º ed. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.
- HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica (Excertos)*. São Paulo: Barcarolla, 2011.
- HEGEL, G.W.F. “Prefácio à Fenomenologia do Espírito”. In: *Os Pensadores*. V II. São Paulo: Nova Cultural, 1991. pp. 191-219.
- HEGEL, G.W.F. *Princípios da Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KANT, I. *A Crítica da Razão Pura*. VI. São Paulo: Nova Cultural, 1991. 172 p.
- MONTELLO, Josué. *Para conhecer melhor Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.
- PHILONENKO, Alexis. “J. G. Fichte”. In: CHATELET, F. *História da Filosofia. Ideias, doutrinas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- RAIMUNDO, Maria Antonieta Vilela. “Gonçalves Dias e o indianismo”. In: *I-juca-pirama, Os timbiras e outros poemas*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ROMERO, Sílvia. *História da literatura brasileira. Tomo terceiro — Transição e Romantismo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960.
- SCHELLING, F.V. “Exposição da ideia universal da filosofia em geral e da filosofia da natureza como parte integrante da primeira”. 1º ed. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1973. 1ª Edição.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 8º ed. atual. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Quem é o povo no Brasil?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.



Entre Projetos Literários e Políticos: a literatura de Gonçalves Dias e a identidade brasileira¹

Marcia de Almeida Gonçalves²
Andréa Camila de Faria³

Digo que sou Poeta e Doido, mas doido que não tem manias de meter medo, e poeta que não é de todo esquecido; a prova de que sou doido é que sou um sem cuidados, e a prova de que sou Poeta é que estou no Rio. Isto quer dizer que um Poeta sem cuidados é igual a um doido com muitos cuidados. (DIAS apud CORRESPONDENCIA, 1964, p. 56).



Como nos mostra Marco Morel, as ruas da capital imperial eram, em meados do século XIX no Brasil, *locus* privilegiado do fazer político, mesmo para aqueles que não interferiam diretamente nas decisões do poder. Em suas palavras, “as ruas da Cidade-Corte eram a cena de poder, ponto essencial para a organização da nacionalidade que se elaborava” (MOREL, 2005, p. 165-166). Nesse sentido havia, ainda segundo Morel, por um lado, um movimento de expansão do centro sobre as periferias nacionais, mas por outro, um movimento contrário, de ocupação dos espaços públicos do centro do Império por agentes oriundos das províncias. Neste último caso, eles poderiam atuar como intermediários, trazendo demandas de seus locais de origem e também agindo como elos da centralização homogeneizadora nacional (MOREL, 2005, p. 174).

1 Texto originalmente apresentado como comunicação livre no III SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITO-CENTISTA: impressos no Brasil do século XIX, realizado entre 4 e 7 de junho de 2013, na Universidade Estadual do Maranhão.

2 Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Adjunta do IFCH-UERJ. Coordenadora do projeto “História de Gênios e Heróis: indivíduo e nação no romantismo brasileiro” financiado pelo Programa Jovem Cientista do Estado do Rio de Janeiro da FAPERJ e coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades (NUBHES).

3 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Treinamento e Capacitação Técnica FAPERJ no Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades (NUBHES).

Fosse como fosse, o Rio de Janeiro apresentava-se como o destino de todos aqueles que desejavam construir um nome de alcance nacional, tanto nas letras quanto na política, e com o maranhense Antonio Gonçalves Dias não foi diferente, tanto é que, já em 1846, pouco tempo depois de sua chegada à corte, comentara em carta com sua comadre, Maria Luiza Leal Vale, esposa de seu melhor amigo, o também maranhense Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, que a prova de que era poeta era que estava no Rio, afinal qual o melhor lugar para “fazer brilhar sua estrela” do que o centro de efervescência cultural do Império?

Sua ida para a corte era ao mesmo tempo a busca pela concretização de seus projetos literários e por uma colocação na administração pública. Todavia, se, por um lado, para este último objetivo valia-se de toda forma de influência possibilitada por sua rede de sociabilidade, contando inclusive com cartas de recomendação, por outro, para consolidar-se como poeta, mostrava-se orgulhoso e buscava resguardar sua imagem e sua obra de qualquer tipo de associação com o mundo da política. Sobre seu projeto de ser o maior poeta do Brasil, dizia ele a Teófilo em carta de 1847, pouco após a publicação de seus *Primeiros Cantos*⁴:

Todos sem exceção hão de confessar que o Magalhães terá sido grande cousa, mas que eu nem lhe sou discípulo, nem inferior. Todo meu empenho, digo-te muito em segredo e todo cheio de vergonha, é ser o Primeiro Poeta no Brasil, e, se houver tempo, o primeiro literato. Creio que é nobre ambição – emprego somente vigílias e estudos: não usei, e creio que já agora não me será preciso usar da intriga. Acredita ou não. Não conheço, nem sequer de vista, um só dos que têm escrito a meu respeito: não consenti que um só dos meus amigos me elogiasse; e nos anúncios fui tão conciso e tão parco deles que mais não podia ser. (DIAS apud PEREIRA, 1943, p. 85)



Mas se ser o “Primeiro Poeta do Brasil” era seu projeto, ainda que secreto, como ele diz ao amigo, Gonçalves Dias precisava lançar as bases para que esse projeto se concretizasse. Estabelecer o campo de possibilidades que o permitiria alcançar esse objetivo.

Para o antropólogo Gilberto Velho, o *projeto* deve ser entendido como uma conduta organizada para atingir finalidades específicas e o *campo de possibilidades* como uma dimensão sociocultural, um espaço para formulação e implementação de projetos, tendo em mente que os projetos, assim como as pessoas, mudam, ou antes, que as pessoas mudam através de seus projetos. Em suas palavras,

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades. (VELHO, 1994, p. 47)

4 A vem à luz no início de 1847 mas com data publicação de 1846.

Para alcançar uma colocação na administração imperial, o maranhense Antonio Gonçalves Dias fora para o Rio de Janeiro, como apontamos, portando três cartas de recomendação, na esperança de que elas lhe abrissem portas na Corte. Estas lhe haviam sido oferecidas por José Mamede Alves Ferreira e José Joaquim Ferreira Vale⁵. Ambos haviam sido seus condiscípulos em Coimbra e estavam vivendo a essa época em Pernambuco, sendo que Mamede depois de formado em engenharia estabelecera-se no Recife onde sua família tinha influência política.

As tais cartas de recomendação, cujos conteúdos infelizmente nos são desconhecidos, não surtiram o efeito esperado e o jovem poeta parecia desacreditar que elas pudessem lhe auxiliar de alguma maneira, como podemos depreender de seu comentário em carta a Teófilo em 27 de agosto de 1846: “Perguntas-me como fui recebido?! – bem; cartas de recomendação não servem se não de apoquentação; e fazer e receber visitas – nada mais. Ora eu tenho mais que fazer” (DIAS apud CORRESPONDENCIA, 1964, p. 47).

Nesse sentido, estamos considerando que o *projeto* de Gonçalves Dias, no sentido de conduta organizada para alcançar o objetivo de se tornar nome de destaque na nascente literatura brasileira, estava inteiramente relacionado a um *campo de possibilidades* diretamente influenciado pelo jogo de influência e atuação de suas sociabilidades. Fora para o Rio de Janeiro portando cartas de recomendação e estas, ainda que não lhe tenham alcançado o objetivo imediato, não lhe garantindo um emprego na administração pública, certamente que o tornaram conhecido na cidade-corte.

Mas, enquanto o emprego público não vinha, ele se dedicava ao segundo objetivo que o trouxera para a Corte, a publicação de seus *Primeiros Cantos*, nesse sentido, vale uma menção à preocupação que demonstrou ao escolher a tipografia onde imprimiu seu primeiro volume de poesias, na tentativa de que o volume viesse à luz resguardado de quaisquer influências políticas.

Como apontado por Marco Morel, ao comentar sobre o desenvolvimento da noção de opinião pública, existia uma relação ambígua entre possíveis assinantes e a imprensa regular na Corte. Segundo ele, ser assinante em uma sociedade onde a imprensa regular era escassa tinha um peso de opção política. Nesse sentido, tornar-se assinante de um periódico poderia levar o leitor a receber acusações de ser faccioso. Por outro lado, os assinantes de jornais governistas podiam beneficiar-se de um sistema de aparências ao se mostrarem como fiéis leitores de publicações vinculadas ao governo (MOREL, 2005, p. 213). Guardadas as devidas proporções, encontramos nessa referência um paralelo com uma situação vivida por Gonçalves Dias quando este buscava uma tipografia onde pudesse realizar a impressão de seus *Primeiros Cantos*. Em carta a Alexandre Teófilo de 1846, ele comenta o fato.

5 Ambos, Mamede e Vale, haviam sido seus condiscípulos em Coimbra e estavam vivendo a essa época em Pernambuco, sendo que Mamede depois de formado em engenharia estabelecera-se em Recife onde sua família tinha influência política.

Como sabes, vim de lá [do Maranhão] com intenção de imprimir o meu volume de Poesias na Imprensa do Inácio; aqui porém me disseram que talvez eu me fôsse criar prevenções contra mim imprimindo a minha primeira obra em uma Imprensa de partido; achei que havia nisto um fundo de razão e desisti do meu proposto. O Serra falou com o Laemmert, e êle prestou-se prontamente – está já no prelo; (...) – tem sofrido alguma demora porque o Laemmert meteu-se agora em imprimir folhinhas. (DIAS apud CORRESPONDENCIA, 1964, pp. 47-48)

Mas se a publicação de seu livro viria a lume resguardada de vinculações políticas, devemos ponderar, por outro lado, que isso não significou a ausência da influência de suas relações sociais no empreendimento. O trecho transcrito aponta que foi por intermédio de João Duarte Lisboa Serra⁶, o Serra (sic), que Gonçalves Dias chegou ao Laemmert, mas as “ajudas” iriam muito além disso. Segundo ele, um colega de Teófilo no Colégio José Pedro e que fora seu companheiro durante a viagem para o Rio, a quem ele chama apenas de Sousa, comprometera-se em lhe arranjar pelo menos 100 assinaturas para a sua obra em São Paulo. De um tal Emídio, conseguira outras tantas e ele ainda as pedira ao Pedro⁷ e ao Mamede.

Não nos cabe discutir o talento de Gonçalves Dias. Certamente foi pela qualidade de seus versos e inovação no que tange ao desenvolvimento de uma poesia indianista de características tão próprias, que ele foi aclamado como maior poeta do Brasil já após a publicação de seus *Primeiros Cantos*. Mas será que o poeta receberia o mesmo reconhecimento se seus amigos não tivessem se empenhado em divulgar seu trabalho? Será que ele seria tão aclamado se seu livro não tivesse chegado às mãos de Alexandre Herculano, impressionando-o a tal ponto de escrever um artigo exaltando sua poesia e estabelecendo o fim da história literária portuguesa e o nascimento da brasileira? Parece-nos que não. Aliás, no artigo em questão, intitulado *Futuro Literário de Portugal e do Brasil*, publicado por Alexandre Herculano no tomo 7 da *Revista Universal Lisboaense*, anos de 1847-1848, o escritor português afirmava que os “Primeiros Cantos” eram “inspiração de um grande poeta” e que o poema *Seus Olhos* eram as composições mais mimosas que já havia lido (HERCULANO in: DIAS, 1998).



6 Trata-se de João Duarte Lisboa Serra, ou simplesmente Serra, como Gonçalves Dias o chamava, era filho de proprietários rurais e assim como Alexandre Teófilo, estudou matemática em Coimbra. Foi, por duas legislaturas (1847 e 1853), deputado-geral pelo Maranhão e exerceu em 1848 o cargo de presidente da província da Bahia, ainda que apenas por 30 dias. Ocupou ainda os cargos de inspetor da tesouraria da província do Rio de Janeiro, conselheiro do Império e tesoureiro-geral da fazenda nacional, até que foi nomeado pelo ministro Rodrigues Torres para o cargo de diretor do Banco do Brasil, função que exerceu até sua morte em 1855. Sua atuação sobre a vida de Gonçalves Dias será decisiva desde o início da amizade, já que foi ele o responsável por incentivar os amigos a concederem bolsa ao “esperançoso menino do Maranhão” que vira sua mesada suspensa pela mardrasta, quando a província do Maranhão foi afetada pelos eventos da Balaiada.

7 Trata-se de Pedro Nunes Leal, um dos amigos maranhenses de Gonçalves Dias primo de Alexandre Teófilo de Carvalho Leal e Antonio Henriques Leal. Pedro Nunes era usineiro e chegou a trabalhar como promotor público; entre suas atividades certamente se destacam a criação do *Instituto de Humanidades* da província e a participação na *Associação Literária Maranhense*, ao lado de Teófilo, Gonçalves Dias, Antonio Rego, José Joaquim F. Vale e Antonio Henriques, associação essa de que era presidente Vieira da Silva, o autor da *História da Independência do Maranhão*.

Herculano, que a essa época ainda não conhecia o jovem Gonçalves Dias, provavelmente teve acesso à obra através de um dos amigos portugueses do poeta, amigos como Gomes de Amorim que transcreveu o artigo e o enviou para Gonçalves Dias no Rio de Janeiro. Gonçalves Dias o incluiu como prólogo na edição de seus *Cantos*, publicados em 1857, deixando clara a importância que tal “aprovação” possuía para ele.

Nesse sentido, José Henrique de Paula Borralho afirma que

A repercussão do artigo de Alexandre Herculano nos jornais do império foi imediata e pesou decisivamente para a visibilidade e dizibilidade do cantor timbirense e de sua utilização pelo império brasileiro dentro do projeto criador da nação. (BORRALHO, 2009, p. 208)

Receber uma declaração de independência literária das mãos de um dos mais aclamados homens de letras da antiga metrópole, num momento em que a nação se construía e se consolidava politicamente, certamente a revestia de um aspecto mais do que simbólico, pois era também político. Com a exaltação de Gonçalves Dias feita por Herculano, o Império Brasileiro não era mais independente apenas politicamente, ganhara o aval para ser autônomo em sua literatura e história, e não seriam justamente essas duas esferas entre as principais responsáveis pela construção da nação?

E se, como havia afirmado Ernest Renan, “A nação é uma alma, um princípio espiritual” (RENAN, 1997, p. 39), formado pela posse comum de um rico legado de lembranças e pelo desejo de viver juntos, e também, “(...) o resultado de um longo passado de esforços, de sacrifícios e de devoções” (IBIDEM), era preciso então que nesse processo onde se configuravam os projetos de construção da nação, houvesse algo que fosse capaz de organizar (ou mesmo criar) esse rico legado de lembranças para então homogeneizar o território tão vasto e com características tão diversas. A literatura exerceu essa função e Gonçalves Dias foi, nos projetos de construção da nação brasileira, elo ativo, como modelo a ser seguido e como nome atuante. Sua literatura, marcada pela exaltação da natureza, do indígena, enfim daquilo que estava sendo definido como nossa *cor local*, no conjunto das nações civilizadas, serviu, sobremaneira, para definir a nascente identidade do *brasileiro*.

Geraldo Mártires Coelho particularizando essa relação, afirma que o indianismo, romântico em seu aspecto estético e nacionalista em seu lado político, formulou as sínteses retóricas e literárias essenciais sobre as quais deveria repousar o monumento simbólico representado pela ideia de nação brasileira, produzindo uma justificação histórica e uma tradição para essa nação. Em suas palavras, “extrapolando os espaços semânticos do artefato literário como tal, o indianismo será, essencialmente, um produto ideológico eficiente e universalizante para o processo construtivo da mitologia da Nação brasileira” (COELHO, 2003, p. 282).

Esse processo constitutivo esteve, de fato, centralizado no Rio de Janeiro e Capistrano de Abreu chegou mesmo a afirmar que “se não foi aqui que primeiro se concebeu a ideia de uma nação, aqui pelo menos se realizou este sonho que bem de perto esteve

de esvair-se como sonho” (ABREU apud MATTOS, 2005, p.10), e Gonçalves Dias ao procurar a corte para *fazer seu nome*, para tornar-se o maior poeta do Brasil, acabou por se tornar também construtor desta nacionalidade, servindo a um determinado projeto de identidade nacional.

A realização de seu projeto fora, afinal, imediata. Tornara-se o “Primeiro Poeta do Brasil” já com seus *Primeiros Cantos* e sua fama de poeta lírico jamais foi superada, mesmo com uma carreira breve na poesia, de pouco mais de uma década, finalizada com a publicação dos *Cantos*⁸ em 1857. Mas seu projeto, seus poemas, sua literatura, talvez de pouco tivesse lhe servido se suas relações sociais não tivessem agido tão decisivamente em sua “divulgação” inicial e mais, se seu projeto pessoal não servisse aos projetos de criação da identidade nacional, a tal ponto de que sua obra e sua memória fossem incorporados definitivamente como marcos fundadores da identidade brasileira.

Como aponta Maria Helena Rouanet, os versos da *Canção do Exílio* “Nosso céu tem mais estrelas,/ Nossas várzeas têm mais flores,/ Nossos bosques têm mais vida,/ Nossas vidas mais amores” foram tão eficazes em proclamar a diferença entre o eu e o outro, o nacional e o estrangeiro – a polaridade norteadora da construção de identidade (nacionalidade) no romantismo – que além de serem reproduzidos por vários outros poetas românticos, acabaram se institucionalizando de vez na letra do Hino Nacional (ROUANET, 1999. p. 22-23).

Nesse sentido, Gonçalves Dias pode ser chamado, tomando de empréstimo as expressões de Ilmar Mattos (MATTOS, 2005), *construtor* e também *herdeiro* dos projetos de construção da identidade nacional. Construtor, por ter atuado nesses projetos como homem de letras, ajudando em especial a construir a ideia de uma nacionalidade vinculada à natureza e aos índios; e herdeiro porque atuando nestes projetos foi influenciado e “usado” por eles, sendo, além disso, herdeiro do próprio projeto de emancipação política, ainda que filho de alguém que havia resistido a ele⁹.



REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuel. *Poesia e vida de Gonçalves Dias*. São Paulo: Editora das Américas, 1962.
- BORRALHO, José Henrique de P. A *Athenas equinocial*: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro. 2009. Tese (doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- COELHO, Geraldo Mártires. Onde fica a corte do senhor imperador? In: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: formação do estado e da nação*. São Paulo: FAPESP, 2003.
- CORRESPONDENCIA ativa de Gonçalves Dias. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 84, 1964. (impressão de 1971).

8 Obra que reunia os poemas publicados nos *Primeiros* (1846), *Segundos* (1848) e *Últimos Cantos* (1851).

9 O pai de Gonçalves Dias, João Manuel Gonçalves Dias, foi um dos comerciantes portugueses residentes no Maranhão que resistiram à proclamação da Independência do Brasil em 1822.

CORRESPONDENCIA passiva de Gonçalves Dias. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 91, 1971.

DIAS, A. Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

DIAS, A. *Obras póstumas de a. Gonçalves Dias*. São Luiz do Maranhão: Belarmino de Mattos, 1868. v. 1.

DIAS, A. *Gonçalves Dias na Amazônia: relatórios e diário da viagem ao rio negro: introdução de Josué Montello*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

DOLHNIKOFF, Miriam. Elites regionais e a construção do Estado Nacional. In: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: formação do estado e da nação*. São Paulo: FAPESP, 2003.

FARIA, Andréa Camila de. *Gonçalves Dias na Amazônia: o olhar de um romântico*. Trabalho de Conclusão de curso – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

FARIA, Andréa Camila de. *O santo comércio da amizade: política, literatura e sociabilidade na trajetória de Gonçalves Dias*. Orientadora: Marcia de Almeida Gonçalves. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, A. de C. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, 1998.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Otávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org). In: _____. *O Brasil imperial 1831-1889*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. Mestiço, pobre, nevropata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org). *Memória e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

GONTIJO, Rebeca. Paulo amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, A. de C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n.388, jul./set. 1995.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o instituto histórico e geográfico brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988.

HERCULANO, Alexandre. Futuro literário de Portugal e do Brasil. In: DIAS, A. Gonçalves. *Poesia e prosa completas: volume único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

KODAMA, Kaori. O tupi e o sabiá: Gonçalves Dias e a etnografia do IHGB em Brasil e Oceania. *Fênix*. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em: 03 jun. 2007.

LAJOLO, Marisa. O preço da leitura: Gonçalves Dias e a profissionalização de um escritor brasileiro oitocentista. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org). *Cultura letrada no Brasil: objetos e praticas*. São Paulo, SP: FAPESP, 2005.

LEAL, Antônio Henriques. *Pantheon maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos*, t.1. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987.

- LIMA, Hildebrando de (Org.). *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A. sd.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. Gonçalves Dias. In: _____. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artistico, 1876.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. Discurso. *RIHGB*, Rio de Janeiro, t.27, 1864.
- MAGNOLI, Demétrio. O Estado em busca do seu território. In: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: formação do estado e da nação*. São Paulo: FAPESP, 2003.
- MARQUES, Wilton José. O poeta e o poder: favores e afrontas. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n.32, 2003.
- MARQUES, Wilton José. *Gonçalves Dias: o poeta na contramão literatura e escravidão no romantismo brasileiro*. São Paulo: EdUFSCar, 2010.
- MATTOS, Ilmar R. *O tempo Saquarema: a formação do estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MATTOS, Ilmar R. Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política. *Almanack Braziliense*. Nº 1, maio 2005. Disponível em: <http://www.almanack.usp.br/neste_numero/n01/index.asp?tipo=forum&edicao=1&conteudo=1>. Acesso em: 10 out. 2008.
- MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Gonçalves Dias e a crítica portuguesa no século XIX*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Européias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.
- MOREL, Marco. Restaurar, fracionar e regenerar a nação: o partido caramuru nos anos de 1830. In: JANCSÓ, István (Org.). *Brasil: formação do estado e da nação*. São Paulo: Fapesp, 2003.
- MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial, 1820-1840*. São Paulo: HUCITEC, 2005.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- RENAN, Ernest. O que é uma nação? ROUANET, Maria Helena (Org.). *Nacionalidade em Questão. Cadernos da Pós/Letras*, n.19, 1997.
- ROUANET, Maria Helena. Nacionalismo. In: JOBIM, José Luís (org.). *Introdução ao romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- SILVA, Maria Odila. A interiorização da metrópole (1808-1853). In: MOTA, Carlos Guilherme. *1822: dimensões*. Editora Perspectiva, 1986.
- SÜSSEKIND, Flora. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, 1994. v. 2.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.



"Minha Terra Tem Palmeiras": Um olhar sobre Caxias através da poesia de Gonçalves Dias em meados do século XIX¹

Aldeanme Silva de Sousa
Francisca Solange Pires de Sousa

Introdução



O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma foi historicamente construído um imaginário discursivo a cerca de Caxias como terra de Gonçalves Dias, o interesse por esta temática se deu nas discussões suscitadas no grupo de estudos Histórias Maranhenses da Fapema do qual participamos. Para construção da então pesquisa utilizamos como fonte o Jornal do Maranhão (17-11-681) ², lançamos mão também da poesia de Gonçalves Dias Canção do Exílio na qual o poeta ressalta o amor por sua terra em solo Europeu.

Como afirma Pessoa (2009) decifrar a cidade é penetrar em seus enigmas e mistérios nesse sentido buscamos compreender como era essa Caxias de Gonçalves Dias, e como através de um imaginário não somente a capital São Luís adquiri status de Atenas Maranhense como Caxias terra dos poetas, na qual é formado um imaginário de uma Caxias poética "Em Caxias, poesia rima com poetar". Poetar a cidade, suas histórias e seus efeitos gloriosos. Poeta amores possíveis e impossíveis. Em fim a poesia como marca profunda de várias gerações [...] ³ então nos debruçamos a analisar essa

1 Texto originalmente apresentado como comunicação livre no III SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA: impressos no Brasil do século XIX, realizado entre 4 e 7 de junho de 2013, na Universidade Estadual do Maranhão.

2 Os jornais pesquisados são datados do século XX, porém foram utilizados como fonte de pesquisa por se reportarem ao século XIX recorte estudado no presente trabalho.

3 PESSOA, Jordania Maria. **Entre a Tradição e a modernidade**: A belle époque caxiense: Práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX, Imperatriz: ética, 2009. (p.20).

Caxias imortalizada na poesia de Gonçalves Dias e como esse título pertencia apenas a uma elite intelectual no contexto estudado.

Para a construção da então pesquisa recorreremos ao perfil biográfico de Gonçalves Dias levando em conta que a biografia histórica, hoje reabilitada, não tem por vocação esgotar o absoluto do “eu” de um personagem, como já se quis ou ainda se quer. [...] Ela é o melhor meio de mostrar os laços entre o passado e o presente, memória e projeto, indivíduo e 2 sociedade [...] ⁴ ao analisar traços biográficos do poeta em questão o que se pretende é entender um contexto através de quem vivenciou e foi agente de um determinado período histórico.

Ao analisar a poesia gonçalvina buscamos entender a relação existente entre História e literatura uma vez que “as ambiguidades são muitas e se interpenetram: a História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História” ⁵.

A Caxias de Gonçalves Dias

Fazendo uma breve análise do romantismo nos idos do século XVIII alguns literatos da Inglaterra e da Alemanha liderados por Goethe, Foscolo, Young, Bernadim de Saint-Pierre pronunciaram um movimento de teor literário determinando assim o advento das futuras inovações que posteriormente se transformaram em normas esse movimento foi cognominado de romantismo⁶.

Se com o Romantismo afloraram as novas temáticas de poesia e uma outra compreensão de realidade social e do papel do artista na sociedade, no Maranhão com o Romantismo afloraram as novas temáticas de poesia e uma outra compreensão de realidade social e do papel do artista na sociedade, no Maranhão, o aparecimento do Grupo Maranhense teria sido responsável por consolidar a produção literária local no cenário das letras nacionais⁷, nesse cenário emerge a figura de Gonçalves Dias, como é ressaltado na coluna intitulada Gonçalves Dias-Glória Imortal de 17/11/68 de Joaquim Faray Oliveira.



4 BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In. Fontes históricas. 2.ed. São Paulo, 2007. (p.215)

5 BARROS, José D assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 (p. 2).

6 Jornal Estado do Maranhão 17-11-68.

7 RESENDE, Rafael Serra de. **DA ÁGORA AO PANTHEON: intelectuais de “Atenas” e a literatura romântica no Maranhão**. Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão. Outros Tempos. volume 04.(p.75/76).



Na coluna em questão o autor traça o perfil biográfico de Gonçalves Dias com a Caxias do período, uma cidade com ruas estreitas, com casas pequenas, este filho de português com uma mestiça, vai para Portugal dar continuidade aos seus estudos na Universidade de Coimbra onde com saudade de sua terra natal escreve Canção do Exílio.

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá;
 As aves, que aqui gorjeiam,
 Não gorjeiam como lá.
 Nosso céu tem mais estrelas,
 Nossas várzeas têm mais flores,
 Nossos bosques têm mais vida,
 Nossa vida mais amores.
 Em cismar, sozinho, à noite,
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu cá;

8 Os recortes de jornais utilizados como fonte de pesquisa foram retirados dos cadernos confeccionados pela professora Maria das Mêrces das Silva Lima (Tia Miroca) a qual dedicou uma vida a guarda da história da cidade, os quais pertencem atualmente ao IHGC (Instituto Histórico e Geográfico de Caxias)

Em cismar – sozinho, à noite –
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Não permita Deus que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que desfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Coimbra – Julho 1843⁹



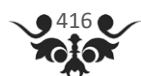
Poeta da Atenas Maranhense Gonçalves Dias foi imortalizado por sua poesia como um intelectual da cidade e nos monumentos históricos erigido ao filho ilustre, “[...] como uma cidade em que história e memória perpassam o cotidiano das pessoas numa relação na qual a vivência cotidiana é permeada pelo relembrar dos grandes marcos existentes na cidade [...]”¹⁰.

9 SILVA, J. Noberto de Souza. Poesias de A. Gonçalves Dias. Livraria Garnier. Rio de Janeiro. 1990. (org.)

10 PESSOA, Jordania Maria. **Entre a Tradição e a modernidade**: A belle époque caxiense: Práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX, Imperatriz: Ética, 2009 (p.20).



Imagem da praça em homenagem a Gonçalves Dias,
que se localiza no centro da cidade de Caxias do Maranhão



Gonçalves Dias através da poesia passa a ser um intelectual da cidade que constrói o texto desta sendo uma obra de arte coletiva como define Assunção (2007) reelaborada permanentemente, tanto pelos eternos construtores como pelos seus diversos habitantes, nessa escrita cotidiana há uma relação entre visão micro do indivíduo em seu próprio universo e a visão macro no seu tecido social, na qual escrevem a história e reinventam seus espaços, em que Gonçalves Dias transmite a imagem de si e da cidade por meio da poesia, nessa análise não se busca uma representação do real e sim construções criadas a partir de interpretações, sobretudo das fontes, em que os sujeitos que nelas se inscrevem “deixa ou cria espaços de silêncio para falar de si” (CATANI, 2010, p.10).

Mesmo fazendo parte de um imaginário essa Caxias poética a qual pertencia a uma elite letrada do século XIX, esse discurso foi cristalizado na mentalidade dos caxienses, ao se remeterem a Caxias como lugar de poesia, sobretudo das gerações posteriores reforçando essa memória até os dias atuais.

O imaginário social acerca da construção de uma terra de poetas

Com o novo processo historiográfico, tornou-se possível uma relação de história e literatura, dando oportunidade de conhecer suas diferenciações, como nos explica Pesavento (2000), através das análises de Aristóteles, onde para este tanto a história, como a literatura ou poesia são narrativas, pois elas são seguimentos articuladas de

ações representadas, a narrativa histórica está presente no mundo do que aconteceu, real, e o mundo que engloba a ficção corresponde aquilo que dever ter acontecido.

Essa prática do uso da literatura pra o auxílio do campo da história, auxilia na análise do contexto histórico da época e cabe ao produtor histórico extrair aquilo que pode ajudar nos seus estudos, podendo assim ter a compreensão necessária para produção do saber.

Assim, nesta produção lançamos mão da poesia Canção do Exílio de Gonçalves Dias, para entendermos o contexto social do período, pois o poeta na maioria das suas produções literárias, remete-se a sua terra natal, ressaltando sua belezas e maravilhas contribuindo assim para enaltecer de uma cidade de grandes poetas. Como podemos perceber na escrita da poesia Canção do Exílio, o poeta ressalta os encantos que sua cidade repassa para o autor, demonstrando assim amor, apreciação que ele demonstra por sua terra.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.



O século XIX foi o período de grandes produções literárias, podemos destacar Gonçalves Dias, João Lisboa, Cândido Mendes, Odorico Mendes, Sousândrade, Humberto de Campos, Coelho Neto e outros, constitui aquilo que fez do Maranhão o grande cenário da poesia, da prosa e da produção jornalísticas, intelectuais que contribuíram para a construção de uma Atenas Maranhense.

Portanto, com toda essa produção literária maranhense que era transmitida para todo o país foi se moldando uma mentalidade, de um Maranhão terra de poetas e intelectuais, vindo esse estado ser considerado a “Atenas Brasileira”, reportando-se a antiga Grécia terra de produções literárias que até hoje são lembrados e estudados.

Assim, os letrados maranhenses, que também eram conhecidos de Grupos Maranhense¹¹, foram os responsáveis para reforço dessa mentalidade, os mesmos correla-

11 Muito embora ocorram divergências relativas à unidade do chamado Grupo Maranhense, os historiadores da literatura brasileira convergem de certo modo ao separar a ação dos literatos românticos no Brasil em grupos específicos (diferente do Romantismo europeu que é estudado uniformemente), entre os quais o Grupo Maranhense figura com alguma relevância neste sentido referente ao aspecto vernaculista de seus escritos. A produção narrativa de literatos como Antonio Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Francisco Sotero dos Reis e Manoel Odorico Mendes e Gomes de Castro colocou o Maranhão no âmbito da produção e circulação de obras de literatura não apenas no Maranhão, mas no Brasil RESENDE, Rafael Serra de. **DA ÁGORA AO PANTHEON: intelectuais de “Atenas” e a literatura romântica no Maranhão.** Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão. Outros Tempos. volume 04.(p.75)

cionavam suas obras por meio de laços históricos e a compreensão sobre as narrativas produzidas estava interligada ao contexto que as tornou possíveis, ou seja, as produções literárias não fugiam do contexto social deles.

Nessa perspectiva, foi moldando um imaginário, de um Maranhão de produções literárias, prosas principalmente durante o século XIX, berço de grandes poetas e intelectuais,

*Pois o imaginário é esse motor do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultam elas em obras executáveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento*¹² 13.

Entretanto, o imaginário é esse que se perpetua durante muitos anos, que até o século XX, ainda se recordar desse tempo em que principalmente São Luís foi palco de constituições cultura. Esse imaginário de São Luís terra de poetas não si limitava somente a esta cidade, pois Caxias também foi considerada uma terra de produção literária, principalmente por ter sido onde nasce um dos grandes poetas brasileiro, Gonçalves Dias como já foi mencionado nesta produção.

Além de Gonçalves Dias a cidade de Caxias, foi contemplada com outros poetas como Coelho Neto, reforçando mais ainda o imaginário social que rondava a sociedade maranhense, pois durante o século XIX, se propagou o momento ápice da cidade de São Luís devido a intelectualidade maranhense, onde até nos dias atuais, nos discursos se remetem a esse período áureo e de produções intelectuais.

O imaginário encontra a sua base de entendimento na ideia da representação. Neste ponto, as diferentes posturas convergem: o imaginário é sempre um sistema de representação sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente.

O imaginário é esse que se molda, de acordo com a sociedade e cultura sendo reflexo da mesma, assim ele se assemelha com a realidade. Em vista disso, a cidade de Caxias é esta, considerada e lembrada por ser um local de produções artísticas principalmente pela literatura, essa representação se perpetua até nos dias atuais, principalmente por seus intelectuais que vivenciaram ainda um período que se sentia essa produção cultural e que sente-se saudade desses momentos.

Mas podemos perceber que a participação dessa Atenas Brasileira, eram para poucos, pois seus integrantes em suas maioria eram os ricos, ou seja aqueles que tinham contato com a leitura, e conseqüentemente com os estudiosos da época. Mas, os que não podiam usufruir dessas regalias, ficava muito distantes dessa cultura poética, que era disseminada pelos intelectuais, muitos daqueles nem sabiam o que representava essa Atenas Maranhense ou período poético, para o restante do país.



12 PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias**. São Paulo: Brasil, 2007, p. 11-12.

Assim esse período que é tão rememorado, pois ainda se ouve discursos de glórias e exaltação e reafirmação dessa terra de Gonçalves Dias e de grandes poetas, mesmo que não sendo vivenciado por todos, mas se acha necessário está se remetendo a esse período áureo de uma elite intelectual maranhense.

Considerações finais

Em nossa cidade, Caxias do Maranhão, sempre se ouve em alguns discursos seja de políticos, professores ou pessoa do contanto do nosso dia-a-dia, falar de Gonçalves Dias, ele é lembrado como grande poeta, sendo um divisor na estrutura literária brasileira, pertencente a um período rememorando, principalmente pelos intelectuais atuais, pertenceu a essa Atenas Maranhense, contribuindo pra um imaginário social de período de grande produções literárias no Maranhão.

Assim, Gonçalves Dias, foi um grande escritor em suas poesias saúda sua cidade, demonstrando a saudade que sente da mesma, e que é consagrada até na atualidade, afinal quem não conhece a Canção de Exílio de Gonçalves Dias?

REFERÊNCIAS

Fontes Hemerográficas

JORNAL ESTADO DO MARANHÃO 17/11/1968

Bibliografia

BARROS, José D assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BORGES, Vavy Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia**. In. Fontes históricas. 2.ed. São Paulo, 2007.

CATRINE, Denice B. Prefácio. In: PASSEGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (org). **Invenções de vida, compreensão de Itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias**. São Paulo: Brasil, 2007.

_____. Sandra Jatahy. **Fronteiras da Ficção: Diálogos da história com a literatura**. Revistas de história das Idéias.2000.

PESSOA, Jordânia Maria. **Entre a Tradição e a modernidade: A belle époque caxiense: Práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX**, Imperatriz: ética, 2009. 11

RESENDE, Rafael Serra de. **DA ÁGORA AO PANTHEON: intelectuais de “Atenas” e a literatura romântica no Maranhão**. Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão. Outros Tempos. volume 04.



Realizado o Depósito Legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004

Formato: 19,5 x 27 cm

Tipologias:

GoudyOlSt BT(11/13,2),

Kaufmann BT (13/13,2; 30/36),

Calibri (9/10,8)

“O culto a um poeta implica numa atitude mais complexa do que um simples ato de fé; exige o nosso exame, o estudo atento da mensagem que nos deixou.”

Quarenta e oito anos depois (1965-2013), pedimos emprestadas essas palavras para Josué Montello, objetivando continuar o culto necessário ao nosso grande poeta Antônio Gonçalves Dias, que, neste momento, é traduzido através desta grande homenagem configurada em 1000 poesias de poetas renomados imortais, poetas renomados contemporâneos, poetas neófitos, poetas e pessoas de várias pátrias, de várias idades e diferentes escolaridades, para reavivarmos a memória, reacendermos a chama e ratificarmos a importância de empreitadas desse gênero.

Desse modo, é isto que se pretende seja feito com esta nova publicação de poesias em homenagem a Antônio Gonçalves Dias: vivificar a Fé, a memória e novos estudos das mensagens deixadas por esse grande nome das letras brasileiras, Antônio Gonçalves Dias.

Dilercy Aragão Adler

ISBN 978-65-5363-576-0

